

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro

**Do sigma ao sigma
– entre a anta, a águia, o leão e o galo –
a construção de memórias integralistas**

**Niterói
2007**

Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro

**Do sigma ao sigma
– entre a anta, a águia, o leão e o galo –
a construção de memórias integralistas**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor – Área de concentração: História Política.

Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Mauad

Niterói
2007

Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro

**Do sigma ao sigma
– entre a anta, a águia, o leão e o galo –
a construção de memórias integralistas**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor – Área de concentração: História Política.

Banca examinadora

Profa. Dra. Ana Maria Mauad
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Márcia Menendes Motta
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Lúcia Grinberg
Universidade Cândido Mendes

Profa. Dra. Maria Paula Nascimento de Araújo,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fábio Bertonha
Universidade Estadual de Maringá

Resumo

Esta tese dedica-se a analisar a construção de memórias integralistas produzidas por aqueles que se consideram depositários do direito de mantê-las presentes na História e que procuram demonstrar a importância da Ação Integralista Brasileira como movimento político-social de massa da década de 1930. Entendendo que as idéias integralistas, em determinados momentos da história do Brasil, são consideradas base para projetos de organização partidária, propõe-se a composição de uma periodização a partir do lançamento do Manifesto de Outubro de 1932.

Nestes períodos, pelos quais atravessa a memória do integralismo, percebe-se a tentativa de continuidade do movimento como organização política capaz de, ao resgatar e manter as idéias e propostas fundadoras da AIB, torná-las parâmetros para intervenção na vida pública nacional no atual século e para o futuro. Para esta análise utilizo-me principalmente da metodologia da História Oral que permite a produção das fontes no contato direto e pessoal entre historiador e o depoente, tornando-o co-produtor do conhecimento. Neste caso, com a militância da década de 1930 à atual. A observação de campo, feita a partir do comparecimento às reuniões e eventos comemorativos durante uma década de pesquisa, contribuiu para a apreensão do movimento no seu interior organizativo e, desta forma, entendê-lo como espaços de disputas do que é considerado significativo para os integralistas: o respeito, a observação e a interpretação das verdades doutrinárias que compõem a memória que querem preservar.

Para embasar meu trabalho de análise, busco, primordialmente, apreender a constituição do movimento, sua história e as características sócio-culturais a partir, principalmente, das perspectivas de Antonio Gramsci e Mikhail Bakhtin. Estes demonstram que a produção de idéias não escapa às múltiplas determinações contextuais e conjunturais de quaisquer tempos e que os homens produzem a História no constante diálogo com os outros homens, ainda que se busque resgatar no passado as suas origens e utopias.

Abstract

This thesis aims to analyze the construction of Integralist memories produced by those that consider themselves as depositaries of the right to keep them present in History and try to demonstrate the importance of Brazilian Integralist Action as a mass movement of the decade of 1930. Understanding that the Integralist ideas, in determined moments of the Brazilian history, are considered basis for projects of organization of political parties, the thesis proposes the composition of a periodization, in which the defenders of the movement make the rescue of the memory of the founding period, the *Manifest of October of 1932*, relevant. In these periods, through which crosses the memory of Integralism, it is noticed the attempt of continuity of the movement as a political organization, when rescuing and keeping the ideas and the founding proposals of AIB, able to make them parameters for intervention in the national public life in the current century and for the future.

For this analysis, I mainly make use of the methodology of Oral History that allows the production of sources in the direct and personal contact between historian and the deponent, making him co-producer of the knowledge. In this case, with militancy from the decade of 1930 to the current one. The field observation, made out of the attendance to the meetings and commemorative events for one decade of research, contributed for the apprehension of the movement in its organizing interior and, this way, understanding it as space of disputes of what is considered significant for the Integralists: respect, observation and interpretation of the doctrinal truths that compose the memory they want to preserve.

To base my analysis work, I primordially search to apprehend the constitution of the movement, its history and the socio-cultural characteristics, principally from the perspectives of Antonio Gramsci and Mikhail Bakhtin. They demonstrate that the production of ideas does not escape from the multiple contextual and conjunctural determination of any time and that men produce History in constant dialogue with other men, although they search to rescue in the past their origins and utopias.

SUMÁRIO

Introdução – A Herança e seus herdeiros:	1
Parte I Os Homens, o Tempo e as Idéias	
Capítulo 1: Memória: escudo e espada	17
I. História e Memória	17
II. Memória como linguagem cultural e política	25
III. Os embates entre a construção da memória e a produção de uma história integralista	34
IV. O trabalho de construção da memória	46
Capítulo 2: Entre permanências e mudanças, idéias que o integralismo toma no seu caminho	53
I. A questão social: entre conflitos, a produção de utopias	54
II. Os fascismos: histórias, porquês e definições	70
III. As idéias autoritárias em uma sociedade autoritária – o Integralismo no contexto de formação de seu ideário no Brasil	83
IV. “Deus dirige o destino dos povos” – fundamentos doutrinários da Ação Integralista Brasileira	95
Capítulo 3: O Movimento integralista – as fases, seus contextos e formas de organização	118
I. O tempo da anta: a construção da AIB	120
II. De 1945 a 1965 – Vôo dos “águias brancas”	143
III. Enquanto o leão espreita, o galo se lança à arena – a 3ª. Fase do integralismo	149
Parte II Os Tempos, os Homens e suas Idéias Integralistas	
Capítulo 1: Os integralistas falam	160
Capítulo 2: Os velhos guardiões da memória: os integralistas da década de 1930	167
Capítulo 3: Uma intercessão na construção da memória na presença e ausência da AIB nos projetos do PRP e nas expectativas e vigilâncias quanto a um novo integralismo – onde convergem e onde se distanciam os mesmos sujeitos	213
Capítulo 4: Os novos integralistas e seus sonhos de construção do movimento sob a égide da memória pelos meios cibernéticos	276
Capítulo 5: nas gerações, continuidades, rupturas na re-produção doutrinária	366
I. Memória sob poeira – onde, por que e o que lembrar	366
II. O trabalho da lembrança: as lembranças	382

Conclusão:	390
Fontes	394
Referências Bibliográficas	400

Introdução

Integralismo: a Herança e os Herdeiros

O trabalho de pesquisa e escritura desta tese demandou dez longos anos. Começou em 1996, com a primeira entrevista com uma integralista. Esta integralista eu conhecera toda a minha vida como minha avó. A partir da tomada de seu depoimento conheci uma mulher cujos ideais ultrapassavam os limites de sua casa, onde sempre a encontrei. Esta mulher, de quem conhecera uma face, tivera outras e as resguardava na memória. Percebi, então, que durante toda a minha vida, eu desconhecera a minha avó. Que suas idéias eram muito diferentes da minha, já sabia, mas não sabia, no fundo, como ela concebia o mundo que vivia. E que seu mundo, seus sonhos, estavam bem distantes do meu entendimento de mundo, de meus desejos de transformá-lo, das minhas utopias. Deste primeiro encontro com minha avó integralista, também nasceu a pesquisadora do integralismo. Percebi, então que todo esse desconhecimento e o afastamento de uma outra memória de minha avó tinha a ver com a própria história brasileira e a produção da história do que se quer preservar como memória nacional.

Esta busca pela memória do integralismo, portanto, nasceu da necessidade de entender algo com o qual não tenho afinidade. Mas isso não significa não ter afinidades com as pessoas que escolheram ser, ou se formaram integralistas. Estas encontraram no movimento, as suas próprias perspectivas, as respostas para entender e dar um contorno mais ordenado ao mundo. Uma ordem, é claro, que necessita excluir o que é se considera desordem, para que não haja conflitos. Uma ordem governada pelo espírito cristão, pelo exercício de um governo forte, que, sob os auspícios divinos, poderia garantir a integração salvadora através de uma identidade uniformizada pelas idéias e pela submissão à uma única e confiável Chefia.

A importância do integralismo na vida política e social brasileira pode ser demonstrada pela permanência de suas idéias até a atualidade e pelos numerosos estudos que vêm tomando fôlego a partir da década de 1990. Quanto à produção sobre o movimento que foi, de certa forma substancial na década de 1970, estavam os estudos, já clássicos, de Héglio Trindade, Marilena Chauí, Gilberto Vasconcellos, José Chasin,

Ricardo Benzaquen de Araújo, Hélio Silva e Ivan Alves. Atualmente, novas teses sobre o integralismo são divulgadas e discutidas por uma geração mais recente. Os trabalhos de Carla Brandalise, Ivo Canabarro, João Fábio Bertonha, Marcos Chor Maio, Renato Dotta, Gilberto Calil, Rosa Maria Feiteiro Cavalari, Rogério Lustosa Vitor, estão entre os mais importantes entre outros¹. De modo geral, todos os autores relacionados, contribuem para a compreensão da participação integralista no pensamento político nacional. Dentre eles, destaca-se o conjunto da obra de Trindade, ponto de referência para trabalhos importantes produzidos sobre o integralismo. Esse autor analisa profundamente a gênese do pensamento pliniano, seus desdobramentos ideológicos até a criação da AIB, e a sua organização político-social. A partir de dados quantitativos e qualitativos, ele resgata aspectos importantes que reconstroem a organização interna do integralismo. Quanto aos atuais, pesquisadores, como esta que redige este texto, existem certas condições que afetam o nosso trabalho: a interferência física, material e intelectual dos novos militantes em nossas produções. O fato positivo nesta relação pessoal entre pesquisadores e

¹ Verde. RJ: Civilização Brasileira, 1971; TRINDADE, Hélio: *Integralismo – o fascismo brasileiro na década de 30*. SP/RJ: DIFEL, 1979 (Trindade produziu vários trabalhos, hoje considerados clássicos e referência pelos pesquisadores do integralismo); CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In CHAUI, Marilena & FRANCO, Maria Sílvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea/Paz e Terra, 1978, pp. 19–149. CHASIN José. *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. SP: Ciências Humanas, 1978. VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: Análise do discurso Integralista*. SP: Brasiliense, 1979. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e Revolução – O Integralismo de Plínio Salgado*. RJ: Jorge Zahar, 1987. ALVES, Ivan. *Os nossos super-heróis: nem notívagos, nem marinheiros, são os integralistas que chegam*. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1982. Da geração mais atual e inovadora, temos: BRANDALISE, Carla. *O Fascismo na periferia latino-americana: o paradoxo da implantação do Integralismo no RS*. Porto Alegre: UFRGS, 1992. Diss. de Mestrado, mimeo. CANABARRO, Ivo. *Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos trinta: O caso do Integralismo em Ijuí*. Ijuí: UNIJUÍ, 1999. BERTONHA, João Fábio. Integralismo: Um Movimento fascista? Novos elementos sobre a questão. In *XIX Encontro Nacional da ANPUH*. Belo Horizonte: Anais da ANPUH, 1997 (Neste, entre outros diversos trabalhos, Bertonha demonstra a relação fascismo-integralismo e imigração italiana). MAIO, Marcos Chor. “Nem Rotschild nem Trotsky”- *O Pensamento Anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo – ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999. CALIL, Gilberto. *O Integralismo no Pós-Guerra – A formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001 & *O integralismo no processo político brasileiro - o PRP entre 1945 e 1965: Cães de guarda da ordem burguesa*. Tese de Doutorado, defendida em 2005 na UFF na qual Calil demonstra a adaptação do PRP às regras liberais e seu distanciamento de algumas das idéias que eram consideradas sólidas e inquestionáveis aos integralistas, como a questão da defesa do nacionalismo; DOTTA, Renato. *O integralismo e os trabalhadores – as relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através do jornal Ação (1936-1938)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2003. VITOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete – História, Memória e Esquecimento*. Goiânia; UCG, 2005. CRUZ, Natália. *O Integralismo e a Questão Racial. A Intolerância como Princípio*. Niterói: UFF, Tese de Doutorado, 2004. Neste trabalho, a autora aponta contradições na construção da “democracia racial” integralista.

representantes do objeto estudado é que podemos ouvir suas interpretações, bem informadas, sobre o movimento. O fato negativo é que, ao discordarem de nossas interpretações, consideram as nossas pesquisas “desvios” da História. Mas o fato é que suas reflexões contribuem para compormos um retrato mais completo do passado integralista, com o que vou relatar.

Em quase todo o país, pesquisadores desenvolvem monografias, dissertações e teses que desvendam particularidades locais e conexões nacionais e internacionais do movimento. E todo esse interesse pela reflexão, que também significa preservação da história integralista, re-vista sob o foco da ciência pela via acadêmica, é acompanhada de perto por aqueles que se julgam herdeiros dessa memória. Uma memória produzida nos entroncamentos e pelas margens da chamada História Oficial. Uma história em construção, revisitada, recuperada e re-ordenada nos longos anos que atravessa em busca da própria definição do que significou e significa ainda o integralismo. São três momentos em que se busca a construção dessa memória, marcada pelas reinterpretações que três gerações significativas para o movimento insistem em demarcar como representativamente verdadeira do que significa o integralismo para a História do Brasil. Mas, que memória, que história deve ter o integralismo, que preencha o vazio dos deserdados e que não deixe escapar a objetividade dessa ciência humana?

Se fora necessário as pesquisas na historiografia para conhecer o movimento, agora eu passava a sentir a reação, o pulsar de alguém que o vivenciara. Com a metodologia da História Oral, as perguntas que a História faz às fontes ganham o sentido da existência humana, é uma relação ontológica entre pesquisador e pesquisado.

O estudo da memória integralista que se dá no encontro pessoal entre a fonte e seu analista é, portanto, algo desafiador.

Mais desafiador é tentar entender as construções e os alinhavos que dão coerência aos textos construídos nos relatos que agregam à vida cotidiana a doutrina integralista. Outro desafio é o de buscar compreender de que forma se aceita a crença de que o integralismo é o único caminho. E tudo que possa contestá-lo não é verdadeiro

Mas, o maior desafio desta tese é mostrar que existem múltiplos caminhos para se pensar o mundo, e que os caminhos podem ser diferentes. E que também cabe saber, até

onde a humanidade está presente neles como ativa construtora de seu destino e de uma felicidade sem restrições de classe ou de qualquer necessidade.

A pesquisa que venho desenvolvendo desde 1996 trata, portanto, de um movimento com peculiaridades interessantes e importantes: o movimento integralista. A sua peculiaridade é demonstrada pelo processo de construção dos integrantes do movimento de uma forma de pensar especial, baseada na leitura do *Manifesto Integralista de 1932*. Como referência básica, este *Manifesto* integra a leitura do Chefe Nacional da Encíclica Papal *Rerum Novarum*, assim como propõe à sociedade uma organização tipicamente fascista. Catolicismo e fascismo dão, portanto, a tônica a este movimento.

A minha proposta de análise do integralismo parte da análise das interpretações da própria militância sobre o movimento. Desta forma, traço a trajetória do movimento, principalmente a partir da contribuição das memórias desta militância de quem busquei relatos sobre a história do movimento desde a década de 1930 até a atualidade.

A história desta pesquisa iniciou-se quando cursava a graduação nesta Universidade e houve a participação da Professora Ângela de Castro Gomes na escolha deste meu objeto de estudo. Eu era a sua aluna no Curso de Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, na disciplina: “Seminário em História do Poder e Idéias Políticas I” e, ao saber que minha avó materna tinha sido militante integralista, a professora em estimulou a iniciar a minha pesquisa sobre o movimento. Passei, então a buscar informações sobre o integralismo, consultando a literatura, nesta época, já clássica sobre a Ação Integralista Brasileira. Debrucei-me sobre as obras de Hélió Trindade, Marilena Chauí, Gilberto Vasconcellos, José Chasin, Ricardo Benzaquen de Araújo, Hélió Silva, entre outros, além da literatura produzida pelo movimento, desde 1932 até hoje.

Assim, minha monografia de Graduação, orientada pela Professora Doutora Ângela Castro Gomes, versou sobre a história de minha avó militante, na década de 1930 e recebeu o título: “Família Integralista: do lar à Nação, memórias de uma militante”. A metodologia da História Oral foi utilizada e, através da análise dos depoimentos dados por esta militantes busquei suas impressões sobre a vivência no movimento. O trabalho procurou estabelecer as conexões entre cotidiano da mulher e da militante de um movimento de características fascistas que não prescindia do caráter compulsório da participação de seus filiados. Em novembro de 1998, o Laboratório de História Oral e

Iconografia (LABHOI), através do seu periódico, “Primeiros Escritos”, publicou o meu artigo “Família integralista – do lar à nação”, uma adaptação resumida de minha monografia de graduação.

Depois desta minha experiência com a História Oral eu pretendi dar continuidade a este trabalho no meu curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* no biênio 1997-1998, ainda na UFF, também nesta Universidade, também sob orientação da Professora Ângela Gomes, e apresentei para avaliação o trabalho: “Doutrina Integralista. Análise historiográfica - o enfoque de dois autores”, onde discuti as perspectivas analíticas de Hélgio Trindade e Marilena Chauí sobre a doutrina e as formas de organização da militância integralista.

Dando continuidade ao trabalho de recolhimento de depoimentos de militantes integralistas para o LABHOI, entrevistei mais quatro militantes da Ação Integralista Brasileira. Foram eles: Alphiete de Araújo Corrêa; Rubens Luiz Barcellos; Arcy Lopes Estrella e Sr. Alcebíades Marins. Estes dois últimos participaram ativamente da AIB dos anos 1930 e ainda freqüentavam as reuniões que atualmente vinham sendo feitas em São Gonçalo, no Centro Cultural Plínio Salgado, e em outros lugares do país. Seu Alcebíades faleceu pouco tempo depois da entrevista. Dr. Arcy faleceu em janeiro de 2003 e era reconhecido como um dos principais intelectuais do movimento atual. As entrevistas estão arquivadas no laboratório de História Oral da Universidade Federal Fluminense (LABHOI). Foram 14 horas de fitas gravadas com os depoimentos dos 5 depoentes, que se encontram transcritas e editadas. Nos depoimentos estão as lembranças da infância à maturidade do entrevistado, e ao momento de adesão ao movimento. Trabalhei também com dados sobre a constituição dos núcleos integralistas e a organização burocrática e ritualística das reuniões, além das estratégias utilizadas para atrair novos adeptos. Finalmente, atentei para temas como a relação base-cúpula da AIB, a mulher no integralismo, organização partidária e militar.

Ao cursar o Mestrado (1999-2002), o meu trabalho fundamentou-se nos depoimentos dos cinco militantes que tiveram participação ativa no estado do Rio de Janeiro. Ainda sob a orientação ainda da Profa. Ângela Gomes, como na Graduação e Especialização, a minha dissertação procurou analisar o movimento e a identidade integralista a partir das perspectivas de sua militância neste estado. A dissertação teve como título: “Memória e integralismo: um estudo da militância no Rio de Janeiro”.

Durante o período em que cursava a Especialização, continuando a pesquisa de fontes orais, soube da continuidade do movimento na atualidade. Atentei, então, para a necessidade de se buscar as permanências das idéias integralistas e o porquê delas servirem de inspiração para esses grupos que se formavam e que se articulam em todo o país por meio de núcleos, ou centros culturais. Os apelos ao nacionalismo, à necessidade de recuperação de uma moralidade religiosa, a descrença na democracia, teriam levado jovens de todo o país a aderir, senão a grupos formados, pelo menos, à idéia e, desta forma, fazerem uso da internet para a sua divulgação. Muitos dos novos integralistas participam de movimentos católicos anti-aborto, alguns freqüentam círculos pró monárquicos, alguns são militares e ainda há uma certa aproximação, não concretizada com a TFP (Tradição, Família e Propriedade) e cujo símbolo, o leão rampante, é usado, ladeando o retrato de Plínio Salgado, pelos integrantes do CEDI (Centro de Estudos e Debates Integralistas) fundado em 2002. Ainda se aproximam do integralismo, os chamados ““Carecas””, principalmente os de Niterói e os do ABC paulista, de inspiração nazista, contrários à defesa de direitos de minorias e anti-semitas.

No sentido de aprofundar minha pesquisa, assisti a algumas reuniões desses “novos integralistas”. As reuniões objetivavam a divulgação das idéias do movimento e a doutrinação dos assistentes. O objetivo do trabalho visava a observação do ambiente onde as idéias são propagadas e isto é importante no caso do Integralismo, movimento de características fascistas, pois percebemos a conservação dos mesmos ícones que enfeitavam as reuniões do início do século XX. A mesma arrumação simbólica, os mesmos ritos relatados por nossos entrevistados que participaram do movimento na década de 1930 podem ser observados: a abertura da reunião, a entoação do Hino Nacional (somente a 1ª parte) e a entoação do Hino “Avante”, e as demonstrações públicas de respeito na quantidade de “Anauês” recebidos pelos chefes, assim como o simples cumprimento com a mão direita levantada, ao saudarem-se entre si com o “Anauê” tradicional. Alguns se vestem como os primeiros integralistas com o uniforme tradicional: camisas verdes com o sigma, símbolo do integralismo, bordado na manga. Usam gravatas e calças pretas. Outros, ao invés do sigma bordado das antigas camisas sociais, o tem impresso em *silk screen* nas camisetas de algodão sintético.

Para o curso de Doutorado, dispus-me investigar os mecanismos de construção de uma memória integralista a partir das estratégias argumentativas de seus militantes que procuram seguir as linhas mestras que o Chefe da AIB delineou à época da sua fundação. Dando continuidade ao trabalho com a História Oral, entrevistei mais dez integrantes do movimento que dele participaram ou ainda participam. Tendo como principal apoio os relatos destes depoentes, analiso a trajetória de três gerações que se sucedem no integralismo. Cada qual tentando responder as questões que afloram nas disputas pelos espaços de poder e de representação.

O título da tese, procura relacionar aos períodos estudados a simbologia escolhida senão no seio do movimento, mas pelos seus intelectuais, para demonstrar as referências que cada animal representaria enquanto figura a ser reconhecida como fator identidade do grupo.

A figura da anta representa a ligação de Plínio Salgado, fundador e Chefe do integralismo com o grupo *Verdeamarelo* no Movimento Modernista de 1922. Para Salgado, a anta, animal tipicamente brasileiro representaria o nacionalismo e a especificidade de um pensamento nacional. Quanto à águia, esta ave, com capacidade de vôo alto representaria, para o Salgado, no período PRP, a juventude perrepista. Os jovens do PRP, ligados aos Centros Culturais e da Juventude eram chamados de “Águias Brancas”. Atualmente, contatos constantes dos novos militantes com a Sociedade Tradição Família e Propriedade, cujo símbolo é o leão rampante, e certa proximidade ideológica, aproximam os integralistas dos seguidores da TFP, mas isto não significa a união de esforços para qualquer luta em comum, embora os ódios aos movimentos populares sejam compartilhados. Mais recentemente foi criado o galo como um dos símbolos de um dos novos grupos: o MIL-B, Movimento Integralista Linearista Brasileiro. Segundo os participantes deste grupo, o galo foi escolhido para se contrapor à pecha de galinhas-verdes e para demonstrar a força do galo de briga que enfrenta a luta.

O foco fundamental dessa tese é a investigação da permanência, ao mesmo tempo em que da reconstrução, de uma memória integralista através de gerações, a inter-relação entre produção doutrinária e suas interpretações está sendo profundamente analisada. Assim, ao longo de onze anos, venho recolhendo os depoimentos orais que estão arquivados no Laboratório de História Oral e Imagem da UFF. O acervo conta com

depoimentos de 15 integrantes do movimento, que militaram na Ação Integralista Brasileira na década de 1930; no período da vigência do partido de Representação Popular e na atualidade, quando procuram se organizar em grupos que disputam entre si a posse da verdadeira memória a ser preservada.

Analiso os períodos que destaco para análise do movimento de forma a abordá-los contextualmente, remetendo-me aos acontecimentos e produção de idéias tanto no Brasil, como externas.

Algumas questões estão colocadas quando o tema é a produção da memória: O que o movimento tenta preservar e de que forma se dá a adesão desta militância ao movimento. Sendo três períodos recortados e separados por espaços de tempo, procuro entender o que simbolicamente os une. Uma das constatações é a permanência da figura de Plínio Salgado, o eterno Chefe Nacional. Outra permanência é a leitura que dá acerca do Estado espiritualista, neste sentido, embora haja divergências, a idéia de um Estado espiritual se mantém como modelo de organização que deveria seguir uma direção apontada pelo primado da religião sobre a razão. Não que a organização do Estado fuja às regras racionais elaboradas na trajetória do Estado Ocidental burguês, mas a defesa de uma moralidade cristã, de uma ordenação da sociedade a partir do que chamam a célula *mater* da sociedade, a família. Da família para o mundo do trabalho e deste para as representações na sociedade política. Algumas características podem ser encontradas em cada geração, mas em, todas, uma visão pessimista da História. Em todas, a descrença na democracia.

A primeira geração, a do período de 1930, estava influenciada, principalmente pela idéia de ordenação do mundo, diante dos problemas sociais que o modelo industrial trouxera para a sociedade contemporânea. Reage-se à submissão a uma rotina que a indústria traria para a humanidade, ao substituir formas de trabalho, ao adequar ao seu ritmo as relações humanas. É uma geração marcada pela Primeira Guerra Mundial, pela crise capitalista que se espalha pelo mundo. Quanto ao Brasil, após a chamada “Revolução de 30” a sociedade ainda está absorvendo as mudanças de direção no governo, com a entrada de um novo grupo oligárquico na direção da sociedade política, nos termos de Gramsci. A prática da democracia ainda é recente no Brasil, que ainda passa pela adequação ao modelo liberal de participação representativa, tanto eleitoralmente quanto

em termos de organização da sociedade civil. O integralismo, para esta geração, que respondeu entusiasticamente os apelos do Chefe, significou a possibilidade de interceder nesse mundo novo, liderados por alguém que dispunha de projeto e o apoio salvífico do cristianismo.

A segunda geração se organiza no contexto da Guerra Fria; em tempos de redemocratização da política brasileira sob a direção de um projeto de integrar o Brasil no bloco capitalista ocidental. Os integralistas lançam-se à participação no jogo democrático liberal através do Partido de Representação Popular. Mas, o PRP não está coeso quanto à observação à doutrina fundadora do movimento, que para esta tese é o eixo central que constrói a permanência. Uma parte do partido, alguns que se lançam à candidatura se afastam dos princípios norteadores do integralismo, o de ser, antes de tudo um “bandeirante” das idéias, o que vai atrás da divulgação do movimento, o que se coloca à disposição da doutrina. Estes fazem parte da juventude integralista, são os chamados águias-brancas. Unidos pela Confederação da Juventude, os águias-brancas tornam-se os guardiões da doutrina até a atualidade, em que tentam passar à nova geração o amor pelo integralismo. Os águias-brancas, embora participem das campanhas eleitorais não se sentem integrados no partido e questionam as divisões internas de um movimento que busca a unidade porque pretende a síntese e totalidade também para a sociedade, e mesmo a humanidade.

Essa nova geração que participa do terceiro período por nós delimitado é composta por aqueles que, independentemente de idade, estão procurando trazer à discussão e mais que isto torná-la fator de direção de ações interventoras na sociedade brasileira, o integralismo. Esta geração estaria marcada pela decepção com o modelo ocidental capitalista. Após a morte de Plínio tentam se organizar mas mantém a independência entre os grupos, não conseguem a tal unidade. Se sentem traídos com o processo de abertura que levou ao fim a ditadura militar. Seus participantes são antigos águias-brancas que se tornam referência, pois “guardiões” de uma memória da convivência física com o próprio Chefe Salgado. São também aqueles que conseguem aglutinar no seu entorno o mais número de participantes que mantém espaços de referência, como a Casa de Plínio Salgado, um importante “lugar de memória” do movimento. Atualmente, a ligação familiar dos novos com os velhos integralistas se dilui. Os que mantiveram o

integralismo em suas famílias viram perdem entre os velhos e os jovens a geração dos seus próprios filhos que escolheram outras bandeiras de luta, inclusive de oposição, como é o caso de dois antigos águias-brancas, Gumercindo Rocha Dórea e Pedro Baptista de Carvalho. Um terceiro, Anésio Lara Campos Jr. é meio-irmão mais velho do Senador Eduardo Suplicy. Algumas características os une, por exemplo, o fato de alguns frequentarem o escotismo. O catolicismo também é preponderante entre os novos integralistas, como foi nas outras duas gerações. O interesse pela ordem militar, a crítica à corrupção política, a descrença da democracia levam-nos a sentirem necessidade de rumo, de uma diretriz confiável num mundo materialista, a mercê do consumo, e dominado pela mídia que despreza a elevação moral da sociedade, como dizem.

Durante toda a trajetória do movimento, então, se percebe a necessidade de manutenção dos símbolos, ainda que a nova geração procure romper com as antigas certezas do movimento. Mas ainda mantém os principais lemas integralistas, como a luta nacionalista, anticomunista, antiliberal, moralista. A proposta de construção de um Estado Integral, que consideram síntese de toda história, entendendo-a como seu próprio fim foi sendo atualizada por cada geração que a reinterpreta de acordo com a conjuntura.

A trajetória do movimento integralista descrita acima, que ganha contornos específicos na passagem de gerações e em suas intercessões, é o foco principal de meu trabalho. Através dos depoimentos, em confronto com a literatura produzida pelo movimento em sete décadas, proponho-me atravessar a história do integralismo, tendo em vista comprovar a minha hipótese principal: a da comprovação da manutenção de permanências que evocam uma moral e visões de mundo que procuram solidificar num *modus vivendi* integralista, toda uma espécie de cultura conservadora que atravessa e que é atravessada pela perspectiva, sempre renovada, da busca de uma sociedade ordenada e hierárquica que possibilite a eternização de uma sonhada utopia de um retorno ao tempo cíclico medieval. Isto seria garantido pela força de uma idéia, a do Estado Integral, que garantiria através da ordem corporativa uma estagnação da dinâmica histórico-social com o controle da luta de classes.

Tendo em vista a análise do movimento no processo histórico procuro entendê-lo observando a relação dialética entre produção ideológica e inserção dos produtores da doutrina e seus seguidores no ambiente da luta de classes. Levo em consideração que

mesmo aqueles que não têm seu nome nos “anais” da História devem ser reconhecidos como sujeitos que contribuem com suas participações, ainda que consideradas irrelevantes pela “história oficial”, contribuem para compor a visão do todo do objeto estudado. Assim sendo, a história construída pela militância integralista de base representa a possibilidade de se entender suas perspectivas acerca de um movimento de características tão controversas. Nesse sentido, utilizo-me como suporte os trabalhos de Edward Thompson e de alguns outros autores da historiografia marxista dialética. Também o enfoque dado por Gramsci na análise de movimentos sociais e de produção intelectual e seus conceitos de sociedade civil, intelectuais orgânicos e tradicionais, dando relevância à dimensão classista e cultural, são utilizados. Outro instrumental que utilizo diz respeito ao uso da metodologia de análise da relação micro/macro-cosmos de Carlo Ginzburg que resgata o conceito de circularidade de Mikail Bakhtin ao estudar os reflexos das produções ideológico-culturais inter-classes.

Trabalhando com entrevistas orais e com observações de reuniões e encontros da militância atual, atento para as múltiplas inserções dos participantes do atual movimento em variadas atividades, desde profissionais até comunitárias. E, preocupando-me com a complexidade das organizações sociais, levo em consideração a multiplicidade dessas relações interpessoais e nas também múltiplas posições que os indivíduos assumem de acordo com lugares sociais pelos quais circulam. Preocupo-me, também nesta pesquisa, em assinalar os campos de possibilidades pelos quais a militância trafega, assumindo posturas que preservam atitudes coerentes com seus projetos de vida militante e pessoal. Assim sendo, as noções de projeto e campo de possibilidades virão contribuir no estudo da militância.

Além do trabalho de campo, a análise dos elementos filosóficos e culturais que estão presentes na doutrina é essencial neste trabalho. Estes elementos encontram-se expressos também nos discursos orais dos que se consideram integralistas. Com as fontes orais podemos constatar que a doutrina integralista serve de parâmetro para o discurso da militância, refletindo-se e sendo reflexo das suas visões de mundo e posturas sociais e políticas. Pode-se, neste sentido afirmar que as produções intelectuais, aliadas à aspectos culturais, dão ao movimento integralista os aspectos de coerência que foram responsáveis pela solidificação e permanência das idéias e utopias integralistas até a atualidade.

Esta constatação leva-nos a rever posições antes solidificadas pela historiografia e refletir sobre outros aspectos do movimento, seguindo a análise proposta por Ginzburg, ao utilizar-se de Bakhtin no que tange aos diversos diálogos que os homens têm com as produções intelectuais e culturais nos processos históricos. Absorvendo ou rejeitando idéias, os homens constroem suas visões de mundo.

Preocupo-me, nesta análise, em manter-me na perspectiva dialética, inserindo a história da Ação Integralista Brasileira, fundada em outubro de 1932, na História que a humanidade construiu ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, afetados pelas rápidas transformações tecnológicas. O integralismo, como fenômeno fascista, também integra o conjunto de tentativas de respostas de parte da população mundial às rupturas impostas pelo advento do capitalismo. Rupturas morais/culturais e econômicas que, para parte da humanidade não poderiam ser suturadas sem intervenção autoritária.

Ainda considero a história do movimento integralista no contexto das lutas internas, no âmbito da sociedade civil brasileira, pela conquista da hegemonia política. Portanto, é através das conjunturas e em respostas a estas e, da mesma forma que interferindo nas mudanças mais significativas dos caminhos da vida sócio-política brasileira, que o integralismo é visto nessa tese.

Esta Tese está dividida em duas partes. Na primeira, “**Os Homens, o Tempo e as Idéias**”, com três capítulos, eu abordo o processo de construção das idéias em seus contextos e de que forma estas idéias surgem como respostas dos homens aos seus anseios de conservação e transformação do mundo em que vivem. Na segunda parte: “**Os Tempos, os Homens e suas Idéias Integralistas**” analiso a produção da memória através das três gerações: a da Anta, que corresponde ao período da AIB (1932 - 1938); a da Águia, do período de vigência do Partido de Representação Popular (1945 – 1965) e o do leão e do galo: de 1985 até a atualidade.

Parte I:

No 1º Capítulo: **Memória: escudo e espada**, abordo a principal questão colocada nesta tese a da construção de uma memória integralista a partir da militância do movimento e dos que se julgam seus herdeiros. Neste capítulo traço a discussão teórica e metodológica das quais me utilizo neste trabalho. Assim sendo, discuto o problema e as hipóteses que defenderei e sobre que bases teóricas e metodológicas estas se sustentam.

Discuto, ainda, os conceitos de memória e história e como vários autores analisam os seus usos na História. Desenvolvo a discussão sobre o uso das fontes produzidas através da metodologia da História Oral e discuto, também, os conceitos de cultura e a importância destes nas constituições de visões variadas de mundo. Utilizo as perspectivas de circularidade e de alteridade dialogizada de Bakhtin e o enfoque processual histórico, com importância privilegiada das questões culturais dialeticamente imbricadas entre estrutura e superestrutura de Gramsci.

O 2º Capítulo: **Entre permanências e mudanças, idéias que o integralismo toma no seu caminho** está dividido em três partes. Na 1ª *A questão social: entre conflitos, a produção de utopias* procuro colocar em foco as interpretações sobre as possibilidades de “ordenação” do mundo discutidas em meio às mudanças impostas pelas Revoluções Francesa e Industrial. Discorro sobre as questões que afluíam no século XIX sobre a busca de definições de caminhos a serem perseguidos pelos mais diversos setores da sociedade, tanto pelo viés da esquerda como da direita.

Na 2ª. Parte: *Os Fascismos: histórias, porquês e definições* são analisadas as diversas conceituações de fascismo e integralismo construídas historicamente. Quanto ao integralismo abordo sua constituição filosófico-religiosa que se fundamenta numa percepção católica de ordenação do mundo que se vai sedimentando a partir do final do século XIX diante de uma tomada de posição da Igreja frente às questões sociais. São características que pretendem direcionar de modo a conservar e, ao mesmo tempo que “modernizar” a ação do catolicismo diante de um mundo que consideram caótico e materializado pelas revoluções francesa e industrial. Estas são perspectivas filosóficas e políticas anteriores ao surgimento do movimento e que moldam suas características. Aqui também discutirei os conceitos totalitarismo e anti-semitismo. Confrontarei a interpretação integralista com a de Hannah Arendt. No caso do anti-semitismo busco este elemento na constituição de uma visão de mundo ibérica e não germânica.

Na 3ª. Parte: *As idéias autoritárias em uma sociedade autoritária – O Integralismo no contexto de formação de seu ideário no Brasil* trabalho com ampla bibliografia que busca contribuir para a análise de um “caráter nacional brasileiro”. Autores como Alberto Torres, Oliveira Vianna, Dante Moreira Leite; Sérgio Buarque de Holanda, Vitor Nunes

Leal e outros que contribuem para uma formulação de uma idéia sobre a sociedade brasileira estão sendo analisados:

A 4ª. Parte: *Deus dirige o destino dos povos” – fundamentos doutrinários da Ação Integralista Brasileira* desenvolvo a análise das influências teóricas e conceituais que dão suporte ao pensamento integralista desenvolvido no Brasil. A minha preocupação é traçar uma história do integralismo, enquanto movimento de fundamentação religiosa, que busca elementos filosóficos que são anteriores ao surgimento do movimento e que moldam suas características. Utilizo a perspectiva gramsciana que se fundamenta no materialismo histórico, abordando os aspectos culturais da sociedade brasileira que levaram à assimilação por respeitável parte da população brasileira de um movimento como o integralista, de características fascista comungada com um catolicismo ultraconservador.

No 3º Capítulo: **O movimento integralista – as fases, seus contextos e formas de organização** estudo do contexto em que a AIB surge na vida pública brasileira. Desta forma, este capítulo busca analisar este momento como de crise de hegemonia no qual surge o movimento integralista que procurou representar frações da pequena e média burguesia urbana e rural na década de 1930. Neste capítulo, refletirei sobre a Ação Integralista Brasileira (1932 a 1937), utilizando-me da perspectiva analítica de Gramsci. O integralismo é analisado enquanto *aparelho privado de hegemonia* e, posteriormente como partido, no âmbito da *sociedade civil*, em situação de disputa, na *sociedade política*, pelo controle dos *aparelhos de Estado*. A AIB, no contexto de *crise de hegemonia* que sucedeu a chamada “Revolução de 30”, significou a possibilidade de inserção no espaço de luta pelo controle da *sociedade política* de frações da pequena burguesia e classe média urbana e rural anti-liberal que, em *guerra de posição*, organizavam-se e produziam idéias que ganhavam adesões, principalmente pelo apelo católico/fascista anticomunista e anti-semita. O controle do *Estado*, visto de modo ampliado, segundo a acepção gramsciana, como espaço de disputa no qual se interrelacionam no confronto dialético, sociedade civil, sociedade política e infra-estrutura, era pretendido pelos integralistas. Pela via totalitária, a AIB buscava anular uma das bases do tripé do *Estado* com a extinção da sociedade civil, obra amplamente planejada pelos seus intelectuais orgânicos que, ainda que se dissessem

se colocar acima dos conflitos de classe, representavam interesses bem nítidos de caráter econômico que escondiam sob uma face doutrinária espiritual e nacionalista.

Estendo a análise da inserção do movimento integralista nos contextos históricos que sucedem a década de 1930 relacionando as redes de contatos, graus de participação no Estado, e envolvimento nos acontecimentos políticos de importância nacional, dos que permaneciam fieis aos ideais da AIB.

Parte II:

No 1º. Capítulo: **Os integralistas falam** aprofundo minha análise sobre a importância de se utilizar a fonte oral quando há a oportunidade de se recolher depoimentos de sujeitos históricos que demonstrem conhecimento ou que tenham vivenciado situações que somente o relato vivo da experimentação pode oferecer. Falo sobre as condições de produção do texto e sobre as rupturas metodológicas e teóricas que esse tipo de produção de fontes pode provocar. Aponto ainda para a subdivisão desta parte que busca refletir acerca das interpretações da militância sobre o movimento nas diferentes gerações que compõem a história do movimento integralista, em cada uma, suas permanências e pontos conflitantes. Os depoimentos orais concedidos ao LABHOI são analisados.

No 2º. Capítulo: **Os velhos guardiões da memória: os integralistas da década de 1930** analiso os depoimentos de militantes da AIB entre 1932-1938 demonstrando suas referências de classe a partir das trajetórias de vida dos principais intelectuais deste período, contrapondo a ideologia produzida pela cúpula com os anseios da militância de base.

O 3º. Capítulo tem por título: **Uma intercessão na construção da memória na presença e na ausência da AIB nos projetos do PRP e nas expectativas e vigilâncias quanto a um novo integralismo – onde convergem e onde se nos distanciam mesmos sujeitos.** A partir de uma análise que leve em conta as perspectivas geracionais, dou continuidade à análise da segunda fase do movimento. São analisados os depoimentos dos membros do PRP, principalmente dos “Águias Brancas” seus intelectuais, continuidades, permanências e discurso, nos periódicos e demais manifestações.

No 4º. Capítulo: **Os novos integralistas e seus sonhos de construção do movimento sob a égide da memória pelos meios cibernéticos** abordo, a continuidade do

Integralismo verificada nos dias atuais: os “novos” e “velhos” intelectuais, de que forma revigoram e/ou mudam o discurso. Que apelo maior é utilizado para conquistarem adesões? Em que contexto e a que novas ou velhas lutas se referem quando se propõem a reorganizar o movimento? Que são os “novos integralistas? Que redes estão montando, tanto no Brasil, quanto internacionalmente, que vai constituindo uma corrente mundial de posturas antidemocráticas e de intolerância étnica e de idéias.. Quem são esses novos integralistas? Para essa análise, usarei tanto depoimentos orais, quanto a pesquisa na *internet* e nos periódicos dos dias atuais.

O 5º Capítulo: **Nas gerações, continuidades e rupturas na re-produção doutrinária** está dividido em duas partes. Na parte I: *Memória sob poeira – onde, por que e o que lembrar* fecha a análise dessas três fases, relacionando a produção intelectual do movimento à construção de uma memória integralista que interliga e dá coerência ao movimento entre as três gerações apontadas anteriormente. Nesse capítulo, os periódicos e demais meios propagandísticos integralistas e suas intenções discursivas, são analisados.

Na parte II: *O trabalho da rememoração: as lembranças* trabalho com a perspectiva do materialismo dialético buscando nas questões culturais reflexões importantes sobre a composição do integralismo brasileiro, reconhecendo a continuidade do processo histórico. Procuo sintetizar, em tese, o desenvolvimento do integralismo brasileiro, suas idéias e perspectivas e absorções ideológica, desde 1932 até 2007 inter-relacionando a características do presente às do passado.

Capítulo 1

Memória: escudo e espada

I. História e Memória

*... mais alors le souvenir [...] venait à moi comme un secours d'en haut pour me tirer du néant d'où j'aurais pu sortir tout seul. [...] Peut-être l'immobilité des choses autour de nous leur est-elle imposée par notre certitude que ce sont elles et non pas d'autres, par l'immobilité de notre pensée en face d'elles.*²

O passado, como escreve Proust, é trazido à memória pelas referências dos lugares que parecem perdidos no tempo e que, através deste, recuperam lembranças. E a aparente imobilidade de um momento que permanece na memória parece definir as identidades individuais e coletivas que nele se socorrem. No entanto, os reflexos da lembrança que atravessam vidas e gerações e que parecem imobilizados no tempo, não conseguem resistir à História. Sucumbem a ela pela ação do historiador. É a este dada a função de tornar a memória inesquecível. Ainda assim, a memória pode encontrar resistência no diálogo entre quem a produz e a quem se quer convencer da sua autenticidade e importância. Mas este é o papel dos que se comprometem a ser porta-vozes da memória, trazer à tona o que lhes dá sentido à história que se quer guardar.

E é o próprio ato de lembrar que traz em si um significado para a memória a ser preservada que depende das condições em que se memoriza e das histórias que os corpos guardam. Ao mesmo tempo em que a memória aprisiona o passado ela aponta possibilidades para a liberdade de sua re-interpretação. No entanto não se pode fugir à memória se ela nos indica caminhos a seguir, retornando-nos continuamente ao ponto de partida. Assim, a história e a memória andam juntas e se refazem no jogo das disputas pela consolidação de certezas, ainda que as verdades também sejam reinterpretadas sob pontos de vista. Essa conexão é demonstrada no primeiro volume da *Enciclopédia Einaudi*,

² PROUST, Marcel. *À la recherche du temps perdu*. Paris: Quarto Gallimard, 1999, p. 15. Na tradução de Mário Quintana: "... mas aí a lembrança [...] vinha a mim como um socorro do alto para me retirar do nada de onde não poderia sair sozinho [...] A imobilidade das coisas que nos cercam talvez nos seja imposta pela nossa certeza de que essas coisas são elas mesmas e não outras, pela imobilidade de nosso pensamento perante elas." em PROUST, M. *No caminho de Swann*. São Paulo : Abril Cultural, 1979, pp. 8-9.

dedicado “Memória – História”, quando o historiador medievalista francês Jacques Le Goff escreve a frase que abre as portas para o entendimento do que se propõe a própria história: “O conceito de memória é crucial”³.

Destrinchando o conceito, Le Goff aponta para a sua construção através da produção do conhecimento dos homens sobre si mesmos e sobre as sociedades em que vivem através do tempo e das multiplicidades culturais. Memórias orais e escritas, transmutadas em regras e decisões naturalizadas como perenes e corretas. As memórias que, no tempo, são imortalizadas pelos setores sociais hegemônicos que anulando memórias coletivas populares, indesejáveis às ordens estabelecidas, preenchem de lembranças e tradições construídas os espaços tomados dos setores não representados nos espaços de poder. Neste sentido, a memória se situa entre uma realidade a ser preservada, como memória artificial que busca uma técnica de memorizar, que localiza fatos, símbolos coletivamente reconhecidos em “lugares da memória” (“onde se pode por associação dispor os objetos da memória”⁴) e a que se constrói pela retórica, pelo ato humano de lembrar. Le Goff ainda considera a possibilidade de manipulação e os usos diferentes que se faz da memória, percebendo-a, no entanto como elemento essencial na constituição da identidade individual ou coletiva. As comemorações, que recuperam nas lembranças fatos que não devem ser esquecidos, são instrumentos que servem também para reconhecimento da conquista e do poder.

Mas, memória e história, como nos explica Pierre Nora em texto publicado em 1984⁵, tanto podem ser parceiras como adversárias. Parceiras quando a memória serve de impulso à história na constituição dos fatos, mas adversária quando a existência da história significa a incapacidade de se preservar a lembrança. Uma batalha se trava entre a memória que, para o historiador francês presencia-se pela espontaneidade, e pela história, aquela que se constrói pela necessidade de se guardar a memória que se distancia e, por isso, se faz necessário seu resgate. Nesse embate entre memória e história, relação

³ LE GOFF, Jacques. Memória. In *Enciclopédia Einaudi, vol.1: Memória – História*. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Meda, 1997, p. 11.

⁴ *idem, ibidem*, p. 22.

⁵ NORA, Pierre. Les lieux de mémoire. I La République, Paris: Gallimard, 1984, pp. XVIII –XLII. No Brasil publicado como: Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In *Projeto História: revista do Programa de estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, no. 10*. São Paulo: PUC, 1993, pp. 7-28.

paradoxal, ao mesmo tempo em que dialética, apontado por Nora, o movimento⁶ integralista se coloca sob a lâmina de um corte que se aprofunda no tempo.

Esta análise levará em conta as perspectivas geracionais, no sentido de que cada geração pensa de acordo com suas experiências cotidianas, imbricadas no contexto em que vivem, ao mesmo tempo em a vida não se resume a fases e o aprendizado não é determinado pela idade humana. Como esta tese demonstrará, as gerações se imbricam, se confundem, mas também constroem-se em auto-referências.

Conforme escreve Sirinelli⁷, existem certos problemas quando se busca recorrer às definições do termo geração, quanto ao tempo e características comuns a determinados grupos de homens que convivem em contextos, conjunturas nos quais acontecimentos são por eles produzidos e que, ao mesmo tempo, agem sobre eles. Segundo o autor, há restrições e obstáculos e pode-se incorrer em banalidades ou generalidades no propósito de definir que fatores etários contidos na definição de uma geração. Dadas as dificuldades de se condicionar a definição do termo geração aos sentidos do tempo e espaço, até mesmo biológico, deve-se considerar que o conceito se constrói pelos homens, significando, em cada época que vivem, a noção de auto-representação e auto-proclamação de um sentimento de pertencimento, como coloca Sirinelli, “a uma faixa etária com forte identidade diferencial.”⁸ Mas, como também observa o autor, o conceito de geração também é uma construção do historiador que o classifica e rotula.

Para Sirinelli a virtude “periodizante” do conceito de geração deve-se ao fato que ela é “uma peça importante da ‘engrenagem do tempo’”, porém, se deve estabelecer limites, tendo em conta sua elasticidade e seus compassos diante das “respirações do tempo”. A geração, portanto, precisa ser concebida numa “escala móvel no tempo.”

Destas forma, para efeito de estabelecer as fronteiras da análise, sigo a direção que aponta Sirinelli ao considerar que “um estrato demográfico só se torna uma geração quando adquire uma existência autônoma e uma identidade – ambas geralmente

⁶ Defino movimento como mobilização de pessoas ou grupos em torno de reivindicações ou ideais que permanecem ao longo de algum tempo, efêmero ou não.

⁷ SIRINELLI, Jean-François. A geração. In FERREIRA, Marieta & AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

⁸ *idem, ibidem*, p. 133.

determinadas por um acontecimento inaugurador – , às vezes esse processo só se verifica em um setor bem determinado”.⁹

Há, no entanto, que se considerar que a dinâmica da vida humana não retém as cercas teóricas e metodológicas. Assim sendo, o pensar de uma geração não é somente fruto de uma “circularidade” de pensares, ou sincronia dos pensamentos, que são capazes de compor as formas de pensar das gerações que caberiam apenas no mundo das idéias, ou das mentalidades coletivas. Cabe aqui demonstrar que a produção ou a adesão às formas de pensar e à visões de mundo são influenciadas por diversos fatores, desde econômicos, regionais/geográficos, ideológicos, culturais, como apontaram as obras de Gramsci e Bakhtin, autores primordiais pra se pensar a dialética das trocas em todos os níveis de determinação. Mas também é preciso entender essa produção e adesão em termos da produção de uma consciência coletiva, de uma psicologia das massas, como entenderam aqueles que trabalham com a perspectiva psicanalítica que parte de Sigmund Freud, passando por Carl Jung, Wilhelm Reich e mesmo Hebert Marcuse¹⁰ que analisaram a relação entre as formas de repressão/opressão social sobre os indivíduos no desenvolvimento da civilização ocidental burguesa que consolida o individualismo do racionalismo cartesiano e a forma do *homo economicus* do liberalismo¹¹. Esta questão é importante na análise do integralismo na medida em que, nas obras de Salgado, importantes referências ao “mal estar da civilização” tornam-se a condição para o apelo à adesão ao movimento. Pode-se citar vários trechos de suas obras que se referem ao “caos” que a “Era das Revoluções” provocou na vida da humanidade, entendida como civilização cristã. Entre muitos cito uma pequeníssima parcela do exemplo da descrença do Chefe em relação ao destinos dos homens ao qual submeteram as “Grandes Transformações”:

“Os povos da Terra ficaram surdos de tanto ouvir o rumor das máquinas e cegos na contemplação das suas

⁹ *idem, ibidem*, p. 133.

¹⁰ Cada qual desses autores, psicanalistas ou, no caso de Marcuse, cientista social, procura entender a construção do indivíduo no processo de consolidação da civilização burguesa ocidental. Discutem principalmente as formas de coesão da sociedade para a contenção dos instintos humanos de forma a controlar e ordenar as posturas de civilidade ocidental hegemônica

¹¹ O termo *homo economicus*, tomado da Economia Clássica procura definir o comportamento do homem que se guia por interesses pessoais que lhe possam trazer satisfações econômicas e que procura obter a maior quantidade de bens com o mínimo dispêndio de recursos. Os economistas clássicos do liberalismo, utilitaristas e marginalistas, partem do pressuposto de que é o indivíduo que deve procurar sua felicidade individual que significa atender primeiro suas necessidades econômicas, depois, da satisfação do conjunto dos indivíduos deveria advir a satisfação coletiva.

*grandezas. E ouviu-se, então, o tropel dos cavaleiros do Apocalipse, nos hemisférios do mundo. E eis que os homens enlouqueceram. E a loucura dos homens tornou-se o instrumento da sua própria expiação.”*¹²

Esta visão negativa da história carrega em si, a visão romântica, a de considerar o novo desafiador, como algo a ser temido. Desta forma, prefere-se o retorno aos tempos passados, ainda que se tenha que criar as referências, as tradições. Como escrevem Löwy e Sayre: “Considerando que a sensibilidade romântica representa uma revolta contra a civilização criada pelo capitalismo, ela é portadora de um impulso anticapitalista.”¹³

Mas não seria privilégio de pensadores cristãos o temor pelo futuro. Perry Anderson¹⁴, em sua análise sobre as idéias que levaram Fukuyama a desenvolver a perspectiva de fim da história, mostra a pesquisa que fez de Lutz Niethammer de uma construção conjunta de análise sobre o contexto de cada época. Ao considerar os pensadores da *Posthistoire*, Niethammer entendeu que esses autores, que compartilharam esperanças de mudanças, de possibilidade de transformações radicais, participando dos ativamente dos partidos de movimentos, fossem eles fascistas, comunistas ou socialistas, desapontaram-se e “cristalizaram num profundo ceticismo acerca da possibilidade de uma nova mudança histórica como tal.”¹⁵ O resultado teria sido uma visão coletiva de uma história que vivenciaram. Deste modo, Niethammer entende que esta percepção compartilhada por certo grupo significa “menos um sistema teórico que uma estrutura de sentimento, o impulso de uma certa experiência histórica comum.”¹⁶

Assim sendo, parto do constatação que o caminhar da história carrega consigo as marcas das construções mentais e ou ideológicas que dão aos homens que vivenciam as várias conjunturas, uma espécie de visão comum sobre as expectativas do devir.

E, desta perspectiva, que analiso a construção de uma história do integralismo a partir das memórias de sua militância que, perpassando sete décadas, construiu-se e reconstruiu-se significativamente em três momentos importantes da história brasileira. E,

¹² SALGADO, Plínio. *A Aliança do Sim e do Não*. Lisboa: Ultramar, 1944, p. 93.

¹³ LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Revolta e Melancolia – O romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 37.

¹⁴ ANDERSON, Perry. *O Fim da História - De Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

¹⁵ *idem, ibidem*, p. 8.

¹⁶ *ibidem*, p. 8.

em cada um destes momentos, a doutrina era, e ainda é, reinterpretada de acordo com a conjuntura que se vivia.

Assim, escolhi uma periodização para efeito de delimitação das fronteiras geracionais dessa história/memória do integralismo. O primeiro período refere-se à década de 1930, quando surge e se organiza como movimento e partido, tempo dos primeiros governos de Getúlio Vargas, entre o “Provisório” e o “Constitucional”, como Ação Integralista Brasileira (1932-1938) – época em Salgado estava marcado pela sua inserção no movimento modernista e que havia divulgado juntamente com Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo o “Manifesto da Anta”. O segundo período, de 1945 a 1965, refere-se à época da “redemocratização”, com a articulação do Partido de Representação Popular e que termina com a implantação da Ditadura Militar quando houve a decretação de cessação da possibilidade de existência partidária. Nesse período, Plínio Salgado invocava a juventude a aderir aos Centros Culturais da Juventude, como “Águias Brancas”.

E o terceiro período, que marca a assunção da terceira geração considerada neste trabalho, teria início em 1985, quando os integralistas, “órfãos” de Salgado, falecido em 1975, tentam se organizar sem a presença do eterno Chefe. Neste momento, adeptos das idéias integralistas tentam recuperar como parâmetro organizacional os princípios da AIB, o que continuam fazendo até hoje, inclusive, estabelecendo contatos com a Sociedade Tradição, Família e Propriedade, a TFP¹⁷, cujo símbolo é o leão rampante. Esta relação, embora não formalizada, mantém-se próxima posto que algumas interpretações sobre análise dos problemas brasileiros e suas propostas de soluções convergem. Ambos os movimentos, em suas bases mais tradicionais, questionam os caminhos apontados pela

¹⁷ A Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (S.B.D.T.F.P. ou TFP) é uma organização ultra-direitista cujos membros seguem o catolicismo ultra-conservador. Foi fundada em 1960 por Plínio Corrêa de Oliveira. Atualmente a TFP está presente em 27 países. Como atesta um panfleto integralista, de 1998, escrito por Marcelo Mendez, fundador do Centro de Estudos e Debates Integralistas, falecido em fevereiro de 2002: “Tanto o integralismo como a TFP têm os mesmos adversários a saber: Comunistas, fascistas, maçons e todas as doutrinas que pregam o ateísmo e o esquerdismo. Ambos deploram o totalitarismo de qualquer matiz. Ambos apoiaram a Revolução de 31 de março de 1964 que salvou o Brasil das garras do comunismo. O integralismo prega que devemos organizar o Estado Integral Corporativo, dar vida ao estado, fortalecê-lo para que ele possa diminuir os sofrimentos e angústias do nosso povo oprimido pelo capitalismo sem Pátria e ameaçado pelo comunismo ateu. Sempre seguindo o pensamento cristão, inspirado na Doutrina da Igreja Católica, a TFP prega continuamente que só a fidelidade aos princípios perenes da verdade revelada, ensinados pela Igreja Católica, é possível construir uma autêntica civilização cristã”.

Igreja Católica após o Concílio Vaticano II. E são os dois movimentos radicais opostos do marxismo, do comunismo e do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra.

Quanto ao galo, símbolo desse “novo” movimento, surge através do Movimento Integralista Linearista do Brasil, o MIL-B¹⁸, o Movimento Integralista Linearista do Brasil, um dos grupos que atualmente disputam o direito sobre a memória integralista, para inaugurar a tentativa de construir uma nova imagem externa do integralismo. Como consta em sua página na internet, este movimento:

Os grupos integralistas que procuram manter viva a memória integralista atualmente procuram manter contato com a UND, a União Nacionalista Democrática, com o MV - Brasil, com movimentos pró-monarquistas etc.

Portanto, o movimento que teve início com a criação da AIB, não finda com a cassação da organização, primeiro como partido (1937), depois como Centro Cultural (1938). A continuidade do movimento pode ser constatada, tanto pela literatura produzida sobre e pelo integralismo¹⁹, quanto pela existência de inúmeros grupos que defendem suas idéias e que se propagam por vários locais do Brasil, ou através da *internet*, nos que podem ser considerados núcleos virtuais.

Assim sendo, este trabalho pretende analisar a construção de uma memória do integralismo produzida por aqueles que, ao longo das sete décadas, em gerações que se

¹⁸ Cássio Guilherme, presidente do MIL-B, em e-mail (23 de dezembro de 2006), enviado a mim, explica a simbologia dos animais no integralismo: “Com relação ao uso de animais como simbologia do Movimento, realmente o Grande Chefe Integralista Plínio Salgado, o maior brasileiro de todos os tempos, utilizou a Anta, um animal nativo de nossas matas, para representar a ideologia nacionalista do Verde-Amarelismo da Semana de Arte Moderna de 1922, juntamente com Menochi Del Picchia e Cassiano Ricardo (amigos pessoais do Chefe Integralista) para representar a busca de uma identidade nacional, de um símbolo que representasse o Caboclo e as origens indígenas do povo brasileiro, em contraposição ao esquerdismo marxista de canalhas como Oswald de Andrade e Tarsilla do Amaral. Depois, a veneração da Águia utilizada tanto em alguns momentos Integralistas, como na época dos Centros Culturais da Juventude na década de 50 (o Movimento Águia Branca) representava a determinação, a coragem e a astúcia da Águia, a altivez desse animal em sobreviver em vários ambientes hostis, a tônica para os membros dos Centros Culturais. Agora, época do Integralismo e do Linearismo, o Movimento Integralista e Linearista Brasileiro utiliza o Galo Verde chamado de Tupã, em homenagem ao Deus Tupi, lembrando a coragem dos Galos de Briga e um trocadilho com o apelido " galinhas verdes" que a comunalha assassina e os liberais burgueses (ambos filhos do Grande Capital Internacional) utilizavam. Tupã, o Galo Verde Integralista e Linearista esmaga o verme comunista-liberal que destrói a Pátria brasileira e corrompe todas as estruturas da Família, da religião e do nacionalismo. Por isso essa simbologia.”

¹⁹ Entre outras obras, as relacionadas a seguir referem-se à essa continuidade, muito presente e próxima, daqueles que estudam o integralismo atualmente: BERTONHA, Fábio. *Fascismo, nazismo, integralismo*. São Paulo: Ática, 2002. *idem* Integralistas e pesquisadores do integralismo: o embate entre Memória e História. In DOTTA et alii. (orgs.) *Integralismo: Novos estudos e reinterpretações*. Rio Claro: Arquivo Público, 2004. VICTOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete – História, Memória e Esquecimento*. Goiânia, UCG, 2005.

sucederam, defenderam e defendem, ainda, seus signos e doutrina. Esses “herdeiros” seguem as diretrizes doutrinárias do movimento criado em 1932 por Plínio Salgado e, ao longo da história até hoje, reverenciando a sua memória, ainda o consideram Chefe. Ao defenderem suas idéias, a reconstroem e reinterpretam as diretrizes doutrinárias, atingidas, com a passagem dos tempos, pelas marcas das conjunturas históricas. É importante frisar que toda essa tentativa de busca do passado incorpora, para os integralistas, o sentido revolucionário do retorno cíclico a uma época anterior, uma idade de ouro de ordem e moralidade cristã.

Nesse caminho traçado para o estudo da memória do integralismo, perpassam gerações, portanto que, ao assimilarem a memória coletiva não excluem as perspectivas individuais. Para Maurice Halbwachs²⁰, as memórias individuais são ressonâncias da *memória coletiva* e estão impregnadas das experiências socializadas, não estando desvinculadas de representações sociais. O esforço de lembrar, também é o trabalho de reconstrução de representações que são constituídas na vivência em sociedade. A memória, nesse sentido, é trabalho, como a entende Bergson²¹ e é influenciada pela vivência e pelas experiências adquiridas no âmbito do social. E o tempo interfere nas representações trazidas no ato de rememorar, sendo o momento presente o ponto de partida daqueles que trazem à tona suas lembranças. Mesmo que solitárias, as representações coletivas impregnariam o pensamento de todos os indivíduos.

Mas não se pode, no entanto, anular as memórias construídas pelas experiências e avaliações solitárias dos indivíduos. Como demonstra Ecléa Bosi, as experiências individuais também atuam na formação da memória. Embora o social interfira nas representações individuais, as experiências dos indivíduos também interferem em seus “modos de viver”, nas escolhas que fazem e no que projetam para as suas vidas. A história pessoal que se constrói na mente humana, assim como a história que a envolve cotidianamente interfere nas percepções que cada ser humano tem de sua realidade.

Utilizando-se do conceito de *memória coletiva*, Michael Pollak²² procura evidenciar que, além de guardar lembranças permeadas por representações sociais, a

²⁰ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, São Paulo: Vértice, 1990 (Cap. I e II)

²¹ BERGSON, Henri. *Matière et Mémoire – Essai sur la relation du corps et de l’esprit*. Citado por BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade - Lembrança de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

²² POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio e Memória e identidade social In: *Estudos Históricos*, n° 3, 1989, p. 3-15 e No. 10, 1992, p. 200-215.

memória coletiva também é seletiva e mutável. Para o historiador, os grupos sociais ou indivíduos marcados por certos acontecimentos, costumam guardar na memória apenas o que é significativo em suas vidas. Assim, o esquecimento se torna representativo, pois representa o que não se quer revelar o que não se deseja lembrar. A história que se esconde também se encontra na memória, embora velada para que não se revele o que não é vantajoso ou honroso ao grupo ou indivíduo.

II. Memória como linguagem cultural e política

Ao debate sobre a produção dessa memória e história integralista, deve integrar-se a discussão sobre cultura e ideologia. Esta última entendida, como “conjunto estrutural e orgânico de idéias, de representações, teorias e doutrinas, que são expressões de interesses de grupos ou classes”²³, como visão social de mundo que contém em si orientações cognitivas e sensoriais. Considera-se aqui cultura no âmbito da ideologia, que produzida na multiplicidade de percepções de mundo incorpora no jogo das relações sociais elementos determinantes das relações econômicas. A cultura, expressão das experiências humanas no processo histórico, como considera Thompson, relaciona-se dialeticamente com a estrutura na medida em que os “homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua *consciência e cultura* (...) das mais complexas maneiras (sim, ‘relativamente autônomas’) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.”²⁴ Para o marxista inglês, “as pessoas não experimentam sua experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos (...). Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares, e de parentesco, e reciprocidades, como valores.”²⁵

²³ LÖWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social – Elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 13.

²⁴ THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, s/d, p. 182. Grifos do autor.

²⁵ *ibidem*, p. 182.

Assim sendo, embora ultrapassando os limites da experiência de classe²⁶, sendo relativamente autônoma, como constata Thompson, a cultura corresponde e se constrói nas condições históricas estruturais. Sendo também um conjunto de recursos diversos “em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume forma de um ‘sistema’.”²⁷ Thompson alerta para o costume de se pensar cultura como consenso e atenta para as contradições sociais e culturais, as fraturas e oposições, que fazem parte do conjunto. Desta forma, pode-se falar em culturas que se inter-relacionam no âmbito geral das sociedades e que representam setores sociais antagônicos na disputa por interesses contratantes. Códigos simbólicos, regras invisíveis que integram as culturas dão-lhes caráter “não-econômico”, uma espécie de “economia moral”, segundo o historiador inglês.²⁸

Entendendo, pois a construção da memória (que absorve, reproduz e interpreta cultura) como parte integrante da produção humana na história, ela também se manifesta no âmbito da linguagem em qualquer uma das manifestações culturais e ideológicas que dão significado aos “lugares de memória”. Na composição do texto articulado para as definições coletivas de identidade – a escritura para a história, o discurso oral e a simbologia – são manifestações semióticas²⁹, representações de signos³⁰ que integram o arsenal mnemônico para a preservação do movimento e, como tal, são ideológicas. Como escreve Eliseo Verón, “a ideologia é um sistema de codificação da realidade, e não um conjunto determinado de mensagem codificado com esse sistema”. Para Verón, “explicar o sistema de codificação que um ator social ou certa classe de atores sociais utiliza para organizar significativamente a realidade equivale a descrever, do ponto de vista da

²⁶ Conceito de classe para Thompson e Hobsbawm

²⁷ *idem*. *Costumes em comum – estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

²⁸ *idem*, *ibidem*.

²⁹ A construção da memória, para Charles S. Peirce é também um processo semiótico (semiosis): “uma relação entre três componentes: o signo propriamente dito, o objeto representado e o intérprete” In MATTELART, Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 34.

³⁰ Para Peirce: “Um signo ou *representamen* é algo que representa a alguém qualquer coisa por qualquer relação de qualquer maneira”. Assim, segundo Peirce, tudo é signo. Citado em MATTELART, Armand e Michèle. *Acima*, p. 33.

comunicação, as condições que define a relação desses atores com seu mundo social.”³¹ O autor percebendo a autonomia entre consciência e intenção em relação à ideologia, constata que os atores sociais “podem ser conscientes de seu ponto de vista sobre o social, mas não das condições semânticas (regras e categorias de codificação) que torna, possíveis tais pontos de vista.”³²

A produção de signos, portanto, faz parte da vida social e torna-se representativo de algo a ser dito quando, ao ser representado num objeto, passa a ter significado para quem o interpreta. Ou seja, a significação é resultado de uma relação triádica em que o intérprete assume papel de mediador da tradução de um signo em outro signo. Segundo Charles Peirce, o fundador do pragmatismo e da semiótica, há três tipos de signos: o ícone, o índice (index) e o símbolo. O ícone tenderia à representação por semelhança; o índice indicaria a representação de um objeto que está ausente, mas que significa o representado para quem o interpreta; o símbolo seria o signo que é convencionalmente associado ao objeto que representa³³. Diante da massificação de símbolos, impostos pelos meios de difusão no início do século XX, em virtude, principalmente do advento da Primeira Guerra Mundial, o destinatário torna-se alvo amorfo que atenderia “cegamente ao esquema estímulo-resposta”³⁴. A possibilidade de disponibilizar símbolos interpretáveis através de meios que atinjam um número cada vez maior de pessoas é o que se costuma denominar de produção de uma cultura de massa.

Este é um ponto importante para se discutir no caso de um movimento conservador, de direita³⁵, com características fascistas, como o integralismo: a condição semântica está profundamente comprometida na construção de memórias e em que a cultura de massa tem papel importante na sua constituição e divulgação dessas memórias. A consciência da intenção é necessária nessa constituição, ao mesmo tempo em que, como movimento de características autoritárias, limitar parâmetros de significação também é importante. Para percebemos a constituição dessas limitações, é preciso entendê-las no contexto do modo

³³ MATTELART, *op. cit.*

³⁴ *idem, ibidem*, p. 37.

³⁵ Quanto à definição do termo *direita*, Leandro Konder assinala que a ideologia da direita representa necessariamente a existência de “forças sociais empenhadas em conservar privilégios, isto é, em conservar um determinado sistema sócio-econômico que garante o estatuto de propriedade de que tais forças são beneficiárias.” Em KONDER, Leandro. *Introdução ao Fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1991, pp.5-6.

de operar as significações no fascismo em suas características mais exemplares. Entre as definições clássicas de fascismo, encontramos a seguintes características, como as colocadas no *Dicionário de Política* dirigido por Norberto Bobbio: sistema de dominação autoritário que se caracteriza, fundamentalmente, pela existência de um partido único de massa, fundado numa ideologia de culto ao Chefe, que monopolizaria a representação política. Desprezando os valores individualistas do liberalismo, o fascismo defenderia um ideal de colaboração de classes, impondo o sistema corporativo, opondo-se também ao socialismo e ao comunismo.

A mobilização das massas e seu enquadramento numa socialização planificada, com o uso de aparelhos de propaganda, com controle de informações e meios de comunicação também caracterizam a forma utilizada pelo fascismo para exercer o controle sobre a população que seria atingida, como coletividade, no seu projeto de exaltação do nacional. Neste sentido, o fascismo também defenderia a expansão imperialista com o objetivo de sobrepor às potências plutocratas, as nações mais pobres. Segundo Bobbio e colaboradores, o dirigismo estatal não eliminaria a economia privada, sendo que, a proposta fascista teria como prioridade a integração das estruturas sob controle do partido ou do Estado. Assim, de acordo com uma lógica totalitária, estariam integradas neste Estado fascista, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais.

E, a essa análise sobre as condições de implantação de um movimento ou Estado fascista, adiciona-se a análise reichiniana em *A psicologia de massa do fascismo*³⁶. Reich não entendia o fascismo somente como o produto das condições políticas e/ou econômicas de nações ou grupos. Reich, apoiando-se em Freud, o entendeu como expressão de uma estrutura inconsciente que contém em si, sob o domínio dos instintos impostos pela civilização ocidental, a insatisfação sexual das massas. Esta estrutura, a partir do indivíduo, se estenderia à coletividade

Para autores marxistas como Bauer³⁷, Gramsci³⁸ e Konder³⁹, o fascismo só pode ser entendido na ótica da expansão imperialista, como fase a ser superada pela revolução proletária após a tomada de consciência das múltiplas formas de exploração capitalista. O

³⁶ REICH, Wilhelm. *A Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

³⁷ BAUER, Otto. *O fascismo* In RODRIGUES, Antônio Edmilson M. (org.) *Fascismo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 (p. 67 – p. 87).

³⁸ GRAMSCI, Antonio. *Sobre el fascismo*. México: Era, 1979.

³⁹ KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

fascismo, portanto, não exclui a sociedade de classes, objetiva o controle da classe trabalhadora pela ação de um Estado congregador do trabalho ao incorporar os sindicatos em seu âmbito.

De forma antagônica, Arendt vê, em sua análise do totalitarismo, as práticas fascistas no imperialismo como o “aburguesamento” da massa. Pela atomização do homem, suprimida a individualidade, a massa seria incorporada ao Estado no totalitarismo. Ao mesmo tempo que fala em aburguesamento, o que pressupõe a hegemonia da classe burguesa, Arendt considera o totalitarismo, tanto fascista como stalinista, a tentativa de aniquilação das classes. Considerando tanto o fascismo como o stalinismo formas totalitárias, a filósofa alemã, entende-o principalmente como sistema violento de submissão das massas. Através da exclusão se constrói a referência da identidade. Ou seja, a identidade se constrói pela exclusão, ou aniquilação dos que não são reconhecidos como pertencentes ao grupo, ou povo “escolhido”.

Há também o aspecto do romantismo contido no fascismo, como apontaram Löwy e Sayre. Os autores demonstram essa condição a partir da recusa ao capitalismo que se “mescla a uma condenação violenta da democracia parlamentar, assim como do comunismo.”⁴⁰ Outra característica desse romantismo fascista é o aspecto anti-semita desse anticapitalismo e a “glorificação do irracional no estado puro, do instinto bruto em suas formas mais agressivas”.⁴¹ Como também é colocado, há no ideário fascista a sugestão de que, diante do perigo e da tragédia que traz a história, “o homem irá atingir proximoamente seu estágio superior”.⁴²

Ainda sobre a definição de fascismo, Francisco Carlos Teixeira da Silva⁴³ analisa-o a partir da percepção de que os movimentos fascistas contêm elementos que advém de diversos regimes que dão a tônica ao fenômeno, que apresenta certas características como: o antiliberalismo, o antidemocratismo, o antisocialismo. Considerando o fascismo como grande unidade de análise que contém configurações políticas de traços diversos, com forte coerência interna, Silva distingue o fascismo de outros regimes de direita indicando a

⁴⁰ LÖWY & SAYRE, *op. cit.*, p. 105.

⁴¹ *idem, ibidem*, p. 105.

⁴² *ibidem*, p.106.

⁴³ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da . Os Fascismos. In REIS FILHO, Aarão; FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste (orgs.) *O século XX – o tempo das crises, vol.2: Revoluções, fascismos e guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 109-164. A análise pormenorizada da permanência ideológica do fascismo será analisada adiante, na 2ª parte do capítulo.

sua continuidade para além das perspectivas históricas que o geraram inicialmente e que tem como objeto central de ação a rejeição à alteridade social e individual.

A condição da exclusão, no ideário fascista, é sua tônica. A incorporação dos iguais e a exclusão dos que não pertencem ao grupo. Até a história se particulariza, até a memória é definida pelo grupo. As outras construções seriam inexatas, fatalmente errôneas. E esta perspectiva encontramos no exercício do trabalho de resgate das memórias. O pedido para que fossem respeitadas as memórias que foram lembradas e, mais que isso, que fossem trazidas à História como a única verdade.

E, a partir de todas essas condições, que são observadas pelos historiadores e cientistas sociais, é que se constrói o conceito de fascismo que, antes de ser uma interpretação a partir de uma posição ideológica, é a constatação do factual, que pode ser definido, ou conceituado, pelo uso das palavras que nomeiam o mundo, que apontam, para os outros, as interpretações dos analistas. E nesta perspectiva assim também entendemos o movimento como tal. Assim sendo, considero que a AIB se enquadraria nessas características do fenômeno fascista, ainda que, no entender da memória integralista que se quer construir, a militância lhe dê outra definição.

Embora não tenha alçado à esfera hegemônica da sociedade política, o integralismo, como movimento de massa com as características descritas acima, ao se propor chegar à direção do Estado, pretendia para si a construção de uma memória que valorizasse seu projeto de história. Neste, as concepções de nacionalidade e de povo brasileiro, delineadas anteriormente por um conjunto de autores conservadores e autoritários, seriam utilizadas para compor a proposta nacionalista da AIB. Como indica Márcia Motta em seu estudo sobre a Lei de Terras, implantada em meados do século XIX, critérios para projetos de nação incluem necessariamente a relação entre uma entidade social e a delimitação de um território. Critérios reduzidos à língua, à pretensa cultura homogênea e simplesmente à apropriação geofísica de um território tendem à ambigüidade e às mutações⁴⁴. Projetos autoritários de nação, para imporem-se, utilizam parâmetros de conceituação que visem sobrepor um ideal de homogeneidade com objetivos de compor a ordenação do que se considera nacional. A doutrina integralista defende como idéia de

⁴⁴ MOTTA, Márcia. *Terra, Nação e Tradições Inventadas (Uma outra abordagem sobre a Lei de Terras de 1850)* IN MOTTA, Márcia & MENDONÇA, Sônia (orgs). *Nação e poder: as dimensões da História*. Niterói: EDUFF, 1998, pp. 81 – 92.

nação brasileira, a ocupação territorial relacionada à composição “racial” que estaria impregnada de valores que comumente, no início do século XX, eram entendidos como característicos da raça e do modo de ser do brasileiro, entre estes o espiritualismo.

Desde fins do século XIX, era usual, entre os que analisavam a composição étnica da população brasileira, atribuir qualidades às “raças”, de acordo com sua origem e culturas. O mito das três raças aguçava os debates sobre a capacidade do que se considerava a massa miscigenada brasileira, formada da mesclagem do índio, do branco e do negro, em transformar-se em povo. Estas discussões influenciavam os projetos de “nação brasileira”, não somente dos intelectuais da direita, como também da esquerda. A definição das características do povo brasileiro era necessária à construção da intenção do discurso a ser formulado de modo garantir a adesão aos projetos de cada setor da sociedade com vista a alcançar a hegemonia. Deste modo, fazia-se necessária a “montagem” de uma memória retórica, visando à construção de uma identidade brasileira, destinada ao povo idealizado, dirigida a uma nação idealizada, uma comunidade imaginada. Entendendo nação como comunidade imaginada, Benedict Anderson⁴⁵ a interpreta como uma comunidade política imaginada, inerentemente limitada e soberana. Seria imaginada porque a sociedade que dela faz parte vive uma imagem de comunhão. Desta forma, há uma auto-abstração do nacionalismo e as pessoas se reconhecem como comunidade. A construção da nação e do nacionalismo envolve práticas sociais concretas, levando em consideração que são sujeitos históricos que produzem e reproduzem a comunidade imaginada. São criações, como escreveu Anderson, e devem ser reconhecidas pelo estilo em que são imaginadas. Assim sendo, a construção da memória nacional é também a sua definição enquanto comunidade, o que, segundo o historiador britânico, é concebida como fraternidade, pela indistinção da exploração e da desigualdade. Mas isso não significa que não haja, por parte dos setores hegemônicos, um projeto de memória nacional que não se imponha sobre os demais.

Os projetos de nação delineavam-se, portanto, sobre uma perspectiva compartilhada por parte da população brasileira. Nos primeiros tempos da república, pensava-se na urgência da organização do país principalmente sob uma ordem autoritária capaz de dar ao Brasil a feição de nação diante do restante do mundo. Esses projetos

⁴⁵ ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

contrapunham-se aos mecanismos de controle do poder impostos pelas oligarquias que mantinham o controle do Estado, com os mandonismos locais, partidarizados, que repercutiam sobre o nacional. Para os integralistas era preciso incorporar a massa ao projeto de nação para se contrapor ao que consideravam a “desordem liberal” provocada pelos regionalismos e disputas de interesses privados. Para o Chefe da AIB, Plínio Salgado, era ao “homem comum” que se destinava o discurso integralista. Em seu romance “O Estrangeiro”, de 1926, criara o personagem que sintetizaria o homem brasileiro: o “Zé Candinho”. Mistura de índio e português, Zé Candinho representava o bugre destemido que avançava sem medo pelo sertão em busca de seu destino. A incorporação do elemento negro também é colocada como natural e positiva na composição da chamada “raça” brasileira. Mas, como analisa Natália Cruz⁴⁶, a incorporação do índio e do negro não significa a igualdade de “colaboração” nas caracterizações que os integralistas consideravam as ideais das “virtudes morais” brasileiras. A autora demonstra que esta incorporação representa a submissão indígena e negra ao branco português colonizador. Embora o elemento português fosse considerado o básico na tríade racial que sustentaria as características nacionais, isso não quer dizer que imigrante italiano, alemão ou espanhol não fosse incorporados no discurso integralista. Pelo contrário, presença maciça de imigrantes, assim como de seus descendentes marcou outra característica do discurso fascista no integralismo: a capacidade de vulnerabilidade e adaptação ao meio ao qual se destinava a construção do texto escrito, oral, simbólico⁴⁷. Assim, a memória se construía na definição de seu destinatário, projetado como suporte e fim de uma história idealizada de uma nação ideal, ordenada, íntegra e, basicamente, católica.

⁴⁶ CRUZ, Natália dos Reis. *O integralismo e a questão racial. A intolerância como princípio*. Niterói: UFF - Tese de Doutorado, 2004 (mimeo).

⁴⁷ Vários autores pesquisam as formas de relação entre nazismo e fascismo italiano com o integralismo. Entre eles: CRUZ, Natália, *op. cit.* Desde sua dissertação de Mestrado: *Negando a História. A Editora Revisão e o Neonazismo*. Niterói: UFF, 1997, a autora vem analisando as formas de organização autoritárias no Brasil, privilegiando o estudo do nazismo e integralismo. BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. Bertonha vem incansavelmente, desde sua dissertação de Mestrado, publicada em 1999 com o título: *Sob a sombra de Mussolini – os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945*. São Paulo: FAPESP / Annablume, se empenhando em discutir o antifascismo, o fascismo no Brasil e a sua relação com o integralismo. Publicou várias obras e artigos sobre o tema. DIETRICH, Ana. *Caça às Suásticas - O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da polícia política*. São Paulo: USP, 2001. Dietrich, em sua pesquisa sobre o *Nazismo Tropical*, trabalha mais especificamente a formas de contribuições mútuas entre nazismo e integralismo.

As “tradições inventadas” no processo de transição de república necessitavam incluir a noção de povo brasileiro, assim como “estabelecer continuidade com um passado apropriado”, e para isso, incluir nessa e para manter a continuidade, “práticas de natureza ritual ou simbólica” que visem “inculcar valores e comportamentos através da repetição”, como escreveu Hobsbawm⁴⁸. Regras e práticas reguladas também são necessárias para a manutenção de uma tradição, que é própria preservação de uma memória, construída e selecionada para permanecer na história. Desta forma, os integralistas buscaram manter por gerações uma linha definida e uma memória preservada. Para isto o movimento conta com seus “guardiões”⁴⁹. Estes são reconhecidos entre a velha militância dos anos 1930 que, aos poucos vai desaparecendo, entre os militantes do Partido de Representação Popular, das décadas de 1940 a 1960 e entre os que atualmente procuram na doutrina integralista, parâmetros para a construção, ou o que consideram re-construção da tradição nacional. O ponto de apoio nesta reconstrução e/ou manutenção é fundamentalmente a doutrina que, idealizada para a fundação do projeto integralista, permanece como base e âncora do movimento. Para preservá-la, os “guardiões da doutrina” podem, além da memória pessoal, contar com arquivos e centros de documentação, tantos interno como externo ao movimento. O controle da memória pelos que se consideram integralistas é mantido de perto. Nenhuma publicação, depoimento, alusões acadêmicas, jornalísticas ou de ficção escapam aos atentos herdeiros do Sigma. Os integralistas mantêm-se atentos a qualquer possibilidade de interpretação que considerem “errada” sobre o movimento. Geralmente, as análises acadêmicas que interpretam o movimento como fascista são consideradas equivocadas sob ponto de vista dos adeptos da doutrina. Para contraporem-se a esta interpretação, os integralistas defendem que o referencial mais importante do movimento é o que privilegia a espiritualidade cristã como objetivo maior na construção do Estado Integral.

Esta questão tem sido colocada desde os primórdios do movimento quando os principais ideólogos da AIB, Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso, ao definirem as bases da doutrina, defendem a questão do espiritualismo como fator de diferenciação do

⁴⁸ HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

⁴⁹ GOMES, Ângela de Castro. Guardiã da memória. *Revista do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1/2, p. 17-30, 1996.

fascismo. Sem, no entanto, no seu início, contrapor-se radicalmente aos regimes fascistas europeus, a espiritualidade cristã, fundamentalmente católica, serve para especificar também a referência da nacionalidade brasileira. busca esta diferenciação, esta se torna exemplar para a demonstrar a relação de proximidade com os movimentos totalitários da Europa. Ao procurarem garantir uma identidade nacional idealizada e sua especificidade, embasados na doutrina, defendem um governo que integre as características definidoras do que consideram tipicamente brasileiro, numa síntese totalitária, o que significa a defesa de referenciais nacionais, exemplar nos fascismos. Portanto os parâmetros definidores da memória do movimento são avaliados pelos integralistas. E assim, memória e história disputam entre si as mais variadas interpretações. Cabe ainda ressaltar a diversidade de interpretações da memória e da história do movimento entre integralistas. Estas atravessam as gerações e diversificam-se internamente no movimento mesmo nas mesmas conjunturas. Deve-se falar, portanto, de memórias que servem de defesa e ataque (espada e escudo) nos variados contextos em que a crença nos ideais da doutrina é colocada em xeque e/ou são resgatados para embasar projetos de construção do sonhado Estado Integralista.

III. Os embates entre a construção da memória e a produção de uma história integralista

Para os que ainda se consideram integralistas, a necessidade de persistência da construção de uma memória do movimento esbarra na narrativa de uma história que exclui elementos que lhe são significativos. Para os defensores da “doutrina do sigma”, a relação da AIB com os movimentos fascistas europeus teria tornado-a de pequena relevância e de pouca influência na vida nacional. Desta forma, o movimento integralista teria sido relegado a pequenos parágrafos nos livros escolares, com o intuito de servir à exemplificação da forma mnemônica de como os brasileiros reproduziram as características fascistas. A tentativa de construção e perenização de uma memória integralista por parte de seus defensores torna-se a busca em questionar esse “esquecimento” reproduzido que, através de gerações, desde a fundação da AIB em 1932, chega ao conhecimento dos brasileiros.

Esse “esquecimento”, ou submissão, dos eventos integralistas a uma História oficial, ou linguagem hegemônica, foi analisado por Rogério Lustosa Victor⁵⁰ que constata uma intenção para o esquecimento que coloca o integralismo à margem a história dos vencidos e não desejados. Para o autor, o esquecimento intencional do integralismo teria sido arquitetado já no momento da derrocada da AIB, após a tentativa de golpe integralista em 11 de maio de 1938. Imprensa e Governo Vargas teriam a intenção de afastar as identificações do Estado Novo com o integralismo. A chacota e o descrédito ao movimento seriam as formas usadas para que o integralismo passasse a ser identificado, simplesmente, como cópia satírica do fascismo europeu. Mas, como o próprio Victor observa, não há como esquecer as permanências das reminiscências se há continuidade e tentativas de recuperação de uma memória integralista, ainda que para ele, “lugares de memória” estejam quase ausentes nesse resgate, (no trabalho de buscar em algum lugar do tempo, as lembranças, como entendeu Bergson). Contrapondo-se a Nora, utilizando Seixas⁵¹, Victor reflete que a existência de lugares de memória indica, não a sua morte, mas sim a sua permanência, porque a própria memória ainda habita os que dela se fazem valer.

Cabe ressaltar que, como movimento de corte autoritário de direita, tipicamente conservador e antidemocrático, certos elementos característicos do integralismo foram absorvidos e/ou eram comuns à proposta da ditadura Vargas. Ainda que se tente realizar o esquecimento, como vê Victor, pela anulação do integralismo na história hegemônica, as suas características de excludência e de visão hierárquica de Estado estão presentes e vivas na estruturação da sociedade civil e política, nos termos que pensou Antonio Gramsci, visto que os setores sociais representados comungam de interesses comuns.

Na tentativa de compreender a constituição da memória do movimento que pretende tornar a sua história particular universal, busco elementos na forma que Gramsci vivenciou a implantação do fascismo na Itália⁵². Em toda sua trajetória como articulista de

⁵⁰ VICTOR, Rogério Lustosa. *O Integralismo nas Águas do Lete – História, Memória e Esquecimento*. Goiânia: Ed. Da UCG, 2005.

⁵¹ SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs). *Memória e (res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001. *apud* VICTOR, *op. cit.*

⁵² Como meu referencial maior é a perspectiva analítica de Antonio Gramsci, quase toda a sua obra, incluindo os *Cadernos do Cárcere*, as *Cartas do Cárcere* e artigos de jornais como: *Avanti!*; *Stato Operaio*; *L'Ordine Nuovo*; *L'Unità*, *La Correspondance Internationale*; *La Voce della Gioventù* entre 1916 e 1928

jornais do movimento operário comunista e na prisão, sob o governo de Mussolini, o filósofo turinense procurou estudar a relação entre cultura popular e sua incorporação no projeto fascista. A partir da análise da produção intelectual fascista e do processo de reorganização sócio-política italiana, desde o *Risorgimento*, Gramsci traça a história de consolidação do modelo capitalista do norte da Itália que submete o sul do país e a população camponesa ao seu projeto hegemônico. A chamada questão meridional, para Gramsci teria contribuído para a ascensão do fascismo italiano.

Este é o enfoque que procuro seguir: estabelecer relações entre cultura e produção intelectual no processo de constituição da memória integralista. Porque percebo, em toda essa produção da memória do movimento, a necessidade dos que a defendem em estabelecer relações de comparação entre o que é produzido fora e dentro do integralismo. Desde Rousseau, considerado por Plínio Salgado como principal mentor de uma visão materialista e socialista do mundo (para ele portadoras das mesmas mazelas destruidoras da moralidade cristã), até as publicações sobre globalização e “new age” são discutidas pelos integralistas. A produção desta memória, oral e escrita, que vai sendo construída, através das gerações, refinadas contextualmente pelas intercessões sócio-culturais, está sempre entre a espada e o escudo: tentando se consolidar numa luta pela sua afirmação e reconhecimento. Por isso, os depoentes que entrevistei, jamais me negaram falar.

Buscando apoiar-me no próprio processo de construção da memória do integralismo pelos seus defensores, também me utilizo das contribuições de Mikhail Bakhtin quanto ao que se refere à constatação de que o “eu” se constrói em colaboração com o “outro” e que “o pensamento não existe fora de sua expressão potencial e, por consequência, fora da orientação social desta expressão e do próprio pensamento.”⁵³ Neste caso, o fator potencial⁵⁴ é a inserção dos indivíduos em classes sociais que dialogam entre si, compondo, em meio a conflitos e disputas, uma forma de discurso hegemônico que, se não se excluem, mas se incorporam. Segundo Bakhtin, o setor dominante constrói sua

serão utilizados como apoio à análise do movimento integralista brasileiro. Entre 1926 e 1937 Gramsci se encontraria na prisão, de onde passaria a escrever sobre o processo histórico que estava levando a Itália ao fascismo. Estas reflexões encontram-se nos *Cadernos* e nas *Cartas do Cárcere*.

⁵³ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC/Annablume, 2002, p. 17.

⁵⁴ No sentido filosófico, potência significa a possibilidade ou a faculdade de existência de uma situação ou forma em outra que lhe é anterior. A dialética hegel-marxista parte desse princípio de pré-existência de uma situação anterior à outra que será gerada como forma de superação no processo histórico.

interpretação do que extrai da cultura popular, no diálogo constante e conflitivo da luta de classes, e impõe sua percepção de mundo sobre o restante da sociedade.⁵⁵

Assim sendo, tanto Gramsci como Bakhtin, percebem como motor propulsor da história a luta de classes, o que inclui também aspectos culturais produzidos e apropriados, nos conflitos perenemente presentes na vida em sociedade, na relação inter-classes. É importante assinalar que, numa sociedade complexa, na qual os indivíduos, para se relacionarem assumem determinadas posições, de acordo com lugares sociais pelos quais circulam, preocupo-me, também nesta pesquisa, em assinalar os campos de possibilidades pelos quais a militância trafega, assumindo posturas que preservam atitudes coerentes com seus projetos de vida militante. Assim sendo, as noções de projeto e campo de possibilidades podem contribuir para se tratar, principalmente no caso da atual militância, as múltiplas inserções sociais da juventude que hoje defende a “bandeira do sigma”.

Ainda, para integrar o bloco de análise da composição social do movimento integralista ao longo de sete décadas, trabalharei com os conceitos de intelectual orgânico e tradicional de Gramsci que se interessava com a inserção do dirigente político em projetos de classe.

A referência à análise gramsciniana, portanto, torna-se fundamental neste trabalho na medida em que se procura relacionar à memória e à história a construção ideológica de setores sociais com vistas a conquista hegemônica. Para o pensador italiano, o conceito de Estado englobaria as disputas inter-classes, que estariam presentes na sociedade civil, em forma de organizações, ou instituições, representando seus interesses e disputando o acesso à sociedade política, na disputa direta pelo governo, propriamente dito. O Estado aqui, visto como Estado ampliado, é entendido como relação na qual, em interação dinâmica, articulam-se a estrutura, a sociedade civil e a sociedade política. O Estado é espaço de disputa da luta de classes, que pressupõe em sua gênese coerção e consenso, *dominação e hegemonia*. Em sua luta pela conquista da hegemonia, o movimento integralista organizou-se enquanto sociedade civil, desempenhando o papel de defensora de segmentos médios urbanos e rurais. A AIB propunha-se, ao organizar-se em núcleos em várias cidades brasileiras, empreender o que denominou Gramsci de “guerra de posição”,

⁵⁵ Se aqui vale uma referência dos estudos de Bakhtin, temos a do carnaval. Bakhtin analisou as práticas carnavalescas do medievo, a partir da obra de Rabelais e constata que, ao logo dos tempos o caráter público do carnaval, com a ascensão da hegemonia burguesa, vai adquirir caráter privado.

articulando-se para cada vez mais conseguir maior adesão aos seus propósitos de conquista da sociedade política. Como partido político, a AIB penetra no âmbito da sociedade política e, em “guerra de movimento”⁵⁶ disputa lugares na direção do Estado, procurando impor-se como força hegemônica. Para o entendimento do processo de tentativa de conquista da hegemonia, Gramsci atenta pela necessidade de incorporação da dimensão cultural na análise, como parte do “bloco histórico”, “o conjunto complexo, contraditório e discordante das superestruturas” que é o “reflexo do conjunto das relações sociais de produção. E daí se deduz que só um sistema de ideologias totalizador reflete racionalmente a contradição da estrutura e representa a existência das condições objetivas para inversão da praxis”⁵⁷.

Percebendo a cultura no nível do senso comum, que nos seus diversos níveis “unifica uma maior ou menor quantidade de indivíduos em extratos numerosos, mais ou menos expressivo, que se entendem entre si em níveis diversos”,⁵⁸ o intelectual percebe que o “momento da cultura” integra a organização de grupos ou idéias no processo de disputa pela hegemonia. Para Gramsci, o papel dos intelectuais é o de representar os interesses de sua classe e contribuir, como filósofos, para a superação do senso comum e para elevar a “níveis superiores de cultura” e ampliar “simultaneamente a sua área de influência, com pontas individuais ou mesmo grupos mais ou menos importantes”. Neste sentido, na medida em que representam seus grupos e os integram, como intelectuais orgânicos, estes os organizam em aparelhos privados de hegemonia (na sociedade civil) ou em partidos, como parte da sociedade política, para alcançarem o domínio do Estado⁵⁹. Para isto se utilizam do mecanismo de apropriação dos “momentos da cultura”, que integram a linguagem na construção das memórias coletivas, que são elaboradas na

⁵⁶ Guerra de posição: ou guerra de trincheiras, na arte política constitui o momento do assédio das massas e de outras frações de classe com vistas a um projeto hegemônico. Guerra de movimento é o momento em que a AIB, já presente na sociedade política, como partido, estaria mais organizada para lutar de maneira mais efetiva pelo controle da sociedade política. Ao exemplificar o significado de guerra de posição, guerra de movimento e guerra subterrânea, Gramsci escreve: “A resistência pacífica de Gandhi é uma guerra de posição, que em determinados momentos se transforma em guerra de movimento e, em outros, em guerra subterrânea: o boicote é guerra de posição, as greves são guerras de movimento, a preparação clandestina de armas e elementos combativos de assalto é guerra subterrânea.” (GRAMSCI, *Cadernos do Cárcere*, vol. 3, p.124).

⁵⁷ GRAMSCI, Antonio. *Introdução à Filosofia da Praxis*. Lisboa: Antídoto, 1978, p.71.

⁵⁸ *idem, ibidem*, p. 47.

⁵⁹ GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*, 6 vol. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

superação do senso comum, como história. Além de organizadores, os intelectuais são produtores da memória, transmutada em história, e aceitos pelo grupo que integram como seus representantes. Os conceitos e teorias que deram a Gramsci a possibilidade de refletir sobre o fascismo italiano também contribuem para esta reflexão, principalmente sua contribuição à análise política que inclui as perspectivas das culturas nacionais e o papel dos intelectuais na direção do movimento.

A análise dos elementos filosóficos e culturais que estão presentes na doutrina é essencial neste trabalho. Estes elementos encontram-se expressos também nos discursos orais dos que se consideram integralistas. Os depoimentos gravados de algumas destas pessoas atestam a introjeção de visões de mundo e posturas sociais e políticas que estão delineadas na doutrina como afirmativas de posição diante da vida. Assim sendo, a base deste estudo sobre a construção de uma memória integralista pretende estar respaldada na demonstração de que as produções intelectuais, aliadas a aspectos culturais, deram ao movimento integralista, aspectos de coerência que foram responsáveis pela solidificação e permanência das idéias e utopias integralistas até os dias de hoje.

Analisadas através das contribuições teóricas e metodológicas de Gramsci, a história do movimento se integra à história nacional e mundial que desde fins do século XIX, iriam sendo afetadas pelas transformações radicais das relações econômicas e sociais. Neste momento, o avanço impactante do capitalismo, que trouxera à tona as contradições do sistema, impulsionava setores hegemônicos a desenvolverem respostas às questões sociais de forma a conhecer e controlar a chegada ao palco das reivindicações políticas a classe trabalhadora. Como percebe Hobsbawm em busca de sua própria memória, o período entre o último quartel do século XIX e as primeiras décadas do século XX representou, em termos de história e pensamento, influências significativas no mundo contemporâneo. Entre a “Era das Revoluções”, da ascensão da ideologia do liberalismo à nova era iniciada, segundo Hobsbawm, após 1991, com o desmoronamento de utopias sob o impacto da vitória liberal, o mundo se depararia com re-organizações de visões de mundo e em que as múltiplas possibilidades de respostas sempre geram novas questões.

Na perspectiva bakhtiniana, com apoio de sua interpretação por Ginzburg⁶⁰, a proposta deste trabalho é estudar o pensamento integralista, ao longo do período estudado, tanto do ponto de vista doutrinário como do das interpretações da militância e suas reinterpretações, afetadas pelo contexto e pelas condições de classe. As linguagens escrita e simbólica produzem e são produzidas pela memória histórica e cultural, que se auto-referem e não podem ser vistas fora de seus contextos de produção. Deste modo, são produções ideológicas, ou seja, de signos, como pode também ser demonstrado pelos estudos de Mikhail Bakhtin. O signo ideológico, conforme afirma o linguísta russo “não é apenas um reflexo, uma obra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade”⁶¹. Entendendo a produção das memórias do movimento integralista brasileiro como linguagem, este trabalho busca relacioná-la às condições de produção de idéias no contexto de um período de crise de hegemonia pelo qual passava o Estado brasileiro nos anos 1930 em relação com a conjuntura histórica de ascensão dos fascismos na Europa. Assimilando e reinterpretando idéias, incluindo cultura e construindo memórias, ideólogos e militância produziram o modo de pensar integralista. Ao se restringir, delimitar, sob os parâmetros da doutrina uma forma de ser: uma identidade integralista. Ginzburg toma e usa de Bakhtin a noção de circularidade em que se constata a inter-dialogização entre visões de mundo produzidas em esferas diferentes da sociedade de classes. Ideologias que *a priori* se antagonizam nas esferas de luta de classes, na verdade incorporam-se mutuamente de elementos contrários buscando a aceitação do diverso na busca pela conquista da hegemonia. Assim sendo, a cultura dita popular contém cultura dominante e vice-versa, ainda que pesem as filtrações determinadas pelas posições e interesses de classe. No caso do integralismo, é importante refletir sobre as multiplicidades de interpretações da doutrina pela militância de base ao longo da trajetória do movimento. Ainda que o interesse da constituição doutrinária fosse justamente o contrário, o de manter, sob um único ideal o controle da estrutura organizacional hierárquica, sob domínio do Chefe.

⁶⁰ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes – O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁶¹ BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem – Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: HUCITEC / Annablume, 2002, p. 33.

E, ainda no âmbito da disputa pelo “verdadeiro” conhecimento da doutrina, a constituição ideológica da organização pretendia demonstrar uma rígida separação entre o poder central do movimento e sua militância, ao mesmo tempo em que forjava sua integração orgânica. Com base numa idéia de ordenamento ideológico/cultural a AIB propunha a eliminação das possibilidades de interpretações divergentes, tentando representar, por acumulação, todas as idéias numa síntese inquestionavelmente definitiva que incorporasse o conjunto das produções ideológico-filosóficas da humanidade (ocidental e cristã) com o espiritualismo (também ocidental e cristão).

Assim, é preciso ter em vista que o pensamento integralista, como fascista, incorpora elementos pragmáticos no seu desenvolvimento, mas há, sub-repticiamente argumentos filosófico-ideológicos que atraem adesões daqueles que comungam consciente ou inconscientemente a busca pela ordenação do mundo, o fim dos conflitos, a síntese totalitária. A História Oral, como metodologia, contribui decisivamente na construção desta análise que pretende considerar as visões de mundo conservadoras e autoritárias arraigadas na sociedade brasileira contemporânea, nem sempre levadas em consideração diante da produção de “pontos de vista” da academia ou das ideologias hegemônicas. Esta reflexão deve acompanhar o percurso dos ideais integralistas na história, resgatados em novos contextos e sob constantes e múltiplas interpretações que procuram construir um sentido honroso e heróico para a memória integralista. De modo consolidar esta perspectiva analítica, entendo que as aparentes rupturas ao longo das gerações que defenderam e defendem a idéias integralistas, servem de parâmetro temporal, mas permanecem unindo elos, signos discursivos, que são mantidos, como tradição, de forma conflituosa, em meio às mudanças contextuais no processo histórico. Os que se julgam integralistas hoje, assim se consideram porque reconhecem nas diretrizes doutrinárias dos anos 1930 necessidades que o sistema capitalista não dá conta, mas também que inexistem num possível sistema comunista, muito pelo contrário. O conflito integralista, de busca pela síntese, é, com certeza impossível de se resolver, pois impossível a definitiva síntese.

Para os defensores das idéias integralistas a busca pela síntese também representa o interesse de tornar unitária a interpretação do movimento, sob o ponto de vista doutrinário. Neste sentido os integralistas dão muita importância ao direcionamento dos enfoques interpretativos sobre a história integralista, tanto o que é lembrado nos discursos orais,

como nos escritos. Sobre a história preservada em documentos e literatura, temos no Brasil, reconhecidamente, dois centros apoiados por Universidades que se dedicam ao estudo do movimento, principalmente dedicados a pesquisas regionais, são estes: o Centro AIB – PRP (PUC- RS), no Museu de Ponta Grossa, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR). Ainda há, na cidade de São Paulo, a Casa Plínio Salgado que conserva um importante acervo sobre o movimento, além de reunir velhos e novos integralistas em encontros periódicos. No Arquivo de Rio Claro pode-se encontrar todo acervo acumulado em vida pelo Chefe Nacional. No Arquivo Estadual do Rio de Janeiro estão guardados panfletos, fotos confiscados pela polícia política que contribuem de forma importante para a pesquisa sobre o integralismo. A cidade de São Bento de Sapucaí, terra natal de Salgado e Miguel Reale, também conta com um importante acervo. Além desses arquivos públicos, ainda existem nas casas dos antigos militantes objetos, jornais, livros e revistas guardadas para servir à memória no trabalho de trazer à tona a lembrança, *souvenir*, como assim entendeu Bergson sobre o processo de lembrar: “memória é trabalho”⁶². Este trabalho de rememorar, mediatizado pelos corpos de velhos integralistas, serve de insumo às memórias construídas pelos novos militantes. São as memórias (controladas) as espadas, para a luta de aceitação e imposição de idéias, e escudos, contra a crítica e contra o esquecimento.

A memória, que se produz em meio às contradições de um movimento que não se sustenta sem uma memória periodicamente reorganizada, também é construída nos encontros das duas formas de se contar a história integralista: a acadêmica e a produzida internamente. A construção da memória integralista passa pela discussão da produção historiográfica sobre o movimento. É como se os integralistas abastecessem suas armas, ou afiassem sua espadas da memória, pelo diálogo que mantém com a leitura das obras acadêmicas publicadas. Destas publicações tiram fôlego para as suas explicações sobre o papel que o integralismo desempenhou na história brasileira. A cada tempo valorizam aspectos que se tornam relevantes na afirmação dos fatos que se julgam verdadeiros. Um exemplo disto é a discussão incansável sobre o evento de 11 de maio de 1938. Os integralistas das três fases não se cansam de reafirmar o que pode se chamar de versão oficial do movimento sobre o evento: a memória integralista que se constrói na

⁶² BERGSON, *apud* BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade - Lembrança de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

interpretação da tentativa de golpe contra o governo Vargas nega a participação direta do Chefe Plínio Salgado nos acontecimentos. Este, devido aos fatos foi preso e obrigado se exilar em Portugal. A partir desse acontecimento, a perseguição aos integralistas acirrou-se, muitos foram presos e grande parte procurou esconder qualquer ligação material ou ideológica com o movimento. O Governo Vargas, desde então, teria iniciado o banimento definitivo da história da sua relação com o integralismo. Integralista.

Para a defesa de uma memória honrosa, os integralistas das gerações analisadas dialogam com a produção jornalística e historiográfica, principalmente as versões de Hélio Silva, David Nasser e Edgar Carone⁶³. Como mostra Gilberto Calil⁶⁴, estas interpretações deram aos integralistas a pecha de covardes. Estas versões são contrastadas com a produção da memória, principalmente a oral, dos que assistiram, ou dos que ouviram e leram os relatos dos velhos militantes que interpretam o que a historiografia chama de “intentona integralista” como marco do desmerecimento histórico do movimento. Por isso, recuperam a data como dia de glória, dia em que a tentativa de barrar a ditadura de Vargas levou à morte nove militantes. Assim, como neste ano de 2006, os integralistas renderam homenagem a estes “mártires” no mausoléu (“lugar de memória”) que guarda seus corpos no Cemitério do Caju, no Rio de Janeiro.⁶⁵

Mas, o maior embate com a história acadêmica acontece no que se refere às interpretações da historiografia da relação do integralismo com o fascismo. A negação desta relação é concomitante com o surgimento do movimento, a partir da defesa de uma base de espiritualidade que o integralismo incorporaria em oposição a uma posição materialista e de negação do homem na sua humanidade e especificidade de que acusam o fascismo. E esta posição é tida como principal argumento contra a definição do integralismo como um movimento fascista. A luta dos integralistas contra esta definição,

⁶³ SILVA, Hélio. *Terrorismo em campo verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. / NASSER, David. *A Revolução dos covardes*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica “O Cruzeiro”, 1947 / CARONE, Edgar. *O Estado Novo: 1937-1945*. São Paulo: DIFEL, 1985.

⁶⁴ CALIL, Gilberto Grassi. *O Integralismo no Pós-Guerra – a formação do PRP (1945 – 1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

⁶⁵ Eis o convite integralista para o evento: nós. / Dia 11 de Maio de 2006, Quinta-Feira: Às 10h – Concentração no Portão principal do Cemitério de São Francisco Xavier (Cajú). / Às 10h15min. – Início da Romaria ao Mausoléu dos Mártires Integralistas. / Às 10h30min. – Junto ao Mausoléu, a chamada do Ritual Integralista. / Compareça e convide outros Companheiros. / Pelo Bem do Brasil! / Anauê! / Ubiratan Pimentel/Presidente/Legião 11 de Maio. E-mail recebido da legiao11demaio@yahoo.com.br”.

como dito, vem desde a década de 1930 e passava às ruas nos combates corpo a corpo contra os antifascistas nas praças e ruas de várias cidades brasileiras. Na literatura, tanto Salgado como Miguel Reale e, principalmente Gustavo Barroso, ao exporem as diferenças, não negavam, de início algumas convergências com os movimentos fascistas europeu. Vários artigos e documentos da década de 1930 podem comprovar essa proximidade. Porém essa negação iria se tornando mais incisiva diante dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial que levaram à derrota os países do Eixo e os ideais de dominação fascistas e nazistas.

Assim sendo, num novo contexto, o da Guerra Fria, o foco priorizado pelos integralistas passou a ser a luta anticomunista e a tentativa de afastar qualquer relação anterior com o fascismo. Durante as décadas de 1940 a 1970, quando o PRP passou a ter representantes Congresso Nacional, inclusive Salgado, os parlamentares que se colocavam em oposição ao integralismo, cobraram desses as explicações de suas relações com o fascismo e com a implantação do Estado Novo.⁶⁶ Quando, em 1970, é publicada a tese do professor Héglio Trindade: *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*⁶⁷, a luta toma força contra esse argumento. O livro de Trindade, até os dias de hoje encabeça o *index* dos livros rejeitados pelos integralistas, como principal divulgador de uma mentira oficializada pela academia.

Embates mais recentes que acirraram este confronto entre a interpretação acadêmica e dos que defendem o integralismo nos aconteceram I e III Encontros dos Grupos de Pesquisadores do Integralismo, dos quais participei. O primeiro encontro foi realizado em Rio Claro, São Paulo, (16 e 17 de outubro de 2002) e foi organizado por estudiosos do movimento, como Renato Dotta, Lídia Possas e Rosa Cavalari, com o apoio do Arquivo Municipal que guarda o acervo pessoal de Plínio Salgado. Este evento contou com a presença de antigos e novos militantes integralistas. A idéia dos organizadores era dar voz à militância para exporem seus argumentos de defesa e contribuir para a compreensão pelos estudiosos das motivações que levaram esses a aderirem ao movimento. Porém, os trabalhos dos estudiosos freqüentemente eram interrompidos por militantes que contestavam suas interpretações.

⁶⁶ Vide “Discursos Parlamentares” de Plínio Salgado. Em vários deles Salgado se põe na defensiva contra os argumentos de Ênio Silveira, Bocaiúva Cunha, entre outros.

⁶⁷ TRINDADE, Héglio. *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*. SP/RJ: DIFEL, 1979.

O caso mais grave foi o embate entre o historiador Fábio Bertonha e o editor e companheiro de Salgado, o Dr. Gumercindo Rocha Dórea. Num depoimento emocionado, Dórea revelou que se constatasse realmente a ligação do integralismo com o fascismo, estaria destruindo sua fé de setenta anos no movimento. O historiador Bertonha, pesquisador em arquivos italianos e alemães, que dispunha de documentação comprobatória de uma relação, inclusive de apoio e comprometimento com o governo de Mussolini e nazista foi acusado de mentiroso pelos assistentes integralistas. Este conflito, que assisti, Bertonha descreve no artigo que publicou no livro produzido pelos organizadores do evento: *Integralistas e pesquisadores do Integralismo: o embate*⁶⁸. Como o próprio autor escreve o artigo preparado por ele para o evento foi modificado diante do impacto de sua apresentação. Coloca o seu esforço honesto de compreender o posicionamento dos integralistas, mas antes de tudo preserva a sua condição de historiador que busca nas fontes a solidez de seu trabalho. Em suas palavras: “o acontecido permitiu algo positivo, ou seja, verificar como História e Memória se processa em comprimentos de ondas diferentes, sendo, portanto, difícil se conciliarem. Proposição verdadeira, talvez de todo período e tema histórico, porém, ainda mais para o tema do Integralismo.”⁶⁹

No terceiro encontro, no ano de 2005, realizado com o apoio da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, o número de integralistas foi pequeno, mas, de certa forma, já se esperava que algumas apresentações fossem consideradas como interpretações errôneas sobre o integralismo pelos militantes. Desta vez, o historiador Gilberto Calil foi o alvo maior das acusações na medida em que seu trabalho, produto de sua pesquisa para a tese de doutorado: “O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965 – Cães de Guarda da Ordem Burguesa”, foi interpretado como distorção do verdadeiro propósito integralista: o de combater o liberalismo e nele, o materialismo, ponto de convergência, para o pensamento integralista entre o comunismo e a ordem burguesa. Assim sendo, para os integralistas, Calil feria de morte um referencial importante da doutrina.

⁶⁸ BERTONHA, João Fábio. *Integralistas e pesquisadores do Integralismo: o embate*. In DOTTA, Renato; POSSAS, Lídia Maria Vianna & CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: novos estudos e reinterpretções*. Rio Claro: Arquivo Público do Município de Rio Claro, 2004

⁶⁹ *idem, ibidem*, p. 157.

Portanto, o fato de escolher esse tema e de acompanhar o seu desenvolvimento, observado sob condições de estabelecimento de relações de proximidade, com a utilização da metodologia da História Oral e do trabalho de campo, me coloca também na região de conflito. O que significa, desta forma, que como os demais pesquisadores do integralismo, estou entre a espada e o escudo. E, como historiadora, escolho meu lado: o da teoria e metodologia acadêmica.

Neste sentido, a memória construída, principalmente de um movimento de características fascistas, impregnada de visões de mundo bem demarcadas pelo conservadorismo e pelo autoritarismo, vai fatalmente assumir aspecto de luta ideológica de defesa de posições políticas que, embora adaptáveis ao contexto histórico, mantém a perspectiva da intolerância às mudanças que incluam a participação democrática. A preocupação deste trabalho é buscar explicações para as formas de defesa que os militantes integralistas fazem de suas memórias ao longo das três gerações em que se tornam as idéias integralistas fatores de união e luta por intervenção significativa na memória/história brasileira.

IV. O trabalho de construção da memória

Ao longo deste capítulo procurei ter em vista desenvolver os referenciais teóricos que possam embasar a análise do principal foco deste trabalho: a construção de uma memória do integralismo a partir de suas interpretações do que deve ser rememorado. Para isto procurarei e como, s que específico, vaipassando por uma resignificação, que únCom o trabalho de que o A memória, portanto é o ponto central deste trabalho.

No trajeto da história do integralismo, que atravessa várias gerações, o papel de seus produtores de memória, como intelectuais orgânicos do movimento, modifica-se a cada etapa, onde o confronto conjuntural leva às novas possibilidades de reorganização de “guerras de posição e de movimento”. A produção da memória/história integralista foi incluindo, ao longo do tempo interpretações refletidas pelas conjunturas coevas ao tempo de lembrar ou rememorar. Como reflete Hobsbawm, a memória da “zona de penumbra”, a que cada um carrega individualmente “constitui em si, uma imagem incoerente e incompletamente percebida do passado, por vezes mais obscura, outras vezes

aparentemente nítida, sempre transmitida por uma mescla de aprendizado e memória de segunda mão moldada pela tradição pública e particular”⁷⁰.

Mas, ainda que essa memória pareça “mapas multicoloridos, cheios de contornos improváveis” e que “monstros e símbolos” sejam ampliados pelos meios de comunicação de massa, isso significa, para Hobsbawm que a “zona de penumbra” ocupa uma posição central nas nossas preocupações. Assim, a memória da penumbra, que permanece na lembrança dos indivíduos, saindo da escuridão pelo ato de rememorar, contribui para o esclarecimento das zonas obscuras presentes nas interpretações nem sempre colocadas “às claras” pela objetividade e pelas fontes oficiais. Não que a relação entre “zona de penumbra” e a objetividade obtida pela racionalidade deva remeter-se à dualidade “mundo das sobras” e “mundo das idéias”.

O que se coloca nos encontros entre fontes subjetivas da memória e a objetividade da ciência história é o diálogo que se constrói nesse encontro. É nesta inter-relação dialética e processual que se superam as teses na continuidade do devir humano. E, neste sentido, a metodologia da História Oral é decisiva. A possibilidade de ouvir os depoimentos gravados impinge a proximidade da sensação e permite ao pesquisador presenciar a paixão, a angústia e mesmo a esperança. Tornam presentes os sujeitos da ação e da recepção dos discursos memoráveis.

A história reconhecida pelo movimento mantém-se na memória nos grupos vivos, da velha militâncias, e é, como memória, fenômeno que se atualiza, capturada pelos depoimentos orais e vai cedendo à história “a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”.⁷¹ Além do corpo do homem ou da mulher que memoriza, estão as condições sócio-econômicas da produção da memória. Esta perspectiva norteia a própria ação de composição do material a ser explorado neste trabalho: a produção dialogizada das principais fontes: as versões daqueles que fizeram parte do movimento. Assim, o uso da metodologia da História Oral nesta análise tem como objetivo ampliar as possibilidades de interpretações sobre o movimento, vindas daqueles que participaram de sua base, a militância. Ao longo de setenta e quatro anos, as idéias integralistas permanecem aquecendo debates e formatando identidades dos que

⁷⁰ HOBBSAWM, *Era dos Impérios – 1875 – 1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 18.

⁷¹ *idem, ibidem*, p. 9.

consideram a doutrina da AIB diretriz para a construção de uma ainda sonhada nação brasileira. Em todos estes anos, não somente arquivos, símbolos, rituais mantiveram-se como “lugares de memória”. Aqueles que Nora chama de “homens-memória”, que podemos chamar de “guardiões” e que deram vida ao pensamento integralista e não o deixaram morrer.

Neste caminho integralista descrito acima, que ganha contornos específicos na passagem de gerações e em suas intercessões, será o foco principal de meu trabalho. Através dos depoimentos, em confronto com a literatura produzida pelo movimento em sete décadas, proponho-me atravessar a história do integralismo, tendo em vista comprovar a minha hipótese principal: a da comprovação da manutenção de permanências que evocam uma moral e visões de mundo que procuram solidificar num *modus vivendi* integralista, toda uma espécie de cultura conservadora que atravessa e que é atravessada pela perspectiva, sempre renovada, da busca de uma sociedade ordenada e hierárquica que possibilite a eternização de uma sonhada utopia de um retorno ao tempo cíclico medieval. Isto seria garantido pela força de uma idéia, a do Estado Integral, que garantiria através da ordem corporativa uma estagnação da dinâmica histórico-social com o controle da luta de classes.

Ao longo destes anos, a maneira de participar, o modo de ser integralista, transmutou-se, integrando novas fórmulas que adequavam a doutrina às necessidades conjunturais. Também, na base, a percepção da ideologia integralista era e é, constantemente reinterpretada pelos seguidores das idéias de Salgado. Na multiplicidade cada vez maior das identidades no mundo contemporâneo, nas interpretações sobre o que é ser integralista cabem os mais diversos projetos, afetados pelas experiências vividas pela militância.

Embora a doutrina integralista tenha tentado produzir uma espécie de identidade nacional da militância, as experiências particulares, as histórias de vida de cada pessoa pesam nas suas formas de conceber a própria necessidade de existência do movimento. Com vistas à análise dos depoimentos e, para o entendimento da recepção da ideologia integralista por parte de milhares de militantes que aderiram à sua proposta, é necessário levar em consideração as formas de integração dos indivíduos na composição social

interna do movimento. Para isto nos utilizaremos de aportes à metodologia da História Oral, como as análises das perspectivas individuais, a partir das histórias de vida. E cada indivíduo, como um ser social, se constrói na história das múltiplas relações sociais em seus contextos de classe e cultura. Na medida em que se diversificam cada vez mais as possibilidades de integração do indivíduo aos mais variados meios sociais, torna-se importante considerar os campos de possibilidade pelos quais atravessam os militantes integralistas na busca de suas definições como indivíduos sociais e políticos.

Através da análise das trajetórias de vida daqueles que militaram e ainda se consideram pertencentes ao movimento integralista, pode-se recompor o processo de construção de uma memória que esses almejam histórica. Nesta análise acompanho os estudos de Gilberto Velho da antropologia de sociedades complexas⁷². O autor percebe que, na medida em que se complexificam as sociedades, multiplicam-se também as redes de contato/confronto das relações sociais. Pelas teias dessas redes os indivíduos atravessam os campos de possibilidades e neles objetivam desenvolver seus próprios projetos de vida. Neste sentido, nos termos utilizados de Alfred Shultz por Velho, *projeto* é entendido como finalidade a ser alcançada pelos indivíduos ou grupos. Os *campos de possibilidades* seriam os espaços sociais nos quais os projetos teriam condições de acontecer. Considerando que a vida dos indivíduos não é linear nem homogênea, o termo *projeto* teria, nesse sentido, multiplicidade e sofreria modificações pela ocorrência das “possibilidades” encontradas.

Indivíduos e grupos têm projetos e se agregam ou são agregados de acordo com condições étnicas, sociais, econômicas, culturais e outras. Para se auto-preservarem, preservam as suas próprias identidades e a identidade do grupo é mecanismo de defesa de si mesmo. Através da utilização do termo *metamorfose*, Gilberto Velho nos adverte sobre a capacidade dos indivíduos circularem em vários *campos de possibilidades*. Nestes, os indivíduos têm papéis sociais, são atores que regulam atitudes e assumem posições que são pertinentes aos grupos nos quais se inserem. O indivíduo, desta forma, também diversifica posturas diante de realidades diferentes. A transição entre os diversos *campos de possibilidades* não tiraria a identidade do ator, mas permitiria o exercício de várias identidades.

⁷² VELHO, Gilberto. Trajeto individual e campo de possibilidades e Memória, Identidade e projeto. in *Projeto e Metamorfose - Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

Portanto, os projetos de vida tornam-se possíveis a partir da construção de parâmetros que demonstrem que existe um campo de possibilidades em que podem ser desenvolvidos. Mesmo que a construção do projeto se dê em meio a conflitos e que acabe em frustração, isto não elimina a força de sua idéia. O projeto, mesmo que se torne frustração do passado, um dia foi projeto para o futuro, sendo pensado, principalmente, como utopia.

A identidade de um indivíduo com seu grupo deriva assim, tanto de sua classe e cultura de classe, quanto da memória coletiva. Nesse sentido, identidade, memória e projeto se articulam nos campos de possibilidades vivenciados. A identidade é construída pelas experiências vividas pelo indivíduo, sendo continuamente trabalhadas pela memória. As experiências acumuladas pelos indivíduos contribuem para suas escolhas de projetos individuais e coletivos e são experimentadas de maneiras distintas, de acordo com a realidade que vivenciam.

Logo, o grupo que adere a uma ideologia política, a reinterpretará de acordo com sua vivência, com o que projeta e de acordo com o *campo de possibilidades* que vislumbra. A questão da adesão a um projeto está relacionada a um processo de construção de identidade onde cabem as experiências vividas que, impregnadas por ideologias, tornam-se experiências percebidas. A lógica construída no acúmulo das reflexões sobre a vivência e a percepção da realidade guardadas na memória cuidaria de interferir nas atitudes que os sujeitos tomam em relação às suas realidades. As experiências de vida, no entanto, não teriam aspecto cumulativo, como se os indivíduos, através de novas experimentações, não pudessem mudar de idéias. Os sujeitos são históricos e, antes de tudo, sujeitos históricos capazes de modificar suas opiniões e de transformar a realidade.

As identidades de grupos, construídas no âmbito da experiência compartilhada em um determinado contexto, resguardadas em suas memórias, são reconstruídas com base numa coerência interna, produzida subjetiva e socialmente. O pesquisador que se utiliza da História Oral deve re-estabelecer as ligações com vistas à re-compor o quadro que o depoente re-formatou em sua memória. A perspectiva dos envolvidos na construção da memória é primordial. O uso das fontes orais possibilita o percorrer da trajetória do integralismo, através de depoimentos da militância de base, que a reconstroem em suas memórias, individuais ou compartilhadas coletivamente, com claro intuito de torná-la

coerente com um discurso contextualmente aceitável, ao mesmo tempo em que fundamentado nas diretrizes doutrinárias. Deste modo, a metodologia oral permite a percepção da perspectiva dos envolvidos na construção da história do integralismo.

O fato de também poder estudar os ritos doutrinários que são reproduzidos nos encontros integralistas facilita o acesso à construção de uma retórica doutrinária reconstruída na atualidade e permite grandes possibilidades de enriquecimento da pesquisa sobre a organização partidária do início do século, visto que, o chamado “novo integralismo” prima por procurar manter as diretrizes que o fundaram. O contato direto com a militância atual, através da observação de campo, me ajuda a compor a análise dos componentes do movimento na atualidade. Manter a proximidade física e conversar com os atuais militantes, vê-los praticando seus rituais de adesão, permite-me construir uma visão respeitosa do outro, salvaguardando a ética e as diferenças de opiniões e de interpretação do mundo, tanto dos pesquisado como desta pesquisadora.

Tendo como principais fontes as orais, esta tese não deve negligenciar as fontes escritas, como a imensa literatura produzida pelo movimento, ao longo de setenta e três anos. Estas se tornam essenciais para reconhecer nos depoimentos as perspectivas doutrinárias da AIB. Além do aspecto que envolve a participação popular no projeto de Estado Integral e suas leituras sobre o integralismo e a produção de uma memória via reinterpretação da doutrina é preciso buscar entender as proposições filosóficas que historicamente orientaram versões de visões de mundo (re)produzidas e divulgadas pelos doutrinadores do movimento.

O caminho integralista descrito acima ganha contornos específicos na passagem de gerações e em suas intercessões. Através dos depoimentos, em confronto com a literatura produzida pelo movimento em sete décadas, proponho-me atravessar a história do integralismo, tendo em vista comprovar a minha hipótese principal: a da comprovação da manutenção, na construção de uma memória integralista, de permanências que evocam uma moral e visões de mundo que procuram solidificar num *modus vivendi* integralista.

Toda uma espécie de cultura conservadora que atravessa e que é atravessada pela perspectiva, sempre renovada, da busca de uma sociedade ordenada e hierárquica que possibilite a eternização de uma sonhada utopia de um retorno ao tempo cíclico de um medievo idealizado. Isto seria garantido pela força de uma idéia, a do Estado Integral, que

garantiria através da ordem corporativa uma estagnação da dinâmica histórico-social com o controle da luta de classes.

2º Capítulo

Entre permanências e mudanças, idéias que o integralismo toma no seu caminho

Ao discutirmos a ascensão do integralismo no Brasil, torna-se necessário observar, previamente, a história das idéias que foram geradas numa época de profundas modificações estruturais, que interferiram de forma irreversível nos modos de ver e viver o porvir universal. Entre os anos 1890 e 1930, as interpretações sobre política, economia, sociedade e dos modos de se escrever a História, estavam à procura de definições. Entre iluminismos e romantismos, escolhia-se entre o progresso de um mundo movido pela tecnologia ou por ideais de retorno aos tempos governados pelo divino e ordenado num coletivo idealizado de uma Idade Média, sem luta de classes. Os referenciais para as mudanças que teriam afetado a história humana desde o cominho do medievo até o século XX estariam no processo da implantação da República Norte-Americana, da Revolução Francesa e Industrial que teriam abalado a aparente passividade das estruturas sócio-econômicas que as antecederam. E, os agentes históricos presentes nos conflitos gerados por essas profundas transformações, entre outros, eram a Igreja Católica, os trabalhadores, a burguesia. Todos em disputa pela consolidação de seus modelos de Estado.

No Brasil a discussão sobre o nacionalismo a ser construído, segundo Alfredo Bosi travava-se numa polaridade semântica: “nossos atrasos versus nações mais adiantadas”⁷³. Para os intelectuais brasileiros, mais que aquisição de idéias, que circulavam, era preciso seguir um modelo visto como estabelecido, e por isso, competente. No entanto, as questões nacionalistas que impregnavam essas escolhas de modelo, pautavam as suas aplicações sob a perspectiva da existência de um referencial nacional que, necessariamente deveria ser observado. No caso do integralismo, que tinha como uma das principais características a defesa do nacionalismo, a adaptação de modelos incluiria uma versão própria do movimento ao que consideravam brasileiro. Mas isso não significaria, no entanto, abandonar as perspectivas de totalidade através das quais poderia pensavam chegar à tão sonhada síntese integral.

O modelo fascista oferecia elementos para se pensar o controle da luta de classes e da implantação do corporativismo que também o pensamento conservador nacional e a

⁷³ BOSI, Alfredo. *A dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 230.

Igreja Católica defendiam. Desta forma, guardando as particularidades do integralismo, era nítida a incorporação das características fascistas na composição doutrinária e organizacional do movimento brasileiro. Cabe então, nos itens abaixo deste capítulo, explicitar as diferenças, a partir da história e da cultura, que afetaram a tentativa de construção de uma utopia que se pretendia realidade e que ainda acalenta sonhos de considerável número de seres humanos.

I. A questão social: entre conflitos, a produção de utopias

“Tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados finalmente a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas.”⁷⁴

“Por toda a parte os espíritos estão apreensivos e numa ansiedade expectante, o que por si só basta para mostrar quantos e quão graves interesses estão em jogo. Esta situação preocupa e põe ao mesmo tempo em exercício o gênio dos doutos, a prudência dos sábios, as deliberações das reuniões populares, a perspicácia dos legisladores e os conselhos dos governantes, e não há, presentemente, outra coisa que impressione com tanta veemência o espírito humano.”⁷⁵

As epígrafes acima nos permitem refletir sobre as preocupações que atingiam parcela da humanidade que, no século XIX, percebia no seu cotidiano as mudanças profundas trazidas pela “era das revoluções”⁷⁶, das transformações que deixariam marcas indeléveis na história da humanidade: o advento da Revolução Francesa e da Revolução

⁷⁴ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista - 1848*. São Paulo: Ched, 1980, p. 12.

⁷⁵ Papa Leão XIII. *Rerum Novarum - Carta Encíclica de Sua Santidade Papa Leão XIII sobre a condição dos operários (15 de maio de 1891)*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 9.

⁷⁶ Na produção historiográfica de Hobsbawm a referência às suas análises da Era das Revoluções, da Era dos Impérios, da Era do Capital e da Era dos Extremos são sempre referência e se auto-referenciam, como continuidade no processo histórico. Aqui, me refiro, especificamente à HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções*.

Industrial. Na frase cunhada no “Manifesto do Partido Comunista”, Marx conclama os trabalhadores a tomarem consciência para o fato de que as transformações provocadas pela ação revolucionária da burguesia alterariam de forma definitiva as condições de produção da vida e de visões de mundo dos homens e conquistaria todo o globo terrestre. Em resposta à questão social posta à resolução pelos setores hegemônicos liberais e ao próprio *Manifesto Comunista*, a Igreja Católica lançaria a Encíclica Papal *Rerum Novarum*. Como apontado no texto acima, a Igreja Romana procuraria refletir sobre a situação preocupante em que se encontravam as classes trabalhadoras, não somente quanto ao seu empobrecimento mediante as relações capitalistas de produção, mas, principalmente, com o objetivo de lançar uma proposta alternativa, antagônica e “abençoada” ante o recrudescimento do interesse dessa classe pelas propostas socialistas.

Por outro lado, a Igreja via na crescente laicização das relações humanas, na individuação atomística do homem, do eu desprovido de nós, imposta no processo civilizador burguês⁷⁷, um empecilho à reordenação do mundo na perspectiva católica da união entre as classes sob o princípio da caridade.⁷⁸ Por sua vez, procurando responder aos clamores, tanto dos setores ditos conservadores, como os que pretendiam mudanças mais radicais, o setor liberal buscava soluções que se suportassem sobre a racionalidade cartesiana e da ordenação do mundo social pela assimilação das leis de Newton.

Havia, de certa forma um sentido escatológico nas percepções de um mundo à beira do caos social. A “espiritualização da política” iniciada, segundo Mannheim⁷⁹ da tentativa revolucionária dos anabatistas alemães liderada por Thomas Münzer no século XVI, dava à tensão social a mentalidade utópica. E, nesta época de busca de definições sobre o devir da humanidade, que implicava sentidos revolucionários, várias formas de mentalidade utópica, a partir das mais variadas correntes ideológicas, estavam sendo colocadas à discussão – idéias para dar, ou superar, a finitude de uma era.

Assim, os acontecimentos na Europa de fins do século XIX e início do XX influenciariam definitivamente as tomadas de posição pela intelectualidade representante das classes proprietárias e trabalhadoras no resto do mundo em direção à construção de

⁷⁷ ELIAS, Nobert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

⁷⁸ *Rerum Novarum*, op. cit, p. 59.

⁷⁹ MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

suas utopias. Na onda da economia de mercado, as idéias atingiam o Brasil e transitavam pelas vielas das percepções culturais e classistas dos homens sobre o mundo. Como mostra Ginzburg⁸⁰, apoiado em Bakhtin, não há passividade na recepção das idéias, seja de que parte ela venha da sociedade. A circularidade de idéias se percebe na identificação de influências recíprocas entre as classes sociais, no que tange as culturas e produções de ideologias ou utopias. E a adesão a uma idéia representa, também, a resposta dos homens as necessidades de verem seus anseios (culturais e classistas) serem delineados em forma de utopias. Entre estas, em disputa e conflito, estavam as que pretendiam a transformação radical e as que pretendiam prender no tempo um mundo idealizado da ordem divina.

É importante ter em conta que as utopias que se constroem nesse período iriam influenciar as mais variadas produções de visões de mundo na política e na economia a partir de então. Diante das mudanças constantes nas formas capitalistas de construir a hegemonia desse modo de produção, afetadas pelas crises que o caracterizam, o pensamento fascista, conseqüência de uma reflexão específica sobre as condições dos trabalhadores em sua relação com o modelo de exploração da economia de mercado, iria se apropriar da produção de idéias desse período para poder erguer-se sobre uma base consistente e coerente. O fascismo, como o vê Gramsci quando analisa o processo iniciado no *Risorgimento* italiano, se constrói ao longo do processo de formação de uma concepção de Estado e que, sob condições históricas e culturais que lhe dão suporte, vai se constituindo como força de contenção alternativa à ação dos trabalhadores. No caso brasileiro, o integralismo, incorporando idéias de controle da luta de classes pela imposição hierárquica e dominante de uma ordem organizacional inquestionável da Chefia do movimento, influenciado pelo fascismo, incorpora também os elementos de religiosidade que concebe como característica do povo brasileiro às definições de sociedade ideal delineadas pela Igreja Católica nesse momento.

Em meio às tentativas de mudanças e permanências, reagia-se, portanto, com idéias e construção de utopias, na virada do século XIX ao XX, às investidas cada vez mais imperiosas do capitalismo do mesmo modo que se assistia o recrudescimento de reações ao “avanço do capital”. Se da parte dos trabalhadores, as movimentações operárias

⁸⁰ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes – o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

preparavam outras revoluções, já descrentes da ilusão das reformas burguesas que fizeram fenecer em 1848 as esperanças de primavera, o combate às possibilidades de ampliação da participação econômica e política do proletariado liderava as reações conservadoras que procuraram buscar nas tradições da história ocidental e nas particularidades nacionais, os freios para a modernidade. Desse modo, as questões sociais passaram a ganhar maior importância na procura por definições do mundo que se estava gerando na virada do século. Contenção ou revolução era a pauta das discussões entre os diversos setores da sociedade em todo o mundo. Ao próprio termo revolução impingia-se definições para diferentes gostos. Do que significaria retorno cíclico aos tempos de antes, e no sentido de transformação radical, de destruição do velho e do nascimento de um novo mundo.

Aos trabalhadores, cabia a discussão de múltiplos caminhos que, justamente por se oporem ao conservadorismo e ao capital, iriam ser combatidos por ambos os lados. Assim como demonstrou Bakhtin, ao analisar a incorporação do popular no âmbito do privado e da cultura dita erudita⁸¹, era preciso conter o movimento de idéias revolucionárias surgidas dos questionamentos daqueles que se antagonizavam com o poder hegemônico. E, mesmo dentre o próprio movimento dos trabalhadores, nem todos compactuavam com mudanças radicalizadas pela via revolucionária. A relação de exploração que marca a dicotomia burguesia – proletariado não se definira para grande parte dos trabalhadores, tal como ainda é hoje. A expectativa, tanto dos comunistas como dos anarquistas, era de que a explícita exploração dos trabalhadores provocasse, a partir de sua percepção e do entendimento de que as causas das péssimas condições de trabalho deviam-se às relações capitalistas de produção, levaria ao engajamento do proletariado nas lutas por radicais transformações.

Esperava-se, de certo modo, que as respostas vindas da classe trabalhadora brotassem na consciência proletária a partir da descoberta da exploração. E as promessas de revolução provocavam também a reação conservadora. A partir desta percepção, a do envolvimento na luta pela transformação, tanto Thompson como Gramsci perceberam que as classes trabalhadoras não transitam somente no mundo do trabalho. Há ainda o mundo da cultura e da política. Mundos pelos quais se ligam todos os homens e que compõem, na

⁸¹ BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – O contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC, 1987.

totalidade, todas as influências dos meios que circulam em que assimilam ideologias, modos de pensar e viver multi-determinados. Portanto, as determinações não se resumem ao econômico, mas alcançam as esferas das produções humanas: materiais, intelectuais, culturais e mesmo psicológicas⁸².

Cabem sempre na análise dos fascismos as interpretações da psicologia das massas. Freud, por exemplo, percebeu no processo civilizador a ação coercitiva de uma minoria sobre a massa⁸³ e Wilhelm Reich⁸⁴ que, ao analisar a recepção do discurso nazista pelo homem comum alemão, entendeu-o como o “Zé Ninguém”, indivíduo a quem se prometeu o mundo a partir das conquistas “em batalhas sangrentas”⁸⁵ que se percebe enganado. Mas, ao perceber-se ludibriado, submete-se porque não procura a verdade em si mesmo, porque ignora a liberdade de sua consciência.

Essas interpretações são importantes na medida em se discute neste trabalho os graus de adesão à idéia integralista e o quanto esta adesão compromete a produção de uma memória do movimento. Até que ponto a consciência do que representa a defesa de ideais autoritários é libertadora ou limitadora das utopias que se buscam? Até que ponto a memória que se produz não significa a repetição de diretrizes doutrinárias aprisionadas no tempo em que foram geradas e, desta forma, é preciso revivê-las e re-interpretá-las, por isso dela se distanciam? Os anseios são os mesmos? Durante as gerações que atravessam o movimento, de 1932 até a atualidade, as transformações iniciadas no século XVIII tomaram a humanidade desde seu cerne às suas extremidades: do mapeamento genético à expansão tecnológica da força e inteligência humanas. Mas as referências dos que defendem o movimento ainda hoje continuam sendo as do século XIX, no que tange a cultura, a economia, a sociedade.

⁸² Estas percepções muitas vezes são lidas e interpretadas permeadas por visões particulares de mundo que impedem a capacidade dialética de multiplicar os olhares seguindo a direção que Marx apontou no *Prefácio à Crítica da Economia Política*: “O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso.”⁸² In MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política*. In *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.166.

⁸³ FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão / O mal-estar na civilização*. In *Obras Completas, vol. XXI (1927-1931)*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

⁸⁴ REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Nesta obra Reich analisa a estrutura emocional do homem médio que, para o autor, é uma expressão irracional decorrente de impulsos reprimidos ao longo da história ocidental. Reich analisa o papel da opressão do Estado, da família e da religião no engajamento da massa ao fascismo.

⁸⁵ REICH, Wilhelm. *Escute Zé Ninguém*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Entre o entardecer do século XIX e a aurora do XX, eram essas referências que, influenciadas pelos sentimentos nacionalistas, ou contrários a estes, mapeavam as fronteiras dos solos dos Estados-nações em construção no planeta. Eram indicações das quais partiam as leituras sobre a possibilidade de dar uma nova “ordem ao mundo”. Afora a aparente apatia popular em relação aos sonhos dos “conscientes”, as idéias do nacionalismo, sob a batuta burguesa, se universalizam. Como escreve Virgínia Fontes, “a passagem da dimensão universal para o âmbito nacional, representado pelo Estado”⁸⁶ não concebe ao ponto universal, o “homem-natureza” a generalização nas análises históricas. Segundo a historiadora, acontece uma “nacionalização dessa humanidade, compartimentada doravante através da naturalização dos pertencimentos aos Estados nacionais”.⁸⁷ A reação a uma universalização das práticas e visões de mundo burguesas, aparece tanto no proletariado organizado, quanto a burguesia, e também em pensadores de variados setores da sociedade. Em comum, a oposição às versões naturalizadas pelo pensamento burguês sobre o devir do homem, produzidas nestes tempos de “grandes transformações”⁸⁸. Incorporam, pois, às discussões hodiernas, suas visões de mundo, interpretando o momento e propondo mudanças.

E as produções intelectuais, entre românticos, realistas, progressistas e revolucionários entendiam o declinar do *oitocento* como época de caos, de rupturas, de mudanças profundas de comportamento moral. As fábricas intervinham na ordem familiar, religiosa e política, gerando pobreza e tragédias humanas. A sistematização do mundo econômico, já colocada entre as leis naturais pelos fisiocratas, ganhava contornos cada vez mais utilitaristas, marginalizando a humanidade do homem, tomando sua existência social aspectos quantificáveis. Este contexto, afetado pelas mudanças profundas no mundo do trabalho e pela expansão imperialista, gerava discussões sobre a nova sociedade que surgia e empolgava a fantasia das sociedades possíveis.

⁸⁶ FONTES, Virgínia. A Questão Nacional: Alguns desafios para a Reflexão Histórica. In MOTTA & MENDONÇA, *op. cit.*, p. 10.

⁸⁷ *idem*, *ibidem*, p. 10

⁸⁸ POLANYI, Karl. *A grande transformação – as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 2000. Conforme o colocado no 1º. Capítulo, incluo no termo “grande transformação” as implicações sociais e econômicas advindas da Revolução Industrial e as mudanças políticas e sociais provocadas pela Revolução Francesa como fez Hobsbawm em “A Era das Revoluções”(1789-1848). São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra,1994.

O problema maior que se coloca neste momento aos setores hegemônicos de uma Europa que estava expandindo mercados e territórios na investida imperialista é a resolução da tão discutida questão social no próprio continente. O termo, que advém das discussões contratualistas do século XVIII, adquire em sua acepção, o temor do que pode não ser controlável no mundo industrializado, a pobreza. Segundo Hannah Arendt, a pobreza que teria levado à Revolução Francesa serviu de mote às preocupações de Marx que transformou a questão social numa força política, contida no termo exploração de “‘uma classe dominante’ que detém a posse dos meios de violência.”⁸⁹

Assim sendo, a Igreja Católica, portanto, faria conhecer ao seu rebanho as encíclicas *Quanta Cura* e *Syllabus Errorum*, do Papa Pio IX (1846-1878)⁹⁰ e a *Rerum Novarum* de Leão XIII (1878-1903). Como um remédio contra a divulgação do “Manifesto do Partido Comunista” de Marx e Engels, e como um antídoto contra a “Primavera dos Povos”, momentos importantes do ano de 1848 que ganharam os meios operários. Mais tarde, já no século XX, a consolidação de uma visão católica sobre a questão social com a encíclica *Quadragesimo Anno* de Pio XI (1922-1939), publicada em 1931, daria aos católicos subsídios para apoiarem suas reflexões políticas e sociais no reconhecimento do direito natural dos trabalhadores constituírem associações. A idéia essencial contida nas encíclicas papais era da necessidade de ordenação e controle das associações de trabalhadores, buscando inseri-las no contexto capitalista, com o objetivo de demarcar aos católicos a ocupação de seus espaços no âmbito do Estado. Para a Igreja Católica, entre comunismo e cristianismo a oposição é radical, mas também, a livre concorrência seria incapaz de consolidar o “bem comum”. A Igreja pretendia resguardar seu rebanho da intensa liberdade que pregava a tolerância religiosa e mesmo o laicismo no Estado e na vida sócio-cultural das sociedades ditas liberais.

Assim sendo, para conter os exageros das “novas filosofias”, seria preciso a “reorganização da vida social, mediante a reconstituição de corpos intermediários autônomos com finalidade econômica e profissional, criados pelos particulares e não impostos pelo Estado; o restabelecimento da autoridade dos poderes públicos para desempenharem as funções que lhes competem para a realização do bem comum; e a

⁸⁹ ARENDT, Hannah. *Da Revolução*. São Paulo: Ática/Brasília: UNB, p. 49.

⁹⁰ As datas entre parênteses referem-se às da permanência no pontificado.

colaboração em plano mundial entre as comunidades políticas, mesmo no campo econômico.”⁹¹ Estava posto, porém, desde o século XIX, as diretrizes da ação e reflexão dos católicos sobre a questão social. Era preciso, pois, que intelectuais católicos, eclesiásticos e leigos, contribuíssem para organizar a sociedade e doutrinar devidamente o povo, não mais como intelectuais tradicionais⁹², no sentido gramsciano, mas como intelectuais orgânicos. Pautadas nos princípios da Escolástica, tendo como referência principal Tomás de Aquino, as Encíclicas propunham-se a direcionar os olhares “amparadores” da Igreja para a condição do operário, refletindo sobre a “existência, causas e gravidade da questão social”, como escreveu o Papa Leão XIII, alertando para as condições dos trabalhadores num mundo de progresso no qual se alteravam as relações recíprocas entre operários e patrões. Neste documento a Igreja dava conta da existência, causas e gravidade da questão social e alertava aos católicos sobre a que considerava uma falsa solução: o socialismo.

Não somente o pensamento oficial da Igreja influenciou os católicos a partir do XIX. Conforme escreve o Padre Charles Antoine, na França, na Itália, na Inglaterra e Alemanha, o catolicismo teria sofrido um abalo profundo sob o impacto do pensamento moderno. O fim da soberania temporal do Papa, em 1870, com a unificação da Itália e conseqüente desaparecimento dos Estados Pontífices, teriam acirrado as querelas internas entre catolicismos mais liberais e os mais conservadores. Uma das principais tendências que representam o segundo segmento é o integrismo. Considerado um “catolicismo social”, o integrismo representa uma linha dessa vertente do pensamento católico que defende a integridade doutrinal e nela se fecha⁹³. O grupo mais representativo deste movimento católico, enquanto tendência teológica reunia-se numa espécie de instituto

⁹¹ Reflexões do Papa João XXIII acerca das Encíclicas publicadas por seus antecessores sobre a questão social In *Mater e magistra – Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa João XXIII sobre a evolução da Questão Social à luz da Doutrina Cristã*, de 15 de maio de 1961. São Paulo: Paulinas, 2001.

⁹² Quanto à formação dos intelectuais tradicionais, segundo Gramsci, esta se ligaria a uma origem bem anterior, à escravidão do mundo clássico, no qual a separação não seria apenas social, mas nacional e racial entre intelectuais e classe dominante, que se reproduz após a queda do Império Romano e articula-se, na continuidade da história ao desenvolvimento do catolicismo e da organização eclesiástica durante a Idade Média. No entanto, na medida em que estão à serviço da conservação da estrutura econômica, como é o objetivo da Igreja neste momento, para alcançar “harmonização das questões sociais”, as funções dos intelectuais estariam voltadas para interesses de classe. Cf. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, op. cit., volume 2, caderno 12 – pp. 11-53.

⁹³ ANTOINE, Pe Charles. *O integrismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

secular não reconhecido denominado “Sodalitum Pianum”, o “La Sapinière”, criado pelo Mons. Benigni em Roma.

A tendência política deste grupo estaria representada pelo maurrasismo, cujo principal articulador foi Charles Maurras, fundador da Ação Francesa. Com posições radicalmente antidemocratas, antiliberal e anti-socialista, o maurrasismo chegou a dominar grande parte da hierarquia do catolicismo francês. Quando morre o Papa Pio X, protetor do “La Sapinière”, este também sucumbe, porém o maurrasismo ainda permaneceu aceito pela Igreja até 1926, quando seria condenado pelo Papa Pio XI. Com uma linha que unia a defesa da monarquia, apoiada numa visão intransigente do catolicismo, colocando a intolerância religiosa como ponto fundamental em sua perspectiva de organização estatal, o movimento integrista continuou existindo através do jornal *Ação Francesa* até 1944. Ainda encontrava ressonância nos saudosos das velhas sociedades européias do antigo regime e da submissão popular.

Um novo catolicismo social surgiria do vácuo deixado pelas tendências anteriores: a Ação Católica. Esta pretenderia representar o renascimento do catolicismo em novas bases, através da união da fé com as exigências da vida em sociedade. Como o catolicismo integral, a AC daria a primazia ao apostolado espiritual, ao mesmo tempo em que social. Em carta ao cardeal Bertran em 1928, Pio XI dizia que a AC teria por fim propagar o reino de Cristo, devendo proporcionar à sociedade o maior dos bens, os políticos, que dizem respeito à organização de uma nação⁹⁴. A AC deveria preservar a independência recíproca da fé e da política (a especificidade “temporal” do laicato) e obedecer a relação de hierarquia que deveria existir entre eclesiásticos e laicos. Assim sendo, para o Padre Antoine, a Ação Católica se apresentaria como herdeira tanto do catolicismo integral, como do catolicismo social, como, no dizer de Jacques Maritain, que retoma mais tarde o conceito, como “filosofia prática”.

Mas a mesma forma que levou à vitória da racionalidade foi a gerou a sua oposição. O pensamento conservador romântico, embora a contestando parte da mesma dualidade cartesiana: alma-matéria, parte dela, substituindo-a pela antiga determinante: o bom contra o mal. A dívida cristã com o maniqueísmo e com a dialética platônica ainda

⁹⁴ *idem, ibidem.*

não foi paga pela civilização ocidental que insiste em entender o mundo entre “isto e aquilo” e tornar síntese o que lhe aprouver.

Diante da nova sociedade que surge da “era das revoluções”, o temor da mudança, a busca de caminhos seguros, propõe-se o retorno ao passado, a algo perdido entre o século XVII e o XIX. Ousa-se estabelecer a ruptura com as certezas impostas pela racionalidade cartesio-newtoniana. Alguns buscaram no espírito, ou no ceticismo radical, os fundamentos para a nova sociedade. Ainda outros, nestes tempos, passam a insistir na relatividade, ainda que determinada por causas e efeitos, e pela busca das verdades científica e moral. A Igreja Católica fundamentaria o pensamento político a partir do primado do espírito negando a racionalidade de uma ciência fundada no pragmatismo materialista. E alguns pensadores, como Nietzsche, opondo-se ao domínio da religião, contudo, também consideraria negativa a influência da ciência que para ele, representava: “a universalidade do não verdadeiro, da mentira, e que a loucura e o erro são condições do mundo intelectual e sensível.”⁹⁵ Para Salgado, o “herói” de Carlyle e o Super-Homem de Nietzsche seriam intérpretes oportunos “na hora de ruptura de um equilíbrio social anterior, determinando a angústia de um novo equilíbrio.”⁹⁶

No entanto a própria ruptura representa uma escolha dual, do certo e do errado, fundada nos mesmos parâmetros, da história fundamentada numa evolução filosófica de base grego-cristã. A bifurcação entre racionalidade, de um lado, e irracionalismo⁹⁷ e ceticismo⁹⁸, de outro, é resultado dos conflitos sociais, econômicos, políticos e culturais de uma civilização em busca de suas determinações, em uma época que marcou de forma irreversível a história da humanidade sempre em busca dos seus porquês, perguntas e respostas provenientes da velha dúvida cartesiana.

⁹⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Lisboa: Guimarães, 1977, p. 127.

⁹⁶ SALGADO, Plínio *Psicologia da Revolução*. In *Obras Completas*, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora das Américas, 1955, p 23.

⁹⁷ A definição de irracionalismo que contribui para esta análise é a de doutrina que considera o contingente, o aleatório e que valoriza o desejo, a vontade, a ação, como elementos centrais que dariam sentido à existência do homem e do mundo, de forma contrária à visão racionalista dominante. Cf. em JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

⁹⁸ O ceticismo pode ter várias interpretações. Desde a dúvida cartesiana, que rompia com a lógica escolástica, como a que advém da própria Igreja quando defende que, se a razão não responde tudo, deve-se apelar para a fé e a revelação. O ceticismo está presente nas questões da relatividade e dos limites da ciência e da razão. Cf. obra acima citada.

E a história da civilização ocidental, contada a partir do século XIX, erigir-se-ia sobre a idéia de que o modelo econômico, ideológico e político burguês, construído sob a égide do modelo racionalista cartesiano/newtoniano seria, inquestionavelmente, o propulsor do devir da humanidade. Uma percepção de necessidade de ordenação social que levasse o progresso aos povos foi forjada na capacidade europeia de se impor militar, política e tecnologicamente ao restante do mundo levou a hegemonia burguesa ocidental aos modos de governar e pensar que são vistos como superiores e mesmo únicos a serem seguidos pelo restante do mundo. Esse modelo construído ao longo de séculos e delineados nos manuais de História por caminhos lineares de evolução da civilização, dos sumérios aos romanos, foram se incorporando ao imaginário ocidental e se sobrepõem às outras manifestações sócio-culturais, ainda que se possa ressaltar a permanência de diversidades culturais que neles subjazem. Uma história em que a construção dos modelos europeus de política e economia que se estabelecem sob a perspectiva liberal repercute na necessidade de se entender as escolhas dos caminhos políticos dos Estados ocidentais. Estes modelos, sob a égide da civilização europeia consolidam-se com o nacionalismo

Segundo Hobsbawm, na Europa do século XIX comungava-se da idéia que a capacidade dos povos constituírem-se enquanto nação representava o seu progresso⁹⁹. Na afirmação das estruturas econômicas e sociais do modelo liberal burguês de nação, as classes antagônicas e seus representantes buscavam consolidar seus projetos e torná-los hegemônicos. Desta tentativa de conter a tensão entre as classes antagônicas no mundo de hegemonia burguesa que se consolidava, cunhou-se o termo questão social de modo a evidenciar o problema colocado pela ascensão da classe trabalhadora ao palco das reivindicações políticas. E a questão nacional se desdobra, juntamente com a questão social, nas disputas para se fazerem valer projetos de nação e de povo vindos dos mais diversos setores sociais.

Num mundo em que a racionalidade impunha sua necessidade, os ideais pretendiam-se realizáveis. Por isso, o uso de proposições para intervenção e mudança deveria convencer pela razão. Deveriam, antes de tudo, conter argumentos que convencessem e regras de funcionamento e ou um método. No âmbito do pensamento

⁹⁹ HOBBSAWM, Nações e Nacionalismos desde 1780 – Programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

burguês liberal, ao mesmo tempo em que decorrente dele, lhe trazendo fundamento e âncora, couberam adequadamente as formas de pensar que fragmentaram a essência do conhecimento, que o pensamento aristotélico do universal preservou durante quase dois mil anos. Desta forma, a importância do pensamento de Descartes, Bacon e Locke infunde-se, na história da humanidade, como contribuição para a visão atomista do homem, quando impõe à razão a sua individualidade.

Com base nessas versões sobre o que é do âmbito da objetividade ou da transcendência, sobre a ligação de Deus com o universo, e qual poderia ser a mais racional e eficaz relação do homem com a natureza é que vemos o desenrolar das proposições que se constroem a partir do século XVII, culminando no século XIX, com as discussões entre a Igreja e leigos sobre as questões sociais resultantes das “grandes transformações” que provocaram as revoluções francesa e industrial. Legavam-se à prosperidade as visões otimistas e pessimistas da história humana.

Para muitos contemporâneos dessas mudanças, as liberdades políticas e econômicas que se propagavam poderiam conduzir a dois caminhos distintos: à glória do progresso e da democracia liberal ou à deterioração social que levaria à sublevação das “classes perigosas”.¹⁰⁰ Segundo Bertrand Russel, a partir de Rousseau e Kant, duas escolas de liberalismo poderiam ser distinguidas. Uma delas, a obstinada, teria desembocado, através de Bentham, Ricardo e Marx, por etapas lógicas, em Stalin. A outra, a de “coração sensível”, na qual, por outras etapas lógicas teria levado, através de Fichte, Byron, Carlyle e Nietzsche, a Hitler¹⁰¹.

Ainda que, de certa forma contrastante, haveria em cada corrente aspectos do romantismo, tema ascendente nesta época. Para o pensamento conservador, e “sensível”, como mostra o exemplo de Thomas Carlyle, era preciso atacar o utilitarismo e o *laissez-faire* que provocavam o fim de um mundo de “perpétua tranqüilidade” com as crises de liderança da Monarquia, da Igreja e do Estado. Porém, a Nação, a verdadeira, seria capaz de manter-se estável, como um continente. Seria preciso, no entanto, verem-se erigidas, sob sólidas tradições, as formações dos povos. Mas, para isso, seria preciso conter a

¹⁰⁰ ANDRADE, Débora El Jaick. *Paradoxo no pensamento de Thomas Carlyle – A resistência à democracia e o culto ao Grande Homem*. Niterói: UFF, Dissertação de Mestrado, 2000.

¹⁰¹ RUSSEL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental*. Vol. III. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

pobreza e a crise moral geradas pela indústria e pela Revolução Francesa. Estas teriam levado à sociedade europeia à luta convulsiva entre as classes antagônicas e à “loucura das massas”¹⁰². Como propõe o mesmo Carlyle, a conciliação de classes deveria ser liderada pelas classes mais altas, capazes de oferecer sólida liderança e manter a ordem e governabilidade. A necessidade de heróis, lideranças salvadoras eram defendidas como modo de salvar a humanidade.

Diante das considerações “sensíveis” e “obstinadas”, as mudanças na concepção de Estado se constituíam numa tentativa de entender as relações estabelecidas entre as duas instâncias que compunha a ordem civilizada: a sociedade civil e a sociedade política. Para Michelangelo Bovero, o século XIX é marcado pela crise do modelo jusnaturalismo, que predominou entre os séculos XVII e XVIII. Neste modelo, a concepção de Estado estaria implícita a sociedade civil, como tecido conectivo geral da relação social, o que transformaria os homens em cidadãos, como comunidade real, ao mesmo tempo em que também seria *societas politica*, posto que esta representaria a organização pública e coesão dos sujeitos sociais dentro de relações de poder estáveis¹⁰³. Segundo o autor, que, juntamente com Norberto Bobbio estuda as perspectivas das mudanças de interpretação das relações entre sociedade civil e sociedade política como filosofias da história, a crise do jusnaturalismo seria decorrência, de todas as transformações econômicas e política que necessitam de novos paradigmas para buscar o entendimento das novas relações entre poder e sociedade no novo mundo do capitalismo.

A sociedade industrial, cada vez mais fragmentada, tanto no que se refere às relações de produção, quanto às instâncias de representação política, consolida o entendimento de que existiria uma separação radical entre sociedade política e sociedade civil. Esta última já não veria necessidade da instituição de um poder comum para se estabelecer como coletividade social efetiva. E o Estado político, que não seria mais resultado da subsunção dos indivíduos, não deveria mais estar vinculado a um poder comum e a um ordenamento público. Esta concepção acalentada pelos liberais, pela ótica da liberdade dos indivíduos (reunidos na sociedade civil) em relação ao Estado (sociedade

¹⁰² Carlyle via no Cartismo e na Revolução Francesa, episódios insanos provocados pelo povo. Seria, portanto, necessário curá-lo com diagnósticos e remédios corretos. Cf. ANDRADE, *op. cit.*

¹⁰³ BOVERO, Michelangelo. O modelo hegel-marxiano. In BOBBIO, Norberto & BOVERO, Michelangelo. *Sociedade e estado na Filosofia Política Moderna*. São Paulo: Brasiliense, 1996, pp. 103 – 164.

política), segundo Bovero, seria expressa de modo pleno no modelo hegel-marxista, só que de maneira antagônica à do liberalismo. Tanto Hegel como Marx reconhecem, na dicotomia Estado e sociedade civil o caráter essencial das formações histórico-sociais modernas. Para ambos, existe uma distância e isolamento entre as duas instâncias que se contrapõem reciprocamente entre estrutura de base da sociabilidade e estrutura superior, como sentido positivo para Hegel e, vista de forma negativa para Marx, como superestrutura. Em Hegel, o Estado deveria consolidar a síntese entre a sociedade civil e sociedade política. Para Marx, o Estado como representante da classe economicamente mais poderosa deveria ser eliminado, pois seria símbolo da perpetuação da exploração.

Mas, entre estas interpretações sobre as relações entre sociedade civil e sociedade política, longe de serem unanimidade, havia ainda várias outras que instigavam variadas definições, cada qual defendendo pontos de vistas das frações de classe, de interesses institucionais e nacionais, em meio aos quais eram produzidas.

O materialismo histórico duelou ferozmente com o idealismo e com outras diversas correntes conservadoras, das que defendiam a permanência das idéias às que queriam evitar mudanças radicais do *status quo*. Com o materialismo histórico dialético, uma possibilidade de se analisar as questões humanas a partir de sua produção material, firmada no âmbito das relações de produção, inter-relacionada com a produção ideológica, pretendia-se dar uma contribuição dinâmica, mas definitiva, às análises do devir humano. Porém, o perigo e obstáculo dessa forma de conhecer estariam, justamente, na necessidade de se tomar uma posição ideológica identificada com rupturas econômicas e sociais profundas, com as idéias de transformação e revolução destruidora de uma velha ordem. Romper, transformar, inverter a ordem, se identificar com a opressão era e é caminho tortuoso e arriscado. Contra este perigo, o liberalismo e a Igreja Católica levantaram-se. O primeiro com a tese da liberdade, o outro com a tese da materialidade e do ateísmo do argumento marxista.

Nessa bifurcação que influenciou escolhas fundamentais na política e na sociedade do século XX e ainda atinge o XXI, pelo viés considerado irracionalista e cético, o pensamento de Nietzsche foi fundamental. A perspectiva da primazia da vontade ética e da metafísica, essencialmente crítica à religião; seu romantismo, não declarado, que o fazia combinar valores que não se harmonizam facilmente: o gosto pela rudez, pela guerra e

pelo orgulho aristocrático, ao mesmo tempo em que admira a filosofia, a literatura e a música; levaram-no a se tornar referência para inúmeros líderes que defenderam a supremacia da força sobre a liberdade de escolher. A base do conhecimento para Nietzsche não dependia exclusivamente da razão, mas dos instintos, o laço conservador que desempenha o papel regulador da humanidade¹⁰⁴.

Quanto ao chamado irracionalismo cristão, este encontrou seus desígnios no espírito, numa transcendência que nega a metafísica, substituindo a razão pela essência aristotélica do ser universal, cujo parâmetro é a vontade divina, síntese de todos os potenciais morais humanos que deveriam ser estimulados para que se pudesse construir um mundo determinado por Deus: com obediência à ordem hierárquica e controle das lutas de classe, através das corporações profissionais, como escreveram os porta-vozes celestes, os Papas do fim do século XIX, do início e fim do XX. Podemos conferir esta permanência de idéias quando assistimos João Paulo II defender na UNESCO, às vésperas do vigésimo primeiro século da era cristã, as mesmas premissas dos seus antecessores mais conservadores. Nelas está contida a defesa da integridade moral e física do homem “sempre na sua totalidade no conjunto integral da sua subjetividade espiritual e material (...) as obras da cultura material fazem aparecer uma ‘*espiritualização*’ da matéria, uma submissão do elemento material às forças espirituais do homem, isto é, à sua inteligência e à sua vontade.”¹⁰⁵

A referência filosófica é a mesma: os ensinamentos de Tomás de Aquino, que levaram à Igreja a questão dos universais de Aristóteles; e de Agostinho, que havia posto à Igreja o dever de indicar aos cristãos sem pecado, pela ação de Deus nos homens, o destino final da humanidade: o encontro com Deus, após o juízo final. O pensamento político do catolicismo alia o pensamento de Agostinho com o tomismo: somente alcançaria este fim, no céu, os que demonstrassem, em vida, ter fé e realizado as boas obras cristãs: a preservação da vida: da geração à educação dos filhos; da utilidade das ações humanas dirigidas para o bem comum, para a caridade e consolidação de uma ordem divina na Terra. Alia-se, assim, também, razão/fé/ação, Platão e Aristóteles, nas bases do pensamento eclesial contemporâneo. Ainda que não houvesse a possibilidade de se

¹⁰⁴ NIETZSCHE, *op. cit.*

¹⁰⁵ Papa João Paulo II. O sentido da cultura. In *Humanidades*, vol. I, n° I, Brasília: UNB/Fundação Roberto Marinho/Shell, Outubro/Dezembro de 1982.

constituir a *Cidade de Deus* entre os homens, pois, eles seriam imperfeitos, seria necessário intervir na formação do espírito cristão entre a humanidade. Esta seria a função divina dos católicos, e o caminho seria a espiritualização dos povos.

Unindo-se a esse pensamento, seguindo a rota das propostas conservadoras de contenção das lutas de classe, entre o os autoritários católicos ganhou força o “estatismo orgânico”. Esta perspectiva acompanhava as mesmas críticas ao liberalismo individualista, ao absolutismo do Estado e identificava-se com a Idade Média. Para Juan Linz estas posições seriam a resposta de estratos pré-industriais, como artesãos, camponeses e mesmo profissionais do capitalismo financeiro e industrial e que dariam origem às ideologias corporativas¹⁰⁶.

O pensamento católico expresso pelas *Encíclicas* teria contribuído para atrair adeptos a essas correntes. Outro fator importante para adesão foi rejeição a um autoritarismo marxista, a persistência do Estado opressor, e a crítica à democracia parlamentar.

As experiências de organizações de trabalhadores, em conselhos fabris e locais, permitiam aos trabalhadores visualizar possibilidades mais amplas em termo de organização. A teoria do corporativismo teria oferecido a esses trabalhadores a esperança de participação mais ampla que as anteriores, o que seria garantido pelas indicações profissionais para a representação coletiva na esfera do Estado. Mas, para os defensores dessa linha de pensamento, haveria dificuldades práticas e lógicas para organizar, pelos interesses sociais, a vida política. E a idéia do Estado ocidental, detentor de todos os poderes políticos, foi adicionada, segundo o modelo autoritário e centralizador, nas perspectivas organizacionais do governo corporativo proposto.

Criticando na democracia a incapacidade dos governantes de atenderem às reivindicações dos governados, ao mesmo tempo, identificando-se, como o dito, com o autoritarismo, o modelo foi caracterizado por Alfred Stepan como “estatismo orgânico”¹⁰⁷. Segundo Linz, tipo de regime autoritário buscava ligar-se à doutrina social corporativista católica com elementos fascistas. O termo “democracia orgânica”, segundo Linz, acompanharia a definição do regime definido anteriormente, com sua ligação com a Igreja

¹⁰⁶LINZ, Juan. *O estatismo orgânico*. In PINHEIRO, Paulo Sérgio (coord.) *O Estado Autoritário e Movimentos Populares*. São Paulo: Paz e Terra, 1980, pp. 179-188.

¹⁰⁷ *idem, ibidem*.

e o teor corporativo, porém acrescentando a existência de partidos com feição liberal. Este não seria o caso da democracia orgânica defendida pelos integralistas.

Em outra vertente, para os intelectuais do liberalismo, as afirmativas da ciência moderna estavam postas como verdades que os preservava do acaso, e que os libertava, pelas leis naturais, das correntes da Igreja e do Estado. No entanto, para seus antagonistas, o estabelecimento da livre iniciativa levaria o mundo à anarquia e/ou infelicidade humana.

De toda a batalha de idéias e de ações concretas, intervenções, disputas políticas e sociais, oriundas de diversas direções, o presente demonstra, pela história, a supremacia do liberalismo, o que não significa que não tenha sido “maculado” pelos seus antagonistas. Os setores sociais que preservaram a sua hegemonia, a conquistaram no processo histórico, o que inclui as guerras, as explorações, as opressões e produções ideológicas. Ou seja, nos constantes conflitos pela imposição/permanência da desigualdade social procurou-se anular a iniciativa popular de participação, embora se tornasse necessário uma inclusão da massa, não crítica, que se constitui após a Revolução Industrial, para compor as frentes de defesa hegemônica. É no caminho dessas tentativas de governar pela ordem que veremos a seguir as interpretações sobre a ascensão dos regimes autoritários, particularmente o fascismo no amanhecer do século XX.

II. Os Fascismos: histórias, os porquês e definições

“Quanto à atualidade da questão do fascismo, digamos simplesmente que os fascismos – como, aliás, outros regimes de exceção – não são fenômenos limitados no tempo. Podem muito bem ressurgir atualmente, mesmo nos países da área européia, na medida em que se assiste a uma crise grave do imperialismo, crise que atinge o seu próprio centro. O ressurgimento, pois do fascismo continua possível, sobretudo hoje – mesmo que, provavelmente não se revista agora exatamente das mesmas formas históricas de que se revestiu no passado.”¹⁰⁸

Entre a visão ontológica do homem e as necessidades criadas para as afirmações territoriais, políticas e sociais dos Estados-nação o pensamento autoritário se organizava,

¹⁰⁸ POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e ditadura*. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p.10.

no final do século XIX e inícios do XX, multiplicado em diversas versões, mas unificado pela perspectiva de limitação à participação política e também impedindo multiplicidade de manifestações culturais na medida em que as “invenções de tradições”¹⁰⁹ nacionais limitavam as fronteiras de intercessão entre os povos. Os ideais de nacionalismo que atravessaram limites territoriais e oceânicos foram demarcados por essas diversas posições anteriormente relacionadas, pautadas na constatação de uma existência natural ou histórica de uma organização política e social, o Estado Nacional. Este se constituía sobre características eminentemente européias e consolidou a versão burguesa de governar. Os parâmetros de modelo de Estado que foram sendo historicamente construídos, desde o século XIV, delinearam aspectos e limites da ação governamental sobre a população que habita entre as fronteiras territoriais nas quais as instituições deveriam exercer os seus poderes.

Na medida em que ascendia a burguesia, códigos e identidades foram criados nas tentativas de se ordenar, para controlar, a ação do Estado. Dos séculos XVIII ao XIX, as transições de monarquias para repúblicas, ainda que permeadas por constantes restaurações, foram sedimentando esse modelo de Estado que recebeu do liberalismo econômico o apoio instrumental, na composição das idéias de necessidades individuais e coletivas de participação política pela representação. Estabelecendo controle e poder em suas fronteiras, os governos delimitavam os territórios dos Estados-nação. Assim sendo, o nexo de nação que se constrói nesse processo caminha intrinsecamente ao de Estado e, como escreve Eric Hobsbawm: “não faz sentido discutir nação e nacionalismo fora desta relação.” [a de Estado-nação].¹¹⁰ Além do mais, essa entidade social, a “nação”, engendrada nos ideais da Revolução Francesa e na sua expansão, surge dos Estados e nacionalismos que lhe são anteriores. E, para compreensão deste processo é necessário, como mostra o mesmo historiador britânico, analisar as nações e seus fenômenos associados em termos das condições econômicas, administrativas, técnicas e políticas e outras exigências.¹¹¹ Para compreendermos as histórias das nações ocidentais, suas vitórias e derrotas nas constantes tentativas de manterem suas fronteiras territoriais impenetráveis para o interior, é preciso demarcar, também os aspectos culturais e ideológicos. Nunca se

¹⁰⁹HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

¹¹⁰HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780 – Programa, mito e realidade*, op. cit., p. 19.

¹¹¹ *Idem, ibidem*, p. 19.

idealizaram tantas utopias como nos séculos XIX e início do XX. Parecia uma época em que o mundo teria a capacidade de recomeçar e o moralismo romântico traçava as atitudes e posturas a serem aceitas socialmente. Por outro lado, o realismo mostrava as mazelas da pobreza e a decadência da moral da velha e nova classe hegemônica. Incluíam-se na imaginação múltiplas possibilidades do homem, a partir da conquista técnica da industrialização.

Diante das perspectivas engendradas pela civilização ocidental em busca de caminhos que tornassem coerentes a sua trajetória, devemos levar em conta a multiplicidade de interpretações acerca desta caminhada. A tentativa de estabelecer um percurso linear da história da humanidade a partir do Ocidente tem levado as nações e seus povos a aceitarem as imposições e desmandos de potências economicamente hegemônicas. O modelo de Estado e poder estabelecidos, a partir da marca da civilização cristão-burguesa, impõem-nos hoje as visões das guerras no Iraque, as tragédias da África e mesmo de New Orleans, com o descaso com a população pobre ou de fé diferente. A intolerância, em nome da liberdade, obedece aos mesmos parâmetros em que se consolidou no século XIX, em que a lógica econômica e do evolucionismo social sustentaram o imperialismo e as guerras do século XX.

Embora o pensamento liberal insista em distanciar-se do fascismo, são ambos oriundos da mesma tradição, a que procura afastar a possibilidade de real participação popular do campo das decisões políticas, ao mesmo tempo em que a inclui como massa amorfa, como povo e nação. E, em meio às articulações de setores sociais que se organizavam e se digladiavam no âmbito da sociedade civil, entre fins do século XIX e início do XX, diversas tendências ideológicas tentaram ganhar força e respaldo popular para as investidas de conquista hegemônica da sociedade política, substanciada pelos mais variados interesses econômicos, de classe. Nos espaços de organização da sociedade civil, ganhavam evidência perspectivas variadas de formas autoritárias de governar: A necessidade de contenção das iniciativas populares ganha maior força a partir da “Primavera dos Povos” em 1848, ano da publicação do *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels. Para Hobsbawm, “As revoluções de 1848 deixaram claro que a classe

média, liberalismo, democracia política, nacionalismo e mesmo classes trabalhadoras eram, daquele momento em diante, presenças permanentes no panorama político.”¹¹²

A análise, portanto, das constituições dos Estados como organismos de controle e poder sobre um povo deve articular as formações, ou a “engenharia social” das nações. Para isso, é preciso compreender de que forma o Estado, enquanto governo, articula seus mecanismos de controle social, político e econômico com vistas a compor uma identidade nacional hegemônica. Antonio Gramsci, em seus *Cadernos do Cárcere*, ao avaliar as funções do Estado liberal, conclui que este concebe e alia a ação punitiva do direito à educativa, cuja função seria formar o “homem coletivo” inserindo-o no “conformismo social”¹¹³. Seria, pois, tarefa do Estado integrar cada indivíduo singular no homem coletivo através da pressão educativa sobre cada um para obter seu consenso e sua colaboração, transformando em “liberdade” a necessidade de coerção. E a necessidade de fazer-se representar induz os indivíduos a participarem de organizações em que seus interesses de classe sejam levados em conta nas disputas pelos espaços políticos. O espaço de luta da sociedade civil é o que se constrói na complexidade da história do ocidente capitalista. A luta acontece num ambiente de disputa, de relações de força, no qual os vários segmentos da sociedade civil e política disputam a hegemonia construindo espaços políticos no antagonismo das lutas de classe em contextos determinados historicamente.

Desta forma, as análises de Gramsci sobre a constituição do que chamamos Estado tradicional partem da constatação de que a economia e política liberal possibilita o aparecimento da sociedade civil que considera no âmbito da dialogização e do conflito entre a sociedade política e a estrutura, ao mesmo tempo em que se insere nestas duas últimas instâncias no processo dinâmico e contraditório da história. Constata-se que as disputas intra Estado, visto então em sua amplitude, inclui as três instâncias acima referidas que se articulam de forma conflituosa. As disputas passam a se dar entre aparelhos privados de hegemonia no âmbito da sociedade civil que se representam e que podem estar ou não representados como setores partidarizados organizados disputando a hegemonia na sociedade política, defendendo interesses de suas classes sociais.

¹¹² HOBBSBAWM Eric. *A Era do Capital (1848-1875)*. São Paulo: Paz e Terra, 1982, p.46.

¹¹³ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, vol. 3 – *Maquiavel – Notas sobre o Estado e Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.23.

Assim, na perspectiva do Estado ampliado de Gramsci, entendemos que o aparecimento de propostas de associações político-sociais antagônicas ao liberalismo encontra-se no próprio processo de permissões de liberdade que o Estado, dito como tradicional ou liberal, aceita como uma das suas características, as de expressão e de organização política. Isto em tese, pois na medida de sua preservação, não permite àqueles que reivindicam a sua derrocada, o espaço para a discussão, como aos comunistas e anarquistas. E, esses antagonismos que se geram no “espaço de liberdade” permitido pelo liberalismo que tem lugar, também, as perspectivas autoritárias. Tal como percebe Juan Linz sobre o surgimento dos fascismos: “Sem a política organizada de seus tradicionais inimigos, o fascismo não tinha razão de ser”.¹¹⁴ Assim sendo, Estado liberal, permitindo a liberdade aos que colaboram com a sua manutenção, abriria portas às iniciativas mais radicais para a contenção de alternativas à sua própria existência.

Conforme já explicitado em termos econômicos e políticos, no início do século XX, assiste-se ao avanço cada vez mais intenso do capitalismo, com suas empreitadas imperialistas, provocando disputas econômicas e territoriais dentro e fora da Europa, gerando rupturas e concretizações de alianças, o mundo assiste o desenrolar da 1ª. Guerra Mundial. E o fim da guerra não significaria o começo da paz. O capitalismo em crise acende a descrença no sistema liberal de governar e abrem-se brechas para adesões às perspectivas autoritárias de Estado.

Os movimentos fascistas surgem nesse processo de disputas, de crises econômicas e da descrença no pensamento liberal. Na Itália, o modelo fascista primordial, a ascensão do líder Mussolini se deu em meio a graves crises econômicas que abalaram e dividiram o país no pós-guerra. Crises que já estavam se delineando desde o *Risorgimento* e que ocasionou o que se chamaria a “Questão Meridional”. O norte, industrializado, se desenvolvendo sobre o sacrifício do sul agrário. A implantação do fascismo na Itália foi, como mostra Gramsci, consequência de múltiplos fatores determinados pelo seu processo histórico de industrialização. Visando a contenção da organização da classe trabalhadora no sentido de controle a luta de classes, o projeto fascista recebeu apoio de intelectuais orgânicos da classe burguesa e da Igreja Católica, assim como teve a influência da cultura

¹¹⁴ Juan Linz no Prefácio à segunda edição do livro de TRINDADE, Héglio. *Integralismo, fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: DIFEL, 1979, p. XII.

da passividade italiana resultante da vitória de visões de mundo sob a hegemonia das classes proprietárias.

Para Gramsci, a chegada do fascismo ao poder não representaria a substituição ordinária do governo burguês composto à época da unificação italiana por outro, mas sim uma forma estatal da dominação de classe da burguesia, a chamada democracia burguesa, pela ditadura terrorista declarada. Segundo o intelectual italiano, desconhecer esta distinção é um erro grave. O fascismo seria, então, um outro tipo de dominação estatal da burguesia e as bases contraditórias da ideologia fascista, de suas superestruturas, do funcionamento da ideologia, seriam parte da constante arrumação e enquadramento das perspectivas doutrinárias às necessidades que surgem no processo de implantação do Estado fascista.

No entender de Gramsci, a ideologia fascista marca um dos pontos de colisão entre o imperialismo e a pequena-burguesia, deslocando a dominância clássica do jurídico-político na ideologia burguesa para o econômico-tecnocrático, inseparável, no fascismo, do ressurgimento de uma ordem moral. Essa ideologia moralizante seria a base na qual se ergue o Estado fascista, que passa pela obediência à hierarquia em todos os setores da sociedade, da família ao Estado. A filosofia fascista é identificada com o Estado de modo assegurar totalmente a educação do homem (um Estado ético, segundo a concepção hegeliana para Gentile). O indivíduo não seria nada sem o Estado, sendo a liberdade do liberalismo, uma abstração. A autoridade do Estado coincidiria com a comunidade ética e contraditoriamente esse seria apresentado como meio ético de realizar a liberdade. Em Gentile, o Estado torna-se criação espiritual, mais liberal que o próprio Estado liberal porque totalitário, como expressão de uma concepção integral da política.

A constituição do Estado corporativo adotado pelo fascismo seria a tentativa de efetivar o controle das massas, enquanto política de colaboração de classes. O propósito admitido seria de eliminação da lutas de classes através da mobilização popular, “de baixo para cima”¹¹⁵, levando-a a colaboração. Estas brechas da passividade levaram à submissão do Estado, à organização do operariado em corporações. Portanto, na perspectiva de implantação do Estado corporativo, o governo fascista entendeu-o como uma tentativa de

¹¹⁵ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos extremos – o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

nova organização econômica, a partir da política estatal. Nas palavras de Mussolini: “A economia disciplinada, tornada poderosa, harmonizada, em vista, sobretudo de uma utilidade coletiva dos próprios produtores, empreendedores técnicos, operários, através das corporações criadas pelo Estado, que representa o todo e, por isso, também o outro aspecto do fenômeno: o mundo do consumo.”¹¹⁶ Anulando as “liberdades” liberais, o fascismo, ao suprimir o parlamentarismo, quando suas bases subsistem, cria um “parlamentarismo implícito”, um “parlamentarismo negro”, tornando-o mais perigoso, segundo Gramsci, que quando é instituído de forma declarada. Nesse caso, desloca-se da dominância das funções políticas para a esfera policial ou cultural-ideológica, manifestando uma nova relação sociedade/Estado, a carência de hegemonia. A atividade de direção política e cultural seria absorvida pela dominação de classe em função das características do partido e de suas mediações políticas e culturais.¹¹⁷

Em busca de caminhos para uma composição teórica para o pensamento autoritário, Leandro Konder, embora questione a seriedade teórica dos fascismos procura demonstrar que os intelectuais desses movimentos buscaram e encontraram em pensadores *oitocentistas* e *novecentistas* instrumental ideológico. Cita Mussolini que extrai de Sorel aspectos de sua concepção de violência; de Nietzsche, sua ética aristocrática e seu culto do “super-homem”. Quanto a Hitler, além de Nietzsche, teria extraído de Eugen Dühring, Paul Bötticher e Houston Steuart Chamberlain as idéias racistas¹¹⁸. Em ambas as ideologias está presente o mito do herói salvador construído em torno do “Duce” e do “Führer”, as autoridades máximas, inquestionáveis e providenciais, com qualidades morais, educativas, de liderança e capazes de comandar o “povo de criados”.

Na Alemanha, segundo Konder, a ascensão de Hitler a chanceler em 1933 teria provocado a impressão de que o fascismo seria uma tendência natural. Para Fábio Bertonha¹¹⁹, o nazismo teria encontrado ressonância na sociedade alemã, pois nelas estavam as características autoritárias, reacionárias e militaristas. O anti-semitismo levado às últimas conseqüências teria dado ao nazismo a feição mais cruel do fascismo. No caso

¹¹⁶ TOGLIATTI, Palmiro. *Lições sobre o Fascismo*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978, p. 104.

¹¹⁷ BUCI- GLUCKSMANN, Christine. *Gramsci e o Estado – por uma leitura teórico-política de Gramsci*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

¹¹⁸ KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

¹¹⁹ BERTONHA, Fábio. *Fascismo, Nazismo, Integralismo*. São Paulo: Ática, 2002.

alemão, a estrutura de Estado montada por Hitler não dispensou o apoio de empresários e de grande parte da população para, com a violência das SS (tropas de proteção) e das SA (tropas de assalto) impor seu governo totalitário. Como em todos os governos autoritários, o movimento operário e sindical deveria ser contido, usando-se, para isso, a repressão. A massiva propaganda e criação de instituições que levavam arte e cultura aos operários também formam estratégias para atrair os trabalhadores para adesão ao regime.

Conforme o dito por Konder, pareceu, a muitos, natural a criação de grupos fascistas em muitas partes do mundo. Na Suécia se organizaram núcleos fascistas que copiavam até mesmo o emblema alemão. A Irlanda também tinha seus grupos fascistas, liderados pelo General O'Duff e a Inglaterra, por Oswald Mosley. Quanto à Romênia, Cornélio Codreanu organizou a Guarda de Ferro, um movimento de características fascistas. A Guarda de Ferro foi proibida em 1933 e reorganizada em 1935, tendo seus principais líderes executados em 1938. Porém, com o nome "Movimento Legionário" se rearticulou e desempenharia papel importante no governo de Antonescu, entre 1940 e 1941.

Para Hobsbawm é preciso levar em conta as pequenas diferenças que separam outros tipos de movimentos autoritários do fascismo, embora as convergências ideológicas pudessem aproximá-los. Para o autor, a grande diferença entre a direita fascista e não fascista estaria na capacidade de mobilização das massas de baixo para cima¹²⁰. Na Espanha e em Portugal, por exemplo, com sua grande base católica, as características reacionárias antecederiam o fascismo. Mas isso não afasta a intensa ligação ideológica com os regimes totalitários. Esta característica, portanto, é crucial para entendermos a tênue linha que limita o pensamento e regimes de direita, entre o totalitarismo e a ditadura.

A definição mais utilizada atualmente do termo totalitarismo vem de Hannah Arendt e implica a submissão da massa, vista como amorfa, à autoridade absoluta do Estado. Na análise de Arendt, os movimentos totalitários nem sempre conseguem tornar-se regimes totalitários. Nem mesmo a Itália e a Alemanha conheceram o governo totalitário completo. Mas os movimentos totalitários seriam possíveis onde quer que existam massas

¹²⁰ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos – O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

que tenham desenvolvido “certo gosto pela organização política”.¹²¹ Para a filósofa alemã, as massas não se unem pela consciência de um interesse comum, como partido político ou sindicato, apenas reagem à situações provocadas pela desilusão com a democracia da qual são alijadas, justamente por estarem a parte das instituições que as representem politicamente. Os movimentos totalitários conseguem organizar as massas e não as classes. Seus líderes, segundo Arendt, agem como funcionários que podem ser substituídos a qualquer momento, porém a relação do líder com a massa é de interdependência, um não existe sem o outro. Uma espécie de aliança temporária entre a ralé e a elite seria uma das características dos movimentos totalitários.

Segundo a filósofa, no período que antecede a ascensão desse tipo de movimento, nos primeiros anos após o término da 1ª. Guerra, a Europa sofre com o colapso do sistema de classes. Assim, membros da ralé, marginalizados anteriormente, se aproveitam da crise e passam a ser representantes da massa, apoiados por uma elite ainda jovem, devido ao período de conturbações, como foi o início do século XX. O ativismo político, com preferência pelo terrorismo, também seria um fator que atraía a elite intelectual e a ralé da mesma forma. Para Arendt, somente a ralé e a elite podiam ser atraídas pelo ímpeto totalitário, as massas precisariam ser atraídas pela propaganda.

Ao incorporar o regime soviético à definição de totalitário, Arendt, segundo Konder, escreve a partir da reativação do sentimento anticomunista no Ocidente com a Guerra Fria. A filósofa parte de uma concepção do imperialismo radicalmente contraposta a de Lênin e entende o imperialismo como “aburguesamento” da sociedade contemporânea, na qual o capital utiliza-se das massas desorganizadas e de elementos desqualificados para fazer aliança. Do mesmo modo que os fascistas, assim teriam agido os comunistas, sendo a guerra entre a União Soviética e a Alemanha, uma guerra entre sistemas idênticos. Konder contesta demonstrando a especificidade das condições econômicas para implantação dos modelos de governo e do envolvimento de diferentes classes, em condições de participação e de alianças, diferentes quando da ascensão do fascismo e do comunismo. Enquanto o capital privado permaneceu importante entre os

¹²¹ ARENDT, Hannah. *Totalitarismo, o paroxismo do poder – uma análise dialética*. Rio de Janeiro: documentário, 1979, p. 361.

fascistas, na URSS o Estado incumbiu-se de reorganizar a economia a partir da eliminação da propriedade privada dos meios de produção.

Ainda que pesem as especificidades dos vários movimentos de tipologia fascista, algumas características os aproximam e as definições dos seus analistas também contribuem com as particularidades das correntes e visões de mundo, a partir das quais analisam o fenômeno. Embora alguns concebam o fascismo como um “renascimento maquiavélico”, é quase unânime sua aceitação como parte da história do século XX e não como algo fora de uma normalidade natural do desenvolvimento da sociedade ocidental. Ainda há os que consideram como “variedade do marxismo” e, entre os marxistas, predomina a percepção de que os fascismos surgem em épocas em que a crise do capitalismo em meio à fase imperialista, determina as condições para o seu surgimento. Mas, ainda que se estabeleçam diferenças de interpretação e especificidades nacionalistas/nacionais, o fenômeno do fascismo se define como antiliberal, antidemocrático, ultranacionalista, anticomunista, antiplutocrata e de caráter autoritário. Procuram ainda esconder outras características, como a intolerância. O anti-semitismo declarado dos nazistas, para os integralistas, publicamente, se restringiria ao chamado anti-sionismo, seriam contra o capitalista judeu “sem pátria”, portanto, anti-nacional. No entanto, como mostram alguns artigos de jornais e mesmo obras de intelectuais integralistas, o sentimento anti-semita aparece de forma subliminar e corresponde à tradição cristã ibérica que considerava o judeu o insubmisso às práticas e fé cristãs. No ideário popular do cristão, o judeu é o “errante”, o “infiel” e, mesmo se convertido, deveria ser vigiado para que pagasse as “culpas de judaísmo”. A forte tradição ibérica anti-semita ainda permanece, aparente em alguns integralistas, submisso no cristianismo vulgar.

Outro problema em relação à caracterização do fascismo é se é um regime de governo datado, ou um movimento, cujas características podem ser encontradas na atualidade em organizações, cujas feições recordam as tropas de combate nazistas. O termo fascista pode evocar, também, a questão das especificidades nacionais, como descrevem Buron e Gaucho: o da Itália, a original; da Alemanha, da defesa do *volk*; da Grã-Bretanha e da Bélgica; da Irlanda cristã; da Noruega e Finlândia; da Áustria, com um fascismo anti-nazista, da Hungria e da Romênia, com seu fascismo mítico. Ainda se pode

notar características fascistas no governo do General Franco na Espanha e semelhanças no salazarismo em Portugal.

O fenômeno fascista pode ser visto como reflexo da sociedade de massa, decorrente da despersonalização da vida, onde o homem foi reduzido perante o Estado a indivíduo isolado, desenraizado das sociedades naturais em que tem sido integrado (família, propriedade, município...), a partir da definição dada por Ortega y Gasset.¹²² A sociedade de massa aparece com a urbanização, com a propagação dos meios de comunicação e melhoria de qualidade nos transportes. Estas condições permitem maior intercâmbio de idéias e de segmentos sociais e, de forma paradoxal, tornam-se motivações para conflitos do ponto de vista das identidades. O sujeito típico da sociedade de massas é o anônimo. Afetado pelos contextos de crise, o anônimo vê-se envolvido em defender as questões que lhe atingem mais imediatamente. Os projetos de futuros não devem ser alongados. Exigem-se mudanças mais imediatas, tendo à frente um líder providencial, que encaminha os anseios para as resoluções. Nestes casos, procura-se “culpados” bem visíveis para serem castigados, como judeus ou comunistas, pelas mazelas provocadas pela sua própria inapetência política. Diante das posturas de aparente apatia, as táticas ideológicas fascistas buscariam defender a substituição da luta de classe por luta entre nações. Como conseqüência, a sociedade se tornaria incipiente perante a proposta de um Estado que se sobrepe à massa, a quem chama povo.

O sentido que se dá ao termo povo, ainda que se amplie o conceito às múltiplas definições, mantém a referência dada prioritariamente por Rousseau: como entidade abstrata e homogênea. O termo povo, que comumente é entendido como o montante da sociedade que reconhece entre si uma identidade nacional e que ocupa determinado território, como “população ativa e organizada” – o mesmo sentido dado pelo liberalismo: uma idealização a quem a *res publica* moderna deveria servir – é transmutado da representatividade para a adesão massificada. Desta forma, se no liberalismo o termo povo refere-se à cidadania que, segundo José Murilo de Carvalho incorporaria a participação popular através da organização de interesses¹²³, no fascismo a incorporação se daria pela suposição de unidade, ou uniformidade, de interesses. O povo deveria

¹²² ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-americano, 1971.

¹²³ CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados – O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

incorporar, neste sentido, o conjunto das diferenças. Eliminando-as tornam-se fator de igualdade (leia-se uniformidade) segundo as perspectivas do grupo hegemônico.

Para Nicos Poulantzas, que via correspondência entre “a situação de aprofundamento e de exacerbação das contradições internas entre as classes e frações de classe dominantes”¹²⁴ no processo de fascização, a idéia de igualdade incluía a tentativa de eliminar as diferenças pelo controle das lutas de classe. Segundo Poulantzas, esses conflitos não se limitam ao plano econômico e as contradições internas do bloco do poder estender-se-iam no plano político e ideológico provocando crise de representação partidária que afetaria este bloco. Aconteceria, portanto no processo de fascização e no fascismo, uma crise de hegemonia. A crise de hegemonia corresponde ao momento em que se percebe a incapacidade de uma classe, ou fração em impor sua hegemonia. Ou seja, de organizar a direção de um grupo social sobre os demais no bloco de poder, o que significa também, a “incapacidade da aliança no poder de ultrapassar ‘por si mesma’ as suas próprias contradições exacerbadas, que caracteriza a conjuntura dos fascismos.”¹²⁵

Seguindo os passos de Gramsci, Poulantzas aponta para a função dos aparelhos de Estado (Igrejas, partidos políticos, sindicatos, escolas e universidades, os meios de informação, o domínio cultural, a família (“sob certo aspecto”¹²⁶) de assumir não somente de repressão, mas de um papel ideológico. Ao Estado, caberia, como organizador da hegemonia, resultante da composição das instituições acima, muitas vezes de caráter privado e não reconhecidas oficialmente como parte desses, a garantia de sua existência e de seu funcionamento. Sob a condição de manter a ordem, o bloco hegemônico, permite aos aparelhos de Estado certa autonomia. No caso do Estado fascista, Poulantzas entende-o como Estado de exceção, caracterizando-o como uma forma de Estado que sobressai do tipo de Estado capitalista e que possui uma forma de regime específica. Possui o estado fascista características que também são comuns aos modelos de formação capitalista que correspondem a crises políticas, como as ditaduras militares e o bonapartismo. Como forma de Estado de exceção, o tipo fascista também é intervencionista, embora mantenha ainda alguma autonomia dos aparelhos de Estado, há a sua reorganização limitação da autonomia.

¹²⁴ POULANTZAS, Nicos. *op. cit.*

¹²⁵ *idem, ibidem*, p.78.

¹²⁶ *ibidem*, p. 322.

Com o recrudescimento da repressão física organizada, se funda uma nova relação entre o aparelho repressivo e os aparelhos ideológicos, o que assinala para a necessidade de transformações das relações de força no seio do bloco do poder e a assimilação de um novo papel de Estado na reorganização da hegemonia ideológica. Assim sendo, ficam também atingidas as formas de representação e de organização das classes. Para Poulantzas, a derrota política impingida à classe operária que leva a sua desorganização foi resultado de um plano calculado de progressividade e de divisão, que provocaria rupturas estabelecendo categorias privilegiadas do operariado em detrimento da massa operária. Neste sentido, os aparelhos ideológicos de Estado re-organizados sob o fascismo, assimilando e reproduzindo a ideologia do bloco hegemônico, sofrem um deslocamento no papel de dominância entre eles: os aparelhos de informação passam a usufruir do primeiro lugar nessa composição do Estado fascista, seguidos imediatamente pela família; pelo partido. Segundo Poulantzas, no caso alemão, acontece uma regressão quanto a outros aparelhos ideológicos, como o escolar e o aparelho religioso. O essencial, neste sentido, são as formas que esses aparelhos agem para provocar a adesão do povo, ou massa, às idéias fascistas.

Desde a virada de século (XIX para o XX), as definições de povo e massa iriam tomando as proporções que dariam o teor de algo a ser conduzido e controlado. Em fins do *oitocento* a chamada psicologia social buscava explicação para a produção de uma *cultura de massa*, ou seja, a institucionalização da transmissão de conhecimentos pelo Estado ou pela empresa, segundo Alfredo Bosi.¹²⁷ Torna-se necessária, nessa homogeneização, a definição do destinatário a quem a uniformidade deveria atingir. O termo *cultura de massa*, portanto, relaciona no fascismo a prioridade dada ao aparelho ideológica da informação objetivando, a partir das premissas construídas pelo bloco hegemônico no Estado, incorporar a este o conjunto da população.

Como escreve o autor grego, os fascismos não são fenômenos limitados no tempo. Nas definições de fascismo também cabe aquela que caracteriza o que assistimos hoje no mundo e no Brasil, como no caso do movimento que estudo, o integralismo: de grupos que se organizam sob bandeiras ultraconservadoras, à margem de das discussões políticas

¹²⁷ BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

centrais e que buscam nas idéias autoritárias, parâmetros para defenderem posições radicalmente antidemocráticas.

É preciso, pois, aprofundarmos as questões que fazem do integralismo um movimento sem igual, como eles queriam fazer crer.

III. As idéias autoritárias em uma sociedade autoritária – O Integralismo no contexto de formação de seu ideário no Brasil

No período em que a AIB foi fundada e organizava seus centros culturais em grande parte do território nacional, as questões que afloraram no século XIX sobre a construção da nação brasileira estavam presentes nos debates intelectuais. A influência, principalmente, da chamada “Geração de 1870” é incontestável nas discussões sobre a construção do estado nacional do início do século XX. Nas primeiras décadas do último século, o resgate das obras de intelectuais fundadores da perspectiva nacionalista traria a força legitimadora da ação política capaz de redefinir o cenário do poder estatal. Debatia-se sobre o que viria a ser característico do povo brasileiro e as possibilidades de organização nacional.

Desta forma, além de se entender o pensar autoritário, seria preciso buscar as raízes da submissão, ou seja, se pensar a sociedade submissa, que no entender de Etienne de La Boétie¹²⁸ se aceita o autoritarismo porque é também autoritária. Essa “servidão voluntária” à qual nos submetemos pode ser vista também sob o viés bakhtiniano das trocas interclassistas das experiências e das culturas. Não há submissão se não há as absorções e negociações entre as classes, ainda que no processo de luta pela e contra-hegemônica¹²⁹. Assim sendo, além de buscar a formação de um pensamento autoritário, é preciso entender as respostas à essa submissão e da nossa “inexperiência democrática”, como escreveu Paulo Freire.

Também, agora, sob o viés do Estado ampliado de Gramsci, na relação de autoridade que a sociedade política exerce sobre a sociedade civil, impondo sua

¹²⁸ La Boétie – pensador do século XVI – escreveu *A servidão voluntária*, mais tarde intitulada *Contra um*.

¹²⁹ Esta questão das trocas já foi apontada por Ângela de Castro Gomes em *Invenção do Trabalhismo* (op. cit.) quando

hegemonia, é preciso entender que essa relação nem sempre é só coerção, há também espaço para o consenso.

Quanto à produção do pensamento autoritário, como analisa Bolívar Lamounier, a partir da I República, formou-se uma tradição importante: um conjunto de obras críticas em relação ao modelo constitucional de 1891. Remontando obras aos tempos do Império (Joaquim Nabuco, Silvio Romero e outros), tal tradição adquire uma configuração específica nas obras de seus mais notáveis representantes: Alberto Torres, Oliveira Vianna, Azevedo Amaral e Francisco Campos. Para Lamounier, tais críticos autoritários, voltados para influir nos acontecimentos, constituem um importante momento de inflexão na vida intelectual brasileira e serviam de veículo à difusão e à institucionalização das ciências sociais. Oliveira Vianna, por exemplo, atua na implantação das instituições previdenciárias e do sistema sindical de corte corporativo. Francisco Campos na reforma educacional como ministro do Estado Novo¹³⁰.

Em meio a esses debates do início do século XX, estaria também posta em dúvida a viabilidade organizacional, econômica e social no ambiente liberal. A ascensão dos movimentos fascistas na Europa, também marcaria fronteiras e contrapontos entre as perspectivas de construção de uma “nacionalidade” brasileira. A obra doutrinária da AIB é produto deste compartilhamento, ou dialogização, entre o pensamento nacional e as questões discutidas em todo o mundo diante da crise econômica que se impingiam todos os países de economia de mercado e que teve como marco a quebra da Bolsa de Nova York em 1929.

Neste sentido, vale a reflexão de Lamounier acerca do pensamento autoritário brasileiro e sua importância na emergência do integralismo. Embora este autor não se refira especificamente ao fenômeno integralista, o modelo que propõe analisar é exemplar no sentido do entendimento das produções ideológicas desse período. O autor entende que a tradição do pensamento autoritário brasileiro teria adquirido uma configuração específica em relação à produção intelectual de fins do século XIX, a partir da Primeira República, quando o modelo constitucional de 1891 seria criticado, pois não atenderia às expectativas

¹³⁰ LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um Pensamento Político Autoritário na Primeira República: uma Interpretação. In: FAUSTO, Boris (Org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, 2^o. v. *O Brasil Republicano 2. Sociedade e Instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil., 1990, pp. 141-174.

centralizadoras e formadoras da nação brasileira para uma parcela da sociedade. Os intelectuais integralistas estariam entre aqueles que propunham interferir, através da ação política, na organização de um Estado brasileiro cuja tônica seria a centralização do poder e controle do setor produtivo através do sistema corporativo. Assim, como os intelectuais que segundo Lamounier estariam compondo em prol da organização nacional uma ideologia de Estado¹³¹, os pensadores do integralismo, mesmo não inseridos neste modelo, teriam propostas que os aproximavam dos demais críticos autoritários da Primeira República. Neste sentido, a influência do pensamento de Alberto Torres na construção da doutrina integralista é inquestionável.

Alberto Torres, que fora governador do Rio de Janeiro e Ministro do Supremo Tribunal na Primeira República, e é reconhecido como importante intelectual da vertente autoritária brasileira, considerava o problema nacional um problema de organização. Propunha, a partir da análise objetiva da situação brasileira, a defesa de uma nacionalidade e a centralização política, contra os poderes regionais excessivos. Defendia a instalação do corporativismo, como força orgânica, concluindo que a democracia liberal é um regime estável, impressionista e volúvel¹³².

Oliveira Vianna, jurista fluminense, como Torres, também se colocou contra o regionalismo e a desorganização nacional, interpretando o federalismo e a democracia como algo muito negativo para o país. Considerando o povo brasileiro deficiente quanto à cultura política, Vianna criticava o coronelismo, que não seria combatido pelas autoridades que por eles seriam sustentadas. Avaliando, em artigos publicados anteriormente à “Revolução de 1930”, as elites brasileiras, que chamou de “oligarquias brancas”, o autor propunha uma revisão do regime brasileiro e sugeria a transplantação de um regime estrangeiro, como uma democracia de tipo inglês, por exemplo. Concordava com Torres sobre os problemas de adaptação do homem à terra brasileira, tanto o europeu, como o próprio brasileiro, mas entendia que as fraquezas de nossa “raça” poderiam ser resolvidas “mediante um processo educativo severo, com o qual se infiltrem em nosso caráter essas

¹³¹ Alberto Torres, Oliveira Vianna, Francisco campos e Azevedo Amaral estariam entre esses pensadores autoritários cujas reflexões deram a tônica para a construção de uma ideologia de Estado que compôs a feição ideológica do Estado Novo (do qual, os três últimos pensadores participavam ativamente de sua estruturação).

¹³² TORRES, Alberto. *A organização nacional*. São Paulo/Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.

fortes qualidades morais, essa *vis durans*, que é o segredo e a força das raças germânicas e saxônicas no mundo.”¹³³ Ao povo brasileiro faltaria solidariedade moral, coesão nacional, organização coletiva, consciência forte, clara, definida da sua própria situação e dos seus próprios destinos.¹³⁴ E, como Torres, Vianna acreditava na necessidade de autoridade e centralização do poder político. Segundo Vianna, este era o *leitmotiv* dominante que atravessava a sua obra: “a idéia de unidade e da centralização como meio de organização da Nação. Esta, bem sabe que as nossas elites políticas – por equívoco ou por confusão já secular – vêm insistindo em desarticular e fragmentar, por um federalismo mal compreendido e mal praticado, sob o ilusório pretexto de realizarem, assim, a liberdade...”¹³⁵

Além de Vianna e Torres, a tônica autoritária era vista por outros intelectuais como Azevedo Amaral e Francisco Campos importantes mentores da ótica centralizadora dos primeiros governos Vargas. Para Amaral, que o teria levado a apoiar e defender o Estado Novo, fora toda uma constatação anterior da falência, ou falta de possibilidade real, da democracia do tipo liberal. Para ele, a eleição de representantes, na ótica liberal seria uma ficção. A formação de partidos seria resultado da “sagacidade astuta” dos criadores da democracia liberal. A democracia liberal e seus mecanismos de representação no Brasil, portanto, serviriam para enganar “massas humanas constituídas na sua enorme maioria por indivíduos incultos, em vasta percentagem quase analfabetos [que] não podiam espontaneamente orientar seus votos em um sentido, que desse resultado aos pleitos a fisionomia definida de pronunciamentos ditados por certos rumos políticos definidos ou por preocupações específicas no tocante à soluções de certos problemas concretos.”¹³⁶

E, para Francisco Campos, a nação que a chamada “Revolução de 30” encontrara era de ausência de substância política, de expressão ideológica, de descontinuidade e de dispersão. Ou seja, em estado de desordem. Para isto contribuía a política representativa liberal. Segundo Campos, os partidos políticos não correspondiam ao sentimento e a opinião do país. O novo Estado Brasileiro que se fundara em 1930 resultara de um

¹³³ VIANNA, Oliveira. *Problemas de Política Objetiva*, Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 1974, p. 175.

¹³⁴ *idem, ibidem*, p.171.

¹³⁵ *idem. Problemas de Organização e Problemas de Direção (o Povo e o Governo)*. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 1974, p. 7.

¹³⁶ AMARAL, Azevedo. O pensamento político do Chefe do Governo. In *Revista Cultura Política*, no. 1, 1941.

imperativo de salvação nacional que se consolidaria com o decreto de 1937, instituindo o Estado Novo. Em um país dividido, como via, o uso da violência como instrumento de decisão política ocupava o primeiro plano. E todo processo de organização governamental do qual participava como Ministro de Vargas serviria para por fim “à política dos paliativos e das medidas parciais”¹³⁷

Estas posições, antiliberais, eram comuns no meio intelectual que via na República Federativa fundada em 1889, a incapacidade de ordenar e controlar, sob o poder central, as diretrizes capazes de fundar uma verdadeira nação brasileira. Seriam os interesses particulares que estavam governando o Brasil, segundo grande parte da intelectualidade, tanto de esquerda, como de direita. Desde o século anterior, as questões de ordenação, de composição racial do povo brasileiro, da própria definição do que seria o povo brasileiro, a partir da reordenação do mundo do trabalho após a Lei de Terras¹³⁸ e da abolição, além da re-organização dos blocos setoriais representativos das classes em disputa pela hegemonia na sociedade política estavam em discussão.

O chamado pensamento autoritário brasileiro tem sua história construída por gerações. Desde os tempos do Império e alcança com menor estímulo a atualidade. Atualmente, torna-se mais fonte de análise que de apoio aos interesses ideológicos e políticos pragmáticos dos intelectuais de hoje. Mas a bibliografia sobre o tema abunda de interpretações que nos fornecem apoio para se pensar povo e cultura nos períodos que analisamos. O educador Paulo Freire¹³⁹, por exemplo, faz uma análise das linhas fundamentais das marcas mais fortes da formação da sociedade brasileira: *a inexperiência democrática*. As condições estruturais da colonização do Brasil não fora favorável ao que Toqueville caracterizava a essência da própria democracia: a feitura da sociedade pelas próprias mãos de seus membros. O Brasil nascera e crescera dentro de condições negativas à experiência do diálogo, sem fala autêntica. Em referência a essa formação, Freire cita Pe. Antonio Vieira que via o país-colônia como *infans* (o que não fala). O educador ainda

¹³⁷ CAMPOS, Francisco. O Estado Nacional. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940, p; 46.

¹³⁸ O trabalho de Márcia Motta é exemplar para se compreender as formas de inserção do homem livre, ou do que se liberta do cativo, numa nova ordem que se fundava no século XIX sobre a ordem escravista em processo de superação. A autora mostra a que “apropriação” da legislação pelas classes proprietárias iria definir, até a atualidade, a relação trabalhador rural e acesso à terra no Brasil. Ver. MOTTA, Márcia Maria Menendes. *Nas fronteiras do poder – conflito e direito à terra no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Vício de Leitua/ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

¹³⁹ FREIRE, Paulo. *A Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática*. In: *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, pp. 65-83.

aponta o sentido fortemente predatório da colonização à base da exploração econômica do grande domínio – em que o poder se alongava das terras às pessoas, como entendeu Gilberto Freyre – não poderia ter criado condições necessárias ao desenvolvimento de uma mentalidade permeável, flexível no homem brasileiro.

Buscando outras explicações para *inexperiência democrática* brasileira, Freire se remete a Caio Prado Júnior que, por sua vez, adverte, ao referir-se a essa inexperiência política das camadas inferiores da população brasileira, que a economia nacional, juntamente com a organização social, assentada numa larga base escravista, não comportava uma estrutura política democrática e popular. Um imenso “poderio feudal”, concentrado nas mãos dos senhores rurais, teria sido um corolário da colonização que foi, sobretudo, uma empreitada comercial, sem a intenção de criar, na terra descoberta, uma civilização.

Paulo Freire em sua análise da sociedade brasileira como “sociedade fechada”, a “colonial, escravocrata, sem povo, ‘reflexa’, antidemocrática”, coloca que, em tempos coloniais, Pe. Manuel da Nóbrega já reclamara contra a falta de uma maior integração com a colônia, sem afeição pela terra, por parte dos colonos portugueses. Tempo de mandonismo, dependência e protecionismo. Nesses domínios, “protegidos” dos senhores todo-poderosos, foram plantadas as raízes das tão comuns soluções paternalistas. Ausência, nessa formação, de uma consciência transitiva e de uma vivência comunitária. Durante os séculos XVI e XIX, segundo Gilberto Freyre, tudo levou a um fechamento individualista, onde “cada família é uma república”, como afirmara Vieira, citado por Oliveira Viana. Formou-se a sociedade brasileira sem uma maior diversidade de *status* de homem ou família, com classes intermediárias, senão os extremos senhor e escravo, como interpretou Freyre.

Oliveira Viana chamou de “função desintegradora dos grandes domínios” a absorção esmagadora dos frágeis centros urbanos pelo grande domínio da propriedade autarquizada. Somando-se a tudo isso com o trabalho escravo, não teria sido possível a criação de disposições mentais flexíveis à solidariedade, que não fosse exclusivamente privada. A chegada de D. João VI com toda a sua corte em 1808, forçado pelas circunstâncias, promoveu um conjunto de reformas que favoreceram o crescimento do poder urbano face ao declínio do patriarcado rural, conforme explica Freyre:

*“Com a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro, o patriciado rural, que se consolidara nas casas-grandes de engenho e de fazendas – as mulheres gordas fazendo doces, os homens muito anchos dos seus títulos e privilégios de sargento-mor e capitão, de seus púcaros, de suas esposas, e dos seus punhais de prata, de alguma colcha da Índia guardada na arca, dos muitos filhos legítimos e naturais espalhados pela casa e pela senzala – começou a perceber a sua majestade dos tempos coloniais. Majestade que a descoberta das minas, acrescenta, já vinha comprometendo”.*¹⁴⁰

Essa transferência do poder consolidado nas “casas-grandes” para a burguesia opulenta e enriquecida no comércio em seu meio urbano não se fazia com a participação do homem comum na sua comunidade que nem sequer tinha o direito ao voto. A preservação do trabalho escravo impedia qualquer surto de desenvolvimento, com as alterações que se processavam. Como se fossem “centros europeus”, as províncias “analfabetizadas” assistiam os “bacharéis” e “doutores” em discussões de idéias trazidas dos meios europeus onde se formavam. As dimensões desse surto de renovação e de alterações promovidas com a chegada da Corte tiveram como conseqüências a europeização ou reeuropeização do País, reforçando a sua inexperiência democrática:

*“... é que (...) paralelo ao processo de europeização ou reeuropeização do Brasil que caracterizou, nas principais áreas do País, a primeira metade do século XIX, aguçou-se, entre nós, o processo já antigo, de opressão não só de escravos e servos por senhores, de africanos e indígenas por portadores exclusivistas da cultura européia, agora encarnada principalmente nos moradores principais das cidades.. (...) O direito de galopar ou equipar ou andar a trote pelas ruas da cidade repita-se que era exclusivo dos militares e milicianos. O de atravessá-la, montado senhorialmente a cavalo, era privilégio do homem vestido e calçado à européia”*¹⁴¹

A estrutura do Estado nacional democrático seria resultante de sua importação sem nenhuma prévia consideração ao contexto brasileiro. Isso refletiria, assim, uma típica posição ou atitude normal de alienação cultural. Todo esse processo separara a democracia da forma de vida, o pressuposto de sua forma política, caracterizada por uma forte transitividade de consciência no comportamento do homem. Este necessitaria, sobretudo,

¹⁴⁰ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*, vol I (sem referência a editora e data), p. 113. *apud* FREIRE, Paulo. *op. cit.*, p. 77.

¹⁴¹ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*, vol II (sem referência a editora e data), p. 113. *apud* FREIRE, Paulo. *op. cit.* p. 78.

de uma específica dimensão mental (*frame of mind*) – isto é, certas experiências de compartilhamento por todos ou por uma grande maioria de uma sociedade. No caso da proclamação da República, o povo assistira “bestificado” àquele acontecimento (Aristides Lobo). Para Freire, o que ocorria até antes do Golpe Militar era um início do encontro do País consigo mesmo, com o povo brasileiro emerso em experiências de participação.

Outra contribuição importante na análise do autoritarismo, o artigo, a guisa de prefácio que Antônio Cândido redigiu para a obra fundadora de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*.¹⁴² Para o crítico, três livros foram marcantes para toda uma geração fundadora do pensamento social no Brasil: *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda e *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior. Eles seriam chaves por parecerem exprimir a mentalidade ligada a um radicalismo intelectual e análise social que eclodira depois da Revolução de 30, não chegando a serem suprimidos pelo Estado Novo. A obra penetrante e antecipadora de Oliveira Viana parecia então superada, cheia de preconceitos ideológicos em sua vontade excessiva de adaptação do real a desígnios convencionais. *Casa Grande & Senzala*, por exemplo, forjou-se de um intuito anti-convencional, numa composição libérrima, ao tratar com franqueza a vida sexual do patriarcalismo e atribuir uma importância decisiva ao escravo na formação do modo de ser mais íntimo do brasileiro. No contexto de sua época, tal livro teve força revolucionária e um impacto libertador: o uso da técnica expositiva com a profusão de informações, com múltiplas noções projetadas como numa improvisação de talento e a coordenação de dados conforme pontos de vista totalmente novos no Brasil. Tal obra seria uma ponte entre o naturalismo dos velhos intérpretes da sociedade brasileira, como Sílvio Romero, Euclides da Cunha e mesmo Oliveira Viana, e os pontos de vista mais especificamente sociológicos surgidos a partir de 1940.

Os problemas de fundo biológico (raça, aspectos sexuais da vida familiar, equilíbrio ecológico, alimentação) serviam de esteio a um tratamento inspirado na antropologia cultural norte-americana. *Raízes do Brasil*, lançado três anos depois, com um êxito de qualidade imediato, tornou-se um clássico na sua nascença. Num ambiente de

¹⁴² CÂNDIDO, Antônio. *Significado de Raízes do Brasil* (1967). In BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, pp. xxxix – l.

tensão entre a descrença no liberalismo e as ofertas ideológicas do integralismo e socialismo/comunismo, teve como referências teóricas a história social dos franceses, a sociologia cultural dos alemães e certos elementos da teoria sociológica e etnológica também inéditos no meio acadêmico brasileiro. *Formação do Brasil Contemporâneo* surgiu em pleno Estado Novo repressivo e renovador, dando os primeiros passos de interpretação do passado em função das realidades básicas da produção, da distribuição e do consumo. Sua linha interpretativa, o materialismo histórico, servia de alavanca de renovação intelectual e política.

Questionando o viés restritivo de sua abordagem, Antonio Cândido associa-a a sua posição de esquerda, considerando, portanto, tais obras contidas de elementos de uma visão do Brasil que parecia adequar-se a uma visão de esquerda. Elas traziam denúncia do preconceito de raça, a valorização do elemento de cor, a crítica dos fundamentos “patriarcais” e agrárias, o discernimento das condições econômicas, a desmistificação da retórica liberal. Para os jovens da direita, havia a tendência de rejeitá-las. Eles preferiam autores com orientação metodológica de tipo naturalista ou positivista (Oliveira Viana e Alberto Torres), que lhes apresentavam argumentos para uma visão hierárquica e autoritária da sociedade. Mas o autor faz a seguinte reflexão sobre tais antagonismos ideológicos com os adversários da sua mesma geração, na maioria integralista:

*“Apesar da estima pessoal que tínhamos eventualmente por alguns deles, nós os reputávamos representantes de uma filosofia política e social perniciosa, sendo, como era, manifestação local do fascismo. No entanto, a distância mostra que o integralismo foi, para vários jovens, mais do que um fanatismo e uma forma de resistência reacionária. Foi um tipo de interesse fecundo pelas coisas brasileiras, uma tentativa de substituir a platibanda liberalóide por algo mais vivo. Isso explica o número de integralistas que foram transitando para posições de esquerda – da cisão precoce de Jeová Mota às abjurações do decênio de 1940, durante a guerra e depois dela. Todos sabem que nas tentativas de reforma social cerceadas pelo golpe de 1964 participaram antigos integralistas identificados às melhores posições do momento. Ex-integralistas que chegaram aos vários matizes da esquerda, desde a “positiva”, batizada assim por um dos mais brilhantes dentre eles, até às atitudes dentre os que antes formavam à esquerda acabaram por virar espoletas ativíssimos da reação”.*¹⁴³

¹⁴³ CÂNDIDO, Antônio. *idem, ibidem*.

Desde Sarmiento¹⁴⁴, a reflexão sobre a realidade social no pensamento latino-americano foi marcada pelo senso dos contrastes e mesmo dos contrários. *Raízes do Brasil* é uma construção sobre uma metodologia dos contrários, que alarga e aprofunda a velha dicotomia da reflexão latino-americana, impedindo, assim, o dogmatismo e abrindo-se à meditação dialética. Holanda explora conceitos polares, não para o esclarecimento através de uma opção entre eles como o fazem Sarmiento e Euclides, mas pelo jogo dialético entre ambos. Aproveitando o critério tipológico de Weber, ele o modifica na medida em que focaliza pares, não pluralidade de tipos, propiciando-lhe o abandono do modo descritivo, e sim tratá-los de maneira dinâmica, ressaltando principalmente a sua interação no processo histórico, recorrendo a posições hegelianas.

Com este instrumento, o autor analisa os fundamentos do nosso destino histórico, as “raízes”, aludidas pela metáfora contida no título. Ao analisar a colonização da América, como desdobramento da Ibéria, destaca o caso do tradicional personalismo do qual provêm a frouxidão das instituições e a falta de coesão social. A Península Ibérica, com uma tradição de ausência do princípio da hierarquia e da exaltação do prestígio pessoal com relação ao privilégio, é aludida em sua repulsa pelo trabalho regular e pelas atividades utilitárias. Daí decorre por sua vez a falta de organização, pelo fato do ibérico não renunciar às veleidades em benefício do grupo dos princípios. Holanda mostra uma consequência paradoxal: a renúncia à personalidade por meio da cega obediência, única alternativa para os que não concebem disciplina baseada nos vínculos consentidos, nascida em geral da tarefa executada com senso do dever: A vontade de mandar e a disposição para cumprir ordens são-lhes igualmente peculiares [aos ibéricos]. As ditaduras e o Santo Ofício parecem constituir formas tão típicas de seu caráter como a inclinação à anarquia e à desordem.

¹⁴⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Civilização e Barbárie*. Petrópolis: Vozes, 1997. Plínio Salgado se refere a Sarmiento em *Psicologia da Revolução*, op. cit. Como escreve Érica Ribeiro Marinho Ramos em artigo publicado na mídia eletrônica: *A idéia de América latina: "O tema civilização e barbárie poderia ser o contraponto mais influente dentro do pensamento latino-americano, este contraponto é apreciado com um desafio a ser superado como no livro de Sarmiento Civilización y Barbárie. Toda sociedade possui desencontros tais como cidade e campo, costa e serra, branco e mestiço e assim também o é civilização e barbárie. Às vezes a idéia de barbárie está associada ao preconceito racial, darwinismo social, a barbárie sempre é reforçada pela idéia de que o bárbaro é o de outra casta, a outra classe. E são bárbaros aqueles que reivindicam, que protestam, bárbaro sob vários aspectos é o outro". In http://www.estacio.br/rededelettras/numero13/hablado_portanol/texto2.asp.*

A tipologia básica da colonização é representada por Buarque de Holanda a partir de duas éticas opostas: o aventureiro – acomodação ao provisório e a preferência por descobrir do que consolidar; o trabalhador – estima a segurança e o esforço, aceitando compensações de longo prazo. A lavoura da cana de açúcar seria, então, uma forma de ocupação aventureira do espaço, por tratar-se de uma adaptação antes primitiva ao meio, com baixa capacidade técnica e docilidade às condições naturais.

A escravidão teria agravado os fatores que se opunham ao espírito do trabalho. O malogro do ímpeto, como o de Mauá, se deveu à incompatibilidade entre as formas de vida copiadas de nações socialmente mais avançadas e o patriarcalismo e personalismo fixados no país por uma tradição de origens seculares. A paisagem natural e social, marcada pelo predomínio da fazenda sobre a cidade, se deveu à vinculação desta a uma idéia de nobreza e constituída e a uma posição do meio. O estudo da cidade revela-a como um instrumento de dominação e da circunstância de ter sido fundada neste sentido.

Diferente do espanhol (“ladrihador”), que acentua o caráter linear da cidade através do triunfo da linha reta, o português (“semeador”), norteado por uma política de feitoria, funda cidades “irregulares”, nascidas e crescidas ao “deus-dará”, rebelde à norma abstrata. Com os conceitos de “patrimonialismo” e “burocracia”, devidos a Weber, Holanda elucida o problema da formação do brasileiro e dá um fundamento sociológico à caracterização do “homem cordial”, expressão tomada de Ribeiro Couto. O homem cordial não pressupõe bondade, mas a inadequação visceral às relações impessoais.

A vinda da família real é notada em seu impacto que provocara o primeiro choque nos velhos padrões coloniais. Entre os traços da “mentalidade cordial”, destacam-se os seguintes: “sociabilidade” aparente, não exercendo efeito positivo na estruturação de uma ordem coletiva; saber de fachada, como fator de prestígio, por secundarizar a natureza dos objetivos, o que provoca uma instabilidade nas atividades – valorização das profissões liberais, desligadas do trabalho direto sobre as coisas - que lembra a condição servil. A voga do positivismo no Brasil seria, segundo a interpretação de Holanda, seria decorrente da característica da falta de aplicação pelo culto tradicional pelas formas impressionantes, exibicionismo e improvisação. A isso correspondia na vida política o liberalismo ornamental e à ausência de verdadeiro espírito democrático:

*“A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas”*¹⁴⁵

Os movimentos “aparentemente reformadores” teriam sido impostos de cima para baixo pelos grupos dominantes. Um dos pressupostos fundamentais de toda a obra é a passagem do rural do urbano, tendo como conseqüência a passagem à tradição ibérica, que dependia essencialmente das instituições agrárias, ao novo tipo de vida. Isso se faz pelo aniquilamento das raízes ibéricas da cultura brasileira em troca do estilo americano, por este acentuar-se com maior rapidez. O episódio importante dessa transformação é a passagem da cana-de-açúcar ao café, cuja exploração deste é mais ligada aos modos de vida modernos. Holanda conclui que haveria na sociedade brasileira, apesar de suas tendências de tipo reacionário, que permitem o rumo à democracia.

Na época em que escreve *Raízes do Brasil*, em 1936, Sérgio Buarque de Holanda vivencia a movimentação integralista e analisa a possibilidade do sucesso do movimento no Brasil a partir da comparação com o êxito do fascismo europeu. Dadas as condições que julga compor a face autoritária do Brasil, o autor escreve que:

*“Não seria difícil prever o que poderia ser o quadro de um Brasil fascista. Desde já podemos sentir que não existe quase mais nada de agressivo no incipiente mussolinismo indígena. Na doutrinação dos nossos ‘integralistas’, com pouca corrupção a mesma que aparece nos manuais italianos, faz falta aquela truculência desabrida e exasperada, quase apocalíptica, que tanto colorido emprestou aos seus modelos da Itália e da Alemanha. A energia sobranceira destes transformou-se, aqui, em pobres lamentações de intelectuais neurastênicos.”*¹⁴⁶

Para Buarque de Holanda, as condições autoritárias para a implantação do fascismo integralista no Brasil seriam favoráveis diante das condições de nossa colonização e dos sistemas de governo que a seguiram. Embora não pertencesse à corrente autoritária, neste momento o pensador ainda não acreditava na capacidade de organização democrática do povo brasileiro. As raízes pareciam por demais profundas. Mas, Buarque Holanda aponta

¹⁴⁵ BUARQUE DE HOLANDA. op. cit., p. 119.

¹⁴⁶ *idem, ibidem*, p. 141.

ao final, ainda que de certa forma pessimista, a possibilidade de mudanças: devemos tirar a venda dos nossos olhos para podermos enxergar nossas verdades singelas.

IV “Deus dirige o destino dos povos”¹⁴⁷ – fundamentos doutrinários da Ação Integralista Brasileira

“Algum leitor pode estar pensando que desejaríamos que no fascismo houvesse menos heroísmo e mais santidade. Mas não é tal. O fascismo é uma política e não podemos, sem ofensa à lógica, ultrapassar as fronteiras da política. (...) O heroísmo e o sacrifício dos ‘camisa preta’ são índices de forças espirituais, mas estas forças não se revelam como tais. O integralismo, ao contrário, é espiritualista, francamente espiritualista.”¹⁴⁸

Em que pesem as afinidades e as características comuns, não se pode negar o crédito ao Integralismo que, desde o início de sua jornada, nega a relação de cópia, ou identidade doutrinária total, com os fascismos europeus. Mas isso não significa que não o admirassem nem que com eles negociassem apoios mútuos. As características específicas do movimento integralista correspondem, primeiramente, às formas do processo histórico brasileiro. Depois, as questões culturais, juntamente com as questões nacionais brasileiras recebiam interpretações próprias e eficientes, não necessitando importação de modelos exteriores. Cabe ressaltar a competência e inteligência dos intelectuais integralistas, como o próprio Plínio Salgado, Miguel Reale, Gustavo Barroso, San Tiago Dantas, Olbiano de Mello, dentre tantos outros capazes de pensar um modelo próprio brasileiro de sistema autoritário que incluíssem também as características de incorporação popular nos seus projetos de ordenação de uma nação ainda por se construir, como se pensava então.

Quando é fundada a Ação Integralista Brasileira, seu principal mentor e Chefe, Plínio Salgado, romancista e jornalista diletante, propôs-se a iniciar um movimento que

¹⁴⁷ Frase que abre o “Manifesto Integralista” de 1932 – da fundação da Ação Integralista Brasileira.

¹⁴⁸ REALE, Miguel. Nós e os fascistas da Europa. In *Revista Panorama – Coletânea Mensal do Pensamento Novo*, São Paulo, Junho de 1936, no. 6, p. 16.

significasse o fim de uma busca pela construção de um Estado síntese nacional. Para ele esta síntese, além da união dos diversos segmentos que compõem a nação: da família ao trabalho, deste ao município, daí à província (significando os estados da federação), representaria a supremacia do Estado sobre todos. Unificando na totalidade todos esses elementos, estaria o Estado Integralista. Porém este Estado, segundo os integralistas, não teria o aspecto totalizante do fascista. Neste caso, segundo o artigo de Plínio Salgado “Honestidade e Coragem” divulgado amplamente como panfleto integralista pelas três gerações do movimento, seria o Estado fascista totalitário porque tenderia a ser finalidade em si próprio, absorvendo todas as expressões nacionais e sociais, econômicas, culturais e religiosas. Desta forma subordinaria a "pessoa humana" e os grupos naturais ao seu domínio. Diz o artigo que o Estado Integral, ao contrário, não teria uma finalidade em si próprio; não absorvendo as expressões nacionais e sociais, econômicas, culturais e religiosas; não subordinaria a "pessoa humana" e os grupos naturais, objetivando “a harmonia entre todas essas expressões, a intangibilidade da ‘pessoa humana’”. Ainda de acordo com o artigo, os integralistas adotariam uma filosofia totalista, o que significa uma concepção totalitária do mundo, incorporando o Estado nesta concepção e não o colocando como aquele que absorve o todo¹⁴⁹.

Para Salgado, o fascismo teria caráter transitório. Nele, a idéia-força que o iniciou quando entra em decadência quando começa a lutar contra o futuro. A Idéia Revolucionária que deveria ser o motor das mudanças deveria, portando incorporar a luta contra o passado e contra o presente e, a revolução, neste sentido, tem aspecto de renovação constante. E, esta mesma renovação assumiria caráter transformador. Para Salgado, “transformar no sentido da valorização do espírito”¹⁵⁰. Segundo um dos principais ideólogos da AIB, Miguel Reale, quanto ao fascismo: “Plínio Salgado acolheu

¹⁴⁹ SALGADO, Plínio. Do artigo: *Honestidade e Coragem*. Panfleto que consta do acervo do fundo integralista do Arquivo Público do Rio de Janeiro, não contendo data de sua publicação nem referência – documento no. 4149. Este artigo foi distribuído à população e aos integralistas. As discussões sobre a essência totalitária ou não do integralismo encontram-se em muitos textos, principalmente os de Miguel Reale e de Plínio Salgado. É preciso deixar claro que estas discussões estavam sendo feitas concomitantemente com a ascensão dos fascismos na Europa. A tomada de posição dos integralistas quanto estas questões, antes de buscar criar visões antagônicas às dos modelos europeus, buscava, principalmente marcar as diferenças nacionais entre o fascismo brasileiro da AIB e os da Europa. Como dito anteriormente, é usado para demarcar as diferenças do integralismo com o fascismo, pelo enfoque do que significa num e noutro o termo Totalitário.

¹⁵⁰ SALGADO, Plínio. Psicologia da Revolução. In *Obras Completas*, vol. 7. Rio de Janeiro: Editora das Américas, 1955, p. 180.

essa idéia, no contexto da doutrina social da Igreja, que era a sua diretriz dominante, procurando adequá-la às conjunturas político-econômicas brasileiras, sendo partidário de um “corporativismo integral”, não identificado com o Estado. A seu ver, o Fascismo devia ser interpretado como uma “terza via” entre o liberalismo e o comunismo, tendo programa distinto em cada nação.”¹⁵¹

Procurando compor uma feição institucional, cuja auto-imagem representasse os anseios da nação brasileira, a AIB buscava legitimar-se fincando seu alicerce nas nossas raízes históricas e étnicas. Os integralistas buscaram em pensadores brasileiros respeitáveis do início do século XX, as condições de análise do Brasil que ainda engatinhava como Estado-nação. Parte do pensamento não integralista da época também comungava da mesma necessidade de constituir um esboço da feição brasileira. Alguns até escreviam artigos que eram publicados na principal revista do movimento que abordava assuntos doutrinários, a *Panorama*, voltada para um público mais intelectual. Físicos, geógrafos, pensadores políticos contribuía frequentemente para periódicos integralistas. Mas, entre aqueles que os integralistas respeitavam como os que contribuiriam para o auto-conhecimento do Brasil, estavam Alberto Torres, Euclides da Cunha e Jackson de Figueiredo, entre outros.

As análises de Torres, e as suas propostas de organização da economia e política brasileira serviram de bases a muitos estudiosos integralistas ou não, em busca de soluções para o Brasil. Para o autor fluminense, a República, recém-instaurada, não havia conseguido dar conta da organização brasileira, que necessitava de uma direção forte. Torres defendia um projeto brasileiro de incentivo à pequena propriedade. Seu nacionalismo voltava-se para a busca das tradições, de forma a constituir forte vínculo entre os nacionais. No caso brasileiro, considerado por ele, uma sociedade mista, a solidariedade política, jurídica e econômica envolveria o interesse hodierno e futuro das “raças” que compunham o povo, num mesmo interesse e compromisso. Para Torres, admitir a desigualdade social entre as “raças” importaria em decretar guerras entre elas, posto que a subordinação fosse impossível. Considerava o meio como fator determinante na composição do povo brasileiro e, a influência tropical deste meio teria levado o trabalhador brasileiro, não à indolência, mas a ser “mais paciente, para a tarefa que o

¹⁵¹ REALE, Miguel. *O integralismo revisitado*. Texto enviado por e-mail a autora (28/08/2004) por Reale.

européu e o americano”¹⁵² Para Torres, o Brasil necessitava de força governamental esta deveria consistir na “delegação ao governo de maiores funções e atribuições, no aumento do alcance da ação do governo, na investidura, em suma, do depositário do poder político, com a soma dos poderes de providência prática, imanentes á autoridade do Estado, como órgão da sociedade nacional, isto é, como órgão de força e da ação coletiva e permanente que ampara o indivíduo e a sociedade, no presente e no futuro.”¹⁵³ Para o pensador, o governo deveria pertencer aos capazes, sendo o governo do povo uma ilusão que sugere erros e complicações.

De Euclides da Cunha, os integralistas admiravam a sua análise sobre o povo brasileiro que enaltecia a sua coragem e resistência. Cunha, que tratava de forma naturalista a evolução de um caráter brasileiro, principalmente nordestino, via neste a índole aventureira do colono (português) e a impulsividade do indígena ao qual foi adicionado pelo meio e pelo isolamento, a conservação dos atributos e costumes dos ancestrais, que teriam sofrido modificações diante das novas exigências da vida¹⁵⁴. Interpretando as principais características da composição étnica do povo brasileiro, Cunha faz uma análise antropológica a partir dos aspectos biológicos típicos da Antropologia do século XIX, que se baseia no evolucionismo (pela seleção natural da espécie: vence aquela "raça" mais forte e mais inteligente) e na adaptação do homem ao meio ambiente. O jornalista/engenheiro trata as diferenças étnicas como diferenças raciais: 3 "raças": negro, branco e indígena. Assim caracterizava estas “raças”: - "raça" indígena autóctone; - "raça" negra - atributos preponderantes: "a seleção natural se faz pelo exercício intensivo da ferocidade e da força"; - "raça" branca - fator "aristocrático" de nossa gens: o português "que nos liga a vibrátil estrutura intelectual do celta". Da mistura, destacar-se-iam como produtos mais característicos da "raça" brasileira: o mulato (negro + branco), o mameluco ou curiboca (branco + índio) e cafuzo (índio + negro). O tipo abstrato do brasileiro seria o pardo: fruto da meta-química da fusão das três "raças".

Para Cunha não haveria unidade de "raça". Segundo ele: "A nossa evolução biológica reclama a garantia de evolução social. Estamos condenados à civilização. Ou

¹⁵²TORRES, Alberto. *A organização nacional*. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 44.

¹⁵³ *idem, ibidem*, p. 353.

¹⁵⁴ CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1911.

progredimos ou desaparecemos."¹⁵⁵ Para Euclides da Cunha essa afirmativa anterior e reforçada pela heterogeneidade de elementos ancestrais acrescentada de um meio físico amplíssimo e variável, completado pelo variar de situações históricas, que dele em grande parte decorre. "Um clima e como que a tradução psicológica de uma condição geográfica": de cada parte do Brasil, de acordo com a ocupação "racial" e com as suas características culturais (para ele ligadas à condição de raça) formariam e contribuiriam, com a miscigenação, para compor o "povo", ou "raça" brasileiros.

A demonstração positiva dessa miscigenação estaria na originalidade da gênese da população sertaneja do Brasil intertropical; no processo de ocupação do interior do Brasil em que surgem os "nortistas" lutando pela autonomia da pátria nascente (ver Confederação do Equador) e os sulistas que os abasteciam com carne bovina: "cerne vigoroso de nossa nacionalidade". Dos encontros "raciais" na região do vale do Rio São Francisco, de gente vindo de São Paulo (que conserva a índole varonil dos portugueses, segundo Euclides da Cunha), de outras partes do Nordeste e norte de Minas com os índios da terra, teria como consequência uma raça de "curibocas puros, quase sem mescla de sangue africano, facilmente denunciada, hoje, pelo tipo normal daqueles sertanejos"¹⁵⁶. Teriam nascido de um amplexo forçado e feroz de vitoriosos e vencidos. E teriam criado uma sociedade revolta, aventureira e sonhadora, sobre a terra farta.

Os integralistas não viam em Cunha a ortodoxia spenceriana que muitos lhe imputavam. Sua interpretação das características sertanejas lhes servia na composição do homem integralista e no propósito de crer que à raça brasileira estava destinada a história. Ao homem feio e forte, cuja aparência de cansaço ilude, o "Hércule-Quasímodo", estaria destinada a superação da questão social, para os integralistas.

Sobre Jackson de Figueiredo admiravam sua conversão e sua defesa do tradicionalismo católico que o impulsionaram a tornar-se fundador da revista "A Ordem" em 1921 e, posteriormente participar do Centro Dom Vital. Figueiredo, falecido em 1926, servia como modelo a ser seguido pelos integralistas e que, segundo Tasso da

¹⁵⁵ *idem, ibidem*, p.118.

¹⁵⁶ *ibidem*, p.99.

Silveira “acordou nossa inteligência, com sua palavra, para o interesse profundo pelo destino coletivo”¹⁵⁷

Espelhando-se na Doutrina Social da Igreja, a AIB comungava das mesmas idéias de regimes reacionários europeus cujas origens antecediam às do fascismo e que também o influenciaram. Para os ideólogos da AIB, esta identificação com a espiritualidade marcava a sua diferença em relação a quaisquer modelos racionalistas de construção do Estado, inclusive o fascista. O integralismo, como nos modelos europeus, propunha a organização da sociedade nos moldes corporativistas, alegando ser a única alternativa encontrada para substituir o modelo liberal pela representação de grupos de interesse econômico e ocupacional, descrita pelos ideólogos da AIB, como a forma representativa de uma “democracia orgânica”. Diferentemente de como a definiu Juan Linz, os integralistas relacionavam (e relacionam) a “democracia orgânica” ao organicismo. Idealizavam-na como idéia de integralidade, ou totalismo: Estado e sociedade, como um só corpo do qual fariam parte os sindicatos. A democracia teria aspecto funcional; a família, os sindicatos, representantes dos trabalhadores, enquanto profissionais e os governos municipais, como órgãos essenciais, ligados e comandados pelo Chefe do governo (a cabeça), o herói providencial, seguindo a ordem hierárquica da obediência ao órgão com poder de comandar o resto do organismo. O Estado, portanto, sendo integral, seria o corpo. Porém, funcionaria organicamente, com cada órgão exercendo “saudavelmente” as suas funções. A base principal desta sustentação seria moral e cristã, tal como demonstra o lema do movimento: “Deus, Pátria e Família”.

Deste modo, procurava combater, fundamentalmente, a livre concorrência, a luta de classes e o comunismo. E, ao organizar-se como partido, visou chegar à hegemonia da sociedade política.

Seguindo as diretrizes da Igreja Católica, sob diversos ângulos, a proposta integralista propunha ser diferente da do regime fascista. Como escreve Miguel Reale em *Formação da Política Burguesa*, em 1934, ao abandonar a ênfase no decalque das ciências naturais e na explicação causal dos fatos, que tipificavam tanto os enfoques liberal, marxista e fascista “os movimentos integralistas deixam o peso morto da premissa

¹⁵⁷ SILVEIRA, Tasso. *O Movimento do Sigma*. In *Enciclopédia do Integralismo*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica, 1958, p.. 31

burguesa (o naturalismo), marcando o ritmo espiritualista dos novos tempos pela reafirmação do princípio de *finalidade* como complemento do de *causalidade*.”¹⁵⁸ Para os ideólogos da AIB, esta identificação com a espiritualidade marcava a sua diferença em relação a quaisquer modelos racionalistas de construção do Estado, inclusive o fascista.

A proposta da AIB se aproximava do estatismo orgânico, que segundo Eric Hobsbawm, teria características conservadoras, defendendo uma ordem tradicional, que recriaria princípios do corporativismo medieval, como forma de conter o individualismo liberal e o avanço do trabalhismo e do socialismo. Assim, como coloca Hobsbawm em relação aos modelos da direita européia, havia no pensamento integralista “uma nostalgia ideológica de uma imaginada Idade Média ou sociedade feudal, em que se reconhecia a existência de classes ou grupos econômicos, mas a terrível perspectiva da luta de classes era mantida à distância pela aceitação de uma hierarquia social, pelo reconhecimento de cada grupo social ou ‘estamento’ tinha seu papel a desempenhar numa sociedade orgânica composta por todos, e deveria ser reconhecido como entidade coletiva.”¹⁵⁹ O integralismo propunha também, como esse tipo de direita européia, a organização da sociedade nos moldes corporativistas, alegando ser a única alternativa encontrada para substituir o modelo liberal pela representação de grupos de interesse econômico e ocupacional, descrita pelos ideólogos da AIB, como a forma representativa de uma “democracia orgânica”. Deste modo, procurava combater, fundamentalmente, a livre concorrência, a luta de classes e o comunismo.

Os integralistas defendiam uma revolução social e política que incluísse todos os brasileiros em uma finalidade superior, espiritual e moral. Concebiam o Estado como ponto de referência das atividades humanas. A grande família brasileira formada da mesclagem do índio, do branco e do negro, constituiria a base do novo estado que propunha o estado Integral. Procurando impor-se pela busca de legitimidade no passado mítico brasileiro: nas raízes culturais do colonizador branco português e católico, do africano escravizado e do indígena, cuja inocência primordial lembra o mito do “bom selvagem” rousseuniano num tempo de “estado de natureza”. Como pensamento conservador, com seu véis romântico, os integralistas construíram uma utopia do revés,

¹⁵⁸ REALE, Miguel. *Formação da Política Burguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934, p. 139.

¹⁵⁹ Conf. HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos – O breve século XXI: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 117.

quando, como mostra Raoul Girardet, há o resgate de um “tempo de antes¹⁶⁰”, anterior, primordial e simbolicamente fundador: “o tempo sublimado dos começos”. Portanto, a idéia da organização racional da sociedade é reprimida pelo enfoque espiritualista que os intelectuais do movimento fazem dessa mítica fase primordial humana, na qual os contratualistas acreditavam constituir a época anterior à da sociedade civil.

Embora nuances específicas dêem à AIB, estruturada como uma associação política assistencialista, a sua especificidade, esta se incorpora à tipificação fascista. Ainda que os integralistas afirmem que seu movimento era completamente diferente do fascismo europeu, e mesmo antagônico, muitas de suas características organizacionais eram semelhantes. O uso do uniforme, o estabelecimento de uma hierarquia rígida a partir de um chefe único, representante pessoal da própria doutrina, a defesa do corporativismo, da democracia orgânica (presentes tanto no fascismo, quanto no “estatismo orgânico”), a organização de um contingente de militantes com propósito de agir como força paramilitar, são exemplos dessas semelhanças. Por incorporar as características do fascismo, autores importantes acabam por considerar o integralismo brasileiro como um movimento apenas mimético, reduzindo-o à cópia irracional do modelo italiano. No entanto, ainda que sobressaia no integralismo brasileiro a simbologia fascista, demonstrada através das vestimentas e dos rituais de cumprimentos e cerimoniais, a AIB congregou em seus quadros importantes e competentes intelectuais cujo arcabouço teórico embasava de forma bastante coerente sua doutrina.

Com a proposta de moralizar o país e trazer a ordem, a AIB traduziu os anseios de parte da população brasileira que nela encontrou consonância com seus projetos de vida. Dessa forma, em todas as regiões do país, a AIB estabeleceu núcleos municipais, regionais e provinciais, além de representações nacionais nas capitais. Segundo estatuto da entidade, a sede da Chefia Nacional seria materializada pela presença do próprio Salgado. Com sua estrutura hierarquizada, na AIB, acima de todos, achava-se o Chefe e, na base do movimento, a militância que a sustentava, como soldados defendendo a doutrina e o domínio inquestionável da cúpula.

¹⁶⁰ Como coloca Girardet sobre o “tempo de antes”: “Imagens de um passado tornado lenda, visões de um presente e de um futuro definidos em função do que foi ou do que se supõe ter sido ...” GIRADET, Raoul *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das letras, 1987, p. 97.

Para os integralistas, o Estado Fascista e o Estado Integral, embora diferentes, seriam Estados éticos. Estes se definiriam pela valorização de um comportamento moral, de obediência à hierarquia e à ordem. A doutrina integralista prezava a idéia de síntese, elaborada nas discussões internacionais do ideário autoritário-centralizador. Como foi visto anteriormente, os movimentos fascistas tinham pela idéia de síntese verdadeiro fascínio. Alcançar a síntese significaria controlar a sociedade e alcançar a totalidade, o poder absoluto. A síntese seria a representação da anti-Revolução Francesa, do anti-iluminismo que, ao fragmentarem a sociedade e o conhecimento teriam também decomposto uma ordem anterior e levado o mundo à prevalência do materialismo. No entender dos integralistas, a análise, ao decompor o saber entre a matéria e a alma, retira-lhe o vínculo com a transcendência. As diferenças primordiais entre o movimento europeu e o brasileiro seriam o aspecto espiritual e totalista do integralismo, enquanto o modelo italiano seria materialista e totalitário.

É bom esclarecer que embora o termo totalitarismo tenha se popularizado como uma crítica vexatória aos regimes fascistas, o sentido totalitário era muito utilizado e defendido pelos líderes dos movimentos. No Brasil, os integralistas usavam o termo totalitário, fazendo distinções do modelo europeu. Tanto Plínio Salgado e Miguel Reale realçaram a diferença já na década de 1930, no período de plena ascensão dos movimentos fascistas, antes, portanto, do fim da 2ª Guerra e da derrota do Eixo. Para ambos, o sentido totalitário do integralismo estaria na idéia de síntese que o termo carrega. Salgado, em um panfleto distribuído à população como propaganda, expunha as diferenças. Segundo ele, os integralistas não queriam um Estado Totalitário porque adotam uma filosofia totalista, tendo uma concepção totalitária do mundo, mas não uma concepção totalitária do Estado.¹⁶¹ Miguel Reale veria no sentido totalitário a síntese de Mussolini que proclamava o indivíduo como meio, enquanto o integralismo incorporaria o homem (não o indivíduo fragmentado), como meio e fim: “ indivíduo encontra no Estado os meios para alcançar a autarquia, isto é, o desenvolvimento completo da personalidade; e o Estado, mediante os indivíduos, realiza a síntese dos valores, dos deveres comuns.”¹⁶²

¹⁶¹ SALGADO, Plínio. Estado Totalitário e Estado Integral. Artigo retirado de um texto maior, *Honestidade e Coragem* e utilizado para divulgação do movimento na década de 1930 e encontra-se conservado no Arquivo Público do Rio de Janeiro.

¹⁶² REALE, Miguel. *O Estado Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª. ed., 1934, p.181.

Para o Chefe da Doutrina integralista, na síntese do fascismo italiano anularia as antíteses, na medida em que as novas teses seriam resultantes de superações e não apenas de negações. Cita o conceito de superamento de Alfredo Rocco, que considera exemplar para o integralismo:

*“O Estado fascista contém o liberalismo e o supera; contém-no porque serve da liberdade, quando ela é útil; supera-o porquê refreia a liberdade quando ela é danosa. Contém a Democracia e a supera; contém-na porque faz o povo participar da vida do Estado na medida do necessário; supera-a porque reserva a possibilidade de fazer decidir os problemas essenciais da vida do Estado pelos homens que têm capacidade de compreendê-los sobrepondo-se às considerações dos indivíduos. Finalmente, contém o socialismo e o supera; supera-o porquê não consente que a justiça social seja feita mediante o surto brutal da força social, nem crê necessário para colimá-la um mastodôntico e complicado sistema de produção coletiva que acabaria por suprimir todo o espírito de economia e absorver o útil do processo produtivo.”*¹⁶³

Este movimento de superação é antagônico ao de Hegel, pois não acrescenta à tese sua própria negação no sentido de movimento histórico. Elimina-lhes partes que considera permissivas, desta forma, não relaciona dialeticamente as negações. Somente dispensa a possibilidade de suas existências, logo, não as inclui na relação dialética: tese X antítese = síntese. No sentido de significar para o movimento este sentido de superação, como soma de uma totalidade que exclui a dialética, Reale criou o símbolo do movimento, o Sigma. A idéia de síntese que significa a soma das várias formas de pensamento, no processo de acumulação e superação, como exclusão da diferença, acrescenta, como referencial do integralismo o primado do espírito que estaria acima de qualquer forma de pensar humano. A integração, ou seja, a soma, portanto, se daria pela direção espiritual calcada nos parâmetros indicados pela Igreja Católica do século XIX, num contexto que conclamava os organismos da sociedade civil e política a discutirem e intervirem para a resolução da questão social.

Embora reconheçam afinidades entre fascismo italiano e integralismo, os ideólogos do movimento brasileiro tomam maior distância do nazismo, cuja idéia de Estado seria servir a um ideal, tomando em si as pessoas, as raças e a engenharia social. O nazismo,

¹⁶³ REALE, obra citada acima, p. 174-175.

como ideologia meta-política, veria o Estado como condição alegórica do próprio povo alemão.

Os integralistas, desde a década de 1930, já assinalavam os diferenciais dos movimentos fascistas europeus. Sua especificidade espiritualista (católica) é o principal. Porém, na organização da Ação Integralista Brasileira, a constituição hierárquica, o uso do uniforme, os rituais, os símbolos, a formação militarizada, a saudação e a obediência inquestionável ao Chefe eram distinções que o incorporava ao modelo de fascismo, que ganhava o mundo, com grande aceitação.

No início do século XX, os católicos que buscavam a ordem no país pela via autoritária e conservadora, podiam colocar-se também sob o amparo do Centro Dom Vital, organização tutelada pelo cardeal Dom Sebastião Leme, com apoio e direção doutrinária do Vaticano, na perspectiva da aceitação da hierarquia eclesiástica e da infalibilidade papal. A criação da AIB, posterior ao CDV (de 1922) não significou atrelamento, nem ligações mais profundas com entre ambas as organizações. Alguns contatos e mútuas admirações marcaram as trajetórias paralelas entre as duas instituições. As bases de respeito às determinações da Igreja católica estavam presentes tanto em uma como em outra, mas a AIB defenderia a intenção de respeitar e aceitar em suas fileiras fiéis de outras religiões, desde que contivessem os princípios cristãos.¹⁶⁴ Também, apesar de defender a via autoritária para a organização do Estado brasileiro, o CDV guardava distância do sentido totalitário que era aceito pelo integralismo na organização da sociedade. Apesar de, desde as primeiras horas, o integralismo colocar-se como não defensor de um Estado totalitário, entendiam que seria necessário, ao compor o Estado Integral, ter em vista uma concepção totalitária do mundo.¹⁶⁵

É importante assinalar essa ligação inspiradora do catolicismo com a AIB para entendermos a construção das bases filosófico-políticas de sua doutrina e as estratégias de sua propaganda. O alcance da AIB entre os católicos supera, e muito, a influência do integralismo entre outras religiões. Os próprios rituais dos quais necessitavam participar os

¹⁶⁴ Os integralistas defendiam (e defendem) com insistência a idéia de que o movimento seria aberto a pessoas de qualquer religião. Porém, esta perspectiva esbarra nos princípios doutrinários demonstrados na redação do Estatuto aprovado no II Congresso Integralista (Petrópolis, março de 1935): artigo 3º em que a AIB propõe-se a promover o “culto de Deus, da Pátria e da família” e “a paz entre as famílias brasileiras e entre as forças vivas da Nação, mediante o sistema orgânico e cristão das corporações.”

¹⁶⁵ Estado Totalitário e Estado Integral Do artigo *Honestidade e Coragem* de Plínio Salgado, *op. cit.*

militantes comprovam a relação integralismo-catolicismo. Os integralistas relacionavam os seus rituais aos da Igreja Católica: batismo, casamento e enterros que eram feitos em templos religiosos, mas, concomitante e paralelamente, “sacralizados” pelos cerimoniais e gestos integralistas. Estas constatações podem ser observadas nos documentos e periódicos divulgadores integralistas e nas diversas pesquisas¹⁶⁶ que apontam a relação de preponderância da quantidade de militantes católicos a de adeptos do movimento de outras religiões.

Segundo seus ideólogos, o integralismo deveria formar seres pensantes com dignidade, virtudes patrióticas, que mantivessem suas reservas morais, sua tradição religiosa e familiar, seu amor pelo Brasil e sua crença em Deus. Na defesa da grandeza da Pátria Brasileira, os integralistas deveriam libertá-la da exploração econômica, do capitalismo sem pátria e da exploração política. O integralista deveria renunciar aos interesses pessoais em favor dos interesses nacionais, da pureza dos costumes públicos e privados, da simplicidade da vida, da modéstia do proceder, da integridade da família, do respeito à tradição, da garantia do trabalho, do direito de propriedade com os seus deveres correlatos em benefício do governo com autoridade moral e mental, a unidade intangível das Nações, as supremas aspirações do espírito humano.¹⁶⁷

Como o próprio símbolo escolhido, o sigma (Σ = somatório) para os integralistas, o movimento representaria a soma e integralização de esforços, de sentimentos, de pensamentos, ao mesmo tempo de interesses e de ideais. Estaria além de um simples partido. Deveria ser o movimento, a ação de despertar a consciência, “um sentimento novo de vida e a marcha de um povo que desperta!”¹⁶⁸ O integralismo colocava-se como movimento defensor do regime corporativo que deveria unir os sindicatos de trabalhadores, de técnicos e de patrões e coordenar seus esforços para transformá-los em organismos políticos sociais, econômicos, morais, educativos de equilíbrio e de cooperação.

¹⁶⁶ Passagens em diversas obras atestam a relação profunda entre catolicismo e integralismo, entre essa, a de TRINDADE, Hélgio. *Integralismo - o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979 e CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo – ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.

¹⁶⁷ SALGADO, Plínio. *O que o Integralista deve saber*. pp.3-6

¹⁶⁸ *idem, ibidem*.

Com base nestas proposições, o integralismo pretendia instituir no Brasil, o Estado Integral, heróico “pela sua capacidade de reação e sacrifício” e forte “pela sua coesão sem os fermentos desagregadores dentro de si... fatos indispensáveis de independência.”¹⁶⁹ Para Salgado, a elevação da sociedade a este patamar, à consolidação do Estado Integral, cuja vontade ética e moral estaria impingida em cada indivíduo, elevados ao maior degrau evolutivo no desenvolvimento humano, significava alcançar a 4ª. Humanidade. Esta seria constituída a partir da superação das etapas: da “humanidade politeísta” (da Antigüidade) à “monoteísta” (da Idade Média) e desta à “ateísta” (dos séculos XVI ao XX, quando se forjam as influências consolidadas na “era das revoluções”, levando ao liberalismo e ao comunismo). A humanidade, depois de ultrapassar estas etapas com a revolução interior, porque espiritual, atingiria seu mais alto patamar com a “humanidade integral”, na qual ocorreria a tão sonhada síntese, o homem e a natureza, em sua totalidade.

Gustavo Barroso descreveu estas etapas procurando definir os seus contextos históricos com base em critérios de caracterização social de “raças”: o “Império do Carneiro” corresponderia à Antigüidade, com o aporte civilizatório dos europeus, brancos sobre outros povos; representando um período de “estado de guerra” hobbesiano, no “Império de Loba” predominaria os aspectos religiosos, morais, de poder militar e civil, força e individualismo, representando o domínio romano; o no “Império de Capricórnio” venceriam os aspectos materiais decorrentes da confusão gerada pela Reforma Protestante, pela Revolução Francesa e pelo liberalismo; a salvação e finalidade última desta evolução estariam no “Império do Cordeiro”: o tempo da síntese econômica-política-espiritual, da totalidade absoluta¹⁷⁰. Para isso, seria preciso remover os obstáculos do avanço do espiritualismo, da síntese sonhada pelos integralistas. Segundo Barroso, os provadores da discórdia materialista: os judeus e comunistas.

Essas propostas de elevação humana, segundo o próprio Salgado, eram dirigidas ao “homem comum”, que deveria ser a antítese do homem-massa, representado pelo

¹⁶⁹ *idem, ibidem.*

¹⁷⁰ MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky – o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Calibã, o selvagem de “A tempestade” de Shakespeare¹⁷¹ Inspirava-se no personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, para descrever o homem real brasileiro. Aliás, embora criado por Lobato, o Jeca Tatu representaria para a geração de intelectuais do início do século XX, o parâmetro para a constatação do grau de pobreza do povo brasileiro com vistas à produção de propostas para a discussão da questão social no Brasil.¹⁷² Para o Chefe integralista, o “Jeca Tatu é o espírito nacional. É a incerteza do Povo Criança. É o homem perdido no imenso meio físico (...) O Jeca Tatu exigia e continua a exigir decifradores. Ele não é a face ridícula da Nação, mas a própria Nação.”¹⁷³ Este Jeca Tatu era o Zé Candinho, do romance do modernista Salgado: “O estrangeiro”: o caboclo legítimo que “prosseguiu a sua faina, rumo às brenhas, afastando-se da onda absorvente dos estrangeiros”.¹⁷⁴

Como foco da resolução da questão social brasileira, representante do pobre desassistido pelos governos, o integralismo propunha sua inserção no âmbito do Estado Integral. A questão social, tratada no Manifesto de Outubro, capítulo 7º é vista como um problema a ser resolvido a partir da sustentabilidade do direito à propriedade, vista como trabalho acumulado projeção física da personalidade humana. Neste item, são defendidas as “justas reivindicações dos trabalhadores, encarando-se o problema de modo integral, sob o aspecto moral-cristão, sob o ângulo da organização econômica do país e pela conjugação dos direitos naturais com os deveres que lhes são correlatos.” Apoiam-se, nessas definições, em Pandiá Calógeras e Rui Barbosa, que segundo Salgado, teriam se inspirado por sua vez, na obra do Cardeal Mercier e nas Encíclicas Papais.¹⁷⁵

A utopia construída pelo imaginário político do movimento integralista seria alcançada a partir da constituição da 4ª humanidade, que seria consequência da organização do Estado Integral. A doutrina do movimento serviria como diretriz na formação do homem integral, capaz de tomar parte desse último estágio da humanidade, no qual a espiritualidade sobressairia sobre a materialidade.

¹⁷¹ SALGADO, Plínio. Palavra Nova aos Tempos Novos. IN *Obras Completas*, vol. 7. São Paulo: Editora das Américas, 1955.

¹⁷² Para a análise da questão social brasileira, intelectuais de diversas vertentes apoiavam-se na tipificação construída em início do século XX por Monteiro Lobato. Até mesmo o liberal Rui Barbosa apoiou-se no Jeca Tatu para compor sua análise sobre a origem e permanência da miséria do povo brasileiro. BARBOSA, Rui. *A Questão Social e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Simões, 1951.

¹⁷³ SALGADO, Plínio. Rumos à ditadura (IX). Em *A Razão*, 16 de fevereiro de 1932.

¹⁷⁴ SALGADO, Plínio *O estrangeiro*. In *Obras Completas*, vol 11. São Paulo: Editora das Américas, 1926.

¹⁷⁵ SALGADO, Plínio. O Integralismo na vida brasileira. In *Enciclopédia Integralista*, op. cit, vol. I, 1958, p. 27.

Desse modo, os parâmetros ideológicos que guiaram a militância de base integralista, com pouco ou quase nenhum acesso às grandes discussões doutrinárias, eram basicamente aqueles ligados às grandes linhas e projetos do movimento. Ou seja, a obediência a uma ordem moral vinculada ao cristianismo e, através desta, a construção de um novo Estado, cristão e nacionalista: o Estado Integral. A ascensão de movimentos surgidos na Europa que, de certa forma, demonstravam êxito no controle da sociedade através de um Estado forte, como no caso italiano e alemão, influenciavam, também, parcelas de brasileiros e de imigrantes na adesão ao Integralismo, que se assemelhava, em vários aspectos, ao fascismo, como mencionado.

O desejo de participação na AIB seria estimulado pelo da construção de uma nacionalidade brasileira integralista. A proposta de Nação integralista pretendia a suplantação de uma situação na qual era percebida a inexistência do caráter nacional brasileiro, devido à constatação da carência de um Estado unificador e regulador das características nacionais. A proposta integralista era, justamente, de fundar a nação, buscando nas tradições nacionais as bases de construção de seu futuro. Incorporando o discurso da tradição, legitimaria a construção do Estado Integral.

A utilização do mito das três raças, aliada à decisão de superação da questão social eliminaria qualquer pluralismo político ou social. Sob o signo do conservadorismo, Salgado propunha o resgate de uma vida autenticamente brasileira que se iniciaria com o encontro entre portugueses e índios e, posteriormente, com o elemento africano. A conquista da terra iria irmanar as raças que aqui habitavam, reduzindo as oposições entre elas. A desunião entre as classes sociais brasileiras teria origem no confronto entre as populações rurais com os caudilhos do interior, e das populações urbanas com a exploração burguesa. Nessas populações interioranas, Salgado pousaria a esperança de uma transformação espiritualista da vida brasileira. Para ele, seria a única chance do Brasil escapar dos horrores do materialismo. Essa população espiritualizada resultara do encontro dos portugueses com os índios e com os negros, no ambiente de enorme harmonia e cooperação.

O escravismo, para Salgado, não teria sido obstáculo às características espiritualistas e democráticas. Os Tupi, politeístas, teriam o lado espiritual desenvolvido e este teria se fortalecido no contato com o espiritualismo cristão dos jesuítas e com os

rituais africanos introduzidos pelos escravos, originando uma sociedade fundada em valores e sentimentos espirituais em pleno século XVI, enquanto a Europa começava a ser dominada pelo ateísmo. Esse ambiente brasileiro de espiritualidade teria sido facilitado pelas características climáticas e pelo relevo das terras brasileiras.

Da junção das raças, surgiria uma raça peculiar, tipicamente brasileira, o *caboclo*, cuja figura iria garantir a unidade nacional que definiria o Brasil. Haveria, então, a ausência de preconceitos e um sentido igualitário que tornariam possível a democracia racial. Salgado, reafirmando o caráter espiritualista da época colonial, termina por assegurar a própria continuidade deste caráter. Ele se cristaliza, desde então, no sangue dos brasileiros, os quais, reunidos numa só raça, de caboclos, incorporam os princípios espirituais aos caracteres físicos que todos devem, necessária e uniformemente, herdar e transmitir.¹⁷⁶ Cabe ressaltar que a “fábula das três raças” fora largamente difundida durante os anos de 1920-30 no Brasil, embora o racismo conservador enfatizasse, acima de tudo, a composição de características étnicas intermediárias entre os três grupos primordiais, tais como o mulato, o cafuzo e o mameluco. Essas categorias raciais permitiriam que as diferenças se expandissem, o que não implicava em autonomia ou afastamento entre as raças, complementares e não contraditórias, “*dando origem a uma sociedade na qual, por mais profundos que sejam os antagonismos, eles devem sempre se reduzir e articular, hierarquicamente, no interior de uma totalidade mais ampla*”.¹⁷⁷

Salgado, segundo Ricardo Benzaquen de Araújo, seria obcecado pela totalidade que, na visão dele, exigiria a dissolução de todas as características distintas e singulares em favor da constituição de um conjunto absolutamente indiferenciado e uniforme. No pensamento do chefe integralista, a democracia brasileira teria que abandonar os direitos individuais em troca da afirmação de uma noção específica de fundo espiritualista comum. Para Araújo:

“o nivelamento se reafirma e corporifica através de uma raça cabocla, absolutamente homogênea, em cujo sangue as virtudes terminam por se perenizar. Certo de que qualquer diferença leva à desigualdade, Plínio entende a igualdade como identidade, dando um

¹⁷⁶ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Totalitarismo e Revolução – O Integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 55.

¹⁷⁷ *idem, ibidem*, p.56

sentido ao mesmo tempo democrático e totalitário ao nosso passado colonial.”¹⁷⁸.

Segundo Salgado, os motivos que ocasionaram a ruína dessa sociedade espiritualista e deram origem ao Brasil materialista da década de 1930 teriam advindo da transformação de portugueses colonizadores que não aceitando superar as asperezas da terra pela adoção de valores coletivos, espiritualistas e igualitários, tornaram-se caudilhos ou aventureiros errantes atrás de riquezas. Estes seriam os contrapontos às massas caboclas, sedentárias e ordeiras que começavam, nessa época, a se fixar na terra. A vitória dos caudilhos representaria a dos preceitos materialistas no período que se segue à separação do Brasil de Portugal. A partir da Independência, com a ampliação do contato com a Europa, teríamos começado a copiá-la.

A principal conseqüência dessa nova situação seria a expansão e o posterior predomínio do materialismo no Brasil. A burguesia urbana, no litoral, associada ao capital inglês, progredindo, apoiaria o fortalecimento do caudilhismo no interior, fornecendo-lhe meios financeiros e políticos para que pudesse destruir a sociedade espiritualista e igualitária da colônia. Portanto, o substrato espiritualista da sociedade brasileira seria mais forte no interior, longe do litoral “*centro alimentador do materialismo*”. Essa influência, desde o século XIX, em graus diversos, estaria tomando conta do comportamento de muitos brasileiros. A penetração do materialismo teria sido facilitada pela passividade e pela credulidade política que, somadas ao espiritualismo, definiam originariamente as massas caboclas e a impediam de mobilizar-se para participarem do comando do país. Desta forma, abria-se o precedente para a entrada dos capitais internacionais vindos “*em busca de taxas de juros, de lucros compensadores, que não encontravam na Europa.*”¹⁷⁹

Na construção de uma identidade para a organização do movimento, baseada na constituição de um modo de ser nacional, a especificidade do Brasil em relação aos fascismos europeus estaria, segundo o integralismo, no substrato espiritualista e democrático brasileiro que viria dos tempos coloniais. Para Salgado, o triunfo do capitalismo, no século XIX, não tinha conseguido suprimir o fundamento igualitário e espiritualista que havia caracterizado a sociedade colonial brasileira. Dessa maneira, o

¹⁷⁸ *ibidem*, p. 57.

¹⁷⁹ SALGADO, Plínio. *O que é o Integralismo*, Rio de Janeiro: Schmidt, 1933, p.93.

materialismo aqui não passaria de uma “casca”. Forte apenas no litoral, onde eram mais evidentes as influências cosmopolitas vindas do estrangeiro, mas muito fraco no interior, pois o próprio isolamento aproximava as pessoas da “*verdadeira alma da nacionalidade*”.¹⁸⁰ A partir da identificação do nacional com o popular, procurando obter o sentido de uma totalidade homogênea, sem divisões, Salgado atribuiria grande valor às sociedades, organizadas sob a forma de nação, para ele, ponto de partida da “síntese superior” que deveria caracterizar a civilização integralista. Mas, no Brasil, não existiria ainda um espírito nacional consciente, como o da Itália e da Alemanha.

Cumpriria ao integralismo criar aqui a Nação.¹⁸¹ Plínio Salgado, em *Palavras Novas aos Tempos Novos*, escrito em 1935, concluiria que o Brasil seria um país sem uniformidade de cultura e sem unidade ética. Para o Chefe integralista, teria que ser criada uma consciência, uma homogeneidade, uma força que suplantaria outras identidades na direção de delineamentos mais definidos. O integralismo pretendia despertar a nação brasileira, através do anúncio de uma nova era que abrangesse todo seu espaço geográfico. Já, em *Psicologia da Revolução* (1935), Salgado, para convocar a vanguarda e preencher as fileiras militantes, elabora uma teoria da crise orgânica da sociedade. Essa crise brasileira seria o resultado da impossibilidade de se encontrar a identidade nacional. Segundo a análise de Marilena Chauí, Salgado, ao rever as suas interpretações sobre a possibilidade de se “fundar” a nação brasileira teria concluído que:

*“mas não porque ‘tudo é indeciso’ e sim porque há dois Brasis antagônicos, votados a uma luta mortal. Há, de um lado, o Brasil letrado e minoritário dos residentes na faixa litorânea que inventaram um país constitucionalista e liberal, caricatura da Europa. Há, de outro lado, o Brasil analfabeto e majoritário, formado pela massa sertaneja, pelos proletários e pelos aglomerados municipais fragmentados. Esse é o Brasil concreto e essencial, mas submetido ao poder de caudilhos porque seu individualismo aventureiro, sua dispersão e incultura o fazem presa fácil do Brasil liberal. (...) Para que o Brasil concreto vença é preciso demolir o Brasil formal e dar ao primeiro o que lhe falta, isto é, um Estado forte que lhe dê coesão”*¹⁸²

¹⁸⁰ SALGADO, *op. cit.*, p.65.

¹⁸¹ SALGADO, *A Doutrina do Sigma*. São Paulo: Verde-Amarelo, 1935.

¹⁸² CHAUÍ, Marilena. *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. In CHAUÍ, M. & FRANCO, Maria Sylvania de Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: CEDEC/ Paz e Terra, 1978, p. 136.

Salgado propunha como possibilidade de vencer os antagonismos que permeiam a sociedade brasileira, a unificação de idéias e ações políticas através da imposição do Estado Integral. O círculo em torno do país seria fechado com as alternativas de participação limitadas de inclusão dos indivíduos à esfera política através da sua profissão. Esta seria o elo entre a família, o município e o poder central, posto que a representação política fosse através do ofício.

Essa unificação que, para os ideólogos integralistas, representaria a destruição das lutas de classe e da crise orgânica da sociedade, deveria ser a resposta dada pelo integralismo à constatação da existência de dois Brasis, um concreto, outro ideologizado por aqueles que defendem a permanência das diferenças. Os intelectuais integralistas compartilham de uma percepção da composição da sociedade brasileira comum no início do século, também aceita por outros intelectuais autoritários, tanto da esquerda como da direita¹⁸³.

Ao construir, através da doutrina, uma identidade nacional integralista, os ideólogos do movimento tentam reduzir a regras posturas e modos de pensar do militante. Desta forma se pretendia ao se compor um ideal de comportamento, o controle das ações daqueles que aderissem à AIB. Somente a introspecção subjetiva da idéia poderia garantir a fidelidade ao Chefe e ao integralismo. Para isso, a doutrina propagada pelos periódicos, pelas palavras de ordem, pela construção de uma vivência integralista experimentada no cotidiano de militante pela obrigatoriedade do uso do uniforme, da obediência às normas e rituais, deveria ser bem assimilada, constituindo assim, como parâmetro da identidade integralista.

A Ação Integralista Brasileira, como consta em seu “Manifesto” fundador, seria constituída como organismo não partidário, pois negava a eficácia democrática do partido político, enquanto organização capaz de defender os interesses da população. No entanto, a necessidade de se tornar grupo político forte fez com que os rumos do embate pelo poder levassem a AIB à disputa eleitoral. Ainda que contrário à democracia parlamentar, a AIB

¹⁸³ Há nas análises da situação política brasileira, desde o século XIX, o uso dessa fórmula que constata a existência de dois Brasis: o real e o não real. A partir de Machado de Assis, a definição de país real estaria calcada na própria existência de um povo que sobrevive à parte de um outro Brasil construído pela “versão oficial”. O mito dos dois Brasis também torna-se constante na história da produção das análises políticas brasileiras quando se pretende mostrar o contraste entre classes sociais, regiões brasileiras e posições ideológicas que demarcam o antagonismo entre as condições de vidas de setores da sociedade nacional.

via, provisoriamente, este meio para chegar ao poder. Mas realmente acreditavam que, para levar a cabo o Estado Integral seria preciso empreender uma Revolução. Nesse novo Estado, a luta de classes, advinda do ressentimento ou do mau exemplo do materialismo burguês, seria reduzida a uma luta psíquica. As raízes objetivas dos antagonismos entre capital e trabalho assalariado são substituídas pelos fatores de ordem moral, pois seria a falta de cultura que levaria o operário a aderir ao comunismo.¹⁸⁴ Para que houvesse a cura desse mal, o integralismo deveria “conquistar as almas”¹⁸⁵ Desse modo, o “perigo comunista” poderia ser vencido e seria realizada a meta integralista: a “revolução interior”.

A partir da constatação do império do materialismo, os integralistas seriam convidados a compor a Grande Família Nacional para empreender a Revolução Integral através de um movimento de cultura e de espírito. O discurso produzido pelos teóricos integralistas buscava integrar o povo brasileiro nessa Revolução, através do chamamento para construção, através da união de esforços e perspectivas, da Nação. Pretendia-se ganhar compreensão e adesão através da sua diluição em representações assimiladas da experiência cotidiana. Ao traduzir classe por profissão, o discurso procurava avançar ao ponto central do projeto político integralista: a organização corporativa da sociedade brasileira interpretado como projeto derivado da própria experiência social.

Embora o pensamento integralista possua uma linha, que se pretende rígida, as interpretações de cada ideólogo acerca do Estado integral variavam e redefiniam posições e engajamentos em lutas particulares de grupos de militância. As mudanças que se almejavam deveriam ser estabelecidas a partir da ruptura com o sistema vigente; através de uma revolução que, para Plínio Salgado, significaria a volta ao equilíbrio original de uma “nação brasileira”. No âmbito da organização social, as mudanças seriam mais radicais; mudanças que alcançariam profundamente a estrutura classista no sentido do controle da sociedade e do conflito de classes pela implementação do corporativismo. Como demonstram os estudos de Héglio Trindade e Marilena Chauí, a classe média seria foco e fonte principal da doutrina.¹⁸⁶

¹⁸⁴ SALGADO, P. *O que o integralista deve saber*, Rio de Janeiro: Schmidt, 1935, p.72.

¹⁸⁵ *idem.* *Mensagens às pedras do deserto*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1947, pp. 21 e 56.

¹⁸⁶ Segundo os ideólogos integralistas, principalmente Miguel Reale, a classe média urbana seria a “portadora da idéia”, sendo a classe letrada. Reale considerava-a a classe revolucionária universal, como funcionária pública, mediadora entre o Estado e os interesses econômicos das corporações.

Para Chauí, a pergunta pelo destinatário do discurso integralista encontraria uma primeira possibilidade de resposta, a partir das justificativas para a revolução integralista. O movimento pretenderia dar à classe média urbana a conformação de uma sociedade sem as “desordens” provocadas pela luta de classes.

A classe média urbana recebia a convocação enquanto vanguarda política, razão pela qual era, para Miguel Reale, a classe revolucionária. Diante do retrato do contexto no qual o movimento criou forma e asas, pode-se inferir que a participação diretiva dos três ideólogos principais na AIB, Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale, são concomitantes com os anseios de uma classe média letrada, autoritária, antiliberal, anticomunista. E, esta indicação de um discurso dirigido à classe média foi mantida durante a trajetória do movimento nesta sua permanência da década de 1930 até hoje. Porém, o que se assiste, desde 1945, é adesão de pessoas, ideologicamente pertencentes à camada média urbana, porém isto não significa que partilhem, quanto ao nível de renda, deste estrato social. O que interessaria seria seu ímpeto revolucionário, a adesão à idéia integralista, como mostra o *Manifesto de 32*¹⁸⁷:

*“Os homens e as classes, pois podem e devem viver em harmonia. É possível ao mais modesto operário galgar uma elevada posição financeira ou intelectual. Cumpra que cada um se eleve segundo sua vocação. Todos os homens são susceptíveis de harmonização social e toda superioridade provém de uma só superioridade que existe acima dos homens: sua comum e sobrenatural finalidade. Esse é o pensamento profundamente brasileiro, que vem das raízes cristãs de nossa história e está no íntimo de todos os corações.”*¹⁸⁸

Miguel Reale defenderia, em lugar de uma sociedade composta por indivíduos homogeneizados pela ação de uma mesma doutrina, ponto que aproximava Barroso de Salgado, a afirmação de uma ordem social organizada a partir das diferenças individuais. O esquema de representação corporativa seria a solução para os desafios do mundo

¹⁸⁷ Para Plínio Salgado, a Revolução seria a busca pelo equilíbrio. Em discurso de “Defesa da emenda constitucional que cria a Câmara Orgânica”, em 13 de janeiro de 1966, Salgado dizia: “Srs Deputados, Srs Senadores, e que é uma revolução? Diz o próprio prefixo “re” que é uma volta. Muitos acreditam que seja um avanço mas, na realidade, é um regresso. Em vez de evoluir, de involuir, ela revolui, volta para trás. Volta ao que já era? Não. Volta à procura de um equilíbrio perdido.” In *Perfis Parlamentares de Plínio Salgado*, p. 144. Salgado, nesta época, era deputado federal pelo estado de São Paulo, pela ARENA (Aliança Renovadora Nacional). Pertencente ao partido reconhecidamente governista na época da ditadura militar, Salgado está defendendo o golpe, ao qual chama de “Revolução”, e sugerindo a implantação de Câmaras Orgânicas, nos moldes corporativistas do integralismo

¹⁸⁸ *Manifesto*, p 5.

moderno. Contra uma revolução, fundadora ou restauradora, de caráter ideológico e totalitário, Reale iria propor o sistema corporativo. O intuito seria de frear o que consideravam leviandades revolucionárias.

Na primeira fase integralista, exigia-se o cumprimento de atitudes que seriam condizentes com o movimento. Os desdobramentos da militância se dariam no convívio com a família e vida privada de modo geral. A família e a pátria representam os elementos integradores – início e fim da vida integralista. O cotidiano estaria atingido pelo aspecto compulsório da militância. Para Ricardo Benzaquen de Araújo, o pensamento de Salgado, dando realce à noção de mobilização, de alcance ilimitado, teria a intenção de incorporar, igualitária e indistintamente, todos os setores da vida brasileira. Esse autor reconhece no pensamento de chefe, os limites estreitos da fronteira que separa o totalitarismo do conservadorismo¹⁸⁹.

A compreensão da composição da doutrina integralista passa pela análise das contribuições ideológicas daqueles que a compuseram no período 1932-1937. Embora Salgado tenha construído o esqueleto do Estado Integral, a massa corpórea foi formada com a já consistente teoria do Direito de Reale, com interpretações mais particulares de Gustavo Barroso pautadas pela intolerância. .

Ao construir, através da doutrina, uma identidade nacional integralista, os ideólogos do movimento tentavam reduzir à regras, posturas e modos de pensar do militante. Desta forma se pretendia ao se compor um ideal de comportamento, o controle das ações daqueles que aderissem à AIB. Somente a introspecção subjetiva da idéia poderia garantir a fidelidade ao Chefe e ao integralismo. Para isso, a doutrina propagada pelos periódicos, pelas palavras de ordem, pela construção de uma vivência integralista, experimentada no cotidiano de militante pela obrigatoriedade do uso do uniforme e pela obediência às normas e rituais que deveriam ser bem assimilados, constituía o parâmetro da identidade integralista.

¹⁸⁹O Totalitarismo seria a defesa de uma *totalização absoluta*, homogeneizante da sociedade, disposta a eliminar todas as particularidades e diferenças, contidas no interior do corpo social, pela ação de uma ideologia unificadora. Na visão Conservadora, as especificidades e oposições que complexificam e tornam variado o mundo social podem ser preservadas, e até exasperadas, desde que não entrem em confronto com a preeminência do todo. Ver, para ambas definições: ARAÚJO, Ricardo B. de. *Totalitarismo e Revolução – O Integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

A doutrina ensinada, no entanto, nem sempre foi bem compreendida nos primeiros tempos do integralismo. Isto será mostrado nos capítulos posteriores quando, através dos relatos orais, poderemos perceber que as táticas de convencimento para a adesão passam a necessitar de apelos mais racionais que os levados em consideração na primeira fase do movimento integralista (1932-1937). Veremos que os integralistas do PRP e do novo integralismo perceberam a necessidade de conhecer bem a ideologia do movimento para aderirem de corpo e alma a uma idéia já considerada ultrapassada. Negando as conquistas do racionalismo e do empirismo, pretendem o retorno a uma época ideal, de ordem e prevalência do espírito.

A maioria dos atuais militantes substitui hoje o uniforme verde pela demonstração do conhecimento filosófico doutrinário. E este saber lhes permite fazer parte do movimento e participar do topo da hierarquia, ainda que dividam o posto de herói com o Chefe Salgado, que continua bem vivo. Seu retrato permanece nas salas, entre a bandeira do Brasil e do Sigma. Ele ainda é insubstituível. Suas palavras continuam ecoando, talvez, agora, mais compreensíveis para a maioria dos que o lêem. Nota-se que há muita obstinação entre os que Russel chamou de “coração sensível”.

3º. Capítulo

O movimento integralista – as fases, seus contextos e formas de organização

A periodização anteriormente estabelecida demarca a trajetória do integralismo em três momentos importantes da história do Brasil e mundial. A conjuntura que delinea o primeiro momento é o das crises externas, ideológicas e econômicas, que afetam as frágeis certezas de um início de século ainda atingido pelas grandes transformações dos séculos anteriores. Na Europa do entre-guerras, a ascensão do fascismo, que se sustenta no controle do Estado pela violência e intervenção, torna modelo a possibilidade de controle da luta de classes, sem que as questões postas à solução conttenham perspectivas independentes de futuro e de participação efetiva da população. Incorpora-se a massa aos projetos e se massificam os sonhos.

No Brasil, vivencia-se as iniciais experiências das modernizações às quais se propõe o governo de Getúlio Vargas, entre o “Provisório” e o “Constitucional”. Procurava-se controlar as disputas inter-classes, no âmbito da sociedade civil, que ultrapassavam contornos regionais e chegavam ao âmbito da sociedade política. Ensaia-se, então, a assimilação das exigências de incorporação do trabalhador ao projeto de Estado e, desta forma, pretendia-se conter os conflitos advindos da questão social¹⁹⁰.

Neste momento, entre 1932 e 1938, a Ação Integralista Brasileira ganha forma e espaço. Seu fundador, Plínio Salgado, era reconhecido pela sua inserção no movimento modernista em que havia divulgado, juntamente com Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo, o “Manifesto da Anta”. Seu pensamento e proposta de organização política se delineavam a partir de sua percepção das condições únicas, das especificidades, de uma nação singular brasileira.

No sentido de fazer-se chegar e tornar inteligíveis os apelos para a adesão, Salgado, valeu-se de figuras metafóricas e elementos semióticos que, ao longo de sua vida pública, como orador e político utilizou para o chamamento e adesão às suas idéias. O simbolismo

¹⁹⁰ Sobre a incorporação dos trabalhadores nos projetos do Estado varguista conferir: GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

da anta, desta forma, representaria ainda, nestes primeiros tempos esta singularidade nacional, o animal típica e unicamente brasileiro.

Finda a AIB como possibilidade de permanência da idéia em 1938. E, entre este ano e o de 1945, as idéias integralistas ficam escondidas nas mentes e corações daqueles que a desejavam preservar. Com a “redemocratização”, e a fundação do Partido de Representação Popular (PRP), no Governo Dutra (1945) inicia-se o segundo período demarcado que se finda em 1965, quando, com a implantação da Ditadura Militar houve a decretação de cessação da possibilidade de existência partidária pelo Ato Institucional n° 2. Nesse período, Salgado invocava a juventude a aderir aos Centros Culturais da Juventude, como “Águias Brancas”, considerando a capacidade de vôo alto do pássaro e sua coragem e ímpeto aventureiro ao alçar vôo.

A partir de 1985, começa o novo momento de invocação dos ideais integralistas como proposta de organização partidária, aqui vista em termos gramscianos, como representação de setores de classe, enquanto aparelho privado de hegemonia. Neste período, adeptos das idéias de Plínio Salgado tentam recuperar como parâmetro organizacional os princípios da AIB. Porém, sob uma nova condição: a ausência física do Chefe que falecera em 7 de dezembro de 1975.

A tentativa de reorganização ainda persiste. Alguns grupos internos do movimento tentam incorporar outras associações de linha autoritária e conservadora, como a Sociedade Tradição, Família e Propriedade, a TFP, cujo símbolo é o leão rampante. Porém, até agora, alguns contatos com a TFP não lograram êxito. Segundo Gumercindo Rocha Dórea, entre os movimentos liderados pelos dois Plínios, não haveria afinidades ideológicas que pudessem unir as duas organizações de direita e essencialmente católicas.

Além da TFP, outras organizações estão sendo convidadas a conhecer e se submeter às razões doutrinárias do integralismo, como os movimentos pró-monárquicos, como a União Nacionalista Democrática, que reúne reservistas e pessoal ativo da esfera militar brasileira, como o Movimento de Valorização do Brasil, o MV-Brasil e, até mesmo a Maçonaria.

Em um momento em que se busca a constituição de redes de solidariedade ideológica para fazer força ao que consideram a destruição dos valores morais da Pátria, o novo

integralismo passa por rupturas. Surgem novas interpretações, ou tentativas de leituras que busquem nos escritos integralistas a avaliação das mudanças paradigmáticas pelas quais passou o século XX e que se tornam aflitivas para alguns defensores da continuidade integralista no século XXI. Estas questões levaram o grupo sediado principalmente em Campinas, São Paulo, mas com origem em Juiz de Fora, Minas Gerais, a repensarem a doutrina. Numa postura que se propõe a levar a ação doutrinadora integralista para as ruas, este grupo, denominado Movimento Integralista Linearista do Brasil, propõe o Galo, como símbolo do enfrentamento, como forma de responder à pecha de galinha-verde que marcou o integralismo no início do século passado.

Embora tenha havido intervalos de tempo e mudanças de enfoques nestes três períodos, se percebe o esforço de continuidade do movimento inicialmente liderado por Plínio Salgado. Procura-se manter como foco, a organização de uma associação que congregue a luta nacionalista, anticomunista, antiliberal, moralista, tendo como proposta a construção de um Estado Integral, síntese de toda história, entendendo-a como seu próprio fim.

I. O tempo da anta: a construção da AIB

Era o limiar o século XX, e a sociedade brasileira, inquieta, vivenciava o ainda inicial processo de sua ocidentalização. Nestes primeiros tempos de República, o Brasil lentamente se industrializava, acompanhando *pari passu* a condução da economia cafeeira que contribuía para o desenvolvimento da vida urbana, com suas conseqüentes necessidades¹⁹¹. O ambiente da cidade requeria maior envolvimento, mesmo que inconsciente, do cidadão na divisão dos espaços de atuação política. As relações de poder, no Estado¹⁹² brasileiro que se organizava, em suas conexões múltiplas e intercambiáveis, eram conflituosas.

¹⁹¹SILVA, Sérgio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

¹⁹² O Estado aqui, visto como Estado ampliado, a partir do seu entendimento por Antonio Gramsci, e é entendido como relação na qual, em interação dinâmica, articulam-se a estrutura, a sociedade civil e a sociedade política. O Estado é espaço de disputa da luta de classes, que pressupõe em sua gênese coerção e consenso, *dominação e hegemonia*.

Neste momento, alguns setores sociais brasileiros, em suas frações de classe, constituíam aparelhos privados de hegemonia para defenderem seus interesses, no âmbito da sociedade civil, com vistas a alcançarem a sociedade política. Assim, a sociedade civil brasileira iria ocupando, cada vez mais espaços, que politicamente lhes recusavam anteriormente, principalmente no período colonial e nos primeiros tempos do Império¹⁹³.

A sociedade civil, como a define Gramsci, é reflexo da complexidade e multiplicidade da sociedade industrial ocidental e caracteriza-se pela diversidade de níveis de conflito que lhe são orgânicos. As diversas frações de classe distintas tentam organizar suas vontades coletivas disputando a hegemonia na sociedade civil, dentro da mesma classe e entre classes. O projeto desses grupos ou classes seria alcançar a sociedade política, tornando-se hegemônicos, ou seja assumindo a direção econômica e ideológica nos aparelhos de Estado. E projetos políticos que visam alcançar a hegemonia não poderiam prescindir de uma reforma intelectual e moral que, por sua vez, não pode deixar de estar ligada a um programa de reforma econômica. A tarefa de compor estratégias, organizar e dirigir caberia a elementos de cada classe ou grupo que se pretende hegemônico e que, ao assimilarem as suas expectativas e perspectivas, desenvolveriam argumentos teóricos em defesa dos seus pontos de vista sócio-cultural-econômicos. Estes seriam seus intelectuais orgânicos.¹⁹⁴

No caso brasileiro, embora em precárias articulações, operários, artistas, militares, setores médios urbanos, da classe proprietária rural e da ainda pouco significativa burguesia industrial, ao organizarem-se, sob a direção de seus intelectuais orgânicos, buscavam impor ao restante da população suas concepções de Estado, procurando compor projetos que representassem seus interesses de classe, na disputa pela direção política do país, agora elegível.

¹⁹³ Conferir Tese de Théo Lobarinhas Piñero – *Os Simples Comissários: Negócios e Política no Brasil Império . A tese trata da trajetória econômica e política dos Negociantes do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XIX* . Tese de Doutorado em História. Niterói: UFF. O autor discute a relação entre essa parcela da sociedade brasileira e a construção de seus instrumentos de participação na vida do país, às formas de sua atuação política, no processo de Independência e durante o Primeiro Reinado. Dissertação de Mestrado de Mônica de Souza Nunes Martins: *Vadios e mendigos no tempo da Regência (1831-1834). Construção e controle do espaço público da Corte*. Niterói: UFF, 2002. A autora percebe certa organização dos setores que estuda que, de certa forma, apontaria para a existência da sociedade civil em formação no Império brasileiro.

¹⁹⁴ Para Gramsci, os intelectuais orgânicos são aqueles que, representando os interesses de sua classe, organizam-na em aparelhos privados de hegemonia ou em partidos, como parte da sociedade política, para alcançarem o domínio do Estado. GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere, op. cit.*

No campo, as relações de mandonismo mantinham à margem da participação política a maior parte da população brasileira. A persistência deste quadro, desde os tempos coloniais, com manutenção de um sistema que privava a pequena propriedade e os trabalhadores rurais da possibilidade de defesa de seus interesses, excluindo-os das decisões políticas, num país essencialmente agrário. O fim da escravidão e a sua substituição pelas relações assalariadas, não garantira a “liberdade” cidadã. Como analisou Vitor Nunes Leal, as relações de trabalho e de participação política não se modificaram com a República. Sob o poder dos “coronéis”, o regime representativo ficava “a mercê” dos mandatários do poder local¹⁹⁵.

A estrutura inadequada para as condições do sistema liberal, como avaliou o jurista e cientista social, pareceria, a muitos intelectuais, o maior problema para a possibilidade do Brasil se tornar uma nação tão grande quanto seu tamanho. A solução autoritária para os problemas brasileiros era proposta por vários setores da sociedade brasileira, dos tenentes, das camadas médias urbanas e de algumas frações das classes proprietárias que estavam colocadas à parte dos pactos da sociedade política. Além do entendimento de que era preciso a supressão dos regionalismos e empreender a centralização autoritária, para os setores acima, seria preciso conter as movimentações pela esquerda, com seus movimentos operários que disputavam, pelas bandeiras do anarquismo e comunismo, a direção de uma sonhada revolução proletária. Da parte da própria sociedade política, contestações ao regime, vindos de um de seus aparelhos, o Exército, como o tenentismo e as Colunas Isidoro Dias Lopes e Prestes, levavam aos setores proprietários o temor de mudanças por vias que escapassem ao seu controle. Este momento emblemático está compreendido no contexto em que a produção de idéias autoritárias sobre a construção de um Estado nacional brasileiro era compartilhada por grande parte dos intelectuais de vertentes ideológicas antagônicas, coincidente com a ascensão do fascismo europeu. Esta era uma época de descrédito do liberalismo. Intelectuais de direita e esquerda buscavam novas alternativas para problemas econômicos e sociais.

O período entre as duas guerras mundiais foi marcado por conflitos de idéias em várias nações. Na Europa, com o liberalismo desacreditado, conservadores e socialistas

¹⁹⁵ LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto – o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1949.

entregavam-se ao nacionalismo. A ascensão do fascismo na Itália e do nazismo na Alemanha deveu-se à conivência dos velhos grupos hegemônicos, pois é bom reter que ambos assumiriam o poder pela via constitucional. As democracias liberais viam no comunismo soviético e no anarquismo um perigo maior. Nesse ambiente, as novas e velhas propostas ideológicas, chegavam e eram assimiladas na sociedade brasileira que buscava uma imagem se sua representação, buscando nas raízes históricas e étnicas do povo, uma feição para o país.

Em tempos de crise e rupturas, a arte mais que nunca, torna-se meio importante para críticas exposição de idéias. E, em 1922, a Semana de Arte Moderna, representou esse marco de intercessão cultura- política. As raízes do pensamento integralista podem ser buscadas a partir das investidas literárias do líder do movimento. Salgado, romancista brasileiro, foi participante ativo da famosa Semana. Esta foi gerada no contexto de discussões sobre a nacionalidade brasileira que alcançavam os mais diversos campos da intelectualidade o que, por sua vez, gerou mudanças irreversíveis na maneira da arte tratar o tema nação. Salgado, com Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo, nesta ocasião, lançaram o livro-programa *Verdeamarelo* que continha a visão do grupo que preconizava o nacionalismo de afirmação:

*“ de colaboração coletiva, de igualdade entre os povos e das raças, de liberdade do pensamento, de crença na predestinação do Brasil na humanidade, de fé em nosso valor, de construção nacional. Aceitamos todas as instituições conservadoras, pois é dentro delas mesmo que faremos a inevitável renovação do Brasil (...)”*¹⁹⁶

O *Manifesto do Verdeamarelismo* conteria uma visão idealista da sociedade brasileira, atribuindo-lhe características históricas espelhadas no mito das três raças fundadoras do povo nacional. Enaltecia-se o sangue, a força, a terra que representariam a verdadeira raiz da nossa nacionalidade. Outro traço ideológico do Verdeamarelismo seria a valorização de uma pretensa ausência de preconceitos entre os brasileiros. Segundo Renato Ortiz, esta ideologia de sincretismo exprimiria um universo sem contradições

¹⁹⁶ “*Nhengaçu Verde Amarelo*” - Manifesto do Verdeamarelismo ou da Escola da Anta – 17 de maio de 1929.

étnicas, enquanto síntese do contato cultural, transcenderia as divergências reais.¹⁹⁷ As propostas convergentes do grupo Verdeamarelo e, mais tarde, Anta, fariam erigir uma arte violenta e dinâmica, mas acima de tudo, nacionalista. Salgado teria concebido o país em termos estéticos, como fez o fascismo italiano.

Analisando o *Manifesto Verdeamarelo*, Gilberto Vasconcellos percebe o caráter primordial da nacionalidade, ou nação, enquanto totalidade abstrata e suprema, sendo esta doadora de sentido estético e político¹⁹⁸. A axiologia irracionalista dos camisas-verdes, segundo o autor, estaria plenamente configurada nos textos modernistas sobre a literatura dos anos 1920. Na obra de Salgado, o elemento particular não incorporaria a concretude histórica; seria, antes, uma estratégia ideológica, cujo significado estaria sintonizado com a idéia totalitária da prevalência irreflexiva da Nação.

A AIB, criada sob o lema “Deus, Pátria e Família” constituir-se-ia como organização política e sócio-cultural na década de 1930, arregimentando milhares de adeptos e tornando-se o a maior partido de massa deste período. Em 1935 dispunha de 1123 grupos organizados em 538 municípios e abrigando 1 milhão de filiados, segundo carta de Salgado endereçada a Getúlio Vargas em 1938. A AIB, enquanto Centro Cultural podia abrigar escolas e postos de assistência médica. As sedes municipais ainda organizavam aulas de cultura física, de estudo de problemas nacionais e estimulavam as obras sociais.

O movimento constituiu-se como partido político em âmbito nacional em 1936, colocando-se como alternativa ao pretense avanço do “bolchevismo” do Partido Comunista, cassado desde 1935 devido à tentativa de golpe que levou o nome de “Intentona Comunista”. As armas contra os comunistas seriam a defesa do nacionalismo, capturado através do sentimento e como força positiva da economia social brasileira na luta contra o materialismo histórico. Para Marilena Chauí¹⁹⁹, a tônica anticomunista seria o argumento para impulsionar a classe média à participação. Contra o comunismo usariam o

¹⁹⁷ ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

¹⁹⁸ VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia Curupira – análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

¹⁹⁹ CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In CHAUI, Marilena & FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea/Paz e Terra, 1978.

catolicismo. O nacionalismo seria usado tanto para o ataque ao liberalismo, visto como internacionalizante, e estrangeiro, quanto ao comunismo com suas pretensões de revolução proletária mundial.

Mas, é em torno do conceito de fascismo e o que este representou e representa na memória política mundial durante a vida e sobrevivida do integralismo que os intelectuais e os demais defensores do movimento priorizam a construção da memória integralista. Segundo o argumento dos ideólogos da AIB, a especificidade do integralismo, defendida em relação aos fascismos europeus estaria no substrato espiritualista e democrático do brasileiro que viria dos tempos coloniais. No Brasil não existiria ainda um espírito nacional consciente como o da Itália e da Alemanha. Cumpriria ao integralismo criar aqui a Nação.

Com o mundo e o país em crise, a AIB torna-se possibilidade de servir como porta-voz e elemento congregador de parcela do pensamento autoritário, especialmente o que se baseava nas perspectivas indicadas pela Igreja Católica desde o século XIX, com as encíclicas *Quanta Cura* e *Syllabus Errorum*, do Papa Pio IX e a *Rerum Novarum* de Leão XIII. E, no século XX, a consolidação de uma visão católica sobre a questão social com a encíclica *Quadragesimo Anno* de Pio XI, publicada em 1931, dava aos católicos subsídios para apoiarem suas reflexões políticas e sociais no reconhecimento do direito natural dos trabalhadores constituírem associações. A idéia essencial contida nas Encíclicas Papais era da necessidade de ordenação e controle das associações de trabalhadores, buscando inseri-las no contexto capitalista, com o objetivo de demarcar aos católicos a ocupação de seus espaços no âmbito do Estado. Para a Igreja Católica, entre comunismo e cristianismo a oposição é radical, mas também, a livre concorrência seria incapaz de consolidar o “bem comum”. Assim sendo, seria preciso a “reorganização da vida social, mediante a reconstituição de corpos intermediários autônomos com finalidade econômica e profissional, criados pelos particulares e não impostos pelo Estado; o restabelecimento da autoridade dos poderes públicos para desempenharem as funções que lhes competem para a realização do bem comum; e a colaboração em plano mundial entre as comunidades políticas, mesmo no campo econômico.”²⁰⁰ Estava posto, porém, desde o século XIX, as

²⁰⁰ Reflexões do Papa João XXIII acerca das Encíclicas publicadas por seus antecessores sobre a questão social In *Mater e magistra – Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa João XXIII sobre a evolução da Questão Social à luz da Doutrina Cristã*, de 15 de maio de 1961. São Paulo: paulinas, 2001.

diretrizes da ação e reflexão dos católicos sobre a questão social. Era preciso, pois, que intelectuais católicos tomassem a frente no sentido de contribuir para organizar a sociedade e doutrinar devidamente o povo.

Nesse início do século XX, os católicos que buscavam a ordem no país pela via autoritária e conservadora, podiam colocar-se também sob o amparo do Centro Dom Vital, organização tutelada pelo cardeal Dom Sebastião Leme, com apoio e direção doutrinária do Vaticano, na perspectiva da aceitação da hierarquia eclesiástica e da infalibilidade papal. A criação da AIB, posterior ao CDV (de 1922) não significou atrelamento, nem ligações mais profundas com entre ambas as organizações. Alguns contatos e mútuas admirações marcaram as trajetórias paralelas entre as duas instituições. As bases de respeito às determinações da Igreja católica estavam presentes tanto em uma como em outra, mas a AIB defenderia a intenção de respeitar e aceitar em suas fileiras fiéis de outras religiões, desde que contivessem os princípios cristãos.²⁰¹ Também, apesar de defender a via autoritária para a organização do Estado brasileiro, o CDV guardava distância do sentido totalitário que era aceito pelo integralismo na organização da sociedade. Apesar de, desde as primeiras horas o integralismo colocar-se como não defensor de um Estado totalitário, entendiam que seria necessário ao compor o Estado Integral, ter em vista uma concepção totalitária do mundo.²⁰²

É importante assinalar essa ligação inspiradora do catolicismo com a AIB para entendermos a construção das bases filosófico-políticas de sua doutrina e as estratégias de sua propaganda. O alcance da AIB entre os católicos supera, e muito, a influência do integralismo entre outras religiões. Os próprios rituais dos quais necessitavam participar os militantes comprovam a relação integralismo-catolicismo. Os integralistas relacionavam os

²⁰¹ Os integralistas defendiam (e defendem) com insistência a idéia de que o movimento seria aberto a pessoas de qualquer religião. Porém, esta perspectiva esbarra nos princípios doutrinários demonstrados na redação do Estatuto aprovado no II Congresso Integralista (Petrópolis, março de 1935): artigo 3º em que a AIB propõe-se a promover o “culto de Deus, da Pátria e da família” e “a paz entre as famílias brasileiras e entre as forças vivas da Nação, mediante o sistema orgânico e cristão das corporações.”

²⁰² Estado Totalitário e Estado Integral Do artigo *Honestidade e Coragem* de Plínio Salgado, sem data. Este artigo foi distribuído à população e aos integralistas e consta do acervo do Arquivo Público do Rio de Janeiro – documento no. 4149. As discussões sobre a essência totalitária ou não do integralismo encontram-se em muitos textos, principalmente os de Miguel Reale e de Plínio Salgado. É preciso deixar claro que estas discussões estavam sendo feitas concomitantemente com a ascensão dos fascismos na Europa. A tomada de posição dos integralistas quanto estas questões, antes de buscar criar visões antagônicas às dos modelos europeus, buscava, principalmente marcar as diferenças nacionais entre o fascismo brasileiro da AIB e os da Europa.

seus rituais aos da Igreja Católica: batismo, casamento e enterros que eram feitos em templos religiosos, mas, concomitante e paralelamente, “sacralizados” pelos cerimoniais e gestos integralistas. Estas constatações podem ser observadas nos documentos e periódicos divulgadores integralistas e nas diversas pesquisas²⁰³ que apontam, a relação de preponderância da quantidade de militantes católicos à de adeptos do movimento de outras religiões.

Referendando, primeiramente, a orientação divina do movimento integralista, a primeira frase do *Manifesto* já indicaria essa postura integradora do movimento com o espiritualismo, primordialmente o católico: “Deus dirige o destino dos povos”. Nesse documento, Salgado discorre sobre as suas concepções de Universo e do Homem, sobre o princípio da autoridade, acerca das características específicas do nacionalismo brasileiro. Ele ainda traça linhas sobre a organização do governo integralista e introduz a questão integradora do movimento que determina a não existência, no Estado Integral, de partidos políticos. O tênue ponto de confluência: a defesa de um catolicismo ultra-conservador, tendo com base o pensamento de Tomás de Aquino torna-se o principal argumento para uma aproximação entre o pensamento integralista e o catecismo da TFP na década de 1990.

No cenário de crise econômica, social e de idéias, as disputas pela participação dos diversos setores da sociedade civil na montagem da sociedade política no período de transição da República Velha para a chamada “Era Vargas”, foi marcada por conflitos que ganhavam maior extensão em circunstâncias de cisão oligárquica, justamente nos momentos de reorganização das alianças entre frações da classe dominante²⁰⁴.

Embora, a chamada “Revolução de 30” alçasse à sociedade política setores da classe proprietária rural, dissidentes em relação ao setor cafeeiro, anteriormente hegemônico, isso não significou a estabilização de qualquer setor na direção do governo nos anos que se seguiram imediatamente, nem criou condições para os demais setores sociais, articulados ao setor vitorioso de, individualmente, legitimar o novo regime e

²⁰³ Passagens em diversas obras atestam a relação profunda entre catolicismo e integralismo, entre essa, a de TRINDADE, Hélgio. *Integralismo - o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979 e CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo – ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.

²⁰⁴ Cf.: MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e Sociedade: a consolidação da república oligárquica*, In. LINHARES, Maria Yedda. *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

solucionar a crise econômica, social e política que estava delineada. Em termos políticos, tratava-se de uma crise de hegemonia que, segundo Sônia Mendonça, teria se desdobrado em dois momentos: o primeiro, nos anos 1920 no qual a preponderância da burguesia cafeeira foi contestada, que levou ao episódio conhecido como “Revolução de 30”. A segunda crise, iniciada em 1930, estendeu-se até 1937, quando se implantou o Estado Novo, a ditadura varguista²⁰⁵.

Desta forma, o período de 1930-37, poderia ser definido como de crise política aberta. A parcela da burguesia que chegara ao poder garantia a burocracia estatal que a possibilitava atuar com certa margem de autonomia diante de interesses em disputa. Desenvolvia-se, neste momento, modificações na própria estrutura e forma de atuação do Estado, a partir das quais seriam superadas as formas tradicionais dos interesses de classe se expressarem, como também mudaria o próprio processo de reprodução das classes na estrutura de Estado no Brasil. Para Mendonça, a instalação do Estado Novo em 1937 apontaria tais inclinações.

As mudanças que se iniciaram na década de 1930 são imprescindíveis na análise do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, posto que é neste período que ocorre a primeira ruptura no processo de acumulação de capital, além da redefinição do lugar do Estado na economia. Entre 1930 e 1937, com o avanço de uma política centralizadora, restava a sua aceitação pelos setores liberais para a construção do consenso minimamente necessário para a composição do Estado autoritário.

Conforme o visto, a solução autoritária em 1930, não aplacou os ânimos das frações de classe que lograram participação do novo governo. Por sua vez, os setores retirados de cena da sociedade política, como a liderança paulista, não se contentaram com a margem e exigiam que as decisões governamentais incluíssem as suas participações. A Revolta Constitucionalista de São Paulo, em 1932, foi destes episódios de contestação ao novo governo. Exigia-se Constituição e ordem nacional, e, claro, inclusão dos interesses paulistas nas pautas palacianas.

Ampliando-se o foco para outros setores da sociedade, podia se perceber o descontentamento de frações da classe média urbana e rural, com a crise de hegemonia que se instalara após o episódio de 1930. A aversão à mobilização popular e à desordem, que

²⁰⁵ *idem, ibidem.*

faziam parte do discurso dos “liberais” brasileiros neste período, também ressoava das falas, assumidamente antiliberais e conservadoras, tanto de parcela das classes proprietárias, quanto de grande parte da população urbana e rural, que optou pelo apoio à reação. Temendo que as mudanças não garantissem autoridade e que envolvessem idéias que consideravam radicalmente opostas à manutenção da composição sócio-cultural brasileira, organizaram-se grupos que se pautavam pelas influências, consideradas por eles alentadoras, de um regime ascendente na Europa, o fascismo.

Embora não fosse o único movimento a se pautar nas influências fascistas européias²⁰⁶, a Ação Integralista Brasileira seria lembrada na nossa história como o mais importante desta corrente autoritária. Por incorporar as características do fascismo, pensadores importantes, como Florestan Fernandes²⁰⁷, acabaram por considerar o integralismo como um movimento apenas mimético, reduzindo-o à cópia irracional do modelo italiano. No entanto, ainda que sobressaia no integralismo brasileiro a simbologia fascista, demonstrada através das vestimentas e dos rituais de cumprimentos e cerimoniais, a AIB congregou em seus quadros importantes e competentes intelectuais cujo arcabouço teórico embasava de forma bastante coerente sua doutrina. Não se pode negar, também, o potencial de arregimentação do movimento durante os cinco anos de sua existência oficial, que teria reunido cerca de 1 milhão de pessoas, segundo o cálculo do movimento²⁰⁸.

Nos cálculos apresentados no *Monitor Integralista*, uma espécie de diário oficial do movimento, o número de filiados seria de 1.352.000 militantes²⁰⁹ em julho de 1937. Este número foi constantemente crescente desde 1933 até o movimento ter suas funções

²⁰⁶ TRINDADE, Hégio. *Integralismo – o fascismo brasileiro na década de 30*. SP/RJ: DIFEL, 1979.

²⁰⁷ Em prefácio do livro de Gilberto Vasconcellos, Fernandes demonstra essa avaliação e considera o integralismo um movimento acabado. Cf. VASCONCELLOS, G. *Ideologia Curupira: Análise do discurso Integralista*. SP: Brasiliense, 1979.

²⁰⁸ Esse número foi calculado por Plínio Salgado (não comprovado por fontes) relatado em carta que o Chefe Integralista escreveu para o então presidente da República Getúlio Vargas datada de 28 de janeiro de 1938. O propósito da carta era mostrar ao presidente a importância numérica e ideológica da AIB, que havia, por ordem presidencial, deixado de existir oficialmente a partir da implantação do Estado Novo em novembro de 1937. A reprodução desta carta encontra-se no periódico “Alerta”, n.º 47 (maio/2000) e na publicação do Arquivo Público do Rio de Janeiro sobre o Integralismo. Mesmo que se considere uma certa superestimação nesse cálculo, ele ajudou a pensar o alcance da AIB naquele momento.

²⁰⁹ Informação do *Monitor Integralista* de 7 de outubro de 1937, p.4. *apud* CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil*. São Paulo: Edusc, 1999. p.34.

encerradas, como partido político, a partir do decreto presidencial que implantou o Estado Novo.

Além das características organizacionais que buscou no fascismo italiano, era preponderante em sua base filosófica o conservadorismo católico que, primordialmente foi o fator para a adesão de tantos militantes. A AIB fora criada a partir dos encontros de jovens intelectuais, principalmente paulistas, que fundaram a Sociedade Estudos Políticos, a SEP em fevereiro de 1932. Considerando que a SEP não se tornara o organismo propiciador de reflexões mais objetivamente dirigidas à intervenção na vida política, um destes intelectuais, Plínio Salgado, que liderou a fundação da AIB em outubro do mesmo ano ao lançar o “Manifesto Integralista”.

Neste “Manifesto”, Plínio Salgado resgata as orientações da Encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII, a doutrina social da Igreja editada em maio de 1891 sua reafirmação pela *Encíclica Quadragesimo Anno – Sobre restauração e aperfeiçoamento da Ordem Social em conformidade com a ordem evangélica* – de 1931, pelo Papa Pio XI. Estipulando a orientação divina do movimento, a primeira frase do manifesto já indicaria essa forte relação com o espiritualismo cristão, primordialmente o católico: “*Deus dirige os destinos dos Povos*”. Nesse documento, Salgado discorre sobre as suas concepções de Universo e do Homem, sobre o princípio da autoridade e sobre as características específicas do nacionalismo brasileiro. Ele ainda traça as linhas de organização de governo e introduz a questão integradora do movimento que determina a não existência, no Estado Integral, de partidos políticos.

A organização da sociedade, segundo o *Manifesto Integralista*, deveria se fazer em grande escala, pela união das células primeiras (a família, o município, as corporações), produzindo a Grande Família Nacional. O sentido que essa relação familiar daria à organização social seria de equilíbrio conciliatório da sociedade. Nela, harmoniosamente acomodados, estariam o indivíduo, a classe profissional, a coletividade, o Estado e a Pátria. O objetivo último seria a constituição do Estado Integral que faria valer a Quarta Humanidade, ou o Quarto Império.

Para a análise do movimento, considero a sua reflexão à luz da perspectiva analítica de Gramsci: como *aparelho privado de hegemonia*, e, posteriormente, como parte da sociedade política, organizado como partido. O movimento integralista encontrou-se

ativo na disputa na *sociedade civil*, pelo controle dos *aparelhos de Estado*, pela conquista hegemônica da *sociedade política* durante seis anos da década de 1930, tendendo suas atividades de resistência ideológica ao antagonismo ao o liberalismo, ao comunismo e a qualquer outra forma de organização que não repousasse sua aplicação nas concepções doutrinária da Chefia Nacional.

A AIB, no contexto de *crise de hegemonia* que sucedeu a chamada “Revolução de 30”, significou a possibilidade de inserção no espaço de luta pelo controle da *sociedade política* de frações da pequena burguesia e classe média urbana e rural anti-liberal que, em *guerra de posição e de movimento*²¹⁰ organizavam-se e produziam idéias que ganhavam adesões, principalmente pelo apelo católico/fascista anticomunista e anti-semita. O controle do *Estado*, visto de modo ampliado, segundo a acepção gramsciana, como espaço de disputa no qual se interrelacionam no confronto dialético, sociedade civil, sociedade política e infra-estrutura, era pretendido pelos integralistas. Pela via totalitária, a AIB buscava anular uma das bases do tripé do *Estado* com a extinção da sociedade civil, obra amplamente planejada pelos seus intelectuais orgânicos. Ainda que estes dissessem se colocar acima dos conflitos de classe, representavam interesses bem nítidos de caráter econômico que escondiam sob uma face doutrinária espiritual e nacionalista.

A Ação Integralista Brasileira organizou núcleos municipais, regionais e provinciais, assim como representações nacionais nas capitais. Como versava o estatuto, embora a presença do Chefe representaria fisicamente a sede da Chefia Nacional do movimento. A forte hierarquização mantinha o controle a obediência da militância que aderira de corpo e alma à camisa verde e ao Sigma. O cotidiano seria atingido pela militância. Mesmos aspectos culturais seriam substituídos na adesão ao movimento, desde a saudação, com o “Anauê!” até relação familiar, tomada pela disciplina militar a qual, inconscientemente, era incorporada nas relações entre pais e filhos. Não só com a

²¹⁰ Guerra de posição: ou guerra de trincheiras, na arte política constitui o momento do assédio das massas e de outras frações de classe com vistas a um projeto hegemônico. Guerra de movimento é o momento em que a AIB, já presente na sociedade política, como partido, estaria mais organizada para lutar de maneira mais efetiva pelo controle da sociedade política. Ao exemplificar o significado de guerra de posição, guerra de movimento e guerra subterrânea, Gramsci escreve: “A resistência pacífica de Gandhi é uma guerra de posição, que em determinados momentos se transforma em guerra de movimento e, em outros, em guerra subterrânea: o boicote é guerra de posição, as greves são guerras de movimento, a preparação clandestina de armas e elementos combativos de assalto é guerra subterrânea.” (GRAMSCI, Cadernos do Cárcere, vol. 3, p.124).

uniformização das crianças, mas como no surgimento da necessidade de se “educar civicamente”.²¹¹

Os integralistas que, a partir da fundação da AIB multiplicaram-se criando núcleos que se espalharam por todo o Brasil, reatualizariam suas estratégias de doutrinação e propaganda em 3 de março de 1934, no 1º Congresso Integralista Brasileiro, realizado na cidade de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo. A Ação Integralista Brasileira passa a ser definida como uma associação nacional de direito privado, com sede civil na cidade de São Paulo e sede política onde se encontra o Chefe Nacional, Plínio Salgado. Neste Congresso consolida-se a finalidade da AIB: “funcionar como centro de estudos e cultura sociológica e política (a); desenvolver uma propaganda de elevação moral e cívica do povo brasileiro (b); implantar no Brasil o Estado Integral.” Segundo o documento, o Estado Integral se realizaria, segundo a ordem política, como um regime político-social baseado na doutrina integralista ou nacional-corporativa. Quanto à ordem econômica seria implantado um regime da economia dirigida no sentido do predomínio do social sobre o individual. A cooperação espiritual de todas as forças que defendem a idéia de Deus, Pátria e Família garantiria a ordem moral. E na ordem intelectual, os integralistas defendiam a participação de todas as forças culturais e artísticas na vida do Estado.

No IIº Congresso Integralista realizado em Petrópolis em 7 de março de 1935, os integralistas também decidem que, além de uma associação civil, a AIB passaria também a funcionar como partido político. Segundo os Estatutos, aprovados nesse Congresso e registrados pelo Tribunal Superior de Justiça Eleitoral (8 de setembro de 1937) a AIB passaria a ser definida como “uma associação civil, com sede na cidade de São Paulo, e é um partido político, com sede no lugar onde se encontrar o seu Chefe Supremo...”. Quanto às suas finalidades AIB deveria funcionar como partido político, de acordo com o registro no STE e como centro de Estudos e Educação Moral, Física e Cívica. Como partido, a AIB deveria objetivar a reforma do Estado por meio da formação de uma nova cultura filosófica e jurídica de maneira que garantisse, segundo a perspectiva do movimento, que o povo brasileiro pudesse, dentro das normas da Constituição de 1934 e das leis em vigor, assegurar:

²¹¹ Esta relação pode ser percebida pelos relatos dos ex-plinianos, os irmãos Carvalho.

“ O culto de Deus, da Pátria e da Família; a Unidade Nacional; o princípio da Ordem e da Autoridade; o prestígio do Brasil no Exterior; a Justiça Social, garantindo-se aos Trabalhadores a remuneração correspondente a todas as suas necessidades; a paz entre as Famílias Brasileiras e entre as forças vivas da nação; a Economia que garante a intangibilidade da propriedade, a iniciativa particular orientada no sentido da maior eficiência da produção nacional; a soberania financeira da Nação; a circulação das riquezas e aproveitamento dos nossos recursos naturais; a prosperidade e a grandeza da Pátria; a liberdade da pessoa humana dentro da ordem e da harmonia social; a grandeza e o prestígio das classes armadas; a união de todos os brasileiros”

Segundo dados da AIB, em 1935, o número de núcleos organizados passou de 500 em janeiro para 1.843, em dezembro do mesmo ano²¹². O aumento de núcleos deve-se a um fato muito importante: a criação da Aliança Nacional Libertadora. Esta fora organizada como uma tentativa de congregar, como frente, em oposição ao governo e às investidas ultranacionalistas, como a AIB, diversas representações de classe e correntes de pensamento, como comunistas, socialistas, tenentes e, inclusive liberais. A ANL pretendia levar adiante uma proposta nacionalista democrática. Mas a existência da ANL fora frustrada por ação governamental, com poucos meses de duração. Os integralistas vangloriaram-se em seus jornais de terem penetrado no Exército, na Marinha e nas Brigadas Estaduais com o objetivo de, através da vigilância e de um “espírito nacionalista”, conter o avanço comunista e, deste modo, teriam sido responsáveis por impedir que, em novembro de 1935, a tentativa comunista de golpe contra o governo de Vargas, a chamada “Intentona Comunista” tivesse êxito. Assim sendo, e devido ao temor à mobilização das classes subalternas, exemplificado pela tentativa de insurreição comunista derrotada no mesmo ano, deslocou-se a adesão dos setores liberais para o projeto varguista.

A AIB apoiou, com a violência nas ruas e nos discursos, a destruição da ANL e do Partido Comunista, seu principal foco de ataque na disputa por espaços hegemônicos na sociedade civil. O ano seguinte à tentativa de golpe comunista, 1936, foi considerado, para a AIB o “ano verde”. Como mostra Chauí²¹³, o número de filiados ultrapassaria a casa do milhão, o que se pode aferir, também, como consequência da opção pela reação.

²¹² Dados apresentados na revista “Anauê” da primeira quinzena de fevereiro de 1936 (Ano II, no. 7).

²¹³ CHAUI, *op. cit.*

Neste ano multiplicou-se o número de participantes, principalmente no período de junho a setembro. Os integralistas contabilizavam mais de um milhão de militantes. Nas eleições municipais, os integralistas elegeram 500 vereadores e 24 prefeitos. Receberam 250 mil votos em todo o país²¹⁴. E, em novembro de 1936, o movimento contava com mais de 3.000 centros e podia divulgar suas idéias e manifestações em 123 semanários. De 1932 a 1936, o número de escolas primárias passou de 200 para 1.285. Estas escolas, assim como os cursos de alfabetização de adultos pretendiam formar, principalmente militantes e eleitores da AIB. Também passou a se organizar sob a direção do Departamento de Assistência Social, clínicas dentárias, centros de puericultura e lactários. A Sociedade de Estudos Políticos, agora submetida à AIB tinha a função de organizar centros de estudos²¹⁵ nas faculdades.

Em *guerra de posição*, a AIB arregimentou maior número de aderentes que a ANL, através do uso massivo de formas de propaganda, com seus jornais diários (que alcançavam os mais longínquos sertões), revistas, panfletos, mas também com ação nas ruas, tanto de intimidação, quanto nas marchas e comícios. Produzindo, no calor dos momentos uma doutrina costurada, como a fascista, nas nuances das necessidades imediatas, a AIB contou, como dito anteriormente, com grande número de periódicos e material de propaganda para difundir suas idéias. Os editores dos jornais e revistas, compostos de forma diferenciada, com objetivos de atingir públicos diferentes, preocupavam-se em dirigir com linguagem adequada às classes e setores da sociedade que se pretendia alcançar.

As escolas integralistas, principalmente dirigidas à alfabetização de adultos, também eram uma forma de alcançar o maior número de pessoas possível. Nas reuniões, com seus rituais, nos quais se enalteciam ufanisticamente as riquezas e honras nacionais, assim com o Chefe e o movimento, procurava-se constituir o *ethos* do integralismo. Os métodos didáticos para se fazer chegar a doutrina à população passavam, portanto, pelos periódicos, pelas reuniões ritualísticas, pela demonstração pública da organização em marchas e comícios e pela educação.

²¹⁴ *Idem, ibidem*, pp. 102-103.

²¹⁵ *Idem*, p. 103.

Através da reestruturação do poder, construído sobre uma rígida hierarquia, o domínio da política caberia a um chefe nacional, apoiado imediatamente por seu gabinete, pelos membros do Secretariado Nacional e pelos membros do Conselho Supremo. Quarenta figuras seletas do cenário intelectual e político nacional fariam parte da Câmara dos 40. E havia, ainda, 400 comanditários que pertenciam à Câmara dos Quatrocentos (que seriam somente designados em 1937). Essa estrutura ainda contava com o Conselho Nacional, o Conselho Jurídico e os Procuradores Nacionais, as Chefias Arquiprovinciais. As direções regionais estavam a cargo dos Chefes provinciais. Abaixo, na hierarquia, estariam os chefes municipais e, depois, os distritais. Por fim, estava a milícia, composta pelos decuriões e pelos bandeirantes. O restante da militância estaria engajada nos núcleos, participando de reuniões, de cerimônias, de comícios e de marchas. Os núcleos eram também Centros Culturais, onde militantes e a população encontrariam serviços médicos, de educação formal, educação moral e cívica. Nos casos dos milicianos, havia igualmente a educação militar. E é este degrau da hierarquia da AIB que deverá ser focalizado pelo presente estudo, buscando-se uma aproximação da ótica da militância dos integrantes que os freqüentavam ou dirigiam.

A hierarquia, obedecida, garantiria a harmonia e esta levaria ao progresso moral e social, sob a direção de Deus, tal como dizia a primeira frase do Manifesto Integralista: “*Deus dirige os destinos dos povos.*” O projeto integralista deveria ter o efeito de barrar a caminhada evolutiva do capitalismo e substituir a alternativa de revolução socialista pela revolução pela ordem, que abominava a pluralidade e que deveria submeter a sociedade a uma ruptura necessária ao restabelecimento do equilíbrio. A revolução regularia a vida da sociedade. A possibilidade de ordenação do caos estaria na criação de um Estado forte e intermediário entre o liberalismo e o totalitarismo. No entender do integralismo, o totalitarismo não incorporaria a pessoa humana, como consideravam no modelo fascista, mas sim o trabalhador. A AIB defendia a criação do Estado Integral, cujas características que tinha como base de sustentação o autoritarismo, o nacionalismo e o anticomunismo. Caberia a um grupo seletos, encabeçado pelo Chefe Nacional, a direção desse Estado e não seriam permitidas organizações independentes. O Estado Integral estaria fundamentado no espiritualismo. O que significa dizer que, acima da racionalidade burocrática de um

Estado, se pudermos nos remeter a Weber e utilizar a sua tipologia²¹⁶, estaria o “primado” do espírito. Ou seja, segue-se a máxima que abre o Manifesto de Outubro: “Deus dirige o destino dos povos”. Acima das vontades humanas está a vontade divina. Logo, o Chefe é Seu porta-voz, Seu meio para Se fazer chegar aos homens. Cabe aos homens serem guiados por uma vontade ética, basicamente católica, fundamentalmente erigida sobre o que aponta como modelo de sociedade a *Rerum Novarum*. O ideal corporativo, com sua hierarquização organizativa, a atenção para a formação da sociedade a partir do núcleo familiar, educado sob a moral católica contidos na Encíclica Papal seriam as bases do Estado Integral. O lema do movimento “Deus, Pátria e Família” representaria a união desse esforço de sintetização da sociedade com a eliminação dos conflitos internos. O próprio Estado representaria a grande família nacional que, através do solidarismo, seria a força preparatória para a construção e consolidação da Quarta Humanidade, ou Quarto Império que seria a realização total da humanidade.

Como escreve Bertonha²¹⁷, não há como negar a similitude das formas de organização do integralismo em relação ao fascismo, principalmente o italiano. A ligação ideológica com o fascismo está além dos contatos entre os italianos e brasileiros demonstrados pelos documentos e pela própria literatura integralista. O uso do uniforme, a educação infantil e de adolescente, obedecendo as fases etárias evidenciavam estas semelhanças. Um *Programa de Ação* deveria ser seguido por todos. Neste estavam as propostas básicas do movimento: centralização política; estatismo econômico; corporativismo; educação moral e cívica; alfabetização; liberdade religiosa; fim das lutas de classe através da integração do indivíduo na família, da família no município, do município na região, da região na Nação e da Nação no Universo.

Sobre o uso do uniforme, da famosa camisa verde, passa a ser permitido em 6 de julho de 1934 pelo Ministério da Guerra, através do General Góis Monteiro. Porém o uniforme já vinha sendo usado anteriormente. A primeira vez que o utilizaram foi no dia 23 de abril de 1933 em São Paulo. usando a camisa verde. A cada aniversário desta primeira marcha se comemoraria com a cerimônia das “Matinas de Abril”.

²¹⁶ WEBER, Max. *Os três tipos de dominação legítima*.

²¹⁷ BERTONHA, Fábio. *Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil*. In *Revista Brasileira de História*, vol.21 no.40 São Paulo 2001 (Scientific Electronic Library Online). & BERTONHA, Fábio. *Fascismo, Nazismo, Integralismo*. São Paulo: Ática, 2002.

Em cada data significativa, uma maneira de rememorar. As datas mais importantes seriam a do aniversário do 1º Congresso Integralista, em Vitória, Espírito Santo, em 23 de fevereiro de 1934, que o movimento instituiu como a “Vigília da Nação”.²¹⁸

A “Noite dos Tambores Silenciosos”, outra data comemorativa representaria o aniversário da fundação da AIB, o dia do lançamento do Manifesto de Outubro, 7 de outubro de 1932. Foi numa destas datas, em 1934, que ocorreu a célebre “Batalha da Praça da Sé”. Num confronto entre a militância da AIB e antifascistas, morreram os integralistas Spinelli e Jaime Guimarães. Quatro dias antes, os integralistas já tinham perdido outro companheiro em Bauru, também num confronto de rua.

Outro caso muito comentado pelos que rememoram a história integralista, principalmente os militantes fluminenses, é o episódio ocorrido em Campos, município do Estado do Rio de Janeiro. Segundo consta na imprensa da época, foram libertados por volta de trezentos presos políticos sem processo formado, vítimas da repressão ao levante comunista de 1935 por ordem do Ministro da Justiça Macedo Soares, nomeado para o Ministério da Justiça uma semana antes. Assim, as lutas de rua entre integralistas e grupos de esquerda teriam voltado a se intensificar e, em agosto, 13 pessoas teriam morrido em Campos em consequência de um tiroteio durante um comício integralista. Esta onda de libertação de prisioneiros políticos ficou conhecida como a “macedada” e manteve-se até setembro.

E muitos confrontos mais ocorreriam, com mortos de ambos os lados: dos integralistas e antifascistas que se compunham de anarquistas, comunistas, democratas das mais variadas vertentes.

Principalmente, segundo Marilena Chauí,²¹⁹ a tônica anticomunista era o argumento para impulsionar a classe média à adesão e, desta forma, eram também os principais inimigos das batalhas de rua.

²¹⁸ Como relata Trindade: às 21 horas pedia-se 1 minuto de silêncio e, em seguida, a autoridade que presidisse a sessão faria uma oração em prol da inspiração divina do Chefe Nacional, da bênção de todos os integralistas, da bandeira azul e branca do sigma e para que os camisas-verdes fossem conduzidos ao triunfo. A assistência bradando 3 vezes o “Anauê!” saudaria a consolidação da AIB em todo o território nacional. Por último, para encerrar a cerimônia, todos reafirmariam seus votos de fidelidade a Salgado. Em TRINDADE, *op. cit.*, p. 194.

²¹⁹ CHAUI, Marilena. *op. cit.* pp. 19–149.

Como forma de fazer avançar a organização e participar de maneira efetiva no jogo das disputas políticas, em 1937, os integralistas lançaram sua plataforma eleitoral, com base nos estatutos sistematizados no II Congresso Integralista de março de 1935, e que acontecera em Petrópolis, Rio de Janeiro. Em maio de 1937, Plínio Salgado lança a sua candidatura à presidente da República. Mas é em 12 de junho que aceita formalmente a candidatura. Discursando sobre o “Estado Integral”, Salgado finalizaria com a frase : "Por Cristo quero um grande Brasil, por Cristo ensino a doutrina da solidariedade humana e da harmonia social, por Cristo vos conduzo, por Cristo batalharei."

Ainda neste período, embora sem participar da sociedade política diretamente, alguns dos membros da AIB marcaram presença no âmbito do poder. Generais e intelectuais, do governo, “flertavam” com a AIB, concedendo possibilidades para a sua organização. Conforme escrito anteriormente, a autorização para a militância usar as famosas “camisas verdes” fora uma concessão do Ministério do Exército em 1934. A sua organização fundava-se numa estrutura para-militar consentida pelo governo. Para a *guerra de posição*, organizavam e treinavam militarmente suas milícias que tinham como Chefe nacional Gustavo Barroso. Nomeadas de “Legiões”, a força para-militar integralista subdividia-se em centúrias e decúrias, copiando o modelo do Império Romano, tal como no fascismo italiano. As legiões, segundo manuais integralistas, deviam manter em “perfeita articulação, animados pelo mesmo espírito de salvação nacional e de sustentação dos princípios da civilização brasileira, mais de 100.000 homens aptos a prestar serviços militares”. O objetivo seria cultivar, pelo exercício físico, a mente sadia e o espírito para prepará-lo para o envolvimento na luta pelo Estado Integral. Os núcleos integralistas se responsabilizavam de reunir os jovens militantes, com mais de dezoito anos para exercitarem-se militarmente. Desta forma eram organizadas as milícias, numa tentativa de organização de batalhões como as tropas de assalto do nacional-socialismo alemão, ou os *arditti* do fascismo italiano.

Os milicianos praticavam exercícios militares e muitos deles andavam armados, principalmente no interior do Brasil. Assim, em meio a comícios, tanto integralistas, quanto antifascistas, os milicianos fardados procuravam demonstrar, com uso de violência, a força de sua organização. As marchas, com numerosos participantes uniformizados, obedecendo o ritmo e uma linha hierárquica, davam o tom de ordem. Os comícios,

geralmente, tornavam-se palco de guerra. As agressões físicas e mortes eram comuns. O ataque às sedes, ou casas de comunistas, tornavam-se parte do cotidiano da movimentação integralista na busca pela hegemonia. Em contrapartida, os antifascistas, principalmente comunistas, também não davam tréguas aos militantes da AIB em enfrentamentos diários, desde as grandes cidades até aldeias do interior²²⁰.

Na história brasileira é preciso considerar a importante capacidade arregimentadora da AIB e o grau de adesão às suas fileiras. Na década de 1930, num universo de aproximadamente 40 milhões de brasileiros, o integralismo foi um movimento de alcance nacional que reuniu em sua militância um grande número de seguidores. Estima-se, com base no número de filiações, que em 1935, o movimento contava com 699 mil filiados²²¹. No ano de 1936, esse número pulou para mais de 1 milhão de aderentes, segundo fonte do próprio movimento, o jornal *A Offensiva*, que publicou um recenseamento interno, nos meses de fevereiro e novembro.

Em seu último ano de existência, 1937, a AIB contava com a possibilidade de eleição do Chefe Nacional, Plínio Salgado, para presidência da República. Segundo a revista *Anauê* publicada na 1ª quinzena de fevereiro de 1936, projetava-se para 1937 o número de 1.250.000 eleitores integralistas, a partir de cálculos estatísticos que acompanhavam o crescimento eleitoral da AIB²²².

A Ação Integralista Brasileira, que chegou a dividir o mesmo escritório com sedes do Partido Nazista em cidades como Rio do Sul, em Santa Catarina, elegeu oito prefeitos nesse estado em 1936, quando chegou a ter entre 600 mil e 1 milhão de membros²²³. Tamanha popularidade daria a Salgado grandes chances na eleição presidencial de 1938. O integralismo tentaria chegar ao poder pela via que desprezava, a democrática. A eleição presidencial estava marcada e Plínio Salgado era candidato à presidência do Brasil pelo partido da AIB. Antes disso, em novembro de 1937, a militância da AIB e sua Chefia Nacional foram convidados para se apresentarem num desfile para o Presidente Vargas.

²²⁰ Episódios como esses são descritos por integrantes, tanto do Partido Comunista do Brasil, quanto da AIB. Os jornais de ambos os movimentos noticiam tais embates. Cada qual com sua versão sobre os episódios.

²²¹ Dados publicados na Revista *Anauê* da 1ª quinzena de fevereiro de 1936, Ano II, no. 6.

²²² Mesma referência anterior.

²²³ Segundo Gerardo Mello Mourão, dirigente integralista entrevistado pelo LABHOI, havia 600 mil integralistas que tinham feito juramento e outros mais apenas na militância, contabilizando por volta de um milhão de militantes aderentes.

Foram à marcha 50 mil integralistas de várias partes do Brasil que desfilaram diante do Palácio do Catete, sede do governo federal. Os integralistas apreciaram vestir seus uniformes verdes e marchar pelas ruas do Rio de Janeiro, demonstrando ordem e disciplina. O objetivo, segundo Salgado, seria demonstrar apoio ao então presidente constitucional. Mas o que circulava entre a militância integralista e setores governamentais era que o episódio serviria para a AIB demonstrar a força e a pronta arregimentação dos integralistas diante do comando do Chefe. No entanto, em novembro de 1937, Vargas deu o golpe que instituiu o Estado Novo. A desculpa para o surto autoritário foi a descoberta do Plano Cohen, que revelaria um projeto comunista contra o governo, mas que na verdade era uma farsa de autoria do capitão do Exército Olympio de Mourão Filho, notório simpatizante das teses integralistas²²⁴. Com a ditadura Vargas instituída, partidos e segmentos políticos que significassem independência do poder central ficaram proibidos de existir. Não mais partidos, nem bandeiras que representasse a divisão, ou regionalização do Brasil. A bandeira brasileira deveria ser a única a existir como representação de nacionalidade. A AIB teve que abrir mão da sua existência como partido, teve a bandeira e os uniformes proibidos. A Constituição promulgada em 10 de novembro de 1937, em seu 2º artigo decretava: “não haverá outras armas e bandeiras, senão as do Brasil.” A implantação do Estado Novo decretava a morte da AIB, assim como dos outros partidos políticos existentes no Brasil, que tiveram seus registros cassados. O decreto determinava também a proibição do uso de qualquer símbolo, gestos e uniformes que identificassem a adesão a qualquer grupo partidário. O movimento integralista poderia, segundo os próprios integralistas, representar um obstáculo ao projeto centralizador do Governo ditatorial. Desta forma, foi determinado o fechamento da AIB e a sua extinção.

A ditadura anulou o pleito que se daria em 3 de janeiro de 1938 e, neste mesmo mês, foi oficializado o rompimento dos integralistas com Vargas. A *guerra subterrânea* passaria a ser articulada em conjunto com alguns setores liberais, com vistas à tomada de poder. Em 11 de março, alguns integralistas organizaram um golpe, frustrado pelas forças governistas.

²²⁴ Durante o governo militar, Salgado intercederia a favor de Mourão, que seria promovido, com seu apoio, e ainda recebendo lugar no Supremo Tribunal Militar.

Deste acontecimento resultaram várias prisões de integralistas, inclusive políticos liberais e de outras tendências ideológicas que se opunham ao Estado Novo, como Otávio Mangabeira, Flores da Cunha e o então coronel Euclides Figueiredo, chefe da ação militar. Com a prisão de Figueiredo, o comando da operação passaria ao general Castro Júnior. Belmiro Valverde, Gustavo Barroso, Barbosa Lima, ainda outros líderes integralistas, inclusive Plínio Salgado não tinham o paradeiro conhecido pela polícia. Este último escrevera, então, uma carta dizendo não ter o controle sobre os seus adeptos, que teria havido uma cisão no Partido que o impedia, portanto, de tentar qualquer golpe contra o governo Vargas.²²⁵

Como escreve Hélio Silva²²⁶, toda a movimentação de preparação não passou despercebida para a polícia. Em nota oficial do Ministério da Justiça no dia 17 de março, como reproduz Silva: “O Governo vinha acompanhado, de algum tempo a esta parte, a atuação de elementos que, interessados em perturbar o ritmo das atividades do país, tentavam uma conspiração, com o intuito de alterar a ordem pública.”²²⁷ Silva escreve que a polícia teria encontrado um grande arsenal em casa de Plínio Salgado e outros integralistas. Entre as armas encontradas haveria três mil punhais com a cruz gamada, metralhadoras pesadas, fuzis, dinamite e um número incalculável de balas”até mesmo balas chafurdadas, dum-dum, como as que foram usadas pelos ‘camisa-verdes’ no trágico comício de Campos.”²²⁸

Baixada um pouco a poeira da primeira tentativa de golpe integralista, ou levante como quer guardar a memória integralista, contra o Governo ditatorial de Vargas, inicia-se nova preparação. Desta vez, tentar-se-ia chegar mais próximo ao principal mandatário do país.

O movimento ganharia, desta vez, o apoio do tenente Severo Fournier, “homem de confiança do coronel Euclides Figueiredo”, como escreve Victor²²⁹ e que não pertencia aos quadros integralistas. Valverde manteve-se à frente dos integralistas com apoio do general Castro Júnior que permanecia como chefe nacional do movimento rebelde, com os generais Newton Cavalcante, comandante da Vila Militar e Bertoldo Klinger, com o

²²⁵ SILVA, Hélio. *1938 – Terrorismo em campo verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 94.

²²⁶ *idem, ibidem*.

²²⁷ *idem*, p. 90.

²²⁸ *idem*, p. 93.

²²⁹ VICTOR, *op. cit.*, p.36.

coronel Ayrton Playsan e com major Rodolpho Bittencourt. Na Marinha, o movimento recebeu apoio do capitão de Mar e Guerra Fernando Cochane e do comandante Faria. Da Polícia Militar, contava-se com a força de mais de quarenta oficiais com seus inferiores em patente²³⁰. Salgado articulava-se com alguns dos mesmos liberais descontentes, como Otávio Mangabeira e Euclides Figueiredo e o interventor gaúcho foragido desde a tentativa de 11 de março, Flores da Cunha.²³¹

Um novo golpe foi tramado e colocado em execução na madrugada de 11 de maio do mesmo ano. Dentre os conspiradores, juntamente com os integralistas, estava o grupo liberal liderado por Otávio Mangabeira e Euclides de Figueiredo. Cerca de quarenta e cinco integralistas cercaram o Palácio da Guanabara onde estavam Vargas e sua família. Foram descobertos e nove militantes integralistas foram fuzilados.

Em entrevista ao jornal o Globo em 21 de maio de 1953, Salgado falou sobre o “levante de 11 de maio”:

*“O que se preparava naquela ocasião não era uma revolução integralista, mas um movimento nacional de vários partidos, com o fim de restaurar a Constituição de 1934 que fora derogada pelo golpe de Estado de 10 de novembro de 1937. Tomavam parte neste movimento, entre outros, o Sr. Otávio Mangabeira, o Sr. Júlio de Mesquita Filho, os Gens. Castro Júnior, Guedes da Fontoura, Basílio Taborda, Euclides Figueiredo e, finalmente, o Brigadeiro Eduardo Gomes. O chefe deste movimento era o Gen. Castro Júnior.”*²³²

Esta versão sobre os acontecimentos, elaborada e divulgada amplamente entre os integralistas, é a versão oficial, a que é guardada pela memória da militância e passada através das gerações que ainda, anualmente, na data de 11 de maio, homenageia, como mártires integralistas, os nove militantes que foram fuzilados pelos soldados fiéis ao governo nos jardins do Palácio Guanabara na noite do “levante”.

Após o acontecimento de 11 de maio, Plínio Salgado passa a ser procurado pela polícia. O Chefe manteve-se escondido, sendo preso em maio de 1939. No dia 22 de junho parte para o exílio em Portugal.

²³⁰ Conf. Victor, *op. cit.* P. 36.

²³¹ SILVA, *op. cit.*, p.

²³² *O Globo*, Rio de Janeiro, 21/05/1953 *apud* SILVA, Hélio. *op. cit.*, p. 148.

E, o integralismo, considerado um dos maiores movimentos de massa do Brasil, não resistiu, na proporção que auto-considerava a sua força de arregimentação e de envolvimento fiel, quando o poder instituído em 1937 o proibiu de existir e passou a combatê-lo. Alguns militantes foram presos, outros assassinados, muitos perseguidos. Os que acreditaram piamente na utopia integralista, aguardaram a volta do chefe. O Chefe voltou em 1946, mas não vestiria mais a camisa-verde. Integrar-se-ia à vida pública pelo viés liberal, com o Partido de Representação Popular. Com mais força, combateria o comunismo, amparado pela Guerra Fria. Porém tentaria se afastar com maior veemência de seu passado com o fascismo.

II. De 1945 a 1965 – O Vôo dos “Águias Brancas”

No período de 1938 a 1945, o integralismo entrou para o ostracismo. Não só a prisão e o exílio de Plínio Salgado silenciaram, de certa forma a militância. A ditadura Vargas não admitia que brechas fossem abertas na sociedade política. Para Azevedo Amaral, a partir necessidade de apresentar à sociedade civil uma feição democrática ao Estado Novo, era preciso apresentá-lo como o a único capaz de trazer, ou impor a ordem nacional. Segundo o pensador, estava no Chefe de Governo, Getúlio Vargas, a própria tradução da Nação, como coloca em texto produzido em 1941: “O pensamento do Presidente e as palavras em que se traduz devem ser, em princípio, compreendidas e interpretadas pela própria Nação, entre a qual e o seu Chefe ninguém se pode interferir em função de intermediário, incompatível com a essência da forma de organização nacional estabelecida em Novembro de 1937.”²³³

Os estudos de Gilberto Calil mostram a importância do PRP, como representante da continuidade do integralismo no processo político brasileiro entre 1945 e 1965. Para o autor, o integralismo não seria um movimento fora do espaço de disputa pela hegemonia no âmbito do Estado. Como partido político, representava, segundo Calil, um componente importante da dominação burguesa que defendia posições excludentes e repressivas. Segundo o autor, essa intervenção pode ser percebida a partir da relação do partido com

²³³ AMARAL, Azevedo, *op. cit.*

outras organizações políticas que nos espaços de disputa do Estado ampliado, pretendiam a estabilização política, econômica e social. O PRP, neste contexto da democracia brasileira em tempos de Guerra Fria, contribuiu, como coloca Calil, para a disseminação teórica e prática do anticomunismo, além de apoiar ações governamentais contrárias à participação e reivindicações populares. Segundo o autor, o integralismo mudaria suas estratégias anteriores, do período 1932 a 1937, em que visava a tomada de poder a curto prazo. Assim sendo, teria havido uma adaptação do integralismo à ordem democrática, como partido político, colaborando para a consolidação da dominação burguesa servindo como apoio na retaguarda conservadora.

Para a que a estratégia de ação desse resultado, o PRP contava com jornais, e uma editora, a *Voz do Oeste*. Plínio Salgado, entre 1957 e 1958 manteve, também, periodicamente um programa de rádio, o “Palestras com o povo”, apresentado pela Rádio Globo.

Diante da perspectiva de o integralismo poder continuar existindo e resistindo através de um partido, antigos militantes da AIB dele tornam-se representantes no Congresso Nacional, eram os chamados “populistas”²³⁴, como Goffredo da S. Telles, que foi Deputado Federal por São Paulo nos períodos legislativos de 1946, como constituinte e de 1951. Outro integralista, Raymundo Padilha, virou deputado em 1952 e, em 1971, foi nomeado pela ditadura governador do Estado do Rio. Com a extinção dos antigos partidos em 1965, ingressou mais tarde na Aliança Renovadora Nacional (ARENA), criada para auxiliar na sustentação ao novo regime.

Em 1956, Salgado candidata-se a Deputado Federal pelo Estado do Paraná. Ainda cumpre o mandato de 1960-1964 pelo PRP, transferindo-se, por extinção do partido, para a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) representação partidária do governo ditatorial no mandato de 1970-1974, representando o Estado de São Paulo. Integrou como Deputado Federal a Comissão de Educação e Cultura. Salgado exerceu, como Deputado Federal quatro mandatos consecutivos: 1955-1959; 1959-1963; 1963-1967 e 1967-1971.

²³⁴ O termo populista, aqui se refere aos deputados e militantes do PRP e não à definição de Weffort: que lhe dá o significado de exercício da “política de massas” com a incorporação destas pela manipulação, numa situação que envolve a influência carismática do governante na implantação de políticas de favorecimento das classes populares que, em troca, lhe dariam apoio eleitoral. WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Entre os mandatos para deputados federais, o PRP entre 1945 e 1962 ocupou poucas cadeiras na Câmara Federal, não compondo nem 10% do total do Congresso em nenhuma legislatura.

Mas outros intelectuais do movimento seguiram caminhos diferentes, como o Padre Hélder Câmara. Este, durante o Estado Novo, com o conjunto do pensamento católico brasileiro, receava a ameaça comunista que consideravam pairar sobre as favelas cariocas, organizou ações de intervenção neste sentido. Igreja e Governo se unem para tentarem resolver a velha questão social e definiram estratégias para tratarem a miséria popular. Em 1946 seria criada a Fundação Leão XIII e em 1955 a Cruzada São Sebastião pela Igreja Católica. A Cruzada, liderada por Dom Helder Câmara teria lançado as sementes para um projeto de urbanização de favelas.

Também deixou o movimento esta época o antigo Chefe das Milícias, Gustavo Barroso. Seu argumento como de muitos outros foi que, diante da iniciativa de se criar um partido para entrar no jogo da democracia liberal, o integralismo perderia seu sentido. Miguel Reale que no exílio visitara a Itália governada por Mussolini alegou que se desencantara com a política. Deixou assim o integralismo. Tornou-se Reitor da Universidade de São Paulo, mas ficou sendo reconhecido em vida como jurista dedicado às causas trabalhistas. Como demonstrou desde jovem, ao se tornar Chefe da Doutrina, era um intelectual muito perspicaz e estudioso. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, como Barroso.

Como dito anteriormente, Plínio Salgado, em 1952, organizou os Centros Culturais da Juventude, onde os jovens “Águias Brancas” tinham aula de Filosofia, Sociologia, Economia, Política Internacional, Geografia Econômica do Brasil, Interpretação da História etc. Segundo Salgado a iniciativa de educar os jovens no integralismo representava uma ação contra a organização do *Komsomol*: Liga da Juventude Comunista Leninista (órgão internacional do PC soviético), com seus congressos internacionais. Foram fundados quinhentos e quatro Centros Culturais e neles, além das aulas e conferências eram dados cursos de anti-marxismo. O antigo Chefe da AIB considerava seu empenho em educar os jovens uma atitude redentora, a qual acrescentou a de lançar livros anticomunistas para fazer frente às publicações do

partido comunista. Salgado considerava-se o principal organizador da oposição ao modelo soviético, considerando o semanário “A Marcha”, fundada por ele em 1953, o principal órgão divulgador da luta anticomunista. Assim, na perspectiva de se tornar porta voz de grande parte da população brasileira que comungava a mesma antipatia pela União Soviética, candidatou-se a presidente para as eleições de 1955, concorrendo com Juarez Távora, Adhemar de Barros e Juscelino Kubitschek.

Neste período, as camisas verdes foram abandonadas, embora a menção à nomenclatura não tenha sido excluída dos discursos dos partidários das idéias. Porém, é necessário por em questão sobre a distância em termos de organização partidária entre os que se consideravam somente perrepistas, ou populistas e os águias-brancas. Ser um perrepista, necessariamente não significava ser integralista, no próprio sentido que davam os águias-brancas. Estes sim, se consideravam integralistas. A diferença se daria pelo grau de adesão à doutrina. Os perrepistas assumiam posições diante do jogo democrático que se submete ao processo eleitoral, estipulando metas que visem a permanência na sociedade política. Os águias-brancas estariam mais na esfera da sociedade civil, na organização da juventude, basicamente composta por elementos da classe média brasileira, principalmente estudantes e profissionais urbanos. Neste caso, haveria duas formas de ação, seguindo a exemplificação de participação política no Estado ampliado apontada por Gramsci. Enquanto organizados em partido político, participando da sociedade política, como forma de participar mais efetivamente do seu controle, o integralismo estaria fazendo a guerra de movimento. Como associação que procurava reunir a juventude em torno da doutrina e dos parâmetros de educação moral e cívica que pretendiam os Centros Culturais, procurando construir o projeto de alcance da hegemonia, o integralismo estaria em guerra de posição.

Em o *Livro Verde de minha campanha*, publicado em 1956, Salgado relata sua trajetória de campanha, seus embates com os demais candidatos, as tentativas de alianças e as discussões internas partidárias. Derrotado na eleição, na qual obteve 8% dos votos, passa a apoiar o presidente eleito Kubitschek e é nomeado para a direção do Instituto Nacional de Imigração e Colonização.

À época do breve governo Jânio Quadros abre-se um conflito entre Salgado e San Thiago Dantas, antigo companheiro integralista, ambos Deputados Federais. A

questão se inicia devido à participação de Dantas, eleito para a representação parlamentar pelo Partido Trabalhista Brasileiro, nas comissões de representação no exterior em suas aproximações diplomáticas com a União Soviética. Em discurso proferido na Câmara em 23 de agosto de 1961, Salgado questiona as atitudes do então presidente que se elegera com discurso anticomunista. Segundo o antigo Chefe: “muitos olham com leviandade ou apenas com sentimentos cordiais ou puro romantismo político o problema das relações diplomáticas cordiais com a União Soviética. Mas eu prefiro vê-lo com olhos realistas, apreciando a conjuntura militar do mundo e os processos adotados por aquele país no sentido de fomentar a revolução internacional e de preparar a queda dos regimes democráticos.”²³⁵ A tônica da Guerra Fria, era, neste momento, o principal argumento de defesa da continuidade do integralismo, como fator de força ideológica contra o avanço do comunismo no mundo como Salgado e muitos brasileiros temiam. Assim sendo, o apelo que na década de 1930 estimulava à participação ainda continuava e o fato de um ex-integralista aderir ao projeto de aproximação com o país considerado o grande perigo para a sociedade cristã ocidental, significou a traição para Salgado. Durante a discussão acalorada no Congresso, motivada por Salgado que se indignara com a participação de Dantas na comissão na Organização das Nações Unidas, o Deputado Eloy Dutra, seu opositor replica: “Está em jogo o sentido ideológico, que atualmente divide a humanidade e o Brasil, muito mais importante que os cargos que ocupe neste ou aquele Deputado, deste ou daquele partido.”²³⁶ Para Salgado, a aproximação do Brasil com a URSS, significava a aprovação da expansão da revolução comunista para o Brasil, com a participação do PTB. E ao defender sua posição contra os que o apartavam e lembravam a AIB como organização de tipologia fascista Salgado declarou, manifestando a sua crença de que Deus o apoiava nesta luta anticomunista: “Se ser fascista é defender a pátria, se é evitar que ela caia na maior escravidão do mundo, então todos os homens de bem serão fascistas. Estou adotando a terminologia do *Komintern*, dicionário enciclopédico, onde se lê: fascismo – toda a reação contra a revolução do proletariado.”²³⁷

²³⁵ Câmara dos Deputados: Perfis Parlamentares 18 – Plínio Salgado. Com seleção e introdução de Gumercindo Rocha Dórea. Brasília: Câmara dos Deputados, 1982, p. 395.

²³⁶ *idem, ibidem*, p.405.

²³⁷ *ibidem*, 409.

O PRP atuou significativamente no Congresso quando da renúncia de Jânio Quadros e ascensão de Goulart à presidência da República. Com a intenção de barrar o poder de Goulart como presidente, posto que julgado “de esquerda”, com intenções reformistas de cunho popular, Salgado apóia a tese do parlamentarismo no Congresso Nacional, já instalado em Brasília. Alguns dos antigos amigos, como ex-presidente Juscelino Kubitschek intervieram no processo de recusa à posse de Goulart exigindo a convocação de um plebiscito ser realizado em 6 de janeiro de 1963, que decidiu pelo restabelecimento do presidencialismo com grande margem de votos.

Quando da instalação do novo governo, Salgado rompe definitivamente com San Tiago Dantas²³⁸, ao intervir junto ao então presidente João Goulart contra a sua nomeação como Ministro das Relações Exteriores. Dizia não pode aceitar a aproximação de Dantas com movimentos de trabalhadores que julgava atingidos pelo comunismo, sob a orientação do *Kominform*²³⁹. O nome do ex-líder e intelectual integralista foi rejeitado.

Em 1962, na sessão de 6 de abril no Congresso Nacional, Plínio Salgado discursa sobre a atualidade da Ação Integralista Brasileira, após trinta anos de sua fundação, afirmado sua continuidade através do PRP.

Durante a organização do governo militar, Salgado considerava-se uma dos seus principais mentores, tendo sido orador na famosa “Marcha da família com Deus pela Liberdade”, em São Paulo, contra o presidente João Goulart em 1964. Entre os antigos companheiros de Salgado, o capitão Mourão Filho se tornou o general que deflagrou o golpe contra Goulart, apoiado por políticos como Miguel Reale, secretário de Estado de São Paulo.

Nas redes pelas quais transitou o Chefe, ora se afastou de velhos companheiros, de velhos amigos, ora se aproximou de antigos inimigos. Este foi o caso do golpe de 1964, quando se alia ideologicamente ao udenista.

Salgado deu continuidade à sua vida parlamentar durante a ditadura militar, transferindo-se para a Aliança Renovadora Nacional e, elegendo-se sob esta sigla,

²³⁸ Este rompimento também está relatado em LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. Plínio Salgado, meu pai. São Paulo: GRD, 2001.

²³⁹ KOMINFORM, organização seria órgão do Partido Comunista soviético responsável pela organização internacional dos setores sindicais, estudantis, culturais e agitação política e propaganda, como relaciona o próprio Salgado em discurso proferido em 29 de novembro de 1961, na Câmara dos Deputados.

continuou defendendo os ideais integralistas, sob uma nova conjuntura. Durante o governo militar, alguns integralistas criaram associações de trabalhadores rurais de forma defender os projetos de Salgado em seu mandato anterior. Não conseguiram se manter durante a ditadura, acusados, justamente de pertencerem a células comunistas quando, pretenderam fazer frente à antiga União dos Trabalhadores do Brasil (ULTAB), fundada por dirigentes do Partido Comunista da Brasil em 1954 e extinta pelo golpe de 1964.

Salgado morre em 1975, mas suas idéias permanecem. Seus herdeiros fiéis não descuidam de sua memória e, na década de 1980, investem na tentativa de reconstrução do integralismo.

III. Enquanto o leão espreita, o galo se lança à arena – a 3ª. Fase do integralismo

Após a morte de Salgado, pareceu a alguns que também o integralismo teria morrido. No entanto, pelas publicações que se seguiram à sua morte, percebe-se a tentativa de se manter a memória e de se recuperar a doutrina, pelo menos, como fator de preservação do movimento. Entre os anos de 1975 e 1988, alguns ex-militantes da AIB e antigos águias-brancas publicaram artigos, responderam a crônicas jornalísticas que tratavam do integralismo pejorativamente e ainda inauguraram praças com o nome do Chefe Plínio Salgado, como a de Rio Claro em 1977.

Cabe acrescentar que a preservação do ideal integralista nesta fase, como nas demais, também representa a expectativa de uma classe média urbana que busca, na conservação, a manutenção de um *status quo*, que não a rebaixe ao nível, se não econômico, dada a ascensão salarial de certos setores do operariado especializado, principalmente na década de 1970, mas do que seria ideologicamente relacionado à cultura proletária, ou seja, sem interesses pela aquisição de uma educação escolar de maior nível. Neste período, principalmente, se busca a deferência de ser integralista pelo conhecimento doutrinário. As disputas estariam mais no campo das idéias, mas sem esquecer a tentativa

de expansão destas a cada vez maior o número de pessoas, primordialmente jovens, agora, através dos meios eletrônicos, como a *internet*.

Em 1981 é fundada a Casa de Plínio Salgado na capital paulista. A idéia partiu de ex-águias-brancas que pretendiam, além de formar um acervo importante das obras do integralismo, principalmente de Salgado, organizar grupos de estudos e discussões sobre o movimento. No sentido dado por Gramsci, a Casa se constituiu como partido, no âmbito da sociedade civil, no sentido de, ao defender a preservação da idéia, mantê-la viva para a formação de quadros que poderiam torná-la hegemônica. Assim sendo, agiria como instrumento na guerra de posição.

No ano de 1983, houve a tentativa do integralismo penetrar no âmbito da sociedade política em forma de associação com vistas de se tornar partido político. O advogado Anésio Lara Campo Júnior teria registrado a Ação Nacionalista Brasileira, porém sem continuidade ou aderência expressiva. Em 1985, ao ter fim a ditadura militar, no contexto da redemocratização, outra tentativa de reestruturação pelo mesmo Anésio Lara Campos Jr que cria uma nova AIB e torna-se seu primeiro presidente.

Conforme a análise de René Dreifuss, a partir de 1985, com o fim da ditadura militar, os integralistas participaram, na periferia do processo de aglutinação de forças de ultra-direita da reorganização de espaços políticos conservadores, após a derrocada do Partido Democrático Social (PDS - herdeiro político da ARENA), na chamada “Nova República”. Para o autor, em meio à reaglutinação das forças direitistas, os integralistas dispõem-se a reiniciar “a grande marcha por Cristo e pela nação”. Em tempos de reorganização democrática, os “herdeiros” de Plínio Salgado usaram valorizar o argumento do falecido Chefe de que o objetivo maior do movimento seria a instituição de “uma democracia orgânica”, sem partidos político e sem eleições diretas para quaisquer cargos políticos²⁴⁰.

A AIB da “Nova República” teve como liderança, apontada por Dreifuss, Antônio Carlos Meirelles que, segundo o autor, havia pertencido ao Partido de Ação Nacionalista e seria assessor da Causa Internacional da chamada “Seita Moon”. Objetivando combater o “comunismo ateu” o Reverendo Sun (sol) Myung Moon (lua) financiaria candidaturas que estivessem afinadas com seus objetivos. Cabe destacar que a ação do chamado império

²⁴⁰DREIFUSS, R. *O jogo da direita*. Petrópolis: Vozes, 1989.

Moon era internacional, contando para financiá-la com a exploração de empresas de exportação de lagosta e camarão, além de firma de importação de *giseng* e outras atividades, como comércio de pedras preciosas, até supermercado. Para Meirelles, a AIB pregaria a “eliminação progressiva da luta de classes, do conflito entre o capital e o trabalho”,²⁴¹

Durante o decorrer da década de 1980 os conflitos entre os “herdeiros” da doutrina se acentuam. De um lado, liderados pela viúva do Chefe, estavam aqueles que não concordavam com o que consideravam “usurpação” da legenda da AIB por Anésio. De outro, o então presidente da AIB que, com a posse do registro da AIB, se recusava a abrir mão de sua presidência. O ano de 1988 teria sido o mais importante da década em termos de tentativa de reorganização do movimento com vistas a conter o que se considerava uso indevido da sigla da Ação Integralista Brasileira. A situação chegou ao ponto de uma convocação para um Congresso em 1989, em Niterói, o qual deveria decidir a nova orientação para ao integralismo, incluindo a eleição da presidência. Este processo teve a participação direta da família Salgado, ex-militantes da década de 1930 que não teriam tido grande projeção nacional, além de águias-brancas fiéis à idéia doutrinária.

No Congresso realizado no Sindicato dos Jornalistas do antigo Estado do Rio, decidiu-se, através de eleição, que o novo presidente da AIB será o médico Sebastião Cavalcante de Almeida, que contava com apoio da Ala Jovem do Rio. Na eleição disputada por Cavalcante e Anésio, o médico fora o vencedor e o advogado se tornava, então, vice-presidente.

As discussões durante este período giravam em torno da necessidade ou não da reorganização da AIB enquanto partido político. Foi cogitado o nome de Partido de Ação Integralista (PAI), com até a possibilidade de indicação de um nome para concorrer às eleições presidenciais de 1989. Porém o debate que acontecera em 1945, sobre a necessidade de o integralismo tornar-se partido, foi reacendido nesta nova situação. Sobre a questão partidária, este é um tema sempre recorrente, ainda hoje nos debates dos integralistas atuais, os das décadas 1990 e 2000.

O aparente equilíbrio entre os grupos integralistas de então se rompe quando, ainda em meados de 1989, Sebastião renuncia ao cargo e Anésio volta à presidência. A grande

²⁴¹ *apud DREIFUSS*, op. cit., p. 95.

ressalva dos antigos integralistas, apoiados por alguns jovens introduzidos no movimento pelos velhos militantes e até da família, ao nome do Dr. Anésio era a sua ligação publicamente reconhecida, com alguns grupos que se auto denominavam nacional-socialistas. Outro problema provocado por Anésio seria sentido anos mais tarde. Quando em 2004, os grupos organizadores do 1º. Congresso Integralista para o século XXI tentaram o registro oficial do Movimento Integralista Brasileiro, nome escolhido em assembléia, ficaram sabendo que já havia sido registrado pelo mesmo Dr. Anésio, por volta de 1983. Esta situação provocou um problema sério entre os grupos. O Congresso teria perdido o seu sentido porque o nome escolhido e festejado na cerimônia, com leitura e aprovação de Ata, não poderia ser utilizado juridicamente.

Com a entrada dos anos 1980, tentou-se a reorganização em forma de associações que pretendiam reviver a antiga prática integralista de doutrinação por encontros e cursos específicos. Tentava-se reorganizar o integralismo através dos Centros Culturais. Dentre estes, o mais importante na reorganização do integralismo na década de 1990 foi o Centro Cultural Plínio Salgado, localizado em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Seu fundador e mantenedor era o advogado Arcy Lopes Estrella, nosso depoente. Dr. Arcy fora, na juventude um membro ativo da militância integralista da década de 1930. Fora decurião e, como tal, participara da Milícia, sob as ordens do Chefe nacional deste Departamento da AIB, Gustavo Barroso. Arcy mantinha na parte térrea de sua casa o espaço dedicado ao integralismo. Ali estavam documentos, a biblioteca com títulos diversos, incluindo autores integralistas, livros das mais variadas correntes ideológicas, e também o marxista Perry Anderson. Ainda vários romances compunham o acervo do Centro. Uma sala decorada com o retrato do Chefe Nacional, Plínio Salgado, ladeado pelas bandeiras do Sigma e a Nacional era o local de reuniões. Neste espaço, Arcy reunia vizinhos para reuniões doutrinárias. Em ocasiões festivas, ou reuniões ampliadas, Arcy conseguia aglutinar vários grupos de jovens que se interessavam pelo integralismo e que buscavam na doutrina os parâmetros para sua organização. Durante a segunda metade da década de 1990, Arcy manteve viva a idéia de união do movimento, organizando em sua caderneta a rede de contatos dos que defendiam a permanência da memória integralista, desde velhos a novíssimos militantes.

Alguns grupos nacionalistas, mas não necessariamente seguidores diretos do integralismo também freqüentavam o Centro Cultural Plínio Salgado. Alguns deles pertencem ao movimento “Carecas” do Rio”. Atualmente, este grupo mantém estreita ligação com o movimento considerando-se parte dele, mas com certa independência em relação aos três grupos mais expressivos, a Frente Integralista Brasileira (FIB), o Movimento Integralista Linearista do Brasil (MIL-B) e a Ação Integralista Revolucionária (AIR).

Os nacional-socialistas do Rio de Janeiro, liderados por Armando Zanini, também compareceram a algumas reuniões no Centro, assim como era freqüente a participação da Juventude Nativista Bandeira do Sigma em reuniões e atividades festivas no CCPS.

Em São Paulo, alguns integrantes do grupo dos “Carecas”²⁴² do ABC também se declaram integralistas, dizendo seguir também a doutrina de Plínio Salgado. A relação entre os “Carecas” e o integralismo vem desde a década de 1980, através de Anésio Lara Campos Jr, que os “acolheu” na recém-fundada AIB.

Tantos os “Carecas” de São Paulo, quanto do Rio se colocam como anti-semitas, contra homossexuais, contra o uso de bebidas alcoólicas e dizem usar a violência quanto atacados. A maioria deles é oriunda da classe operária. Diferentemente dos “Carecas” da capital paulista, os “Carecas” do ABC defendem a moral e o culto a Deus, à Pátria e à família²⁴³.

Quando, em 1996, passei a recolher depoimentos de militantes dos anos 1930, tive oportunidade de conhecer a nova militância que se organiza em meios estudantis, principalmente católicos, ou em articulações com grupos de tendências neonazistas. Percebi que, na tentativa de reorganização do integralismo, havia a necessidade dos “novos” articularem-se com os “velhos” militantes, tanto da AIB da década de 1930, como com os perrepistas dos anos 1940. O apadrinhamento da velha militância daria aos

²⁴² Os “Carecas” segundo Alexandre Almeida aparecem principalmente na década de 1980, como “Carecas do Subúrbio”. A princípio se identificavam com os punks, com ideais de anarquismo. Depois, se aproximaram dos skinheads europeus, adotando sua estética. Assumem ideais nacionalistas e defendem projetos de formar um exército para libertar o Brasil dos exploradores. Se aproximam de organizações de orientação autoritária, nacionalista e anticomunista. Conf.: ALMEIDA, Alexandre. Skinheads: “os mitos ordenados” do Poder Branco paulista. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, Dissertação de Mestrado, 2004.

²⁴³ SAMPAIO, Fernando. *Um estudo sobre os carecas urbanos e sua vinculação com movimentos neonazistas no Brasil*. Relatório para a Escola Superior de Geopolítica e Estratégia de 5/11/2000-. www.defesanet.com.br/esge/carecas_do_brasil .

“novos” a necessária ligação física com o pensamento de Salgado. Os debates principais, justamente se davam e ainda se dão sobre o modo de reorganização do movimento. Alguns apóiam a reorganização como Partido, outros defendem que a essência integralista é antipartidária, pois a existência de partido faz parte da essência da democracia liberal que abominam. Assim sendo, o novo integralismo, atualmente, é composto de diversas correntes multiplicadas de norte a sul do país, principalmente sudeste e sul, que buscam legitimar a auto-referência de verdadeiro herdeiro do integralismo.

Como dito anteriormente, em dezembro de 2004 reuniram-se os grupos dispersos que tentavam dar uma unidade ao integralismo. O 1º Congresso Integralista para o Século XXI reuniu-se na sede da UND (União Nacionalista Democrática) na capital paulista para nova tentativa de reorganizar a AIB. Esta pequena assembléia, que reuniu representantes de Centros de Estudo e Debates Integralistas (CEDIs), núcleos diversos de simpatizantes, que haviam se organizado em seus locais de origem, com propostas debatidas internamente com o objetivo de expô-las e discuti-las no encontro, decidiu pela fundação do MIB (Movimento Integralista Brasileiro) e do Conselho Nacional Integralista formado por 40 membros que assumiram a missão de “resgatar integralismo em todo Brasil”. Deste encontro também participaram representantes do PRONA, da União Católica Democrática, do MV-Brasil (Movimento pela Valorização da Cultura, do Idioma e das Riquezas do Brasil), alguns militares da ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra) e UND. O que, então, pude constatar é que esta pequena parcela da direita brasileira, carregada de posições ultranacionalistas, procura através da organização conjunta, consolidar um discurso que não pretende levar em conta o debate democrático, preferindo fazer valer seus pontos de vista a partir de posições intolerantes e violentas.

Após o Congresso, como colocado antes, houve a ruptura. Não somente pela frustração da impossibilidade de se utilizar o nome escolhido em assembléia, o MIB, mas também pelas discordâncias acerca dos enfoques de cada grupo ao interpretar a doutrina. Desta forma, a ruptura se tornou mais nítida. De um lado, a Frente Integralista Brasileira, que defende a interpretação fiel da doutrina, seguindo, de forma inquestionável, as diretrizes apontadas pelo Chefe Plínio Salgado, com base na leitura do *Manifesto de 1932*. Apóiam-se, também, na interpretação da doutrina pelo viés da *Rerum Novarum*, colocando-se contrária às modificações dentro da Igreja Católica introduzidas pelo

Concílio Vaticano II, que teria modernizado as cerimônias e tornado-se mais próxima aos apelos populares. A visão que seguem é principalmente, como da Encíclica Papal de 1891, de linha tomista. Entendendo que as bases sociais, cuja referência principal é a família, seguem a diretriz natural que Deus teria determinado, seria necessário, antes de tudo, seguir as regras de organização política, econômica e social sob o primado do espírito, católico primordialmente.

Os participantes da FIB estão principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Na capital paulista contam com o apoio do presidente da Casa Plínio Salgado, o senhor Pedro Baptista Carvalho e de seu irmão, José Baptista Carvalho, um águia-branca. Ambos assumiram-se ex- plinianos e perrepistas e ainda integralistas. Os dois nos deram depoimentos sobre suas vidas no integralismo.

Outro nosso entrevistado participa da FIB no Rio de Janeiro, Murilo César Luís Alves. Neste Estado a FIB também tem forte representação. Seus membros se reúnem periodicamente, mantendo *site* atualizado e organizando constantes eventos que visam a rememoração de datas importantes para o integralismo, como o 11 de maio, quando prestam homenagem aos mortos no “levante” integralista de 1938. Costumam oferecer missas em celebração do nascimento e morte do Chefe na Igreja de Santo André, dirigida pelo afilhado do Chefe, o Padre Crispim. Nos aniversários do *Manifesto Integralista de 1932* comemoram no restaurante Amarelinho no centro do Rio. A FIB ainda conta com o Centro de Estudos e Debates Integralista, o CEDI, que se organiza em diversos núcleos e mantém debates pela *internet*. Com essa ligação com a Igreja conservadora, os integrantes da FIB, antes mesmo de sua organização, através do CEDI, trouxeram para a discussão de idéias alguns membros da TFP.

De forma antagônica coloca-se o Movimento Integralista Linearista do Brasil. A sua interpretação, seguindo uma interpretação filosófica própria do grupo, segue os ensinamentos de Santo Agostinho e do filósofo natural alemão do século XVII, Leibniz, que, concomitantemente com Newton elaborou as premissas do cálculo diferencial. Para Leibniz, o mal metafísico seria a raiz do mal moral.

Em Santo Agostinho apóiam a idéia da impossibilidade de se questionar a fé, como em Aquino, porém, como algo que, acima da razão, indicaria o movimento do universo sem necessidade de comprovações materiais. Quanto a Leibniz, os principais

intérpretes deste enfoque doutrinário defendem a coerência que o filósofo natural dá a intervenção divina no Universo.

Comparando, sob a luz da filosofia tais inclinações de interpretação doutrinária integralista, nos remetemos a Platão e Aristóteles para buscar os pontos de base destas linhas.

Ao se apoiar em Aristóteles, Aquino entendeu a fé a partir da sua atuação no mundo sensível, como algo presente no mundo que se pode comprovar aos olhos dos homens. Ao se apoiarem em Tomás de Aquino, inspirador da *Rerum Novarum*, os integralistas da FIB, defendem as práticas do catolicismo na ação e na direção doutrinária. Embora digam não privilegiar a religião católica, eles a têm como base da interpretação da doutrina integralista. No site do CEDI, uma explicação sobre a filosofia de Tomás de Aquino e seu uso na *Rerum Novarum* e no *Manifesto de 1932*: “Como se sabe, São Tomás de Aquino (1225 – 1274), desenvolvendo a tese de Aristóteles, estudou a questão da propriedade, pois, sendo esta inerente à pessoa humana, deve ser usada no sentido do bem comum, isto é, da sociedade inteira. São Tomás distinguiu o *JUS UTENDI* do *JUS ABUTENDI*, mostrando que o seu mau uso gera a injustiça e os inevitáveis conflitos sociais.”²⁴⁴

Os seguidores do MIL-B interpretam de forma diferente a linha apontada por Salgado. Nesta interpretação, seguindo a ótica platônica de Agostinho, separa-se o mundo das idéias do mundo sensível. O verdadeiro conhecimento da realidade estaria no âmbito das idéias, enquanto o mundo sensível seria seu reflexo. Em Agostinho, a Cidade de Deus é a que guarda a perfeição divina, o mundo sensível é o da Cidade dos Homens, o da imperfeição. Assim, seguindo esta perspectiva, todas as explicações sobre a situação mundial e do Brasil deve ser vista sob o prisma da existência de forças que estariam acima da compreensão humana, localizadas no mundo espiritual. Desta forma, o MIL-B entende que os problemas nacionais e internacionais estão presentes no mundo devido à preponderância econômica de certo grupo de poderosos banqueiros de origem semita que, na direção econômica do planeta, incentivam a destruição de todas as bases morais e humanas da sociedade mundial, implantando discórdias, controlando os antagonismo de

²⁴⁴ Texto divulgado em 22 de janeiro de 2001, data comemorativa do 106º aniversário de Salgado, como Manifesto Integralista 2001 pelo CEDI em <http://www.anauefoz.hpg.ig.com.br>

forma a manter um equilíbrio de forças. Seriam os banqueiros internacionais de origem semita que, inclusive, financiariam tanto movimentos de esquerda como de direita de modo a manter esse equilíbrio. Segundo os seguidores deste grupo, eles não são contra o povo semita, os judeus primordialmente, mas sim contra a ação do capitalismo judeu, representado pelos banqueiros internacionais. Não seriam, portanto, anti-semitas, mas sim, anti-sionistas no sentido de discordar desse tipo de domínio do capital. Para se contraporem à pecha de galinhas-verdes, os integrantes do MIL-B escolheram como símbolo o Galo, que consideram guerreiro e valente ao defender seus domínios.

Outra discordância entre a FIB e o MIL-B é que o último considera que a Igreja Católica teria sido por demais atingida pela interpretação judaica do mundo criado por Deus. Assim defendem a leitura, somente do Novo Testamento, posto que o primeiro trataria basicamente da história do povo judeu e de sua interpretação de Deus. Defendendo a tolerância religiosa, aceitam as religiões orientais, como o budismo e o hinduísmo. Nesta perspectiva, seria o espiritualismo, entendido como primado do espírito, o fator de determinação e organização do mundo. Se algo está em desordem é porque o mundo está sendo comandado pelo demônio e somente a revolução espiritual poderia eliminá-lo. O caminho para a eliminação deste inimigo seria a obediência às idéias integralistas produzidas por Salgado, Reale e, principalmente por Barroso no início do século XX, embora relidas no contexto do século XXI, de acordo com a direção apontada pelo linearismo.

Os integrantes do MIL-B contam com a SENE: Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista, para a doutrinação. A SENE tem sede na cidade de Campinas, assim como o MIL-B, que também já adquiriu uma sala no centro da mesma cidade e está em fase de acomodação. Por enquanto, utilizam para reunião, além do anfiteatro do SENE, as dependências da associação dos delegados da Polícia Federal de Campinas, pois o presidente do MIL-B, Cássio Guilherme Reis, também nosso depoente, pertence aos quadros da Polícia Federal. Os linearista-espiritualistas acreditam que a ação nas ruas é o principal meio de divulgação de suas idéias, além da internet. Por isso, estão sempre organizando manifestações nas ruas, como no caso da Campanha pelo Desarmamento em que defenderam a liberdade para a compra, a venda e uso de armas; como na época das eleições em que se manifestavam contra os candidatos à dianteira da disputa, Alkmin e

Lula. E, mais recentemente, organizaram uma votação no centro de Campinas contra o aumento do salário dos Deputados Federais. Na avaliação do MIL-B, estas manifestações contam com o apoio popular e servem para se sobreporem, pelo confronto, a partidos de esquerda com quem disputam nos locais públicos os espaços e idéias.

A Ação Integralista Revolucionária é o terceiro grupo mais importante desta tentativa de reestruturação do integralismo na atualidade. Com sede na cidade de Rio Claro, é presidida por Jenyberto Pizzotti que também foi entrevistado para o LABHOI. A AIR, criada em 25 de dezembro de 2004, se coloca como a aglutinadora dos grupos dispersos. Seu presidente tem a intenção de unir sob sua orientação e interpretação o enfoque doutrinário. Colocando-se como crítico das estratégias usadas pelo Chefe Salgado, quando em 1935 escolheu o Partido Político como forma de organização do movimento, a AIR defende a via revolucionária que deveria ser construída a partir da constituição de células, a princípio independentes, mas sob uma única coordenação que partiria da presidência.

Estes grupos acima relacionados buscam ser reconhecidos como os verdadeiros portadores da verdade integralista, portanto capazes de preservar-lhe a memória. Em comum, o apoio da doutrina, ainda que lidem, de diferentes formas, com a interpretação sobre os acontecimentos pelos quais atravessou o integralismo em sua história. A menção que todos fazem ao episódio de 11 de maio de 1938 é bem significativa. Isentam os líderes principais do movimento da elaboração e, conseqüentemente, do fracasso do plano. Consideram como traição a oposição liberal que teria participado da trama, mas teria saído, de certa forma ileso da história do *putch* fracassado. Ainda, na memória preservada, os integralistas também consideram traição o fato de Vargas, ao instaurar o Estado Novo, ter provocado a desintegração da AIB. E ainda, não ter introduzido a cúpula, e através desta, o próprio integralismo, no seio da sociedade política, via tomada de poder no golpe de 1937.

A organização destes grupos, em *guerra de posição*, se torna nacional através da internet, ganhando os espaços virtuais e chegando, como as antigas “bandeiras”, aos mais variados cantos do país. Atualmente as respostas são mais rápidas, mas nem sempre a assimilação das idéias é satisfatória aos olhos das lideranças do atual integralismo.

A independência de alguns é disputada pelos grupos que defendem para si a posse da verdade doutrinária. Outros grupos surgem, se filiam a alguma destas correntes principais, mas ainda não existe uma preponderância em termos de números de algum grupo.

As especificidades das interpretações sobre a história do integralismo, ou seja, a construção da memória a ser preservada seguem nos capítulos posteriores.

1º. Capítulo

Os integralistas falam

*“Muito do que é contado é inverídico,
muito do que aconteceu não se conta”*²⁴⁵

Em texto datado de 1985, Boaventura de Sousa Santos²⁴⁶ analisa como conseqüente e necessária, a incorporação das ações humanizadas na reflexão científica. Para o pensador português, em quaisquer dos ramos da ciência natural ou social, a emergência das percepções das possibilidades de indeterminação no processo de construção do conhecimento deu vazão a um novo paradigma. Este, que surge desmontando os esquematismos e determinismos da ciência moderna, indicaria modos de pensar a construção do conhecimento, rompendo as barreiras sólidas dos saberes especializados. A intertextualidade e a transgressão metodológica se tornam peças importantes para que o conhecimento sobre o todo se amplie, ainda que ele parta do local. O novo paradigma, portanto, não censura a multiplicidade de usos metodológicos, não aprisiona por determinações ou leis gerais o objeto de estudo. Nem abona o sujeito do conhecimento à plenitude da neutralidade ou a solitária ação da construção do saber. Também o objeto do conhecimento pode tornar-se seu sujeito produtor.

E, neste caso, a metodologia da História Oral permite-nos interpenetrar e desfazer a relação dual rígida imposta pela ciência moderna entre sujeito e produtor do conhecimento porque, neste caso, a fonte fala. Mais que humanizada, a fonte é humana em todas as suas expressões. A fonte se produz no calor do contato humano, das emoções e do reconhecimento de que ambas as partes, objeto/fonte/homem e sujeito/homem do conhecimento, negociam informações e argumentações na produção retórica da memória. A fonte oral é a voz, é a lembrança da face e das expressões daquele que falou por quem tomou os depoimentos. Se não houve contato físico entre o depoente e o entrevistador, fica a tentativa de imaginar as características físicas do autor do relato. Mas é no tratamento

²⁴⁵ Frase dita por Gumercindo Rocha Dória no filme “Soldado de Deus” de Sérgio Sanz, 2004.

²⁴⁶ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Discurso sobre as ciências*. Lisboa: Afrontamento, 1985.

destas fontes que o historiador se revela. Deve este deixar falar e recuperar na fala os elementos pertinentes à História, sua âncora e porto. Embora a sua humanidade não sucumba sob as teorias e metodologias, ele é porta voz na produção de um conhecimento que pode servir a outros estudiosos. Por isso a responsabilidade com o tratamento das fontes e o respeito àqueles que a produziram.

Sob esta condição, o historiador deve colocar a seguinte questão: como lidar com a proximidade e o afeto ao mesmo tempo discordar? E o historiador, então, se revela sujeito, a partir da sua relação com o objeto que estuda. No caso desta pesquisa, a minha relação subjetiva com o tema lhe é anterior. A minha avó Maria Brito da Silva, uma das depoentes, foi militante integralista da década de 1930. E, além dela, o contato com os outros depoentes, que me contaram sobre suas vidas, segredos e decepções, fez-me aproximar afetivamente de alguns deles. Não sendo integralista, coloquei-me como pesquisadora, na posição de lhes escutar e estimular os relatos que me faziam. E, então, se coloca o dilema: como tratar cientificamente as opiniões, versões pessoais entendidas como verdades, tão sinceramente reveladas? Como entender que pensem, ou construam explicações que, saindo do senso comum, tornam-se coerentes e sólidas o bastante para atravessarem gerações e servirem de base e sustentação à estratégia de luta e intervenção políticas na sociedade brasileira? Daí o problema crucial desta tese: como se sustenta ideologicamente pela memória o integralismo ao longo destes setenta e três anos em contextos diversos e como os que se consideram integralistas deslumbram novas perspectivas de futuro do movimento?

Mas outras perguntas estão dependentes da primeira: que utopias mantêm e quais desprezaram ao longo do curso de sua história? Que ideologias atravessam a composição do integralismo, na percepção dos militantes? Que filosofias o compõem? Quem era, e quem são os integralistas nas três gerações que procuro investigar? Que contatos, acordos e associações estabeleciam e estabelecem ao se organizarem, como aparelhos privados de hegemonia circulando entre o âmbito da sociedade civil, e, como partido, em meio às articulações da sociedade política? O que pretendiam e ainda pretendem? Como se metamorfoseiam nos diversos campos de possibilidades pelos quais circulam? Quais seus projetos em cada um deles?

Compreendendo a História como a ciência dos homens, vivos e ativos no tempo, entendo que o seu sentido deve seguir a direção traçada por Marc Bloch e Gramsci, que viveram intensamente a *poésis* e a *práxis* histórica. Permito-me pensá-la como instrumento para questionamento e de transformação e que o historiador é o intérprete não só do que produz, mas do que vive. Porque deixei que a história passasse a correr em minhas veias, eu me permito humanizar a minha relação com as fontes/homens que deixarei neste capítulo estes falarem. Esta perspectiva é primordial na proposta desta tese. É respaldada pelo trabalho de recolhimento de relatos orais ao longo de dez anos de pesquisa sobre a militância integralista que se fez no contato direto com aqueles que colaboraram, através de seus relatos, para que me aprofundasse no conhecimento desse movimento tão singular.

Através do Laboratório de História Oral e Imagem da UFF, tenho contribuído para montagem do acervo do Projeto: “Militância Política” desde 1996, buscando depoimento de militantes integralistas das três fases do movimento. Estes militantes participaram de momentos em que o integralismo, mais direta, ou indiretamente pôde mostrar-se publicamente. Como demonstrado anteriormente, estes períodos foram os das atividades da AIB na década de 1930, como Centros Culturais e como Partido; durante a vigência do PRP (Partido de Representação Popular), no período “democrático”²⁴⁷ de 1945 a 1965 e atualmente, quando os integralistas estão ainda em busca de uma definição em termos de movimento de alcance nacional e de parâmetros que demonstrem publicamente a necessidade de reorganização do integralismo atualmente. Fazem parte do acervo do LABHOI os depoimentos dos militantes da década de 1930: Maria Brito da Silva, Aphiete Araújo, Rubens Barcellos, Arcy Lopes Estrella e Gerardo Mello Mourão. Do período PRP (1945-1962) temos as entrevistas de José Batista de Carvalho, Gumercindo Rocha Dórea e Pedro Batista de Carvalho.

Para o atual período, os relatos recolhidos foram de Fernando Batista Rodrigues, Arnóbio Bezerra, Anésio e Murilo César, Cássio Guilherme e Jenyberto Pizzoti.

Além das fontes produzidas especificamente para este trabalho, depoimentos de militantes das três gerações que especifico, recolhidos durante dez anos de pesquisa, utilizo, como apoio, o documentário produzido sobre o integralismo dirigido pelo cineasta

²⁴⁷ Neste caso, democrático significa a possibilidade de partidos políticos poderem existir. A ditadura militar imposta em 1964 cassa todos os registros partidários em 1965.

Sérgio Sanz²⁴⁸; entrevistas de personalidades integralistas concedidas à mídia e textos enviados a mim por e-mail e disponibilizados para conhecimento público. Esses depoimentos são importantes versões do movimento em suas três fases. Alguns deles são de figuras fundamentais do movimento, da década de 1930, como Miguel Reale, Nilza Peres, Gerardo de Mello Mourão, Genésio Pereira. O que todas têm é comum é que foram produzidas oralmente e que, tanto no contato com historiadores ou jornalistas, a memória tornou-se a fonte para se reconstruir as percepções dos acontecimentos pelos quais passaram ou protagonizaram. Estes depoimentos, embora não analisados neste trabalho, tornam-se referências para as entrevistas que recolhi para o LABHOI.

Também me utilizo de entrevista de Gerardo Mello Mourão concedida à TV Câmara, que produz e conserva acervo de depoimentos que buscam preservar a memória política do Brasil.

Esta parte está dividida em 4 Capítulos. Neste primeiro, falo sobre as condições de produção do texto produzido pelo diálogo entre pesquisador e depoente e também da importância de se buscar a produção de fontes desse modo. Os depoimentos estão analisados de forma cronológica, obedecendo, em ordem crescente da data das entrevistas, de cada período.

Nos demais capítulos trabalho a construção da memória e de que maneira ela é guardada para que permaneça não só como material de pesquisa, mas também como propagadora do ideal integralista.

Nos três capítulos seguintes estão delineadas as etapas que descrevi no 1º Capítulo da Parte I, apontando permanências e pontos conflitantes na construção da memória do movimento integralista nas diferentes gerações que o atravessam. Contextualizando as etapas e definindo as prioridades conceituais e de ação do movimento em cada uma delas, procuro o apoio da interpretação da militância sobre as questões prioritárias da direção e suas recepções pela base através dos depoimentos orais. Procurarei relacionar suas referências de classe e posição na hierarquia integralista às suas trajetórias de vida dentro e fora do movimento.

²⁴⁸ Ficha Técnica do documentário “Soldado de Deus”: Direção: Sérgio Sanz / Argumento e Roteiro: Sérgio Sanz e Luiz Alberto Sanz / Produção: Julia Moraes / Fotografia e câmera: Marcelo Guru Duarte / Montagem: Sérgio Sanz e Tiago Arakilian / Narração: Nelson Xavier . Ano de Produção: 2004. Duração: 80 minutos.

Com o objetivo de buscar nos depoimentos de cada fase as formas de construção de uma memória integralista, levo em consideração o grau de adesão ao movimento, tendo em vista posição na hierarquia, produção intelectual e/ou capacidade de entendimento e análise da linha doutrinária e sua interpretação no seu contexto de atuação na sociedade.

As formas de participação no integralismo, a adesão e de que maneira constroem a memória serão analisadas levando em consideração as condições conjunturais de organização e de exposição pública das idéias e referenciais do movimento.

Na primeira dessas partes, a análise dos depoimentos da militância dos anos 1932-1938, parte da perspectiva de que esta é a fase primordial do integralismo, da novidade, do engajamento a uma idéia que não estava totalmente fora da aceitação de uma grande parte da população brasileira. Uma época que vestir a camisa verde significava pertencer e se identificar com um movimento que se dispunha levar a massa a protagonizar a construção de uma utopia ordenadora e espiritualista. Cabe ressaltar que a distância no tempo, os modos que vivenciaram os traumas e derrotas do movimento ao longo das gerações que sucederam esta época considerada pelos integralistas gloriosa interfere na construção da memória por cada uma dos depoentes.

Esta análise levará em conta as perspectivas geracionais, no sentido de que cada geração pensa de acordo com suas experiências cotidianas, imbricadas no contexto em que vivem, porém não existem determinações que possam influenciar mecanicamente as formas dos homens pensarem o mundo. Procurarei demonstrar que o pensar de uma geração não somente é fruto de uma “circularidade” de pensares, ou sincronia dos pensamentos, que são capazes de compor as formas de pensar das gerações que caberiam apenas no mundo das idéias, ou das mentalidades. A geração não pode ser um conceito que limite pensares. O contexto pode ser o mesmo, mas as pessoas o vivenciam de formas diferenciadas, de acordo com posições conquistadas em suas interpretações cotidianas sob atuação da ideologia, que, ao estar presente nas estruturas sociais, não representa um indicador de posições pessoais uniformizadas. A ideologia é reflexo da estrutura econômica, mas a constituição da superestrutura não se limita ao tempo econômico, ela transcende-o absorvendo a história da humanidade e as interpretações construídas ao longo de séculos. Por isso, as gerações podem ser limitadas, para efeito demográfico, à contagem do tempo, mas as idéias suplantam sempre estes limites. Para se pensar a

absorção e as interpretações das idéias, me remeto a Bakhtin que as entendeu como produtos das relações entre as classes no processo de luta pela conquista da hegemonia, como coloca, neste caso, Gramsci. Mas, se as ideologias advêm da inserção dos seus reprodutores em classes sociais, como se explicariam casos de existirem famílias em que parentes muito próximos teriam escolhido caminhos ideológicos antagônicos e de amigos que se separaram na escolha política, mas se mantiveram próximos na mútua ajuda contra as perseguições dos regimes políticos autoritários brasileiros desde a década de 1930 até a Ditadura Militar. Poderíamos responder que as pessoas respondem às ideologias de diferentes formas, mas sempre respondem às situações que as atingem econômica, social e culturalmente.

O que faz as pessoas escolherem caminhos de lutas diferentes é a forma de pensar o mundo, e como disse Gerardo Mello Mourão em entrevista à TV Câmara em (...) “há uma tênue diferença entre a esquerda e a direita”, ainda mais quando se levanta a bandeira do nacionalismo em tantos momentos da história do Brasil.

Na segunda parte serão, então, analisados os depoimentos dos membros do PRP, principalmente dos “Águias Brancas”, seus intelectuais, continuidades, permanências e as argumentações eleitas como prioritárias na construção da memória integralista nesta fase. É necessário reter que as condições conjunturais eram bem diversas da anterior. A disputa entre os integralistas e demais setores da sociedade política se dava pela via da participação na democracia representativa. O discurso do momento priorizava a negação mais incisiva da relação com o fascismo. No contexto da Guerra Fria, o combate ao comunismo que já era bandeira importante, se mantém, apoiada agora na perspectiva de aliança com o pensamento liberal.

Abordarei, numa terceira parte, a continuidade do Integralismo verificada nos dias atuais: de como os “novos” e “velhos” militantes revigoram e/ou mudam o discurso produzido nas gerações anteriores na construção de uma memória integralista atualizada no contexto da globalização. E tentarei responder as seguintes questões: como fazem para conquistarem adesões? Em que contexto e a que novas ou velhas lutas se referem quando se propõem a reorganizar o movimento? Quem são os “novos integralistas”? Que redes estão montando, tanto no Brasil, quanto internacionalmente, que vai constituindo uma corrente mundial de posturas antidemocráticas e de intolerância étnica e de idéias? Para

essa análise, usarei tanto depoimentos orais, quanto a pesquisa na *internet* e nos periódicos dos dias atuais.

Cabe ressaltar que, nestes três períodos, o movimento liderado por Plínio Salgado teve como foco a organização de uma associação que congregasse a luta nacionalista, anticomunista, antiliberal, moralista, tendo como proposta a construção de um Estado Integral, síntese de toda história, entendendo-a como seu próprio fim. No sentido de fazer-se chegar e tornar inteligíveis os apelos para a adesão, os ideólogos do movimento valeram-se de figuras metafóricas e elementos semióticos que, ao longo de sua trajetória foram utilizados para o chamamento e adesão às suas idéias.

Ao entrarmos na vida do depoente é preciso que levemos em conta a diversidade de papéis que assume como pessoa e militante, por que campos de possibilidade atravessam de forma a realizarem seus projetos de vida. Conhecendo-os, podemos definir em cada um dos campos pelos quais trafegam, os papéis sociais que desempenham e de que forma lidam com essa necessidade humana de ser, no todo, diversas partes. Deste modo, cabe lembrar o termo utilizado por Velho: metamorfose. No caso do integralismo deve se levar em consideração que, a participação militante em cada fase ocorre de forma diferenciada de acordo com a aceitação pública da adesão ao ideal integralista. A metamorfose pode ocorrer de forma mais explícita ou mais escondida.

2º. Capítulo

Os velhos guardiões da memória: os integralistas da década de 1930

Durante a vigência da AIB (1932 -1937), as idéias integralistas atravessaram serras e rios e chegaram à muitas localidades distantes das capitais e de centros econômicos importantes. Lugares por onde o Estado não passava. Onde as lideranças locais, estabilizadas no poder pela posse da propriedade, tomavam como suas, também, as propriedades e vidas dos demais habitantes de suas regiões. Mandonismo, coronelismo, a imposição do poder pela força, a vida se comandava pela obediência e submissão aos poderes locais, sem muita esperança de resistência.. Ao lado disso, a Igreja Católica representava um suporte ideológico importante e poderoso, na medida que podia, ao menos, em tese, representar a superioridade de Deus sobre o poder terreno. Acima do poder local, o poder de Deus. Como pensavam, na ótica católica. acima de todos os homens, a proximidade com Deus traria a libertação de uma condição de opressão. Esta, de certa forma, era inconsciente na medida em que a luta contra os males do mundo não se direcionariam diretamente contra a o domínio econômico, político e social da propriedade privada. A luta se faria contra, principalmente, aqueles que viam na propriedade privada dos meios de produção os empecilhos para a libertação humana da opressão: os comunistas.

Embora a literatura integralista dirigisse suas batalhas contra o materialismo, a plutocracia, os “caudilhos” pode-se aprender pelos relatos abaixo e o que os seguiram de épocas posteriores que o movimento articulou-se com grandes proprietários de terras, grandes empresários de comércio e de instituições financeiras. Pelos depoimentos, pelos documentos escritos, pode-se conhecer a participação de grandes banqueiros nacionais nas “hostes” integralistas, como da família Salles e Magalhães Pinto.

Os primeiros cinco depoentes apresentados abaixo foram militantes da base integralista. Mas todos, inclusive o último a ser apresentado, o membro da Secretaria de Relações Exteriores, Gerardo Mello Mourão, participaram do movimento, vestindo a camisa verde, como algo que fazia parte de suas peles. Como escreveu Salgado ao

apresentar o integralismo, a entrega ao movimento deveria se total: “*E diz, resolvendo-se s ser um integralista sincero: ‘vou abandonar todos os compromissos, pois tenho que construir a casa de meus filhos.’*”²⁴⁹ Pode-se remeter, seguindo essa determinação do Chefe para o modo de vida do militante integralista à máxima de Mussolini para os fascistas: “*Il modo de vita fascista deve incominciare dall'aurora.*”

Da direção do movimento, portanto, temos o depoimento de um observador perspicaz do seu interior, o poeta Mello Mourão. Este, atualmente, representa um símbolo do pensamento integralista entre os novos militantes. Embora, publicamente, diga-se desligado do movimento, conforme quis demonstrar no documentário “Soldado de Deus”, confessou-nos sua alma integralista: “*Não sou mais integralista porque o integralismo acabou.*” Se existisse, seria, porque ainda é.

Além da vida-militante, os entrevistados foram trabalhadores, estudante mãe e mulher, poeta e jornalistas integralistas, com compromissos e posições sociais que, por alguns momentos, que fossem horas, pelo menos, o levaram a despír a camisa-verde. A partir de 1938, tiveram que esconder, queimar, enfim, tirar a camisa do corpo, mas na alma ela permaneceu indelével. Circulavam, portanto, em variados campos de possibilidade. Assumindo posições sociais variadas, se metamorfoseavam. Absorviam idéias, as compartilhavam e as debatiam nos encontros entre os seus e os que não pertenciam à esfera integralista. Algumas vezes o embate chegou à violência física, como se o sangue também tingisse e, manchando-as, destruísse as idéias antagônicas. Não pertencendo diretamente a organizações de classe no âmbito da sociedade civil, tentaram conquistar seus desejos que também desejavam compartilhar com o restante da sociedade, numa época em que o perigo de um mal, considerado pelo conservadorismo o destruidor da humanidade, os espreitava, um mal que destruiria não só a sociedade, mas suas existências: o materialismo, tanto liberal como socialista. Por isso a luta, por isso vestir a camisa verde, como espada e escudo. Por isso, também, rememorar.

Assumiram participar da sociedade política, disputaram espaços nas esferas do poder, ainda que em órbitas afastadas do centro, da Chefia mística e inquestionável. Foram e são “homens de seus tempos”.

²⁴⁹ SALGADO, Plínio. *O que é o Integralismo*. Rio de Janeiro, 1933, p.11.

a) **Maria, esposa, mãe integralista**

A primeira depoente que entrevistei foi Maria Brito da Silva. A entrevista foi dividida em duas sessões. A primeira no dia 13 de abril e a segunda no dia 7 de maio de 1996. A filha da depoente, Maria Gelséra, participou de alguns trechos da entrevista. Sua participação, de certa forma serviu de contraponto às determinadas versões da depoente quanto ao seu papel de mãe e mulher integralista.

Maria nasceu em 10 de fevereiro de 1905. Filha de imigrantes espanhóis, seus pais tinham uma média propriedade rural onde trabalhavam alguns colonos. Eram muito católicos, como narrou. Casou-se aos 19 anos com João Lopes da Silva, de 27, também de origem espanhola e, durante a fase integralista já contavam com quatro filhos: três meninas e um menino. Seu marido administrava a fazenda da mãe viúva e possuía um pequeno comércio no lugar. Ele havia estudado em Minas Gerais, no Colégio Americano Granbery, de inspiração metodista, considerado formador de intelectuais conservadores²⁵⁰. João era visto pela esposa como um homem inteligente, nacionalista e que gostava de política. Como disse sobre o envolvimento do marido com a política: “Política! Porque amava o Brasil e queria fazer alguma coisa.” O marido se colocava em oposição aos governos da República Velha e, depois de Vargas, como relatou.

Para Maria, o marido “era uma pessoa boníssima”. E parecia ser uma pessoa influente na cidade de Cambuci²⁵¹, onde moravam porque, segundo o relato de Maria, foi vereador por dois mandatos e, quando se filiou ao integralismo, “*ele entrou e levou a corrente toda*”. Por essa ligação do marido com a vida pública, Maria se envolveu nas suas atividades políticas e se filiou à AIB logo após a data de sua fundação. Quando descreve a forma como se filiou, diz: “*Através dele. Ele que veio, e trouxe o fotógrafo, para que eu tirasse a fotografia para me pôr lá. Tirou minha fotografia, aí que mandei fazer o uniforme.*”

²⁵⁰ Há um trabalho de Leandro Pereira Gonçalves sobre a relação entre estudantes e ex-alunos do Colégio Granbery com o integralismo em Juiz de Fora. GONÇALVES, Leandro Pereira. *Tradição e cristianismo: o nascimento do integralismo em Juiz de Fora*. Monografia (Especialização em História do Brasil) - PREPES/PUC-MG, Belo Horizonte, 2004.

²⁵¹ O município de Cambuci se localiza no Noroeste fluminense.

Nas campanhas do marido e nas atividades do núcleo municipal, Maria organizava comícios, fazia reuniões em casa: *“Eu morava numa fazenda, com a casa muito grande. Então botava lampiões, porque não tinha eletricidade. Reunia aquela porção de gente, moça, velho, criança, todo mundo... Todo domingo. Eu fazia reunião, convocava.”*

O esposo ajudou a organizar o núcleo municipal integralista na cidade e recebeu a incumbência de chefiá-lo. Maria tornou-se Chefe de um núcleo distrital. Relembra que em casa se conversava muito sobre o integralismo e o casal envolvia as crianças em suas atividades partidárias. Lembra o que, para ela, eram as idéias principais do partido, como se refere ao integralismo: *“Oferecia tudo quanto era vantagem, porque toda política é assim.”* Quando perguntava em que criticavam o governo, respondeu: *“O governo sempre tem o que criticar. Sempre tem. Porque o governo não pode fazer a vontade a todo mundo, ele tem que seguir a reta dele.”*

Seu papel de dirigente seria de animar o povo para continuar no Partido: *“Vamos ter essa vantagem, essa e aquela, aquela... O que está não faz isso, não faz aquilo...”* De quais seriam as vantagens, não se lembrava.

As reuniões eram semanais, duas vezes por semana. Em todos os dias de reuniões semanais, à noite na cidade, vestia seu uniforme e saía por volta das 5 e meia, porque tinha que ir a pé: *“Geralmente a gente tinha duas reuniões por semana. A que era aos domingos, essa era a essencial. Podia ir todo mundo, criança e tudo. E no meio da semana, assim quarta ou quinta-feira a gente se reunia também para conversar.”*

Veza ou outra havia reuniões festivas, com convidados vindos de outras cidades. E então, pessoas que não participavam do movimento podiam assistir.

Quando perguntada sobre quantas pessoas participavam das reuniões, Maria respondeu:

*“ Umas trinta, cinqüenta. Por exemplo: quando reunia aos domingos era num sobrado enorme. Reunia o pessoal, fazia-se o discurso... Se tivesse um mais capacitado a gente passava a palavra para ele falar sobre essas coisas. E era assim que a gente ia levando (...)
Ih, minha filha! Juntava gente que você nem queira saber! Todo mundo, naquela época, estava animado, pensando que haver uma renovação, geralmente. Todo mundo tinha esperança.”*

Nas reuniões de domingo, na fazenda do casal, primeiro se faziam as discussões doutrinárias e explicativas sobre o integralismo e depois, as brincadeiras de roda da qual participavam moças e rapazes, como relatou. Quando havia marchas, Maria participava com o uniforme verde e branco. Exclamava, recordando, durante a entrevista: “Ah, mas o Integralismo era muito bonito! Era muito bonito!”

Em todas as reuniões cantava-se o Hino Nacional. Quando perguntada por que a primeira parte, respondeu: “Porque ‘deitado eternamente’ não era permitido (...) ‘Deitado eternamente’ não. Nós queríamos o Brasil de pé.”

Nos comícios integralistas, explicou:

“Os comícios... Reunia o pessoal, arrumava um orador bom, que falasse. Ele falava e a gente aplaudia e por ali...”

Lá, perto de minha casa, onde eu morava, passa o rio Paraíba. Fazia-se a travessia de Cambuci para um lugar chamado Colônia, que era uma fazenda grande. A gente ia fazer comício lá. Atravessava o rio de barca, barca tocada a mão. A gente atravessava [ri] uma quantidade, depois vinha apanhar outra. A gente passava o dia inteiro por lá conversando.

Nos comícios, a gente visitava as cidades, aquela turma, todos uniformizados, com bandeiras, com tudo. E a gente ia muito distante. Tem um lugar lá chamado “Bóia”, que é do outro lado do Paraíba. Paraíba lá é muito extenso. A gente ia de barca. Só passava duas, três pessoas de cada vez, porque era barca à mão, tocando à mão. A gente ia, passava o rio Paraíba e caminhava, mas muito distante mesmo(...) Todo mundo uniformizado?

Maria conta que o dom da oratória dos políticos e dos dirigentes era muito valorizado. O seu marido, segundo conta, foi um grande orador, cabendo a ela o papel de animadora. Sobre os intelectuais do integralismo, lembra de um comício na cidade vizinha de São Fidélis do qual participaram Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Madeira de Freitas e o Chefe da Província Raymundo Padilha.

Lia com constância o jornal *A Ofensiva*, o único que chegava a Cambuci da capital federal, então Rio de Janeiro. Mas, em sua lembrança o que a encantava, fundamentalmente no integralismo, além de seguir o marido em sua escolha política, era o teor católico que continha. O lema “Deus, Pátria e Família” representava também o alicerce sobre o qual queria, e quis a vida inteira, pautar a sua vida. O papel reservado à mulher integralista era o que considerava seguir. Neste ponto, a filha da depoente que

estava presente discordava. À mulher, segundo Maria, cabia o trato do lar, a representação da mãe e suas responsabilidades como a que cria os filhos para o futuro; *“Mulher deve ser, em primeiro lugar, dona de casa! Porque às vezes a pessoa perde o tempo com outras coisas, com programazinhos pequenos, com coisa sem importância, e a família fica desprezada. Eu acho que deve, em primeiro lugar, ser dona de casa, para depois ter mais alguma coisa.”* Opinião endossada por Nilza Perez nos seus artigos publicados na *Revista Anauê*, nos jornais integralistas e no depoimento dado à produção do filme “Soldado de Deus”: “A mulher deve valorizar a família”. A mulher integralista deveria obedecer uma hierarquia de valores, entre os quais servir ao esposo e aos filhos. Assim pensava Maria e assim, sua filha a avaliou o envolvimento dos pais com o integralismo:

“Eu me lembro, assim, eu era muito pequena, de muito envolvimento deles com o Integralismo. Eles só viviam em função disso. Eu me lembro até da figura deles, ele de calça preta e camisa verde, boné na cabeça e de sigma. Sigma era um emblema que eles colocavam. (...) Então, eu me lembro muito deles com essa roupa, saindo sempre.”

Segundo ela, o objetivo do integralismo era desenvolver o país e acabar com a miséria. Quanto á educação, no núcleo que o marido dirigia funcionava um curso de alfabetização de adultos no qual lecionavam ela e a filha mais velha, Lizete. As duas selecionavam horários para ensinar separadamente os alunos: mulheres separadas dos homens. Mulheres que moravam com seus companheiros sem serem casadas participavam das aulas em separado. Maria explicou:

“A gente organizava, sabe? Por exemplo, tinha reunião nessa sala. Quando era lá no meio da semana, a gente dava uma aula para quem quisesse, a gente matriculava uma porção de gente. Lizete deu aula para um velhinho de 64 anos e o velho ainda votou. Ele disse: “Maior ideal da minha vida era votar! (...)A gente passava a mão na pessoa, assim, que ia estudar. Para pegar na mão para ensinar escrever, a pessoa calejada, mas a gente pegava e ensinava. E não tinha esse negócio de escolher, porque aquele é preto não se ensina, que ele é amarelo, não se ensina, que é branco... Não senhora, todo mundo tinha o direito, desde que quisesse aprender, tinha os mesmos direitos.”

Perguntada se faziam exigências, respondeu:

“Não, desde que a pessoa fosse honesta. Exigia-se que fosse honesta. Naquele tempo não existia essa bandalheira de hoje em dia, não. Procurava-se legalizar e selecionar: - Fulano, você não pode vir à

aula tal dia não porque é só de pessoal decente, escolhido. Você vem tal dia assim que eu te ensino.

Mas não ficava assim desprezado, não. Dizer que ele não ia aprender, não. Que ele ia aprender, mas separado daqueles, para não contaminar. Se a pessoa, por exemplo, Deus me livre e guarde, uma mulher, uma piranha, como dizem, a gente não ia misturar com as moças decentes, com família, não podia. A gente fazia tudo mais ou menos secreto. Falava: Fulano, olha, você sabe que você não é decente para estar no meio da família. Você faz isso, faz aquilo, faz aquilo outro, mas você vai aprender. Você vem tal dia que terá sua aula.”

Para Maria, o que motivou o casal a aderir ao integralismo foi a situação de miséria em que se encontrava o país:

“Tudo era a falta de desenvolvimento do País. Pobre não tinha valor nenhum. Você vê, naquele tempo, um homem que trabalhava um dia, era para ganhar dez tostões. Dez tostões era uma miséria. Trabalhava, coitado, o dia inteiro no sol a pino, para ter aquele ordenadinho para dar comida à família. A comida do pobre, naquela época, era verdura e um oleozinho, uma banhazinha. Não comiam carne, muito difícil. Lá na fazenda do meu pai, ele comprava uns fardos de carne-seca e fim de semana, sempre, ele repartia com os empregados, para cada um, um pedaço, para não passarem o domingo de todo em branco.”

Maria entendia que um grande problema a combater era o comunismo. Informava-se sobre o regime soviético pelos livros integralistas *“Tinha livros. Livro Integralista, livro que falava sobre a Rússia e seus costumes (...) Meu marido comprava, não sei como ele comprava. Comprava e trazia.”*

Na sua leitura apreendia assim o regime soviético:

“O deles, pelos livros, era tudo racionado: roupa, mantimentos... Tudo era racionado. Já no nosso não. Já no nosso era de acordo com as possibilidades de cada um. Entendeu? Por exemplo: se você podia passar melhor, bem, você passava melhor. Fazia melhores comidas, as melhores roupas. Já o que não podia, coitado, ficava abandonado. Dizem que na Rússia (nós tínhamos livros, agora que não temos mais nada, que queimamos tudo) é tudo racionado, até a roupa. Dizem que quanto a roupa, escolhem tantas calças para essa turma... Tanto que lá, até as mulheres trabalham nos tetos fazendo casas. Até mulheres e que dirá os homens. Mas naquele tempo dizia que era muito forte o exército russo. Por isso as mulheres tinham que se dedicar mais aos trabalhos masculinos por que eles não podiam, tinham que ficar. Era um exército muito forte. (...) Eles não tinham religião. Os pavilhões que eles faziam, que diziam que era para religião, para isso e para

aquilo, era tudo para depósito de armas. Não tinham religião. Tudo era político, tudo ali, no duro mesmo! ”

Para Maria, o certo era o integralismo que valorizava a “decência em primeiro lugar. Em primeiro lugar a decência. E a verdade.”

A sua leitura superficial da literatura e dos jornais integralistas, ou as críticas que se fez ao movimento a partir de 1938, também durante e depois da Segunda Guerra Mundial, ou talvez e também, por sua idade avançada, 91 anos à época da entrevista, em sua memória guardou a relação do fascismo como algo ruim. Considerava Mussolini comunista, o líder soviético.

À época da tentativa de golpe contra Getúlio em maio de 1938, com a prisão de vários líderes o medo chegou mais perto da casa de Maria e a filha recordou:

“Eu achava, assim, também, muito preocupados. Eu não entendia por que, mas eu achava as pessoas muito preocupadas. E a gente também, que era pequena, que era da família, ainda pequena. Então, a gente sentia um certo temor. Eles levavam para a gente isso: medo (...) A gente estava sempre pensando numa coisa ruim que pudesse acontecer. Isso eu lembro.

E a gente tinha muito medo. Papai tinha medo de ser morto a qualquer momento. A gente pensava que a qualquer hora ele pudesse ser assassinado. E mamãe, também, tinha muito medo. E esse medo eles passavam para a gente. Sabe? Agora, na época que o Integralismo acabou também, foi uma época de muito pavor que nós tivemos porque teve que esconder armas no fundo do quintal (...) Pegar aquelas coisas todas de papéis. Um monte de papel, que tinha muita coisa, muita publicação(...) Muito jornal, muito livro... Então me lembro disso assim, eles botando fogo no fundo do quintal, nessas coisas. Tinha uma mangueira, que tinha uma boca assim... Uma mangueira, onde eles guardavam...”

E Maria acrescentou: *“Botei os revólveres todos ali dentro.”*

Continuando a lembrar do medo que sentia, a filha falou:

“Eles iam de noite. A gente ficava com aquela tensão, com medo que eles não chegassem. A gente que era filho, que era pequeno...Sabe o que é essa coisa de passar aquele pavor para a criança? Então a gente tinha esse medo. A gente se sentia sempre ameaçada. Até assim, ameaça com a gente mesmo. Não é seqüestro, porque antigamente ninguém falava em seqüestro.”

Maria, então, permitiu-se dizer: *“Eles se sentiam órfãos.” Mas afirmava não ter medo, porque mais que sua vida, achava estar defendendo a do marido: “Nasci para morrer. Tinha não. Não tinha, eu o defendia de dentes e unha (...) Tudo pelo ideal.”*

Depois da “intentona” integralista, o medo tornou-se ameaça e João foi preso:

“À noite chegaram e prenderam. Por causa do Integralismo. Os que estavam no poder mandaram prender. Prenderam ele e, aquela noite, eu já não dormi. Ele estava na cadeia e vinha para a detenção no dia seguinte de manhã. Prometeram que vinha. Quando foi de manhã eu me levantei cedo, me arrumei e fui para Cambuci.: “O que a senhora deseja?” Eu falei: “Eu queria me apresentar para ser presa.” “Por que a senhora vai ...?” “Porque eu pertença à mesma política dele e eu sou uma das chefes”. “A senhora não tem necessidade”. “ Quem sabe quem tem necessidade sou eu”. “O senhor não pode opinar a respeito.

Eles entraram. Entrou ele, o tal chefe de polícia, entraram para lá, levaram ele para lá. Daí a pouco eles voltaram com ele solto.”

Maria lembrou-se vagamente da tentativa de golpe e daquele que considerou o herói do movimento, o médico Belmiro Valverde²⁵². Este foi expurgado do movimento por ter sido considerado o que apressou a tentativa de tomar o poder de Getúlio. Mas, nas lembranças de Maria, teria sido um herói: foi preso e sofreu na prisão pelo ideal integralista. *“Só ele que foi preso. O puseram numa ilha onde só plantava quiabo e colhia quiabo. Diz que estava todo ferido... Todo ferido.”*

O episódio da chamada “traição” de Getúlio a Plínio Salgado, na ocasião do golpe getulista que implantou o Estado Novo, também faz parte de sua memória, como de todos os entrevistados:

“Getúlio Vargas, na véspera dele dar o golpe no Integralismo, dizem que passou a noite conferenciando com Plínio Salgado. Dizem que passou! O programa deles era semelhante, entendeu? E quando foi de manhã ele deu o golpe no Integralismo (...) Eu concordava com ele. Dizem que ele conferenciou com Plínio Salgado na véspera de dar o golpe. Porque depois ele deu o golpe e proibiu por completo e não podia mais se falar mais em política. Dizem que aquela noite eles conferenciaram, noite inteira, a respeito do modo, da política (...) Getúlio concordou e tudo e por tudo. Quando foi no dia seguinte ele deu o golpe. Deu o golpe, aí acabou o Integralismo por completo. Aí acabou

²⁵² Belmiro Valverde era um médico baiano e foi membro do Secretariado Nacional entre 1936 até a dissolução da AIB. Participou da tentativa de golpe em 11 de março de 1938 e da conspiração com o grupo liberal articulado por Otávio Mangabeira e Euclides de Figueiredo em maio do mesmo ano. Em sua casa foi encontrado grande suprimento de armas em março. Foragido desde então, participou do ataque à residência de Vargas no palácio Guanabara em 11 de maio do mesmo ano. Foi preso em setembro, fugindo, logo a seguir da Casa de Correção. A sua prisão ocorreu no dia 14 de outubro de 1938. Ficou detido algum tempo na Ilha Grande, no município de Angra dos Reis (RJ). Fugiu da prisão com a ajuda de elementos integralistas e através de suborno de alguns funcionários da detenção.

por completo mesmo. Se conversava pelos cantos (...) Escondi tudo: uniformes, jornais. Uns queimados, outros jogados no lixo”

Para Maria, Plínio Salgado depois do fim da AIB foi para São Paulo e nunca mais voltou. Quando perguntada se continuaram mantendo secretamente o núcleo, disse que sim. Porém, logo as condições econômicas da família pioraram muito por conta das perseguições políticas que sofriam na cidade de Cambuci e a família migrou para São Gonçalo, cidade vizinha à capital fluminense de então, Niterói. Na luta numa nova cidade, longe da família, Maria se tornou operária, deixando a família durante a semana para trabalhar numa confecção da capital da República, na cidade do Rio de Janeiro. O marido viria a morrer alguns anos depois e Maria teve que sustentar a casa sozinha. Durante a vigência do PRP, não participou do movimento. Mas, quando Raymundo Padilha, seu ex-Chefe Provincial, tornou-se governador do Estado do Rio de Janeiro, empossado pela Ditadura Militar, lembrou-se de pedir-lhe algum favor, caso precisasse. Sentia-se ainda sua “companheira”.²⁵³

Com o passar dos anos, o que lhe ficou na lembrança de militância na AIB foi o tempo em que pode conviver como companheira de cama, cozinha e uniforme com o marido. Isso a fez ingressar no integralismo e a fez permanecer ao lado dele, mesmo viúva, até o fim de seus dias.

b) Alphiete, o cowboy integralista

O senhor Alphiete de Araújo Corrêa foi entrevistado em 26 de setembro de 1996. Foi registrado em São Fidélis em 1912. Desconhecia a data certa de seu nascimento. O pai era um pequeno comerciante local. Alphiete, desde criança gostava de filmes de “*far west*” e desejou tornar-se também um *cowboy* na região onde nasceu.

“Fui garoto assim, muito levado. Meu pai era homem assim, pacato, muito calmo, não queria se contrariar com nada. Só queria viver aquela ... Era um alto comerciante, tinha uma casa de negócio grande na fazenda do meu avô. E eu era garoto muito levado, e andava assim

²⁵³ Raymundo Padilha foi governador do antigo Estado do Rio de Janeiro que, na época, tinha como capital a cidade de Niterói, de 1971 a 1975. Foi indicado pelo então Presidente Emílio Garrastazu Médici. Essa informação sobre a lembrança que Maria teve de procurar o governador é minha que, como sua neta, guardei na memória. Na época, ainda muito jovem, me espantou o fato de alguém ir “pedir favor” a alguém pelo fato de ter um dia pertencido à mesma agremiação. Me chocou a atitude “interesseira” de minha avó e assim a guardei.

brincando muita coisa, aquelas artes. Era tudo aquela estripulia, e chegava toda hora uma queixa de mim: chegava um vizinho lá dizendo que eu bati no filho dele, chegava um e dizia que eu fiz isso e aquilo outro, chegava outro que eu quebrei a árvore. Era tanta coisa que meu pai não me agüentou, sabe? Disse que ia fazer eu sumir no mundo.”

Alphiete ficou órfão de mãe aos 12 anos de idade. O pai, então, o mandou para o Rio de Janeiro, para a casa de um tio que logo lhe arranhou um emprego de entregador de cigarro. Tinha 12 anos e, em seu trabalho, conheceu as ruas do Centro do Rio, andou de bonde carregando muito embrulho de cigarro da Companhia Souza Cruz. Ficou um ano no Rio e fugiu da casa do tio e voltou para sua terra natal.

Ainda no início de sua adolescência, esfaqueou um rapaz numa briga de rua na cidade que morava. Assim conta a briga:

“A gente só fazia tudo errado. Um garoto lá discutiu comigo no balcão, eu falei com ele: “Olha, logo à noite tem um leilão lá em cima, eu vou lá e nos encontramos. Ou você me bate ou eu te bato.” Na casa de meu pai tinha canivete para vender. Eu peguei um canivete e enfiei no bolso. Aí que fez tornar-me um “bicho ruim”. Peguei o canivete que custava 10 reais. Botei o canivete no bolso e fui para rua quando chegou certa hora o garoto veio lá, de folia, ele era maior que eu e tal, abri o canivete, o garoto chegou: “É você disse que ia me bater mas agora...” Fui, meti o canivete na barriga do garoto, abri a barriga do garoto”

Mais uma vez, o pai não consegue educá-lo e o envia para morar com outro grande comerciante do município, em outro distrito. O “turco”, como chamava o pai adotivo dava-lhe o que queria: *“Foi meu pai de verdade. Me dava tudo, eu tinha roupa bonita, tinha cavalo novo para andar, tinha revolver novo na cintura para dar tiro nos outros e tinha bicicleta boa. Tinha tudo, eu ficava conforme queria. Eu queria ser bravo.”*

Viveu na casa do “turco” até que resolveu acompanhar o bando de Antônio Elias de Miranda, um famoso “bandoleiro” da região do Norte e Nordeste fluminense na época. Miranda servia a políticos locais e havia assassinado, pelo menos, umas 30 pessoas. Alphiete havia se aproximado de Miranda, porque havia “se aproveitado” de sua sobrinha. Ameaçado de morte, aos 17 anos foi obrigado a se casar. Pertenceu ao bando de Miranda até o dia de sua morte por impaludismo. Foi preso na ocasião. Quando livre, passou a viver como comerciante no distrito de Grumari, no mesmo município de São Fidélis. Lá conheceu o integralismo, através do filho de um italiano que lhe alugara o estabelecimento junto com um salão no qual já ocorriam reuniões integralistas. O italiano Salvador

Maiolino era integralista e, segundo Alphiete: *“Ele era o integralista do lugar e me meteu na cabeça o integralismo. Batizou um filho meu que se chama Plínio, por causa de Plínio Salgado. Eu tenho um filho que se chama Plínio por esse motivo, nessa época já em 36, nasceu um filho meu batizei Plínio (...) Ele era o chefe do Núcleo Integralista de Grumari.”*

Salvador Marcolino teria passado a chefia distrital para Alphiete com apoio do chefe regional da 9ª Região do integralismo, o médico Antônio Gachet, homem muito conhecido na região, que também incluía Cambuci, terra de Maria. O núcleo do chefe Alphiete, segundo contou, assim funcionava:

“Mas então eu fiquei fazendo reuniões todo sábado e domingo, falava para aquele pessoal, chegava o pessoal, todos simpáticos ao Integralismo. chegava no Domingo tinham 50, 100, 200 pessoas no salão, iam lá na minha frente, na mesinha, falava com todo mundo. Integralismo é isso meus companheiros, olha nós temos que ser Integralistas, nós temos que salvar esse Brasil, que o Brasil está assim, assim está nas mãos de qualquer pessoa que não está dirigindo bem. “Nosso chefe é Plínio Salgado. O homem que ainda vai marcar o Brasil.”

E Alphiete explicava para os presentes o que era o integralismo: *“Eu falava que o Integralismo era a única, organização que foi criada nesse País para salvar do comunismo de Luís Carlos Prestes, e de outros governos que não estavam governando meu País, eu falava por aí a fora eu ia falando minhas besteiras.”*

Quanto às reuniões, segundo Alphiete, elas aconteciam todo dia às quatro horas da tarde. Aos domingos as reuniões começavam às quatro e terminavam às sete da noite:

“Eram três horas de reunião, todos os domingos, enchia minha sala (...) Eu falava bonito para eles..., eu nem vou falar (...) Eu falava que, Plínio Salgado era o único homem capaz de salvar o nosso Brasil. Porque se não fosse, um homem como esse aparecer, meus companheiros nós estávamos perdidos, o comunismo vem aí Luís Carlos Prestes, tomou conta do Brasil, e vai nos chicotear amanhã, vai nos degolar até nossas cabeças, que o comunismo vem aí, meu filho, e nós não queremos queimar, nós temos que nos salvar. Essa é a barca de Noé que vem salvar a nós todos! Vamos nos reunir todos, e vamos nos salvar, e falava...”

Das reuniões que organizava, participavam seus fregueses:

“Era roceiro e pessoal do comércio, tudo ali. Eu já tinha “feito a cabeça” daquele povo de Grumari todo Eram umas 500 pessoas já em Grumari que já estavam tudo debaixo do meu domínio. Era, ali, eu já tinha um núcleo ali de umas 500 pessoas já dominadas por mim. Então, o que eu dizia para eles fazerem, eles faziam(...) Eu era comerciante. Todo mundo que chegava no balcão, eu falava com eles: “Olha, domingo, a reunião!” Eles iam: “Eu vou trazer minha família!”, Eles traziam mulher, filho, trazia tudo para assistir a reunião. Quando chegava domingo, estava fervendo de gente. Domingo, de 2 horas em diante pegava a chegar gente. Iam subindo tudo para o salão, depois eu fechava o comércio em baixo, meio-dia, almoçava e ia fazer a reunião.”

Alphiete contou que todo o tipo de gente participava das reuniões: *“Era tudo, era tudo misturado, tinha rico, tinha tudo, tinha até sitiante, Fazendeiro da roça, com forme o tal de seu..., por exemplo esse meu compadre da ilha é Fazendeiro tinha vida boa, bem de vida Francisco Malta. Era meu secretario. Tinha seu Joaquim Pinto, tinha uma Fazenda na roça, trazia os colonos deles tudo. Vinham todos da roça para assistir o comício da gente.”*

Ricos e pobres, brancos e negros, homens e mulheres sentavam-se lado a lado, cantavam o Hino Nacional, a primeira parte, segundo Alphiete e como também relatou Maria. O militante de Grumari afirmou: *“É, homens, mulheres, velhos. Quando eu falava, um bocadinho que eles gostavam..., quando eu falava bem, um bocadinho que eles gostavam batiam palmas, e eu estou aqui e cheio de firmeza é "Anauê" e vamos embora é Deus e mais nada.”*

Conta Alphiete que para os comícios organizava caravanas:

“É, ia a caravana para Pureza no dia que tinha..., que o Raimundo Padilha ia falar para nós em Pureza, aí era o grande orador que ia falar para nós, então eu levava minha caravana, apanhava o caminhão com Antônio Soares ele emprestava o caminhão botava aquele povo todo no caminhão, um caminhão não dava, ia gente à pé a cavalo de qualquer maneira todo mundo tinha que estar em Pureza. Naquele Domingo, Raimundo Padilha estava em Pureza para falar para nós. Então chegava em Pureza Raimundo Padilha. Ficava em cima do vagão. Trepava em cima do vagão. Que era tanta gente, porque era tanta gente que reunia assim na praça, que se ele fosse falar num lugar baixo ele não via ninguém, então ele subia em cima do vagão e falava para nós era o maior orador do Integralismo que eu já vi no mundo. Raimundo Padilha, mais tarde foi governador do Estado(...) O pessoal da caravana, mesmo aqueles mais..., era todo mundo que todo mundo tinha camisa-verde, prá

mais de 50 pessoas que saíam comigo, todo mundo já tinha suas camisa-verde, seu [incompreensível], aqui no braço”.

A resposta popular aos comícios, segundo Alphiete eram os aplausos: “E o povo, aplaudia, batia palmas, fazia salva. E gostava e falava outro trecho, o povo caía de palmas, estavam muito entusiasmados.”

Alphiete não demonstrou ser leitor das obras de Salgado. Quando perguntado se lia os livros integralistas respondeu: “Liam, tinha livros em cima da mesa para vender. Dava até livros a alguns. Mas era muito feia a pregação que ele tinha.”

Desse assunto, quis passar logo para sua perseguição no período pós levante:

“Vamos passar agora para minha perseguição. Então parece aquele, Levante que houve no Rio, para entrar no Palácio de Getúlio Vargas (...) Aquilo foi muito apressado, aquilo não podia ser naquela época, tinha que levar mais um ano ou dois acabar de aperfeiçoar tudo, depois dava o golpe, era [incompreensível] Plínio Salgado era eleito. Mas deram o golpe muito adiantado. Alvorçaram um bocadinho e deram o golpe lá no Rio, entraram no palácio de Getúlio Vargas... (...)No Catete, entraram no palácio do Catete. Pronto, aí botou tudo por água abaixo. Foi por esse caso que acabou com a porcaria toda por isso. Aí então pegou a perseguição. O Levante foi abafado, Getúlio mandou perseguir. Até então Getúlio não estava ligando para o Integralismo. Porque o Integralismo estava combatendo o comunismo. Não estava nem se falando contra Getúlio. Nós estávamos combatendo o comunismo de Luís Carlos Prestes. Falava tudo sobre a salvação do Brasil, para tirar o Brasil jogo comunista que vinha aí para tomar conta do Brasil. Nós estávamos trabalhando até junto com Getúlio, fazendo propaganda. Vamos combater todos, mas combater o comunismo. E nasceu o Integralismo para acabar o comunismo. Não foi para acabar com o Getúlio. Não nasceu o Integralismo para combater o presidente da república. Você sabe que o Integralismo nasceu para combater o comunismo? Foi ou não foi? Nossos livros estão todos aí (...) O governo sai um entra outro e nós queremos botar o Plínio Salgado lá para que o comunismo não fosse avante. Então é por este motivo que nós estávamos batalhando. Mas veio a perseguição porque foram entrar no palácio de Getúlio, aí Getúlio mandou perseguir.”

Alphiete entendia que as articulações entre o governo e a cúpula integralista, no âmbito da sociedade política eram mantidas por negociações e disputas. Percebeu, também, como traição o fechamento da AIB. O “levante”, para ele, representou a perseguição política. Foi procurado por um “delegado de comissão” que, segundo ele fora

enviado para todas as cidades para prenderem os chefes integralistas. Alphiete fugiu e se escondeu em uma ilha do rio Paraíba de um amigo integralista. Ficando doente, procurou ajuda com um fazendeiro, o “Coronel” Bráulio Gomes também do movimento. Relatou: *“O Coronel me protegia por que eu era correligionário dele da política, tanto que por fora assim eu uns dois três anos do integralismo (...) Aí sabia que toda a família Miranda era tudo dele, era do Coronel Bráulio para ser eleito dependia de nós todos. Eu fui e o Coronel Bráulio mandou eu entrar. Mas ele é muito precavido, tinha muita questão com um e questão com outro.”*

Na conversa com o Coronel este resolveu interceder a favor de Alphiete pedindo ao delegado que tirasse o seu nome da lista de pessoas a serem presas por terem se envolvido com o integralismo. Assim Alphiete se livrou da cadeia, mas teve que se livrar também do seu envolvimento com o integralismo:

“Mas então, o homem me riscou fora. No outro dia fui trabalhar sossegado no meu comércio. Já não tinham mais nada contra mim. E fiquei tocando o meu comércio. Já não sou mais integralista. Juntei tudo que tinha e o Coronel Bráulio falou comigo: ‘Você pega tudo quanto é coisa do Integralismo camisa [incompreensível] e joga tudo no rio.’ Eu joguei tudo lá, fazer o que. Eu vou ficar sozinho para entrar no cano. Joguei tudo dentro do Rio Paraíba. Amarrei tudo numa trouxa, coloquei uma pedra e joguei no Rio Paraíba. Aí ficamos por fora. E o meu amigo também da ilha, eu salvei ele também, ficou tudo certo. Aí ficamos seguindo o meu [incompreensível] político. Mas aí, foi chegando a política, lá em Grumari, aí veio que apareceu o Eduardo Gomes. Foi a época que veio Hilário Gomes. Passei de Plínio Salgado, agora sou Eduardo Gomes.”

Alphiete, apesar de sua vida curta no integralismo, entendia que agia e pensava como um integralista. Seu referencial para um bom governo seria a forma que achava Plínio Salgado faria para governar o país. Não se arrependeu de ter sido integralista e disse:

“O Integralismo é a única coisa que está dentro do Brasil governando. Não está com o nome integralismo, mas esses grandes presidentes que estão aí, todos foram integralistas. Você sabe o que é isso? Eu digo outra: esses chefes que estão aí hoje governando, Presidente da República, tudo, tudo isso tem dedo de integralista hoje. Se não for positivamente integralista, são filhos de integralistas, são netos de integralistas, são tudo gente integralista. Quem está mandando no país é gente integralista. Já digo isso rasgado, pode confirmar.”

Como estávamos em 1996, Alphiete considerou o governo de Fernando Henrique Cardoso para a sua análise e constatou: *“No governo dele é ali naquele estilo que era o integralismo. Estou fazendo propaganda do que estou vendo ele fazer: estão batendo no que está errado, fazendo tudo que é preciso para o Brasil, combate o comunismo, que aparece aí, também dá a sua força para combater... Ele vem fazendo o que nós fazíamos. O que o integralismo fazia, ele está fazendo aí. Então, continuo dizendo: o integralismo está aí. Não está com o nome integralismo, mas está aí.”*

O velho Alphiete considerou sua vida, de bandido à militante e depois comerciante num dos locais mais violentos de Niterói:

“Eu não tenho fingimento, não! Falo em qualquer lugar! Falo sempre até satisfeito, eu falo empolgado! Fiz mesmo e está acabado. Fiz tudo isso, fiz, tenho satisfação de ter feito porque eu não tinha muito juízo, fazia mesmo. Agora, hoje em dia eu sou uma pessoa mas grilada... Não me meto mais nessas coisas... Venho tratando da minha vida sossegado, e pronto acabou, acabou. Agora quero viver o resto da minha velhice. Ninguém me matando até hoje, nunca mais arrumei briga até hoje estou aí. (...) Eu já levei muita tocaia, já deram tiro em min, de cara a cara no meu comércio em Buraco do Boi. Chegaram assim arrancaram o revólver pra min. E eu acabei derrubando um cara lá fora. Estou aí vivo e são. Encontro até com o chefe da [incompreensível], que seu Renato, de vez em quando na feira. Ele me trata Correa. ‘Correa, você um cara danado. Você saiu do Buraco do Boi vivo, são, e está aí forte. Nego não pode com você.’ Eu falei: Você sabe como é que é.”

Talvez, mais na velhice que na juventude, Alphiete recorre à religião:

“‘Deus, Pátria e Família’ era a principal coisa, era o nosso emblema. E rezava para Deus e seguia a doutrina de Deus. Até hoje sou muito devoto de Deus. Ali seguia a devoção mesmo de Deus. E sou da Igreja Católica, [incompreensível], ela segue a dela que eu sigo a minha, eu sou é Católico, fervoroso sou grande devoto de Nossa Senhora de Sant’ana. Minha protetora, cheia de flores, olha só. [incompreensível] Agora você me olha com boa vista, com bons olhos? (...) Porque hoje não sou mais aquele bandido, aquele perverso (...) Depois de passar por tudo isso, sofri tanta coisa, hoje sou uma pessoa humilde. Um grande católico de Deus. Rezando... Daqui a pouco dá seis horas [incompreensível], Não tenho mais nem arma.”

Alphiete não se envolveu mais com o integralismo, como movimento após as perseguições da década de 1930. Mesmo que seu envolvimento não tenha sido de adesão total à idéia integralista, Alphiete construiu a memória de sua participação política. Aprendeu, de certa forma, que havia outras formas participação que a não a de defender pelas armas os interesses dos “coronéis” de sua região.

c) Rubens, o operário consciencioso

Rubens Barcelos nasceu em 1911, e vive ainda em São Gonçalo. Sua entrevista ocorreu em vinte e oito de julho de 1998. Quando jovem, foi encaminhado pelo seu pai, mestre tecelão numa fábrica, para a vida operária. Adulto, tornou-se bancário, aposentando-se nessa profissão. De certa forma, sua vida seguiu um caminho que a família e o rumo dos acontecimentos lhe indicavam. Até o fato de ter nascido no mesmo quarto em que nascera o pai, parecia-lhe atestar a ordem e retidão à qual sua vida estava destinada. Planejando com antecedência tudo que faz, assim também aderiu ao Integralismo, em 1935. Morava em Belo Horizonte quando assistiu, meio ressabiado, no salão de uma igreja católica, uma reunião do movimento. Convidado a entrar e participar, se negou envolver-se, como me revelou, por precaução.

“Lá que eu comecei. Foi em 1935. Estava sendo criado lá um núcleo integralista. Mas estavam fazendo primeiro a movimentação ali, no salão da igreja, no bairro do Calafate, onde eu morava. Então, eu ia lá para porta do salão da igreja e ficava vendo o que falavam, como era a coisa... Mandavam eu entrar, mas eu era muito, assim, tímido... eu não metia a cara em qualquer coisa não. Eu ficava só de fora espiando. Eu estava achando o assunto muito agradável, muito interessante para o meu, como digo, sentido patriótico. Eu estava achando que o negócio estava dando certo.”

Somente quando voltou a Niterói, e através da companhia de um primo já militante, é que Rubens assumiu sua vontade de engajar-se nas fileiras integralistas. Preferiu o núcleo do Fonseca ao do Barreto porque iria freqüentá-lo juntamente com um primo. Ia de bonde até o núcleo que funcionava numa casa na principal avenida do bairro e tinha um grande salão onde eram realizadas as reuniões. Ao descrever o núcleo, falou sobre os benefícios que este oferecia: consultórios médicos, dentários e escola. A sede do

Fonseca, para Rubens, era bastante freqüentada, justamente por oferecer esses atendimentos para os integralistas e seus filhos. Mas, segundo declarou, nas reuniões semanais que se iniciavam por volta das sete horas da noite, a freqüência variava entre vinte a cinquenta pessoas, não mais que isso.

Conforme a atividade no núcleo, participar das reuniões, visitantes e integralistas de outros bairros. Os integralistas que freqüentavam os encontros no Fonseca eram de profissões diversas. Havia advogados, comerciários, professores e operários, como ele. Como contou, ele não procurava entrosar-se com os companheiros de organização política além dos limites da militância: *“Então, eu assistia a reunião, cada um desviava, e eu era novo, eu procurava mais o caminho de casa. Eu não ficava entrosado com aquele pessoal todo ali.”*

As mulheres, segundo o depoente, participavam muito, tanto as casadas como as solteiras. Estas últimas deviam ir acompanhando os pais, enquanto as primeiras, seguiam seus respectivos maridos. Na visão de Rubens, o integralismo não discriminava ninguém. Freqüentavam o núcleo pessoas de qualquer origem social, étnica ou credo religioso. Segundo Rubens, até mesmo portugueses com nacionalidade brasileira e não católicos participavam do movimento. Para o depoente:

“Dentro do integralismo não há racismo nem há ideologia fixa, não. Se é católico ou é protestante ou macumbeiro (...) Bom, tinha que ser cristão, tanto é que ‘Deus, Pátria e Família’; então, cada ideologia cristã, todas elas falam em Deus. Então, se falam em Deus, está tudo muito bem. Então não há seleção desse ou daquele, se é católico ou se é protestante ou não. Não havia essa especificação.”

Nas reuniões, o sentimento de nacionalismo era enaltecido. Falava-se, *“sempre sobre as coisas do Brasil”* e propugnava-se que se os integralistas chegassem ao governo, as riquezas produzidas pelo povo fariam do Brasil uma grande nação, pois tudo estava, segundo Rubens, estagnado. Quem iniciava as reuniões na sede da AIB no Fonseca era o chefe do núcleo, que Rubens já não se lembra mais do nome. Depois, às vezes, falava o secretário. Outras vezes eram alguns dos participantes. Todos podiam falar, segundo o militante, não somente o chefe. Para Rubens, todos tinham direito de expor o seu pensamento. Dos nomes dos principais líderes, recorda de Plínio Salgado, o Chefe Nacional, e de Raimundo Padilha, o Chefe Provincial.

A memória de Rubens não guardou um dos elementos simbólicos mais importantes na formação do imaginário político integralista. Quando recordou a entoação do Hino Nacional afirmou que os integralistas o cantavam inteiro. Talvez, por manter uma relação um pouco arredia com o movimento. Embora tenha sido investido na militância e usasse a vestimenta e os símbolos integralistas, Rubens não reteve na memória este ritual do integralismo. Em suas lembranças, recorda de que cantava integralmente o Hino Nacional: *“Era integral, como ele foi feito, então era cantado. E quando terminava, terminava com o Hino Avante.”*

As reuniões, segundo Rubens, iniciavam-se com o Hino Nacional e terminavam com o principal hino do integralismo. Não se lembrou se era todo entoado ou se somente a primeira parte do Hino era cantada. Durante o encontro, as pessoas discursavam. Compareciam todos uniformizados, com a camisa verde e o sigma no braço esquerdo. Rubens, assim como os demais entrevistados, achavam que os integralistas eram respeitados em suas comunidades. Segundo o depoente, a animosidade partia dos comunistas que reagiam violentamente em relação aos militantes da AIB. Porém, esses casos violentos de confronto entre as duas tendências antagônicas, segundo o depoente, estavam restritos aos comícios. Para Rubens, os embates aconteciam porque a polícia, a serviço do governo, estava encarregada de esquentar os ânimos. No caso do conhecido confronto entre integralistas e comunistas ocorrido em Campos, em 1934, ele acusa a polícia de ter atirado na esposa de um usineiro: *“Mas aquilo, provavelmente, já foi, talvez, (...) para criar uma onda, uma animosidade em cima dos integralistas(...) Eu devo ter esse Diário Oficial que fala sobre isso (...) É que, nesse Diário Oficial, esse processo, esse inquérito, acusa a polícia do Estado de ter feito o tiroteio.”* Porém, não descarta a participação comunista nos constantes conflitos com o integralismo. Considera que *“aonde tivesse movimento integralista tinha sempre comunista para poder perturbar a ordem.”* Sendo inimigos, eram forças opostas, cada qual num extremo. Para Rubens, o comunismo representa o governo totalitário, no qual não há liberdade. Tentando influenciar de toda a forma o operariado, o comunismo, conquistava seus adeptos através da construção de uma falsa possibilidade de futuro.

“Eles eram, como digo aí, uma espécie de realejo. Eles diziam que os operários iam ter toda a regalia, iam ter tudo do governo. E, no entanto, não iam ter coisa nenhuma. A gente sabia que aquilo tudo era...”

que eles estavam falando uma coisa que não era realidade (...) lá na Rússia. Aquilo tudo era para influenciar.”

Segundo Rubens, somente o integralismo seria capaz de dirigir, através da ordem e de Deus, tal como se inicia o *Manifesto de 32*, o “destino dos povos”.

d) Arcy, o grande articulador do velho e novo integralismo

Quando conheci Dr. Arcy eu achava que ele era o único antigo militante que preocupava-se com a rearticulação do integralismo. Duas sessões de entrevistas foram feitas entre setembro e outubro de 1998, contabilizando um total de, aproximadamente, 4 horas de fitas gravadas.

Quando cheguei à sua casa, parecia ter retornado no tempo. Ele havia criado em sua residência, o Centro Cultural Plínio Salgado, um centro de memória integralista em São Gonçalo. O CCPS foi fundado pelo depoente em 15 de Novembro de 1995. Segundo ele, um sonho de muitos anos, precisamente desde o fechamento da AIB, em 1937.

Depois de sua morte em 2003, o Centro foi fechado pela família e o fardo material que deixou é disputado pelos familiares e pelo Centro de Estudos e Debates Integralistas (CEDI) que ajudou a fundar em 2000, sendo o Centro a sua primeira sede. A partir de 2002, com a morte do primeiro presidente do CEDI, Marcelo Mendez, a sede nacional do CEDI passou a ser a Casa de Plínio Salgado em São Paulo.

O Dr. Arcy era responsável pelo maior número de publicações integralistas da década de 1990 até a sua morte. Era o jornalista responsável pelo *Jornal Alerta*, pelo *Idade Nova*, também, o *Informativo CEDI*, o *Avante*; o *Quarta Humanidade* e o *Ofensiva*.

O Centro era localizado na parte térrea do sobrado onde morava o Dr. Arcy, tinha uma biblioteca, sala de reuniões com os símbolos, os retratos, os livros, tudo que contribuía para a militância reconstruir o ambiente de um núcleo integralista da década de 1930. Tornou-se um ponto de referência nacional, onde se reuniam jovens e convidados integralistas de todo o Brasil. Na sala de reuniões, com as bandeiras nacional e integralista, tinha no centro o retrato de Plínio Salgado e acima dele a inscrição: “Deus dirige o destino dos povos”.

Procurava nas reuniões recriar o ambiente que vivenciou na década de 1930:

“Não eram reuniões políticas conforme hoje se fazem lá nas sedes políticas e juntam aqueles grupos de homens. Não, naquele tempo eram reuniões de famílias. Eram donas de casa que se reuniam com seus filhos e participavam dos núcleos. Como se a sede integralista fosse uma igreja. Têm a mesma simbologia: a Igreja e o núcleo integralista. Porque ali se reuniam não era aula de Faculdade, assuntos partidários, não. Nem candidaturas, nem serviço eleitoral, nem coisa nenhuma não. Eram pessoas que se reuniam, as mulheres se reuniam para estudar arte culinária, para estudar assuntos ligados ao lar, assuntos ligados à família, à educação dos filhos. Então, a finalidade dessas reuniões era toda versátil, voltada para esse problema da família.”

Pretendia, principalmente, a doutrinação de modo perpetuar a memória integralista. Para ele, somente o conhecimento da idéia garantia o engajamento.

Com sua bengala e voz bem empostada, o Dr. Arcy tornava-se um guardião e produtor da memória integralista. No meu entender, o mais dedicado. Era leitor perspicaz das publicações integralistas tanto de sua fase áurea, como da posterior, ele citava com desenvoltura autores e temas dos livros de sua biblioteca.

Este antigo militante integralista participou da 1^a fase, assim como das outras que a sucederam, como a da criação do Partido de Representação Popular, após a volta de Plínio Salgado do Exílio, em 1945; e a do período da ditadura militar, quando o refúgio foi a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Com o passar do tempo, pois são três anos de convívio com Dr. Arcy, constatei que ele é editor do periódico do movimento – “Alerta” – e detentor de uma completa relação de simpatizantes integralistas em todo o país.

Durante as entrevistas, Arcy contou-me que foi, ainda jovem, um militante integralista na então capital da República. Desde os 15 anos adotou e foi adotado pela “Família Integralista” e, como relatou, desde 1932 sustentava o sonho de tornar realidade a “Democracia Orgânica” proposta por Plínio Salgado.

Nascido em 1917, no interior fluminense, em Rio Bonito foi para a capital da República, a cidade do Rio de Janeiro, ainda adolescente e sozinho. Ali encontrou amparo e confiança no Núcleo Integralista de Ipanema. Quando ingressou no movimento, os “atendentes” disseram que freqüentasse o núcleo quantas vezes quisesse por semana até, segundo o depoente, tomar consciência e entender a doutrina e o que era o movimento. Passou a freqüentar duas vezes por semana a AIB, no núcleo de Ipanema, à rua Visconde de Pirajá. Prestou juramento, tornou-se decurião, formando entre as milícias do

Movimento, em 1936. A AIB tinha caráter para-militar, conforme autorizava um Ofício do Exército, em documento de 1934, consentindo o uso de uniforme pelos militantes. Este é um dos documentos que o Dr. Arcy tem sempre a mão, ou seja, documentos que, em sua opinião, constituem argumentos de defesa do integralismo estão sempre disponíveis

Durante a juventude, Dr. Arcy conviveu, no Núcleo de Ipanema e no Catete, com os mais importantes quadros da AIB. Militante dos núcleos da capital estava próximo da Chefia Nacional. Convivia com Belmiro Valverde, Rocha Vaz, Gustavo Barroso. Além disso, como sacristão da igreja da Glória e freqüentador da igreja do Largo do Machado, Arcy serviu aos padres ligados à AIB destas duas paróquias. Assim, ajudava os familiares dos militantes perseguidos e presos durante o Estado Novo, depois da tentativa frustrada de golpe, em 11 de maio de 1938. Ele mesmo foi perseguido e escondeu-se onde achava que não seria descoberto: nas fileiras da Cavalaria da Vila Militar. Tornou-se soldado do Exército aos 22 anos até que um acidente o levou precocemente para a reserva e o impediu de participar da 2^a Guerra Mundial.

Concursado, tornou-se funcionário público federal do Ministério da Educação e Saúde, posteriormente Ministério da Saúde. Jamais deixou de conviver com companheiros integralistas, seja na Igreja, ou em reuniões secretas. Quando, em 1945, com o fim do Estado Novo, Plínio Salgado retornou do exílio em Portugal, aderiu à proposta de construção do Partido de Representação Popular (PRP), embora a questão partidária, para ele, contrariasse as bases doutrinárias do movimento. Constantemente incluído nos debates nacionais que discutiam os rumos do integralismo, o Dr. Arcy descartava a idéia de construção de um partido integralista. Para ele, a doutrina fundada a partir do Manifesto de 1932 seria a pedra fundamental de todo e qualquer edifício que reivindique a herança integralista. Segundo ele, a Democracia Orgânica, proposta por Plínio Salgado e delineada no Manifesto fundador da AIB, seria a resposta que a nação precisa para se organizar até hoje.

Ao longo das décadas que se seguiram ao ano de 1938, esse guardião da memória integralista procurou organizar a comunidade de trabalhadores rurais fluminenses, criando a “União de Lavradores do Estado do Rio de Janeiro”, em 1959. A necessidade de defender juridicamente a categoria levou-o, aos anos 56 anos de idade, à universidade, onde concluiu o curso de Direito em 1977.

O Dr. Arcy foi parte importante da história destes setenta e três anos de Integralismo. Ele, que ingressou jovem no movimento, vem durante toda a sua vida estudando e procurando reestruturar o movimento. Seus companheiros de hoje são jovens universitários, professores e profissionais liberais. Certo número de pessoas ligadas por laços afetivos ao Dr. Arcy e sua esposa freqüentam o núcleo. Mas, como na 1ª fase do movimento, o controle das decisões e do conhecimento doutrinário pertence aos “portadores da idéia”. As lideranças estaduais e nacionais têm-no como um de seus capitães, assim como o igualam, em importância, a antigos seguidores de Salgado, como sua filha Maria Amélia e Gumercindo Rocha Dórea, editor dos livros integralistas da Editora Voz do Oeste.

Na casa de Dr. Arcy pude assistir as reuniões e entender seus encaminhamentos. Primeiro, era cantado o Hino Nacional (a 1ª parte) e o Hino Avante, criado por Salgado. Em seguida, as preleções dos representantes do movimento, tanto os participantes da mesa, quanto os convidados.

Durante a juventude vivenciou bem a rotina de reuniões e de exercícios de ordem unida, pois era decurião da Milícia Integralista. Mas, a partir de 10 de novembro de 1937, Arcy veria sua vida de estudante e comerciário ser transformada, passando a viver a tensão de ter que modificar sua rotina. Ele e outros integralistas passaram a se reunir secretamente nos núcleos. A polícia não permitia reunião pública. Mais tarde, quando se deu o movimento de 11 de maio de 1938, o que chama “Levante do Palácio Guanabara”, passaram à clandestinidade absoluta.

O integralismo, apesar de oficialmente enterrado em 1937 pela implantação do Estado Novo, resistia.

“Daí, nós passamos a trabalhar de modo mais reservado, mas não com a sede funcionando legalmente. Em janeiro de 1938 foi que se deu a pressão política do Governo na pessoa de Plínio Salgado. Plínio Salgado teve que se deslocar de Botafogo para São Paulo. Lá em São Paulo ele se uniu com os militares, general Castro Júnior, que era o chefe do movimento que estava se preparando para dar o contragolpe. E em 1938 deu-se o Levante da Guanabara.”

O velho militante ainda recorda detalhes da noite em que um grupo de integralistas, junto com partidários de outros segmentos políticos contrários ao golpe de

1937, pretendeu tomar o Palácio Guanabara, então residência oficial do presidente Vargas. Segundo Arcy, o Levante do Guanabara ocorreu na noite de 10 para 11 de maio de 1938 não foi iniciativa integralista.

Arcy conta que a maior parte dos articuladores desse movimento era de militares que estavam descontentes com o Estado Novo e queriam depor Getúlio, segundo ele, o Chefe teria mandado uma carta expressa para Belmiro Valverde procurando impedir esse movimento, porque já estava sendo articulado um outro plano. Mas, àquela altura, Belmiro Valverde não teve mais tempo para se comunicar com o Tenente Fuzileiro Naval Júlio Nascimento e nem com Loureiro Júnior, militante integralista e genro do Chefe nacional que, juntamente com o Tenente da reserva, Fournier Júnior, teriam se reunido com Valverde, que era chefe da província integralista da Guanabara e obtiveram dele o apoio para arquitetar o plano de ocupação do Palácio da Guanabara. Assim, os dois comandantes, funcionários da Escola, formando um grupo de trinta a quarenta homens tentaram “ocupar” o Palácio.

Arcy relatava que era 10 de maio de 1938 e o plano estava marcado para aquela noite. E, assim, teriam levado à frente a idéia e invadido o Palácio da Guanabara. O veterano integralista orgulha-se em dizer que assistiu parte da execução. Era jovem e solteiro, morava ali no Largo do Machado, numa casa de cômodos, próximo ao cenário do acontecimento. Arcy repetiu esse relato muitas vezes com o mesmo desenrolar das idéias. Nas duas sessões de entrevistas e inúmeras vezes reproduziu a mesma história publicada nas edições dos jornais do atual movimento.

Estava por volta de 9 e 10 horas da noite, no Largo do Machado em um bar, o “Café Lamas”, local onde se reuniam artistas de rádio e estudantes da Faculdade Nacional de Direito para fazer serenata. Por volta de meia-noite, a luz teria se apagado e ficou tudo na escuridão. Quando as pessoas que estavam no Café saíram à rua, depararam-se com caminhões carregando vários homens com lenços brancos no pescoço, vestidos de macacão, contornando o Largo do Machado para entrar na Rua das Laranjeiras e seguir em direção do Palácio Guanabara. Segundo Arcy, todos pensaram que eram empregados da companhia elétrica que estariam restaurando a iluminação. No dia seguinte, às oito horas da manhã, foi trabalhar na loja e ouviu o patrão contar-lhe sobre o movimento que envolvia os integralistas. Seu patrão pediu-lhe que se escondesse, pois estavam prendendo

vários integralistas.

Arcy não considerava que os integralistas tomaram parte daquele movimento. Em sua opinião, o fato de seu núcleo não ter sido chamado a participar da tomada do Palácio demonstra que a idéia não teria partido dos líderes da AIB: *“O meu núcleo, ali nas Laranjeiras, na Rua das Laranjeiras, número trezentos, tinha para mais de*

mil camisas-verdes, milicianos. Eu era decurião, comandava dez homens. Não tínhamos conhecimento de nada! Há cinco minutos do Palácio!”

A atuação dos integralistas, segundo Arcy, seria a de dar cobertura ao “levante”. Belmiro Valverde, que era o chefe da Província da Guanabara havia prometido aos oficiais da Escola Naval essa cobertura. Mas teria chegado um ultimato de São Paulo, por ordem de Plínio Salgado, impedindo-o de colocar os integralistas nesse “movimento de aventuras revolucionárias”, segundo Arcy. Então, o que teria acontecido? O entrevistado conta que ouviu a resposta do próprio Júlio do Nascimento. Eles foram naquela noite, de dez para as onze, para o Palácio, tomaram-no, entraram, ocuparam, substituíram a guarda. Tudo estaria combinado e esperava-se a turma que Belmiro Valverde traria e os integralistas que não chegaram. Valverde não teria participado, levando os integralistas, em obediência à ordem de Salgado, porém teria estado no Palácio na hora do “assalto”.

Sob o comando dos militares da Escola Naval, os revoltosos ficaram esperando no Palácio que o reforço integralista chegasse. E esse reforço integralista não chegou. Entre os civis que entraram, da primeira vez, no entanto, segundo Arcy, havia nove integralistas, todos funcionários da Marinha. Júlio do Nascimento e Fournier Junior vendo que os integralistas do reforço não chegavam, comandaram o recuo às quatro horas da manhã. Mas, nove militantes não saíram porque ainda acreditavam que os reforços chegariam. Então, foi quando o reforço do Palácio chegou pelo Campo do Fluminense, entrou nos fundos do Palácio, prendeu os homens e os metralhou. Morreram nove integralistas no jardim do Palácio.

Na versão dos integralistas, reproduzida por Arcy, não houve combate, não houve tiroteio entre uma força e outra. O que houve foi uma retaliação por parte dos militares fiéis ao Palácio que, se presume, tenha sido comandada pelo Coronel Benjamim Vargas, irmão do presidente. Para Arcy, o coronel comandou o assassinato dos nove integralistas já presos e desarmados: *“eles não tinham arma nenhuma. Eles eram como esse pessoal aí*

*dos ‘sem-terra’. Chegam, invadem fazenda, ocupam prédios públicos. Então eles entenderam de ocupar o Palácio do Guanabara como se fosse um simples prédio público. Então, isso foi a verdade dos fatos que aconteceram naquela época.*²⁵⁴”

Na versão oficial, transmitida pelo General Eurico Gaspar Dutra, então Ministro da Guerra, este relata que houve confronto armado entre os revoltosos e forças do Governo. O próprio ministro teria sido ferido de raspão na orelha. No depoimento sobre o acontecimento do dia 11 de maio de 1938, Dutra acusa a participação integralista na direção do movimento e isenta-se das mortes dos 9 militantes nos jardins do Palácio, dizendo que estava recolhido nas suas dependências quando teria ouvido os disparos que os mataram. Segundo o ministro, como o fato se passara na residência do Presidente da República e não lhe constava estar qualquer elemento militar envolvido, nenhuma providência caberia a ele tomar para apurar os fatos²⁵⁵.

A partir do levante, Belmiro Valverde teria rompido com o integralismo, Segundo Arcy, esse rompimento representa o símbolo da resistência doutrinária dentro do integralismo. O militante guarda lembranças que o levaram a refletir sobre a situação partidária da AIB. Valverde também simbolizou essa resistência para Maria.

Arcy também relatou que, depois do Levante do Guanabara, teve uma participação ativa junto aos padres da Igreja da Glória. Ali davam assistência às famílias integralistas. Sendo jovem, andava de bicicleta na região, indo de casa em casa visitando as famílias, vendo se necessitavam de algo, pois os homens, os maridos, os chefes integralistas estavam presos na Polícia Central. Depois de ter localizado e prestado assistência à família de um desses integralistas presos, a polícia passou a persegui-lo. Numa madrugada, foi acordado tendo a polícia à porta de casa. Resolveu, então, se esconder onde não pensariam em achá-lo: na Vila Militar. Sentou praça como soldado e, assim, conseguiu fugir da polícia. Ficou durante um ano e oito meses no Exército, no Terceiro Regimento Andrade Neves, Escola de Cavalaria da Vila Militar. Tendo sofrido um acidente durante o serviço militar, foi julgado incapaz, foi reformado e voltou à vida civil. Voltou ao bairro do Catete e foi trabalhar no comércio. Em 1945, tendo prestado concurso, ingressou no Ministério da Educação e Saúde. Tornou-se funcionário público,

²⁵⁴ A data do “Levante” é comemorada anualmente em 11 de maio. A cerimônia repetida nessa data acontece no Mausoléu Integralista no cemitério do Caju, Rio de Janeiro.

²⁵⁵ Depoimento de Eurico Dutra, sem data definida. Aproximadamente, década de 1960.

trabalhando no Palácio Gustavo Capanema. No final desse ano, Plínio Salgado chegou do exílio.

Arcy chegou a participar do PRP, mas também discordava da idéias do integralismo entrar na disputa eleitoral representativa. E, em seus últimos anos, colocava sua esperança nos jovens integralistas da atualidade:

“Estou muito feliz com esse movimento da Ação, desses jovens de hoje que se apresentam na sociedade como nacionalistas porque eles seguem os nossos ensinamentos, pregam o nacionalismo, pregam a resistência dos grupos naturais, que são a família, o homem, a família, a profissão, o município, a propriedade. Então, nós pretendemos, mais hoje, mais amanhã, entendemos que vamos conseguir nacionalizar as forças políticas do país. No dia em que conseguirmos isso, nós instauraremos a democracia orgânica, que é o Estado de direito, é o estado de direito, de fato e de direito, essa democracia orgânica e nada tem a ver com o nazismo, o fascismo, nem política estrangeira de espécie alguma, nem comunismo, nem coisa nenhuma, é uma política nossa, criação nossa, criação do povo brasileiro, criação dos ensinamentos da liderança integralista.”

Arcy continua sendo homenageado e reconhecido pelos jovens integralistas que acolheu e doutrinou para manter e ajudar a reconstrução de uma memória integralista.

e) Alcebíades Marins, o secretário

Alcebíades Marins concedeu-nos seu depoimento em 18 de fevereiro de 1999. Estava quase no final da vida. Sua entrevista foi entrecortada por breves momentos em que adormecia e logo retomava às respostas com gentileza e humor. Estava em São Gonçalo, em casa de sua filha única, Eva, quando foi entrevistado e ainda participava do movimento integralista. Geralmente, Alcebíades era quem secretariava as reuniões do Centro Cultural Plínio Salgado que se reunia no bairro do Rio do Ouro, na casa de Arcy Lopes Estrella, em São Gonçalo. Dele tenho a única foto de um depoente em uniforme no dia de seu casamento. A foto que me confiou revelava, através de cruzes desenhadas à caneta, o destino do retratados: todos já haviam falecido, exceto o depoente. Infelizmente, o Sr. Alcebíades faleceu pouco tempo depois de eu tê-lo entrevistado.

Alcebíades nasceu em 1916, em Maricá, Rio de Janeiro, e lá morou grande parte de sua vida. O seu primeiro contato com o integralismo fora aos 18 anos quando uma

comitiva vinda de Niterói chegou a Maricá. Desde então, engajou-se ao movimento, fundou o núcleo da cidade de Maricá, tornou-se militante. Na condição de secretário do núcleo municipal, uma de suas tarefas como militante, além de secretariar as reuniões, era conseguir a adesão de mais pessoas ao movimento e propagar as idéias doutrinárias da AIB. Segundo Alcebiades, a comunicação é que era importante. Anunciava aos interessados sobre as datas das reuniões: “*Tal dia tem reunião, você não vai faltar!*” *Á ele não faltava mesmo, todo mundo estava ali.*” Em Maricá, o jovem ajudou a organizar o núcleo integralista, tornando-se o secretário do núcleo local. Assumiu o integralismo de corpo e alma. Casou-se com seu uniforme. Contou aos descendentes, com orgulho, toda sua travessia no movimento do qual participou até as vésperas de sua morte, assim como contou a mim.

Segundo Alcebiades, o motivo que o levou a optar pelo integralismo foi a necessidade de demonstrar ao pai e ao avô que tinha vontade própria, embora não desejasse magoar nenhum dos dois por causa de uma opção política. Na verdade, a opção pelo engajamento na AIB foi a escolha de um rapaz com 18 anos de idade, que pretendia mostrar aos homens que mais admirava que estivesse tornando-se adulto.

Alcebiades Marins e Silva também foi um ativo militante entre os anos de 1934 e 1937. Começou para contrapor-se ao pai e ao avô, para mostrar que já era um homem e, no final da vida, não tinha se arrependido da escolha que fizera aos 18 anos.

f) Gerardo Majella Mello Mourão, poeta-político

Gerardo Mello Mourão é considerado um dos grandes poetas nacionais, embora poucos conheçam a sua obra, publicada em diversos países. Com uma vida intelectual e política ativa, Mello Mourão circulou em sua juventude e maturidade entre os principais nomes dessas áreas, tanto no Brasil, quanto na América Latina. Reconhecendo sua posição política como de direita, manteve e mantém amizade e admiração pelos amigos de esquerda, muitos deles comunistas, formando com alguns destes em Buenos Aires, aos 21 anos de idade, a “Santa Hermandad de la Orquídea”. Seu depoimento foi concedido ao LABHOI no dia 20 de julho de 2006 em sua casa cheia de livros em Copacabana, Rio de Janeiro. Mello Mourão contou-nos sua história, da qual, conforme nos relatou, não

mudaria uma vírgula. Além desse depoimento, também serão utilizadas para análise entrevistas que o depoente concedeu a Rodrigo de Souza Leão²⁵⁶, à TV Câmara, órgão da Câmara dos Deputados Federais em 25 de outubro de 2006 e ao cineasta Sérgio Sanz, que conta do documentário “Soldado de Deus”.

Mello Mourão, nascido em 8 de janeiro de 1917, nos contou com muita emoção relatos de sua vida. Habitado a dar entrevistas, os fatos que conta, ou escolhe contar, se repetem demonstrando que a sua memória preserva a coerência de uma vida influenciada por sua ascendência que, desde a infância, fez-lhe pensar como continuador de uma saga familiar da colonização portuguesa no Brasil de mais de quatrocentos anos, cuja origem chega a Duarte Pacheco que, com sua esposa, Dona Brites, administrara Pernambuco nos primeiros tempos de Capitânicas Hereditárias, como nos contou: “

Com este sentimento de pertencimento à uma brasilidade fundadora, católica e de respeito à História, e como confessou, de intenção salvacionista, Mello Mourão decidiu-se pela participação/intervenção na vida pública brasileira.

Mello Mourão nasceu em Ipueiras no Ceará no dia 8 de janeiro de 1917. Assume sua condição de católico, fiel aos ensinamentos da mãe, mulher muito cuidadosa nos tratos da religião. Assim descreveu-se em seu depoimento para Souza Leão aos 83 anos de idade:

"Sou cearense há mais de quatrocentos anos. Sou casado, fui viúvo. Tenho três filhos, o que acho muito importante, pois creio, como está no Credo de Santo Atanásio, na ressurreição da carne. E os filhos são a prefiguração da ressurreição da carne. Amo as alegrias do corpo e da alma. Mas estou afetado pela tristeza existencial (ou será ontológica?) do ser humano, pois sei, como Léon Bloy, que a maior desgraça que pode ocorrer ao ser humano é a desgraça de não ser santo. Eu não sou santo. Esta é a tristeza medular de minha vida. Pois nasci e fui criado para ser santo e manter intacta a imagem e semelhança de Deus. (...) Minha mãe era uma pessoa dramaticamente religiosa. Eu tinha um irmão mais velho. Minha mãe leu na vida de São Luís Gonzaga, que sua mãe Branca de Castela, fizera um voto a Deus: queria ver seu filho morto antes que cometesse um único pecado mortal. Quando meu irmão morreu, ela se convenceu de que seu voto o matara. E retirou de mim a promessa terrível.

²⁵⁶ As entrevistas concedidas a Rodrigo de Souza Leão se encontram no site *Balacobaco* – <http://www.geocities.com/SoHo/Lofts/1418/gerardo2.htm>, Planeta Terra, Rio de Janeiro, 1993; na página da *VirtualBooks* http://virtualbooks.terra.com.br/entrevistas/morao/morao_bio.htm, 2000 e na do *Jornal de Poesia*: <http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza05c.htm> . s/d.

Resultado: estou vivo e fui maculado por quase todos os pecados mortais, os chamados pecados mortais. Quem quiser que os imagine. Etc."²⁵⁷

Sua ascendência nordestina, de raiz longínqua no tempo, o ligava a várias outras famílias proprietárias da região. Quando Deputado Federal, no Congresso Nacional, como nos contou, as ligações familiares e de proximidade regional, permitia-lhe circular entre várias tendências ideológicas por conta de sua amizade e ou parentesco com diversos outros deputados.

Quando criança, educado pela mãe, professora da escola local, já sabia ler aos cinco anos de idade. Também, segundo contou, educou-se pelos livros de cantadores nordestinos e pela antologia dos violeiros que ouvira de “viva voz, na feira e nas festas populares de Ipueiras”. No depoimento a Souza Leão ainda conta que conheceu quando criança textos de Gustavo Barroso, que considera o primeiro divulgador da obra de cantadores nordestinos, além dos de Luís da Câmara Cascudo, discípulo de Barroso, ambos integralistas. Para Câmara Cascudo, segundo Mourão, Barroso seria a fonte em que “todos aprenderam a poesia dos violeiros e rabequistas”.²⁵⁸

Orgulhoso de sua vasta erudição, Mourão declarou que desde muito jovem lia os clássicos, tendo traduzido do latim, autores como Ovídio, Virgílio, Cícero, Homero e Píndaro. Conhecedor profundo da produção poética mundial, o poeta Gerado Mello Mourão foi o principal homenageado em de outubro de 2006 na II Semana de Poesia da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Para a TV Câmara, o ex-deputado federal, cassado pelo AI-5 contou seus caminhos percorridos desde Ipueiras até Brasília. Em sua terra, segundo seu depoimento, assistiu a saga dos cangaceiros e ainda presenciou a passagem da Coluna Prestes. Mourão contou-nos em depoimento ao LABHOI que veio do Ceará para o Rio de Janeiro aos 10 de idade, tendo entrado para o Seminário dos Redentoristas, de origem e direção holandesa, aos 11 anos de idade, na cidade de Congonhas do Campo, Minas Gerais. Chegou a tomar hábito com o nome de *Frater* Mello. Ficou até os 18 anos de idade no Seminário Menor até as vésperas de partir para a Holanda para cumprir o Seminário Maior. A sua saída, foi algo doloroso, segundo ele, muito sofrido, um rompimento que o encheu de dúvidas, mas

²⁵⁷ Entrevista a Rodrigo Souza Leão, citada em nota anterior.

²⁵⁸ *ibidem*.

que foi apoiado pelos seus superiores monásticos que não viam nele a vocação religiosa devida. Em seus depoimentos para TV Câmara e LABHOI, conta que sua saída do Seminário coincidiu com o sábado de carnaval. Achou que tinha encontrado o “inferno”, o carnaval chocou-o com “pessoas semi-nuas”, algo que considerou inconcebível, como nos disse, com os brincantes que cantavam “Eva querida, quero ser o seu Adão”. Indo procurar abrigo na Igreja do Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, no domingo, conheceu aquele que, de certa forma, lhe indicaria os caminhos políticos: o integralismo. Ali teve o primeiro contato com Orlando Carneiro²⁵⁹, que o apresentou, por sua vez a Alceu Amoroso Lima, liderança laica do catolicismo brasileiro, presidente da Ação Católica Brasileira. Como ele relata, Amoroso Lima, o Tristão de Athaíde, como assinava as suas crônicas, teria dito, quando Mourão lhe informara que saíra do Seminário: “*Você perdeu a fé?*”, ao que nosso depoente respondeu: “*Não, não perdi a fé, não tenho coragem de ser padre.*” Amoroso Lima, então teria lhe dado uma lição que, segundo Mourão lhe serviu para toda a vida: “*Isso não tem importância não, padre ou leigo você pode ficar perfeitamente dentro da Igreja e percorrer os caminhos de santidade que são possíveis ao homem. Esteja sempre com Deus, de mal com ele ou de bem com ele, mas com Deus.*” Estas palavras o tocaram muito e Mourão entendeu que, de mal ou de bem com Deus, Ele sempre estaria na chegada. Continuou católico, assumindo, então os tropeços “pecaminosos” de sua vida laica.

Tristão de Athaíde ainda o aconselhou sobre seu futuro: “*O que você pretende fazer?*” E Mourão respondera: “*O senhor sabe que todo seminarista, todo seminarista se ele quer ser padre, tem uma espécie de vocação salvacionista, vai querer salvar os outros. Eu quero entrar para a política.*” Tristão, que nunca se filiou ao integralismo, lhe indicou o movimento: “*Tem um partido novo aí, é um movimento, não é nem um partido, é um movimento, mas é muito bom, é gente católica e tal, é um escritor de São Paulo, Plínio Salgado. Você vai aqui na Rua Sachet, atual Travessa do Ouvidor, 32, vai conversar com ele.*” Mourão foi e conversou e se filiou ao integralismo no mesmo dia, pagando 5 mil réis de matrícula, preencheu a ficha e comprou a camisa verde. Segundo o depoente, Amoroso Lima não se filiou porque suas obrigações com a Ação Católica o impediam de se

²⁵⁹ O Desembargador Orlando Carneiro, pai do jornalista Luís Orlando Carneiro do Jornal do Brasil, onde Mourão também trabalhou como jornalista.

comprometer com o integralismo, porém colaborou inúmeras vezes, como escritor e jornalista para os periódicos do movimento, como A Panorama, dedicada a artigos voltados para um público mais intelectualizado.

Para Mourão, em entrevista a Souza Leão:

“O integralismo foi uma fecunda experiência cultural e uma aventura moral e espiritual dos melhores brasileiros de minha geração. Mesmo sem esforços para isto, os integralistas que o quiseram, galgaram todos os espaços de que você fala. Quatro deles chegaram à Presidência da República nas duas últimas décadas, sem falar em outros postos altamente representativos da vida nacional. As Universidades, as Academias Científicas, os Ministérios, os postos diplomáticos, as Academias de Letras, inclusive a do Machado de Assis, honraram-se com incontável número de integralistas, sem falar nas dezenas de generais, almirantes, brigadeiros das Forças Armadas, nos comandos das maiores empresas industriais e bancárias do país, tanto no setor público como no setor privado. Haver pertencido ao integralismo é um título que me tem proporcionado os melhores momentos de minha vida social, profissional, política, cultural, cordial e afetuosa. Este título me tem ajudado muito e tem constituído motivo de respeito e divulgação de minha obra de escritor.”²⁶⁰

Mourão participou da AIB, através do núcleo da Ação Universitária Católica, departamento universitário da Ação Católica na AIB. Seu presidente, segundo o depoente, era o judeu Abenatar Neto, que considerava prodigiosamente inteligente. Como nosso entrevistado falava várias línguas, foi convidado para fazer parte do quadro administrativo da AIB como chefe de gabinete de Antonio Gallotti²⁶¹, responsável pela Secretaria

²⁶⁰ LEÃO, *op. cit.*

²⁶¹ De acordo com o site www.namebase.org/xful/Antonio-Gallotti.html, o nome de Gallotti se relaciona com outros diversos nomes numa rede de conexões, entre estes estão os de Walther Moreira Salles, banqueiro brasileiro, presidente do Banco Unibanco, que segundo Mourão foi integralista e também com o Ex-Secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger, ao Chase Manhattan Bank e a Juracy Magalhães. Este último foi senador da República, deputado federal, adido militar e embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Ministro da Justiça e Relações Exteriores. Também foi o primeiro presidente da Petrobrás e presidiu a Companhia Vale do Rio Doce. Magalhães apoiou os golpes de 1937, de Vargas, e o de 1964, que instituiu a Ditadura Militar. Foi Ministro da Justiça durante o regime militar, encarregando-se da censura aos veículos de comunicação. Conta-se a história que, ao mandar o proprietário d'O Globo, Roberto Marinho demitir jornalistas comunistas, este ter-lhe-ia respondido: “De meus comunistas, cuido eu.” Embora não fosse integralista, as atitudes de proximidade ideológica de Magalhães com o movimento, foram aparentes em vários episódios da história brasileira. No site <http://www2.uol.com.br/JC/conexaoweb/di110901.htm> encontramos uma denúncia de Darcy Ribeiro contra Gallotti, que se encontra no livro “Aos trancos e barrancos”. Segundo o antropólogo, Gallotti teria se envolvido numa negociata que garantiria a algumas personalidades brasileiras, benefícios com a venda de ativos da Light, empresa canadense responsável pela distribuição de energia no Rio de Janeiro, em 1979. Além de Gallotti, estariam envolvidos Otávio Gouveia

Nacional de Relações Exteriores. Conviveu com Augusto Frederico Schmidt²⁶², Thiers Martins Moreira, San Tiago Dantas e outros intelectuais importantes do integralismo. Os dois últimos faziam parte do grupo do CAJU, o Centro de Estudos Jurídicos e Sociais da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro²⁶³. Além destes e também Gallotti, ainda pertenciam ao CAJU, Otávio de Faria, Antônio Balbino, Vinícius de Moraes, Gilson Amado, Vicente Constantino Chermont de Miranda, Américo Jacobina Lacombe, Hélio Vianna, Plínio Doyle, e outros.. Muitos destes intelectuais que se tornaram referência da intelectualidade nacional se encantaram com as idéias integralistas.

Quanto a Schmidt, era em sua livraria na Rua Sachet, que se reunia, em seus tempos iniciais, a cúpula do integralismo carioca e onde Salgado, como contou-nos Mourão, iniciou sua pregação carioca. Também, esta mesma livraria, segundo o depoente, era freqüentada por intelectuais de várias tendências. Ao relatar ao LABHOI a ode da fundação da AIB na então capital da República, nos disse-nos que o Chefe fez 14 viagens ao Rio de Janeiro sem muito triunfo para tentar fundar a AIB. Segundo Mourão, até então, 1935, a AIB não saíra de São Paulo:

“Preguei a primeira mentira da minha vida. Cheguei a São Paulo e disse: ‘arranjei agora um grupo de companheiros lá com Schmidt’. Ele chegava e ia para a livraria Schmidt na Travessa do Ouvidor. Às 5 horas, Schmidt fechava as portas de aço e tinha certos convidados e Plínio discorria. Ficava num balcãozinho da livraria, num balcãozinho da loja falando pra baixo. Plínio era um orador prodigioso. Aquilo me escandalizava porque eu passei sete anos estudando para ser orador sacro. ‘Esse homem não sabe nada! Sabe, domina tudo, com aquelas mãos.’ Então, expunha com uma clareza que era uma coisa aos convidados: Otávio [de Faria], o Américo Jacobina Lacombe, o Thiers [Martins Moreira], enfim, aquele grupo pioneiro. Tinha um engenheiro da Light, chamado Everardo Leite²⁶⁴. Então, quatorze vezes e não

de Bulhões, Rafael de Almeida Magalhães e o Ministro da Fazenda na época da ditadura, Roberto Campos. Segundo o redator da matéria, o engenheiro Marcelo Alencar, “o grupo de Roberto Campos e Otávio Bulhões já havia reavaliado os ativos da Light logo após o Golpe de 64, quando também se concedeu a elevação de tarifas e sua correção automática à empresa.”

²⁶² Augusto Frederico Schmidt (1906 – 1965), editor e poeta. De 1956 a 1966 foi representante do Brasil na Operação Pan-Americana, delegado do Brasil na ONU, e embaixador na Comunidade Econômica Européia. Foi figura muito importante nos meios políticos brasileiros em toda a sua vida pública, principalmente durante o Governo Juscelino Kubtschek, seu amigo pessoal.

²⁶³ No ano de 1935, à época que relata o depoente, a então Faculdade de Direito fazia parte da Universidade do Rio de Janeiro que fora criada em 1920 com este nome. Em 1937 passa a ser denominada Universidade do Brasil. Recebeu o nome atual, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1965.

²⁶⁴ Everardo Leite dirigiu, dentro dos chamados Departamentos Nacionais, órgão consultivo criado a partir do Congresso de Petrópolis em março de 1936, a Secretaria de Organização Política.

conseguiu que ninguém se inscrevesse. Cumprir aquele negócio lá: ‘Juro por Deus e pela minha honra trabalhar pela Ação Integralista Brasileira, obedecendo sem discutir as ordens do Chefe Nacional.’ Só depois desta décima quarta viagem que entraram os primeiros.”

O Chefe nacional, em artigo conta outra versão para a arregimentação dos intelectuais cariocas:

“No Rio, arregimentei, depois de uma conferência na Faculdade de Direito e uma reunião no Palace Hotel, seguida de outra em casa do Oswaldo Aranha, um grupo brilhante de jovens: Américo Jacobina Lacombe, Antônio Gallotti, Thiers Martins Moreira, Augusto Frederico Schmidt, San Tiago Dantas (este que já trabalhava comigo no jornal “A Razão”), posteriormente Cotrin Neto, Álvaro Sardinha, Garrido Torres, Helio Viana, Ernani Lomba Ferraz, Nilza Peres.”²⁶⁵

Para o entrevistado, o integralismo só “pegou” no Rio de Janeiro em 1935:

“Aí entraram, entraram cinqüenta sujeitos. Ele fez a primeira marcha com cinqüenta aqui. Me lembro até hoje, na volta da marcha, Plínio Salgado subiu na sacada de um sobrado ali e disse: ‘Camisas-verdes, interrompemos o trânsito da rua e o trânsito da História. Tomai nota desta data!’ (...) Jeová Motta, que era capitão do Exército, muito ligado a esse pessoal todo, San Tiago [Dantas], entrou também. E era gente que fazia parte de movimentos paralelos, nascidos antes do integralismo. Jeová Motta era Legião Cearense do Trabalho²⁶⁶ Ceará era uma coisa prodigiosa! Tinha 32 mil filiados na Legião Cearense do Trabalho. O Hélder Câmara, que era seminarista, era um dos líderes da Legião Cearense do Trabalho, como seminarista. Severino Sombra era o Chefe da Legião Cearense do Trabalho.”

²⁶⁵ O artigo *Três Gerações* escrito por Plínio Salgado e publicado em 05 de Maio de 1968, pode ser lido no site da Frente Integralista Brasileira: <http://www.integralismo.org.br/novo/>

²⁶⁶ Em artigo publicado pela *Revista Brasileira de História*, vol 21, no. 40, (São Paulo, 2001) e disponível no site <http://www.scielo.br/scielo.php>, Fábio Bertonha discorre sobre “os primeiros passos do Fascismo no Brasil” e escreve que os primeiros movimentos neste sentido: “foram, em boa parte, inspirados pelo Fascismo italiano e por sua atividade no Brasil. De fato, já em 1922 surgiu, com clara inspiração fascista, a Legião Cruzeiro do Sul. Os movimentos posteriores, como o Partido Nacional Fascista/Ação Social Brasileira de J. Fabrino, a Legião Cearense do Trabalho, o Partido Nacional Sindicalista de Olbiano de Mello, o Partido Fascista Brasileiro, a Ação Imperial Patrianovista Brasileira e a Legião 3 de Outubro também tiveram, ao lado de um enraizamento no clima intelectual brasileiro, uma inspiração – que era expressa diretamente em seus manifestos e que, obviamente, variou de movimento para movimento – na Itália de Mussolini.” Concordando com Edgar Carone (*A República Nova. 1930-1937*, São Paulo: DIFEL, 1974, pp. 194-195) Bertonha também identifica, no Brasil da década de 1920, duas correntes de pensamento e ação de extrema direita que, segundo o autor, se interligavam: “a fascista italiana e as pequenas tentativas de criação de um Fascismo indígena. A influência italiana nesse momento estava, pois, mais que clara.” Hélgio Trindade, em seu livro: *Integralismo – o fascismo brasileiro na década de 30*, também relaciona tais movimentos de tipificação fascista anteriores ao integralismo

Segundo Mourão, os legionários do Ceará aderiram ao integralismo a partir da iniciativa de Salgado em ampliar para outros estados o âmbito da AIB. As suas viagens teriam se intensificado pelo Brasil. Eram as chamadas “bandeiras”. Muitas vezes lideradas por Plínio, outras tantas sob a direção de quadros da AIB. O objetivo era sempre se divulgar o movimento pelo interior do Brasil. Os recursos para as viagens vinha de colaborações de simpatizantes e filiados da AIB. As passagens de trem do Chefe eram financiadas por estas “caixinhas” que coletavam contribuições dos militantes. Passando a comitiva do Chefe, como conta o depoente, pelo Espírito Santo, numa viagem de lancha entre Vitória e a cidade velha, teria sido criado por Miguel Reale, o símbolo do integralismo, o Sigma “o símbolo do cálculo integral”.

Quanto à doutrina, Mourão fala que a considerava muito forte. Conta que certa vez, enquanto planejava as viagens pelo Brasil, Salgado, certa vez, fechou-se no sobrado na livraria e durante uma noite escreveu *O que é o Integralismo*²⁶⁷. Disse-nos Mourão que a publicação foi financiada pelo Comendador Mayrink Veiga, um anticomunista ferrenho, a pedido de Schmidt, que havia herdado a Livraria Católica de Jackson de Figueiredo.

O que mais o encantava no integralismo era a idéia do corporativismo, estruturado no integralismo por Miguel Reale, que para o entrevistado representava o pensamento paulista. Mas, para Mourão, o corporativismo do Rio de Janeiro era um “corporativismo de católicos”. Segundo ele *“Era uma tentativa de encontrar uma estrutura legal para a participação do povo no governo. Aquela era uma época de desprestígio mundial da liberal democracia. O discurso de Plínio: ‘Não vamos carregar nas costas o cadáver da Europa, o cadáver da liberal-democracia como Zaratrusta!’”*

Quando perguntado sobre o que teria levado a juventude intelectual brasileira, entre a qual transitava a aderir à AIB, Mourão respondeu:

“Os ventos do mundo, geralmente, sopram simultaneamente. Naquele tempo, o vento do comunismo, do marxismo começou a se soltar, a tomar conta da inteligência francesa que é a inteligência mais fecunda do Brasil. Então, que aparecem os movimentos fascistas, para-fascistas em tos o mundo. que nem eram fascistas. O integralismo não era fascista coisa nenhuma. Alguns integralistas eram fascistas, outros

²⁶⁷ Talvez o entrevistado tenha confundido datas ou título da obra escrita por Salgado nesta ocasião, já que a obra *O que é o Integralismo* foi publicada pela primeira vez em 1933. Em 1937, realmente há uma publicação pela Editora Schmidt em 1937 com informações sobre o andamento do movimento, com mensagem esperançosa sobre seu avanço no Brasil.

não eram. Mas era uma maneira de deter a marcha para o abismo comunista que estava se desenhando em todo o mundo, inclusive aqui. Nós estamos falando de 1935 e é preciso lembrar que em 35 houve o levante comunista no Brasil, infiltrados nos quartéis. Hoje, estão em toda a parte, dominam tudo, tomaram conta da Universidade, da imprensa, da suposta inteligência brasileira. Não deram nada. Que contribuição o marxismo deu à cultura brasileira, a literatura brasileira, ao pensamento brasileiro?”

Para Mourão, o integralismo foi o primeiro ensaio de resistência ao marxismo. Eram intelectuais “*que ousaram tomar posições anti-marxistas*”. No seu entender, o integralismo existiu em função deste confronto.

Mourão, que participava de discussões e debates com alguns dos mais brilhantes intelectuais da década de 1930 no Brasil, tanto da direita quanto da esquerda, discorreu sobre as preferências de leitura de sua geração. Citou André Gide²⁶⁸ e Álvares de Azevedo entre suas. Quanto ao que considera a corrente do pensamento puro, preferia os católicos, como Maritain²⁶⁹, filósofo que influenciou gerações de intelectuais cristãos no Brasil e no mundo. Segundo ele, a sua ligação com o catolicismo foi fundamental e a influência do lançamento da Encíclica *Quadragesimo Anno*, em 1931, que comemorava o aniversário da *Rerum Novarum*, provocou a “*contaminação por este mesmo sopro que atacou a inteligência e o mundo inteiro nesse período. Porque o pensamento repercute em tudo.*” Mourão lamenta a influência da televisão na formação e divulgação de idéias: “*Hoje não sei como pode se desenhar um quadro de dependência dos sopros nos espíritos com esse negócio monstruoso que é a televisão. É tudo a mesma coisa nos estados unidos, na França...*”

A influência e a paixão dos intelectuais católicos brasileiros por Maritain, levou-os a homenageá-lo na Academia Brasileira de Letras. O orador oficial era o camisa-verde (que estava assim vestido), o então futuro embaixador Jaime de Azevedo Rodrigues, que

²⁶⁸ André Gide, escritor francês de grande aceitação entre os jovens. Recebeu o Prêmio Nobel em 1947. Suas obras mais importantes são: *Les nourritures terrestres* (Os alimentos terrestres), *Corydon*, *A Sinfonia Pastoral* e *O Imoralista*.

²⁶⁹ Jacques Maritain, filósofo francês de orientação católica (*tomista*), pregava o “humanismo integral”. Contraopondo-se aos humanismos burguês e socialista, Maritain defendia que o homem não deveria deixar de dispor da transcendência em sua humanidade, entendendo o humanismo como “inseparável da civilização ou da cultura, tomando-se estas duas palavras como sinônimas” (In MARITAIN, *Humanismo Integral*. - *uma visão nova da ordem cristã*. Tradução de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1945. Este humanismo influenciou a ideologia da “Democracia cristã”).

segundo o depoente “morreu já na esquerda”²⁷⁰. Mas, o interesse compartilhado entre integralistas e participantes da Ação Católica por Maritain sofreu um baque após este se colocar em apoio aos republicanos da Frente Popular, durante a Guerra Civil espanhola. Os integralistas se colocaram a favor do General Francisco Franco, que liderava os católicos, monarquistas e fascistas na Frente Nacional.²⁷¹

O presidente da Ação Católica, Alceu Amoroso Lima, apoiou a decisão de Maritain pelos democratas e o cisma consumou-se entre integralistas e católicos.

Os dois lados exprimiam publicamente as suas escolhas. Os integralistas em um ato na no Instituto Nacional de Música²⁷² comemoraram a resistência dos anti-republicanos no episódio de Alcázar de Toledo²⁷³. Este acontecimento da Guerra Civil espanhola, no ano de 1936, era comemorado e é lembrado como ato heróico dos falangistas que resistiram ao ataque republicano. O fato causou comoção e serviu de exemplo de luta contra as forças liberais, comunistas e anarquistas que defendiam o

²⁷⁰ A referência ao embaixador, que “morreu na esquerda” leva-nos a relatar um episódio que demonstra essa “virada ideológica” de Jaime de Azevedo Rodrigues, o primeiro chefe do Departamento Universitário da AIB. Em 1965, oito homens carregando uma faixa com a frase “Abaixo a Ditadura”, protestaram contra o regime militar, vestidos de terno em frente ao Hotel Glória. Neste hotel acontecia a sessão de abertura de uma conferência da OEA (Organização dos Estados Americanos). Do grupo faziam parte os cineastas Joaquim Pedro, Glauber Rocha e Mário Carneiro; os escritores, Antônio Callado e Carlos Heitor Cony; o dramaturgo Flávio Rangel, o então Deputado Federal Márcio Moreira Alves e o embaixador Jaime Rodrigues.. O grupo, que ficou conhecido como “Os Oito do Glória” ficou preso por uma semana. Conferir o site da Fundação Astrogildo Pereira: <http://www.fundacaoastrojildo.org.br>. Discordando do regime militar, Rodrigues pediu demissão e, segundo depoimento do jornalista Newton Carlos, foi cassado. (*Memória da imprensa carioca (maio de 2002 - http://www2.uerj.br)*).

²⁷¹ A Guerra Civil na Espanha, iniciada no ano de 1936, é considerada uma luta ideológica entre fascismo e socialismo e, segundo Eric Hobsbawm, representou para os que combatiam o fascismo o “*front central de sua batalha*” (conf. Hobsbawm, *Era dos Extremos, op.cit*, p. 161). Esta guerra teve início em 1936 com a revolta de líderes do Exército contra o governo da Frente Popular Republicana do presidente Manuel Azaña que congregava várias tendências liberais, socialistas, comunistas e anarquistas, com forte posição anti-clerical. Os que insurgiram eram monarquistas, católicos e membros da Falange Fascista que receberam apoio militar e político da Alemanha e Itália. Estes países, já sob a direção de Hitler e Mussolini, respectivamente, reconheceram o governo imposto por Francisco Franco em 1º de outubro de 1936, mesmo sem a finalização do confronto.

²⁷² Atual Faculdade de Música pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

²⁷³ *Gustavo Corção (1896-1978)* pensador católico brasileiro, conta a história deste episódio da resistência anti-republicana em *O Século do Nada*: “Essa fortaleza de guerra foi tomada nos primeiros meses pelos sublevados com cerca de mil combatentes e mais outros mil entre mulheres, crianças e velhos. (...) O Alcázar resistiu 70 dias a um assédio fantástico, durante o qual choveram 3.300 obuses de 155, 3.000 de 105, 3.500 de 75. Num só dia, 450 bombas de 50 quilos foram lançadas de avião. Mil e novecentos sitiados viveram dias espantosos debaixo de ruínas fumegantes. Morreram 82. Nasceram dois! No dia 28 de setembro, depois da entrega do forte em ruínas e da promoção do coronel Moscardó, e da cerimônia religiosa em ação de graças, o novo general Moscardó passou sombrio e curvado entre aclamações: certamente lembrava-se de Luís e deu a entender que muito lhe pesava entregar à Espanha a fortaleza em tal estado.” (conferir em <http://gustavocorcao.permanencia.org.br>)

governo legalmente eleito e empossado da Espanha, não só pelo exemplo de resistência dos milicianos franquistas que levaram para a Fortaleza seus familiares, mas pelo ato do comandante da ocupação em não aceitar a rendição diante da ameaça de execução de seu próprio filho, que veio a ser fuzilado pelas tropas republicanas.

No ato integralista de apoio às tropas de Franco no Rio de Janeiro, em 1936, entre os oradores estavam, além de Mourão, Schmidt e Miguel Reale. Segundo nosso depoente, quando ele terminou, foi carregado “por cinco mil pessoas”. Para Mourão, até a Guerra Civil espanhola estava tudo bem entre integralistas e Ação Católica. A Guerra foi o limite. Lamentou: “*Eu não sei o que que deu nestes católicos, em Tristão, sessenta mil religiosos foram massacrados na Espanha.*” No entender do entrevistado, o episódio da ação dos fascistas na Espanha freou o avanço comunista na América Latina, considerando que o Brasil seria o “alvo fundamental”:

“Agora, se não tivesse havido a Revolução Espanhola, tinham ocupado toda a América Latina, toda a América Espanhola. O Brasil, evidentemente, era o campo mais visado. Eu vi, com muitos amigos comunistas, militantes, de importância na esquerda, eles achavam todos que o Brasil estragou o jogo. Que a Revolução Mundial enganou-se quando como começou a tomar o Brasil como alvo fundamental, princípio de uma coisa criadora na América Latina. O Brasil jamais, o império do outro lado, o império da direita, o império do capitalismo, etc. ia permitir que o Brasil caísse, que o Brasil, caindo, arrastaria toda a América Latina. Então, achavam, inclusive, quando eu estive exilado no Chile, eu convivia muito com o pessoal de esquerda, então eles achavam que a Revolução Cubana tinha sido um equívoco da Revolução Mundial. (...) Eles achavam que a Revolução deveria começar no Brasil, na Argentina ou, pelo menos no Chile, um país capaz de reprodução. De fato, o Chile esteve num momento à beira do... quando veio a Revolução do Pinochet. Coitado, massacrado aí pela memória histórica, superficial ou equivocada desse país contra ele.”²⁷⁴

²⁷⁴ Quando fala da “Revolução” de Pinochet, Mourão refere-se ao golpe militar liderado pelo general Augusto Pinochet em setembro de 1973, retirando do poder chileno Salvador Allende, eleito presidente da República em 1970, representando uma coalizão de esquerda, a União Popular. Na versão dada após o golpe consta o suicídio de Allende, mas alguns familiares e parcela da população do Chile acreditam em assassinato. O golpe do general Pinochet teve apoio dos Estados Unidos. Allende, em 1990, recebe um funeral com honras militares.

Mourão conta que Pinochet, muito católico, antes de se decidir pelo golpe, teria ido à Igreja da Providência rezar, “pendurou a espada no altar de Nossa Senhora” e assim, tomou a decisão.

Participando da direção da AIB, próximo à Chefia Nacional, Mourão conta que os integralistas tentaram resistir à implantação do Estado Novo. Era época de campanha eleitoral e Salgado candidatara-se à Presidência da República pelo Partido da Ação Integralista Brasileira. Porém, antes das eleições, houve o golpe e, antes do golpe, segundo o entrevistado, aconteceram negociações entre Plínio Salgado e a cúpula do Governo Vargas que o procurou várias vezes para decidir sobre os rumos do Brasil a partir de então. Gerardo Mourão relata os bastidores que antecederam o golpe do estado Novo, desde a farsa do Plano Cohen, que fora montado pelo seu primo, o então capitão Olympio Mourão Filho²⁷⁵, Chefe do Serviço Secreto da AIB, até os planos integralistas de chegarem, como participantes do golpe, finalmente ao poder. O depoente falou-nos que o pretense Plano Cohen fora feito a pedido de Plínio Salgado que queria um projeto sobre um possível plano do comunismo internacional para tomar a América Latina e para o Brasil. Ao deixar sobre sua mesa o plano, este foi encontrado por um General do qual não lembrou o nome, que teria levado o “documento” para os generais Dutra e Góis Monteiro com o intuito de acusar o capitão de conspiração comunista. O Capitão Mourão Filho, chamado frente aos superiores teria confessado que fizera o falso plano a pedido de Salgado. Assim, com apoio também do Presidente da República, o Plano Cohen teria surgido das mãos e idéias de integralistas para servir de apoio ao golpe e da imposição do estado de sítio, enquanto defesa da soberania nacional. O nosso depoente ainda nos contou que o seu primo, o capitão Mourão Filho, teria amargado alguns problemas no Exército por conta da farsa. Exigiu o “Conselho de Honra” e teria, assim, se reabilitado.

Como contam as histórias integralistas, Salgado havia sido convocado por Vargas a demonstrar sua força e, o Chefe, em resposta teria organizado aquela que ficou sendo conhecida como a “marcha dos 50 mil”, que atravessou o centro da capital da República, o Rio de Janeiro até o Palácio do Catete, sede do governo no dia 1º de novembro de 1937. A marcha, segundo Mourão estendeu-se por vários quilômetros, organizada em colunas

²⁷⁵ Para Gerardo Mello Mourão, o já General Olympio Mourão Filho foi a “alma da Revolução”, ou seja, do golpe militar de 1964.

por oito, partindo, segundo ele, da Avenida Brasil até chegar ao Catete. O depoente, como integrante da Secretaria de Relações Exteriores liderava, com o grupo dirigente integralista a marcha, o Chefe à frente.

Durante a marcha, ao passar pelas praças, cada uma delas em homenagem a um vulto histórico brasileiro, que eram chamadas, como disse Mourão, de estações cívicas, Salgado falava algumas palavras e dava o tom de epopéia à caminhada integralista. Com emoção, reproduz as evocações de Salgado: *“Todas essas estações, são as estações cívicas. Mas me lembro que chegou a estação do monumento de Caxias, estação do monumento de Tamandaré, da Marinha. Plínio falou um negócio que me arrepiava todo, quando ele invocava: ‘Tamandaré! Tamandaré! Tamandaré! (...) Foi muita gente(...) em todas essas estações, Plínio falava umas palavras e dava o rumo para a próxima estação.”*

Segundo Mourão, as negociações entre Salgado e o governo atendia às expectativas que historicamente estavam sendo delineadas na Europa com a inclusão, ou subida ao poder, de lideranças fascistas. Esperava-se, segundo ele, como acontecera, na Itália, onde o Rei Vitor Emanuel havia passado a Mussolini a chefia do Estado Italiano, que aqui se formalizasse pelo menos uma coalizão entre o integralismo e Vargas, até mesmo com a assunção de Salgado ao posto mais alto do governo como ditador. Conta que essa esperança foi acalentada por Salgado:

“Estávamos todos esperando o Catete. Estávamos esperando a tomada do poder A tomada do poder com palmas. Plínio chegou a escrever vários artigos no jornal O Povo, que era um vespertino integralista (...) sobre a grandeza de Vitor Emanuel²⁷⁶ que chamou o Mussolini. Ficou três dias seguidos contando esta história de entregar o poder. Então estávamos convencidos de que o Plínio estava feito com esta gente. E Plínio tinha se reunido diariamente com esse pessoal do Estado Novo, inclusive que estavam fazendo o golpe do Estado Novo, Chico Campos e os ministros militares conversando com ele. Então, no dia fomos avisados todos que o golpe ia ser amanhã, tantas horas da tarde. Então fomos ouvir o rádio na casa do Plínio que já era na época

²⁷⁶ Vitor Emanuel III, rei da Itália entre 1900 e 1944. Em 1922, com a demonstração de força do fascismo de Benito Mussolini na marcha sobre Roma, o rei o incumbiu da formação do novo governo. Nos anos seguintes, Vitor Emanuel apoiou o regime fascista. Por conta da política expansionista de Mussolini, de 1936 a 1941 e de 1939 a 1943, torna-se também imperador da Abissínia (Etiópia) e rei da Albânia. Com a derrota da Itália na Segunda Grande Guerra participa com o Grande Conselho Fascista da destituição de Mussolini. Permanece no poder até o ano seguinte quando renuncia em favor de seu filho Humberto II que abdica em 1946. A Itália torna-se República, então.

na Rua Voluntários da Pátria. No discurso, nenhuma palavra sobre o integralismo, só a dissolução dos partidos políticos, dos clubes organizados, tudo. Plínio pegou o telefone ligou para o General Góis Monteiro. ‘General Góis, eu estou ouvindo aqui o presidente com muita apreensão porque não é isso o que nós tínhamos conversado. Não há uma referência ao integralismo’. Góis negou, e tal. ‘O senhor espera aí, Chefe que aquilo vai...’ E não deu em nada. Foi um golpe mesmo.”

A implantação do Estado Novo em 10 de novembro de 1937 sem a participação integralista abalou a cúpula da AIB. Segundo o que nos contou Mourão, já no dia seguinte, Salgado teria dado uma espécie de contra-golpe, dissolvendo oficialmente o integralismo. O jurista Alcebíades Delamare teria sido encarregado de escrever o recurso e incumbido de levá-lo a Francisco Campos. O entrevistado disse-nos que o convite a Plínio Salgado para Ministro da Educação foi reiterado, como antes do Estado Novo havia sido feito. Porém, o Chefe teria recusado e se colocado pela resistência à ditadura instalada.

Toda esta articulação anterior envolvendo Salgado e a cúpula do governo varguista é também relatada por Hélio Silva²⁷⁷. O jornalista-historiador conta que numa carta não publicada de Salgado a Vargas em 28/01/1938, o Chefe rememora os antecedentes da situação integralista antes e pós-golpe, demonstrando sua insatisfação com o desenrolar dos acontecimentos, a implantação do Estado Novo sem a participação integralista. Este episódio marca a memória da militância como demonstração da “traição de Vargas”.

Esta “traição” levaria à articulação da resistência integralista à Ditadura Vargas. Plínio Salgado teria sido procurado por Alceu Amoroso Lima neste momento, mas não teria havido fechamento de questão quanto às atitudes a tomar. A direção da agora extinta AIB procurava manter contatos com setores militares para organizarem um contra-golpe. Segundo Mourão, as conversações eram feitas, enquanto o médico integralista Belmiro Valverde, Secretário Nacional de Finanças de março de 1934 até a dissolução da AIB em 1937, mantinha numa chácara na Gávea²⁷⁸, bairro da Zona Sul da cidade por volta de trezentos homens. Valverde e seus homens teriam passado um mês lá concentrados. Seguindo as recordações de Mourão, poderia ser fevereiro de 1938 e teriam decidido, sem

²⁷⁷ SILVA, Hélio. *op. cit.*

²⁷⁸ Segundo Hélio Silva, a casa ficava na curva do S na Gávea, à época em que escreveu “1938 – Terrorismo em campo Verde”. O outro esconderijo seria a Avenida Niemeyer, 550.

o apoio efetivo dos militares para uma revolução, fazerem um protesto armado. Valverde teria dito na véspera da primeira tentativa, no dia 10 de março de 1938:

“Vamos levantar? Isso tudo na véspera. Vamos levantar amanhã? Não vamos fazer uma revolução porque não temos condições, mas vamos fazer um protesto de sangue, um protesto armado para que os meus netos não ouçam contar que houve um golpe no país, que um ditador revogou a Constituição com um discurso pelo rádio e que não houve uma briga de soco na galeria Cruzeiro por causa dessa violação. Então eu vou fazer essa briga de soco. E levantou, realmente.”

A montagem da tentativa de tomada do poder no dia 11 de março de 1938, teria repercutido em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul e teria tido apoio de Otávio Mangabeira, Flores da Cunha e Euclides Figueiredo. Como relatado anteriormente, a tentativa de levante de 11 de março provocou prisões, tanto de integralistas como de políticos de outras tendências que se opunham à Ditadura Vargas estabelecida em novembro do ano anterior. Os líderes integralistas Valverde, Barroso e Salgado mantiveram-se escondidos. Ao analisarmos pela produção documental, pode-se inferir que a casa a qual se refere Mourão na Gávea serviu de esconderijo a Valverde antes da tentativa de golpe de 11 de março, como consta na obra de Silva²⁷⁹. Para a preparação para o “levante” de 11 de maio, a casa utilizada seria a da Avenida Niemeyer.

Gerardo participou ativamente da tentativa do novo “levante” no “Grupo dos 11”²⁸⁰, encarregados de ações estratégicas. O entrevistado teria sido incumbido de tomar os Correio e Telégrafos e a Rádio Nacional. Sobre o levante de 11 de março, consta, segundo Victor²⁸¹, que houve a ocupação da Rádio Mayrink Veiga. Mourão recorda-se da tomada da Rádio Nacional em 11 de maio de 1938. Victor escreve que as rádios tomadas foram a Guanabara, a Vera Cruz e a do Jornal do Brasil. Nestas rádios foi lido o manifesto de Salgado dando conta da suposta deposição de Vargas e seu Ministério. Segundo o manifesto, uma junta militar, presidida pelo general Castro Júnior ocuparia a presidência²⁸². Talvez, traído pela memória, Mourão contou-nos a tomada da Rádio Nacional:

²⁷⁹ SILVA, *op. cit.*

²⁸⁰ Como disse Mourão, mais tarde, o ex-Governador Leonel Brizola fundou no Rio de Janeiro também um “Grupo dos 11” em 1964 para ser a base da resistência ao Golpe Militar.

²⁸¹ VICTOR, Rogério Lustosa. *op. cit.*

²⁸² *idem, ibidem*, p. 40.

“Meia-noite lá, só tinha um speaker transmitindo a Rádio Nacional que na época era o meio mais poderoso de comunicação. Quem comandava era (incompreensível) Jasbick, um estudante de medicina, turco, tinha um ‘revolvinho’ que disse assim: ‘Entrega o microfone!’. ‘Pelo amor de Deus, tenente, eu tenho mulher e filhos!’ Então ele disse: ‘Mourão, tu que é bom de bico, fica falando. Eu falei a noite toda, transmitindo as notícias que nós tínhamos maquinado lá: o Chefe está descendo na frente de vinte mil caboclos, descendo a serra de Petrópolis, vem tropa de Minas . Vem nada.’”

Mourão então relata a nova tentativa de tomada de poder com a ocupação dos jardins do Palácio Guanabara. Segundo ele, as missões fora do Palácio foram cumpridas, como a ocupação das residências de *“homens importantes que sustentavam o regime”* e as ações no Ministério da Marinha. No dia marcado para o *“levante”*, eram os fuzileiros navais que montavam guarda na residência oficial da família Vargas. Enquanto os revoltosos se movimentavam nos jardins do Palácio, esperava-se a Junta Militar que tomaria posse do governo destituindo o Presidente da República. A Junta Militar não compareceu. *“Ficaram lá a noite inteira certos que chegou a revolução que nas rádios ... estavam ouvindo as besteiras que nós estávamos transmitindo ...”*

Após a tentativa de golpe, foram presos os principais articuladores e muitas perseguições e prisões de integralistas aconteceram em todo o Brasil. Alguns, como o Chefe, seu genro Loureiro Júnior e Miguel Reale permaneceram foragidos. Salgado foi preso em 1939 na Fortaleza de Santa Cruz, de onde partiu para o exílio em Portugal, voltando somente em 1946. Na clandestinidade ou na prisão, muitos integralistas procuraram resistir ao Governo Vargas. Como conta Mourão, Dr. Belmiro Valverde continuou a articular a tentativa de por fim ao governo, e à própria vida do presidente Vargas:

“Preso continuou a conspirar lá dentro. Belmiro era uma figura ímpar. Sujeito, homem de integra (sic), caráter extraordinário. Não mentia nem para contar anedota. Ele preso ainda continuou a articular. Tentaram um atentado dia 19 de novembro. Getúlio ia falar num palanque na Praia do Russel, na cerimônia da queima das Bandeiras Nacionais, então o Belmiro conseguiu de lá de dentro da cadeia, reunir uma sobra de prestígio que ele tinha e disse: ‘Vamos partir agora pro atentado’. Encheu de bomba o palanque do presidente. Eles, meia hora antes, disse que chegou e fez uma revisão lá e aí descobriram as bombas todas. Eles ainda puseram num avião em que Getúlio ia para São Lourenço (...) Colocaram uma bomba no avião, descobriram também.”

O médico Belmiro Valverde foi condenado a 16 anos e meio e cumpriu sete anos da pena em Fernando de Noronha e na Ilha Grande. Para três de nossos depoentes, Maria Brito da Silva, Arcy Lopes Estrella e o próprio Mourão, Valverde, representou um herói do integralismo. Para a cúpula, passou a ser responsabilizado pela derrota do *putsch*, acusado de premeditação e de ter assumido a direção do movimento sem a autorização do Chefe Nacional.

Mourão conta a sua saga após o “levante”. Foi preso por duas semanas e, após a sua saída teria tido dificuldades em arranjar emprego. Com a Segunda Guerra, “fato maior”, seus interesses se voltaram para este acontecimento. Interpreta a entrada do Brasil na Guerra do lado dos aliados uma contradição do Governo Vargas que, a princípio demonstrava admiração pelos regimes fascistas e que, segundo ele, “só faltava dizer Hitler e Mussolini”.

Durante a Guerra, professor do Colégio São Bento, mantido pelo Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro, casado com uma filha, Mourão foi preso, acusado de mandar torpedear um navios brasileiros, como espião nazista. Segundo ele, por escrever para um jornal germanófilo. Teria também participado de uma manifestação contra a entrada do Brasil na Guerra contra o Eixo na Conferência Pan-americana que se reunira no Rio de Janeiro.

Com a declaração de Guerra, ainda sob estado de sítio, o governo prendeu vários manifestantes, muitos integralistas, e condenou Mourão e o capitão do Exército Túlio Régis do Nascimento à morte. Segundo Mourão a condenação ocorreu “por decreto”, como presos de guerra, numa ação que considerou injusta e mesmo ilegal do presidente Vargas que, ao impor a pena, retroagira a data para punir os prisioneiros, acusados de colaborarem com a Alemanha, inclusive Mourão. Considerado Na prisão, como contou à TV Câmara, recebeu a visita do romancista Albert Camus, a quem traduziu, que lhe teria dito para sair da política, dizendo-lhe: *"saia deste negócio de política. Os poetas, os artistas não têm que fazer a história. Têm apenas que sofrer a história. Esses supostos poetas e escritores engajados em defesas partidárias ou ideológicas, não escrevem poesia nem romance. Não são poetas nem romancistas. São funcionários de partidos, e o que apresentam como poesia ou como romance é apenas uma impostura. São autores de*

*panfletos, em prosa ou verso, mas apenas panfletos. E panfletos ruins.*²⁸³. A libertação se deu porque uma brecha na própria lei, declarava que não poderia haver punição para aqueles que foram presos antes da declaração de Guerra, o que ocorrera a Mourão.

Depois da Guerra, ainda no governo José Linhares (30 de outubro de 1945 a 31 de janeiro de 1946) foi extinto o Tribunal de Justiça. Com a “democratização” do Governo Dutra, o decreto é revogado e ele é libertado. Mourão se filia, então, ao nascente Partido de Representação Popular, mas coliga-se com Partido Trabalhista Brasileiro, com a permissão do Chefe. A sua ligação com o PTB deveu-se a ligação de seu sogro, Barros de Carvalho, membro da Executiva deste partido. Nos dois mandatos seguidos que cumpriu, após a democratização, Mourão exerceu mandato Deputado Federal pelo PRP e, posteriormente pelo PTB, para onde levou San Tiago Dantas, através de seu sogro.

Durante a ditadura militar, foi cassado pelo Ato Institucional nº. 5. Mas antes mesmo da cassação, procurado pela polícia, para ser preso, e, segundo ele, assassinado, a mando de pessoas do Exército. Mourão conseguiu fugir e partir para o exílio no Chile. Ao retornar ao Brasil, ainda durante o governo militar, Mourão volta a dedicar-se ao jornalismo e à literatura. Como disse a Souza Leão, não parece se arrepende de nada que fez em sua longa vida, mesmo dos pecados que foi autorizado a cometer:

“A única coisa que pesa sobre meus ombros são meus longos anos de vida. Não permito que ninguém mude uma vírgula na história de meu passado. Minha história pessoal é um patrimônio de que me orgulho. A história de meu passado é uma história de honra pessoal, política, moral e cultural, cuja memória é o melhor conforto de minha vida. Nunca fui escravo ou servidor de ideologias, de quaisquer ideologias. A ideologia é a impostura com que os tolos esterilizam seu pensamento, sua inteligência e sua honra. Quem se rege por uma ideologia, não tem idéias. A ideologia é a depravação maior do pensamento e da inteligência, dos indigentes mentais ou dos impostores que têm uma idéia única. A idéia única seca a fonte das idéias.

Gerardo Mello Mourão resgata ainda de suas memórias o sentido que dá à sua luta pela coerência de suas idéias na política e na arte, que mantém ainda hoje:

Por ter idéias e por abominar as ideologias, ainda este mês fui homenageado num dos mais importantes centros universitários do país,

²⁸³ Episódio contado nas entrevistas para a TV Câmara e para Souza Leão.

*onde minha limpa verticalidade foi destacada sobretudo pelas prisões que sofri nas duas ditaduras impostas a este país - a do Estado Novo de Getúlio Vargas e a do governo militarista. Preso, exilado e cassado em meu mandato de deputado federal por esta última, na primeira delas fui condenado por decreto, isto mesmo, por decreto, já que não havia qualquer lei que eu tivesse infringido, e sem jamais comparecer à presença de um juiz, sem ter sequer um processo formalizado. Condenado por decreto, juntamente com uma centena de outros brasileiros, é um caso único na história do direito ocidental. Nunca fui condenado por uma lei ou por um Tribunal ordinário. Vivi a fecunda experiência de seis anos de cárcere, num campo de concentração da ditadura em Dois Rios, onde pude escrever meu romance *O Valete de Espadas* e as dez elegias de *Cabo das Tormentas*, além de um diário que se publicará depois de minha morte. Só não fiquei preso mais tempo, porque a ditadura foi derrubada e minha prisão foi revogada por unanimidade pelo Supremo Tribunal Federal, bem como a das outras cento e tantas vítimas. Algumas insignificantes e desinformadas patrulhas ideológicas se serviram desta monstruosa infâmia da ditadura, não sei se por inveja, por torpe ressentimento, ou por burrice mesmo, para tentar silenciar minha obra. Não o conseguiram. Não odeio esse tipo de gente. Desprezo olímpicamente. Desprezo e ignoro. E acho que esses pobres diabos carregam nos ombros - eles sim - o peso incômodo da inveja e do ressentimento.*²⁸⁴

Ao falar do integralismo para o LABHOI disse:

“O integralismo me deu uma consciência da posição política que um homem cristão é chamado a ter na sua sociedade. Ao mesmo tempo aquele negócio de juro e a honra, o sentido da honra, a fidelidade aos compromissos. Podem me acusar de mil coisas, mas menos uma que é não ter caráter, eu tenho caráter. (...) Não repudio. (...) Não sou mais integralista porque o integralismo acabou (...) Foi importante na minha vida.”

²⁸⁴ Depoimento a Souza Leão, referência citada acima.

3º. Capítulo

Uma intercessão na construção da memória na presença e na ausência da AIB nos projetos do PRP e nas expectativas e vigilâncias quanto a um novo integralismo – onde convergem e onde se nos distanciam mesmos sujeitos

Durante o período de vigência do partido de Representação Popular, a juventude integralista foi organizada pelo próprio Plínio Salgado. O antigo Chefe Nacional tomou sob sua direção o que considerava um investimento no futuro da doutrina que esboçara na década de 1930. Considerou a juventude semelhante à águia. Em sua concepção, como o invocado em seu poema “O Primeiro Vôo”, a águia, temerosa da sorte dos filhos em seus primeiros vôos ainda os atira ao precipício para que eles conquistem o céu. E esta seria a lição que Salgado queria dar á juventude dos Centros Culturais da Juventude. Dois de nossos entrevistados participaram dos Centros Culturais. O primeiro deles, Gumercindo Rocha Dórea assumiu a presidência da Confederação da Juventude, o outro, José Baptista de Carvalho foi um águia-branca que freqüentou a intimidade do Chefe. Os dois consideram a juventude como a escolhida para levar adiante a idéia integralista. Não consideraram o PRP capaz de manter o ideal de salgado porque os compromissos eleitorais dos perrepistas os afastavam do idealismo contido na doutrina.

Os dois últimos entrevistados participaram somente do PRP. O primeiro deles, Pedro Baptista de Carvalho, que se considera integralista desde 1936, considera a doutrina integralista como parâmetro para sua vida. Hoje, mais que antes, ao dirigir a Casa de Plínio Salgado, Pedro pode se considerar mais integralista, pois detentor do entendimento dos ideais e, por isso, propagador do sonho do Estado Integral.

Fechando o período perrepista temos o Dr. Anésio Lara Campos Júnior, que aderiu ao Partido de Representação Popular mantendo estrito contato com sua direção. Em sua vida pública, colocando-se como defensor das tradições católicas, vê o integralismo sob o enfoque da religião, como meio moral de se organizar a vida social. Sua trajetória se torna polêmica devido a suas posições próximas do nacional-socialismo e pela sua negação pública e vastamente divulgada na imprensa, do holocausto.

Os quatro integralistas apresentados assim se consideram e dizem levar no coração a camisa verde. Anésio, no entanto, é o único a vesti-la nos encontros da atualidade.

a) Gumercindo Rocha Dórea – o editor quixotesco

Gumercindo Rocha Dórea é o autor da epígrafe do início do capítulo. A frase demonstra a sua preocupação com a construção de uma versão da história integralista que, para ele, nunca foi verdadeiramente contada. A sua convicção de que as interpretações sobre o movimento são distorcidas pelos historiadores em geral, alimenta a sua luta pela construção de uma memória integralista que represente a verdadeira história, a que quer preservar. Dele ouvi em Rio Claro, em 2002, a frase que me marcou, mas que só a minha memória e de alguns presentes podem atestar: “Se eu perceber que o integralismo é fascista, eu nego 70 anos de minha história” Ou seja, no seu entender, a denominação de fascismo seria algo pernicioso e errôneo para a definição do integralismo. E, a constatação deste fato por ele, significaria anular a maior parte de sua vida. Assim, Gumercindo defende suas convicções como algo que não pode ser perdido ou deturpado por aqueles que, segundo ele, não teriam a sensibilidade de entender. Admite a análise a partir de pontos de vista ideológicos mas não aceita que estes pontos de vista construam uma análise destruidora das idéias que desde a infância acreditou. Para o depoente, não há uma desonestidade ideológica quando se ataca o integralismo por ser marxista. Mas, para ele, existe uma grande desonestidade intelectual daqueles que não têm coragem de ir ao estudo a fundo do integralismo.

Ao mesmo tempo em que quer demonstrar as especificidades das características do movimento diante do fascismo, Gumercindo procura construir a proximidade e aceitação da doutrina pelos não integralistas, acima de tudo, em sua defesa. Daí sua luta quixotesca, a de buscar seu sonho e crer nele. É o solitário cavaleiro, cujo Sancho é sua editora, seu apoio material e telúrico. Dispõe-se a resguardar a ideologia na qual acredita piamente, enfrentando a proximidade de um outro mundo, o das batalhas com as outras ideologias ou visões de mundo que cercam seu cotidiano, seja familiar ou no trabalho como editor.

Até esta entrevista, Gumercindo mantinha-se cético sobre a possibilidade de compreensão do integralismo por parte daqueles que dele não fizeram ou não fazem parte do

movimento. Para ele, a falta de profundidade e desinteresse em compreender alguns conceitos ou situações, leva o analista menos preocupado com a correção dos fatos à avaliações não corretas. Segundo nos disse: *“Há uma barreira de cimento armado da intelectualidade brasileira nom tocante a isso que não vais se quebrar.”*

A entrevista com Gumercindo ocorreu em sua casa, no bairro de Aclimação na capital paulista no dia 9 de fevereiro de 2005. O depoimento foi recolhido pelo LABHOI, com a colaboração do pesquisador Renato Dotta, do Centro de Documentação sobre o Integralismo, ligado à Casa de Plínio Salgado. Dotta também é coordenador do Grupo de Estudos sobre o Integralismo (GEINT). Na época, sua esposa Augusta Rocha Dórea, escritora, estava enferma e Gumercindo cuidava dela. Augusta também participou ativamente do movimento como “águia branca” e foi uma constante e fiel companheira de Gumercindo no integralismo. Algum tempo depois, a esposa do depoente veio a falecer.

Gumercindo é editor das Edições GRD, iniciais de Gumercindo Rocha Dórea, fundada em 1956 e que publica livros de filosofia em geral, mas se dedica, principalmente em re-publicar obras do e sobre o integralismo e Plínio Salgado. Rocha Dórea funda sua primeira editora, as. O primeiro livro que lançou foi de Herbert Parentes Fortes, seu ex-professor integralista. Sua editora foi a primeira a lançar obras de ficção científica no Brasil.

O depoente nos disse que nasceu em Ilhéus, Bahia, em 4 de agosto de 1924. Seu pai, Alcino da Costa Dórea começou a vida como comerciante, passou a produtor de cacau, tornando-se um dos principais cacauístas da Bahia. Perdendo a fazenda de cacau, passou à produção de açúcar e tornou-se um importante usineiro. Também seria obrigado a se desfazer da usina, tornando-se, até o final da vida, proprietário de uma pedreira.

Em 1933, aos 8 anos, passa a fazer parte da Ação Integralista Brasileira como pliniano, por sua própria iniciativa, não sendo o pai ou mãe, ou parente próximo, integralista. Disse-nos que o pai, maçom, respeitou sua escolha, como contou: *“nunca interferiu, nunca disse uma palavra contra, me respeitava, a mim, uma criança de 8 anos. Mamãe também nunca disse nada contra. Aí, até que se compreendia, mamãe era muito religiosa e ‘Deus, Pátria e Família’ correspondia, portanto a formação espiritual dela.”* Assim nos relatou sua entrada no integralismo:

“Normalmente numa cidade pequena, os garotos, as crianças, gostam de assistir os desfiles, desfile do tiro. E eu assistia o desfile da

Ação Integralista Brasileira lá em Ilhéus. E certamente aquilo me emocionou, me deu entusiasmo eu acabei ingressando na AIB, juntamente com outros garotos da mesma idade. Assistíamos aula de História do Brasil, tínhamos uma formação assim, bem de interesse para com as coisas de nossa pátria. Ah! Me recorro de casos interessantes como numa vez no cinema, assistindo um filme de um daqueles cowboys dos John Waynes da época, o Ken Maynard, Buck Jones, Tom Mix, não me recorro qual. Chegou um deles e disse: ‘vamos embora turma porque é hora de história do Brasil na sede. E nós deixávamos o cinema para ir para a sede da AIB onde assistíamos aula de História do Brasil e certamente de doutrinação e aqueles ensinamentos todos que o integralismo fazia. Me lembro bem que hoje não sei se sou capaz de desenhar o mapa do Brasil, mas naquela época, todo o garoto da Ação Integralista, brincando, desenhava o mapa do Brasil.’”

Lembra-se com emoção que sua mãe guardou seu uniforme durante muito tempo, até a época da Segunda Guerra Mundial. Por conta da necessidade de educar os filhos, em 1934, a família muda-se para Salvador, capital baiana, e Gumercindo perde o contato com a AIB. Ao cursar o ginásio na capital do Estado torna-se aluno de Herbert Parentes Fortes que fora integralista e segundo ele, era uma das pessoas mais admiráveis que conheceu. Esta aproximação o teria feito retomar as idéias e interesses da infância.. Deste professor, publicou o primeiro livro de sua editora, *Filosofia da Linguagem*. Gumercindo contou-nos que, pelas disputas intelectuais e, principalmente por suas posições políticas em Salvador, Fortes “foi expulso da Bahia pelas hostes comunistas de Mario Alves, Jacob Gorender e os outros lá. E que a Bahia covardemente assentiu, concordou, ele chegou ao Rio de Janeiro, refez sua vida, escrevia para *A Manhã*²⁸⁵, para o *Jornal do Comércio*, *Vanguarda*, se me recorro...” Esta “expulsão” de Fortes provavelmente terá sido por volta de 1942. Como rememora o depoente, após o “levante” integralista de maio de 1938, as perseguições a integralistas se intensificaram: “*O assalto ao Palácio Guanabara foi em 38. Foi fechado o integralismo. Aí começou a perseguição a ele, não só a ele, começou a grande perseguição aos integralistas. A ‘Noite de São Bartolomeu’ se instalou no Brasil nessa época. E, os comunistas tinham muita força na Bahia, sempre tiveram...*”

Gumercindo segue para o Rio de Janeiro em 1944, para continuar seus estudos. Escolhe o curso de Direito na Faculdade Católica, da atual Pontifícia Universidade

²⁸⁵ *A Manhã*, segundo Rocha Dórea, era dirigido por Cassiano Ricardo, companheiro de Salgado no grupo modernista Verde-amarelo.

Católica. Na faculdade foi aluno de famosos intelectuais integralistas, como San Tiago Dantas, Antônio Gallotti, Thiers Martins Moreira. Tornou-se advogado em 1948. Porém conta que em seu primeiro caso, desistiu de advogar. Enquanto era estudante, participava de uma Congregação Mariana ao lado da faculdade, onde passou a residir.

Gumercindo não se recorda exatamente da data de filiação ao Partido de Representação Popular. Lembra-se que foi entre 1945 e 1946. Provavelmente, em 1946, quando Salgado retorna do exílio. Quando da época de sua formatura, estava se preparando para viajar para a Itália com o Reitor da faculdade, o Padre Leonel Franca, recebeu um convite do Chefe: *“Se você for para a Itália eu vou ficar desfalcado da pessoa que vai ocupar a direção d’A Marcha e dos Centros Culturais da Juventude. Eu não fui pra Itália. Fiquei para assumir essas duas responsabilidades. Mas a história minha com o Plínio é interessante porque decorreu de artigo que eu fiz sobre um livro de Augusto Frederico Schmidt: ‘A descrença contraditória do Galo Branco’.”* Desde então, passa a frequentar a casa de Salgado, tornando-se seu amigo e secretário. Em 1952, ajuda a organizar a Confederação dos Centros Culturais da Juventude, de onde surgiria o Movimento Águia Branca, sendo eleito seu primeiro presidente nacional. *A Marcha* foi fundada em fevereiro de 1953, no Rio de Janeiro, e Gumercindo foi seu primeiro diretor até 1955. *A Marcha*, segundo o entrevistado, não tinha repórteres, mas articulistas que publicavam periodicamente. Era um jornal lido, basicamente por integralistas, adquirido por assinantes de todo o Brasil. Na época das eleições presidenciais de 1955, passa o cargo de diretor para um jornalista político. O próprio Gumercindo, Salgado e a cúpula do PRP entenderam que seria necessário colocar na direção um jornalista político, o que não era a especialidade do depoente.

Anteriormente havia trabalhado como jornalista, ainda na Bahia, no *Diário da Tarde*, de Ilhéus, e em *A Tarde*, em Salvador. No Rio de Janeiro, de fins de 1940 até início dos anos 1950, foi redator do jornal “Folha Carioca”. Na imprensa integralista escreveu para o semanário *Idade Nova*, dirigido por Raimundo Padilha. Nestes jornais, escrevia artigos políticos e, sobretudo culturais e de crítica literária.

De sua relação com a intelectualidade da capital da República, conta que se relacionava com alguns membros da “Elite de Itatiaia”, grupo que se tornaria o ISEB²⁸⁶ posteriormente e que entre eles havia integralistas, 80 %, segundo calculou, como Roland Corbisier, Ângelo Simões de Arruda e Alberto Guerreiro Ramos, que foi seu amigo particular. Publicou sobre o tema o artigo *A Elite de Itatiaia e o Integralismo*. Sobre sua relação com Guerreiro Ramos, Gumercindo conta que publicou dois artigos na revista *Ébano*, porém, ao levar para publicação um artigo que falava da relação de Ramos com o integralismo, esse foi negado. Não aceitaram relacionar o intelectual negro ao integralismo. Segundo o editor, Guerreiro Ramos²⁸⁷ era um ferrenho crítico do comunismo: “*Nos artigos do Jornal do Brasil, então, que eu tenho diversos, é de uma virulência! ‘O ópio do século é o marxismo!’ E isto para os racistas negros e para os comunistas é um negócio terrível!*”

Ainda outro intelectual e ativista negro que teria feito parte do integralismo, foi Abdias do Nascimento. Conta Gumercindo que Abdias o acusou, em um livro, de racista e que teria deixado o integralismo por sua causa: “na hora que conheceu o maior racista brasileiro, Gumercindo Dórea de toda história”. O entrevistado explica:

“No apartamento do Gerardo [Mourão], de certa feita (...) Eu virei pra ele e disse: Abdias, dá licença, vamos esclarecer uma coisinha? Não vamos brigar aqui na casa do Gerardo... Por que você diz que deixou de ser integralista quando conheceu o maior racista brasileiro? ‘É, você inclusive perseguia meus artigos n’A Offensiva.’ Eu disse: Como é que é? N’A Offensiva? ‘É!’ Abdias, o integralismo foi fundado em 32, eu nasci em 24. Quando o integralismo nasceu eu tinha 8 anos. Saí de Ilhéus com 10 anos, já era integralista, tinha minha camisinha verde. Você já pertencia ao Secretariado de São Paulo. Que idade você tem, Abdias? Ele ficou assim... Naquela época ele estava com oitenta e tantos e eu com setenta e pouco. ‘Então foi alguma confusão.’ Então desfaça a sua confusão.”

Durante o período em que participou do PRP, além de editor d’ *A Marcha* foi Secretário Estadual dos Estudantes (Distrito Federal – Rio de Janeiro à época). Não se

²⁸⁶ O ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros foi criado por Café Filho em 1955. Passou a desenvolver suas atividades efetivamente no Governo Juscelino Kubitschek. O ISEB foi um importante centro formulador de um projeto desenvolvimentista para o Brasil.

²⁸⁷ Em 1963, Guerreiro Ramos torna-se Deputado Federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro, pelo Estado da Guanabara na vaga de Leonel Brizola, de quem era suplente e que se elegera Governador do Estado do Rio Grande do Sul. Foi cassado durante a ditadura militar em 13 de abril de 1964. Guerreiro Ramos volta, então, a lecionar Sociologia.

recordou se exercera o cargo de presidente da Secretaria Nacional de Arregimentação Estudantil. Esta Secretaria ficava incumbida de “arregimentar os estudantes filiados ao PRP, estimulando entre eles o gosto pela pesquisa dos fatos sociais e dos fenômenos econômicos e políticos brasileiros, de sorte a formar-lhes elevado espírito público”.²⁸⁸ O I Congresso de Estudantes Populistas aconteceu em Campinas, em 1948²⁸⁹. Até então, havia somente grêmios. Segundo Gumerindo “*O Congresso nosso de Campinas, com oitocentos e tantos estudantes do Brasil todo, tudo integralista. Tem opinião de presidente da ABI*²⁹⁰, *que era Herbert Moses, Ulisses Guimarães elogiando e outros... Presidente da Assembléia daqui, deputados elogiando o Congresso e o grupo dos socialistas e comunistas indo para a imprensa protestando: ‘que aqueles integralistas não respeitavam os estudantes brasileiros isso e aquilo.’ Era de uma riqueza, o movimento nosso, meu Deus do Céu, não dá!*”

Em 1952, foi fundada a Confederação dos Centros Culturais da Juventude:

“Reuniram-se os grupos, os grêmios, os centros culturais de todo o Brasil, eram 18 ou 19, não chegava a 20. Criou-se a Confederação dos Centros Culturais. Eu me lembro muito bem, eu vinha chegando de uma reunião, vinha um rapaz saindo, eu perguntei: Já foi feita a eleição? Quem foi eleito? ‘Foi um tal de Gumerindo Rocha Dórea.’ Eu: ‘Ah! Obrigado!’ e fui embora. Lá em cima depois eu tomei posse. O General Golbery, quando eu disse a ele, General, na época da Revolução de 64: ‘Nessa mão aqui eu tinha o controle de cerca de 564 Centros Culturais’ Ele deu um pulo da cadeira e disse: ‘Como? E cadê tudo isso?’ ‘Não houve dinheiro para conservar, para alimentar tudo isso, porque tudo isso, o senhor sabe, que é alimentado, não é?’ O idealismo vem na frente, mas sem um suporte, o idealismo afunda. Quantas vezes eu saí com Plínio Salgado, visitando esses ‘gobronéis’ milionários aí para pedir a esmola que o Plínio pedia. Eu dizia: ‘Mas, Chefe, o senhor não sente, assim, nenhum constrangimento?’ ‘Não, não tenho vergonha nenhuma disso. Não estou pedindo para mim! Estou pedindo para um movimento de juventude e que você mesmo sabe qual é o efeito disso...’ ‘Não, por mim não tem problema.’ Mas o riso irônico do pessoal: ‘Ô, Dr. Plínio, como é que vai? Ah, o senhor vai bem, o trabalho com a juventude, um trabalho interessante, não é? E aí, chamavam a secretária, mandavam fazer um

²⁸⁸ Secretaria Nacional de Arregimentação de Estudantes: Organização (Fonte: Centro de Documentação AIB-PRP) apud CALIL, G. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa*, vol. 1. Niterói, Tese de Doutorado, 2005, p. 307.

²⁸⁹ Segundo Calil, que utilizou dados do periódico *Idade Nova* (8/7/1948) o Congresso reunira mais de 700 estudantes.

²⁹⁰ ABI – Associação Brasileira de Imprensa.

chequezinho e tal... Olha, o Plínio não era brincadeira não, mas fez o seu papel, cumpriu o seu papel.”

Os jovens da Confederação eram chamados de “águias brancas” . Segundo Gumercindo, o nome foi dado por Plínio Salgado que escolhera a águia, ave que, embora não nativa do Brasil, teria certa semelhança com um típico gavião brasileiro: *“O Brasil não tem águia. O maior que tem no Brasil (...) mas tem uma parte branca, uma coisa assim. E pegou isso, os águias-brancas, de galinhas-verdes para águias-brancas.”* Segundo Gumercindo, a relação do Partido de Representação Popular e Confederação era muito conflituosa, principalmente durante a campanha eleitoral de 1955, quando Plínio Salgado lançara a sua candidatura a presidente da República pelo PRP em 21 de março desse ano, em meio a grande discussão nacional sobre a viabilidade de sua candidatura Em sua tese :

“O pessoal do Partido, eu tive ‘pegas’ homéricos com o Partido. (...) Tinha gente que odiava a Confederação (...) porque diziam que estávamos desviando o objetivo político-eleitoral do PRP. Tem isso em entrevista e tudo... (...) mas não queriam saber. Botavam apelidos estranhos nos Centro Culturais. Quando chegou a época da eleição, a grande força, entretanto, foram os jovens. Foi a Confederação e foram os Centros Culturais que correram esse Brasil. Porque os donos do Partido tinham suas vidas montadas de alguma forma, quando faziam campanha, faziam campanha para si, nos seus Estados, nas suas cidades. Nós não, nós fazíamos por Plínio e pelo integralismo.”

Gumercindo nos contou que durante a campanha presidencial, na qual os águias-brancas se envolveram mais na campanha presidencial, as estratégias de fazer chegar as idéias de Salgado eram praticamente as que eram utilizadas na década de 1930, durante a campanha eleitoral que fora abortada pelo Estado Novo. Faziam comícios pelo interior do Brasil, com poucos recursos, nem sempre contando com transporte próprio o que tornava a campanha eleitoral uma aventura. Da mesma forma que nos anos 1930, essas investidas pela divulgação do ideal partidário integralista eram chamadas de “bandeiras”. Pelo menos para os águias-brancas, mas não para o todo o PRP, o ideal integralista precisava ser levado além dos limites do eleitorado ao qual se desejava conquistar. Para os águias-brancas seria um projeto de intervenção na própria concepção do que representa a nação, como algo que não se reparte.

Segundo o depoente, a presença do grupo integralista das cidades visitadas nos comícios era completa e mesmo a população local gostava da presença física do candidato e comparecia aos comícios. “Não havia televisão na época, era o orador que dominava a coisa, o orador que domina as turmas (...) havia o rádio, mas a presença física, hoje ainda se usa, não é? Quanto mais naquele tempo. Mas a aceitação era boa. Esse arquivo, por exemplo, da campanha presidencial, de multidões ouvindo Plínio Salgado, se perdeu todo.” Não havia grandes problemas ou reações anti-Plínio, o que significava anti-integralismo, para Gumerindo. Somente no Ceará teria havido um conflito: “*A não ser lugares, como no Ceará, por exemplo, o principal comício de Plínio foi à custa de bala cruzando de um lado para outro. A polícia com comunistas.*”

Todo esforço dos águias-brancas renderam a Salgado 8,3% dos votos válidos, com 714.379 votantes. Segundo Calil, foi a maior votação obtida pelos integralistas em um processo eleitoral.²⁹¹ A União Democrática Nacional (UDN), principal opositora do PRP durante a campanha, viu perder a oportunidade de vencer devido a entrada e permanência dealgado na disputa eleitoral. Não fosse a candidatura de Salgado, provavelmente o candidato da UDN, Juarez Távora tivesse vencido pois a diferença foi de apenas 466.949 votos, como aponta Calil. E nesta construção de uma memória sempre honrosa para o integralismo, a decepção precisava se reverter em vitória. Como percebe o mesmo historiador, Salgado demonstra a confiança na possibilidade de que, numa futura oportunidade, conseguiria ser eleito: “*está plenamente provado de que, com mais quatro anos de doutrinação, de trabalho sistemático, conquistaremos o triunfo.*”²⁹²

Eleição ganha por Juscelino Kubitschek, o PRP recebeu do Presidente da República o Instituto Nacional de Imigração e Colonização. Conta Gumerindo que o presidente eleito era muito amigo do antigo Chefe, como constantes correspondências trocadas. Citou como sua fonte a filha de Salgado, Maria Amélia, que conta esse fato na biografia que escreveu sobre o pai²⁹³ e que o próprio Gumerindo editou.

²⁹¹ CALIL, *op. cit.*, p. 498.

²⁹² *Circular de Salgado*, s/d (Arquivo Público e Histórico de Rio Claro – Fundo Plínio Salgado 014.006.018) *apud* Calil, *op. cit.*, p. 498.

²⁹³ Conf. LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. Plínio Salgado, meu pai. São Paulo: GRD, 2001. A carta de JK a Dona Carmela, viúva de Plínio na ocasião de sua morte encontra-se no site da Frente Integralista Brasileira, do dia 15/01/2006. Nesta carta, JK lamenta a morte de Salgado dizendo: "O Brasil perde com a morte de Plínio Salgado um de seus nomes mais ilustres, aquele que representa na vida do país uma página admiravelmente gloriosa."

Quanto à composição de classe da população que apoiava Salgado nos comícios ou acompanhando a campanha presidencial, Gumercindo considera que:

“O Plínio exercia um fascínio extraordinário. Além da fama dele, do tempo da perseguição, do tempo antigo do integralismo. O pessoal ia, se fazia aquela propaganda, Plínio Salgado na cidade, vai falar. Nos comícios dele, era o povão mesmo que ia, era povão! Eu tenho fotografias. (...) Você olha, você vê pelas fotografias, pela fisionomia, você vê que era gente do povo, mesmo. Gente do povo. Ele era ouvido, assim... ele deixava... Ele eletrizava a platéia. Incansavelmente. O homem tinha um poder, nesse ponto, só Fidel Castro ganha dele para falar seis horas. Nunca vi o Plínio falar seis, horas, mas quatro eu vi diversas vezes. Quatro eu vi diversas vezes, três, quatro horas eu vi diversas vezes. Me recordo do encerramento do Congresso de Campinas, o prefeito era contra, mas quando ele viu a repercussão do Congresso, o encerramento do Congresso que eram centenas de estudantes, ele foi. Na hora que o Plínio assomou à tribuna, o prefeito lá sentado, olhava para um lado, olhava para o outro, mexia assim. Aí, o Plínio começava falar, com aquele ritmo de interiorano mesmo...mas não mudava, era um homem do interior fazendo um discurso excepcional. Mas ele ia mudando aos poucos, até chegar ao ponto máximo. Quando Plínio botava a mão na cintura e começava a fazer assim [mexendo os braços], ele se transfigurava. Quando ele acabou, o prefeito estava assentindo também [Gumercindo o imita batendo palmas].”

Gumercindo conta que nas campanhas e na organização do movimento, seu trabalho era “formiga”. Na época de comemoração dos 25 anos do Integralismo, em 1957, Recorda que foram distribuídas lembranças, como pratos, xícaras e outros utensílios nos quais estavam gravados o sigma. Muitos destes objetos estão expostos, ou guardados no Arquivo Público Municipal de Rio Claro, como frisou Gumercindo. Para ele, foi um momento “*não só de recordação, como de afirmação da presença integralista*”, como falou. Embora tivesse havido repercussão contrária ao evento na imprensa, considerou o acontecimento extraordinário e espera estar vivo em 7 de outubro de 2007 para comemorar os 75 anos do integralismo.

Romancista, sociólogo, pensador, parlamentar, homem de ação política, dele partiu a primeira voz que, de costas voltadas para o mar, anteviu a necessidade da integração nacional, indicando às gerações moças as veredas dos Bandeirantes, rumando para o Oeste.” A carta também está reproduzida no livro: Plínio Salgado: “In Memoriam” (volume I – autores brasileiros) – São Paulo: Voz do Oeste: Casa de Plínio Salgado, 1985, pág. 225).

Segundo Rodrigo Christofoletti, os anos de 1957 e 1958 demarcaram um período de celebrações no movimento integralista. Nestes anos se comemoraram os 25 anos da publicação do Manifesto de Outubro, e da primeira marcha integralista, ambos marcos fundadores do movimento integralista. Para o autor, mesmo tendo passado a se organizar sob a sigla do PRP e terem deixado de lado seus pontos mais radicais, os integralistas populistas, como eram chamados os políticos do PRP, não obtiveram êxito em sua tentativa de angariar adeptos para suas fileiras. Muitos viam o partido como um retrocesso.

Gumercindo se lembra, com pesar, que numa das cerimônias da comemoração do Jubileu de Prata do integralismo, em que o filho de Pimenta de Castro, um “águia-branca”, cujo nome era Plínio, teria recebido uma tocha do pai. Este ato ritual na festa de aniversário deveria representar a passagem da idéia integralista de uma geração a outra. Porém, segundo conta: “*Depois, o Roland Corbisier pegou esse menino. (...) Pegou o Plínio, e ele passou para o marxismo. Eu fico pensando: meu Deus, meu Deus, como acontece um negócio deste? Como acontece um negócio deste?*”²⁹⁴

Quanto à necessidade de se comemorar a data de aniversário de 25 anos do integralismo, ou de produzir qualquer outro tipo de comemoração, esta ocorre da necessidade de manter viva a permanência do integralismo que, como movimento de massa, não teria mais a importância que teve na década de 1930. Como coloca Calil: “O ano de 1957 foi todo marcado por eventos evocativos do passado integralista, em especial a partir do mês de maio, com destaque para as comemorações do Jubileu de Prata do Integralismo.”²⁹⁵

Ainda que o PRP tenha apoiado a eleição de João Goulart, durante seu governo, Gumercindo assume a postura contrária às ações presidenciais e apóia os atos da oposição conservadora que organiza a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”

A primeira mobilização neste sentido ocorrera em 19 de março, em São Paulo e fora organizada por grupos conservadores com influência da Igreja Católica. O objetivo da Marcha era mostrar a força do conservadorismo frente às reformas do governo João Goulart. Conta: “*Desta marchas eu acompanhei a do Rio de Janeiro, eu e Augusta (...) Eu*

²⁹⁴ Roland Cavalcanti de Albuquerque Corbisier, filósofo e escritor foi importante quadro do integralismo nos anos 1930. Mais tarde, ligou-se ao trabalhismo. Adotando a filosofia marxista, filia-se na década de 1990. Passa a colaborar para jornais *Opinião* e *Movimento*, de oposição ao governo militar. Já com mais de 80 anos, na década de 1990, filia-se ao PCdoB.

²⁹⁵ CALIL. *op. cit.*, p. 506.

saí num grupo de quatro (...) gente desconhecida. Eu tinha uma relação muito íntima com o General Golbery (...) e tive uma atuação... recebi uma rosa da Marinha. Eu e os outros companheiros (...) Todos os quatro desconhecidos, circulamos pelo Rio de Janeiro.”

Conta que, quando o presidente João Goulart deixou Brasil para o exílio, estava com Adonias Filho²⁹⁶, também integralista e que, segundo Gumercindo, uma dos grandes líderes intelectuais do golpe de 1964. Os dois teriam chegado a Copacabana e lá se comemorava o golpe como se fosse carnaval. O entrevistado teria dito: *“O Brasil é isso! Um negócio desse termina em carnaval. E terminou mesmo em carnaval.”*

Segundo Gumercindo, à época da implantação da ditadura militar, ele achava que havia uma certa estruturação dos comunistas no Brasil, tanto no norte, como no Sul, com Brizola. Ainda que não chegassem, em termos de organização, à estrutura do Movimento dos Sem Terra. Para ele o Regime Militar teria sido uma grande oportunidade, mas que *“infelizmente não souberam fazer”*.

Com o fechamento do PRP, em 1965, para Gumercindo, rompeu-se o elo entre os integralistas. Mas acredita que a ação de Salgado e suas propostas acerca da Reforma Agrária eram inovadoras. Muitas das boas propostas integralistas, desde a década de 1930 teriam sido apropriadas por outros governos que teriam assumidos como suas, entre elas a Legião Brasileira de Assistência e os vários Institutos, do DASP, o Departamento Administrativo do Serviço Público da época do Estado Novo.

Durante a ditadura, os integralistas águias-brancas conseguiram cargos de direção de alguns setores do governo. Gumercindo foi dirigir o Departamento de Estudos e Planejamento e, segundo ele *“toda mocidade águia-branca é que dirigiu...”*. Depois passa a dirigir o Departamento de Imigração e Colonização. Nestes cargos, publicou alguns livros sobre o histórico da colonização brasileira. Também, durante o regime militar, fez parte da Comissão Nacional de Moral e Civismo. O objetivo desta comissão era compor uma série de diretivas para o currículo escolar, para livros didáticos e para-didáticos. Foi assessor do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação, Foi depois para a FENAME, a Fundação Nacional do Material Escolar. Criada em 1967.

²⁹⁶ Adonias Filho, escritor, assumiu alguns cargos públicos durante o governo militar, como de presidente do Conselho Federal de Cultura de 1977 até 1990, ano de sua morte.

Por conta de exigências familiares, Gumercindo retorna à Bahia em 1968. Volta em 1970 e perde o contato com Plínio Salgado. Na década que se segue, com a morte de Salgado, seria convidado por Dona Carmela Salgado para tomara parte do corpo editorial da recém-criada Editora Voz do Oeste. Esta editora passa a reeditar várias obras de Plínio Salgado. Atualmente, a Voz do Oeste já não publica.

Nos anos 1980, também dirigiu o departamento editorial da Sociedade Brasileira de Cultura, a Editora Convívio. Como nos contou, esta era uma sociedade cultural que patrocinava cursos e publicava a Revista Convívio.

Em dezembro de 2006, Gumercindo e sua editora foram homenageados no 50º aniversário, pelo Deputado Federal Elimar Máximo Damasceno, do PRONA-SP, o Partido de Reedificação da Ordem Nacional, cujo presidente é o Deputado Enéias Carneiro. Nas palavras do deputado. A GRD é uma “organização que incorporou o livro como parte estratégica de um projeto maior de desenvolvimento nacional e de cidadania.” Sua editora publicou, entre outros, Rubem Fonseca, Nélida Piñon e Gerardo Mello Mourão. Alguns, como Ruben Fonseca, escondem que publicam pela sua editora. Considera que há um boicote contra seu nome porque jamais negou que era integralista. Disse: *“Eu nunca neguei que sou integralista. Eu nunca disse: fui integralista. Nunca. E isso carrego até hoje. A sabotagem em torno do meu nome é forte.”*

Para Gumercindo, se o integralismo tivesse vencido, o Brasil seria muito diferente e conclui que:

“A história tem suas leis próprias, a sua dinâmica própria e nessa dinâmica, o integralismo desapareceu como estrutura, permanece como um pensamento que eu considero vivo. Eu sempre digo, me apresente coisa melhor. Me apresente coisa melhor. Tem estrutura orgânica, que pega o ser humano no seu todo. A liberal-democracia pega por um lado, respeita alguns outros lados, e deixa o forte dominar sobre o fraco e alguns fortes fazem um projetozinho em benefício dos fracos, essa que é a liberal-democracia. (...) A realidade e a utopia, o integralismo provou que não era utopia. Os Departamentos, as Secretarias Nacionais do Integralismo, é uma estrutura, como eu digo, o Integralismo era um Estado dentro do Estado. Um Estado já concretizado, montado. Quem eram os grandes secretários nacionais? Gallotti, San Thiago Dantas, eram homens deste porte. Miguel Reale. E assim por diante e outros que, se vencessem, automaticamente os ministérios já estariam montados.”

O entrevistado entende que, para se analisar a história do integralismo, deve-se levar em conta a sensibilidade, o sentimento de amor ao integralismo, enquanto doutrina e organização estatal. A necessidade do sentimento também seria fundamental nas decisões administrativas de qualquer governo que deveria tornar ação, a palavra.

“Mas, o sentimento é fundamental. (...) E os da minha idade, alimentamos o sentimento com a parcela da história que vivemos e que continuamos vivendo. Agora, paralelamente, a estrutura administrativa do integralismo, meu Deus do Céu! Até hoje cria-se Ministério disto, Ministério daquilo, e sem uma estrutura própria, sem sentimento, sem sentimento. Cria-se porque diz-se que vai se criar e a palavra se transforma no grande instrumento de concretização, que não sei, a palavra só não funciona. É o que Lula está fazendo. Lula é o homem só da palavra, só faz falar, falar, falar. Na hora concreta, toma as pancadas que levou em São Paulo, em Brasília e no Rio Grande do Sul.”

Para o entrevistado, o integralismo já substituíra o Estado em vários aspectos, como, por exemplo, nas questões assistencialistas e educativas. Quando a AIB foi fechada, percebeu-se a necessidade de uma ação do Estado para substituir esses serviços, segundo Gumercindo. Ele também considera que a situação em que se encontra o país na atualidade, que acha ruim, serve de notícias para alimentar os jornais.

Gumercindo procura demonstrar que a relação ou diferenciação entre integralismo e fascismo não se constitui em maior problema. Acha que, nesta análise, deve-se partir do aspecto doutrinário. A doutrina seria, então, a base de diferenciação. Para ele, só existiria doutrina nazista e doutrina integralista. Não haveria a doutrina fascista porque o fascismo teria começado como simples movimento até o momento que Mussolini proclamou os princípios básicos em Roma. No entanto, o fascismo italiano não teria a afirmação materialista que continha a doutrina nazista.

O depoente procura demonstrar que as possíveis aparências não representariam prováveis semelhanças entre fascismo e integralismo. Como disse: *“a doutrina integralista tem uma afirmação espiritualista com bases numa realidade brasileira, primeiro.”* E sobre o uniforme, isso não significaria adesão à idéias fascista: *“Segundo: problemas que muitos se apegam, superficialmente. A vestimenta? Meu Deus do Céu! A vestimenta era aleatória. Precisou-se fazer por quê? Era universal. Não havia um movimento no mundo todo, ou comunista, ou de direita, de direita eu quero retirar, não aceito a colocação, nazista ou fascista, ou qualquer outro ...”* Para Gumercindo a farda

também era uma forma de atrair aderentes e mesmo mulheres que teriam admiração pelas fardas. O depoente ainda lança o terceiro ponto, a resistência ao integralismo por parte dos representantes oficiais do nazismo no Brasil.

Gumercindo ainda cita Gilberto Freyre, quando este elogia o integralismo apontado o fato, que lhe seria simpático e essencialmente brasileiro, de não discriminar as “raças”. Com isto Gumercindo pretendia demonstrar outro ponto de diferenciação: a questão do racismo no nazismo. Quanto ao cumprimento de erguer a mão e dizer “Anauê”, para o depoente, este teria origem indígena, não sendo cópia da saudação nazista. Disse-nos que o integralismo é anterior à chegada do nazismo ao poder. Mesmo o salazarismo teria diferenças porque o modelo lusitano defenderia a monarquia. Considera as diferenças entre os diversos integralismos, seja o brasileiro, o lusitano ou francês. Mas percebe que, de certa forma, não haveria uma originalidade no pensamento de Plínio Salgado quanto ao uso do termo integralismo. Até mesmo quanto à trilogia “Deus, Pátria e Família”, seu uso não seria original, embora admire o que considera inovador quanto à proposta de organização estatal.

Rocha Dórea considera, também, que as interpretações sobre o anti-semitismo no integralismo, principalmente encontrado nas obras de Gustavo Barroso, não estariam corretas. Assim como outros integralistas entrevistados, Gumercindo argumenta que a crítica ao que chamam de “capitalismo judeu” se refere ao fato de serem os maiores bancos internacionais pertencentes a judeus. Desta forma, não seria ao judeu, enquanto povo, que se referem os integralistas quando julgam pernicioso o capitalismo, a crítica estaria dirigida ao capitalismo como sistema que prioriza a visão materialista do mundo. O depoente ainda fala da constante lembrança de Gerardo Mourão sobre a existência de um judeu nos quadros integralistas. Como Mourão nos disse, esse judeu era Abenatar Neto.

Segundo Gumercindo, Genésio Pereira Filho disse possuir uma fita em que Salgado conversa com um rabino e lhe diz que não poderia ser contra judeus se o judaísmo é a base de sua religião, o catolicismo. Mas, também teria dito não aceitar posições políticas e financeiras que controlam o Brasil e diversos países. O depoente ainda revela que teria encontrado um artigo de Miguel Reale sobre o judeu numa edição da *Offensiva* em que:

“Explica toda a situação. O integralismo não tinha coisa alguma de ser anti-semita... No final, Miguel Reale diz assim: ‘ só estabelecemos uma posição: quer vir judeu para o Brasil, pode vir à vontade, contanto

que não venha como capitalista explorador.’ Ponto final do artigo. Eu achei isso formidável! E eu ratifico isso até hoje, até agora. Não vejo nada contraditório. Porque o capitalismo, meu Deus do Céu, o capitalismo exaure as nacionalidades. A verdade é essa. Tem seu lado bom. Nada disso do progresso tecnológico isso aqui. Isso não existiria sem o capitalismo (...) Agora o capitalismo poderia ser de outra maneira. Mas, o espírito do capitalismo é puramente materialista e se o judaísmo quer explorar o capitalismo pelo lado exclusivamente materialista, tem que se tomar uma posição contra o capitalismo.”

Sendo um dos pilares da doutrina integralista o anti-comunismo, Gumercindo considera que atualmente não seria grande risco para o mundo. Cita o caso da China, destacando a introdução da economia de mercado no país. Para ele, o maior perigo está no marxismo, posto que “*está vivo, vivo, vivo.*” Segundo o entrevistado, a permanência do marxismo é problemática porque leva, justamente, ao comunismo. Disse-nos que

“não há possibilidade do marxismo concretizado ser discutido academicamente. (...) Não admite discussão em torno da sua doutrina. Marxismo é marxismo para ser realizado. É divisão de classes, é domínio de uma classe sobre a outra, é uma estrutura férrea. Não tem dúvida não. E ele está vivo, vivo, vivo! Está na plenitude. No Brasil conquistou o poder. Com meu apoio, somente agora que eu votei no Serra, só. Mas não apoiando o marxismo.”

Sobre a divulgação de suas idéias, contrapostas ao marxismo, Gumercindo procura mostrar que sua forma de pensar encontra espaços e respostas. Defendendo o autoritarismo e contrário à ideologias de esquerda, o entrevistado conta que suas idéias alcançavam o interior do Brasil através dos pequenos jornais locais na época em que escrevia na Revista Convívio. Se havia publicação, é porque havia a demanda, como quis nos fazer entender. No interior e nos quartéis, seus artigos tinham seus leitores e admiradores, mesmo após o fim da ditadura:

“Agora eu dei apoio à Revolução de 1964. Muito bem. Tempos depois, eu chego no Convívio, uma carta para mim do General, Comandante da 2ª. região, aqui de São Paulo, Sebastião... me esqueço... Hoje ele lidera lá no Rio de Janeiro uma organização de generais, de almirantes. Quando eu olhei, ao meu lado, vi um colega: ‘Ih, Gumercindo, lhe pegaram!’ Eu abro a carta e era um convite para ir almoçar no 2º. Quartel ali no Ibirapuera. Eu fui. Fui recebido por toda a oficialidade. Meus artigos, que eu escrevia no Convívio que eram publicados em todo o Brasil... Isso é uma das outras coisas fabulosas do Convivi. A rede de jornais que publicavam os artigos do Convívio era do

Norte a Sul, de Leste a Oeste. Não os grandes órgãos, donos da imprensa, como eles se dizem, mas o jornal do interior, de primeira categoria ou de décima categoria. Nós recebíamos jornais que a gente percebia que era daqueles de letrinhas, letra por cima de letra. Jornal transcrevendo nossos artigos. Meus artigos eram lidos e discutidos por esses oficiais. Me elogiaram, almocei com eles. Depois fui umas duas outras vezes mais.”

Sobre seu apoio ao golpe de 1964, Gumerindo reflete sobre as conseqüências, não só para o país, mas como para si próprio, do que considera um erro dos militares terem “permitido” a re-democratização do país.

“Quando entregaram o poder, a esquerda que foi esfrangalhada no golpe de 1964. Já estava tudo aberto, não é?. Ele vira e disse: ‘Gumerindo, você participaria de um outro golpe?’ ‘De forma alguma, general. No próximo eu fico na minha janela com um fuzil, para me defender. Eu não vou, como sacrifiquei minha família... Eu me lembro muito bem, em 64, quando eu fui assistir o comício da Central do Brasil, telefonei para Augusta que estava aqui, na casa dos pais, esperando um neném (...) Passa Jurema Finamor, que era secretária de Pablo.. esse poeta chileno (...) Ela era secretária do Neruda, com uma tocha, aquele mar de tochas na Central do Brasil; ‘Ô Gumerindo, que que você está fazendo aqui? Eu estou querendo ver o que vocês vão fazer para ver o que eu vou fazer.’ Dali eu saí, liguei para casa, eu já estava com um grupo de quatro, liguei e disse: ‘Augusta, se eu não voltar para casa por esses dias, vá embora para São Paulo. Ainda havia o trem, que ligava São Paulo e Rio, naquela época, um trem bom, noturno. Isso tudo é uma prova, portanto, de que eles estavam vivos e não souberam, não souberam fazer. O general ficou assim... ‘Não, eu fico na minha janela. Para eu fazer outra revolução para os senhores e os senhores devolverem para... como deram tudo? E que agora estão sofrendo aí as conseqüências. Quem sofreu um bocadinho está recebendo polpudas verbas. Agora, que defendia o Exército e foi explodido nos quartéis, recebe trezentos ou quatrocentos reais da pensãozinha. Enquanto isso, enquanto jornalistas, que nem pegaram em armas, recebem dezoito mil por mês e receberam indenização dezoito milhões ...’”

Gumerindo avalia a tentativa de ressurgimento do integralismo com cuidado e adverte aos que querem recuperar a forma e a idéia do movimento:

“[Eu vejo] surgirem rapazes por aí, querendo ressuscitar o integralismo, a Ação Integralista... Eu só faço dizer uma coisa a eles, como já disse diversas vezes: ‘A História só se repete como piada. Vocês querem vestir a camisa-verde, vocês pensem o seguinte: a camisa verde vestiu o peito de quase um milhão de brasileiros que sofreram o

diabo. Não foi brincadeira a perseguição no tempo de Getúlio, que eu sei disso porque estava vivo e acompanhava tudo aquilo. Vocês querem ressuscitar, agora, o principal para o movimento criar asas e voar é ter alguém de porte na frente. Quando Plínio Salgado lançou o integralismo já era o escritor laureado. (...) Quando ele criou aqui a Sociedade dos Estudos Políticos ele já era um homem de amplitude nacional, escritor respeitado. Aí eu viro e digo a segunda parte dessa minha afirmação. Segundo no tocante a vocês, vocês primeiro não têm uma figura de proa. Segundo o que vocês já leram realmente de Plínio Salgado e da bibliografia integralista? Aí todo mundo fica calado. Não adianta isso, vocês vão servir de pau de manobra para algum político que está querendo aparecer liderando isso. (...) e que não tem nada de integralismo e que quer apenas voto. Qual é a chama que vocês levam para a mocidade?”

O depoente ainda fala que inúmeras vezes o procuraram para contribuir para a reorganização do integralismo. Mas não acredita que consigam que ter forças para “abrirem as velas e enfrentarem o oceano”. O seu papel, como considera, é o de editor e de divulgador, não só das idéias integralistas, como de literatura e filosofia, principalmente.

Gumercindo se declara monarquista e não vê atritos entre o ideal de governo integralista e a monarquia. Cita Franco que teria preparado o atual rei da Espanha para governar o país. E vê no modelo de império brasileiro um exemplo que deveria ser seguido. Quanto à Sociedade de Tradição, Família e Propriedade, considera que tem admiração, mas também discordâncias. A maior delas seria o fato dos membros da TFP não conhecerem a obra de Salgado.

b) José Baptista de Carvalho, o professor integralista

O Professor Carvalho, como é conhecido nos meios integralistas e entre os pesquisadores do Grupo de Estudos sobre o Integralismo, concedeu ao LABHOI esta entrevista em 16 de julho de 2004. Era, à época, o presidente da Casa Plínio Salgado, associação sem fins lucrativos e, a princípio, voltada para a preservação da memória integralista. Sua sede fica localizada no centro velho de São Paulo. Lá foi feita a entrevista.

José Baptista de Carvalho foi um dos fundadores da Casa em 10 de outubro de 1981, juntamente com outros companheiros dos extintos Centros Culturais da Juventude. Foi um “águia-branca” muito próximo ao Chefe Plínio Salgado. Frequentou sua casa e

seguiu seus passos e idéias até o fim de sua vida. Ainda hoje se considera guardião de sua memória e de sua honra.

Carvalho contou-nos que nasceu na cidade de Itajubi no dia 7 de julho de 1929. Disse ter recebido uma educação religiosa bem firme, numa família que incentivava muito a educação.

Conheceu o integralismo ainda criança, na cidade de Catanduva no interior de São Paulo. Seu pai, administrador de fazendas na região, aderiu ao integralismo quando chegou a notícia do movimento em sua cidade, através de um primo que esteve na capital e o conheceu. Assim nos contou:

“Meu pai tomou conhecimento, foi obter informações, e se empolgou com o movimento e fez inscrição no Núcleo Integralista de Catanduva (...) Meu pai era um homem decidido, era um homem esclarecido, patriota, excepcionalmente patriota. E não teve dúvidas nenhuma, vestiu a camisa-verde nos sete filhos. Era uma família de nove camisas-verdes. E nos levava para as reuniões do núcleo. Então com seis anos, eu assisti muitas reuniões do núcleo, Só que, evidentemente, eu assistia o começo, a abertura, era noite, não é? E depois acordava na hora das palmas.”

Conta-nos que *“Eram reuniões normais. Havia sempre o presidente do núcleo chefiando a reunião, sempre uma preleção e depois a palavra passando para as pessoas. (...) Cantava o Hino Avante, o Hino Nacional (...) só a primeira parte. Os integralistas aboliram a segunda parte por causa do ‘Deitado eternamente em berço esplêndido’. O Hino Nacional era cantado em pé, em posição de sentido, com o braço levantado inteiro, em posição de ‘Anauê’. Assim era cantado o Hino Nacional.”*

Carvalho disse-nos que participavam do integralismo em Catanduva, as lideranças política da cidade, juízes, pessoas de todos os níveis. Para ele, nos núcleos não havia discriminação de classe nem religioso. O fato da maioria dos brasileiros ser católica se deve ao fato de que a maioria da população brasileira era católica. Mas pessoas de qualquer religião poderiam participar: *“Ninguém discutia problema religioso. O fundamento de todas as religiões era cristão. E era essa a função. Por que cristão? Hoje, o movimento teria que ser mais amplo, admitindo religiões não cristãs, essas religiões avançadas, essas civilizações antigas, budismo, confucionismo. Toda essa gama de*

filosofias religiosas que a sociedade desenvolveu. Mas nesse tempo, o Brasil, 'isoladão' aqui. As comunicações eram rudimentares."

Observa que, mesmo com a deficiência das comunicações o integralismo conseguiu levar sua mensagem a todo o Brasil. O movimento teria realizado *"o milagre da comunicação no Brasil (...) não tinha trem de graça, não tinha ônibus de graça, não tinha nada. Tudo isso patrocinado pela própria Ação Integralista Brasileira. Uniu o Brasil. (...) Esse processo de comunicação difícil isolava essas pequenas cidades"* As revistas e os jornais chegavam a Catanduva por conta dessa agilização da comunicação entre a militância.

Convescotes, movimentos assistenciais, festas de fins de anos, o Natal das crianças pobres eram maneiras da AIB divulgar suas atividades e, a partir do contato com a população, divulgar a doutrina integralista. Lembra que o primeiro presente que recebeu no Natal veio da Ação Integralista Brasileira. Com a família envolvida no movimento, a primeira escola em que o depoente estudou foi uma escola integralista. Com a implantação do Estado Novo, a escola foi fechada e ele foi transferido para uma escola pública.

Em 1935, Plínio Salgado esteve em caravana em São José do Rio Preto. Passando por Catanduva, a família foi à reunião. Foi quando Carvalho viu, pela primeira vez, o Chefe. Conta que essa experiência, embora sem a consciência histórica do que estava acontecendo, ficou na lembrança.

Carvalho, embora ainda criança à época, constrói a sua versão sobre a tentativa de tomada do Palácio Guanabara, a partir do seu envolvimento posterior com movimento e com suas reflexões sobre a História: Avalia que o objetivo principal de Getúlio Vargas, desde 1930, era a sua perpetuação no poder. Considera que Vargas impôs ao Brasil *"a maior ditadura, isto é um depoimento histórico, a maior ditadura que existiu neste país. Porque nesse tempo do Getúlio não havia Congresso Nacional, não havia Assembléias Estaduais, não havia Câmaras Municipais, não havia eleição, nem para presidente da República, nem para governador de Estado, nem para prefeito. Nem no período colonial nós tivemos um regime tão centralizado."* E quando, em 1935, os comunistas tentam tomar o poder a partir dos quartéis, segundo ele *"sem coordenação nenhuma, embora com amplo apoio internacional."* Getúlio teria aproveitado a ocasião e imposto o estado de sítio, que se estendeu até 1937. Era período eleitoral e os integralistas já tinham se estabelecido

como partido, desde 1935. A reforma estatutária deste ano *“transforma a Ação Integralista Brasileira numa associação política. Ela era até então uma associação cultural Claro que cultural política e agora inverte os termos: política cultural.”*, como disse. A AIB, como partido, lança Salgado para a Presidência. O candidato do governo era o escritor José Américo, levando a sua candidatura, segundo Carvalho, em *“banho-maria”*.

Para o depoente, o Plano Cohen teria sido uma tentativa do governo em ganhar tempo na corrida eleitoral. Em sua versão do Plano Cohen conta que, como estudioso de estratégias militares, o então capitão Olympio Mourão Filho, destacado líder integralista, fez um estudo das possibilidades de tomada do poder pelos comunistas. O nome Cohen, de origem judaica foi escolhido, como falou Carvalho sobre seu significado: *“Para dar um nome sugestivo a este plano, puseram o nome de Plano Cohen. (...) é nome judeu (...) a gente sabe que é, entende, não tem dúvida nenhuma. Porque para assuar o integralista, nada melhor, não é? Não ia dar para por assim o Movimento Revolucionário Nossa Senhora Aparecida, Movimento Santo Antônio, nem coisa alguma, não é.”* O Plano teria sido levado ao Estado Maior por um vizinho general de Mourão Filho e a idéia de uso do Plano pelo governo teria partido do General Góis Monteiro. Daí, então, a divulgação do suposto plano comunista que levou à instalação do estado de sítio que, segundo Carvalho, contou com apoio da oposição.

Nesse período, entre estado de sítio de implantação do Estado Novo, conta Carvalho que o Ministro Francisco Campos procurou Plínio Salgado. O professor conta que num depoimento pessoal de Salgado, “Chico Campos”, teria lhe convidado num segundo encontro para o Ministério da Educação. O Chefe teria perguntado ao ministro com quem os governistas contariam para o golpe, ao que Campos teria dito que contariam com o Exército. Plínio, então, teria respondido que não precisavam dos integralistas, portanto e que estes não iriam intervir.

Sobre a Marcha dos 50 mil, considera que fora uma demonstração de força do integralismo ao governo Vargas, mas não uma articulação entre o governo e a AIB.

Após o golpe, falou-nos Carvalho, de acordo com sua percepção: *“a polícia política do Getúlio partir pra cima dos núcleos integralistas, prendendo, tomando material e já exercendo esta pressão.”* Isto teria provocado a reação integralista. Com o

fim da AIB, que não poderia mais existir como partido político, Plínio teria organizado a ABC, a Associação Brasileira de Cultura. Numa informação que diz ser pessoal, Carvalho disse-nos que esta mudança provocou a ruptura da Câmara dos 40. O livro de Ata onde consta esta informação foi a leilão no Rio de Janeiro, sendo resgatado por Gerardo Mello Mourão com alguns ex-companheiros.

Quanto à tentativa do levante, segundo Carvalho, os liberais de São Paulo

“estavam amplamente envolvidos nas conspirações do 11 de maio de 38”. (...) O coordenador do movimento liberal aqui de São Paulo era um advogado, Abreu Sodré. Se não me engano, irmão do ex-governador Roberto, eu acho que Antônio, eu não me lembro. O escritório dele era o centro político... Então mandaram dois elementos a Santos buscar duas metralhadoras. Um deles foi funcionário do O Estado de São Paulo, da edição do jornal (...) O Plínio Salgado que este cidadão tinha sido secretário da redação do jornal O Estado de São Paulo. (...) Ele e um outro jovem aqui de São Paulo, também não me lembro o nome de memória, levaram lá pro comando lá da revolução mesmo, na Avenida Niemeyer, levaram duas metralhadoras. Então, não teve dúvida nenhuma”

Carvalho mostra indignação, quando considera que houve intenção do governo acusar somente o integralismo, Para o depoente, os liberais não representavam perigo:

“Poderia perguntar: por que os liberais não foram citados? Porque não interessava para o governo. O governo sabia que os liberais são liberais, eles não ameaçam ninguém. Eles não ameaçam nem mosca. Agora, o integralismo com toda aquela força, com toda aquela pujança, poderia ser uma pedra... uma pedra, não, uma pedreira no sapato dos governantes todos. Então, o problema era escrachar a Ação Integralista Brasileira. Como estava tudo sob censura, todas as informações saíram como se fossem só os integralistas, gerais, essa coisa toda. Ninguém foi arrolado como integralista. Alguns não tiveram como sair fora da acusação, entendeu? O próprio general Castro Júnior, esteve preso, foi responder o processo, essa coisa toda, teve lá os prejuízos dele. Mas os Mesquita foram exilados e depois o Getúlio tomou o jornal deles, não foi a toa. Não foi a toa que eles forma exilados depois (...)”

Para Carvalho, o movimento de maio de 1938 estava na linha do movimento para a reconstituição da Constituição de 1934, do movimento constitucionalista de 1932. Se o governo tivesse sido deposto, segundo o professor, o novo poder seria exercido por um triunvirato: *“Esse triunvirato seria constituído pelo General Castro Júnior, que era o Chefe Militar; do Otávio Mangabeira, que era o Chefe Político. Não foi o Plínio Salgado*

que ficou como Chefe Político, não, da conspiração. Tanto que não houve nenhuma condenação contra o Plínio Salgado. Ninguém acusou o Plínio Salgado de envolvido. O governo não teve como processar o Plínio Salgado. E o Belmiro Valverde. Os três assumiriam um triunvirato com o propósito de reconstituir a Constituição de 1934.”

O plano de tomada do Guanabara teria falhado, segundo tese de Salgado, exposta por Carvalho, porque, quando os liberais sentiram que eles podiam perder o controle da situação e levar o integralismo ao poder, através de Belmiro Valverde. Carvalho considera Valverde um “psicopata”, que por ser um inimigo “fidalgal” de Getúlio, teria tramado o golpe. O professor fala-nos que Valverde teria ofendido moralmente Salgado em livro escrito em 1946.²⁹⁷

Carvalho conta, também, que a adesão do Tenente Júlio Barbosa do Nascimento à tentativa de golpe seria porque também era inimigo de Getúlio e que, sabendo da conspiração teria procurado Valverde para se oferecer para participar da organização do “levante”. Esta declaração teria partido do próprio tenente a quem fora visitar com alguns companheiros do movimento. O Tenente Júlio²⁹⁸ teria sido o Chefe da Guarda, encarregado de tirar a cópia das chaves do portão, de prender a guarda do palácio.

Nas explicações de Carvalho, o “levante” também não teria dado certo porque algumas forças militares não compareceram, prejudicando o plano. Nem o genro do Chefe, Lureiro Júnior, que havia comprado fardas para os conspiradores teria aparecido. E mesmo o Tenente Severo Furnier, um dos principais articuladores da tentativa de golpe, no entender de Carvalho, não teria seguido o plano, ou dele cuidado com responsabilidade. Carvalho lança a dúvida se Furnier seria comunista já que, no livro do jornalista David Nasser, *Falta alguém em Nuremberg*²⁹⁹, ele mostraria a correspondência trocada entre Furnier e Luís Carlos Prestes após o *putch*.

Segundo Carvalho, até mesmo Filinto Müller estaria envolvido no episódio contra Vargas. Para o professor a atuação de Filinto Müller foi dupla: “*O senhor Filinto Müller deu folga pra todos os funcionários da Delegacia Política em comemoração ao sétimo mês*

²⁹⁷ O livro ao qual se refere é *Aspectos da vida do Brasil – Verdade – Justiça – Moral* de Belmiro Valverde, sem indicação de cidade ou editora, 1946.

²⁹⁸ O Tenente Júlio do Nascimento teria atirado na orelha do General Dutra, então Ministro da Guerra, no episódio.

²⁹⁹ Nesse livro Nasser pretende relacionar o julgamento de condenados pelos crimes nazistas aos envolvidos na máquina repressora do Estado Novo. Neste caso, o julgamento seria o de Filinto Muller, o Chefe de Polícia do Governo Vargas de quem contam histórias de torturas e crimes a serviço do governo.

do golpe de 37. Quer dizer, toda essa conclusão é minha também. Esse canalha! Porque esse foi um canalha terrível. Esse canalha estava com ‘os pés nas duas canoas’. Ele bajulava o Plínio Salgado e mantinha essa relação terrível e desumana com o governo.”

Também questiona:

“Por que o Severo Furnier, embora com poucos homens, não entraram no Palácio? Porque não tinha intenção de entrar no Palácio. Eles devem ter ficado lá atirando em árvores, fazendo uma barulheira lá. Você entendeu? E aí, quando viram que não tinha resultado nenhum. Passa o tempo, passa o tempo.... ninguém aí...(…) Quem pode, fugiu. O Nascimento disse que ele foi um dos últimos a sair. Severo Furnier não estava muito tempo mais lá. (...) No diário do Severo Furnier, ele diz como ele saiu e essa coisa toda, ele e o sargento da Marinha...”

Carvalho, com a consciência de que estava falando para o LABHOI, tornando o seu depoimento fonte, declarou que naquele momento estava tomando uma posição histórica contra Belmiro Valverde. Disse que sua posição é fundamentada em depoimentos de gente que viveu e conviveu com Valverde. Embora considerado um homem bom, como disse Carvalho, ele seria um temerário e, sendo assim, não se importava em arriscar a sua e a vida dos outros em suas aventuras.

A inconsistência dos planos e a responsabilidade dos principais conspiradores teriam levado à derrota. Com correio, telégrafo, rádios controladas, com a comunicação interna do Palácio cortada, para desespero de Alzira Vargas como relatou³⁰⁰, não houve o comparecimento dos que haviam se comprometido com a conspiração. Ao final, alguns integralistas, que não eram militares, vestiram as fardas da Marinha e foram para o Palácio. Conta que telefonaram para integralistas convocando-os:

“Olha, vocês precisam vir, venham para uma reunião aqui, que nós precisamos, que os comunistas vão tomar o Palácio. E vamos defender o governo! E vamos fazer isso! E reuniram esses coitados todos. Mas ninguém era militar. Ex-militar tinha um só. Tinha Cassiano, um rapaz de 20 anos, que trabalhava numa charutaria. Dois irmãos que trabalhavam na fábrica de pólvora, de armas, lá no Rio, mas que não tinham nada, eram burocratas, entendeu. Pegaram e vestiram as fardas de marinheiro neles, todos de estatura média. Normalmente, soldado,

³⁰⁰ Segundo conta Hélio Silva, através da rede oficial de telefonia, Alzira Vargas, a filha do presidente pode se comunicar durante toda a noite com Filinto Müller, com o General Dutra, com o General Góis Monteiro, com o Forte de Copacabana, com a Polícia Federal e com o Palácio do Catete. *conf. SILVA, op.cit., p. 254-255.*

mais alto, aquelas fardas ridículas e... cachaça! Obrigaram os caras a tomar Paraty, a famosa cachaça da época. A cachaça da época chamava-se Paraty. Obrigaram os caras a tomar Paraty para terem coragem.”

Segundo ele, portanto, a adesão de alguns foi feita com o uso de cachaça para dar coragem. Continua: *E no livro de Hélio Silva³⁰¹ está explícito: o Severo Furnier de metralhadora, junto com um ex-marinheiro, disse: ‘Quem sair fora eu fuzilo e levaram esses coitados para a carnificina lá, dentro do Palácio.’* Os integralistas fuzilados neste episódio são considerados mártires do movimento. Anualmente, em todos 11 de maio, os integralistas organizam um cerimônia pra homenagear os heróis mortos do “levante” no Mausoléu Integralista no Cemitério do Caju, no Rio de Janeiro. Segundo Carvalho, mesmo o Palácio sem comunicação, não houve invasão. Então, questiona a real intenção dos conspiradores em realmente dar o golpe.³⁰²

Fechada a AIB e iniciando-se a busca de materiais, armas e documentos do movimento nas casas integralistas, a família de Carvalho é afetada. Em Catanduva, a casa de uma tia foi invadida por policiais que buscavam vestígios integralistas. O professor conta o episódio:

“Eu tinha uma tia, que era viúva, costureira e morava simplesmente a uns quinhentos metros de minha casa. Mas ela era uma integralista arrojada e ativista mesmo (...) panfletava...Pois bem, a polícia foi à casa dela, virou o armário da cozinha. Conta ela que ela tinha essa coleção da Offensiva no armário da cozinha e quando eles abriram a porta da cozinha e caíram os jornais todos e na frente estava uma Offensiva que tinha uma chamada assim de Plínio Salgado: ‘Por Cristo me levantei, por Cristo vencerei, por Cristo... Eu sei que três vezes. No depoimento dela, ela disse que pegou isso e... Mas levaram

³⁰¹ SILVA, *op. cit.*

³⁰² No site integralista das FIB tem dois textos sobre o 11 de maio: Arcy Estrella e de Euclides Figueiredo: *"Meu pai havia lido esses planos, fazendo-lhes observações à margem. Falhada a intentona promovida por integralistas dissidentes de Plínio Salgado e seguidores de Belmiro Valverde, de sociedade com oficiais não-integralistas e contrários à ditadura fascistóide, como Severo Fournier e outros, estava Euclides Figueiredo, o ex-comandante do Movimento Constitucionalista de São Paulo e membro do grupo que apoiava a candidatura de Armando de Salles Oliveira". Meu pai foi condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional - a quatro anos de prisão".* Este texto consta do livro "DE UM OBSERVADOR MILITAR - A 2a. Guerra Mundial vista de dentro uma prisão do Estado Novo", escrito por Euclides Figueiredo e editado pela Câmara de Deputados (Centro de Documentação e Informação), em Brasília, no ano de 1983, na BREVE EXPLICAÇÃO, escrita pelo intelectual e escritor Guilherme Figueiredo, às páginas 19 e 20. <http://www.integralismo.org.br/novo/?cont=46&tx=3&vis=>

uniforme, levaram jornal, levaram livro e depois fizeram uma fogueira na cidade.”

Após, então, da tentativa de tomada do Palácio Guanabara, família tomaria o rumo de sua vida cotidiana, ainda, segundo Carvalho, seguindo os preceitos morais fortes que o pai ensinara desde a infância. Falou-nos que o pai, integralista contido, não se desligou do integralismo como idéia, *“mantivemos o espírito”*. O integralismo é que, sem condição de funcionar teria sido afastado, momentaneamente, do dia-a-dia familiar.

Durante a guerra, o desemprego chegou à família. Mesmo com uma pequena chácara, não havia retorno financeiro para a família. Assim, deixam Catanduva e vão para a capital. A família chega a São Paulo em dezembro de 1941. Carvalho, disse-nos que *“como filho e pobre, que escola tem que fazer? Escola profissional. Descobriram a Escola Técnica Federal de São Paulo e eu fui matriculado nesta escola.”* Nesta escola, em 1943, teve um professor de História que o marcou:

“Eu tive um professor de História (...) Miguel Costa Júnior, filho lá do General. E o Miguel Costa Júnior era comuna (...). E um dia, numa aula ele falou do integralismo, fascismo, aquelas baboseiras que eles falam sem ter sabido nada sem ter lido nada, sem conhecer nada, não é? Eu, evidentemente, não tinha condição. Eu tinha 14 anos, primeiro, não conhecia o processo político, nem coisa alguma. Mas sabia, confiava no meu pai, um homem sincero, um homem honesto, íntegro, patriota que sempre foi. Um homem com serviços prestados à comunidade, enormes. Meu pai era um brasileiro mesmo, dedicado, dedicado em todos os sentidos. Eu, não pode! No meu raciocínio, falei: não pode, não pode ser isto! Então isso já foi abrindo a minha cabeça.”

Em 1946, aos 17 anos, com a fundação do Partido de Representação Popular, passa a participar das suas reuniões e outras atividades do PRP, como convescotes. Ia com a sua tia integralista, a que teve a sua casa invadida em Catanduva. Aos 18 anos se filia ao Partido através do Diretório Municipal, tornando-se seu bibliotecário. Em 1952, contribuiu na fundação dos Centros Culturais da Juventude, onde foi liderança, recebendo do Chefe um diploma de líder. Participou da Confederação através do Grêmio Jackson Figueiredo. A criação dos Centros, segundo o que conta Carvalho, surgiu do fato dos jovens sentirem necessidade de constituírem uma organização independente do PRP. Segundo Carvalho, a juventude se sentia alijada do Partido, o que hoje considera que fora por conta do idealismo dos jovens que acham *“que as coisas erradas tem que ser*

condenadas e aquela coisa toda e que na política as coisas não acontecem desta forma”. Conta-nos que essa necessidade surgira em todo o Brasil. Falou que a idéia da criação da Confederação partiu de Plínio Salgado que, num retiro religioso, onde encontrou com o General Juarez Távora. Os dois teriam concordado com a idéia de que *“era importante criar um movimento de juventude para tentar reformular a visão política, essa coisa toda, não é? E isso coincide, evidentemente, com nossa expectativa.”*

Nos disse que os membros do PRP os consideravam os Chiquinho-faladores. Segundo o professor, o personagem Chiquinho-falador representava o menino extrovertido que na família está sempre fazendo “gracinhas”. A idéia teria vindo do fato da filha de Salgado, Maria Amélia, numa revista para a campanha de Plínio Salgado, considerar a juventude perrepista os “meninos do Plínio”. Segundo Carvalho, os jovens da Confederação não se sentiam bem dentro do Partido, mas sem ojeriza, nem o hostilizavam. Ele mesmo era filiado ao PRP, freqüentando-o o Diretório Municipal, depois foi vogal do Diretório estadual, como águia-branca. considera que havia apoio dos perrepistas para as organizações da juventude do Partido. Contou-nos que os grêmios foram criados para incentivar os estudos da problemática brasileira, que incluíam filosofia, sociologia e outras disciplinas. Participaram, em média, umas 15 pessoas na fundação do Grêmio do qual participou.

Em outubro do ano de 1952, nas comemorações do 20º. aniversário do Manifesto Integralista, foi criada a Confederação. Nesse evento ocorreu o primeiro encontro pessoal com o Plínio Salgado que o convida para um almoço do qual participaram somente ele, o Chefe e Dona Carmela. Ele disse-nos; *“Até hoje eu não sei por que ele foi me convidar para almoçar. Com tanta gente, inclusive Gumercindo Rocha Dórea, que conviveu com ele lá no jornal e tudo...”*

Quanto ao termo: “águia branca”, nos explicou a sua versão para o símbolo do movimento da juventude perrepista. Fora criado por Plínio Salgado que, segundo Carvalho, “só tinha idéia maravilhosa, ele era um poeta. Buscava essas explicações. Tudo para ele tinha uma explicação.” Segundo ele, a explicação de Salgado: *“É uma ave com grande poder de visão, voa muito alto. E que, segundo a lenda, ela mesmo quase sem*

condição de voar, ela ainda tenta voar.” A inspiração teria vindo de um poema do próprio Plínio.³⁰³

Carvalho nos fala que os ideais dos Grêmios e da Confederação eram “absolutamente integralistas”. E que “o estatuto do Grêmio Cultural Jackson Figueiredo, não lembro se o artigo 1º. ou 2º. é explicitamente integralista. Nós nunca negamos isso. Por isso quando a turma fala do movimento águia-branca como uma seqüência do movimento integralista está perfeitamente correta.”

A Confederação aceitava “jovens” de todas as idades e superou em anos o PRP, ultrapassando o marco final do Partido, o Ato Institucional de 1965, findando na década de 1970, como recorda Carvalho. Para o professor, o Grêmio acabou porque não compactuava. Entre os “águias-brancas” do conhecimento de Carvalho está José Celso Martinez Rodrigues, que pertenceu ao Grêmio Cultural Alberto Torres em Araraquara e o ex-governador Orestes Quércia teria freqüentado o Grêmio de Campinas. Alguns ex-águias brancas contribuíram para a fundação da Casa Plínio Salgado e colaboravam para a sua manutenção. Com a morte de alguns, o ônus da manutenção da Casa fica para os novos freqüentadores, os novos integralistas.

Enquanto freqüentava o PRP e o Grêmio, as dificuldades da vida o levaram a abandonar a escola depois do Ginásio Técnico, tendo que trabalhar para ajudar a família. Trabalhou em indústria e em serviços burocráticos, até que conseguir voltar a estudar. Foi então que escolheu o magistério, indo cursar o Normal, para poder ensinar crianças.

Trabalhou como professor, entre o ensino infantil, médio e superior por quarenta e dois anos ininterruptos. Licenciou-se, por concurso, em Sociologia, podendo trabalhar como professor desta disciplina. Aos 28 anos entra na Faculdade de História da Universidade de São Paulo (1958 -1961). Fez o concurso ao magistério público estadual e o passou a ser professor de escolas públicas e também privadas. Tornou-se professor do ensino superior em 1966, trabalhando no Colégio São Luís, de jesuítas, substituindo um amigo. Em 1968 passa a fazer parte do corpo docente da Faculdade de Filosofia de Nossa Senhora Medianeira. Segundo ele, a faculdade tinha um nível maravilhoso pois 90 % dos

³⁰³ Não consegui encontrar o poema ao qual se refere Carvalho. Porém encontrei outro poema em um site da reserva “O primeiro vôo” que conta sobre o momento em que a mãe águia tem que lançar seu filhos ao abismo para que possam voar. A mensagem que Plínio Salgado quer passar é de que a vida nos coloca à frente abismos para que possamos superá-lo.

discentes eram padres da Ordem Jesuítica. Entre seu colegas, o recém-falecido Dom Luciano Mendes, bispo de Mariana, Minas Gerais. Nesse tempo Dom Luciano era conhecido como Padre Mendes.

Carvalho tendo entre seus colegas participantes da Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, da qual fez parte da diretoria como bibliotecário. Disse-nos que a visão desta Sociedade seguia os parâmetros da visão tomista do Vaticano I, a do catolicismo tradicional. Na sua avaliação, a Igreja no Brasil teria abandonado essa visão e substituído “*São Tomás de Aquino por Karl Marx*”.

Como professor de faculdade católica, Carvalho nos informou que, entre as ordens, aquelas em que havia mais integralistas eram a dos salesianos e maristas, inclusive na década de 1950, durante a vigência do PRP. Na Companhia de Jesus não havia tantos envolvidos no integralismo.

Segundo ele, o envolvimento de padres, tanto na Ação Integralista, como em movimentos de esquerda, como foi nos períodos iniciais do Partido dos Trabalhadores, advém de uma visão salvífica dos homens da Igreja: “*Que é o sentido da vida humana. Quer dizer, é a procura de Deus. Ora, Deus onde está? Deus está na sociedade. Não é isso? Deus está na sociedade. Então, qual é o objetivo fundamental da sociedade? É levar o homem à sua perfeição, para chegara a Deus. Na medida em que um movimento revolucionário desenvolve esta mentalidade salvífica entra no poder e fica essa porcaria de PT (...) corrupto.*” Apesar de questionar as linhas ideológicas do PT, considerava-o um partido, como estrutura de comando e disciplina. Porém, ao chegar ao poder, o PT teria perdido a função que se destinara, que seria servir ao público.

Sobre a tentativa de reorganização do movimento, Carvalho diz que a vê:

“como ondas de um mar revolto. Enquanto esse mar revolto, existe ondas. O integralismo foi uma idéia, teve um corpo de doutrina, teve uma linha política. Como movimento integralista, irrepreensível. Equívocos, muitos, erros, muitos. Mas são coisas do homem. O fato do integralismo defender a tríade: ‘Deus, Pátria e Família’, foi indiscutivelmente um fator de ligação. Porque ‘Deus, Pátria e Família’ não é uma invenção, é uma realidade. Para nós, cristãos, Deus é uma realidade. A Pátria é uma realidade. Eu, por exemplo, quando vejo essa turma de nacionalista aí, é nacionalismo epidérmico. Porque o nacionalismo para ser nacionalista tem que ser patriótico. A Pátria, segundo Plínio Salgado, a formação da Pátria é anterior à formação da Nação. Porque o Brasil, primeiro foi país. Ou seja, enquanto território.”

Ele define: país é um conceito geográfico. A Pátria vai se formar na medida em que o país foi sendo ocupado, a sociedade se formando, se vinculando à terra, por necessidade de sobrevivência e, conseqüentemente, de ligação com a terra, a partir do momento que tem os ancestrais na terra. Então, quando amadureceu isso, o país virou Pátria. Por isso se define normalmente que o Brasil começou a ser Pátria a partir da reação contra as invasões estrangeiras. Normalmente se costuma definir como a invasão holandesa. Mas eu defino muito antes, desde a reação contra os franceses em 1555. (...) Nesse movimento, e principalmente por obra dos jesuítas, houve contribuição de todas as Capitânicas. Não foi só de São Vicente, não foi só de São Paulo, não. Inclusive, veio reforço de Pernambuco! Depois, na outra mais grave, que foi a francesa no Maranhão, essa então entrou muito mais Brasil dentro. E, depois, a dos holandeses, essa aí foi o corolário da coisa. Então, pode se dizer, aí o Brasil se tornou Pátria. E Nação? Nação se tornou em 1750, quando os reis de Portugal e Espanha aceitaram o Tratado de Madri, 13 de junho de 1750. Aí, Nação. Ou seja, não se trata apenas de um território, não se trata apenas de um sentimento, mas se trata de uma atitude racional. Então, Plínio Salgado define: país é um conceito geográfico; Pátria é um conceito sentimental-geográfico; Nação é um conceito racional-histórico. Porque, como é que se define Nação no Direito Constitucional: a reunião de um território, povo, língua e tradição cultural. Isso é Nação, no plano jurídico, no plano sentimental, também. Então, depois da morte de Plínio Salgado, as pessoas mais íntimas, que conviveram com ele, resolveram criar uma instituição para cultuar a memória dele. E eu participei de várias dessas reuniões, eu dei uns palpites na formulação do primeiro estatuto da Casa Plínio Salgado. E, aí, a Casa de Plínio Salgado foi criada em 1981. Indiscutivelmente, a idéia principal foi do nosso companheiro Rui de Arruda Camargo. Esse foi a força dinâmica, apoiado por Dona Carmela.”

À época da fundação, alguns portugueses integralistas portugueses apoiaram a fundação da Casa. Carvalho coloca que, apesar de muitas diferenças, mas “*não ideológicas, não na origem, nos princípios fundamentais. Tinha na equação política porque o integralismo português se definiu como católico e monárquico. O integralismo brasileiro era ecumênico e republicano.*”

Sobre a possibilidade de instalação de um Estado Integralista com a democracia orgânica proposta por Salgado, Carvalho acha que atualmente é inviável:

“Eu acho que a Câmara Orgânica foi uma forma que Plínio Salgado viu de conciliar a idéia corporativa porque no Manifesto de 32, a definição é favorável ao corporativismo. Ocorre que o processo de industrialização do país, não apenas Brasil, de todos os países, mudou

profundamente todas as estruturas do país: sociais, econômicas, políticas, essa coisa toda. Mudou demais! A divisão do trabalho está sendo levada, não foi não, está levada para um plano multifacetado. Então, como você vai fazer hoje uma representação corporativa, não tem como. Veja bem, nem os sindicatos conseguem coordenar. Você vê: categorias profissionais com dois ou três sindicatos. E eu acredito que o Plínio Salgado pensou na Câmara Orgânica, que veja bem, como uma Câmara assessora do Parlamento. Mas isso já se tentou antes, com a idéia dos Conselhos Técnicos. Oliveira Vianna no livro; Problemas de Política Objetiva ele defende os Conselhos Técnicos. Na década de 30 não era só o Plínio Salgado, era idéia de todos os anti-liberais.”

Para Carvalho, os grupos que querem reorganizar o integralismo se organizam, se entusiasmam,

“mas diante das dificuldades da realidade objetiva, a coisa acaba se arrefecendo. E isso vem acontecendo periodicamente. E eu acho que é esse nosso trabalho e essa é a nossa preocupação com a Casa Plínio, com esse arquivo. Num tempo, não dá pra a gente falar que eu não tenho nenhuma visão profética e não me meto a isso. Mas considerando, num prazo de 30 a 50 anos, o Brasil deverá sofrer uma modificação muito grande porque essa porcaria que está aí não tem jeito.”

Carvalho disse ter uma tese pessoal que, até certo ponto, considera uma previsão:

“Eu acho que nós estamos vivendo os estertores da República no Brasil. O Brasil só não retornou ainda à Monarquia porque esses herdeiros da Coroa são uma cambada de imbecis, vaidosos, metidos a sebo, como nós usamos na nossa expressão. Sabe, estão lá em cima, são eles mais eles. Quando surgiu aquela oportunidade eleitoral, estavam divididos. Até um burguesinho picareta aí, o tal do príncipe, como é que é? Joãozinho (...) Até aquele picareta lá era candidato a rei. É brincadeira!”

Considerando-se monarquista, não vê incoerência entre a monarquia e as idéias integralistas porque

“O integralismo fez uma opção republicana porque não tinha condição de ser outra, inclusive a estrutura ser republicana. A Constituição tinha que ser. Tinha que ser porque a democracia republicana não permitiu a criação do partido monárquico, agora, na monarquia tinha Partido republicano. Então, o integralismo não tinha... E, na verdade eu sempre via essa visão do Plínio Salgado ... não existe regime eterno. Os regimes são variáveis. Pegue a História. De república à monarquia, quantas coisas: a Grécia, em Roma, essa coisa toda.

Agora, os teóricos enfeitam,: período imperial, período republicano, período monárquico, aquela coisa toda. Mas no fim, é a mesma coisa, é o poder. Então não existe isso, de um regime eterno. Porque não era monarquia, era República.”

Carvalho cita também, como Gumerindo, o exemplo de Franco na Espanha, que teria preparado o herdeiro do rei para sucedê-lo. Esse exemplo é recorrente porque se procura os exemplos de transição “pacífica” de modelos autoritários para o de outro tipo, embora não se procure enfatizar o modelo parlamentar, como o da Espanha, onde as eleições diretas elegem o presidente que é, por formalidade, reconhecido pelo rei. Neste início de 2007, o presidente espanhol é José Luis Rodríguez Zapatero. Ele é o quinto presidente do governo espanhol desde a restauração democrática em 1978. Zapatero foi eleito pelo Partido dos Trabalhadores Socialistas Espanhol (PSOE) em 14 de março de 2004 e foi reconhecido oficialmente pelo rei Juan Carlos I em 17 de abril de 2004.

Para Carvalho o que prejudica a implantação da monarquia no Brasil é a falta de tradição. E, no caso da tentativa de reorganização da AIB, o professor, neste momento, não via grandes possibilidades de reorganização:

“A Casa de Plínio Salgado não se envolve em termos de reconstrução de Ação Integralista Brasileira. Mas nós consideramos que o integralismo foi obra de Plínio Salgado. Então nós estamos apoiando. Inclusive, quinta-feira [14 de julho] nós fizemos uma reunião aqui, com muita gente, veio um grupo de Campinas... Tem um rapaz aí, chamado Cássio, nós chamamos Cássio de Campinas, que está coordenando. A idéia deles é fazer ainda uma reunião em setembro, na última terça-feira de setembro. E depois uma grande reunião, uma grande concentração em dezembro, por ocasião do aniversário da morte de Plínio Salgado. Para, exatamente, lançar o movimento.”

A reunião programada para dezembro em São Paulo realmente aconteceu. O chamado “Congresso Integralista para o Século XXI” foi realizado nos dias 04 e 05 de dezembro na cidade de São Paulo. Nesta ocasião na qual foi criado o Movimento Integralista Brasileiro. Sobre este evento, o capítulo 5 tratará.

Como escrito anteriormente, Carvalho não acreditava, e ainda não acredita, na possibilidade de recriação do integralismo nos moldes de 1930. Se discutia, nesses idos de 2004 e ainda se discute, a feição organizativa do novo movimento como nos relatou Carvalho:

“O problema desse movimento, ao menos na opinião do rapaz, o Cássio, que está liderando a coisa, tomou a iniciativa, ele também está em dúvida, como definir. Ou se movimento integralista, como nome de movimento, ou coisa que o valha, ou se o nome de Ação Integralista Brasileira. (...) Nós não achamos conveniente porque a Ação Integralista Brasileira foi um movimento de época. Fez, foi lá, cumpriu seu papel histórico. Agora, o movimento integralista pode continuar existindo porque o integralismo é uma idéia. Então eu entendo que talvez criasse um movimento integralista e aí se poderia lançar um manifesto com base no Manifesto de Outubro de 32 atualizado. (...) Porque há uma série de dados aí, que hoje não dá para você segurar no Manifesto de Outubro. Mas tem coisas fundamentais,,inclusive, que têm que ficar. Eu até vou sugerir para eles um nome, Movimento do Integralismo Atual, para caracterizar que é atual. Para caracterizar que é atual. Não é o integralismo da década de 30. Não é Ação Integralista Brasileira. Por isso que eu acho que não deve usar. Mas é minha posição pessoal.”

Carvalho conta-nos do interesse crescente de jovens de 17 a 20 anos que procuram a Casa de Plínio Salgado para participarem das reuniões. Segundo ele, esse jovens tomam conhecimento da reorganização do movimento através da *internet*. Falou-nos que na última reunião, que ocorrera na mesma semana da entrevista, a sala da Casa encheu. Cabe ressaltar que a CPS ocupa duas salas de um velho prédio no Centro antigo da capital paulista, perto do Viaduto Santa Efigênia. Atualmente, por motivos financeiros, a Casa está devolvendo justamente a sala de reuniões e doravante só ocupará a sala onde estão guardados os livros e documentos.

Para o professor, a memória que os integralistas querem guardar é a *“memória do integralismo mesmo. Agora, dentro daquela visão de época.”*

Carvalho continua sua explicação, relacionando o surgimento do integralismo no Brasil à ascensão de regimes autoritários na Europa no período entre-guerras:

“E qual era a visão da época? E quais eram os elementos culturais, políticos da época? Veja bem: o problema começa no pós-guerra 1914 – 1918 porque aquela euforia européia, aquele liberalismo, o laissez faire, laissez passer, aquela coisa toda... Aquela euforia européia, o desenvolvimento da ciência, a ciência ia responder todos os problemas, ia fazer, ia isso, ia melhorar.... E nessa melhoria de todo o mundo, estoura a Guerra de 1914 -1918. Uma guerra que se pensou que fosse durar cinco meses, durou cinco anos. Então, caiu por terra todos aqueles símbolos do liberalismo. E, em 1929 vem a crise, o crash da Bolsa de Nova York que acaba com a história do capitalismo. Então, a Europa e o mundo ocidental ficaram órfãos.”

O professor percebe que as idéias e as discussões presentes naquele momento procuram responder às questões que, de certa forma, amedrontam a humanidade, como analisou Freud em “O futuro de uma ilusão”³⁰⁴. A ciência e a liberdade burguesa são postas em cheque e, parte da intelectualidade busca respostas no controle da sociedade a partir do mundo do trabalho.

“Qual foi a idéia num plano de organização política? Retomar a idéia corporativa. Entendeu? Então, corporativismo foi moda nesta época. O que existe de obra aí, escrita por brasileiros, por estrangeiros, é demais. (...) Então, corporativismo surgiu como idéia. A democracia liberal, desmoralizada, cedeu [espaço] para os regimes autoritários. Então, o mundo ocidental virou autoritário. Mesmo os países de tradição chamada liberal, especialmente a Inglaterra e França, mesmo ele tiveram movimentos contestadores, que alguns chamavam até de integralismo, lá na Inglaterra, França, uma porção de lugar. Agora, os países novos formados dessa disjunção toda, acabaram em regimes autoritários: a Turquia, a Polônia (...) e Portugal e a Espanha que surgiram de uma crise violenta de República, crise republicana mesmo e que também adotaram Estados autoritários. E a idéia do autoritarismo foi colocada em pauta nas discussões da filosofia política da época. O que existe hoje aí, da época com o título de Estado Corporativo, ou então, Estado Moderno, é um número muito grande. (...) Uma forma que eles criaram aí, um nome que eles criaram aí foi Estado Novo. Há um monte de livros aí sobre Estado Novo. Todos eles baseados no sistema autoritário e, por isso, todos eles com regimes de força. Porque foram os regimes que tinham que reconstruir a Europa. Como é que se ia reconstituir? Hoje se condena o fascismo e o nazismo e essa coisa toda. Mas esses dois regimes, assim como o regime turco, lá do ‘Ataturk’, Kemal ‘Ataturk’, o regime do polonês, o Pilsudski, o regime espanhol, o regime português... Eles reorganizam esses países. Então, a América recebeu essa influência. Porque os países da América também estavam cheios dessa tal democracia porque de um lado é autoritarismo, do outro lado é caudilhismo... E só o Brasil, segundo alguns teóricos, (...) era a República Monárquica. O Brasil era uma República Monárquica. Então, esse foi o modelo.”

O modelo, então, a ser seguido pelo integralismo no Brasil deveria ser o da contenção da liberdade, de modo que, no entender de Carvalho, servisse à “reorganização” do país.

³⁰⁴ FREUD, S. op. cit.

“Aí, os revolucionários que seguiram a linha Hegel, o pensamento de Hegel que é a base de tudo, dessa concepção do Estado Moderno, autoritário. Esses grupos se dividiram em duas linhas. Uma linha comunista, do materialismo histórico, Feurbach e Marx e a outra linha do que chamam hegelianismo de direita. Então, o hegelianismo de direita e o hegelianismo de esquerda. Se nós aceitássemos essa terminologia. Veja bem, não quero dizer que o integralismo seja, mas o integralismo estava mais para o hegelianismo de direita, claro, do que o de esquerda. Então, no movimento integralista havia um certo conceito de autoridade até exacerbado, que é o autoritarismo. Eu defendo uma tese, segundo a qual, que a tradição brasileira é autoritária. Por que? Porque nós recebemos a tradição greco-romana do autoritarismo, da idéia do pater familia. E o pater familia tinha direito de morte sobre a família. Então a nossa tradição é essa.”

Não negando o autoritarismo do integralismo, o considera dentro da tradição autoritária brasileira, cuja matriz, a greco-romana, é a da própria civilização ocidental, da qual também originou a democracia. Vê os regimes autoritários como necessários para a implantação da ordem, em épocas de crises econômicas e políticas, mas também para evitá-las. Na percepção do integralista, o autoritarismo contido na doutrina e na forma organizativa do movimento é ordenador. Neste sentido, em sua concepção é positivo, como forma de conter as possíveis “distorções” da ordem instituída pelas tradições que compuseram a face brasileira a partir da colonização portuguesa. Portanto, o modelo, como bem alertou Natália Cruz ao tratar a referência primordial da raça nacional no integralismo, a ordem a ser estabelecida também vem de Portugal.

Moral e valores cristãos dos colonizadores, portanto, são os modelos para a postura integralista. Esta, segundo Carvalho, deve ser construída a partir do conhecimento do conjunto da obra integralista, não só organizativa, mas das obras filosóficas dos seus intelectuais e das obras literárias de Plínio Salgado. Encerrando a entrevista, demonstrou nos gestos e palavras a importância da Casa de Plínio Salgado para a permanência da memória integralista: o seu acervo de revistas, jornais, livros e imagens que ainda estão esperando catalogação e muito cuidado.

O professor acha que, na hora que aparecer uma geração que queira algo diferente, vai encontrar no integralismo os subsídios para a construção de uma nova possibilidade de Estado, mesmo que seja um Estado Integral atualizado.

c) Pedro Baptista de Carvalho, o presidente da Casa de Plínio Salgado

O senhor Pedro Carvalho, atual presidente da Casa Plínio Salgado é irmão do Professor Carvalho. Disse-nos ele que aceitou a presidência da Casa, substituindo o irmão, depois de muito medir a relação familiar nesta substituição. A aceitação deveu-se à impossibilidade regimentar da Casa em manter o presidente por dois mandatos, como aconteceu com o Professor Carvalho. O estatuto da casa deliberou pelo mandato de 3 anos para cada membro da Diretoria. Sua entrevista ocorreu no dia 9 de janeiro de 2007 e também foi-nos concedida na Casa Plínio Salgado na capital paulista.

Pedro nasceu em 19 de outubro de 1923 em Monte Azul Paulista no Estado de São Paulo. Como seu irmão, contou-nos a mesma história da descoberta paterna do integralismo, através de um primo. Mas, como irmão mais velho, foi colocado desde cedo para trabalhar e ajudar nas despesas da casa. Pedro não pode estudar tanto como o irmão e se envolveu menos com as atividades políticas. Mas isso não o impediu de considerar-se um autêntico e fiel integralista. Como nos disse, desde 1936.

Tinha 12 a 13 anos quando seu pai tomou conhecimento do integralismo. Lembra-se da expressão do pai quando teve os primeiros contatos com o movimento: *“Mas é isso que eu procuro ensinar para os meus filhos!”* Segundo Pedro, o pai reconhecia na essência da doutrina integralista *“os princípios básicos de patriotismo, de nacionalismo autêntico, verdadeiro.”* Considera que a formação católica está na base de sua formação.

Segundo o depoente a idéia do integralismo à família, que chegara através de dois primos, por conta da força de divulgação do movimento no Brasil: *“A idéia era ir a todos os municípios do país.”* O pai participava do núcleo de Catanduva, como secretário e, como disse também José Carvalho, levando todos os filhos. Pedro conta que era pliniano e, trabalhando num empório local como entregador, andava em sua bicicleta usando a camisa verde e um boné com o sigma bordado. Como disse: *“Eu andava de camisa verde todos os dias. Eu tinha um bibico e tinha em sigma a testa.”* Como pliniano, participava das reuniões dos núcleos, principalmente com a tia, a ativista integralista que, em 1938, teve a casa invadida *“pela polícia do Getúlio que confiscou todo aquele acervo que ela tinha: livros, revistas, jornais, emblemas, inclusive uma fotografia do Chefe que estava na parede. Eles confiscaram tudo. Nossa, ela ficou doida naquela oportunidade!”*

Das atividades de pliniano Pedro se lembra:

“Nós tínhamos aquelas reuniões no núcleo e tínhamos aquelas pessoas que nos davam aquelas instruções, principalmente as instruções de moral e cívica, baseada mesmo na doutrina integralista. E havia, inclusive, um grupo que estava empenhado na alfabetização de crianças e mesmo até pessoas idosas, aquela gente mais simples. E havia um grupo de senhoras que dava aula mesmo de alfabetização. (...) Naquela fase, a gente não tinha, assim, muita condição de, nós meninos, plinianos, de acompanhar, tudo mais. Meu pai ia a todos os congressos, todas as reuniões que havia pelas cidades da região. Ele ia sempre. Eu tenho, se não me engano, uma fotografia, acho que de Novo Horizonte, se não me engano...”

Pedro se lembra de algumas cerimônias, como uma da “Noite dos Tambores Silenciosos” que comemora os aniversários de lançamento do *Manifesto de Outubro de 1932*. E, quando houve o fechamento da AIB, depois da implantação do Estado Novo, o depoente conta que a família sentiu os seus reflexos. O pai, mais atingido, chegou a ser fichado na polícia por ser integralista. Assim as crianças sentiram o fim do integralismo, mesmo que não de forma consciente, mas atingidas emocionalmente pelas mudanças na rotina familiar. A partir da tentativa de golpe com a participação de integralistas, em 1938, a perseguição ao movimento aumenta, como Pedro percebeu. Para ele isso aconteceu porque *“Na verdade, o integralismo era o único movimento organizado que podia representar em termos de força. De oposição à ditadura.”*

Segundo Pedro, como todo o integralista, o episódio do “levante” necessita uma explicação do movimento, de dentro para fora. È preciso construir a versão da traição para se criar o mito da injustiça. A de que os integralistas foram os mártires e os mais atingidos nesse acontecimento e, por conta disso, suas idéias, símbolos, crenas passa a sofrer a rejeição que fora orquestrada pelo governo Vargas.³⁰⁵

“O 11 de maio é uma história que, nós integralistas, ficamos um pouco afastados, sem acesso a tudo que realmente aconteceu. Mas, coletando informações, mesmo de outros autores não integralistas, nós sabemos perfeitamente, que aquele movimento não foi um movimento integralista. Aquele foi um movimento dos liberais de São Paulo, inclusive os Mesquita. Porque, naquela oportunidade, nós tínhamos aqui em São Paulo, o Armando de Salles Oliveira, que era um dos candidatos

³⁰⁵ Conf. LUSTOSA, *op. cit.*

à Presidência da República, naquela época. A idéia, inclusive.... Eles chamaram o Plínio Salgado, conversaram com ele sobre esse movimento que queriam fazer, esse golpe que pretendiam aplicar. Só que.. . Isso que eu vou mencionar é uma questão muito subjetiva, absolutamente improvável em termos materiais. Que, o que houve na realidade no 11 de maio, foi uma traição, justamente da parte desses liberais paulistas. Porque estava programado, se não me engano, para o mês de agosto. E foi uma fase em que o Plínio Salgado não tinha condições de estar presente em algum lugar... E naquela fase, o Plínio Salgado andava tentando, não digo se esconder, mas de alguma forma não ser apanhado pela polícia do Getúlio, que realmente ele era o alvo principal da polícia do Getúlio. Então, eles aproveitaram essa situação em que o Plínio Salgado estava praticamente ausente... E, eles tinham inclusive (...) eu considero um mercenário. Na minha opinião o Severo Furnier foi um mercenário nesse processo. E, com aquele integralista do Rio, o Valverde, que era também um integralista, vamos dizer assim, indisciplinado. Ele não se sujeitava muito à doutrina, às orientações de Plínio Salgado. E ele e o Furnier tinham ódio do Getúlio.”

A traição, portanto, teria vindo de vários pontos, desde da parte dos liberais até dentro do próprio movimento, com a precipitação de Valverde, com seu desrespeito a algo primordial no integralismo, a obediência:

“ Então, o que os liberais paulistas fizeram? Fizeram essa antecipação, sem o conhecimento de Plínio Salgado e com esse grupo de pessoas: o Severo Furnier mais o Belmiro Valverde e mais alguns... E lá no Rio, então, eles foram recrutar aqueles integralistas que estavam mais por fora, pessoas ingênuas, que nem sabiam de nada. Por quê? Qual era, então, a intenção dos liberais? Era pôr o integralismo na frente para ir lá e fazer. Se acontecesse de matarem o Getúlio Vargas, aí então, eles entrariam como ‘defensores da ordem’ e acusariam o integralismo de ter... Porque, na verdade, o que eles queriam é tirar o corpo fora da eventual acusação de revoltosos. E foi exatamente o que eles conseguiram. Eles conseguiram jogar tudo isso nas costas do integralismo. E o integralismo, naquela oportunidade, aqueles poucos integralistas que se envolveram com isso, eram pessoas ingênuas que nem sabiam porque estavam ali. Só que estes detalhes todos são subjetivos, você não tem, é claro... Ninguém vai declarar isso. Mas que a gente percebe que é isto. À vezes, falando com meu irmão: ‘não, porque não há prova’. Claro que não há prova, você acha que alguém ia deixar alguma coisa para servir de prova para eles?”

Para Pedro, a verdade foi omitida à população e provocou frustração. Seguindo a sua vida, não estudou mais, desde o 12 anos, quando, para ajudar a família, teve que trabalhar. Para ele, o trabalho é essencial para a formação do homem e deve se iniciar na

infância. Mas, mesmo sem freqüentar a escola, jamais deixou de ler, estudar. E, como relembra, mesmo por pouco tempo, a sua educação escolar formou-o também no civismo.

Foi morar em São Paulo aos 16 anos para trabalhar, deixando a família em Catanduva. A família só chegaria mais tarde, em 1942. Neste período em que o mundo era atravessado pela Segunda Guerra Mundial, Pedro lembra que se preocupava com as conseqüências do confronto, com as incertezas quanto aos objetivos finais, principalmente do Nazismo que, para a maioria da população representava a força de maior ameaça naquele momento. Mas, para ele:

“Na verdade a grande ameaça da humanidade foi o comunismo mesmo. Mas, naquela fase, principalmente esse movimento de imprensa e tudo, colocava então o nazismo como a grande ameaça. E, evidentemente, a gente tinha aquelas posições. Mas, como a gente estava um pouco afastado daquela orientação direta do Plínio Salgado, que já nem estava no Brasil, então a gente ficava, mais ou menos assim, não tinha muita certeza exatamente das coisas como elas ocorriam. Mas a gente considerava, principalmente alguns aspectos, algumas fases daquele movimento, como foi a Conferência de Ialta, onde se reuniram Churchill, Stalin e Roosevelt . Aquilo foi, realmente, uma coisa que, para nós, repercutiu como uma grande traição! Porque aqueles três indivíduos, eles tomam a iniciativa de dividir o mundo, como se eles fossem os donos do mundo. E , inclusive, praticamente autorizando o Stalin a invadir todos aqueles países do Leste Europeu: Polônia e tudo. A Polônia, por exemplo, foi uma das grandes vítimas naquela oportunidade porque, os poloneses, quando eles foram invadidos... Que foi o primeiro objetivo do Hitler lá, foi a invasão da Polônia. Eles saíram da Polônia, todos aqueles aptos e tinham um lema: ‘qualquer frente nos leva à liberdade’. Eles lutavam do lado dos aliados para libertar a Polônia. Quando aconteceu a Conferência de Ialta, houve casos de oficiais poloneses cometerem suicídio na frente de batalha por considerar aquilo como uma tremenda de uma traição. Que realmente foi uma grande traição. Aliás, de acordo com uma idéia um pouco mais avançada, foi o ato, por exemplo, de permitir o controle das estradas de ferro do Norte da Manchúria foi que levou o comunismo para a Ásia que, no fim, resultou na Guerra da Coréia, onde morreram milhares de americanos e todos aqueles outros países da Ásia que sofreram terrivelmente o domínio do Kimer Vermelho etc.. Então, tudo a gente tomava conhecimento dos fatos e ainda não tinha mesmo condições de prever uma situação. Mas, sabia-se que a Conferência de Ialta foi considerada uma grande traição à humanidade.”

Sobre o comunismo, esta era uma questão que o pai rejeitava como coisa que não era para brasileiros. E o combate a este sistema, para a família, também se baseava nas

diretrizes apontadas pelo *Manifesto de Outubro de 1932*. Em sua fase inicial, como morador de São Paulo, distante de casa e com a impossibilidade da existência do integralismo, Pedro se afasta da constância de se discutir os ideais do movimento. Nunca deixou de estudar por conta própria, aprendendo francês, inglês, espanhol e italiano por seu esforço. Trabalhou em várias atividades, principalmente às ligadas ao comércio, em setor administrativo. Com quase 50 anos, ao cursar programação de computadores passa a lecionar. Por não possuir licenciatura que o habilitasse encontra resistência legal em poder continuar dando aula. No seu entender, nas várias atividades que exerceu, não foi bem sucedido. Mas, como disse, trabalhou como empregado 56 anos. Apesar da luta pelo e no trabalho, o senhor Pedro educou e formou todos os quatro filhos em Universidades. O filho mais velho é engenheiro aeronáutico, formado pelo Instituto de Engenharia do Exército, o IME e é Coronel da Reserva do Exército. A filha estudou nutrição e trabalha atualmente em vendas. Um dos seus netos, Lucas, filho desta sua filha, também participa do movimento. O filho mais novo, Plínio José, formado em Matemática, é funcionário da Caixa Econômica e, sindicalista, é filiado ao Partido dos Trabalhadores. Embora de tendência ideológica antagônica, este filho é com quem mais discute política. A filha mais nova formou-se em Direito.

Em toda esta trajetória de luta para criar os filhos, Pedro disse-nos que nunca deixou de ser integralista. E, sempre lendo, principalmente obras do pensamento político, o entrevistado considera que estas só consolidam a sua constatação de que o integralismo é a doutrina mais consistente.

Para Pedro, Rousseau, Montesquieu, Toqueville não podem ser lidos, ou interpretados como precursores do liberalismo, eles devem ser lidos de forma independente em relação às formas de pensar que lhes são posteriores. Segundo Pedro, mesmo leituras que são antagônicas ao que prega o integralismo, como o *Manifesto Comunista* de Karl Marx, só vêm lhe dar a certeza da consistência do conceito integralista.

Quando ressurge o integralismo, com a fundação do Partido de Representação Popular, pensa que foi natural seu engajamento e de outros antigos militantes do movimento. Os seguidores de Salgado, segundo ele, sentiram a necessidade de voltar a acompanhar o Chefe. Mas, como contou o depoente, como Partido, o integralismo já não se encontrava mais como motor, nem na direção dos projetos partidários. Isso acontecia,

segundo ele, por conta mesmo da estrutura de partido que o movimento passou a ter, sendo mais um instrumento eleitoral que de formação.

“Por ser um Partido político, teve por força de circunstância, que incluir muita gente que era, eu não digo que estranhos ao integralismo, mas que não tinham vínculo com o integralismo. Políticos que não tinham vínculo com o integralismo. E isso nós fomos vendo depois, no desenvolvimento das coisas, muita gente se afastou... mas nós permanecemos militantes do Partido de Representação Popular até o momento, depois que isso aconteceu, em 1964, com a Revolução dos militares. Mas nós acompanhamos tudo, a eleição de Plínio Salgado para Deputado Federal, a atuação dele que foi uma atuação brilhantíssima.”

Para Pedro, uma das propostas mais brilhantes foi o projeto de Reforma Agrária que Plínio Salgado apresentou em 1963. Mais que um projeto seria uma política agrária, segundo ele, por sua abrangência. E, quanto ao conceito de Democracia Orgânica, colocado em evidência durante o período do PRP, já estava delineada no *Manifesto de Outubro de 32*. O termo democracia, por força das circunstâncias de 1946, em épocas de democratização pós derrota dos regimes fascistas na Segunda Guerra Mundial.

Sobre a estrutura partidária do integralismo, como militante do PRP e ex-pliniano, Pedro analisa essa “partidarização” do movimento e os problemas da estrutura partidária no Brasil:

“A participação da Ação Integralista Brasileira, uma participação política mais especificamente falando, é uma questão circunstancial, é uma exigência circunstancial. Isso aconteceu ainda quando antes de 1937, que teve que assumir aquela condição de movimento político. Então por força de circunstância teve que assumir essa característica, digamos assim, de partido político. Mas é uma questão muito polêmica também, porque, na verdade, esta questão de partidos políticos. É claro, esse absurdo dessa pluralidade descontrolada de partidos que chegamos a ter no Brasil é um absurdo mesmo. Só que não se pode simplesmente corrigir um excesso com o excesso oposto. Vamos dizer: ‘não, essa pluralidade é um absurdo, nós temos que nos reduzir a apenas um partido. Isso não funciona, na minha opinião, eu acho que não funciona assim. Mas o que nós temos na verdade, é um problema muito mais sério que esse, que é a inconsistência ideológica dos partidos. Só que isso é uma coisa muito difícil de se estabelecer, na atual contingência, na atual situação política do Brasil porque ninguém está mais preocupado com essa questão ideológica. A política brasileira virou realmente um mercado. (...) Esses partidos políticos, por exemplo, são grupamentos de interesses, interesses particulares. Só que tem um

detalhe. Não é por lei que vai se mudar isso. Infelizmente, não é por lei que se mudam essa coisa, é a cabeça do homem que tem que ser mudada. É o problema da educação, daquela formação moral e cívica que deixa de existir, que está sendo negligenciada há muito tempo.”

Pedro considera a situação da política brasileira a consequência de muitos anos de desgoverno. Segundo ele, o ideal de forma de governo para o país é a República. Utilizando-se de citações de Montesquieu, ele defende, como o pensador francês, que na República torna-se necessária a virtude, a virtude política, que é o dom do desprendimento. Pedro fala:

“Eu costumo dizer o seguinte: os filósofos morreram. Morreu Confúcio, morreram os filósofos gregos, morreu Montesquieu, morreu Rousseau. Não morreu Maquiavel! Maquiavel está vivo e atuante aí na cabeça da sociedade. E ele já não é mais Maquiavel apenas para os príncipes. Ele é Maquiavel para todos. Para a sociedade toda. Então, esse maquiavelismo que está divulgado pela sociedade toda, isso é realmente o grande problema da sociedade. O equilíbrio social só será atingido quando cada um se preocupar com todos e todos se preocuparem com cada um. Porque o equilíbrio social não depende uma forma de governo. O equilíbrio social depende de valores, de princípios. Então, a sociedade humana tem que passar a entender isto. As regras que precisam existir, as leis, os estatutos que precisam existir são para ser respeitados. Então, a sociedade tem que entender que, para viver bem, essas regras têm que observados, têm que ser respeitados. Então eu costumo dizer que a fórmula para se atingir o equilíbrio social seria: povo consciente e responsável; políticos honrados e competentes; leis e instituições justas e eficazes; equilíbrio social absoluto; nação próspera e feliz – democracia plena.”

Pedro fala que a incumbência integralista atualmente é nula. Hoje são muitos poucos. Mesmo quando eleitos, diante das forças opostas no Congresso, não tem nenhuma possibilidade de atuar. Para o depoente, o fundamental para se mudar a situação da política na atualidade no Brasil é a educação do povo brasileiro. O Brasil não seria ainda uma nação: *“Porque no Brasil, nós, por enquanto, ainda não somos uma nação. Nós somos um agrupamento de pessoas que estão normalmente reunidas em associações de classe exclusivistas, cada uma delas cuidando exclusivamente dos interesses daquela classe, como se cada uma delas fosse a única coisa importante na sociedade.”* O maior problema da sociedade brasileira é sua múltipla divisão, cada parcela dessa sociedade cuidando de seu interesses. A mídia também serve, segundo ele, para a degradação dos costumes. E essa

degradação na sociedade leva à degradação da política. Cita Rousseau como exemplo: *“Não deveria a política começar pela formação do homem?”*

Quanto ao sonho de um Estado Integral, acha impossível, pela própria omissão do integralismo na História do Brasil. Se antes, segundo ele, o integralismo era a *“formiguinha chutar o traseiro do elefante, hoje nós somos a formiguinha tentando sair debaixo da pata do elefante.”*

Acha que o integralismo atualmente e para o futuro precisa da consistência doutrinária que muitos novos militantes não têm. *“A internet tem sido um meio de comunicação eficaz, mas as cabeças ainda estão muito confundidas. Ainda existe muita confusão nisso tudo, com a doutrina essencialmente, especialmente da doutrina. (...) é o elo [de 32] até hoje”.*

Sobre a forma de governo que pondera:

“Quando se fala em diferentes formas de governo. Aqui muita gente falou disso. Quando alguém fala: ‘é a monarquia’. Eu pergunto: ‘Muito bem, e quem seria o monarca?’ Outro fala: ‘Porque ditadura....’ Eu pergunto: ‘Muito bem. Quem seria o ditador?’ (...) E uma República integralista seria justamente uma república baseada neste princípio. (...) Não tem que, necessariamente, que definir uma forma de governo. A forma de governo, ela seria definida de acordo com as circunstâncias de tempo e de lugar. As condições do Brasil, por exemplo.(...) Não existe outro igual ao Brasil, sob nenhum aspecto. (...) Então, nós temos que ter tudo isso compatível com todas essas diferenças. (...) Eu acredito numa forma de governo pluralista. Eu acho que tem que haver partidos... Eu acho que, quando se fala em democracia... É muito difícil entender fazer entender o que é democracia. Porque na verdade, alguém costuma dizer ‘o que é democracia é uma pergunta que está no ar há 2300 anos. Então quando a gente começa a ver o que é definição de um governo democrático através da Constituição brasileira, por exemplo, e ver o reflexo que nós temos aí desses governos que tem havido em nome da democracia. O que é? Democracia é isso? No entanto, eu sou de opinião de que a forma de governo que haverá prevalecer será uma forma de governo representativo (...) A evolução que tem acontecido na sociedade, no sistema de trabalho, na relação trabalhador-empregador mudou tanto que não é mais aquilo que era antigamente. E há um aspecto muito interessante de se considerar, é que de uns tempos para cá, essas mudanças essas alterações elas acontecem de uma forma tão freqüente ... Há um ritmo que escapa, praticamente, ao controle de qualquer idéia de governo, ou como estabelecer o governo etc. Aquilo que eu disse: ‘Homens honrados e competentes fazem bons governos.’³⁰⁶ Porque

³⁰⁶ Pedro também chama atenção deste aspecto no filme de Sanz “Soldado de Deus”.

honradez e competência são as condições absolutamente indispensáveis para alguém que quer dirigir uma sociedade, para quem quer administrar uma nação, administrar uma sociedade.”

No entender de Pedro, a democracia é esvaziada de dentro para fora, a partir dos próprios governantes. Para ele: *“A credibilidade das instituições é base de sustentação da democracia, da mesma forma, o descrédito das instituições é o câncer que corrói a democracia.”*

Sobre a situação econômica brasileira, considera que a miséria de parte da população é resultado do processo democrático brasileiro. Segundo ele, suas considerações estão relacionadas à sua visão dos princípios básicos da doutrina integralista. É através dela que vê a história. É dela que partem seu pontos de vista e por ela vão suas teorias sobre as possibilidades de entender e re-formar o mundo. Pedro não se nega a absorver pensadores do iluminismo que, nas obras integralistas, são considerados colaboradores para a visão materialista do mundo. Neste caso, assimila a idéia da síntese doutrinária, a de acumulação e da não negação (ou da negação pela exclusão). O depoente segue, em linhas gerais, os ensinamentos de Salgado. Mas é cético sobre as possibilidades de suas idéias se espalharem pelo Brasil, como, de certa forma o integralismo conseguiu na década de 1930. Disse-nos:

“Hoje você me pergunta se eu acho que o integralismo poderá resolver os problemas da sociedade brasileira. Poderia se nós tivéssemos poder de influência de alguma forma. Mas não temos. Nós estamos completamente alijados de qualquer meio de comunicação efetivo. Hoje nós temos internet. Então a gente tem esperança de que pela internet nós vamos começar... Mas, quantas pessoas estão interessadas na nossa fala, na nossa ideologia e que têm um computador em casa e que usa a internet? Noventa e nove por cento dessas pessoas que usam internet estão fazendo joguinho, estão fazendo comunicações para outra finalidade qualquer, menos para discutir essa questão sociológica. A minha atitude pessoal em relação é isso. Honestamente, eu evito falar isso com frequência porque opinião negativa dá resultado negativo. Influencia negativamente. Eu não vejo muita possibilidade não, honestamente. São vários fatores que aconteceram com esse povo que aderiu ao integralismo que nos trazem a essa situação. Por exemplo, nós não conseguimos passar isso para os nossos filhos. A grande maioria dos integralistas não conseguiu passar isso para os próprios filhos. Então, esse já foi um elo importantíssimo que se rompeu, primeiro. Depois tem sido deturpado por todos os meios. (...) E nesse processo de deturpação, um dos aspectos mais graves é justamente a

omissão. Porque já não se ensina mais nas escolas, nas faculdades. Ninguém fala mais sobre integralismo. Não discute nem para falar mal, nem para falar bem. ”

Já que não há mais o vínculo familiar que manteve os dois irmãos Pedro e José Baptista Carvalho no integralismo, o que atrai, segundo o depoente, os jovens para o integralismo são informações equivocadas. Geralmente os jovens que vão à Casa de Plínio Salgado: *“Muitos vêm achando que o integralismo é uma força, que vai tomar o governo, que vai mudar o governo. Quando, na verdade, o integralismo não tem esse propósito. Principalmente quando consideramos a atual situação. (...) Nós não temos a menor chance de influenciar no governo a ponto de mudar tudo isso no sentido integralista.”*

Pondera sobre as forças representadas no Congresso e observa que as idéias que julga concomitantes com a doutrina não têm respaldo no Congresso. Para Pedro as mudanças devem partir da educação, *“ato de formar”* e do ensino, *“ato de informar”*, como disse. O ensino deve, segundo o depoente, conter a educação moral e cívica. *“Para informar, basta saber. Para formar, é necessário ser. Este é o problema. Este é o grande elo que foi rompido. Hoje, falar em formação moral e cívica é querer colher onde ninguém semeou. Não existe ninguém hoje, no ensino, preparado para passar formação moral e cívica. O corpo docente hoje, o magistério hoje, vai ser professor”*

Segundo Pedro, há também o problema da falta de hierarquia. Não há alguém que consiga substituir Plínio Salgado. Nem o poder de pressão substitui o poder do líder. Não acredita que um dia o integralismo possa retornar como força política, não porque a idéia poderia não funcionar, mas porque a população não está preparada para absorvê-la. O equilíbrio social dependeria de um *“povo consciente e responsável”*. Pedro acha que a sociedade substitui erros e que não toma a História como exemplo. Este seria o único valor que a História tem. *“Se ela não serve como exemplo, ela é apenas mais um gênero literário.”* Assim sendo, se a História não serve ao integralismo, a História não serve como exemplo. E, se não houve, ou há, a possibilidade do integralismo mudar, ou formar, a população nos seus moldes, então, o integralismo teria perdido a sua função histórica.

d) Anésio de Lara Campos, o aristocrata integralista

O advogado Anésio de Lara Campos Júnior pertencente uma das mais conceituadas famílias paulistas, a família Matarazzo. Ele é neto de Andrea³⁰⁷, conde Matarazzo e mantém seu busto em sua sala de visitas. Filho do primeiro casamento de Filomena Matarazzo, com Anésio de Lara Campos, o depoente nasceu em 26 de maio de 1929. Seu pai foi campeão brasileiro de tênis e fundador da Sociedade Harmonia de Tênis, que é um dos principais clubes freqüentados pela elite da cidade de São Paulo. Ficou órfão de pai aos 9 meses de idade. O Dr. Anésio é meio-irmão e padrinho de Eduardo Suplicy, Senador de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores. O seu depoimento foi dado ao LABHOI em 18 de janeiro de 2006 na cidade de São Paulo.

O seu padrasto Paulo Cochrane Suplicy foi um empresário importante corretor de café da primeira metade do século XX. Suplicy teve nove filhos com Filomena Matarazzo, entre eles o senador Eduardo Suplicy. Sobre a sua família, nos contou:

“A minha mãe tem 97 anos e está muito lúcida. A memória é um pouco falha, mas a lucidez está perfeita. A nossa família é muito unida. Meu irmão é o Eduardo Matarazzo Suplicy, foi deputado estadual, deputado federal, candidato à prefeito de São Paulo, candidato à governador de São Paulo e foi reeleito senador da República e a mulher dele, dona Marta Suplicy foi eleita prefeita.”

Anésio ainda nos relatou sobre sua formação:

“Eu, quando tinha 6, 7 anos de idade, tinha um cabelo todo cacheado e quando ingressei no Colégio São Luís, à Avenida Paulista, 2324, dos padres jesuítas. Fiz meu exame de admissão, no qual tirei nota 100 que era a nota mais alta, em todas as matérias. Aí durante o curso ginásial, muitas vezes eu era o primeiro da classe. Quando não era o primeiro, era o segundo e cursei lá os quatro anos do ginásio e o primeiro ano do curso clássico. Aí eles fecharam o curso clássico, porque tinha muito poucos alunos e eu fui estudar no Colégio Dante Alighieri. Depois fiz a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Lá cursei cinco anos de bacharelado, três anos de curso de

³⁰⁷ Segundo o jornalista Fernando Moraes, Andrea Hippolito Matarazzo foi um fiel colaborador do próprio Duce. Em Fascismo redivivo - Ressurge em São Paulo o fantasma de Mussolini. Conf. em Observatório da Imprensa de 26/5/02 conf. : www.ig.com.br.

especialização e quatro anos de curso de doutorado. Foram ao todo 12 anos lá.”

Com uma rígida e conservadora educação católica, Anésio pretendeu ser sacerdote e partiu para um Seminário Dominicano na província de Paris, na França. Disse-nos: *“Eu resolvi me dedicar naquela época à conversão da Rússia e tentei ingressar no Lucicon, que era um seminário de eslavo e russo que havia em Roma, mas não me aceitaram porque eu não era nem de raça eslava e nem era ainda sacerdote. Por isso lá não me aceitaram.”* Além desse Seminário francês, Anésio seguiu para um mosteiro da Ordem da Cartuxa, que segundo o depoente, *“é considerada a ordem mais severa da igreja”*. Também foi noviço na *Chateau de la Balsant*, no cantão de Friburgo, na Suíça e na *Cartura de Nuestra Señora de Miraflores* em Burgos, Castela, na Espanha *“em cujo retábulo na igreja está o primeiro ouro que Colombo trouxe da América.”*

Para Anésio, o seu propósito de converter a Rússia demonstrou na atualidade ter sido coerente, mesmo com o governo comunista da sua época de seminarista. Contou-nos a sua luta para fazer retornar o livre exercício do catolicismo na Lituânia:

“A Rússia, atualmente pode ser considerado um país cristão. O Boris Iéltsin compareceu em solenidades de comemoração da páscoa, segurando vela e praticando outros atos religiosos, como o presidente da Rússia. O Stálin tinha mandado derrubar a igreja de São Pedro e São Paulo que era muito antiga lá em Moscou e depois que foi derrubado o comunismo na Rússia, os católicos que se chamam de ortodoxos, construíram uma belíssima de São Pedro e São Paulo, uma catedral muito bonita, lá em Moscou. Quando eu constitui com alguns outros associados, eu reconstitui a LEC (Liga Eleitoral Católica), que tinha sido fundada por Dom Sebastião Leme, no início da década dos anos 30, quando eu a reconstitui, mais ou menos em 1985 por aí, eu coloquei no estatuto o seguinte: que para entrar na LEC era necessário que a pessoa ainda que fosse sacerdote, bispo, arcebispo, se comprometesse a pedir ao governo soviético que fossem devolvidas à igreja a Catedral de Vilnius, capital da Lituânia, e as demais igrejas católicas que o governo soviético havia confiscado. Naquela época, os bispos do Brasil e do mundo eram silenciosos, omissos, não faziam nenhum pedido às autoridades soviéticas para devolverem as igrejas católicas. E, para a minha grande alegria aconteceu o seguinte: o presidente da CNBB, que era jesuíta, escreveu uma carta ao Boris Gorbachev pedindo várias coisas com referência principalmente à Lituânia, que é um país católico. Uma dessas coisas que ele pediu foi a devolução da catedral e das igrejas católicas na Lituânia. E o Gorbachev não respondeu essa carta,

mas esse antigo presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil deu uma vez uma entrevista à televisão, dizendo o seguinte: que o Gorbachev não respondeu a carta, mas pouco a pouco atendeu às coisas que ele tinha pedido na carta. Quer dizer que, embora eu tenha dado uma muito humilde contribuição, essa idéia de pedir ao governo soviético a devolução das igrejas, acabou sendo endossada por esse bispo brasileiro, que pôs em prática e conseguiu êxito.”

Segundo Lara Júnior, a Sociedade Brasileira de defesa da Tradição, Família e Propriedade também teria participado da campanha católica pela Lituânia. No seu entendimento, a TFP contribuiu para a independência da Lituânia, já que teria conseguido recolher 5 milhões de assinaturas com este objetivo. Embora não pertencendo aos quadros da TFP, a sua relação com quadros da entidade remonta à juventude. Disse-nos que como presidente da Congregação Mariana do Colégio São Luis conviveu com diretores e fundadores da TFP. Falou-nos que tem muito apreço pela TFP sob vários aspectos. Por exemplo, *“a luta contra o comunismo, contra o divórcio, contra o aborto”*. Porém, e não compartilha de algumas posições da TFP. Como a

“relutância em aceitar certas coisas decididas pelo Concílio Vaticano II, como seja, a celebração das missas nas línguas nacionais. Eles preferem a celebração da missa em latim. Eu considero que nenhum dos apóstolos tinha como língua materna o latim, nenhum dos 12 apóstolos, e a missa antigamente era celebrada em grego, em hebreu e nas línguas nacionais dos lugares onde os apóstolos evangelizavam, de modo que essa insistência em que a missa seja celebrada em latim não encontra apoio nas raízes do cristianismo. Eu aprecio muito a missa em latim. Eu me acostumei a rezar o Pai-Nosso e a Ave-Maria e algumas outras orações em latim.”

Neto de Conde, ainda que o título de nobreza tenha sido concedido a Andrea porque o governo italiano os conferia a imigrantes bem-sucedidos, Anésio se declara monarquista, tendo fundado em 1988 a Ação Monárquica Imperial. No ano seguinte tentou a candidatura a presidente da República pelo Movimento Monárquico Imperial Brasileiro³⁰⁸. Fala sobre a sua admiração pela monarquia:

“Eu, em 1946, 47, eu me lembro que quando eu estava no seminário dominicano da província de Paris, aconteceu de ocorrer a data de 15 de novembro. Aniversário da Proclamação da República. E um sacerdote dominicano lá na mesa de refeição, mencionou por indicação de um outro brasileiro que tinha ido pra lá junto comigo,

³⁰⁸ Conferir ALMEIDA, A. *op. cit.*

mencionou que o dia 15 de novembro era uma espécie de data nacional no Brasil. E eu disse a ele: ‘Bom, eu não aceito essa data porque eu sou monarquista e nunca, jamais iria comemorar a proclamação da república.’ Então, eu me lembro que eu já era bem monarquista nesse tempo.”

Para Anésio, o fato de ser monarquista se relaciona ao fato de que as monarquias européias estariam sempre relacionadas ao cristianismo. Segundo ele, a prova disto é que a cruz encima todas as coroas. Também defende a monarquia explicando que a colonização portuguesa no Brasil permitiu a incorporação da colônia ao reino como parte dele. Explicou que, devido á participação da maçonaria no processo de implantação da República no Brasil, com a escolha pelo Estado laico, o Brasil deixou de ser oficialmente cristão. Porém, na Constituição de 1946, com a invocação do nome de Deus. O Brasil teria retornado à sua condição de país cristão, tal como no Império. Sendo assim,

“o Brasil pode ser considerado oficiosamente um país cristão porque na câmara dos deputados, nas assembléias legislativas, nas câmaras dos vereadores, nos tribunais do júri, nas salas principais e em quase todas as salas dos tribunais de justiça e dos fóruns, quase sempre, há um crucifixo ou uma imagem de Cristo. Então são sinais de que o país realmente é oficiosamente cristão.”

Cabe aqui recordar que o projeto de entronização do crucifixo na Sala do Plenário da Câmara dos Deputados foi feito pelo então Deputado Goffredo da Silva Telles Junior³⁰⁹ do Partido de Representação Popular. Goffredo que também foi integralista, na maturidade declarou-se socialista.

Se dizendo amigo dos descendentes da família imperial brasileira, Anésio procura demonstrar a relação entre monarquia e cristianismo. Desta forma, a sua escolha pelo regime passaria pela questão religiosa, pela defesa de uma pátria cristã. E, na sua concepção, o cristianismo se relaciona à obediência a princípios morais, como ao que se refere à proibição ao divórcio. Anésio, segundo nos contou, separou-se da esposa três vezes, mas não se divorciou.

Essa sua relação como cristianismo o teria levado também ao integralismo, como demonstra ao relacionar o sigma ao reino cristão:

³⁰⁹ Goffredo da Silva Telles Junior foi Deputado Federal Constituinte em 1946, e Deputado Federal na legislatura 1946/1950. Não quis se candidatar, em 1950.

“Bom, eu escrevi de 1946 a 1950 um livro que tem o símbolo do sigma ao alto de todas as páginas exceto a que sejam início de capítulo. Esse livro foi impresso em 1000 exemplares, no ano de 1950 e chama-se, está escrito em castelhano, este livro chama-se El reino cristianíssimo, e com referência a esse livro eu recebi cartas de nove cardeais, 65 bispos e muitas autoridades de diferentes países do mundo.”

Seus primeiros contatos com o integralismo foi através das amizades, como ele nos contou:

“Sim. Eu tinha muita amizade com o Dr. Rui Arruda, que era uma espécie de vice-chefe no Partido de Representação Popular, o PRP. Tinha muita amizade com o Genésio Pereira Filho, que ainda é vivo, com o Hilário Torlone, que foi vice-governador do estado de São Paulo, com vários outros líderes integralistas como o deputado Luiz Campanhoni, deputado federal do Rio Grande do Sul; o Antônio de Toledo Piza, que foi presidente da câmara municipal de São Paulo; Mário Penteado de Faria e Silva, que foi presidente do Instituto Brasileiro do Café e muitos outros companheiros.”

“Sou muito católico. Eu sempre tive muita amizade com o Dr. Adib Casseb, que era advogado da Companhia Seguradora Brasileira e sempre tive muita amizade também com o professor Alfredo Buzaid, que era integralista desde a sua juventude, sempre foi. E quando foi comemorado o 60º aniversário de Plínio Salgado, num bufê na Avenida Eusébio Matoso, coincidiu que eu e minha senhora e o professor Buzaid e um colega dele, também professor, nos sentamos na mesma mesa onde cabiam quatro pessoas.”

“Tinha muita amizade também com o professor Euro Brandão, que foi durante muito tempo reitor da PUC do Paraná, o qual sempre foi integralista também. E sempre tive muita amizade com o desembargador Ítalo Galli, que ainda é vivo e que também sempre foi integralista, foi presidente do Tribunal de Alçada Criminal do estado de São Paulo. É um homem muito religioso, muito católico, muito direito, muito correto e muito honesto.”

A sua amizade e proximidade com Plínio Salgado também foi relatada:

“Eu tinha um bom contato com o nosso chefe nacional, Plínio Salgado, seja na casa do Dr. Loureiro Jr., que era genro dele, à atual Avenida República do Líbano, que antigamente chamava-se Avenida Indianópolis, ali em frente do Parque do Ibirapuera. Depois na Alameda Sarutaiá, perto da Brigadeiro Luis Antônio, onde o Dr. Loureiro Jr. Tinha ido morar com a filha do chefe, que era a mulher dele. E tinha contato com o chefe na Rua Senador Berger, lá no Rio de Janeiro, onde

ele morava num apartamento com a dona Carmela, senhora dele. Tinha contato com o chefe no apartamento onde ele residia, quando ele era deputado federal, em quatro legislaturas em Brasília. Levei o chefe no meu modesto carro de São Paulo até Santos, ida e volta, e circulei lá em Santos com ele quando ele era candidato à presidência da república. Fomos, eu, dirigindo o carro, o Dr. Rui Arruda e o chefe. Então, tinha muita amizade pessoal para com o chefe e fui secretário do comitê estadual pró-candidatura do Plínio Salgado à presidência da república aqui no estado de São Paulo. Frequentava muito o comitê pró Loureiro Jr. Para prefeito de São Paulo lá na praça da república, onde também se fazia a campanha eleitoral do chefe para a presidência da república.”

Quando o PRP é fundado, Anésio ainda era o adolescente em busca de sua definição pela atuação no catolicismo: dentro ou fora da Igreja. Mas se sentia atraído pelo partido: “*Eu era menor, tinha 16, 17 anos e eu creio que naquele tempo para se filiar eu creio que precisava ter mais do que essa idade. (...) Mas antes de ir para a Europa eu já estava ligado ao PRP.*” Na campanha presidencial, na qual o PRP se coligou com a UDN e o PL³¹⁰, lançando Eduardo Gomes como candidato, Anésio participou ativamente. Conta a sua relação com as campanhas de então:

“Bom, Nós apoiávamos o professor Lucas Nogueira Garcez para o governo do estado e na mesma eleição, apoiávamos o Brigadeiro Eduardo Gomes, como candidato da UDN à presidência da república. Conseguimos eleger o professor Lucas Garcez, que era uma ótima pessoa, que fez um ato bem emérito, que foi restituir a, praticamente a Companhia de Jesus, que são os jesuítas, através de uma outra pessoa jurídica, restituir a capela e o edifício lá do pátio do colégio, onde agora está o Museu de Anchieta. O professor Garcez restituiu isso aos jesuítas depois que o ímpio Marquês de Pombal tinha confiscado os bens dos jesuítas em Portugal e no Brasil e tinha expulsado os jesuítas. Então, eu participei do comício realizado na sede de um antigo cinema, na esquina da Avenida Duque de Caxias com o Largo do Arouche, na qual compareceu o Brigadeiro Eduardo Gomes e o nosso chefe Plínio Salgado, porque o PRP tinha adotado a candidatura do Eduardo Gomes

³¹⁰ A União Democrática Nacional foi fundada em abril de 1945 como uma "associação de partidos estaduais e correntes de opinião" contra a ditadura estadonovista. Surgiu, primeiramente, como uma frente, mas tornou-se partido político nacional. A UDN participou de todas as eleições, majoritárias e proporcionais, até 1965. Segundo o site da Fundação Getúlio Vargas “Seu principal adversário das urnas era o Partido Social Democrático (PSD), de representação majoritária no Congresso. Na Câmara dos Deputados a UDN manteve o segundo lugar até 1962, quando perdeu para o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Elegeu governadores, especialmente no Nordeste, e integrou vários ministérios, inclusive no governo Vargas. Perdeu três eleições presidenciais consecutivas (1945, 1950 e 1955) e apoiou a candidatura vitoriosa de Jânio Quadros em 1960 e o movimento militar de 1964.” O Partido Libertador, o PL, organizou-se a partir do Rio Grande do Sul, com Raul Pilla. Segundo o mesmo site, os socialistas iam aderir aos partidos na campanha pró Gomes mas, como a adesão dos integralistas de Plínio Salgado, retiraram seu apoio. Conf. em <http://www.cpdoc.fgv.br>.

para presidente da república. Nesse comício, compareceram os principais líderes da UDN, inclusive o professor Valdemar Ferreira, que tinha sido secretário da justiça do Pedro e Toledo durante a revolução constitucionalista de 1932. Participei, então, de comícios pró Ademar de Barros para prefeito de São Paulo, porque foi apoiado pelo PRP e quando o Ademar foi eleito foi dada a secretaria das finanças ao nosso companheiro, Dr. Rui Arruda. Participei de diferentes comícios e coligações as quais o PRP era participante.”

Na sua volta da Europa, a sua atuação se torna mais ativa no PRP, tornado-se secretário do comitê estadual quando Salgado foi candidato à presidência da república:

“É, por exemplo, eu participei de muitos comícios do chefe, um deles no salão das classes laboriosas, lá na atual Rua Roberto Simonsen, que antigamente chamava-se Rua do Carmo. Aqui em São Paulo. E participei de comício em que falou o professor Goffredo da Silva Telles Júnior, que foi nosso deputado federal na câmara dos deputados, quando era presidente o general Dutra. Sempre participava, procurava participar de comícios integralistas, um deles celebrado lá na esquina da Avenida Paes de Barros, do lado da Rua da Moca, que era conhecida como Praça Vermelha. Fizemos um comício lá. E assim, vários lugares de São Paulo que a gente fazia comício eu participava. Em 1955.”

Descreveu as condições em que os comícios eram feitos na ocasião da campanha presidencial de Salgado: *“Instalações muito humildes, muito modestas. Nós não tínhamos nem carro de som, nada disso. Mas sempre juntava uma certa quantidade de pessoas.”*

Na eleição de 1955 se candidatou a vereador mas não conseguiu a vaga. Segundo Anésio, no processo da campanha presidencial foram feitos acordos entre o candidato Kubitscheck da coligação PTB e PSD e o PRP, como nos relatou:

“O Plínio Salgado tinha um pacto secreto com o Dr. Juscelino Kubitschek. Por esse pacto, o chefe nunca, jamais atacou durante a sua campanha eleitoral, o Juscelino. Ele só atacava a candidatura do Juarez Távora porque o Juarez Távora era candidato do Partido Socialista Brasileiro e creio que do PDC, talvez a UDN, não me lembro exatamente os outros partidos. Então o Plínio atacava o Juarez, não pessoalmente, porque ele sempre teve o costume de não atacar pessoalmente nenhuma pessoa. Atacava o socialismo, dizendo que o socialismo era proibido pelas insígnias pontifícias e por esse motivo não se devia votar no candidato do Partido Socialista Brasileiro, Juarez Távora. Então, o chefe contribuiu para que o Juscelino fosse eleito, evitando que o Juarez fosse eleito. E ele tinha um pacto com o Juscelino, pelo qual, uma vez eleito o Juscelino, ele ia reservar alguns cargos de confiança no segundo escalão para pessoas indicadas pelo chefe, a

partir da representação popular. Assim, por exemplo, foi indicado o professor Gumerindo Dorea, para o Instituto Nacional de Migração e Colonização. Só pra dar um exemplo.”³¹¹

Na eleição para presidência de 1960, o PRP apoiaria João Goulart para vice-presidência, com descreveu:

“Aí aconteceu o seguinte: antigamente, naquele tempo, a gente votava num candidato para presidência da república e num outro candidato, que não precisava ser da mesma chapa, para vice-presidente da república. E o João Goulart sempre cultivava muito a amizade com o chefe e com os integralistas. Para se ter uma idéia, o João Goulart sempre chamava o Plínio Salgado de ‘o Chefe’. Sinal de respeito. E o Chefe tinha sido candidato ao senado pelo Rio Grande do Sul e coligação com o PSD e a UDN. Mas o eleitorado do PSD e da UDN não sufragou muito, a candidatura do chefe. Como consequência, foi eleito o Paschoalin³¹² para senador nessa ocasião pelo Rio Grande do Sul. O Getúlio era candidato à presidência da república depois do governo Dutra e o slogan da campanha era a seguinte: Vote num gaúcho para presidente da república e vote num gaúcho para senador pelo Rio Grande do Sul. Isso lá no Rio Grande do Sul. O gaúcho era o Getúlio e o outro era o Paschoalin, porque o Plínio Salgado era paulista. E com isso o Plínio Salgado não conseguiu se eleger. Aí, o que que o PRP fez? Resolveu fazer aliança com o PTB e então nós conseguimos eleger o engenheiro Leonel de Moura Brizola para governador do Rio Grande do Sul, e nessa eleição conseguimos eleger com o eleitorado do PTB em coligação, o nosso candidato à senador pelo Rio Grande do Sul, que era um grande pintor, num dia ele pintava um quadro. E ele foi senador pelo Rio Grande do Sul durante oito anos. E depois ele continuou morando lá em Brasília. No momento está me escapando da memória seu nome, mas ele era muito meu amigo. Muitas vezes fui à casa dele lá em Brasília.”³¹³

Na concepção do PRP e de seus membros, inclusive Anésio, o vice-presidente que, por conta da renúncia de Jânio Quadros, tornou-se Presidente da República, não atendeu às expectativas do partido que o apoiou. Assim como outros integralistas, Anésio iria integrar as fileiras da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”:

³¹¹ No *Livro Verde de Minha Campanha* (SALGADO, P. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1956) esta relação está demonstrada, como o próprio Salgado procura esclarecer, defendendo a idéia de que os inimigos a combater estavam na oposicionista UDN.

³¹² Pelos anais do Senado consta a eleição de Geraldo Lindgren para o mandato do 41º. Período Legislativo (1959 -1963) da 4ª. República. Conf.: <http://www.senado.gov.br>.

³¹³ O senador-pintor se chamava Guido Fernando Mondin. Ele foi deputado estadual (de 1951 a 1955), vice-prefeito de Caxias do Sul, deputado federal (de 1955 a 1959) e senador (1965/1970/1975).

“É. Infelizmente, lamentavelmente, o João Goulart começou a pregar a subversão dos sargentos contra os oficiais nas forças armadas e começou a fazer pregações subversivas lá perto da central da estrada de ferro lá do Rio de Janeiro. E houve um comício aqui em São Paulo, a ‘Marcha da Família com Deus e pela Liberdade’ e nesse comício aqui na Praça da Sé, protegidos por soldados da aeronáutica, o Plínio Salgado foi a primeira e única voz no comício, a pregar o levantamento das forças armadas dos quartéis para depor o João Goulart. E nesse comício ao qual eu compareci pessoalmente, naturalmente, a gente cantava: ‘Um, dois, três. João Goulart no xadrez’. Qualquer coisa assim. Eu sei que rimava ‘três’ com ‘xadrez’. E nesse comício, o deputado federal Cunha Bueno, que era o pai do atual Cunha Bueno, era o Antônio Silva da Cunha Bueno, e outros oradores, falaram praticamente pedindo a destituição do João Goulart. Mas o único que pediu o levantamento das tropas dos quartéis foi o Plínio Salgado. Na ‘Marcha da Família com Deus pela Liberdade’ no Rio de Janeiro, na primeira fileira estava o ex-presidente Dutra, que eu conheci pessoalmente, que uma vez ele me recebeu em audiência.”

Sua família participou diretamente da organização da Marcha, conforme disse-nos:

“Meu padraсто, Paulo Cochrane Suplicy, votou no Plínio Salgado para presidente da república e vários parentes meus, inclusive, meu irmão Paulo Matarazzo Suplicy, votaram na monarquia por ocasião do plebiscito. E este meu padraсто, Paulo Cochrane Suplicy, era muito católico. Ele ia à missa e comungava todos os domingos e era da ordem terceira do Carmo, que tem uma igreja na esquina da Avenida Rangel Pestana com a Praça da Sé. E nessa ordem terceira do Carmo, há uma poltrona onde sentou-se Dom Pedro II uma vez. E meu padraсто era diretor da Confederação das Famílias Cristãs, que foi uma das que promoveu essa Marcha da Família com Deus e pela Liberdade. Ele foi muito ativo naquela época, o meu padraсто. Ele era muito contra o comunismo e sempre foi a vida inteira.”

Depois da morte do Plínio Salgado e com o fim do período da Ditadura Militar, o movimento, órfão de líderes tenta se reorganizar:

Anésio, 8 fevereiro de 1985, registra a Ação Integralista Brasileira, tornando-se seu presidente. Em 1988, segundo seu relato a Alexandre Almeida, a AIB teria representantes nos Estados da Bahia, em Minas Gerais, Mato Grosso, Pará, Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo, além de Maranhão e Brasília. Anésio conta da tentativa de reorganização da AIB, da qual se tornou presidente:

“E fizemos essa reunião em Brasília e houve uma divergência entre um grupo de São Paulo e o grupo de Brasília, o grupo de São

Paulo encabeçado pelo Rômulo Fontes, que era editor do Jornal Nacional, que fazia questão que a direção ficasse em São Paulo, e devido a essa divergência, eu que apoiava o Washington Bermudez, não consegui, como secretário que eu fui da reunião, que fosse efetivamente feito esse Partido de Ação Integralista, PAI. Mas, o Guido Mondin, em cuja casa fizemos várias reuniões e o Osvaldo Zanella, antigo deputado federal do PRP pelo Espírito Santo e outros companheiros nossos fizeram a Minuta do Partido de Ação Integralista mas, não chegou a ser registrado. Eu sei que, o nosso companheiro que organizou essa reunião era um advogado do INCRA, Dr. José Luiz Cerqueira da Lima Rocha, em cuja casa, uma vez, eu tive o prazer de jantar com a família dele, ele era muito meu amigo, muito bom integralista. Bom, o Osvaldo Zanella era dono do restaurante em Brasília mais freqüentado por senadores e deputados, naturalmente de todos os partidos. De esquerda, de direita, do centro. Era o principal ponto de encontro dos deputados e senadores de Brasília para conversar, era o restaurante do Osvaldo Zanella. Então, o Osvaldo Zanella não quis figurar, ostensivamente, como diretor do Partido de Ação Integralista para não prejudicar o movimento do restaurante dele. Era uma questão econômica que estava em jogo. Senão, os deputados e senadores que não simpatizassem com o integralismo iam deixar de freqüentar o restaurante. Bom, queria lhe contar que nós fizemos uma vez, uma grande reunião na Associação dos Jornalistas Fluminenses, na esquina da Avenida Amaral Peixoto, lá em Niterói. “

Decidida a reorganização, e registrada a entidade com o nome da Ação Integralista Brasileira, como na década de 1930, Anésio passa a enfrentar algumas barreiras por ter registrado a AIB sem acordos anteriores com a família do Chefe. A viúva e a filha de Salgado já haviam registrado anteriormente, por volta de 1985, o Movimento Integralista Brasileiro e eram consideradas as herdeiras ideológica de Salgado, o que lhes garantia uma aura de respeito místico. Eram as grandes damas do integralismo.

Conta-nos sua versão sobre o processo de re-fundação, pelo menos juridicamente, da AIB:

“Foi registrada como sociedade civil, Ação Integralista Brasileira. Eu fui presidente, com exceção de um período, em que nessa reunião em Niterói foi eleito como presidente um médico do Hospital Souza Aguiar. Dr. Sebastião de Almeida. Ele era de Alagoas. A reunião começou às 10h da manhã e quando eram 5h da tarde, o nosso companheiro lá de São Gonçalo. Dr. Arcy Estrela se sentiu mal, devido ao calor e com toda a turma que tinha vindo junto com ele, que eram cerca de oito pessoas, teve

que sair da reunião e voltar, porque o Dr. Jader Medeiros, em vez de fazer a votação entre as 10h da manhã e as 5h da tarde, deixou para fazer lá pelas 6h da tarde, mais ou menos. E por um voto ou dois, eu perdi a eleição para presidente. (...)”

Outra reclamação sua, quanto ao evento em Niterói, foi a tentativa de se tirar a referência a Cristo da redação do estatuto:

“O Movimento Integralismo Brasileiro, que foi registrado antes da Ação, por sugestão de dona Carmela e dona Maria Amélia, que era filha do chefe, e por sugestão principalmente do Dr. Genésio Pereira Filho, que era sobrinho do chefe. O Movimento Integralismo Brasileiro tem entre os seus objetivos o estado cristão, oficialmente cristão; a escola cristã e, quando nós fizemos o estatuto da Ação Integralista Brasileira, eu copiei no estatuto um trecho do discurso do chefe proferido em 1937, quando ele era candidato à presidência da república, no qual ele diz: ‘O estado integral é um estado que vem de Cristo, inspira-se em Cristo, vai para Cristo’. Diz palavras nesse sentido. E queriam retirar do estatuto o nome de Cristo, as palavras ‘cristão’ e ‘cristã’, esse grupo lá no congresso em Niterói. E eu não concordei de jeito nenhum. Foi uma luta sempre conservar essas palavras no estatuto do Movimento e da Ação.”

Mas entre 1985 e 1989, a AIB não foi a única associação fundada por Anésio. Ele ainda fundou, em 1988, a Ação Monárquica Imperial, o Movimento Participativo Nacionalismo Social o PARNASO. A AIB e o PARNASO receberam apoio dos “Carecas” do Subúrbio de São Paulo. Em 1987 se candidatou à Assembléia Nacional Constituinte pela coligação do Partido Democrata Cristão (PDC) com o Partido Democrático Social (PDS), não conseguindo se eleger.

Quanto à tentativa atual de re-organização do integralismo, Anésio cuida para manter esse sentido cristão da origem do movimento:

“Agora eles estão fazendo a Frente Integralista Brasileira e há uma frase lá que diz, entre os objetivos, resgatar a tradição cristã do povo brasileiro. Eu disse ao nosso companheiro Lucas que eu achava que o verbo ‘resgatar’ ali tinha uma expressão muito vaga. Ficava muito vago. O fato é que, sempre houve no integralismo muitos espíritas, mas os espíritas que havia no integralismo, eram espíritas que a gente poderia dizer cardecistas ou coisa parecida porque todos eles eram cristãos. Nunca soube de um espírita na Ação Integralista que não fosse cristão. Então há alguns integralistas que querem usar somente a palavra ‘espiritualista’, que abarca, naturalmente, os espíritas. Eu acho

que a palavra ‘espiritualista’ pode ser usada, mas eu não abro mão da palavra ‘cristão’. Uma vez eu visitei o nosso então senador Alberto Hoffman, que como suplente tinha assumido o cargo de senador, e contei a ele que havia alguns companheiros que queriam tirar dos nossos estatutos a palavra ‘Cristo’, a palavra ‘cristão’ e a palavra ‘cristã’. E o senador Alberto Hoffman me disse: ‘Nunca deixe acontecer isso! Nunca, jamais! Não podem tirar esses nomes do estatuto da Ação e do Movimento.’ Eu tive o apoio dele. O Alberto Hofman era um dos fundadores do Centro Cultural Minuano, lá em Porto Alegre, que era o local onde se reuniam os integralistas. Pra mim, o integralismo é um instrumento, um meio de se procurar, difundir e lutar pela civilização cristã. A casa de Plínio Salgado tem no seu estatuto este objetivo principal: a defesa da civilização cristã. Agora, algumas pessoas, alguns companheiros inclusive, querem tirar essa palavra dos nossos estatutos. Da casa de Plínio Salgado, não. Nos estatutos integralistas. Eu nunca concordarei com isso.”

O depoente avalia as incursões não cristãs nessa reorganização do integralismo:

“E o Jader Medeiros fez uma reunião integralista lá em Belo Horizonte e ele dava, às vezes, algumas declarações um pouco estranhas, um pouco esquisitas à imprensa. Ele disse que conversava com Jesus Cristo. Quer dizer, coisa de espiritismo. Essa mistura de integralismo de um lado, espiritismo do outro, nas declarações de alguns integralistas, isso aí na minha opinião, prejudicava um pouco o integralismo, porque é claro que os integralistas não iam acreditar que ele conversava com Jesus Cristo. Jesus Cristo, para todos nós, os católicos, está presente na sagrada eucaristia. A gente come corpo e sangue de Jesus Cristo quando a gente comunga a hóstia, na eucaristia. Sobre uma espécie ou sobre as duas.”

Fala da relação entre o integralismo e o catolicismo e com outras religiões cristãs:

“Então, sempre foi costume, por exemplo, dos integralistas no Rio de Janeiro, no dia 11 de maio mandar celebrar uma missa e dona Carmela, em São Paulo, nos aniversários do nascimento e do óbito do chefe, mandava celebrar uma missa. Sempre foi costume dos integralistas mandar celebrar missa em certas datas comemorativas. Mas, acontece que no Rio Grande do Sul, mais da metade dos integralistas eram protestantes então, o chefe no integralismo, pregava sempre o cristianismo, mas não pregava o catolicismo porque, o estado em que o idealismo era mais forte era o Rio Grande do Sul, também havia muitos integralistas em Santa Catarina e tanto no Rio Grande do Sul como em Santa Catarina, havia muitos protestantes que era integralista. Então, o chefe pregava o cristianismo sem entrar em detalhes quanto ao catolicismo. Mas quando o chefe estava exilado em Portugal, ele escreveu ‘A vida de Jesus’, que também, naturalmente,

pode ser aprovada pelos protestantes, mas escreveu também alguns livros realmente próprios de um católico, como os livros que ele escreveu sobre o Papa e sobre a Virgem Maria. O chefe tem várias obras em que ele mostra bastante profundamente o catolicismo dele. Eu sempre propus nos documentos integralistas, o uso das palavras ‘cristão’, ‘cristã’, ‘cristianismo’ e ‘Cristo’, mas sem mencionar a religião católica porque nós sempre tivemos muitos integralistas protestantes.”

Na nova organização também prevalece o catolismo, mas algumas questões se tornam polêmica quanto à definições que são caras à Igreja Católica da qual Anésio, ex-seminarista não abre mão. Da ocasião do Congresso de dezembro de 2004, relembra a polêmica sobre o sentido cristão da concepção e da vida humana:

“Nós temos um companheiro em Brasília, que eu é assessor de um deputado federal do Prona, Paulo Costa. O Paulo Costa é muito católico, muito religioso, e nós conseguimos que fosse aprovado um artigo destinado a ser inserido no Movimento Integralista Brasileiro, no estatuto, em defesa da vida, desde a concepção. O Paulo Costa é ligado à Pró-Vida, que defende a vida humana desde a concepção. A redação dada a este artigo diz que, por direito natural, que a vida deve ser defendida desde a concepção até a morte natural. Quando foi aprovado isso, no Movimento Integralista Brasileiro, eu enfoquei, eu focalizei na minha memória, na minha cabeça, esse trecho, ‘desde a concepção’. Mas depois que eu li o que estava escrito, eu achei que estava redigido de maneira imperfeita porque a morte natural não é a única forma de morte admitida pela religião católica, porque é necessário que os países cristãos e católicos possam se defender, por exemplo do comunismo, de ameaças do comunismo e do islamismo, de ameaças de expansão maometana, possam se defender também através das armas. Um país que não tiver, exército, forças armadas, ele não consegue nem manter a sua independência. Exemplo é o povo curdo. E outro exemplo é o povo armênio que morava na Turquia, que não puderam defender sua independência por não ter um exército, forças armadas. Em 1915, mataram uma grande quantidade de armênios lá na Turquia. Não sei se foi um milhão e meio, ou coisa parecida. Por que? Porque eles não tinham um exército pra se defender. Então, para assegurar a soberania, a independência dos países cristãos ou de maioria cristã. No mundo, é necessário ter forças armadas. Se não houvesse forças armadas na Europa Ocidental, o Stálin teria invadido a Europa inteira. Então, é necessário às vezes, a defesa da sociedade cristã, da civilização cristã através de armas e evidentemente, um exemplo é o levantamento nacional do general Franco em 1936 contra o comunismo e nessa guerra civil morreu um milhão de pessoas. Mas se não fosse isso, o comunismo e o anarquismo teriam se apossado da Espanha e talvez, em seguida, da Europa Continental.”

Anésio que sempre participa dos encontros, seja de que corrente forem, seja onde forem, faz sua avaliação do movimento à época da entrevista, percebendo já a divisão íntera do integralismo desde a organização do Movimento Integralista Brasileiro (MIB) em dezembro de 2004 e com a criação da Frente Integralista Brasileira.

“Por ocasião do congresso integralista em dezembro do ano retrasado, foi deliberado que os integralistas unir-se-iam sob a denominação de Movimento Integralista Brasileiro. Só que como o Movimento Integralista Brasileiro tem estatutos registrados desde 1984, eles fizeram projetos, propostas de alteração dos estatutos, mas não chegaram a nenhuma conclusão final e resolveram finalmente mudar o nome da organização que eles estavam procurando fazer, mudar o nome para Frente Integralista Brasileira. Creio eu, não tenho certeza, creio eu, por não aceitarem alguns artigos dos estatutos do Movimento Integralista Brasileiro, principalmente aqueles que falam de civilização cristã, estado cristão e escola cristã, parece que eles não quiseram aceitar essas expressões.(...) O pessoal que fez a FIB. Mas eles não prestaram atenção a esses assuntos.”

E entende que é necessário somar:

“Eu não quero fazer fofoca, porque roupa suja a gente lava em casa, mas houve pequenas divergências entre o grupo de Campinas, entre algumas pessoas, não todas, do grupo de Campinas, e algumas pessoas do grupo de São Paulo, mas integralismo é somatória, é somar. Então, quando há pequenas divergências, a pessoa deve procurar chegar a um acordo, chegar a uma conciliação e não cultivar essas divergências internas. Então eu acho que o grupo de Campinas e o grupo de São Paulo, juntos os nossos companheiros do Rio de Janeiro e do resto do Brasil, todos devem estar unidos. Unir-se. Manter-se unidos.”

Sobre as correntes internas, Anésio confabula:

“Dentro do integralismo sempre houve correntes diferentes. Vou dar alguns exemplos. Um companheiro nosso, um advogado da cidade Osvaldo Cruz, Dr. Arthur Vere era muito contra o Pinochet e muito contra o fascismo. Muitos companheiros nossos defenderam o Pinochet para evitar que o comunismo se instalasse no Chile e eram simpáticos ao fascismo ou a certos aspectos do fascismo como por exemplo, procurar libertar a União Soviética do comunismo em 1941. Quando os exércitos alemães, romenos, finlandeses, italianos, húngaros e de outros países que ajudavam nessa tentativa de libertar a União Soviética do

bolchevismo, quando esses exércitos entraram na Lituânia, na Letônia, na Estônia, na Ucrânia, eram recebidos como libertadores, com flores. Então, eu pessoalmente acho, que a Inglaterra, a França, os Estados Unidos, todo o mundo ocidental cristão, deveria ter se unido para libertar a Rússia do comunismo, só que infelizmente, houve varias divergências entre os países ocidentais de um lado e o eixo Roma-Berlim de outro lado e não foi possível essa união pra libertar a Rússia do comunismo. Mas sempre houve partidários do nacional socialismo e do fascismo que eram e continuaram sendo integralistas. E sempre houve pessoas que se consideravam muito contra o Mussolini e também eram integralistas. Então, eu sempre entendi que se devia respeitar dentro do integralismo essas duas correntes, essas duas tendências. Vou agora dar um exemplo mais recente. Há entre os integralistas pessoas muito contra o Bush pela invasão do Iraque e outras muito a favor do Bush, por ter tirado o Saddam Hussein de lá e ter procurado restaurar no Iraque e no Afeganistão um certo grau de liberdade e de democracia. Eu respeito essas correntes. Eu acho que a gente tem que ter um certo grau de tolerância. É isso. ”

Anésio, de vez em quando aparece na imprensa, principalmente paulista protagonizando alguma situação polêmica. Entre as últimas, como advogado impetrou dois *habeas corpus* pela libertação de Paulo Maluf na ocasião que esteve preso acusado, em 2005, entre outras coisa, de desvio de verba pública. Mas outro caso que causou constrangimento, principalmente ao seu irmão, foi a negação pública do holocausto judeu, afirmativa que virou chacota em crônica de Paulo Francis em 1990. Como que para se desculpar, Anésio nos falou:

“Eu sou um defensor do Estado de Israel e eu acho que a cultura hebraica tem muitos méritos, muitos merecimentos, Eu disse uma vez ao Sr. Ben Abraham, líder das vítimas do nazismo aqui no Brasil, que eu estava projetando fazer uma homenagem à colônia israelita no Brasil devido a grandes valores que eu encontro na cultura hebraica e israelita. Ele até ficou muito admirado, porque eu sempre sustentei a tese de que nunca houve câmara de gás em nenhum campo de concentração para matar nenhum judeu e nenhuma pessoa. Mas eu acho que devia ser feita uma perícia para verificar isso. Mas o Leistner verificou isso, que não era possível que houvesse havido qualquer câmara de gás para matar pessoas em Auschwitz ou em Bikernau. A matéria é delicada, mas se tivesse havido câmara de gás para matar judeus em Auschwitz, havia um ralo que ia dar no Hospital da SS, que ficava ao lado. Teria matado todos os membros da SS que estavam no hospital ao lado, com o gás. (...) Somente mais uma frase: Os hebreus ou

os israelenses de um lado e os árabes de outro lado, são pólos irmãos, que deveriam, devem e deverão viver fraternalmente.”

Mas, enquanto defende o Estado de Israel, considera que o povo judeu possui certas características que o teria levado a ser perseguido em várias ocasiões e por muitos lugares. O judeu, no seu entender, teria tanto as características do capitalista quanto do comunista:

“Os judeus, assim como os árabes e os armênios, sempre tiveram um certo grau de vocação para apreciar muito o dinheiro. No tempo do império otomano, principalmente em Istambul, os principais comerciantes era armênios. Em 1915, os turcos mataram cerca de um milhão e meio ou mais de armênios, entre outros motivos, porque os armênios eram mais ricos do que os turcos, em geral, na média. Por que? Porque eram mais inteligentes, só que os armênios eram cristãos. Agora, assim como os armênios foram perseguidos na Turquia por serem mais hábeis como comerciantes, mais inteligentes para fazer dinheiro e fortuna. Assim também, havia muitos judeus ricos na Alemanha depois da primeira guerra mundial e os nacionais socialistas combateram os judeus por varias motivos: 1- porque eles tinham um nacionalismo exacerbado; e outro porque eles queriam se apossar dos bens dos judeus, que tinham imóveis valiosos, lojas valiosas e estoques valiosos. Acontece porém que quando começou o movimento comunista na Rússia, quase todos os membros dos chamados soviets (soviets, em russo significa conselho). Quase todos os membros do soviets, eram judeus. Por exemplo, um soviets tinha 22 membros, 18 eram judeus. Então, os judeus estavam entre os principais chefes, principais líderes do movimento bolchevista, que instaurou o bolchevismo na União Soviética. Os chefes do Exército Vermelho era Leon Trotsky, que era um judeu. O nome dele verdadeiro era outro, era um nome bem judeu. Ele crucificou o nome dele adotando a palavra ‘Trotsky’ que é uma palavra de forma russa. Então, havia uma simpatia dos judeus no mundo inteiro pelo movimento comunista e bolchevista devido a esse fato de que os judeus tinha participado muito na revolução bolchevista. Judeus na França, na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos, na Alemanha e muitos países tinham um certo grau de simpatia para com o comunismo. E isso foi um dos fatores que levou à perseguição dos judeus na Alemanha e em alguns outros países.”

Sua posição ante o problema judaico é contraditória, como o demonstrado e como reconhecido entre a própria comunidade judaica paulista. Mas Anésio procura amenizar esta relação relatando casos em que personagens que admira tomaram posições favoráveis

ao povo judeu. Mas, não há como negar que, em sua visão, os judeus estão à parte do mundo cristão que tanto defende:

“O nosso generalíssimo Francisco Franco, chefe do estado espanhol, deu ordem aos embaixadores e cônsules da Espanha, pros Bálcãs e em toda a Europa e norte da África também, para conceder passaportes espanhóis a todos os judeus sefarditas. Você sabe o que é judeu sefarditas? Judeu sefarditas é judeu descendente dos judeus que foram expulsos da Espanha e de Portugal no tempo da Rainha Isabel, a Católica. Em 1492, a Rainha Isabel, a Católica expulsou da Espanha todos os judeus e todos os maometanos que não se convertessem ao cristianismo. Uma das famílias expulsas, foi a família da qual é descendente o Silvio Santos Abravanel. Então esses judeus sefarditas, eles conservaram a língua espanhola até hoje, é o Sefardi, uma língua espanhola daquele tempo, de 1492. E tem canções muito bonitas em espanhol. Eu gosto muito de ouvi-las. Então, o general Franco deu ordem para conceder passaporte espanhol a todos os judeus sefarditas que estavam na Grécia, na Romênia, na Bulgária, na Iugoslávia, para que Hitler não pudesse fazer nada contra eles. E com esse passaporte espanhol eles foram para a Turquia e vieram para as Américas. Foram mais de 5 mil, os judeus beneficiados dessa forma. Tanto que quando terminou a Guerra Mundial e queriam destruir o regime franquista, lá na Espanha, a França, que tinha um governo socialista dirigido por um judeu Leon Blum, que estava em Paris nesse tempo, fechou a fronteira com a Espanha e então alguns grupos judeus queriam que as Nações Unidas, a França e os Estados Unidos derrubassem o governo do Franco e aí então os judeus de Barcelona disseram: ‘O Franco foi sempre um amigo dos judeus.’”

Numa outra situação, Anésio demonstra publicamente sua afinidade com o integralismo em pleno comício da esquerda brasileira. Lembra-se que deveria ser o ano de 1981.

“Agora me lembrei que uma vez, foi feito um comício promovido pelo PT e por outros partidos esquerdistas na Praça da Sé e um pouco antes de o Luiz Carlos Prestes tomar a palavra para pregar a revolução e a guerrilha, um pouco antes do Luiz Carlos Prestes falar, eu entrei no meio da Praça da Sé com a bandeira da Ação Integralista Brasileira, depois de nós termos feito um comício com cerca de mil pessoas ali, ao lado da igreja da ordem terceira do Carmo. Só que infelizmente, lamentavelmente, essas mil pessoas que tinham participado desse comício promovido pela Ação Integralista, ficaram com medo de vir atrás de mim quando eu entrei ali na Praça da Sé com a bandeira do sigma. Ficaram com medo e não me deram apoio. O nosso companheiro Rômulo, que publicava o jornal nacional, Rômulo Augusto Fontes, ele

veio junto comigo, mas a única pessoa que me ajudou a segurar a bandeira quando roubaram a bandeira da minha mão foi o Neules, companheiro nosso. Não tive muito apoio nessa ocasião, aí foi roubada a bandeira do sigma.”

Polêmico, mas sempre presente, como o dito antes, Anésio participa de quase todas as reuniões dos grupos integralistas. Geralmente vestindo sua camisa-verde, ele cumprimenta seus companheiros com o braço levantado e com o “Anauê!”. Para os novos, é um trunfo, como um dos que estiveram próximos do Chefe. Para os mais antigos, é aquele que deve estar perto para ser controlado, como me disseram particularmente.

4º. Capítulo

Os novos integralistas e seus sonhos de construção do movimento sob a égide da memória pelos meios cibernéticos

Esta terceira geração que apresento, agora já não me surpreende, mas já me surpreendeu um dia. A surpresa em saber que as idéias integralistas ainda persistem e que continuam servindo de orientação à uma juventude, embora alguns não tão jovens, que as têm como diretriz para as suas vidas. O que me surpreendeu foi a persistência da memória e a necessidade de guardá-la. Como se o novo não fosse o suficiente ou que sempre se necessitasse a busca de raízes profundas para que a vida não incorresse ao erro de afundar como areia movediça. É o próprio pensar da humanidade que, desta forma, é testado. Demonstra-se, então, que produção e persistência de idéias pertencem à cultura. Que esta, longe se ser estática, é dinâmica porque produto também das lutas pela hegemonia ideológica.

Os novos integralistas estão ainda construindo suas memórias, mas têm bem firme a memória do integralismo que desejam deixar pra a posteridade. São os novos militantes, aqueles que organizam o movimento atual. Conheci Fernando, estudante de Direito; Arnóbio, advogado; Murilo, contabilista e Jenyberto, jornalista, através do Dr. Arcy Estrella, fundador do Centro Cultural Plínio Salgado. Cássio Guilherme, engenheiro e policial federal, encontrei, pela primeira vez na data de fundação do MIB, em dezembro de 2004. Cada uma dessas pessoas se reconhece como integralista, demonstra essa escolha nos meios que circulam, embora nem sempre achem possibilidade de externarem essa adesão cotidianamente. Precisam deixar os ambientes de trabalho e estudo para poderem discutir a doutrina integralista. Precisam se organizar em grupos para construírem os seus projetos integralistas.

Uma das pessoas que conheci no Centro Cultural Plínio Salgado, na mesma época que Murilo e parecia ser seu amigo foi Marcelo Mendez. Era o ano de 1998 e Marcelo, na ocasião, estava bem animado com a reorganização do integralismo. O via sempre de camisa verde e, por muitas vezes, ele me telefonava para me contar os rumos do movimento. Por muito tempo me enviou semanalmente os jornais que publicava com

apoio do Dr. Arcy, o *Informativo CEDI*. Marcelo foi, juntamente com o velho integralista, o fundador do CEDI, o Centro de Estudos e Debates Integralista. Os dois registraram o movimento e organizaram a cerimônia de fundação. Houve uma missa na Igreja de Santo André no Caju, na cidade do Rio de Janeiro. O celebrante foi o Padre Crispim, afilhado do Chefe Salgado. Durante a missa, na homilia, o Padre falou sobre o integralismo. Presentes estavam antigos e novos integralistas, Dr. Arcy e esposa, um senhor que integrara a Guarda de Ferro de C.Z. Codreanu da Romênia, algumas pessoas ligadas ao Círculo Monárquico. Estavam presentes, também, membros do Movimento MV-Brasil. Marcelo procurava integrar esses movimentos ao CEDI. Também mantinha contatos com membros da TFP, de quem não conseguiu grande atenção. Após a missa aconteceu a cerimônia de fundação, com o entoar dos hinos Nacional e Avante. Foi entronizada Nossa Senhora de Fátima, a padroeira da TFP e também do CEDI, símbolo da luta católica contra o comunismo³¹⁴. Marcelo exerceu a presidência do CEDI desde a sua fundação em 2000 até 7 de dezembro de 2001 (aniversário da morte de Salgado – data que os novos integralistas incorporaram ao calendário de cerimônias), quando passou o cargo a Humberto Bueno. Estava passando por crise emocional, segundo ele mesmo e seus companheiros devida à perseguições de pessoas do próprio movimento. Marcelo não conseguiu superar as pressões e suicidou-se aos pés do Mausoléu Integralista em fevereiro de 2002³¹⁵. Como dizem, a cada morte de um companheiro: foi para a “milícia do além”. Deixou um “testamento político” em que acusa seus inimigos no movimento, entre eles, os “Carecas” que, segundo ele, se infiltraram no movimento. Com seu gesto final pretende se tornar mártir do integralismo: morre pela preservação das idéias. Pede por missas em intenção da sua alma ao Padre Crispim. Transcrevo o trecho final da carta:

“Tenho grande esperança que de agora em diante o CEDI possa deslanchar de vez! Não permitam que a entidade que eu criei, e espalhei por todo o País se desvaneca! Permanecam firmes! Pecam ao Padre Crispim para rezar minhas missas de 7 dia , de mês e sucessivamente as missas anuais. Tenho certeza de que ele ira orar muito por mim! Termino aqui o meu testamento político! Meus inimigos deverao*

³¹⁴ Não por acaso, Nossa Senhora de Fátima teria aparecido aos três pastorzinhos em maio de 1917, ano em que a Rússia se movimentava em torno da revolução socialista que teria seu desfecho em outubro do mesmo ano.

³¹⁵ Soube que a data de sua morte foi 28 de fevereiro. Mas não há nenhuma referência de datas nem no Informativo CEDI em sua homenagem póstuma, nem no seu “testamento político”. Quanto às missas pedidas ao padre Crispim, não sei se foram rezadas pois a Igreja Católica não aceita o suicídio.

achar que com isso tiveram uma vitória completa, mas Deus e Nossa Senhora de Fatima, que e Padroeira do CEDI mostrarao a eles que foi "uma vitória de pirro", momentanea! O CEDI E A FENIX INTEGRALISTA!

Pelo Bem do Brasil! Anaue!

Rio de Janeiro, de Fevereiro de 2002, (70 ano da Era Integralista)*

Marcelo Santos Mendez (Fundador, Primeiro Presidente e Conselheiro do Centro de Estudos e Debates Integralistas, CEDI)”

Embora morto precocemente e com pouco tempo na organização do integralismo, Marcelo Mendez se tornou referência. Fundador do CEDI com a preocupação de agrupar movimentos conservadores, o Mendez representou um impulso na expansão do integralismo via *internet*. Mendez também iniciou a prática do uso da Paróquia de Santo André, em Bonsucesso, na cidade do Rio de Janeiro como ponto de encontro de integralistas. O padre Crispim, afilhado do Chefe, cuida desta paróquia e celebra as missas nas comemorações importantes do movimento, como o aniversário da morte de Salgado. Durante as missas, o padre, ou algum convidado relembra o integralismo e o defende como importante propagador da moralidade católica.

O novo integralismo está aqui bem representado, os cinco depoentes representam as correntes que disputam a hegemonia na rearticulação do movimento. Cada qual, seguindo uma direção que mais lhe toca no pensamento integralista, busca, incansavelmente, a divulgação das idéias que confiam ser as melhores para a humanidade, ainda que nem toda a humanidade seja incluída em seus projetos.

a) Fernando Batista Rodrigues, pensador do novo integralismo

O jovem Fernando Batista mora em Foz do Iguaçu no Paraná. O seu depoimento ao LABHOI foi dado na casa do amigo e mestre integralista, o Dr. Arcy Lopes Estrella, também nosso entrevistado. Era véspera de completar anos, no dia 23 de julho de 2002. Atualmente estuda Direito numa Faculdade privada na região que mora. É considerado, dentro do novo integralismo, um pensador independente. Mas por seu conhecimento doutrinário e por manter publicações periódicas de seus jornais Quarta Humanidade e Anauê Foz. Fernando mantém um livro de visitas no site <http://tools.hpg.ig.com.br/guestbook/gues> desde 2001.

Fernando é muito respeitado e, de certa forma, disputado pelas novas correntes integralistas que se organizam atualmente. Ele nasceu em Pinhão no Paraná no dia 24 de julho de 1981, mas mudou-se aos três meses para Foz do Iguaçu, onde o pai passou a trabalhar na Usina Hidrelétrica de Itaipu. A sua infância foi difícil, segundo nos contou, com o problema do alcoolismo do pai. Ao perder o pai e, de certa forma algumas esperanças, Fernando conheceu a obra de Salgado. Contou-nos que essa sua descoberta provocou mudanças profundas em sua vida:

“Então, até os meus 18 anos foi assim: meus irmãos se degradando, se degradando cada vez mais. Se perdendo no vício das drogas, do crack e tudo. E eu sem nenhum sentido de vida. E aí minha mãe olhando tudo isso ao seu redor e sem poder ajudar-nos. De modo que aos 19 anos eu conheci o integralismo. E o primeiro livro que eu li foi “A vida de Jesus”. Então foi aí que eu creio que seja um marco. Porque a partir desse momento eu vi aquelas palavras como se fossem um fogo adentrando no peito e me transformando, assim como na palavra de Deus se diz quando o Espírito Santo vem em forma de fogo, que realmente foi assim. As palavras de Plínio soavam como fogo que vinha transformando e faziam eu repensar toda minha vida. (...)a partir desse momento em que eu repensei minha vida inteira, ou seja, através daquelas palavras de um escritor que eu nem sabia quem era. (...) meu primeiro livro que eu li na minha vida foi “A vida de Jesus”, com 19 anos.”

O livro lhe foi dado por um amigo da escola, um “roqueiro”,³¹⁶ quando cursava o Ensino Médio e concluíra, com pesar, que não havia aprendido nada que tivesse realmente valor para ele. Assim relata seu primeiro encontro com as idéias integralistas:

“A ‘A vida de Jesus’ eu conheci... Outra pessoa que estudou que comigo no terceiro ano, era um rapaz, um roqueiro. E ele me apresentou: ‘tem um movimento... Plínio Salgado... é nacionalista.’ Então eu já tinha uma tendência assim. Eu amava muito a pátria, mas sem nenhum conhecimento ideológico, nada. Então, eu falei interessante, vou pesquisar na internet. E pesquisei e encontrei a página do Marcelo³¹⁷. E falei com o Marcelo. E ele falou “vou te mandar um livro” e o livro que ele me mandou foi esse “A vida de Jesus”. Foi o meu primeiro contato com Plínio Salgado.

³¹⁶ Nas definições, ou criações de estereótipos da juventude atual, um roqueiro é aquele que se veste despojadamente, o que externamente, pretende demonstrar sua preferência musical, relacionando-a com rebeldia e não aceitação de padrões socialmente impostos.

³¹⁷ Marcelo Mendez, o importante re-articulador do movimento integralismo na época, fundador do Centro de Estudos e Debates Integralistas (CEDI).

Então esses livros me fizeram repensar muito. Ele me falava de coisas que ele andou lendo em outros livros. Ele falava de revolução espiritual, de revolução interior e eu ficava: o que é isso?

Depois eu fui lendo outros livros. E ele falava: nós não podemos passar, nós não podemos dar aquilo que não temos. Então, por isso a necessidade dessa revolução interior. Fui meditando a respeito da minha vida e fui acatando aquelas palavras.”

Sem uma definição religiosa, até então se considerando um cético, Fernando repensa a sua formação católica:

“Comecei, vi as citações bíblicas e comecei a ler a bíblia também e com vinte anos eu me converti ao catolicismo. Porque éramos católicos. Minha mãe era muito católica, ou seja, eu comecei a pensar assim como Plínio pensava, mas não impunha aos seus correligionários, de que o evangelho consistia na sua vivência. Então eu falei: “não basta eu apenas ser Católico eu tenho que vivenciar a palavra”. Então eu fui me aperfeiçoando nesse sentido. E aí uma expressão de [Jackson³¹⁸] de Figueiredo, que eu jamais me esqueço, é: “que a vida é o melhor maneira, o melhor modo de nos aperfeiçoarmos.” Então a vida faz com que nós vamos nos aperfeiçoando cada vez mais. Então tomei para mim essas palavras e fui e vi tudo que estava acontecendo essa revolução interior. Meus atos mudando. Tudo se modificando. Então com 21 anos já era totalmente diferente. Minha vida mudou da água para o vinho após esse contato com a literatura de Plínio. Depois eu fui tendo contato mais com o lado político mas de modo que o lado político não há uma distância tão grande a respeito do lado religioso. Porque Plínio sempre utilizou a religião como uma base moral, ou seja, para todos os setores da vida seja ele político, civil. Então fui tendo em mente essas palavras de Plínio e minha vida, a partir daí, começou a mudar.”

Para Fernando, a leitura do livro de Salgado e o conhecimento de que havia a tentativa de organização de um movimento que atendia suas expectativas como ser humano, espiritual e político, transformou a sua vida. Deu-lhe ânimo para continuar os estudos e trabalhar. Disse-nos:

“Então não tinha nenhuma finalidade de vida. Não tinha um fim, não galgava uma posição. Era um cético, totalmente cético. Revolta muito grande. E a partir dessas leituras meu pensamento começou a mudar, de forma que comecei a pensar em estudar e fazer faculdade. Então comecei a cursar a faculdade de Direito. Através dessa leitura, sem esse contato tenho plena convicção de que nada disso teria

³¹⁸ Refere-se a Jackson de Figueiredo, pensador católico muito admirado pelos integralistas.

acontecido. Então as bases que eu tenho, ainda até para o estudo de Direito, são as obras de Plínio Salgado. Principalmente no que concerne aos direitos e deveres do homem, ou seja, porque a base da doutrina de Plínio Salgado é o homem, queira ou não, é o homem.”

Os primeiros acessos à *internet* foram feitos à época em que estagiava numa firma, em 1999. A partir daí, os contatos com Marcelo Mendez se intensificaram. O contato com Arcy foi através do Marcelo, e depois de Arcy, conheceu outros simpatizantes do integralismo pela *internet*. Fernando considera que as páginas da *internet* atraem muitas pessoas e passam a enviar mensagens para conhecer melhor o movimento: “muitas pessoas escrevem dizendo ‘puxa não tinha essa visão do integralismo, agora mudei meu pensamento’. Ou seja, para nós o importante, não é tanto trazer a pessoa para o meio integralista, mas é fazer com que ela tenha consciência do que seja o integralismo e isso nós estamos conseguindo com bastante efeito pela *internet*.”

Fernando foi construindo sua própria opinião, segundo conta, do integralismo. Foi se tornando mais independente. O contato com a Igreja católica foi retomado e, através deste, como nos contou, sua vida familiar também se transformou:

“Então, a partir das leituras fui tendo conhecimento de outros livros de Plínio Salgado. Fui tendo uma opinião própria a respeito do integralismo. E a respeito de fatores políticos, ideológicos, filosóficos. Mas sempre se baseando muito na questão religiosa. Então já comecei a participar da igreja, tendo funções dentro da igreja. Hoje eu sou coordenador dos catequistas da paróquia onde eu freqüento. Dou aula de religião, catequese.

E com essa participação na igreja eu levei meus outros dois irmãos a freqüentar a igreja. E um dia que o meu irmão mais velho, depois de 10 anos de vício nas drogas, e uma vez que nós estávamos rezando por ele, ele abandonou o crack, cocaína, maconha e álcool, em um dia. Na época estava passando uma novela na Rede Globo, a respeito de jovens que usavam drogas e que iam para clínicas e nunca conseguiam, se libertar do vício. Nessa época aconteceu justamente isso com o meu irmão, que depois de dez anos, em que ele foi preso três vezes, por assalto, por roubo. Foi dado como morto, tinha sido levado para o IML, dado como morto por policiais lá que não gostavam dele. Ou seja ele ressurgiu para vida. Hoje está trabalhando. Está morando numa comunidade de católicos, (...), mudou a vida dele totalmente. E, por conseguinte, a vida da família também. Ela se reestruturou. Então, hoje eu posso dizer com toda convicção, que hoje nós somos uma família integral, ou seja, por toda essa transformação que houve nesse meio tempo de quatro anos.”

Fernando contou-nos que todo seu conhecimento anterior sobre o integralismo vinha das aulas de História, nas quais os professores, ao ensinarem sobre o integralismo o interpretavam como doutrina fascista e racista. Assim, ele antes considerava que o integralismo não poderia atendê-lo, como nos disse: *“Então conheci o integralismo como uma doutrina fascista e racista. Eu tenho pele morena, eu falei: ‘Meu Deus, isso aí não é para mim então.’”* Para ele, essas interpretações se deviam à ignorância e má fé. Desta forma, passou a se interessar mais pelo assunto para compreender, realmente do que se tratava tal movimento.

Ao tomar maior conhecimento sobre a doutrina, Fernando foi formando e conformando suas convicções:

“A doutrina integralista, no primeiro momento, eu tive minhas reservas quanto a ela. Porque ainda lembro no terceiro ano do segundo grau, pouca coisa que eu lembro, de umas professoras de História, talvez por má fé ou por ignorância mesmo, não estudam a fundo o que foi o integralismo e passam aos seus alunos conceitos errôneos, a respeito do mesmo. (...) Eu peguei um conceito assim seguinte: eu vou ler para ver se é o que dizem. Então eu comecei a ler os livros e, no decorrer desse tempo das leituras, eu fui vendo que... Não encontrei de modo algum, principalmente nas obras de Plínio Salgado, algo que me levasse a crer que era um movimento racista. Porque em todos os livros, seja político, filosófico, social, sempre tinha em primeiro plano um fundo religioso, um fundo moral, ético. Agora há de se entender uma coisa: o integralismo, e aí é uma opinião pessoal, ele nunca impunha uma idéia de uma única pessoa. Então, dentro do integralismo não pode se falar o integralismo é isso segundo a opinião de algum determinado membro do grupo. E atribuíam o integralismo como se fosse essa idéia.”

Fernando, então, considera as diversas tendências ideológicas, diante do fascismo, no interior da doutrina integralista a partir de seus três principais ideólogos e expõe as suas peculiaridades, tais como as observa:

“De modo que em Miguel Reale, nos seus primeiros livros, existia um cunho fascista, e ele mesmo hoje o diz. Ele declara esse pensamento. Só que Plínio Salgado, ele não reprimia essa idéia. (...) E Gustavo Barroso era a outra posição. Mal compreendido ainda pela Questão Judaica, certo? Porque ele sempre disse nos seus livros, sempre declarou não ter ódio ao povo Judeu, mas sim ao sionismo, uma palavra até um pouco desconhecida. Então, ou seja, ele falava realmente dos Judeus, mas no sentido capitalista da palavra, no sentido do sionismo.”

Então ele foi mal compreendido, e isso também eu vim compreender depois de longos estudos na obra dele. Então eu me identificava mais com as obras de Plínio Salgado. Mas hoje eu considero de grande valor as obras de Miguel Reale, no contexto político. Na questão de Gustavo Barroso, eu também, agora, estou iniciando os estudos nos livros folclóricos a respeito de Gustavo Barroso. (...) E considerando principalmente essas três facetas do integralismo, Gustavo Barroso, Miguel Reale e Plínio Salgado. E por causa desse preconceito ideológico que ainda se tem a respeito do integralismo é que toda obra de Plínio Salgado ela foi “esgoto abaixo”. Porque toda obra literária de Plínio Salgado que é um dos homens, inclusive citado por Miguel Reale, é um dos grandes pensadores que o Brasil já teve no que concerne a literatura. E essa obra totalmente olvidada. Totalmente deixada de lado justamente por preconceito ideológico, mas não pelo seu valor, não pelo valor que ela possui.”

Para o entrevistado, a conexão entre integralismo e fascismo ocorre porque no período histórico de vigência da AIB, vivia-se a época dos “governos fortes”. Não só nazismo e fascismo italiano, mas também o comunismo, que pode também ser relacionado, segundo ele, entre os governos autoritários. Fernando analisa que o integralismo não teria sido um movimento autoritário e que há diferenças entre fascismo, juntamente com o nazismo e o comunismo ante o integralismo. Considera que, nos primeiros regimes, o Estado absorve toda a vida da nação, enquanto o integralismo teria o objetivo integrar, por isso o símbolo sigma de (soma): *“é somar todas as forças vivas da Nação e não absorvê-las a um poder soberano do Estado. Então o integralismo ele não pode ser considerado junto com esses outros... com o comunismo, com nazismo e com fascismo.”*

Sobre a demonstração de semelhanças com o fascismo através das vestimentas, das formas de organização e rituais, Fernando explica que:

“De certa forma que sim, tanto que o vestuário, as exterioridades do integralismo foram muito mais estudadas do que a própria obra do integralismo. Até propriamente o bigode do Plínio Salgado. Se disser que o consideravam semelhante a Hitler por causa do bigode. Mas não viam eles que Plínio Salgado adotava essa estética, vamos dizer assim, desde 1920 já. Na época da Semana da Arte Moderna, do lançamento do “O Estrangeiro”, já tinha essa estética o uso do bigode e Hitler ainda era um desconhecido. Então Plínio Salgado foi criticado muito até por isso. Então a vestimenta ainda foi estudada (...) Padre Leonel Franca ele já ressentia esse perigo de o movimento ser comparado... à época, já era citada essa semelhança entre o fascismo

pelas obras, pelo governo forte. E com essa exterioridade, Padre Leonel Franca já dizia que justamente as pessoas iriam falar: ‘vai ser semelhante ao fascismo e ao nazismo’, os camisas-negras. Só que como é próprio das ideologias, a vestimenta, a saudação é uma forma de trazer a massa para junto dele. O cântico, a saudação, a própria vestimenta são métodos irracionais que se vão internalizando nas massas para fazer com que elas se afeiçoem com aquilo ali para chamá-las ao seu lado. O integralismo conseguiu, de certa forma, com isso, ou seja, pela ordem pela disciplina, não é mesmo?”

Quanto ao anticomunismo, também presente, enquanto característica também presente no fascismo, Fernando considera que ela viria do próprio catolicismo, da base espiritual do integralismo e não de uma base política. O nazismo, o fascismo e o comunismo teriam, então, a mesma base, o materialismo. Seriam os mesmos métodos, mas diferentes finalidades na consolidação de uma visão e organização política e social baseada no materialismo. Assim sendo, o integralismo seria a proposta cristã, de raízes nacionais, para a situação de divisões políticas, regionalistas em que se encontrava o Brasil.

“O anticomunismo de Plínio Salgado ele vem do seu catolicismo ele vem da base espiritual e não de uma base política o nazismo (...) O nazismo e o fascismo é a minha opinião própria, e creio também que a opinião de Plínio Salgado, eu atribuo a eles a mesma finalidade. Com finalidades diferentes mas com métodos semelhantes ou seja por que tanto o fascismo, tanto nazismo quanto o comunismo são baseados no materialismo. Então é por isso que nós como espiritualista nós não podemos aceitar essas doutrinas porque é um desrespeito justamente pelas tradições cristãs que o Brasil possui. E o integralismo ele vem justamente pra trazer uma identidade nacional. E também isso, todo bom historiador ele vai ver essas influências de um partido nacional justamente em um momento histórico onde o Brasil se via dividido pelos regionalismos. Onde a nação era totalmente fragmentada. Onde não existia um ideal nacional. E o integralismo veio justamente para somar as forças nacionais de modo que foi o primeiro partido nacional, de cunho nacional. E isso vem já desde o primeiro romance modernista que existiu que foi “O estrangeiro” e pouca gente conhece”

Fernando coloca que o Estado totalitário pra Plínio seria o Estado baseado no materialismo. Segundo ele, deve-se entender o caráter não autoritário e não totalitário do integralismo. O materialismo soviético seria o mesmo materialismo nazista e o mesmo materialismo fascista. Portanto, para o depoente, que o pensamento de Plínio Salgado e do integralismo não pode ser analisado da mesma forma que o nazismo e o fascismo.

No entender de Fernando e dos demais integralistas entrevistados, a toda a obra literária de Salgado foi discriminada por conta do preconceito ideológico:

“Todo mundo estuda A Bagaceira de José Américo³¹⁹ mas não estuda O estrangeiro de Plínio Salgado. E aí que entra o preconceito ideológico justamente por..., principal..., grande culpado disso foi à política de Getúlio que após o golpe de 38 fez uma propaganda tenebrosa a respeito do integralismo. A maioria dos historiadores que vão estudar o integralismo não vão pelas obras do integralismo mas sim pelas obras de outros historiadores que se fundamentaram naquilo que o DIP³²⁰ (...) Então por isso o que se conhece a respeito do integralismo geralmente é deturpado. De modo que eu aconselho a quem queira conhecer o integralismo que vá às obras integralistas e aí sim possa tirar suas conclusões seja ela quais forem. Se verem o integralismo com um totalitarismo, um autoritarismo tudo bem. Estudou pelas obras do integralismo. Mas eu creio ainda que não se houve até hoje um estudo sério a respeito do integralismo no Brasil.”

Quanto à aplicação da doutrina na atualidade, Fernando considera que as obras de Miguel Reale, Gustavo Barroso, Plínio Salgado devem ser estudadas, porém, não são as únicas do integralismo. Para ele, é fundamental que os novos integralistas conheçam também os escritos de pensadores não integralistas também, como Oliveira Viana, Alberto Torres, Tavares Bastos, Euclides da Cunha, Castro Alves, Gonçalves Dias, Fagundes Varela.. Porque, segundo o entrevistado, *“o integralismo é tudo isso.”*

Diz-nos:

“Então o integralismo, ele não pode ser restrito as obras de Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale. E tanto que hoje o momento histórico é totalmente diferente da época dos anos 30. Aquela época teve sua razão de ser, as idéias integralistas tiveram sua razão de ser. Porquanto a História, ela é dinâmica, ela respeita a dialética [da História], ela se transforma. Então as idéias, os valores eles vão sendo alterados de modo que há sempre que se haver um estudo profundo a respeito disso. Nós não podemos querer considerar nos dias de hoje o integralismo como foi em 1930. Então as obras de Plínio Salgado eu creio que ainda tenha o seu valor intacto, ou seja, o valor dela pra mim, de 1930 para cá, eu creio que seja o mesmo. Mas [as obras de] Miguel Reale devem ver estudadas, de Gustavo Barroso também. Porquanto todas as suas previsões a respeito do capitalismo e do banqueirismo mundial continuam se realizando, vamos

³¹⁹ O romancista José Américo foi candidato, como Salgado, à Presidência da República para o pleito de 1938, que não aconteceu por conta da implantação do Estado Novo. José Américo era o candidato apoiado pelo presidente Getúlio Vargas.

³²⁰ DIP: Departamento de Inteligência e Propaganda do Estado Novo.

dizer assim. Essas profecias que ele fez nesses livros, elas continuam se realizando no Brasil e a história não nega isso não. Não pode negar. Então o integralismo, eu creio que além desses três autores, o que deve ser estudado, não só esses três autores...”

Com seu jornal, *A Quarta Humanidade*, título também de um importante livro doutrinário de Salgado, Fernando pretendia fazer chegar a todo o Brasil as idéias integralistas. Na época, o jornal, com dez páginas, formato A4 e tinha uma tiragem de 150 exemplares, era editado por ele e distribuído com ajuda do Dr. Arcy Estrella. Enviava o jornal, segundo ele, para seus conhecidos por ser *“um informativo simples. Dado até pelas nossas poucas condições financeiras de financiar. Então vai mais para os nossos conhecidos, simpatizantes (...) Então temos contribuições econômicas, contribuições que fazem para nós, para que nós possamos pegar e enviar.”*³²¹

A pretensão do jornal, para Fernando, não era ficar no saudosismo e só reeditar textos, só os que consideravam necessários. A idéia seria contribuir para o *“elevamento espiritual, intelectual, filosófico das pessoas. Mas não ficamos restritos àquela época. E também obras literárias, poesias..., culturais.”* O entrevistado disse-nos que o informativo era de sua responsabilidade. Embora participasse de um grupo de cinco pessoas que se dedicavam ao estudo do integralismo, ele seria o mais interessado em participar ativamente da divulgação das suas idéias. Ainda pretendia colocar na rede um site que pudesse divulgar textos integralistas e outro com fotos das atividades dos grupos integralistas que estavam se formando, principalmente o do Centro Cultural Plínio Salgado em São Gonçalo, Rio de Janeiro, sob a direção do Dr. Arcy Estrella: *“Pretendo, até o fim do ano, lançar um site justamente com fotos, de ex-integralistas..., dos integralistas, fotos aqui do centro cultural, têm várias fotos, pessoal de Minas Gerais, os antigos integralistas. São diversas fotos que nós pretendemos lançar até o final do ano, até voltando à questão, do próprio racismo e preconceito religioso. O próprio vice-presidente, um dos fundadores aqui do Centro Cultural Plínio Salgado, é o Agemiro, não sei se você*

³²¹ As edições virtuais das publicações de Fernando podem ser encontradas no site: www.anauefoz.hpg.com.br, site do CEDI Paraná, com última atualização em 06/08/2002, com Marcelo Mendez ainda vivo. No site em construção: www.quartahumanidade.hpg.com.br Na época da entrevista, Fernando pensou em construir um site só com reproduções de livros de Salgado e com fotos atuais (osentidocristãodopensamentopoliticoefilosoficodepliniosalgado) integralistas. Não o encontrei. Mas, artigos de Fernando Batista Rodrigues podem ser encontrados com facilidade na internet, principalmente na página “Cristianismo, Patriotismo e Nacionalismo de Victor Emanuel Vilela Barbuy.

teve a oportunidade de conhecer, que é negro e é pastor evangélico.” O Sr. Argemiro, como ex-combatente, fazia parte também de uma associação de ex-pracinhas que lutaram na Segunda guerra Mundial.

Considerando-se integralista, quanto à “questão do homem integral (...)Justamente pelos ensinamentos de Plínio Salgado no que diz respeito, como já disse anteriormente, a revolução interior e o respeito ao ser humano, seja ele qual for e sejam quais forem suas concepções ideológicas e filosóficas.” Para Fernando,

“Plínio Salgado, ele coloca, talvez como fundamental, essa revolução interior, que seria a base para o surgimento da quarta humanidade. Porquanto, as três anteriores foram: a politeísta, a monoteísta, e a vigente que é a ateísta. E com a revolução interior deve surgir a quarta humanidade que é o retorno do homem a o criador, o retorno do homem ao seu criador. E de certa forma essa revolução interior ela vai chegar ao homem integral que vai construir o Estado Integral. Então toda concepção do integralismo de soma ela está fundamentada na revolução interior.”

Fernando considera a importância de uma leitura atenciosa da doutrina integralista sobre o que seria o então o Estado Integral. Segundo ele, ter-se-ia que fazer uma análise do que pensa o integralismo sobre dos partidos políticos e sobre a própria finalidade do Estado:

“Então, no que concerne aos partidos e aí tanto a opinião de Gustavo Barroso, a opinião de Plínio Salgado e a de Miguel Reale, ao primeiro momento, porquanto hoje ele seja liberal, as idéias dele [hoje] são diferentes. É de que os partidos, o próprio nome já é bem sugestivo, é partido, é fragmento e divisão. Justamente naquele momento histórico de 1930 quando se encontrava a nação dividida em Estados, Estados dentro de Estados, justamente se deu muito valor a isso. Então os partidos eles vinham justamente para dividir ainda mais a nação, para dividir opiniões.”

Citando Jean-Jacques Rousseau, Fernando acrescenta que o iluminista conclui sobre a escravidão à qual leva o voto, programado para ser um instrumento de validação de um sistema, no qual a vontade do povo seria substituída pela do seu representante. Neste sentido, a representação partidária significaria:

“a própria morte da nação, é porquanto a nação [é que] vai continuar dividida e não integral. E integral, o Estado Integral é

justamente a soma e não a divisão. Então para Plínio Salgado o voto, e aí no caso (...) é um mal de morte para a nação, seria a ilusão, seria uma ilusão de liberdade, como é próprio da liberal democracia. Porquanto os interesses de alguns se sobrepõe em detrimento do interesse real da nação. Então ele faz, Plínio Salgado faz uma crítica a soberania nacional, a soberania das massas de Jean Jacques Rousseau no sentido também de que as massas, o homem cívico, de Rousseau, ele ia em detrimento do interesse geral da nação. Porque para Rousseau a soberania seria a vontade geral, a vontade de todos, não é verdade?”

Fernando expõe que Plínio Salgado criticava a despersonalização da pessoa humana, porquanto pelos governantes que não se preocupam com as particularidade das pessoas, mas sim de um todo que, na verdade, não representaria a vontade de ninguém “porque a vontade de cada um não é a mesma vontade de todos.” Neste sentido, a crítica de Salgado aos partidos e ao sufrágio universal era no sentido de que seria necessário, para a salvação nacional, unir as forças vivas da nação em termos filosóficos, políticos, culturais e jurídicos que deveriam estar sintetizadas nas corporações. Estas, então, teriam a capacidade de unir, ou seja, como colocou o entrevistado, integralizar, no Estado Integral, através da soma, as várias demandas do povo. Fernando diferencia as corporações integrais das fascistas. As primeiras representariam a soma das vontades, nas segundas “o Estado deveria administrar as corporações, ou seja, então elas não teriam liberdade. As corporações elas não agiriam por si mesmas, mas sim o Estado que controlaria. Porquanto que no Estado Integral de Plínio Salgado as corporações elas agiriam por si só, por si mesmas, elas iriam somar.”

O entrevistado, porém, ao analisar a posição de Salgado no período do PRP, entende que o Chefe teria pretendido dar novo entendimento à organização do integralismo em época em que o jogo democrático permitia a participação por esta via na vida pública.

“Portanto, depois, já no PRP, Plínio Salgado pensava que os partidos políticos deveriam sim existir. Anteriormente não. Os partidos políticos deveriam ser abolidos para se formar a câmara orgânica das corporações, a câmara das corporações. E na época do PRP o pensamento mudou, e aí os partidos continuariam existindo, e as corporações, elas serviriam como um alicerce, como um auxílio à câmara política. A câmara econômica, seria um auxílio a câmara política dos partidos. Então, Plínio Salgado via nas corporações e nos sindicatos a própria salvação e a concretização, a efetivação da democracia real e não da democracia formal, que existe até nos dias de hoje.”

Analisando a possibilidade de permanência das idéias integralistas e a sua aplicabilidade na atualidade, Fernando pondera sobre a intenção de Plínio ao compor a idéia do ‘homem integral’:

“Então, ainda no que concerne a respeito do homem integral, seria no quesito de que [poderia ser] até hoje. Plínio Salgado dizia, e com muito acerto, de que uma verdade provinda de um fragmento seria verdade enquanto fragmento. Se ela fosse querer se impor como verdade absoluta ela seria um erro. O que se quer dizer com isso? Se eu lhe disser lhe mostrando uma foto do Cristo Redentor, e dizer aqui está o Rio de Janeiro, eu estarei dizendo uma mentira embasada numa verdade, porquanto o Rio de Janeiro não é apenas o Cristo Redentor, mas sim o Maracanã, a Urca, a Lagoa Rodrigo de Freitas, tudo. Então, ou seja, ela é uma verdade enquanto fragmento, mas não uma verdade absoluta. E assim fizeram muitos teóricos no que concerne ao homem. Viam o homem em fragmentos. Não deixando de ser verdade. Mas o homem, não é apenas um fragmento. Ele é um todo, ele é integral.”

Fernando reflete sobre as concepções de homem antagônicas ao pensamento de Salgado:

“Então o homem pansexualista de Freud, o homem existencialista de Sartre, o homem econômico de Karl Marx. O homem tão somente mau, o homem selvagem de Tomas Hobbes, ou o homem bom de Rousseau, de John Locke. Ou seja, o homem, ele era apenas visto com fragmento e nunca como uma totalidade. O homem não era só isso. Ele era tudo isso. Então, eis aí o homem integral de Plínio Salgado. O homem considerado em sua inteireza. O homem considerado segundo todas as suas vocações. E o homem analisado, segundo esses fragmentos, ele era restrito apenas a matéria. E o homem integral de Plínio Salgado é segundo a definição de (...) Ele é matéria mas também é alma. Então Plínio Salgado ele sempre se preocupava com isso: que o homem não deveria restringir-se apenas à metafísica mas tão pouco apenas à matéria. Haveria de ter uma dualidade: matéria e espírito. Portanto o homem é essas duas coisas segundo o pensamento espiritualista do integralismo.”

Para Fernando, dessa concepção integral do homem que deveria surgir a democracia integral e o Estado integral. Neste sentido, a espiritualidade é ponto fundamental nesta síntese humana que seria o homem integral. Entendida aqui a síntese integralista, de soma. Mas não bastaria qualquer interpretação, ou aceitação de espiritualidade ou mesmo catolicismo. Fernando, como todos os antigos e novos

integralistas repudiam a Teologia da Libertação, adotada pelos seguimentos mais progressistas da Igreja Católica. Como disse-nos:

“A questão da Teologia da Libertação eu sou pontualmente contra. Porquanto ela desrespeita a hierarquia da Igreja. Porquanto ela desrespeita o pensamento da Igreja que está expressamente claro nas encíclicas papais. (...) E também agora o Papa João Paulo II na encíclica (...) de 1989, ele faz uma séria crítica a respeito do marxismo. E recentemente, ano passado, no encontro com os bispos da Regional Leste ou Oeste, eu não sei... que fica no Nordeste, ele fez uma crítica severa aos bispos dizendo que não deveriam se preocupar tão somente com a causa social mas especialmente com a causa espiritual. Porque as causas sociais elas não vão ser resolvidas sem ter um fundamento espiritual. Antes de tudo, antes do social deve se preocupar com o espiritual. Não que o social não seja importante, mas que um não pode existir... a preocupação não pode existir em detrimento do outro. Então, ou seja, a dualidade do material com o espiritual sempre. Então a Teologia da Libertação, até pelo próprio desrespeito dos seus padres, dos bispos que compactuam com essas idéias, eu sou amplamente contra. Não que não presta um bom serviço, ela presta um bom serviço de fato. Mas o que nós pensamos é a questão espiritual. Ela fica realmente restrita. Ela fica de lado. Porquanto o nosso pensamento, os problemas sociais eles só podem ser resolvidos com a base espiritual.

A Teologia da Libertação, o próprio Leonardo Boff que depois que abandonou a batina, muita gente cai no erro de dizer que ele foi excomungado pelo Papa. Ele não foi. Ele mesmo abandonou a batina e depois fez sérias acusações ao Papa. Sempre dizendo... até foi motivo de um artigo de Gerardo de Mello Mourão. Ele dizia, Leonardo Boff, que a Igreja sempre foi o braço direito do poder. O que é uma mentira. E que com muita propriedade Gerardo de Mello Mourão expôs num artigo que ele escreveu. (...) a Teologia da Libertação, ela vai totalmente contra os princípios da Igreja, os princípios do catolicismo.”

Segundo Fernando, todo pensamento de Salgado foi baseado na doutrina social da Igreja. O próprio integralismo se fundamentaria “nas fontes inesgotáveis do Evangelho. Então a questão social do Integralismo se embasava justamente nas encíclicas papais. No pensamento de Pio XI, Pio XII, Pio X , de Leão XIII, Gregório Magno e de vários outros papas da Igreja Católica.” Porém, o Chefe aliaria a essa base católica as tradições brasileiras, a herança de Portugal. Destas características somadas surgiria a síntese integralista. E aí, portanto, estaria o sentido democrático de Plínio Salgado. Este não se restringiria à doutrina social da Igreja, buscando raízes nas tradições da pátria, se fundamentando nas obras de Machado de Assis, de Castro Alves, da exaltação do índio de

Gonçalves Dias e de toda sua obra anterior ao integralismo, quando participara do Movimento Verde-amarelo na Semana de Arte Moderna e compusera, com Graciliano Ramos, o Manifesto da Anta.

Para o depoente, no entanto, haveria restrições quanto à maçonaria, que não considera religião e que não é aceita pela Igreja Católica. Porém admite casos de alguns integralistas que eram maçons, Câmara Cascudo, por exemplo, teria abandonado a maçonaria quando ele entrou para o integralismo. Teria até recebido o título de Conde do Papa com a condição dada por este de que teria deixar a maçonaria. Disse-nos que o fato motivara um artigo jornalístico que Câmara Cascudo teria renegado o integralismo.

Segundo Fernando

“Ele renegou a maçonaria, e não o integralismo. A maçonaria para nós é um mal de morte, vai totalmente contra as nossas convicções. Talvez para quem não tenha tido um estudo a fundo, possa não ter essa mesma visão. Mas se estudar realmente toda obra integralista, vai ver que existe uma distância enorme, vai ver que existe uma fossa muito grande, entre integralismo e maçonaria. Mas eu confirmo, existiram sim alguns integralistas maçons. Mas que não eram aceitos. Por exemplo, que até ainda hoje existem, mas que não são aceitos dentro do integralismo.”

Quanto ao espiritismo, segundo o depoente, até o próprio congresso eucarístico de 1950, havia a condenação ao espiritismo. No entanto a doutrina integralista não se opunha. Haveria o direito de escolha religiosa e de opinião pessoal de cada membro. Como exemplo da postura dos integralistas, nos disse que os três maiores intelectuais do movimento não faziam reservas quanto a esta questão.

Sobre a necessidade do integralismo na atualidade, o entrevistado entende que, o Brasil passa por momentos como os de 1930, porém, *“amplamente agravados”*. Há ainda o mal da politicagem e a decadência da moral leva o país ao estado de caos: *“Quanto a moral, não é preciso dizer nada porque hoje você vê um estado caótico, em que as seitas se proliferam por tudo quanto é lado, por tudo quanto é lugar, se aproveitando do momento, até social, em que o Brasil vive. As pessoas totalmente céticas, totalmente sem esperanças. E sempre aparece algum charlatão aí fundando alguma seita em cada esquina. Justamente para ludibriar as pessoas.”*

O integralismo, segundo Fernando não como a idéia de 1930 já que não há mais comunismo na União Soviética, embora não tenha desaparecido. Em inícios do século XX esta teria sido uma das razões de ser do integralismo. A Ação Integralista Brasileira, para ele, seria necessária por conta dos problemas que ainda não teriam sido resolvidas “mas se agravaram principalmente no que concerne ao lado moral ao lado espiritual e, em decorrência disso, os problemas sociais políticos e filosóficos.”

Fernando disse-nos que estas questões já eram abordadas por Machado de Assis. Em Memórias póstumas de Brás Cubas, o romancista

“já reclamava da personalidade nacional, ou seja, a preguiça filosófica, política os próprios interesses... até o caso do Rubião. Esse livro, principalmente, eu cito como um livro em que todo integralista, não todo integralista mas todo brasileiro... deveria ler, porque é um retrato atual do Brasil. Escrito a mais de cem anos, ou seja, o Brasil de (...) é mesmo de hoje, sem personalidade sem caráter, sem firmeza, sem autoridade, sem ordem. Ou seja, a preguiça filosófica, os interesses políticos continuam sendo os mesmos. Os interesses da pessoa humana continuam os mesmos, um querendo pegar e se..., A moral é a moral utilitária, do utilitarismo inglês, ou seja... moral é tudo aquilo que é útil. Porquanto se fosse para me beneficiar não importa o que eu faça, então essa é a moral que existe até hoje, é a moral utilitária, se eu não me engano de Herbert Spencer ou Bentham justamente isso, e dos (...) ingleses, (...) a moral utilitária, é a que existe hoje..”

Para Fernando, desde a proclamação da República até hoje não há fator positivo na história do Brasil. Isto se deve também, segundo ele, “ao próprio positivismo comtista vigente justamente até na formação de nossa república.” Pensa que o Brasil continua a ser “uma nação sem personalidade própria. E Plínio Salgado ele dizia muito isso: que uma nação que não tem personalidade, é uma nação morta, ela não existe.” Fernando pensa que

“é justamente o que o integralismo queria trazer essa tradição novamente para o ceio da pátria, para o conhecimento. Por isso que o integralismo foi o pioneiro na educação brasileira, na educação, na alfabetização de adultos. Na época do integralismo, crianças de quatro anos, já sabiam ler e escrever. Postos médicos, atendimentos em todas as esquinas, em todos os núcleos. O integralismo foi pioneiro nisso. E é justamente por isso para querer transpassar para as gerações vindouras as tradições pátrias. E Plínio Salgado diz, que um povo que esquece as suas tradições, é um povo que está fadado à morte. E por isso que ele dizia que o cosmopolitismo era um mal de morte. Não por ódio as nações

irmãs, mas por amor a nós. (...) hoje se falar em cosmopolitismo é praticamente querer ser chamado de nazista. Mas não é isso é justamente para manter, firmada, arraigada, as tradições da pátria. Você vê os costumes nordestinos, vai ao nordeste, não existe mais a cultura de anteriormente. Está tudo americanizado, isso não é um discurso comunista, porque os comunistas sempre se colocam sempre falam de liberalismo, neoliberalismo, capitalismo e de americano. Não, não é isso. Mas é justamente para mantermos essas tradições, e é o que nos falta hoje.”

No entender de Fernando, seria preciso resgatar a cultura esfacelada e corrompida durante toda a república. E, para se construir o Estado Integral sonhado por Salgado exigirá, segundo ele, muito esforço e “os operários vão ser poucos, como diz o evangelho”. Considera que a mocidade está corrompida pelo amoralismo e não se preocupa com as tradições, nem em conhecer a História do Brasil. Para ele, só a educação moral poderá salvar o Brasil, como também pensou Salgado.

“Então hoje, para se construir esse Estado integral, necessário é a revolução, mas não uma revolução estática do comunismo que pregava a dialética, ou seja, a dialética marxista ela acaba com a revolução dos contrários. Então ela termina aí, existindo um Estado comunista dos iguais acaba a revolução. Porquanto para Plínio Salgado a revolução ela deveria prosseguir, porquanto a tradição, (...) que vem do Latim “traditio” ela não é voltar atrás ela é passar a frente, então, ou seja, passar de mão em mão, de geração em geração porque a revolução ela não se termina, ela sempre continua ela vai à frente, e a tradição ela diz isso Chesterton, ele dizia que..., hoje nós somos como viajantes perdidos, e que nós devemos voltar até o ponto, aonde nós nos perdemos e seguir adiante. Então nós principalmente integralistas, integralistas não, a nação brasileira se perdeu há muito tempo. Nós entramos por estradas escuras, por becos sem saída, entramos em fossas, em lamas.”

Seguindo as Seria, então, preciso que o integralismo tornasse a existir como a força revolucionária:

“Porquanto nós temos que voltar até o ponto comum, e traçar o nosso caminho. E isso só vai ser conseguido com o resgate de valores. Então a questão de valores é fundamental, e hoje, até muito dos burgueses, vamos dizer assim, muitos dos próprios comunistas, dos capitalistas que existem. Eu acho que já se questionam a respeito disso, porquanto essa moralidade, já aí, não quero..., não digo apenas a respeito da moral religiosa, mas a questão da drogas, do banditismo. Já está dentro desses meios, até dentro dos familiares, dos próprios comunistas, já existem essa preocupação, então ou seja e tudo isso, é em resultado desse descaminho. Em que a nação brasileira atravessa, então nós devemos seguir o exemplo, desse viajante perdido, e voltar ao ponto comum. E isso só vai acontecer através do resgate de valores, e o

resgate de valores, não de outra forma, poderá ressurgir se não com educação, democrática, nunca imposta, e a educação ela é diferente do ensino. Porque educação, ela se conquista através dos exemplos, e o ensino, você pode ensinar a qualquer um com seus conhecimentos, mas a educação não a educação é a através dos exemplos.”

Fernando, à época da entrevista, já mantinha contatos com pessoas de várias partes do Brasil que se interessavam pelo integralismo. Seu principal meio de contato foi e é a internet. Através dela conheceu personalidades que foram importantes no passado do integralismo, tanto da AIB, quanto do PRP. Para ele, há ainda um saudosismo muito grande e há, também “ma fragmentação de pensamentos”. Na tentativa de reerguer o movimento, alguns querem torná-lo, o que para o depoente “é um mal de morte, o que não deve existir”. Outros querem recriar os centros culturais. Avalia que na divulgação do pensamento integralista haveria “muito divisionismo, muita fragmentação ainda, então para reconstrução integralista brasileira, creio que seriam poucos, os que pudessem contribuir.”

Defendendo a idéia de que o integralismo deveria se organizar via Centros Culturais, tal como Arcy Estrella, Fernando cita os exemplos de pessoas, que estiveram, com Salgado, à frente do integralismo e são consideradas como lideranças-símbolo da preservação do movimento. Segundo ele, estas achavam que se deveria trabalhar com a juventude, nos centros culturais. Nesta linha entre os principais colaboradores desta reconstrução, estão: Gumercindo Rocha D’Oria, que, segundo ele, não é um saudosista, ou seja, ele é contrário a reconstrução da AIB; Maria Amélia, filha de Salgado, que ainda vivia nessa data e, segundo Fernando, este era também o desejo de dona Carmela, viúva do Chefe, na ocasião, já falecida.

Como lugar de preservação da memória integralista, Fernando considera a Casa de Plínio Salgado muito representativa. Ele disse: “a casa de Plínio Salgado, não tem os merecimentos devidos, como muitas outras casas tem. A Casa de Plínio Salgado deveria de ser um lugar muito respeitado e conhecido em todo Brasil inteiro, mais por motivos já antes expostos aqui, a respeito de pré-conceito ideológico, ela é meio deixada de lado, mas para nós ela é muito importante, para nós ela não pode deixar de existir.”

Na época, Fernando nos informou que a divulgação do integralismo via páginas da internet estava crescendo muito. Calculou mais de 4000 pessoas que procuravam os sites construídos por ele para conhecerem o movimento. Disse-nos:

“é engraçado que muitas pessoas, muitos jovens procuram o integralismo como se fosse um ideal fascista, como fascista. Ah! o integralismo não é fascista! É disso que nós precisamos, então tem que expor que o integralismo não é isso! E eles vão embora. Interessante é que a patrulha ideológica, ou seja, as idéias do DIP, elas não tanto contaminaram os marxistas, quanto as outras pessoas fascistas. Então, se tem que explicar e elas pegam e vão embora, não querem mais. Há outras [pessoas] marxistas xingando, e falando palavrões, e tudo mais o que é normal, e que a gente não responde, por respeito, e... no mais pessoas muito simpáticas, vários professores, querendo também estudar, querendo material, jovens querendo conhecer, e pessoas de todo gênero.”

Fernando explicou-nos que, entre suas relações mais próximas, como na Faculdade, dialogar sobre o integralismo é muito difícil. Achava que os jovens não estariam querendo comprometimento político. Na igreja que freqüentava, segundo contou-nos, também não conseguia diálogo. Disse-nos: “Também não, porque as tradições... talvez em 1950, antes do Concílio do Vaticano II, talvez fosse mais fácil. Porque hoje ainda é muito difícil. Porquanto as pessoas têm informação política, social, cultural ainda muito pouca. Não tem esse conhecimento. A falta de senso de às vezes pegar e falar a respeito disso. Então, dentro da Igreja eu prefiro ficar mais do lado espiritual, do lado religioso. Se tiver alguém que tem esse conhecimento aí sim.”

Fernando tem amigos que ideologicamente divergem de sua forma de pensar, como um padre que fora de sua paróquia: “O outro padre que existia lá era da Teologia da Libertação. Mas nós tínhamos uma amizade muito boa, muito respeito. Tínhamos conversado, falei que era contra, completamente contra a Teologia da Libertação. Mas [havia] uma amizade muito grande. Mas os padres também preferem não entrar nesse assunto.” Contou que gosta de conversar com pessoas que não são integralistas “com meu professor (...) de direito civil, nordestino, nós temos um diálogo muito bom a respeito disso, então ele me respeita muito, como melhor professor que eu tenho, eu gosto muito. E até minha professora de sociologia jurídica, ela é judia e comunista, (...) para ela, sou melhor aluno dela, e ela gosta muito de mim, nos gostamos muito, mas sempre nas suas diferenças.”

Em sua família, somente Fernando considera-se integralista, mas segundo ele

“como disse Sebastião Cavalcante³²², muitos são integralistas sem saber por que agem como integralistas, sem saber. Porque o integralismo, não é você falar de Plínio Salgado falar de Miguel Reale, falar de Gustavo Barroso. É você ter a personalidade integral ou seja ser um bom profissional, ser um bom estudioso, um bom professor, ser um bom pai de família, ter um base moral e religiosa forte bem fundamentada. Respeitar as diferenças e defender o Brasil. Então, ou seja, esse é para nós, esse é um sujeito integral, é um ser humano integral, e não apenas aquele que usa um sigma, porque muitos deles já deram prova pra nós que usavam um sigma mas não eram integrais. Então, pra nós é isso o ser humano integral.”

b) Arnóbio Alvimar Bezerra, um advogado integralista

Arnóbio Bezerra, foi entrevistado em maio de 2005 na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Nasceu em 26 de maio de 1935, *“numa ilhazinha dentro do continente africano chamada Macau Na cidade chamada Macau, que fica numa ilha dentro do oceano Atlântico. Maior produtor de sal do Brasil e talvez do mundo, depois da China.”* Macau pertence ao Rio Grande do Norte. Arnóbio cursou História e é advogado. Na última eleição (2006), concorreu ao Senado pelo PTN³²³, obtendo 0 (zero) voto, segundo o Tribunal Superior Eleitoral. No seu “santinho” indicava Lula para Presidente da República.

À época da entrevista, Arnóbio era o presidente do Centro de Estudos e Debates Integralista CEDI) e sucessor administrativo de Arcy Lopes Estrella no Centro Cultural Plínio Salgado, em São Gonçalo.

Conta que saiu de Macau de 8 para 9 anos de idade para a capital do Estado, Natal para estudar no Seminário Salesiano. Assim contou-nos:

“No seminário, nós fomos seminaristas e eu vim pelas vocações sacerdotais porque a ilha escolhia os meninos mais voltados para a coisa de Deus. E assim eu vim parar no Salesiano. No Salesiano eu fiquei três anos, aonde eu desenvolvi o meu amor pelas coisas boas. Eu

³²² O médico Sebastião Cavalcante, no ano de , com alguns ex-militantes e outros simpatizantes do integralismo re-fundou a AIB numa cerimônia em Niterói, Rio de Janeiro

³²³ O Partido Trabalhista Nacional (PTN) foi fundado por Romeu Campos Vidal em 1945. Foi extinto em outubro de 1965 pelo AI-2. A refundação do PTN ocorreu em 2 de outubro de 1997.

sou aluno do Dom Bosco e os alunos do Dom Bosco não se perdem. É uma filosofia que nós usamos lá. E daí eu vim para o Rio, para a Marinha porque a nossa vocação é toda marítima. Eu não escolhi nem a Aeronáutica, nem o Exército. Eu preferi escolher a Marinha, não só pela simpatia, a nossa marinhagem lá em Macau é muito querida, a Marinha lá é muito querida, e essa coisa me inspirou. E eu fui fuzileiro naval. Aqui fiquei fuzileiro naval, depois tirei baixa da Marinha e fui pra Santos. Tive um período muito bom em Santos e depois vim pro Rio. Aqui me formei, aqui me fiz advogado.”

Saiu do Seminário de com, 12 anos aproximadamente. Aos 15 anos foi para o Rio e, segundo conta, . Embarcou como voluntário na Marinha com 15 anos de idade. Falou-nos sobre esta sua experiência militar no período ainda recente do pós Segunda Guerra e de preparação dos ânimos para o que seria a Guerra Fria:

“Não peguei a guerra, mas peguei o restinho porque os americanos ainda estavam dentro de Natal, mandando muito, dominando muito. Aquela influência americana lá era muito forte porque a cidade estava tomada por americanos e da guerra nós guardamos só as lembranças daquelas ruas de blackout, apagava tudo, a sirene tocava e tal. Quando os canhões atiravam lá, de treino, a gente já pensava que era a guerra mesmo, e não era. Na ilha, apareceram algumas vezes navios naufragados, alguns tripulantes naufragados. Nós tivemos que recolher italianos, tivemos muitos italianos lá que apareceram naufragados naquele período. Eu era menino. E aqui no Rio, fiquei esses anos na Marinha, da Marinha fui pra Santos e aqui eu fui pra Aeronáutica. Logo que deixei a Marinha, morei em Santos em 1954, 1955 e fiquei lá 8 anos. Mas o que tem de importante nisso é que, exatamente esse período (de 45 a 50) foi uma fase muito turbulenta, em que nós tínhamos inclusive, agitações políticas muito sérias. Os comunistas ameaçavam mesmo. Santos, então que era um porto marítimo de muito sindicalista, de muito operário naval, de muito operário de cais, havia muita agitação.”

Em meio a esta agitação, conheceu o integralismo:

“E dentro desse movimento combatendo essa coisa, tinha o integralismo, tinha o Plínio Salgado com o seu movimento integralista. Em 1950, quando houve a ameaça, a posse do Getúlio, que foi turbulenta nesse período, foi que eu estava chegando aqui no Rio. Exatamente nesse período, em 1950, é que eu me aproximei do integralismo. Eu já tinha meus 20 e poucos anos e conheci pessoas ligadas ao integralismo. Mas o que me chamou a atenção, não foi o fato de o integralismo ter aquela ordem, aquela disciplina, aquele rigor... não foi. Foi a moral integralista e principalmente o aspecto religioso. Porque as pessoas não sabem, ou

se sabem não dizem, ou se dizem não se entendem, fazem questão de não entender, é que o integralismo tinha um fundamento religioso. Poucas pessoas assimilaram isso. Foi o único partido que surgiu na época, como nacionalista puro. Eles eram brasileiros. Eles não eram a favor e nem contra ninguém: eles eram a favor do Brasil. A camisa era verde, o lema era verde, o sigma, indígena, era nacionalista e os princípios era religiosamente espiritualistas.”

Para Arnóbio, um aspecto fundamental no integralismo seria, portanto, o espiritualismo que, segundo ele, não se definiria como prática religiosa, mas como a relação da pessoa com o mundo espiritual. Em sua leitura sobre a doutrina compreende que:

“O estatuto do integralista fala claramente lá, um partido espiritualista. Veja bem, ali não se define prática religiosa. Ali nós tínhamos umbandistas, candomblé, pai de santo.. todos os religiosos. A prática religiosa é um critério seu. Pratique o que você quiser. Agora precisa que você seja principalmente, fundamentalmente, importantemente que você seja uma pessoa do espírito. Essa é a incompreensão que hoje se tem do integralismo. Por que que o integralismo dificilmente pode voltar, num país materialista, com um povo materialista? Nós somos voltados para o espírito. Plínio nunca quis ser nada. Nem ministro nem governador, nada. Agora a partir da hora que ele podia desejar ou pretender a presidência da república e até tinha chances, ele não quis. Quando ele foi convidado por Getúlio para ser ministro, ele não quis. Podia pretender ser o que fosse, ele não quis. Porque ele não cuidava do corpo; ele cuidava da alma.”

Arnóbio considera que, para os integralistas, o importante seria salvar a alma e a moral. No seu entender, estaria aí a razão para a união entre os integralistas *que “não se dobram, não se separam, não se desunem, não perdem o seu ideal; porque eles são espiritualistas. O que une os integralistas é essa espiritualidade. A certeza de uma vida em outro mundo, a certeza de que Deus fez a gente pra gente servir, fundamentalmente servir, e não arredar de forma alguma dos princípios morais. Ético, moral, essa coisa é integralista.”*

Não considera que exista nenhuma relação entre integralismo e nazismo. Para ele, o que podia se assemelhar entre estes dois movimentos seria a questão disciplinar. Porém, a questão racial seria crucial na demonstração das diferenças entre nazismo e integralismo:

“Aí entenderam de considerar o integralismo, nazista, porque o nazismo tinha uma disciplina rigorosa, militar e acharam que havia alguma semelhança entre isso. Não tem nada a ver. Ou então que o

integralista era racista, também não tem nada a ver porque nós tínhamos nas tropas muito crioulo brasileiro, que era o nosso orgulho. Esse pessoal nosso do Nordeste, do Sul. O negro não é sulista, o negro é mineiro, o negro é fluminense, o negro é capixaba, o negro é potiguar... nada a ver. Nunca tivemos isso. Mas diziam que tinha. Porque era uma forma de dizer.”

Para Arnóbio, a propaganda anti-integralista, tanto dos comunistas, como do governo levou-o a sua derrocada:

“E o integralismo não conseguiu sobrepujar esses desejos materialistas, essas intenções materialistas e enfrentou duas correntes fortíssimas: uma dos comunistas, que faziam questão de nos difamar; e outra o governo que em si, temia a força do integralismo e faziam publicidade premeditada, propositada. O governo não ia deixar publicar nada a favor dos integralistas. A verdade integralista não podia ser divulgada. O DIP, que é o Departamento de Imprensa do governo, proibia publicações onde se referisse sequer o nome de Plínio. O próprio professor Reale, Miguel Reale, teve suas obras impedidas de publicações, naquele período. Essas coisas todas me empolgaram e me levaram a gostar do integralismo.”

Para Arnóbio as interpretações sobre a tentativa de golpe também foram distorcidas pela História:

“Tanto é que aquela intentona do Catete, ela não foi de iniciativa integralista não . Aquilo não foi integralista. Até porque convidaram integralistas, e alguns até chegaram a ir. Mas iniciativa não foi. Foi premeditada, propositada por comunistas e os integralistas levaram a culpa. ”

Durante a década de 1950, quando conheceu o integralismo, disse não ter se filiado por defender a linha anti-partidária do integralismo, disse-nos que não se filiou ao PRP à época de sua vigência. Sentia-se atraído pela idéia de movimento:

“Não. Não cheguei a isso. Porque eu sou daquela linha do integralista anti-partidário. E eu não acho que o integralismo deva pertencer a partidos. O integralista é um homem, com pensamento livre para ingressar onde entender. Eu não entro no partido comunista, mas entraria no PDT, no PT, no PMDB, em tudo quanto é lugar, se eu fosse político militante. Não sou. Criou-se um partido por circunstâncias. A do próprio Plínio também, eu não era muito a favor não. Ele fez, criou, a circunstância exigia, porque havia necessidade de defesa, de espaço dentro do congresso. A esperança dele era que a filosofia dele se imortalizasse no tempo de uma forma positiva. Mas o próprio PRP foi uma sigla criada, não sobreviveu, não teve maior expressão, porque foi

tomada por uma série de pessoas que nem integralistas eram e desfigurou-se. Hoje você tem integralistas em todos os partidos. Todos os partidos hoje tem integralistas. Porque a militância política, essa para o integralista tradicional, ela não é bem aceita.”

Como estudante, participou de Associações e manifestações em São Gonçalo, cidade que escolheu para viver:

”Participei. Isso aí é uma coisa porque eu fui vice-presidente da área, nós tínhamos a Associação Gonçalense do Estudante e aqui eu participei com o Jaime Campos. Nós disputamos a eleição na AGE, contra o Janir Martins que hoje é dono do Jornal Nacional e nós perdemos a eleição. E começamos a aprender fazer tumulto ali. Tumultuamos a eleição, roubamos a caixinha com os votos todos. Tudo criancice, ne? Eu tinha uma idade pequena. Fomos para a delegacia, ficamos lá até às 4 da manhã, quando os pais vieram buscar, aquela coisa toda. Fizemos a primeira greve, paramos os bondes, porque o governador queria aumentar a passagem do bonde para cinquenta e cinco centavos. Aí nós botamos pedra, uma porção de coisas em frente à Igreja Matriz. Os bondes pararam, não passou ninguém. Fomos todos para a delegacia, só que o governador voltou atrás e anulou o ato e tirou o preço. Isso foi em 1958.”

Iniciando-se na vida política no Rio de Janeiro, ligou-se a Fernando Ferrari: descreve a relação entre o político e ele, seu pupilo:

“Eu era muito novinho e gostava muito do Fernando, saudoso líder político. Ferrari era líder do PTB durante 10 anos e fez uma campanha, chamada ‘Campanha das Mãos Limpas’ e criou um partido chamado PRT (Partido Reformador Trabalhista). E ele saiu candidato à presidência da república contra João Goulart, contra aquele grupo todo do PTB. E ele era vice do Jânio Quadros. Só que naquela eleição corria dois vices: o presidente era Jânio e os vices eram um da UDN e um do PTB, que era o Jango e o Fernando Ferrari. Ganhou o Jango. Ferrari chegou a ser convidado para ser ministro da educação, mas ele morreu num acidente antes da posse, morreu num acidente de avião lá no Rio Grande do Sul. Houve um governador, o Brizola, que era inimigo pessoal dele, havia um desentendimento... levantaram suspeitas sobre essa morte, mas não tem fundamentos não. Não é verdade não. Foi um acidente mesmo. Com essa convivência, me envolvi mais com a política, porque eu era parte da tripulação do Fernando Ferrari.”

A sua ligação com Ferrari o fez viajar pelo Brasil e a prender a enfrentar o público como orador.

“Viajei muito com ele e ele tinha essa bondade comigo. Ele me fazia orador. Quando a gente ia em determinado lugar, eu era sempre considerado o orador já juventude ou do estudante. Ele me apresentava como líder estudantil da UNE e me botava sempre com ele. E essa coisa de falar nos comícios com o Ferrari me levou a uma empolgação política, um rio político que eu tinha e não percebia. E fui orador das campanhas do Ferrari. No estado do Rio, aqui mesmo, Itaocara, nós paramos numa madrugada e fizemos um discurso às três horas da manhã. Friburgo, já pelo amanhecer, porque nós íamos de carro, uma caravana pobre e nós não tínhamos avião pra isso.”

Também na década de 1950, conhece outro grande amigo e mestre em política, o Dr. Arcy Estrella, Raymundo Padilha e Miguel Reale.

“Conheci o Arcy conheci no Rio e estreitei a nossa amizade aqui em São Gonçalo. Mas a minha ligação mais forte era com o Padilha, porque, politicamente, eu o ajudava. Trazia ele para São Gonçalo nas eleições dele. Eu era um garoto e ele tinha por mim, uma distinção, uma amizade, que me prendia em nome da importância dele, do valor dele. E através dele eu conheci o professor Reale e outras figuras mais do palácio, que depois veio a ser governador. E eu sempre procurando aprender o integralismo, estudar o integralismo. As obras, eu lia, e aos poucos fui conhecendo essa filosofia. E me encantava pela filosofia espiritualista. Essa filosofia que eles tinham de desapego às coisas e amor à verdade, à moral, à ética. Essas coisas que me prendiam. Eu não tinha profundidade na prática do integralismo. Eu tinha era apreço e afeto e carinho com os gênios do integralismo. Todo mundo de alto padrão, de primeira linha e a convivência com eles me encantava, porque eu via também uma coisa interessante em todos os integralistas. Não se via coisas ruins, tinham uma divisão organizada, não tinham pessoas de má conduta.”

Na década de 1960 teria também ter participado do movimento estudantil, quando estudante universitário. Chegou a freqüentar o Restaurante Universitário Calabouço, o mesmo onde em março de 1968 foi assassinado o estudante Edson Luís. Lá teria travado contato com Artur da Távola. Disse-nos que em 1964 não teria participado de nenhuma manifestação, nem na época da ditadura. Para ele, os integralistas também não tiveram participação no golpe militar:

“A nossa linha era primeiramente ideológica. Atividade política não. Tanto é que você verifica que os integralistas não tiveram participação na revolução de 64, nem pró nem contra. Nós não fizemos revolução nenhuma. E também não participamos de contra-revolução nenhuma. Esse assunto aí, para nós, passou em branco. Nós somos vítimas, muitas vezes da revolução. Prenderam muitos integralistas, mas

prenderam as pessoas erradas. Até Padilha, que foi um homem acatado e bem aceito dentro do núcleo da revolução, foi pela sua postura, pela sua dignidade, pela sua seriedade. Mas não por participar como militante. Ele não participou de revolução nenhuma. Absolutamente. Ele foi governador do estado do Rio.”

E é na década de 1960 que se aprofunda a amizade com Arcy e Arnóbio conhece a sua atuação como líder ruralista durante a ditadura militar. O entrevistado passa a colaborar com ele na organização do Centro Cultural Plínio Salgado:

“O Arcy foi preso, eu assisti. Os irmãos foram cercados e presos, eu assisti. Aí eu era o parceiro, mas não solidário ou participante das coisas. Porque o Arcy era líder ruralista. O Arcy começou como advogado na roça. Ele se formou e foi advogar lá pra cima, de Monjolos pra cima. Então ele assistia àqueles chamados de invasor de terra, posseiro. E ele defendia essa gente toda. Ele defendia todo mundo. E com isso ele ficou com aquela marca de ser advogado de invasor de terra e não era nada disso. Ele era um homem cristão, muito bom do coração e que se penalizava por gente pobre assim perseguida e humilhada e ele fazia essa advocacia gratuita praquela gente. Tanto é que prenderam ele pensando que fosse até comunista. Foi quando nós começamos a regimentar pra fazer a prova de que Arcy não era nada disso. Ao contrário. Nunca foi comunista e nem tinha como ser porque ele foi um integralista desde de jovem. Servindo ao exército com 18, 20 anos ele já era integralista. Ele desfilarava nas tropas de Plínio Salgado em plena Avenida Rio Branco. Quando botamos cinqüenta mil lá pra desfilar, o Arcy estava lá. Eu era bem mais novo, Nessa época eu estava ainda na Marinha, mas sei pelas informações. Aí veio a minha convivência com ele, quando nós começam a implantar o Centro Cultural Plínio Salgado, que é biblioteca, escola, nós tínhamos escola profissionalizante, tinha aula de datilografia, muitas máquinas de datilografia (10 a 12) de graça. Professores, ele dava aula, eu dava aula, as meninas de História e Geografia e de brasilidade, principalmente brasilidade, nacionalismo.”

Sobre o integralismo atual revela seus temores:

“Nós temos em São Paulo um grupo amigos pretendendo soerguer lá uma instituição, uma legenda, alguma coisa, e não consegue alcançar. O meu querido amigo, Arcy Estrela, com quem eu permanentemente conversava, dizia pra mim: ‘Dr. Arnóbio, a política, ela é muito envolvente. E ela leva ao poder. E o poder transforma, o poder desfigura. Daqui a pouco nós estamos na política, pensando mais na política do que nos ideais.’ Então, qual é a finalidade de hoje do integralismo? É divulgar a doutrina, abrir centro de cultura, instalar bibliotecas, fazer doutrinações ideológicas no sentido moral e

nacionalista. E principalmente, tentar soerguer, a nossa juventude, uma palavra de esperança, de crença. Não temos interesse em poder. É difícil você encontrar integralistas interessados em cargos. Eles estão no convívio de seus lares, estruturando suas famílias, assistindo aos seus e ajudando no movimento ideológico. Partido político é uma coisa que, pelo menos por enquanto. Por que? Porque na própria constituição, o governo reacionário, da revolução, fez questão de tirar o partido integralista. Não se pode usar essa expressão, não se pode reviver o partido integralista.”

Para Arnóbio, como foi para Arcy, o integralismo não deve se organizar em termos de partido político. O integralismo seria movimento. Como Arcy costumava dizer, acompanhando o pensamento dos ideólogos do integralismo, os partidos partem a nação. E Arnóbio reviu esta lição aprendida com o amigo numa época em que sua morte era ainda recente:

“E o próprio Arcy Estrela pedia pra mim, veja você, o partido dos católicos PHN, o partido da Igreja Universal PL não sei o que, agora tem um partido afro-brasileiros, que são dos ricos do Brasil e é isso, eu acho isso, acho que não deveria ser assim. A nossa filosofia não admite esse distanciamento, estanques, cada coisa com a sua marca. Partido do negro, partido do índio, partido do pobre, partido do rico, o partido da Igreja, o partido dos espíritos. Para fazer um partido como o Plínio idealizava, nacionalista, nós não tínhamos quadros bastante pra isso, não tínhamos estruturas bastante para isso. Plínio foi um gênio, para fazer o que ele fez foi um gênio. Um moço pobre, começando com seus ideais lá dentro de São Paulo, pra fazer um partido da dimensão de um país inteiro, como ele fez, é um gênio. Poucas pessoas vêem essa figura, vamos esperar outros cem anos, pra ver se chega um outro. Uma utopia, ele queria fazer um partido espiritualista, bom, só a sigla já assusta as pessoas, porque ele não pensava na matéria, pensava no espírito, na alma, ele queria a pessoa com uma alma renovada. Ele diria que se você reforma sua alma, você reforma o mundo; se você muda a sua cabeça, você muda o mundo. O Arcy, tinha uma coisa que ele dizia pra mim, que me agradava muito: ‘Sabe por que eu não me aborreço? Porque eu não quero me aborrecer, não adianta você querer me aborrecer porque eu não vou me aborrecer. Então você não me aborrece!’. Ninguém aborrecia Arcy, ele tinha essa coisa. Ninguém aborrece o Arcy. Ele dizia: ‘Você só faz o que você quer; se você quiser se aborrecer, você se aborrece’. A pessoa chega cheia de veneno, quer lhe aborrecer, você diz assim: ‘Não vai me aborrecer, não adianta.’ Então é por aí que o partido integralista sonhava, só em coisas maravilhosas, grandiosas.”

Nos idos de 2003, Arnóbio assume a presidência do Centro Cultural Plínio Salgado, cerimônia que assisti e que assim ele descreve:

“Passei a ser presidente do Centro Cultural Plínio Salgado. Houve a posse solene, aquela coisa toda. E vamos ver se a gente consegue reativar o centro. Para buscar esse passado histórico do integralismo. Então, como partido político, não vejo possibilidade de retornar e também não vejo como motivar uma juventude precisando de orientação dentro de uma linha partidária, porque é uma verdadeira aversão à política. Que você bote um movimento como esse, de ideal, dentro de sigla partidária, você fecha a porta para muita coisa. Quando a gente vai falar em determinado lugar, sobre o integralismo, nos colégios então, é uma beleza. Mas se disser que é do partido não sei o que, fica difícil. É por isso que a gente não concorda muito com partido político. A não ser que se pudesse montar partido integralista. Aí sim, quem vai já sabe que são dos integralistas. Se a constituição amanhã der uma abertura para que se retorne com essa sigla, aí nós abraçamos. Aí nós reavivamos toda essa nação. Mas trazendo os PP's da vida aí, aí dificilmente... o CEDI não vai conseguir, os paulistas não vão conseguir, porque além de não arregimentar pessoas suficientemente, com contar também com a oposição dos próprios integralistas.”

Como presidente do Centro Cultural, Arnóbio passa a representar uma entidade que deveria incentivar o estudo da doutrina, organizar encontros. Porém, com a morte do Dr. Arcy, o Centro Cultural Plínio Salgado foi fechado e documentos, livros e objetos guardados tantos anos pelo Dr. Arcy encontram-se, se é que não foram destruídos, na posse dos sobrinhos do velho militante integralista. Dr. Arnóbio tem a intenção de resgatar esse material mas, até a época da entrevista, não havia conseguido que a família lhe respondesse satisfatoriamente.

Acompanhando os passos de Arcy, Arnóbio assumiu a direção do Centro Cultural Plínio Salgado, mas considerou que, com sua morte, a reorganização do integralismo, pelo menos no Rio de Janeiro teria esfriado:

“Está meio frio, com a morte do Arcy então, ficou mais frio ainda. Eu estava pretendendo ver se eu refazia, ver se eu reanimava essa gente, porque na sua maioria são senhores e senhoras, tem uma juventude muito farta de conhecimentos dessa coisa e querendo conhecer, mas estão sem fonte de informações, e quem dá essas informações seríamos nós, os mais velhos, mas os mais velhos estão cansando. Vamos ver se a gente consegue reativar o próprio Centro Cultural, que eu sou o presidente, vou registrar porque não falei ainda sobre isso, ele está parado porque o sobrinho do Doutor Arcy, meu querido amigo Anderson, fechou a casa ao recente falecimento do tio, e ele ainda não conseguiu reativar, está tudo parado, os fichários estão presos lá. A biblioteca está parada, está tudo parado, eu quero reativar a sociedade e

não consegui ainda porque eu não consegui um espaço com Anderson. Eu telefonei para ele, ele é muito ocupado, é professor também na Faculdade Universal, é diretor de uma Instituição Educacional, não tem muito tempo e a gente não consegue entrosar essa coisa, mas vamos voltar, vamos esperar que ele melhore um pouquinho a cabeça para a gente sentar e reativar o Centro Cultural Plínio Salgado, aqui no Rio do Ouro, porque foi de lá que nasceram os outros grupos, foi de lá que nós extraímos outros grupos.”

Segundo Arnóbio, o novo integralismo deve necessitar da organização e, não vê possibilidades disso acontecer pois considera esta geração perdida:

“Vamos ver, lá na frente, quem sabe numa mudança de costume? Pode até chegar a se incluir a possibilidade de um futuro integralismo. Mas o integralismo, como força que nós criamos ou que foi criada pelos mais antigos do que eu, com aquele censo de nacionalismo, censo de tropa, de fidelidade, de obediência, de hierarquia, de disciplina, nessa país está difícil. Até porque nós tivemos 25 anos de escuridão, com uma juventude dopada, doente. Essa juventude está doente. Eu acho que o país hoje é sobre psiquiatria, de análise. Porque só a doutrina integralista ainda não é suficiente para corrigir mais o rumo das coisas. Nós estamos numa geração perdida. Vamos lutar, vamos insistir, vamos procurar corrigir.”

Relembra o trabalho de Arcy na divulgação do movimento: *“E o jornalzinho ‘O Alerta’ que ele fazia e a gente distribuía todo mês. E no jornalzinho, todos nós colaborávamos, contribuía. Era nossa despesa mesmo, a gente que pagava, a gente rodava, a gente fazia porque era mais um sonho, de manter os ideais do Plínio.”* Como nos relatou, o Dr. Arcy *“matinha uma intimidade muito grande por correspondência com todo o povo do Brasil. Aqui mesmo em São Gonçalo, muitas pessoas não sabem, mas nós tínhamos seis núcleos integralistas, em bairros, como no Mutuá, no Rocha, temos um lá no Barreto, teve um lá nosso e começou com ele.”*

Para Arnóbio, a juventude carece de conhecimento sobre o movimento e ao conhecer o integralismo ainda se surpreendem. *“Procurando saber sobre o integralismo, porque a imagem que eles tinham era de um integralismo servindo aos nazistas, anti-Brasileirão racista. Então eu percebo que eles querem, quando a gente vai falar sobre o integralismo em algum lugar, dá muito choque, a maioria é da juventude querendo saber.”* Porém nota que, nos Congressos dos quais participou, no seu entender, as intenções são favoráveis a criação de partido político, com as quais não concorda. Assim,

se distanciou do CEDI, que com Arcy ajudou a fundar. Falou-nos sobre as condições de sua fundação:

“O grupo manteve o contato com a gente, mantém, escreve, nós temos aqui, eu lembrei do nome deles, o Dário Pompeu e Humberto Camargo. Eles mantêm o contado com a gente, escreve e tal. Mas a nossa participação no CEDI como membro da diretoria, que era essa a intenção deles, que o Arcy fosse visto presidente, ou que eu fosse diretor e tal. Nós não entramos no CEDI, nem como diretor nem nada. Só na fase de organização é que nós participamos, até porque o registro dele foi feito aqui em São Gonçalo. Nós fizemos pra ele aqui em São Gonçalo, no 4º Ofício. O registro deles é daqui de São Gonçalo, então eles contam como sendo uma instituição fundada em aqui em São Gonçalo. Mas não com a nossa participação direta, já no estatuto. Do estatuto nós estamos fora.”

Nos explicou que as razões de seu afastamento do CEDI foram as questões acerca do modelo de representação escolhido: o partido. Pondera, entretanto, quando fala da escolha pelo PRP e, posteriormente a ARENA, por Plínio Salgado e procura nos esclarecer os motivos desta escolha:

“Ele, pessoalmente, tinha que ter um mandato, tinha que ter uma posição. Então ele escolheu o partido que ele quis, mas não por vinculações ideológicas ou por afinidade política. Se vocês tiverem o tempo e o cuidado de confrontar o estatuto dos partidos, nenhum deles se enquadra na nossa filosofia. Pega o estatuto do movimento do Plínio Salgado. Nenhum dos partidos, os partidos políticos todos têm seus estatutos muito assemelhados, só trocam palavras. Ideal mesmo, tudo lá. Já tive cuidado de ver esses estatutos aqui, o PMDB e o PDT, beleza. O próprio PT parece muito com o PDT. É assim. Agora, se você for analisar isso na visão espiritualista do integralista, não tem nada a ver. Não disputamos cargos, não disputamos governo, não disputamos nada. Não é isso que nós buscamos. O Plínio não buscava um cargo não, ele buscava um avivamento da moral nacional. Ele queria o avivamento da nacionalidade, queria despertar a juventude, para assumir esse país. Esse era o maior sonho dele. Ele queria que a nação acordasse para os seus valores morais, para levantar esse país. A pregação dele toda era essa. Como era a do Fernando Ferrari. O próprio Plínio Salgado e o Reale, a pregação deles é só em cima da moral cristã brasileira. Não somos contra ninguém; somos a favor do Brasil.”

Para Arnóbio, é necessária uma a revitalização do integralismo, o que deve passar pela imposição de disciplina e moral. Assim considera:

“Só através da reavivação (sic). É exatamente essa necessidade da disciplina e da moral. Porque a parte fundamental do integralismo é

a disciplina e a moral. A disciplina começa do lar, começa nas fileiras das tropas militares e a noção de autoridade, que se perdeu. A juventude perdeu isso. Qualquer criança pisa em pé de velho e ainda empurra. Isso tem que acabar. São esses os princípios que a gente adota. As pessoas, muitas das vezes, não compreendem o integralismo nesse sentido. Porque se a instrução é dada na escola, a educação é dada no lar. Mas como é que o lar vai dar educação se ele está desestruturado. Às vezes, a gente diz assim, tudo é crime. Hoje tudo é crime. Mas o crime interessa a alguém. A quem interessa o crime? O crime está baseado na dissolução da sociedade, na disseminação da droga, no tráfico de armas, na sensação de impunidade e só se corrige por dois caminhos, não tem outros: pela instrução e pela educação. Pessoa educada pede desculpas, pessoa instruída tem noção de sua responsabilidade. Se eu tenho instrução, eu sei quantos anos eu pego de cana por uma bobagem que eu faça. Desrespeitar um velho eu já sei que é crime. Eu tenho noção do preconceito racial. Mas por que? Porque eu tenho instrução, eu estudei. Mas como que essa nação vai despertar se não estuda? E como vai pedir desculpas, se não aprendeu no lar? É esse o princípio que o integralista leva. Você não pode pretender seu filho moralmente sadio com mentiras. O que que a gente vê com a maior simplicidade o pai dizer: 'Diga lá na porta que eu não estou.' O menino vai lá e diz, papai está mentindo, está dentro do quarto. Como? Eu estou sim. É o cobrador? Eu recebo o cobrador. Eu não posso dizer que não estou. Senão eu engano o meu filho. Como é que eu digo 'não beba' se eu mando ele lá no botequim buscar a cachaça? 'Meu filho, vai lá buscar minha cervejinha.' Que isso? Essa noção, é noção de educação. Agora, as mães pegam os filhos que elas não educaram, e mandam para que a professora lá na escola, dêem educação. Lá não se dá educação, se dá instrução. Lá o que ele vai aprender é Geografia, História e Matemática. Agora, ele não aprende nada em casa e vai pra lá xingar a professora porque não tem noção de responsabilidade. Isso é que é o integralismo, não é nada mais. O que é preciso para ser integralista? É só ter consciência e esse censo. Mas esse censo com devoção. Isso é princípio que os integralistas não abrem mão, não tem como. Sem Deus, nem fale comigo. (...)

Nós não queremos nada. Você sabe o que nós queremos? Que você seja feliz e defenda a coisa que é mais importante que é o seu solo! Não precisa pegar em arma pra brigar com o outro vizinho não, é só ter a base moral suficiente para defender a sua pátria, se for necessário. Esse é o princípio do integralismo. Mais nada. As pessoas pensam que o integralista é contra isso. Não é contra nada. Eu acho até que nós nem somos a favor. Nem contra e nem a favor. ”

Arnóbio pretende continuar as atividades do Dr. Arcy. E tem no jornal *Alerta* um meio de divulgação de suas idéias. Esperava, até a data da entrevista, assumir o Centro,

cujo prédio e material ficaram sob os cuidados dos herdeiros de Arcy. Espera retomar as ações sócias de Arcy, uma liderança local. Como nos disse:

“Ele tinha isso, ele escolhia os cantinhos de pessoas mais humildes. Ele gostava disso, era católico muito fervoroso. Ele tinha devoção por Nossa Senhora. Então, aquele cantinho para ele, era um cantinho alegre. Agora, como eu já disse para vocês, nós temos outros grupos aqui em São Gonçalo e vou então, na primeira oportunidade, convidar vocês para uma reunião no núcleo central. Nós temos um nucleozinho aqui bem no Mutuá, aonde eles também são integralistas e fazem reunião lá e eles são todos muito vinculados a nós.”

Até este início de 2007 não se tem notícia do “revivamento” do integralismo na região de São Gonçalo. Arnóbio também parece que abandonou a convicção de que o partido não representa a vontade integralista. Ou ele mudou de idéia ou deixou de ser integralista ao se candidatar para senador em 2006.

c) Murilo César Luís Alves – um camisa verde

Conheci Murilo César na casa do Dr. Arcy Lopes Estrella pelos idos de 1998. Me impressionou aquele jovem usando camisa verde, tão sério e concentrado nas atividades do Centro Cultural Plínio Salgado, cumprimentando os companheiros com o “Anauê!”. Havia um grupo de jovens que sempre comparecia às reuniões, entre eles sempre estava Murilo. A maioria desses jovens morava na cidade do Rio de Janeiro e levava, pelo menos, uma hora e meia para chegar ao local de reuniões, em São Gonçalo. Me impressionava a disposição desses jovens e seu envolvimento com a tentativa de reconstruir o integralismo.

Mas Murilo não limita sua atuação ao Rio de Janeiro. Como membro do Grupo Integralista do Rio que se integrou na Frente Integralista Brasileira, participa de reuniões nas quais os membros da FIB procuram analisar a situação nacional. Isto, no meu entender, significa seu comprometimento com o movimento e sua adesão inquestionável ao ideal integralista. Ele, realmente, vestiu a camisa verde. Por isso, ao entrevistá-lo, no dia 23 de janeiro de 2006, disse reconhecer a sua importância na reorganização do movimento na atualidade. Ao que ele respondeu:

“Na verdade, eu até não me considero um elemento importante no movimento, mas acontece que com falta de opções, quem vai ficando e vai se tornando mais antigo e vai se sobressaindo acaba tendo esse ônus de ser aquela pessoa que catalisa mais as atenções e vira um ponto de

referência. Eu acredito que menos que uma liderança, eu sou mais um ponto de referência aqui no Rio, sabe, mais por aí até. Por falta de opções até, porque infelizmente nossos quadros são pequenos mesmo, pelo menos por enquanto.”

Murilo César Luiz Alves nasceu em 28 de outubro de 1963 na cidade do Rio de Janeiro. Viveu a sua infância na Tijuca, bairro tradicional da capital fluminense. O pai era desenhista projetista e a mãe era professora primária. Formou-se em Ciências Contábeis e em História. Atualmente trabalha numa empresa de processamento de dados.

Conta sua vida de estudante:

“E eu não era lá muito bom aluno, quer dizer, sempre me interessei já desde muito, antes de aprender a ler, já sempre me interessei por História. Já havia me interessado por fatos políticos, já tinha como heróis, meio incongruentemente mas já tinha como heróis, Tiradentes e Lampião, que me interessavam muito também. Tinha um livro muito... várias, muitas páginas, ‘Lampião, cangaço e Nordeste’ e quando eu, com uns 7 anos, 6 anos eu já gostava de folhear, mesmo sem saber ler. E Tiradentes também, tinha uma coleção, que falava sobre as personalidades históricas nacionais com gravuras coloridas, então, também mesmo sem saber ler eu já gostava muito de acompanhar as gravuras, desde a conspiração até o enforcamento. Então eu tinha já esses heróis assim comigo. Bom, o caso do Lampião é assim meio estranho ser um herói, mas a questão da combatividade, o espírito de luta dele apesar de ter sido um bandido e tudo mais. Foi essa questão do combate que me atraiu muito.”

Conta como começou a sua ligação com o movimento integralista:

“Aí é que está. Já desde muito novo... uma coisa levou a outra. Essa questão do interesse por personalidades históricas, personalidades assim, marcantes, uma coisa bem misturada com tragédia social. Aquela coisa, a conspiração, inconfidência mineira, o cangaço. Isso tudo, ou seja, marcou realmente essa minha questão de gostar desse lado de estudos sociais, de história. Por exemplo, no caso do ‘Lampião, cangaço e Nordeste’ acabou me levando, apesar de não entrar em muitos detalhes, porque lá força mais a questão do auge do cangaço na década de 20, mas entrei também na década de 30. Fui crescendo, na escola mesmo fui tomando mais conhecimento das outras fases históricas e tudo e comecei a me identificar com essa questão da década de 30, realmente. Aquele período de Getúlio Vargas, a mudança, a entrada deu aquela guinada de liberalismo até a década de 20 para a influência, para a intervenção do estado na economia, na sociedade. E já há muitos anos, já no finalzinho da década de 70, já havia ouvido falar em Integralismo.”

De uma conversa com seu avô e seu irmão mais velho, o seu interesse pelo integralismo aumentou. Perguntou aos dois:

“ ‘Que isso, de integralismo e tal?’ Aí falaram: foi um movimento de ultra-direita nacionalista na década de 30. No momento, eu não me liguei muito. Apesar de que nessa época eu já estava caminhando para o nacionalismo e tudo, já estava formando em mim... Até um dia que, passado mais um ano ou dois, meu tio deu de presente de aniversário para o meu avô um livro do Héglio Trindade. E aí quando eu vi aquelas fotos me identifiquei imediatamente. As fotos já dizem muita coisa, não é? Para quem se identificar com aquilo realmente, já é de imediato, aquela coisa da organização, aquela coisa da hierarquia. E eu servi, sou do movimento escoteiro. Então essa questão da organização de grupos uniformizados sempre me atraiu. Daí pra frente, realmente logo assim que eu tomei aquilo ali e li mais um pouco que eu vi. ‘Poxa, eu sou isso aqui!’ Até porque hoje em dia com a internet é tudo muito mais fácil. Uma avalanche de informações. Eu acredito que muitos jovens nacionalistas, hoje em dia, rapidamente estão descobrindo e se identificando com o integralismo. Na minha época, quando eu descobri isso há 25 anos atrás, por exposição de imagem, acabava que o pessoal se identificava primeiramente com o nazismo. Por causa de todas essas exposições de desfiles, de uniformes, bandeiras, paradas, estandartes e tudo mais. E nós não sabíamos nem que tinha existido o movimento integralista, que existia um movimento incipiente, mas em andamento. Aí assim que eu bati o olho naquilo ali eu me identifiquei imediatamente e descobri realmente qual era a minha linha. No meu caso foi assim.”

Seu avô Miguel Antônio Luiz Filho tinha sido integralista. Mas quase não se falava em casa.

“É. Bom, o integralismo tem até alguma coisa na doutrina que é mais pro futuro. Por exemplo, tem movimentos ultra-direitistas europeus que buscavam muito o passado. O integralismo até buscou uma fonte no início nos indígenas, mas era um movimento que olhava muito pro futuro. Então, meu avô era assim, ele olhava pra frente, tanto que ele trabalhava, estava sempre dentro da lei. Assim que o integralismo foi fechado por imposição do estado, a partir do momento que caiu em uma clandestinidade, ele realmente se afastou da militância. Ele entrou desde 34, era membro atuante, dava cursos, chegou a ser nomeado coordenador dos guarda-livros(...).”

O seu avô lhe contou sua versão sobre o “levante” de 1938 e as perseguições que o sucederam:

“(...) em 38 ele disse pra mim que, naquela madrugada de 11 de maio, ele estava com os companheiros de camisas-verdes esperando ordens na Tijuca. Mas a coisa engrossou e ele viu que ia ser perseguido,

ou seja, ia se tornar clandestino. Não houve a chance de se realmente chegar ao poder e ele tomou outro rumo. Começou a cuidar da vida profissional dele, logo depois conheceu a minha avó. Mas nesse ponto ele sempre foi integralista, sempre foi um grande exemplo de profissional, de pai de família. Nos últimos anos de vida ele se dizia liberal, mas a verdade é que a cabeça dele sempre foi integralista. Até que quando teve uma greve na Dataprev onde eu trabalhava ele falou pra eu não aderir à greve, pra eu não participar dessas atuações de esquerda. Então a cabeça dele ainda era essa só que o destino tomou outro rumo na história da vida dele junto com a do movimento.”

A versão construída pelo avô, que Murilo acompanha é aquela da isenção integralista do comando da ação. Porém não destrói a sua participação como oposição a Getúlio e a ditadura instalada:

“Na verdade, eu acredito que todo mundo que não estava querendo que o Getúlio se mantivesse no poder, ainda mais no poder ditatorial, entrou nesse barco. Eu acredito que, é o seguinte, a coisa não é monolítica. Acredito que muitos integralistas devem ter se moldado muito bem ao Estado Novo, mas havia um grupo também muito grande, aliás, vários militantes até recentemente com quem eu tive contato, eles odiavam o Getúlio. Quer dizer, exatamente, o grupo de integralistas insatisfeitos deve ter aderido a esse movimento que na verdade eram de liberais, eram de várias correntes de oposição ao Getúlio.”

Fala da participação do avô no “levante”. Segundo nos contou, esperava ordens, mas que não teria dito qual seria a sua atuação no episódio. A conclusão que tirou Murilo é os integralistas serviriam apenas como força paramilitar “*pra fazer a ação mais agressiva do movimento.*” E os liberais teriam sido os mentores da “conspiração”. O fato de ter tido um avô que participara ativamente do movimento, o fez sentir orgulhoso. A idéia do uniforme, da formação o encantava. Assim, desde cedo, entrou para o escotismo que, para ele se relacionava ao regime militar e isso o atraía.

A religião também foi algo que o atraiu no integralismo. Para ele, fundamental e o que diferencia o integralismo de outros movimentos nacionalistas:

“Fundamental. Eu sempre deixo bem claro que o integralismo... Porque grupos nacionalistas, movimentos nacionalistas, podem existir aos montes por aí; agora, o integralismo tem grandes vantagens: primeiro, ele tem uma história, ele já tem uma doutrina toda montada pra mostrar qual caminho que nós devemos seguir e tem uma coisa que eu acho fundamental, pelo menos então nos últimos 10 anos

vem crescendo muito em mim, é a questão da espiritualidade. O integralismo é nacionalismo e espiritualista. É fundamental. Essas duas coisas andam realmente juntas no integralismo. Agora, numa massa de pessoas, certamente uma pessoa de repente vai se ligar mais na questão do patriotismo e a outra vai se ligar mais na questão da religiosidade, na questão do espiritualismo. Então cada um tem aquilo que toca mais a pessoa pra fazer parte daquele grupo. Mas até por questão de doutrina, o espiritualismo é muito forte, tem que ser muito forte no movimento.”

Para Murilo, o que leva os jovens hoje para o integralismo são as mesmas coisas que o atraíram:

“É. Pra começar, as mesmas coisas que me atraíram, certamente até hoje tem um grupo grande de jovens que também são atraídos pelas mesmas coisas. Os mesmo ideais, os mesmo chamarizes, digamos assim, que gostam da cerimônia, que gostam da formatura, gostam da bandeira tremulando, gostam de se sentir fazendo parte de um grupo uniformizado. Isso é muito legal, isso é o espírito de corpo. Certamente já vêm atraídos por isso também. Alguns talvez, já passamos por isso, vêm muitos jovens que na verdade não sabem o que é o integralismo, então vem com uma carga bem fascistóide mesmo. Alguns acabam mais assim dando uma lapidada e se adaptando mais ao que é mesmo o integralismo, e outros acabam achando o integralismo muito brando pro que eles queriam e se afastam. Então tem isso também. Mas principalmente hoje em dia, vamos dizer a verdade, parece que os problemas não mudam nunca, são sempre os mesmos. Então a mesma inspiração que atraiu os jovens ao integralismo na década de 30 são os mesmo de sempre até hoje: o problema da corrupção na máquina administrativa, a falta de confiança nas lideranças políticas, a questão de você ficar revoltado de ver uma potência econômica que é o Brasil e viver uma vida de pobreza porque a agiotagem (...). É aquele negócio: o Brasil parece aquele cara que é milionário mas na verdade, ele é pobre porque quase tudo que ele consegue produzir de riqueza é dado pros outros. A maioria dos jovens fica bastante revoltados com essa situação realmente.”

Sua ligação com o movimento que se organiza após a morte de Salgado se daria em fins da década de 1980. Sua determinação em seguir o integralismo o levou à cidade de Rio Claro:

“Na década de 80, exatamente, não existia a internet e a coisa era toda muito isolada. Eu até tentei na segunda metade da década de 80 fazer contato. Eu fui ao Rio Claro, tinha um museu lá. Saiu uma notinha dizendo que os integralistas estavam se organizando. Era sempre uma coisinha de um parágrafo, uma notinha no jornal, mas aonde? Qual contato? Qual o nome da pessoa? Não. Só falou, jogou o troço e aí?”

Então eu fiquei realmente assim batendo cabeça desde 85, 86, 87 e demorou bastante até que em 1993 me veio à cabeça: primeiro, para fins de conhecimentos pessoais e expandir realmente meus conhecimentos com fonte em leitura verdadeiramente integralista. Coloquei um anúncio no balcão pra comprar livros do Plínio Salgado, comprar livros do Chefe e tudo. Foi mediante essa idéia que realmente começou o contato, porque eu fui na livraria do Ubiratã Pimentel, na Lapa nessa época, agora está lá no Catete já há bastante tempo. Aí ele chegou pra mim, eu não conhecia ele não, eu estava procurando os livros pra comprar do Chefe Ele chegou pra mim: ‘Você se interessa pelo integralismo?’ Aquela coisa meio agente secreto e tudo.’ E eu disse: ‘Sim. Sim. Me interessa muito.’ E ele: ‘Vou dar um nome e telefone, e você liga lá pra essa pessoa.’”

O telefone era do médico Sebastião Cavalcante que passou a presidir a nova Ação Integralista Brasileira que fora fundada em 1989 por Anésio.

“Mediante a situação eu ainda fiquei uns 6 meses, pensando ligo ou não ligo? Do jeito que o cara me abordou, parecia até um movimento criminoso. Quando eu tomei coragem em fevereiro de 1994, o Dr. Sebastião realmente me atendeu de uma forma bem mais espontânea, bem mais aberta, ficamos mais de uma hora conversando no telefone. Ele me chamou pra ir conhecer, ele tinha muito material sobre integralismo na casa dele. Fui lá e conversamos muito também. Ele me deu algum material, me deu o Manifesto de 1932 e realmente a partir dali eu comecei a ter contato efetivo com um grupo que existia naquele momento no Rio. E eu até considero o meu batismo de fogo, se pode dizer assim, o marco, a militância até por causa da data, 11 de maio de 1994. Foi o início da minha militância realmente. Agora nessa época era assim: 80% de quando a gente se reunia eram pessoas com mais de 70 anos. Era o pessoal da velha guarda. Dr. Arci, puxa vida, tanta gente que já faleceu ou nunca mais apareceram. Certamente por causa da idade. Hoje em dia eu entendo porque nunca daria certo qualquer coisa que se tentasse, apesar da grande boa vontade e cooperação então, nem se fala. Porque realmente o que me segurou na militância e me fez sempre tentar, tentar e tentar, foi o Dr. Arci. Mas hoje em dia eu vejo que nunca daria certo qualquer tentativa, por mais que se esforçasse, aquele grupo da velha guarda tentasse, é porque não dá. O integralismo é um movimento pra jovens. O integralismo só vai dar certo se estiver na mão dos jovens. Aliás já foi assim na década de 30 e eu acho que sempre vai ser assim. O pessoal que é mais idealista, o pessoal que tem mais energia. Aquela coisa mesmo. E o pessoal da velha guarda já não estava mais nem com a disposição e com a imagem que fosse carismática pra ter a adesão desses jovens. É isso. Eu, o Ubiratã, nós, na faixa dos 30 a 40 anos mais um ou outro é que éramos os jovens do grupo.”

Murilo assistiu a juventude aparecer....

“A partir de, acho que 1998 mesmo. Para quem já tinha acesso, eu ainda não tinha, mas pra quem já tinha acesso, a internet já estava funcionando. Mas eu penso que estava começando a sair do ostracismo, a questão do integralismo estava voltando a ser abordada de novo. Foi a partir daí. Tanto que quando nós formamos aquele único grupo, nós formamos o núcleo do município do Rio de Janeiro em 98 até por incentivo do companheiro Arcy, ali já realmente pintou jovens. E poucas pessoas da velha guarda, pro nosso grupo, realmente foram chamadas. A não ser, nós tínhamos contato com o pessoal da velha guarda quando nós íamos ou no 11 de maio ou no 7 de outubro lá em São Gonçalo. Quando a gente se reunia realmente era um grupo bem mais jovem. Cezar Augusto era o mais antigo pra dizer a verdade. Depois vinha eu e um grupo de 20 e poucos.”

O entrevistado conheceu Marcelo Mendez, nessa ocasião. Estavam sempre juntos, de onde concluí que eram amigos.

“O Marcelo Mendez surge aí, nesse grupo de 98. Ele vem a convite do Marcus Ferreira e assim que eu notei a formação dele, ele tinha uns 30 anos pelo menos, formação em administração, demonstrando muito interesse. Eu logo o convidei pra ser então o encarregado da parte administrativa do nosso grupo. E depois, mais pro início de 99 houve uma série de problemas de relacionamento, e eu já precisava começar a apertar, fechar logo o meu curso da UERJ e nós tivemos uma pomba que caiu de pára-quadras dentro do nosso grupo que era o Armando Zanine e quis desvirtuar tudo que a gente havia organizado. Ele queria era na verdade, criar um grupinho nazista chamado de integralista, essa que é a verdade. Eu tive muito trabalho com ele, mas ele era uma pessoa que sabia muito bem envolver as pessoas, sabia muito bem argumentar as coisas. E na verdade, ficávamos sempre no meio a meio nessa disputa, o ideal seria ele desistir e ir embora do grupo. Mas ele realmente criou uma conturbação muito grande dentro do grupo e surgiu problemas de relacionamento dentro do grupo. E eu estava já com essa urgência de ter que me dedicar mais à parte acadêmica. Mas de qualquer forma eu fiz o seguinte: ‘Vou lavar as mãos e vou passar para uma pessoa que me parece está em condições de assumir o grupo. Ela que mostra a sua competência e veja o que pode fazer.’ Aí eu passei pro Marcelo Mendes. Apesar de tudo, eu até gostei logo de cara, a primeira atitude que ele fez. Eu sou muito complacente, tento convencer as pessoas. Ele não. Ele já chegou pro Zanine e botou ele pra fora do grupo, simplesmente pra fora. Quer dizer, ele rápido, curto e grosso e eu levando um tempão, meses, tentando ver que ali não era a praia dele e ele atrapalhando toda a direção.”

Em seu “testamento político” Marcelo acusou Zanine e, principalmente Marcus de traição. E, de certa forma, quis torná-los responsáveis pelo seu ato extremo.

Segundo Murilo, Zanine, que fundara o Partido Nacional Socialista Brasileiro, “*era bem, digamos assim, nacional socialista mesmo*”, isso significa que estava bem afinado com os ideais nazi-fascistas. Como contou-nos Murilo, teve problemas na justiça por conta de suas atitudes racistas, violentas, intolerantes. Zanine também era do Rio de Janeiro, faleceu uns meses antes da entrevista com o depoente.

Outro importante integrante do novo integralismo que conheci, juntamente com Murilo no CCPS, foi Marcus Ferreira. Como nos disse o entrevistado:

“O Marcus Ferreira foi um elemento importantíssimo em 1998. Até o grupo de 98 foi por aí. O companheiro Arcy pediu, o Sebastião Cavalcante faleceu, e eles logicamente, vendo que não poderiam continuar tocando por muito mais anos à frente, de ser um ponto de referência do integralismo aqui no Rio de Janeiro, ele me pediu (nós trocávamos muita correspondência) que não deixasse cair a peteca, que formasse um grupo novo apesar da falta do Sebastião Cavalcante. Tanto que ele mandou pra mim, o Marcus Ferreira entrou em contato com ele e ele repassou pra mim, ficamos trocando algumas cartas durante algum tempo, até que tivemos um encontro pessoal, fizemos logo de cara uma reunião de quatro horas e o Marcus Ferreira se mostrou bastante capaz, dinâmico, sabia fazer tudo no computador. Tanto que no 11 de maio de 1998 já levamos uns prospectos, coisas de propaganda de integralismo pra ser distribuído. Eu vou até dizer, eu já isso pra ele, na verdade, a iminência parda do grupo de 98 era ele, porque eu funcionava daquela forma: vida acadêmica, profissão, família, filhos menores, aquela coisa toda. Na verdade, eu funcionava como o elemento centralizador, na utilidade, não só de idade, mas já de alguns anos de militância, um contato estreito com o companheiro Arcy, mas na verdade quem tocou o barco mesmo em 1998 foi ele. Ele fazia os contatos, ele ia falar com as pessoas. Só chegava pra mim e falava: vai ter um encontro no dia tal, tal hora. Só fazia a agenda pra mim e eu ia lá. Ele que realmente organizou bastante o grupo de 98. O Marcelo Mendez veio por intermédio dele. E hoje em dia, até recentemente, eu estava na coordenação agora em 2005 do FIB Rio e, a meu pedido ele estava justamente. Eu deleguei algumas pessoas dentro da sua área de conhecimento e atuação, certas responsabilidades. Ele estava responsável pela parte de educação, tanto que ele produziu uma apostilazinha introdutória do integralismo, de algumas folhas pra quem tivesse chegando ao movimento. Tem alguns meses que ele está afastado. Ele terminou agora o último ano dele de História.”

Marcus Ferreira, realmente, desde que o conheci, pareceu-me ser um dos mais estudiosos e conhecedores da doutrina integralista. Ainda mantemos contato e, recentemente, enviou-me a sua monografia de fim de curso da Faculdade de História na Universidade Gama Filho em que analisou o processo de formação da União Democrática Brasileira (UDB), partido político fundado em junho de 1937, de linha liberal, composto por opositores de Getúlio Vargas que, segundo Ferreira, se baseava na unidade nacional, na democracia e no nacionalismo³²⁴.

Murilo nos disse que Ferreira, em 1999 teria se afastado do grupo, que ficou na mão do Marcelo Mendez. Ficou algum tempo produzindo um informativo com o grupo de Niterói. Este grupo, segundo Murilo, é de nacionalistas/integralistas, ou seja, de uma linha influenciada pelos ideais nazistas. Marcus está um pouco afastado das atividades do movimento no Rio. Mas se mantém atento aos acontecimentos que incluam os caminhos do integralismo.

Segundo Murilo, as divisões internas no integralismo hoje se dão pela forma como cada grupo interpreta as idéias doutrinárias, quais as linhas de interpretação que escolhem e de que forma escolhem agir para sua divulgação.

A divisão estaria entre tradicionalistas, com o qual se identifica:

“De imediato, eu vejo o seguinte: de cara, dos 10 anos de militância, porque eu sou integralista há mais de 20 anos, mas de militância uns 10 anos, eu já pude identificar, por exemplo, nós temos alguns grupos bastante... por exemplo, de repente um grupo tem um número muito maior de adeptos do que o outro, mas o identifica é o seguinte: os tradicionalistas, aqueles que querem usar a camisa-verde, querem usar as exterioridades, fazer a saudação ‘Anauê’, fazer tremular a bandeira do sigma e muitos opositores, lógico, aproveitam dessa nossa fraqueza e querem sempre bater na mesma tecla: ‘Ah, é o fascismo tupiniquim, é isso e aquilo’, mas a verdade é que, como Chefe mesmo já havia escrito pro Getúlio logo no início do exílio tentando explicar ao Getúlio o que tinha sido, o que era o integralismo, todas essas exterioridades na verdade, são as alegrias do movimento. Não tem o pessoal da torcida do futebol, que gosta de tremular sua bandeira, cantar seu hino, usar sua camisa ainda mais quando o time ganha, no dia seguinte está todo mundo com a camisa? Na verdade, as exterioridades do integralismo são isso; são demonstrações de alegria,

³²⁴ FERREIRA, Marcus. *Para que o Brasil continue: a formação da União Democrática Brasileira, 1926-1937*. Monografia de Conclusão do Curso de Bacharel em História. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2005.2.

de que pertence ao movimento. Mais do que querer fazer demonstrações de poder, demonstrações de qualquer tipo de racismo ou qualquer coisa. São demonstrações de alegria. Então nós temos no movimento isso: acho que temos os tradicionalistas, que querem manter isso; temos aqueles que não são tradicionalistas, é um grupo pequeno mas que acha que não se deve mais adotar a camisa-verde, não se deve adotar mais exterioridades, devemos continuar lutando sim, pelo desenvolvimento, pela expansão da doutrina pelo que ela é, pela questão do espiritualismo, pela questão da defesa dos valores nacionais da pátria.”

Ainda há os plinianos:

“O pessoal que é mais pliniano é mais voltado pra essa questão de estar dentro da legalidade, com a cabeça mais voltada pra legalidade, pra espiritualidade. Aquela coisa mais assim, complacente. Muita gente acha até que cobra por o Chefe não ter dado o contra-golpe, no golpe do Estado Novo.”

E tem aqueles que seguem Gustavo Barroso e o que chamam de seu anti-sionismo, mas não anti-semitismo:

“ E tem aquele pessoal barrosiano, digamos assim, que é o pessoal de uma linha mais agressiva, pessoal que bate muito na tecla da questão do problema do capitalismo judaico, como eles chamam, deixa bem claro isso. Está na mão do grande banqueiro judeu a ordem econômica mundial, aquela coisa toda. Eles se identificam mais com o Barroso, mais agressiva pelo menos no verbo. Porque o Barroso, não sei se na verdade ele se fazia passar por agressivo assim verbalmente ou se na verdade era.... Porque tem até a questão que uma vez parece que ele ia tentar uma disputa com o Chefe aí na liderança, o Plínio Salgado disse que ia entregar tudo e ele foi até chorando atrás dele. Então quer dizer, eu acho que na verdade, ele se fazia parecer de durão mas acho até que era uma cara bastante de coração mole. (...)Aqueles livros do Barroso todo, aqueles negócios do Protocolo dos Sábios de Sião. Eles lêem muito os livros revisionistas.”

Em sua análise, o grupo tradicionalista é maior:

“Realmente, é como se fosse, tipo 10% de não tradicionais. 10% que deixa de lado as exterioridades. A massa, em vários graus, já vi, já tive contato com pessoas que simplesmente andam com a roupa tradicional daquela até com distintivo, não é uma braçadeira. Não existe braçadeira porque é costurado. Na verdade é um distintivo de braço, a sigma no braço. Então eu já estive com gente que anda ali no estilo tradicional e tem pessoas que botam só uma camisa pólo verde. Quer dizer, tem vários graus, mas que querem exteriorizar a cor verde,

querem fazer a saudação. Isso é certo, o grupo de tradicionais é bem maior. Com relação aos plinianos e Barrosos é meio difícil de dizer. Fica difícil de você precisar mas eu acho que deve ser um meio a meio. Ou 40% de um lado e 60% do outro. Algo assim, porque o Barroso tem uma inspiração muito grande principalmente entre os jovens. Principalmente até pro grupo mais jovem, e principalmente se for de São Paulo, atrai muito.”

Além dessas ramificações, ainda existe o grupo ligado ao Linearismo que Murilo analisa, como uma doutrina paralela:

“O pessoal de Campinas, eu vou até te dizer que tem gente que está até escolado em detalhes do assunto. Até porque já bateram boca com os caras. Porque o pessoal de Campinas, principalmente o Cássio, ele disse que criaram como se fosse uma doutrina paralela ou qualquer coisa assim, chamado de linearismo. Eu vou te dizer que eu pessoalmente nem me enfrontei muito no que é esse linearismo porque eu sei que eu já tive contatos pessoais com o Cássio, achei ele muito dinâmico, achei que ele foi uma peça fundamental para que houvesse aquele congresso em dezembro de 2004 e tudo. Se bem que eu até senti por parte dele, a única falha do fato de ele não ser muito diplomático, não ser muito contemporizador. E de repente até por causa disso tenha surgido essa divergência do pessoal muito católico com relação a esse grupo de Campinas que está propagando essa questão do linearismo. Mas eu pessoalmente só posso dizer das obras que ele fez visivelmente. Eu nunca me interessei muito por saber exatamente o que é esse linearismo. Eu só sei que o pessoal católico lá de São Paulo não gosta nada nada.”

Atualmente, com certeza, Murilo já sabe bem o que é o linearismo. As correntes que haviam se unido no MIB em 2004 romperam e se tornaram antagônicas. Até registro da sigla MIB também provocou problemas “Na verdade, nós aprovamos o nome MIB na assembléia nacional que foi formada naquele congresso de 2004 e botamos o MIB. Só que ninguém sabia, pelo menos ninguém falou na hora que já tinha um MIB registrado. A gente perdeu tempo à toa, tanto que ficamos meses e meses falando MIB, MIB e não vai poder registrar um MIB porque já tem registrado um MIB.”

O MIB durou pouco tempo. As diferenças de interpretações da doutrina e a batalha pela sua verdadeira interpretação, que é a sua memória, acirrou-se. Ainda há, neste início de 2007, uma agressiva disputa entre a FIB e a corrente linearista que adota o nome de Movimento Integralista Linearista do Brasil, o MIL-B.

Murilo define assim a FIB e o porquê de escolhê-lo:

“estamos aí agora tentando fazer funcionar a frente integralista brasileira, até porque o GIR tinha uma área bem limitada de atuação na cidade do Rio e grandes metrópoles do Rio de Janeiro. Também as propostas eram bem mais limitadas. O FIB tem uma proposta bem mais ampla.”

Murilo conta as razões da ruptura:

“O que houve, foi na altura até do meado do ano de 2005. O Cássio era como o líder do grupo núcleo FIB lá em Campinas e diretor administrativo lá em São Paulo. Mas justamente a briga foi essa. Essa questão da direção nacional lá em São Paulo, tava querendo que ele parasse com essa divulgação desse linearismo. E aí, quer dizer, insistência de um lado e ele não querendo acatar do outro, acabou começando essa briga. Eles lá em Campinas fizeram um simpósio, parece que foi muito bom, quase que eu fui também. Mas a questão colocando dessa forma é o seguinte: é uma verdade, eu falei ontem na reunião depois da missa, a verdade é que não se pode chegar e dizer que somos a Frente integralista Brasileira e que todos os grupos estão sob a nossa orientação. Não é assim que funciona. Quem tiver dentro do FIB vai fazer aquilo que a direção determinar. Agora quem não é, ninguém é dono do movimento. O movimento vai se agrupando conforme as pessoas vão sentindo confiança e aprovando os resultados que vão surgindo do FIB. Ou seja, vai ter que brigar, vai ter que mostrar que tem condições realmente de atender à proposta, atender a que os outros deseja. Bom, mais ou menos como aconteceu com a AIB na década de 30, vários grupos ultra-direitistas, vários movimentos assim, foram sendo absorvidos pela AIB. Por que que a gente vai continuar funcionando precariamente a nível de bairro se tem algo enorme surgindo, funcionando muito bem, cada vez melhor? Então eles foram sendo absorvidos.”

O grupo de Campinas, leia-se MIL-B, rompeu com a FIB no ano de 2006. A ruptura se deu de forma conflituosa, com troca de agressões mútuas através da *internet*.

A disputa por espaços leva os grupos a buscarem aumentar as redes de contatos, principalmente através da *internet*, como falou-nos Murilo:

“Talvez sejam grupos pequenos que talvez não tenham nem denominação. Mas tem uns colegas que a gente já troca mensagens, a gente já conhece e sempre que pode vem até o Rio ou vai até São Paulo, que são do Rio Grande do Sul. Tem outro que é lá de Minas. Então na verdade, eles não têm um grupo lá formados, mas essas pessoas estão convergindo pro FIB. Na internet, eu vi que tem que tem exatamente essa onda toda de começar a tirar novamente do baú da história o integralismo. A internet propriamente dita, que está sendo uma

ferramenta maravilhosa de contato, que quando eu comecei era coisa de cartinha pra lá numa semana, outra cartinha pra cá na outra semana e agora é tudo muito rápido. Tem grupos surgindo que na verdade, sinceramente, o cara dever ter lido meia página sobre integralismo, tanto que está surgindo muita bobagem em alguns deles. Nós queremos ver pro futuro, se nós começarmos a ganhar força, de como a gente pode fazer para impedir, digamos os grupos que bem ou mal intencionados, na verdade não estão pregando o integralismo. É muito tumulto, fica muito complicado e a gente não vai querer ficar se explicando pelo erro dos outros.”

A divulgação pela internet e pelos meios físicos é organizada em forma de informativos que buscam divulgar o pensamento dos principais líderes integralistas. O grupo de Murilo prefere a divulgação dos textos de Salgado. A irregularidade dos periódicos preocupa Murilo que comentou:

“Eu já vi surgir e acabar muitas coisas. Talvez o que tenha tido maior repercussão, maior influência e maior prazo de duração foi Alerta do companheiro Arcy. Nesse meio tempo, vi surgir, ficar e ir embora muitas coisinhas. Depois do alerta talvez o Informativo CEDI do Marcelo Mendes também. Isso foi discutido ontem na reunião. O companheiro que veio de São Paulo veio falando da necessidade de nesse ano ainda surgir algo assim, periódico nosso.”

Sobre periódicos de outras procedências nos disse:

“Olha, atualmente eu não recebo mais nada. Já tem anos que eu não recebo os de Foz do Iguaçu. Já tem anos que acabou, eu fiquei recebendo durante alguns anos era ‘A voz do Oeste’, um jornalzinho lá de São Bento do Sapucaí. Não, não. Lins. Uma cidadezinha de Lins, em São Paulo. Era produzido por um companheiro lá.”

No Rio de Janeiro, os membros da FIB se reúnem constantemente no “Amarelinho”, restaurante tradicional da Cinelândia, um local que antigamente abrigava vários cinemas, alguns atualmente substituídos por Igrejas de linha Pentecostal. Algumas vezes, nestes dez anos de pesquisa, fui encontrar ali os integralistas em comemoração a alguma data representativa, como do “aniversário de nascimento do Chefe”, o aniversário do *Manifesto de Outubro* e outras. O local, ao lado da Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, símbolo do poder representativo e que tem à sua frente um monumento ao Positivismo, pareceu-me fora do contexto do integralismo. Outra característica do lugar que me parecia contraditória, eram as minhas lembranças das manifestações que aquele

lugar serviu de palco: a luta contra a ditadura militar, pela anistia, pelas liberdades políticas.

Os encontros comemorativos e as reuniões reservadas são momentos em que os novos integralistas discutem os caminhos que devem trilhar para que consigam abranger um número cada vez maior de aderente. Discutem os velhos e novos combates e decidem o que e quem combater:

“Isso me faz lembrar o pessoal da velha guarda, que pra eles, até hoje existia uma conspiração dos comunistas pra tomar o poder. Eu escutava que eles queriam dividir o Brasil em cinco partes. Tudo bem, a gente escuta. É até bobagem querer ficar “Não! Que isso companheiro? Isso não existe!” Deixa o velhinho de 80 anos. Quem sou eu pra dizer que não é? Mas há até hoje, mesmo entre os mais jovens, a idéia de que o comunismo é um elemento muito perigoso. Eu pessoalmente, e acho que algumas pessoas pensam assim, acho que os nossos inimigos hoje em dia é a corrupção na máquina administrativa, é o crime organizado internacional.”

Mas o comunismo e marxismo continuam a ser considerados inimigos do integralismo, o que significa dizer, da moral, do civismo, do nacionalismo, da família e da propriedade, como mostra Murilo:

“Um grupo pequeno ainda vê esse perigo todo. A massa, ainda enxerga assim, a esquerda pelo menos como a esquerda só faz bobagem. E sinceramente, eu pessoalmente não esquento mais muito não... eu vejo muito perigo, na verdade, não na esquerda ou nos comunistas; eu vejo muito perigo, pessoalmente, é no MST. Eu acho um grupo muito perigoso e que pra dizer a verdade, de defender causas sociais, se tinha, já foi há muito tempo. Eu acho que há muito mais coisas por trás disso do que meramente defender causas sociais e distribuir terras.”

Expõe a sua posição diante da Sociedade Tradição, Família e Propriedade:

*“Eu sou simpatizante da TFP. O Catolicismo, aliás, é uma revista de uma qualidade espetacular. Eu sei que eles perderam muito espaço, quebraram muito a cara, na verdade tem uma dissidência que está se saindo muito melhor que eles, que é a Associação Nossa Senhora de Fátima. Enquanto a Globo martela a TFP, essa Associação Nossa Senhora de Fátima já teve até quadro no ‘Fantástico’, falando bem. Então, a TFP realmente está muito enfraquecida e tudo, mas eu respeito muito a TFP por exemplo nisso: eles estão sempre de guarda ali no congresso e quando vem temas assim, passar a lei do aborto, eles martelam em cima e saem distribuindo **** pra milhares de pessoas,*

pra devolver pra vários deputados no congresso, cartas padrão, falando contra isso. Estão mobilizados, apesar de serem um número acredito, bem menor hoje em dia, eles continuam mobilizados dentro do ideal deles.”

Para Murilo não há ligação nem grandes possibilidades de ligações futuras entre integralismo e TFP, como antes queria Marcelo Mendez:

“Não. Mas nem de longe. No tempo de 1998, eu cheguei a visitar uma sede que eles tinham ali nas Laranjeiras, tivemos um papo muito bom e tudo. Eu senti o fanatismo que eles têm pela Nossa Senhora, fazem uma reverência quase que militar a ela. (...) Então, a TFP, acho que oficialmente não existe nada ligando ao integralismo. Agora, lembro aqui uma coisa bastante interessante. Nós já lidamos com o pessoal de TFP que se diziam simpatizantes do integralismo. Mas uma vez nós pedimos uma posição oficial aqui do Rio de Janeiro. É á do Méier, que agora existe uma sede. E retornou dizendo que não, pelo contrário, os princípios do integralismo até não tem, fogem ao nosso. Mas é interessante porque o Plínio Correia de Oliveira, ele na década de 30 fez parte do centro de estudos políticos, num grupo que tratava de religião. Quer dizer, de uma certa forma, pelo menos nos primórdios do integralismo, ele tava lá como um dos organizadores.”

Sobre a composição dos grupos, a partir das religiões Murilo não vê no integralismo barreiras para pessoas que professam outros credos. Disse-nos:

“Bem, com relação à religião, eu vou te dizer que, nem que seja nominal na certidão de nascimento, mas a massa é de católicos. Mas nós temos também alguns protestantes, tranquilamente já lidei dentro do movimento. Temos alguns espíritas com quem pelo menos dentro do espectro que eu já tenha tomado conhecimento, já tenha estado junto, alguns espíritas. E nós chegamos até a ter um budista, mas que depois se afastou por motivos profissionais. E chegou a ter contato comigo e eu cheguei a tentar puxar, toda hora ligava pra mim, um muçulmano também, mas que depois, no final das contas ele acabou desistindo. De vez quando o Imã, que é o líder, como se fosse um padre, disse pra ele se afastar e ele se afastou. Mas eu ainda tentei puxar.”

Diz admirar a monarquia como alguns outros integralistas: *“Pelo menos alguns integralistas são simpatizantes da monarquia, assim como eu. Eu sou simpatizante da monarquia sim.”*

Quanto à questão da organização de um Partido Político integralista, Murilo disse:

“É um tema interessante também. Tem muita discussão em relação a isso. O grupo é muito dividido em relação a criarmos ou não um partido ou nos envolvermos com política partidária. Uma coisa é certa: o pessoal de mais idade acha que não deve chegar perto de jeito nenhum de pensar em criar um partido política e ter muitas reservas em relação a se envolver com política partidária. O pessoal mais novo não, até porque também na idade deles eu pensava a mesma coisa. Mas o pessoal mais novo acha que devia ter um partido, partido nacional, partido nacional integralista ou partido da ação integralista, alguma coisa assim. Mas eu na idade deles também pensava a mesma coisa, achava que a solução dos problemas nacionais eram os partidos políticos. Pra dizer a verdade, eu acho que um dos problemas nacionais é exatamente os partidos políticos. (...) Eu, pelo menos, penso dessa forma e acho que muita gente pensa assim. O integralismo tem que ser uma escola de civis e que junto a isso, até porque é só a doutrina, ajude as pessoas a acreditarem numa vida espiritual. É imprescindível.”

Murilo acredita que é possível a reorganização do integralismo como movimento forte no Brasil:

“Acredito. Eu vou dizer uma coisa, o movimento pra ter uma estrutura e um número como chegou a ter na década de 30 e acho que não, de jeito nenhum. Se nós chegássemos a ter uma estrutura e um número como tem o movimento escoteiro, já estaria feliz da vida. Talvez algo que influenciasse a decisão das pessoas que criam as leis. Aí talvez sim, pudéssemos fazer com que o estado caminhasse mais próximo possível do que nós gostaríamos que fosse o estado integral. Mas também isso é possível sim. O Chefe profetizou que o integralismo é pro século XXI. Se também está escrito que ‘Deus dirige o destino dos povos’, tudo que aconteceu era pra ter acontecido daquele jeito mesmo. Então o integralismo não era pra ter chegado ao poder em 1938, ainda mais, imagino o problema sério que isso ia causar pra nossa história, de pegar uma Segunda Guerra Mundial pela frente. De repente, até essas décadas meio de ostracismo, talvez tenha sido bom. Agora o movimento começar a retomar a sua juventude com as ferramentas que a tecnologia permite, entramos no século XXI e pelo que eu estou vendo, antes do final desse século a gente vai alcançar o nosso objetivo de ter novamente um movimento nacional muito bem organizado e estruturado, com milhares de pessoas e influenciando a criação das leis pra se aproximar o máximo possível do Estado Integral que a gente quer.”

Um Estado Integral, num movimento “*cívico, cultural, espiritualizado*”, como nos falou Murilo. Para ele, a democracia orgânica defendida por Salgado, principalmente nos anos do PRP, é o modelo de organização a ser seguido:

“É um pontozinho que pode ser bastante discutido. Em suma, digamos o seguinte, o que nós pretendemos não é nada que está aí, em matéria de representatividade. Podemos considerar o seguinte, tem pessoas com mais idade que dizem: “Não! Tem que ser a democracia orgânica. A representatividade tem que ser pelas categorias profissionais.” Bom, uma coisa é certa: nós somos contra o que está aí que realmente está mais do que mostrado de que está uma porcaria. Agora, deve haver representatividade, sim. Só que, é lógico, quem ta mamando na teta desse status quo, qualquer um que diga que não, que está errado, já está demonstrado que está ultrapassado, ta obsoleto, ta carcomido, ninguém mais acredita. Vão te chamar de fascista, que você quer a ditadura, que você é contra a democracia. Mas ser a favor da democracia não é ser a favor dessa porcaria que está aí. Eu acho que podem existir vários outros esquemas de representatividade. Então a democracia orgânica prega essa questão da representatividade pelas categorias profissionais. Eu, pessoalmente, veja bem, isso é o que eu estou visualizando, não assim nem comprando briga nenhuma, não estou levantando bandeira nenhuma. Eu estou olhando com olhos mais jovens e visualizando o futuro. Na verdade, se for o caso, a representatividade vai estar na mão das ONG’s, sei lá, desses movimentos não governamentais que atuam numa série de atividades sociais, esportivas.”

Murilo chama a atenção para a necessidade de defesa nacional diante de novos artifícios internacionais que visariam, segundo ele, afetar a soberania nacional.

“A coisa pode caminhar dessa forma e pelo que eu já andei percebendo, até numa entrevista outro dia do Bill Clinton, parece que tem uma ONG enorme, falando até desse poder futuro das ONGs. Aí é melhor a gente olhar melhor para o futuro, ao invés de ficar batendo tecla numa coisa, e quando a gente vê, já deram a volta na gente. Porque o negócio é o seguinte: quem vai controlar essas ONGs, principalmente as estrangeiras, se elas vão chegar a ter tal poder político de determinar quais vão ser as leis? Realmente, eu sou pai, eu sou totalmente contra também, se quem vai dizer qual vai ser a lei do nosso país são as ONGs estrangeiras, eu sou contra! Prefiro a ditadura então, que é alguém nacional. Mas certamente o que está aí não serve mais não.”

Para Murilo ainda há muito que se fazer para a organização do novo integralismo que, segundo seu pensamento é, justamente o que busca as tradições doutrinárias . “Ah sim. Alguns grupos, de repente caminhando pro lado errado. Mas eu acho que está havendo uma catalisação de pessoas de grupos que estão caminhando pro caminho certo.”

Há também, segundo o depoente, os problemas das interpretações dos que não pertencem ao movimento:

“Porque o que nós queremos, tudo bem, não precisa passar a mão na cabeça não, mas eu sei que mesmo que se fale a verdade, muitas pessoas vão continuar pichando, vão continuar acusando, vão continuar metendo malha. Mas eu tenho certeza que se falarmos a verdade do que foi a ação integralista brasileira, do que foi o integralismo, vamos estar fazendo um favor à história nacional, vamos estar fazendo um favor a quem durante décadas foram muito injustiçados.”

Para Murilo, as condições para as mudanças no Brasil depende da sua inserção no jogo internacional, as não de forma subordinada. E, para isso conhecer a personalidade nacional:

“O Brasil tem que ter personalidade. Enquanto o Brasil não aprender a jogar o jogo dos que querem dominá-lo, não vai sair nunca dessa situação, porque os próprios países de primeiro mundo mostraram no seu passado que eles tiveram que ter personalidade e enfrentar alguém mais forte pra dali pra frente começar a caminhar pra ser uma potência. Todos tiveram que fazer isso: Estados Unidos, França, Inglaterra, Alemanha. Todo mundo, em algum momento na sua história, quando existia algum objetivo, uma personalidade nacional formada, com o que eles queriam, partir, às vezes, até quebrar o pau com alguém mais forte, mais poderoso para que eles demonstrassem que tem capacidade e partir dali pudessem passar a ser respeitados. Os Estados Unidos, por exemplo, a guerra contra a Espanha, a virada pro século XX, acho que foi fundamental pra eles realmente demonstrar que tinham capacidade de ser uma potência, caminhar. E dali pra frente mostrou mesmo. A Primeira Guerra Mundial, principalmente a Segunda Guerra Mundial, mostraram que são uma potência realmente.”

d) Cássio Guilherme Reis Silveira e a ciência pela fé

Entrevistei Cássio Silveira em Campinas no dia 9 de janeiro de 2007. O depoente nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 5 de outubro de 1968. Cássio prontamente aceitou ser entrevistado, se dispôs a colocar à nossa disposição todo o material do movimento que nos envia pela *internet*. O depoente divide a direção do grupo que preside com mais dois companheiros, Rafael Ferreira, o vice-presidente e Marcelo Franchi, o presidente da SENE, a Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista. Como formam, o que Cássio chama de “trindade” do MIL-B, tanto Ferreira como Franchi foram convidados pelo entrevistado a participar, só comparecendo Rafael. A sua atitude

pretendia demonstrar a união, ao mesmo tempo que equidade da divisão de cargos e papéis no grupo.

Cássio viveu sua infância na sua cidade natal. Aos dez anos iniciou-se no movimento de escoteiros e, até hoje diz participar, mas sem uma frequência estabelecida. Sempre fez esportes. Participou de grupos católicos na adolescência, inclusive a *Opus Dei*. Hoje se considera ecumênico. Seus pais não participavam de atividades políticas, porém o avô paterno teria participado de um partido de esquerda que não soube nomear. Seu pai era autônomo e sua mãe professora e diretora de escola. Quando completou 15 anos foi para Campinas estudar na Escola Militar, época em que frequentou a *Opus Dei*. Ficou em Campinas até os 18, quando volta pra Minas Gerais. Concorre para o vestibular de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora e é aprovado em 1º lugar. Na faculdade passa a frequentar o Diretório Acadêmico, se candidata a presidente do DA e é eleito com 94% dos votos. Mais tarde passa a presidir o Diretório Central dos Estudantes. Também se torna representante discente junto à Câmara Central da Universidade. O depoente nunca se filiou a nenhum partido. Seus companheiros do Diretório, a maioria, participava de partidos de esquerda.

Cássio não continuou a participar de movimentos religiosos, mas voltou ao escotismo em Minas. Disse-nos Cássio que a sua militância sempre foi nacionalista e, no final de 1991, para o início de 1992 teria feito uma fusão do nacionalismo com o espiritualismo ao conhecer o escopo doutrinário do integralismo. Para o depoente a influência da mãe quanto ao nacionalismo foi importante, mas teria sido a sua participação no Diretório que o levou a conhecer e se dedicar ao estudo do integralismo. Durante o seu tempo de faculdade se reunia com colegas, alguns do mestrado em Física e em Engenharia, alguns estudantes secundaristas, para discutir obras nacionalistas e espiritualistas em uma sala cedida por um político de Juiz de Fora. Liam as obras integralistas, principalmente *A Quarta Humanidade* e *A Doutrina do Sigma* de Plínio Salgado. Dos autores não integralistas liam Monteiro Lobato, Euclides da Cunha e Lima Barreto. Leram ainda Jackson de Figueiredo, Tobias Barreto, Hegel e Kant. As reuniões eram feitas, pelo menos uma vez ao mês.

Cássio durante a época das reuniões estudava e lecionava Física e Matemática em escola técnica secundária. Mais tarde cursou o Mestrado em Física na mesma

Universidade. Também chegou a exercer a profissão de engenheiro, tendo sido proprietário de uma empresa de engenharia. Além destas atividades, Cássio ainda escrevia alguns artigos de teor filosófico para um jornal de Juiz de Fora. Em inícios de 2002, entra para a Polícia Federal e escolhe Campinas para atuar. Na família, falou-nos que não há aceitação total de suas idéias, mas recebe apoio familiar.

O conhecimento do integralismo baseou-se, segundo nos contou, além das leituras, na sua participação na Igreja Católica. E sua motivação foi a situação do país, que considerava ruim: *“Uma farsa, um engodo”*. Esta sua reação mais crítica, segundo conta, começa nos tempos do Diretório Acadêmico, entre 1989 e 1990. Começava a perceber que haveria uma força mais poderosa por trás da situação do país, de corrupção e inoperância, segundo avalia. Para Cássio: *“Comecei a perceber que existia por trás de toda essa corrupção na política, dessa safadeza, dessa inoperância e dessa situação caótica que o país vivia, eu comecei a perceber que existia uma força mais poderosa por trás disso. E comecei a identificar essa força e pesquisar mais a fundo. E percebi que todos esses partidos de direita e partido de esquerda nada mais são que serviçais de banqueiros internacionais.”*

A descoberta dos livros integralistas aconteceu por acaso. Foram livros que foram encontrados em livrarias. A sua procura da compreensão do integralismo não partira do interesse provocado por algum professor, mas de seu interesse próprio em encontrar algo em que acreditasse. Segundo ele:

“Comecei a me identificar com todo aquele arcabouço doutrinário que estava contido na Quarta Humanidade. Então, por coincidência, eu estava passando também lá no Rio de Janeiro, eu fui visitar um amigo meu, e vi a Doutrina do Sigma lá no Rio de Janeiro. Comprei a Doutrina do Sigma e li e vi que aquela leitura era monumental! Mais do que monumental, era um castelo de idéias indestrutível. Então, me identifiquei totalmente com o pensamento do Chefe Nacional Plínio Salgado e resolvi, então, não só estudar a obra dele, mas continuar a obra doutrinária dele e de movimento que foi o integralismo da década de 30. Ai, comecei a pesquisar e até então, a gente que tinha lá nas nossas reuniões um caráter puramente nacionalista, a gente avançou em termos doutrinários mesmo. E criamos, então, uma célula de estudos do integralismo. (...) isto de 1991 para 1992.”

Segundo Cássio, o fato de se tornar um defensor do integralismo, o levou a fazer palestras o que atraiu outras pessoas para a discussão sobre o tema. O conhecimento sobre

a reestruturação do integralismo se deu através de periódico que alguns amigos lhe conseguiram na época:

“Eu sabia que ‘Seu’ Anésio Lara era o representante da Ação Integralista Brasileira em São Paulo; eu sabia que o ‘Seu’ Gumercindo Rocha Dórea era editor de livros de Plínio Salgado em São Paulo. Cheguei em 1993 e 1994 a comprar alguns livros da GRD, da editora dele. Eu tinha contato também com o senhor Armando Zanine que tinha sido presidente do Partido Nacional-Socialista Brasileiro no Rio de Janeiro. Eu sabia que ele tinha uma atividade nacionalista, mas, depois eu fiquei sabendo que ele tinha sido nacional-socialista, esse tipo de coisa e tive alguma divergência com relação ao posicionamento dele. Isso em 1994-1995 ele quis formar o Movimento Nativista Brasileiro e ele me convidou então, para participar desse movimento nativista dá no Rio de Janeiro. Só que eu não vi que tinha muita firmeza nisso daí porque estava me parecendo um híbrido de nacional-socialismo com nazismo, com nacionalismo brasileiro que não era exatamente a linha de ação integralista.”

Neste momento de discussão, por volta de 1992, o grupo do qual Cássio participava entendeu que na estrutura da obra integralista haveria um caráter mais voltado para questão espiritualista dogmática e não para a questão científicista. Sentiram, então, a necessidade de criar uma estrutura que pudesse definir o integralismo, não como um dogma religioso, mas como uma amplitude voltada para o caráter científicista. Essas discussões os fizeram criar o Linearismo. Cássio nos explica:

“O Linearismo é uma proposta filosófica que aglutina a idéia do integralismo e procura, em cima dessa idéia, aliar os conceitos que nós temos da ciência, principalmente da Física e da Matemática, e juntar isso tudo aí, num só arcabouço doutrinário que possa aliar o espiritualismo e a fé com o conhecimento científico humano. (...) Linear, na matemática e na Física é aquilo que é previsível. É aquilo que pode ser colocado em caráter de equações matemáticas bem definidas. Então linear, é aquela pessoa que está bem situada naquilo que ela está fazendo. O linear, aí no caso, se opõe ao caótico. Caótico é aquela pessoa que não tem uma linha reta, definida, traçada para aquilo que ela vai fazer.”

Além do contato pessoal com Armando Zanini, Cássio se correspondia com Anésio e Gumercindo. Não se identificando com os demais grupos, resolver organizar seu próprio grupo, que chamou de Integralismo Linear. Sabia, até o ano de 2004, da existência da Casa de Plínio Salgado, desde a época de Juiz de Fora mas não a havia procurado por ter sido

informado por Anésio que a Casa só teria caráter acadêmico. Havia, desde 1995, abandonado a idéia de reconstrução do integralismo. Sentia-se cético sobre a possibilidade a sociedade brasileira estar preparada para as idéias integralistas:

“Eu cheguei à conclusão que o Brasil não estava preparado ainda para aceitar uma proposta de salvação nacional. O Brasil, completamente dominado pelas forças estrangeiras e pelo grande capital internacional, jamais poderia reagir, tendo aí um mecanismo de massificação, como é por exemplo, a televisão, completamente voltada para os interesses internacionalistas e do grande capital internacional. Como é o caso da Rede Globo, SBT, Rede Manchete, todos esses administrados por pessoas, escravos do grande capital internacional.”

Porém, Cássio, não se conformando com a situação brasileira, em 2004, passa a participar das reuniões na Casa de Plínio Salgado. Ao mesmo tempo, procurava reunir companheiros que o acompanhassem na proposta do integralismo linearista. Assim, juntamente com a CPS, organiza o 1º. Congresso Integralista para o Século XXI que fundaria o MIB do qual se tornou presidente. Cássio conta que, após a fundação do MIB, teria havido alguns atritos com seus companheiros da Casa Plínio Salgado. Resolveu organizar um núcleo integralista independente em Campinas. Deste grupo, após o Congresso, surgiram o Movimento Integralista Linearista Brasileiro do qual é presidente e a SENE, a Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista, cujo presidente é o Marcelo Franchi que seria *“uma entidade filantrópica, uma associação civil, voltada para estudos acadêmicos.”* Segundo o site da SENE, esta se propõe a ser uma sociedade de estudos *“formada por cidadãos brasileiros das mais diferentes atividades, como advogados, policiais, engenheiros, militares, operários, técnicos, agricultores e estudantes. Seu objetivo é estudar, conscientizar e divulgar uma nova filosofia e formação cívica-espiritual ao povo.”*

Assim a SENE conclama a todos para participarem dos seus debates: *“Venha você também fazer parte da reconstrução do homem. A Sociedade de Estudos nos desperta para a prática plena da cidadania.”*

Ainda, segundo o texto de apresentação na internet sobre a SENE:

“Essa nova concepção não é nem de direita e nem de esquerda. Ela não é nem capitalista e nem comunista. Não é nem social-democrata e nem liberal. Nós procuramos valorizar a Nação, pois ela representa a grande família brasileira e cabe a nós, brasileiros, defender seu bem-estar contra os ataques de especuladores e criminosos. Nós prestamos

homenagem aos grandes heróis da Pátria como Caxias, Pedro II, Plínio Salgado e muitos outros, pois estes servem de exemplo aos nossos atuais jovens. Nós apelamos para a Espiritualidade, pois é neste campo de batalha que nos tornamos invencíveis. Combater o inimigo em seu próprio território, ou seja, dentro de uma concepção puramente materialista do mundo, onde impera o poder monetário, é cair na cilada armada pelos grandes especuladores internacionais, os abjetos serviços de Mammon.”

A SENE representa para o MIL-B, o que o CEDI é para a FIB eo que a SEP, a sociedade de Estudos Políticos foi para a AIB na década de 1930: o espaço para as discussões sobre a doutrina e organização de estratégias de propaganda.

Com o rompimento, após o MIB, também fora fundada a Frente Integralista Brasileira. E Cássio chama a atenção para sua avaliação do movimento no século XXI: *“O integralismo no século XXI não é mais um bloco monolítico como era na década de 1930. O integralismo no século XXI busca identidades que podem vir um dia, talvez a se re-aglutinar novamente, mas não no momento.”*

Para Cássio, o seu grupo defende o integralismo para o século XXI: *“nós agora queremos estudar o integralismo, conhecer a doutrina integralista, mas re-classificá-la, re-estudá-la e re-escrevê-la, voltada para as realidades do século XXI.”*

O MIL-B já organizou dois Congressos. O primeiro deles, seria aquele primeiro ainda à época de organização do MIB:

“O primeiro congresso que nós realizamos para o século XXI foi realizado em 2004. Na época, os membros do MIL-B, da FIB, da AIB, ainda participavam como a mesma aglutinação. (...) Esse foi o primeiro congresso que trouxe a baila novamente uma coisa que o seguinte: nós precisamos reconstruir o integralismo voltado para o século XXI. Nesse ponto, a FIB, o MIL-B, a AIR, a AIB, todos os grupos integralistas estão de acordo. Só que nós temos posições um pouco antagônicas do ponto de vista doutrinário e fizemos então um congresso em 2005, que foi o congresso do grupo integralista de Campinas, que já em 2006 transformou no congresso da SENE e do MIL-B. E que esse ano será novamente da SENE e do MIL-B.”

Segundo o depoente, é importantíssimo, para conhecer a proposta doutrinária integralista, ler os vários livros que foram editados na década de 1930. Para Cássio, o fato destas obras não estarem facilmente à disposição do público significa que existe uma força oculta, do grande capital, que quer impedir o acesso a elas. E o entrevistado considera a

leitura das obras da tríade intelectual integralista indispensável: “O Chefe Nacional, Plínio Salgado, o Chefe das Milícias Gustavo Barroso e o Secretário nacional de Doutrina, Miguel Reale.” Para Cássio, o Chefe Nacional Plínio Salgado teria

“uma leitura voltada para o despertar de consciências. O Chefe Plínio Salgado é aquele que aglutina as pessoas, é aquele que toca o coração, é aquele que aglutina as massas, é aquela leitura que dá o despertar da alma da pessoa. Gustavo Barroso é o historiador, é aquele crítico da história brasileira, é aquela ferocidade voltada para desmascarar todas as forças que escravizam o povo brasileiro. E Miguel Reale, completamente acadêmico, é voltado para uma proposta corporativa de Estado. Uma proposta totalmente fundada em estruturas sociológicas e filosóficas bem definidas no mundo acadêmico. Então, resumindo, o Chefe Nacional Plínio Salgado é a luz que ilumina a todos. Gustavo Barroso é aquele que está sempre trazendo a crítica à baila para que a gente não perca o sentido da revolução e Miguel Reale é aquele que traduz o caráter acadêmico do movimento.”

Ainda, para o depoente: *“O Chefe Nacional Plínio Salgado, além de ser o maior brasileiro de todos os tempos, ele é o homem mais injustiçado da história do Brasil. Isso porque, resolveu com a sua coragem, desmascarar a farsa do grande capital internacional. Por isso, se tornou o homem mais injustiçado da história do Brasil. Mas não tem problema não, porque Jesus Cristo também foi injustiçado e está aí, continua a sua proposta viva e sólida. Então, os soldados do sigma existiram, existem e existirão. Doa a quem doer.”*

Para Cássio, a reconstrução do integralismo no século XXI, não é uma tarefa fácil. As obras integralistas, embora, na sua interpretação, sejam atemporais, há aspectos nelas que não conseguem escapar do contexto de 1930. O ponto fundamental da década de 1930 seria o nacionalismo. Para o século XXI, Cássio propõe estabelecer diretrizes, a partir da questão espiritualista, mais religiosa. O depoente acredita que o despertar das consciências nacionalista no povo não é mais possível. A mídia de massa teria destruído a capacidade de reação popular pela via nacionalista. Seria preciso, portanto, um despertar espiritual.

Os linearistas escolheram o Galo, a quem deram o nome Tupã para simbolizar o MIL-B. Cássio explica:

“Dentro da nossa simbologia do MIL-B, nós criamos, então, a figura do galo, que nós chamamos se Tupã. Esse galo é uma paródia do apelido que foi dado aos integralistas de galinhas-verdes. A gente quis

mostrar que, realmente, nós temos orgulho de ser chamado de galinhas-verdes porque o galo de briga é o galo que não se furta da sua missão de esmagar o verme comunista e liberal, o verme que foi gerado no ventre do grande capital internacional e que corrói o Brasil, que corrói a América do Sul, que corrói todos os povos e vai destruir a todos antes que a gente possa tomar alguma providência, com a ajuda de Deus.”

Outro símbolo do MIL-B é o Elo (\mathcal{L}), letra latina que simboliza o linearismo, assim como o Sigma (Σ), a letra grega simboliza o integralismo. Para Cássio, os dois movimentos de completam, se complementam. O MIL-B, sendo uma continuidade filosófica do integralismo da década de 1930, mas, é, ao mesmo tempo, uma nova proposta de olhar sobre a doutrina para a realidade do século XXI. Se Miguel Reale escolheu o Sigma com a idéia de representar a dialética da soma, e não da superação hegeliana, os linearistas escolheram o Elo para representar, não o sentido de aglutinação, mas de reunião de pessoas para a construção de uma nova proposta linear, que seja comum a todos. Para Cássio:

“Só aglutinar não quer dizer que as pessoas vão pensar de uma determinada maneira e nós queremos trazer as pessoas para pensarem de uma determinada maneira.(...) Essa questão da tese e da antítese gerar a síntese, é uma questão que nós consideramos relativa. O MIL-B é completamente contrário à dogmática e ao relativismo da compreensão do mundo. Então, qualquer coisa que seja dogmática, para nós não vale. Qualquer coisa que seja relativística para nós não vale. Para nós, a única posição que nós temos, é estar em constante evolução. O nosso movimento é dinâmico. Então, não existe dogma, como em determinadas religiões que criam dogma, sem fundamentação, e este dogma vai reger toda a estrutura do movimento. Não, dogma não existe para nós. E outra coisa, os fatos da nossa realidade não são relativísticos. Isso é mentira, não dependem da opinião das pessoas. Muitos fatos existem por si só e dependem única e exclusivamente do criador do Universo, que é Deus. Não dependem do humanismo das pessoas.”

Seguindo a lógica do pensamento da filosofia natural, os linearistas estariam voltados para as explicações newtonianas sobre o funcionamento e ordenação do Universo. Para Cássio, o relativismo de Einstein

“é completamente desprovido de uma fundamentação espiritual, é um relativismo que define o que é a velocidade da luz, mas não pergunta por que a velocidade da luz é daquele jeito. É um relativismo que define que todos objetos estão em constante interação e dependendo de um determinado referencial inercial, mas não justifica, do ponto de vista

espiritual e conceitual e filosófico, porquê isso acontece. Então, a teoria da relatividade de Einstein é incompleta na nossa visão. (...) A mecânica quântica é um engodo, é uma trapaça que foi criada por determinados físicos que quando chegaram a um determinado ponto de estudo, eles começaram a perceber que não seria suficiente toda a teoria criada para poder justificar a estrutura atômica. Como eles não querem dar o braço a torcer de que existe um fundamento espiritual por trás desta unidade atômica, eles simplesmente começam a fazer uma masturbação estatística, que se criou, e que se chama mecânica quântica. A mecânica quântica, eu como Mestre em Física, afirmo com toda a segurança, já afirmei isto em vários lugares, é uma trapaça, é uma criação meramente fraudulenta para poder justificar uma coisa que a ciência não quer aceitar. (...) A única verdade absoluta que pode existir no Universo se chama Deus. Tudo que foge disso é fraude, na nossa concepção é fraude. Não é só na nossa concepção, basta ver em todas as teorias que foram criadas que tentam retirar Deus do arcabouço doutrinário. Se tornam farsa. É o caso do humanismo, é o caso da Renascença, é o caso do materialismo comunista, é o caso da dialética marxista, é o caso da luta de classes. Isto tudo é fraude, isto tudo é farsa para justificar o materialismo que afasta o homem de Deus. Um materialismo que nunca conseguiu dar tranqüilidade à compreensão humana, muito pelo contrário, só trouxe guerra, destruição e, digamos assim, engodo acadêmico.”

Cássio disse-nos que a sua ligação com as religiões é de estudo:

“Eu procuro estar sempre estudando as religiões: católica, budista, árabe, não é? Muçulmana. Todas essas religiões e, uma ênfase especial ao judaísmo, porque tenho a plena concepção de que é preciso entender o judaísmo, a questão judaica, para se entender o mecanismo que a gente vive hoje de dominação do grande capital internacional. (...) A Igreja Católica está completamente dominada por forças materialistas que advém do grande capital internacional. A Igreja Católica não tem mais independência como ela tinha há cem anos atrás. Prova disso é a ação totalmente esquerdista da Igreja Católica voltada para enfatizar luta de classe e sistemas de esquerda, de movimentos revolucionários de esquerda, sendo que, o Papa Leão XIII, na sua Encíclica Rerum Novarum, do final do século XIX, condenou veementemente qualquer estrutura católica que fosse se envolver com doutrina marxista, a ponto de se criar hoje um monstro, uma excrescência doutrinária e de definição que se chama o tal de marxismo cristão. Isso é um absurdo! É mesma coisa que a pessoa virar e falar assim: ‘Não, eu estou rezando para o Deus demônio, eu estou rezando para o Cristo diabólico!’ (...) A Igreja Católica se desviou completamente da sua posição (...) Acredito que isso aí vem desde a Revolução Francesa. A Igreja Católica foi comprada pelos banqueiros.(...) O Papa Leão XIII mandou excomungar A Igreja Católica todos marxistas”

Para Cássio, o golpe militar de 1964 teria sido uma contra-revolução devido à ameaça comunista que estaria prestes a se instalar no Brasil. Segundo ele, o integralista General Olympio Mourão Filho teria sido o maior responsável por deter o avanço comunista. Como disse o depoente: *“O integralismo, praticamente, salvou o Brasil da carnificina comunista. Se não houvesse tido uma formação integralista na década de 1930, a população brasileira não teria participado da ‘Marcha com Deus pela Liberdade’ e não teria se oposto a essa trama comunista. O integralismo, seguramente, salvou o Brasil das garras do monstro assassino comunista.”*

Porém, no desenvolvimento do governo ditatorial, as ligações com os Estados Unidos demonstrariam a submissão também dos militares ao grande capital internacional. Segundo Cássio, tanto os americanos como os soviéticos época de Guerra Fria estavam submetidos ao mesmo senhor: o grande capital internacional:

“Essa briguinha aí que foi feita entre capitalismo e comunismo, que os militares acreditavam que era verdadeira, nada mais é que uma farsa, e a Guerra Fria é uma farsa, é um engodo, é uma montagem. Isso para esconder os verdadeiros exploradores da raça humana que são os grandes banqueiros internacionais. E nesse caso, os senhores Rotshild, Rockefeller, o Grupo Warburg, Grupo Bilderberg e o senhor J.P.Morgan que são aqueles que dominam toda a ciranda financeira mundial desde a Revolução Francesa. (...) Os militares, eles caíram naquele velho ditado ‘muito fantasma e pouco espírito’, eles quiseram fazer uma salvação nacional só que eles agiram da seguinte maneira: colocaram os lobos para tomar conta dos cordeiros.”

Para os linearistas, o equilíbrio entre as forças ideológicas antagônicas, comunismo e capitalismo é parte da ação do grande capital internacional para manter um equilíbrio de forças. Através das intervenções nas ações político-militares e mesmo culturais dos povos, ao disseminar guerras, violência e até a decadência moral, o grande capital também estaria exercendo o controle sobre a humanidade.

Segundo Cássio, quanto à questão da composição étnica do povo brasileiro:

“A nação brasileira é uma mistura de raças e de etnias que é extremamente importante para a construção da identidade nacional. Essa mistura de interesses foi fundamental na formação do movimento integralista, assim como é fundamental na formação do integralismo linear voltado para o século XXI. O único problema é que a heterogeneidade de

raças ela é bastante suscetível à dominação de interesses estrangeiros. E o grande capital internacional, que é a cabeça do polvo que esmaga todo o globo terrestre, sabe disso. Então, nós precisamos valorizar este caldeirão racial que existe no Brasil, mas ter sempre em mente que a heterogeneidade não é uma atitude benéfica ao nacionalismo. Então, sermos diversos em raças, mas homogêneos em atitudes nacionais.”

Sobre a ruptura entre os grupos em 2005 e as definições dos grupos que se fizeram no anos de 2006, Cássio nos dá sua versão sobre a situação do integralismo hoje em relação a organização dos grupos:

“Primeiro, eu gostaria de deixar claro aqui que a nossa posição é antagônica à FIB apenas do ponto de vista ideológico e de ação. Nós não temos nada contra o trabalho deles, muito pelo contrário. Qualquer um que se auto-denomine integralista, obterá nosso apoio em todos os sentidos. Só que nós temos a nossa linha de ação e eles têm a deles, assim como a AIR, do nosso companheiro Jenyberto Pizzotti assim como a AIB do Seu Anésio, que também nos dá apoio. O nosso companheiro Jenyberto Pizzotti também está sempre com a gente. Então, a gente respeita cada atitude integralista desses grupos, só que nós resolvemos fazer um movimento que seja um movimento integralista voltado para o século XXI e não meramente uma coisa que já está pronta, acabada e que nós vamos simplesmente guardar agora para as futuras gerações. Não. Para nós o integralismo tem que ser uma entidade dinâmica. Ele aconteceu na década de 30, ele está acontecendo no século XXI e nós agora é que temos que fazer acontecer. Aliás, isso daí tem toda justificativa doutrinária nas próprias palavras do chefe nacional Plínio Salgado, que afirmou que o movimento integralista tinha que ser uma entidade dinâmica e não algo estático, paralisado, porque dessa maneira ele não sobreviveria.”

E Cássio expõe o objetivo do MIL-B e suas conexões com outros grupos com os quais tem afinidades ideológica e com os quais discute seus projetos para o Brasil:

“Então, o nosso trabalho do MIL-B, ele é um trabalho doutrinário, é um trabalho de estudos, mas é um trabalho também de campo, de aglutinar companheiros, o que nós chamamos de aglutinar o ácido da mesma forja, aqueles que pensam justamente como a gente, o que não é tarefa fácil. Nós temos muitos simpatizantes, pessoas que participam de nossas reuniões, mas que ainda não atingiram o molde perfeito de embasamento doutrinário para poder enxergar o nosso

trabalho. Nós tivemos em contato com várias outras organizações que se tornaram amigas do nosso trabalho, como é o caso da UND (União Nacionalista Democrática), o movimento MV-Brasil, membros da monarquia aqui de Campinas, membros de grupos sociais, membros de movimento negro, que estão participando junto com a gente porque enxergaram que o nosso discurso tem fundamento, que o nosso discurso tem embasamento, que nós não estamos falando bobagem. Nós fazemos questão de dizer que, no nosso caso, é café no bule: aqui a gente mata a cobra e mostra o pau. Não tem essa de ficar escondendo a verdade pra poder ter medo do que vai acontecer não. Agora, a criação da SENE é um fato muito importante, porque a SENE é uma organização que não é meramente integralista e nem linearista. É uma organização que congrega várias pessoas que se auto-denominam nacionalistas e espiritualistas. E é uma entidade de estudos que está aberta a pesquisas, a avaliações, a críticas. (...) Agora, a nossa posição do integralismo linear, ela é clara, ela é límpida, ela não tem dúvidas, ela procura ser aquilo que nós queremos: linear. E nessa linha de ação nós lembramos aqui os três pontos fundamentais que fizeram parte do arcabouço doutrinário do integralismo e que gostaria de novamente citar para que isso ficasse registrado.”

Cássio enumera, então os três pontos que, segundo ele, dão a direção para as ações do MIL-B

“O primeiro ponto é justamente a proposta nacionalista, mas um nacionalismo espiritualista, ou seja, não é um nacionalismo que tenta salvar a nação brasileira ou tenta salvar o povo brasileiro ou tenta salvar os recursos meramente econômicos do Brasil, mas é uma proposta muito mais completa: é uma proposta que busca transformar o homem. Antes de transformar a nação, antes de transformar os valores cívicos da nação, transformar o homem. Porque jamais a corrupção, a safadeza e a escravização do povo serão abandonadas se você não transformar essa visão materialista do homem e colocar isso num ponto espiritualista. Então, o nacionalismo integralista e o nacionalismo do MIL-B são um nacionalismo espiritualista. O segundo ponto fundamental é a proposta corporativa de estado que o integralismo apresentou. A grande proposta revolucionária que tenderia a modificar o Brasil. (...) E o terceiro ponto que nós do MIL-B fazemos questão de frisar e dar continuidade no trabalho integralista é desmascarar essa farsa de dizer que capitalismo liberal e comunismo são forças antagônicas. Isso é mentira. Nas obras de Gustavo Barroso, nas obras do chefe nacional Plínio Salgado, isso já estava claro na década de 30: capitalismo e comunismo são faces da mesma moeda. São serviços dos banqueiros internacionais, que são aqueles que realmente comandam tudo no mundo e escravizam todos os povos. Nós atualmente não somos donos de nada, nós apenas temos uma concessão da nossa casa, do nosso carro, da nossa roupa. Porque se você não pagar imposto aos

banqueiros, você simplesmente será destituído da sua casa e do seu carro. Então, essa Guerra Fria que os livros de História trazem para ensinar para os jovens é balela, é mentira, é armação. Isso aí é a força satânica dos banqueiros que estão por trás, manipulando tudo. E fica então aquela justificativa: por que o integralismo não deu continuidade ao seu trabalho, não cresceu como deveria, com uma proposta tão grandiosa? Isso daí é fácil de explicar: é porque a força satânica que está por trás dos grandes banqueiros internacionais aniquila qualquer proposta que não seja o materialismo dos liberalóides safados e capitalistas e dos assassinos de 100 milhões de seres humanos, que são os comunistas. Esses dois estão sendo patrocinados pelo materialismo dos banqueiros. Então, a nossa luta do MIL-B, que fique bem claro para todos que vão escutar essa fita, a nossa luta não é contra os banqueiros internacionais, é contra o demônio em pessoa que patrocina esses canalhas.”

Cássio, como presidente do MIL-B e seu principal mentor faz as suas considerações sobre a democracia representativa e expõe sua concepção de como :

“Nós não acreditamos em partidos políticos. Partido político é uma safadeza, é uma palhaçada, é uma armação. Partido político só serve para dar continuidade a essa escravização que o povo vive. A nossa proposta é uma proposta corporativa de estado: ao invés da nação ser baseada em partidos políticos, ela ser baseada nas associações de classe. Então, aqueles que elegeriam os representantes da nação não seriam mais partido A, B ou C e sim a OAB, os sindicatos dos engenheiros, a associação dos metalúrgicos, a associação do bairro, todas essas associações de classe que então participariam da escolha dos políticos. Esse daí é o segundo ponto fundamental. Nós não acreditamos na democracia partidária nem nessa farsa chamada democracia liberal. Nós acreditamos na democracia orgânica baseada no corporativismo do estado.”

Como forma de divulgação o MIL-B também se utiliza da *Internet*:

“O primeiro meio de comunicação livre que nós temos de forma gratuita é a internet. Sem dúvidas. Pela internet nós temos acesso a diversas pessoas, diversas culturas, diversas localidades, de forma praticamente gratuita e de forma dinâmica, pelo qual você pode através de sites, de e-mails, de qualquer forma de publicação eletrônica, atingir o objetivo de forma propagandista para que mostre às pessoas, antes de tudo a verdade, aquilo que elas devem ver, onde ver e como participar de um movimento que possa mudar essa realidade.”

Segundo os cálculos de Cássio, o MIL-B já atinge milhares de pessoas, com grande aceitação:

“Bem, pela internet, para se ter uma noção, quando digitamos “integralismo”, “integralismo linear”, eu acredito que na opção do Google, terceira, quarta opção. Então, aquelas pessoas que têm o interesse de pesquisar o integralismo, o nacionalismo, eles já tem uma ferramenta, pelo menos a quarta opção. Então, aí, vamos colocar aqui de 3, 4 milhões de pessoas que têm o acesso à internet no Brasil de forma efetiva, vamos colocar aí que 2%, pelo menos, tenham acesso a essa informação, existe. Dois por cento de 4 milhões.”

Um dos grandes diferenciais do MIL-B em relação aos outros grupos são as ações em espaços públicos. Não que os outros grupos não se exponham, mas ações destes estão mais voltadas para a colagem de cartazes e comemorações limitadas ao próprio grupo. Os membros do MIL-B gostam de mostrar a sua filiação ao integralismo de forma mais incisiva, estão sempre em locais ou reuniões em que se discutam problemas nacionais. E, muitas vezes interferem nos debates para exporem seus pontos de vista. Em sua base, Campinas, demonstram sempre a sua presença. Durante a Campanha do Desarmamento, quando defenderam o Não ao desarmamento, alegando a necessidade dos “homens de bem” se armarem. Cássio, como policial federal mantém contatos com clubes de tiro. Também a sua relação com militares o fortalece na defesa pelo uso e compra de armas. Mas, nos últimos meses o MIL-B direcionou as suas atividades para as eleições presidenciais e para o Congresso Nacional:

“Nossas atividades de rua, até o momento, elas têm, como sentido literal da palavra, parar Campinas. Existiam algumas organizações de esquerda que estavam fazendo também algumas manifestações lá no Centro, mas com toda a humildade que nos é inerente, mas nós precisamos dizer isso, que quando nós começamos a fazer a nossa manifestação lá, a nossa proposta doutrinária, aniquilou meramente qualquer outro grupo de esquerda que estava lá, que saíram como se fosse cachorro perdido de mudança, com o rabo entre as pernas. Completamente desmascarados em pleno Centro de Campinas.”

O entrevistado avalia que o movimento cresce em termos de aceitação em Campinas

“Começamos a fazer a partir do início de 2005. Começamos a pregar cartazes, a ir em associações, a distribuir a massas, jornais. Até agora, a nossa receptividade tem sido estrondosa. A gente pode considerar assim, porque no dia 23 de dezembro nós fizemos uma votação dos salários dos políticos e tivemos quase 600 votos em menos de duas horas, coisa que nem organizações Globo, organizações bem

estruturadas conseguiram até hoje. Então, isso daí serve para exemplificar que, dessa vez, a proposta integralista veio para ficar. ”

Em sua terra natal, onde começou sua ligação com o integralismo, Cássio mantém contato com antigos companheiros, enviando, de Camoinas as diretrizes do MIL-B:

“Eu tenho bastante contando com os companheiros de Juiz de Fora, do núcleo do MIL-B lá de Juiz de Fora, do qual fazem parte o meu antigo companheiro, Vicente Neves e o Silvio, que foram antigos companheiros meus, da nossa época de integralismo lá em Juiz de Fora e eles estão fazendo lá o trabalho de distribuição de jornais. Lá também, nós temos o apoio da monarquia, através do membro do Círculo Monárquico de Juiz de Fora, o Jean Menezes, que é dono de uma livraria. Nós temos lá o apoio de alguns estudantes da Universidade federal de Juiz de Fora, que também são membros de grupos nacionalistas. E estamos então concentrando esses esforços em Campinas e Juiz de Fora e a partir daí, irradiando isso daí para outros estados. ”

Para Cássio, as propostas do MIL-B devem suplantar o território brasileiro, já que o inimigo a ser derrotado alcança todo o mundo, o que chama de “banqueirismo internacional”:

“Atualmente, nós estamos pensando mais em termos, não só de Brasil, mas a nível mundial. Porque o Brasil, assim como os Estados Unidos, assim como a Europa, assim como vários outros países, são escravos do grande capital internacional, que está na mão de oito casas bancárias. Essas oito casas bancárias dominam tudo nesse mundo. Aliás, gostaria de lembrar aqui que, essa posição contra o materialismo e contra o banqueirismo, não é posição meramente do integralismo nem do MIL-B, é a posição de Jesus Cristo que está bem clara na bíblia. É só ler a bíblia. O novo testamento é aquilo que Jesus chamou de o estereótipo contra toda a falsificação e o materialismo contido no Antigo Testamento. Antigo testamento não tem nada a ver com o Novo Testamento. Antigo Testamento é materialismo, é um Deus que quer cortar a cabeça dos outros, é um Deus que quer jorrar sangue para todos os lados, é um Deus que quer derrubar os primogênitos das nações. E não foi nada disso que Jesus Cristo falou. Aliás, do meu ponto de vista, o Antigo Testamento não deveria estar ali na bíblia. Isso é uma armação que foi feita. Assim como toda a História que nós aprendemos na escola, desde a Revolução Francesa. Uma armação, uma farsa. Não podemos continuar com essa farsa. Quem tem um compromisso com a sua consciência, não pode aceitar essa mentira. E é isso que nós estamos fazendo.”

Cássio pretendeu deixar claras as diferenças entre o integralismo e o nazismo, fazendo a distinção entre o totalitarismo do regime alemão e o termo totalitário que estava presente nos discursos integralistas desde a década de 1930:

“Agora, uma coisa importante para se citar também do integralismo, é que geralmente todas as pessoas fazem uma comparação com os movimentos nazi-fascistas. Só que tem que se colocar bem claro que, o fascismo, neo-nazismo, eles se baseavam na teoria de que o totalitarismo deveria englobar toda a sociedade como parte única do estado, então, todos os direitos individuais deveriam ser submissos ao poder do estado, a supervisão do estado, porém essa superioridade estatal seria definida pela superioridade racial do povo. Então, se você faz parte do povo, você deve ter as premissas raciais que te considerem parte desse povo e logo, parte desse estado totalitário. (...) O totalitário do integralismo é a totalização no sentido de soma. E não a totalização no sentido de esmagar o indivíduo com a pressão política.(...) “A princípio, um grupo que então, construiria a figura de uma pessoa. O integralismo é bem claro nesse ponto: totalitarismo é uma coisa, estado totalitário é uma coisa; estado integral é outra coisa. O estado totalitário aniquila o homem. O estado totalitário, ele esmaga qualquer pretensão do homem de se auto-afirmar na sociedade. O estado integral é o contrário: o estado integral quer despertar no homem aquela capacidade participativa, ele quer despertar no homem aquela vontade de que ele faça parte também do seio social, ele é orgânico. Os outros órgãos não podem funcionar se ele não estiver funcionando bem. Esse é o estado integral. Esse é o Estado que quer integralizar o homem.”

O depoente questiona os tipos de lideranças que são construídas nos regimes capitalista e comunista e considera que o mal que os constitui advém das suas bases materialistas que afetam as relações sociais transformando o ser humano em mercadoria, ou seja, de acordo com o regime, A pessoa valeria pelo que possui, ou mais, ou menos. O integralismo, ao contrário, segundo acredita, por valorizar o espírito, não consideraria as diferenças nestes termos, mas sim de acordo com a capacidade de se reconhecer o bem e o mal. Neste caso, o bem e o mal precisariam ser mostrados pela elite intelectual integralista, aquela que, para Cássio, sabe a direção única, linear, que não aceita o relativismo nem o dogmatismo, mas que é única porque viria do espírito, ou de Deus, como quis nomear.

“Agora, a questão do comunismo e do capitalismo, elas colocam a seguinte posição, de que a superioridade da elite, ela se baseia no quanto você tem materialmente, na sua riqueza ou na sua pobreza. No capitalismo, quanto mais rico, melhor. Quanto mais bens materiais você

tem, maior vai ser a sua posição dentro da sociedade. No comunismo é o contrário: é quanto menos você tem, porém quanto mais gente você tem nessa mesma posição, você tem uma superioridade social. No integralismo, nós queremos colocar uma visão não mais racial e nem mais material, mas sim espiritual, do ponto de vista de que, a nossa superioridade, a superioridade elitista que nós pregamos, é espiritual. O povo que é inculto espiritualmente, ele é suscetível a qualquer tipo de dominação externa ou interna. Então, não é porque o fulano é negro ou é branco, é amarelo, azul ou verde, que ele vai ser inferior, mas sim de acordo com o seu espírito. Que que é o seu espírito? Como a gente julga o seu espírito? Pela sua simples capacidade de discernir o que é o bem e o que é o mal. O integralismo ele vem a acreditar que, superioridade pregada pelo povo não é mais econômica e nem racial, mas sim espiritual.”

Esta explicação sobre as diferenças entre regimes materialistas e espiritualista que seria específico do integralismo consta do Manifesto da SENE, em seu site:

“Proclamando inabalável crença em Deus e na existência e imortalidade da alma humana, o Integralismo condena todas as ideologias materialistas, concitando os seus adeptos a exercer vigilante defesa dos fundamentos religiosos da Pátria. Quando dizemos ‘defesa dos fundamentos religiosos’, referimo-nos não ao exercício de um magistério religioso, que nos não compete, a nós, integralistas, porquanto para tal fim existe a hierarquia das autoridades adequadas, mas, o que pretendemos exprimir, é o dever que nos corre através da atuação a que nos impele a obrigatoriedade eleitoral e os nossos próprios desejos, de contribuir politicamente para a salvaguarda dos princípios espirituais na obra constitucional, legislativa e governativa do país.”³²⁵.

Para Cássio, a existência da elite para dirigir é natural: *“A própria razão de existência do Estado se baseia em uma hierarquia, porque você tem que ter o chefe de uma administração e por aí você tem a organização de uma estrutura social.”*

E esta elite teria certas características:

“Não uma elite econômica, nem uma elite material e nem uma elite social, mas uma elite que seja moralmente bem estruturada para assumir a sua condição de comandar os destinos de uma nação. E nenhum agrupamento social, porque quer seja racional de seres humanos (apesar de isso ser uma redundância), quer seja ele de animais, em nenhuma dessas sociedades, nenhum momento temporal da

³²⁵ Essa explicação está no www.integralismolinear.com.br. Atualmente o site está renovado, contendo a adesão da União Nacionalista Democrática que reúne militares da reserva e da ativa.

existência humana, houve uma estrutura onde todos comandassem. É sempre uma hierarquia construída, desses vários pontos de vistas errôneos que são colocados aí, mas nunca o grupo inteiro comandando. Então, é uma coisa natural, que exista uma hierarquia, que exista alguém comandando, mas alguém que esteja bem colocado e superior do ponto de vista espiritual, e não do ponto de vista material ou econômico.”

O MIL-B conta com o apoio para os debates teóricos da SENE. As duas associações se complementam, são compostas das mesmas pessoas, são dirigidas pela mesma “trindade” acima indicadas: Cássio, Marcelo Franchi e Rafael Ferreira. Esta é a elite intelectual e dirigente deste grupo que lançou em Campinas, no dia 2 de dezembro de 2006 no I Congresso da Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista e II Congresso Integralista e Linearista Brasileiro o Programa Nacional Espiritualista do Movimento Nacional-Espiritualista. Este Movimento foi registrado em cartório como *Associação de Estudos do Nacionalismo Espiritualista*. O Movimento apresentou seu programa alertando que: *“seus objetivos são absolutos e não deverão sofrer influência de uma aparente insatisfação das massas - criada artificialmente - e com a intenção de provocar alterações de suas diretrizes visando a sobrevivência e continuação do Movimento.”* Portanto, o Programa não foi lançado para ser discutido, mas sim para ser aceito.

Eu estava presente nesta ocasião e assisti a leitura dos pontos do Programa pelo presidente da SENE Marcelo Franchi. Depois de lido o Programa, uma lista circulou entre os presentes pra que assinassem sua adesão ao Movimento. Acho importante a transcrição do Programa, pois considero que a atenção da academia deve se voltar para estas manifestações que não acontecem à luz dos refletores da grande imprensa, mas reúne um número significativo de pessoas. Estas, por sua vez, representam associações, cujos pontos de vista sobre a sociedade brasileira são multiplicados entre seus participantes que comungam desses mesmos olhares de intolerância e defendem ações violentas contra os discordantes. Abaixo o Programa:

1. Nós combatemos a corrupção através do correto preenchimento de cargos públicos. Só poderão se tornar funcionários públicos aqueles cidadãos alinhados com os princípios e objetivos do Movimento Nacional Espiritualista.

2. *O trabalho é um dos pilares do Movimento. Todo cidadão tem o dever de se aprimorar tanto física como intelectualmente. O trabalho braçal não será menosprezado, mas sim recompensado à altura de sua importância para com a coletividade. A atividade individual não deve se sobrepor aos interesses da coletividade, ao contrário, ela deve integrar e complementar a atividade geral e para o aproveitamento de todos.*

3. *Nós promoveremos a estatização daquelas empresas que são essenciais para a preservação da formação cívico-espiritual de nosso povo, segundo os princípios do Nacional-Espiritualismo.*

4. *Nós promoveremos a participação dos trabalhadores nos lucros das grandes empresas .*

5. *Nós promoveremos uma generosa reforma da Previdência Social e a criação de uma nova e saudável Classe Média.*

6. *Nós promoveremos a Democracia Orgânica com a instauração do Estado Corporativo .*

7. *Nós promoveremos a municipalização dos grandes monopólios comerciais através de seu arrendamento a módicas condições aos pequenos empresários e incentivaremos maciçamente a participação destes nas licitações públicas.*

8. *Nós promoveremos uma Reforma Agrária responsável, a elaboração de uma desapropriação de áreas improdutivas, eliminação dos juros bancários sobre propriedades e combate à especulação imobiliária.*

9. *Nós promoveremos a integração harmônica entre o Homem e o Meio Ambiente. A consciência de preservação da ecologia é inerente ao espírito dos membros Nacionais-Espiritualistas.*

10. *Nós promoveremos a substituição do Direito Romano por um Direito Brasileiro que combata o materialismo.*

11. *Nós promoveremos uma incansável perseguição a todos aqueles, que através de suas atividades, prejudiquem o interesse coletivo. Agiotas, especuladores etc serão punidos com a pena máxima.*

12. *Para que qualquer brasileiro trabalhador e capaz, tenha acesso a uma melhor formação, nós promoveremos uma reforma na estrutura de ensino a todos os níveis. Os currículos escolares deverão ser adaptados às necessidades práticas da vida. Os*

princípios da idéia Nacional-Espiritualista deverão ser ensinados já nas escolas, ao despertar da consciência de nossas crianças. Nós promoveremos a formação de crianças superdotadas provenientes de famílias pobres através do suporte total pelo Estado, sem consideração do nível social ou trabalho dos pais.

13. Nós promoveremos a reestruturação das Forças Armadas visando o aumento de seu efetivo e melhora das condições de vida de seus integrantes.

14. Nós promoveremos um combate incansável ao abuso consciente de poder através da mídia. Nós promoveremos a criação de meios de comunicação brasileiros e para isso:

a. Todos os redatores e funcionários de jornais, rádio e televisão, deverão ser brasileiros

b. Mídias estrangeiras deverão ter permissão expressa do Estado para sua circulação em território brasileiro

c. Qualquer participação estrangeira em mídias nacionais ou sua influência será legalmente proibida.

d. Emissoras de rádio e televisão, assim como provedores da Internet que vão contra os interesses nacionais, serão proibidas. Nós promoveremos a luta legal contra aquelas criações artísticas e eventos que vão contra os objetivos descritos acima e que exerçam um efeito destrutivo e desagregador à vida da população.

15. Nós promoveremos a liberdade de todas as associações religiosas que não coloquem em perigo ou estejam contra os princípios morais do povo brasileiro.

16. Para a promoção de todas as ações anteriores, é impreterível a instauração do Estado Nacional Espiritualista, com a necessária autoridade e total responsabilidade para conduzir as mudanças vitais em nossa Pátria.

As questões autoritárias e intolerantes colocadas neste documento não podem ser ignoradas porque ainda são poucos os membros do MIL-B, mas devo acrescentar que na audiência estavam importantes representantes as sociedade de Campinas e do Estado de São Paulo. Havia, se não numerosa, mas a forte presença de militares nestas reuniões através da ADESG. A Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra) e da UND, a União Nacionalista Democrática. Ainda havia a representação da Maçonaria e do Círculo Monárquico de Campinas.

e) **Jenyberto Pizzotti, líder e Chefe**

Entrevistei Jenyberto Pizzotti para o LABHOI no dia 10 de fevereiro de 2007, na cidade de Rio Claro, São Paulo. Esta cidade tem uma relação muito interessante com o integralismo. Considerada “cidade integralista” na década de 1930, guarda o acervo pessoal do Chefe Salgado no seu Arquivo Municipal, que é, com certeza, um dos “lugares de memória” do movimento. Com certeza, o fato do entrevistado morar nesta cidade, lhe dá uma “aura” de guardião de memórias do integralismo e é desta forma que ele se apresentou para nos dar a entrevista. O entrevistado é uma referência importante na organização do novo integralismo brasileiro. Conhecedor e personagem da história do movimento a partir da década de 1980, o depoimento de Jenyberto vem preencher lacunas importantes do desenrolar das tentativas de reconstrução da organização integralista no período de, pelo menos, 20 anos. Neste caso, é preciso que se atente para a problemática da subjetividade da história relatada na qual se é ator. Por isso, a necessidade de se relacionar os acontecimentos relatados com os fatos comprováveis por outros tipos de documentos, sejam eles escritos, virtuais, ou mesmo orais, os relatos de outros depoentes.

Jenyberto Pizzotti nasceu no dia 21 de julho de 1952 na capital paulista. Seu pai era jornalista e, como tal, mantinha contatos com políticos de projeção local e nacional. Ainda que, segundo o depoente, seu pai não demonstrasse ter nenhuma afinidade ideológica com a direita ou esquerda, certa vez, ao escreveu um artigo a favor da ditadura. Teria, então recebido um telegrama do Presidente General Médici.

Disse-nos que sempre foi um leitor voraz quando adolescente. Escolhia ler, principalmente, temas políticos e históricos, filosóficos e científicos. Ele nos falou sobre suas leituras na adolescência.

“Bom, com quinze anos, pra você ter uma idéia, em termos mais específicos do assunto de seu interesse, eu já lia Mein Kampf, de Adolf Hitler, como lia Marx, Nietzsche. Comecei assim nessa idade, por incrível que pareça, já buscar algumas coisas nesse sentido. Mas o meu principal foco era no foco científico. Eu gostava demais dessa área, na área de Ciências realmente, astronomia essas coisas assim. E no paralelo uma busca por assuntos não religiosos propriamente ditos, eu nunca fui um religioso eu nunca tive uma religião eu sou, claro, por formação de

italianos e portugueses oficialmente católico. Mas eu sempre busquei de uma forma bem livre, totalmente livre Por essa parte de..., e a parte mais específica dessa área desse tema digamos foi então meu contato com alguns textos, em relação a parte histórica. E a história me conduziu ao aprofundamento de algumas idéias tanto eu diria entre aspas porque nós não aceitamos essa terminologia esquerda e direita, mas usando essa terminologia eu diria para você que eu procurei textos entre aspas de esquerda e de direita.”

Jenyberto disse-nos que, desde o serviço militar, em 1971, demonstra ser um líder e, nesta condição, acredita poder unir as várias correntes que dividem o movimento atualmente. Mas, segundo conta, as ideologias que o formariam, passaram a lhe influenciar a partir de 1977. Contou-nos como conheceu a doutrina integralista

“Em 77 na realidade, que eu conheci o integralismo como movimento e através de livros como doutrina. (...) Eu faço uma separação. Acredito eu, com toda humildade, eu acredito ser a pessoa mais... com maior conhecimento do integralismo no nosso país hoje. Por quê? Porque eu estudei com profundidade não só a doutrina mas principalmente a organização. Coisa que a maioria dos meus companheiros, eles se prendem mais na parte doutrinária, ou seja, leitura de livros de filosofia do nosso movimento. Mas não na parte de estrutura. Essa foi uma grande lacuna que nossos antigos líderes deixaram. Eles não criaram um segundo escalão preparado para dar continuidade ao movimento enquanto organização. Entende? Houve uma quebra. Então eu fiz de forma individual um trabalho nesse sentido, de fazer esse estudo em profundidade de como era a organização, a estrutura dela. Como que ele operava. Então eu faço essa divisão quando eu falo em movimento integralista eu divido a parte doutrinária da parte de organização, da parte de operação mesmo. De como foi colocado em prática essa idéia.”

Esse primeiro com o integralismo aconteceu durante a inauguração da Praça Plínio Salgado na cidade:

“Em 77 se inaugura uma praça aqui na nossa cidade que levou o nome de Praça Plínio Salgado. E o meu pai, não foi uma influência direta, mas foi por tabela, ele tinha um grande amigo dele que depois se tornou uma pessoa que até hoje mora dentro do meu coração, que o Srº José Constante Barreto. Quem foi o Srº José Constante Barreto? Ele foi das milícias integralistas. Ele foi presidente do núcleo de Santos. Ele foi preso quando houve todo aquele problema. (o “levante” integralista em 1938). (...) E aí eu fiquei conhecendo o Drº Jader Araújo de Medeiros, do Rio de Janeiro. Ele tinha um jornal chamado Renovação Nacional. Jornal fantástico, maravilhoso. (...) ntão tinha muita ligação com as

Forças Armadas, através desse jornal. Eles faziam uma ponte, uma ligação muito grande através de artigos. E esse Drº Jader junto com esse companheiro, já naquela época com uma certa idade, eles que praticamente me introduziram na doutrina integralista através de livros, através de jornais, através muito de histórias. E foram me introduzindo, me passando... no ‘tete a tete’o que era realmente o movimento integralista. a partir daí, de 77 até 89... 88. Você vê que são vários anos. Houve uma espécie de preparação para a minha liderança, através dessas pessoas que eu te citei e de outros integralistas aqui de Rio Claro e fora. Em 88 é quando eu entro em contato realmente com companheiros, principalmente do Rio de Janeiro. E forma-se, estabelece-se uma liderança da minha parte.”

Segundo Jenyberto a sua preparação filosófica e doutrinária foi feita através de livros e com o apoio de ex-militantes da década de 1930 e do período do PRP. Para o depoente; “Foi formando todo um conhecimento tanto de estrutura quanto de história quanto de doutrina.” .

“Mas não foi uma lavagem cerebral não. Minha mente sempre ficou livre. Aliás, dentro do movimento, até hoje, eu acredito que mais do que qualquer outro pesquisador, até com formação marxista, eu realmente, sem dúvida, eu sou o maior... o que apresenta... vamos dizer... as maiores contradições dentro do movimento. Alias eu sou muito... (...) É, eu sou muito crítico. Sou talvez o maior crítico vivo do integralismo. Mesmo os que têm formação marxista não conseguem fazer as críticas que eu faço.

Nessa preparação, Jenyberto julgou mais importante ler , principalmente os três principais ideólogos do integralismo: Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso. Porém não desconsiderou outros menos conhecidos

“Eu como outros autores que estudam esse movimento, essa ação integralista, eu faço uma trilogia, digamos assim, quer dizer, uma divisão ideológica e doutrinária em três facetas. Realmente basicamente porque nós poderíamos citar outros escritores como Olbiano de Mello e muitos outros. Mas basicamente nós poderíamos dividir o movimento em três: o pensamento de Plínio, o pensamento de Reale e o pensamento de Barroso. Pela minha formação, principalmente eu tenho uma formação eu não sei se você chamaria de romântica ou sentimentalista, eu resumiria isso em uma palavra, ‘humanitarista’. Eu tenho uma formação que... o mais importante para mim acima de qualquer doutrina, de qualquer idéia, para mim está o ser humano.”

Para Jenyberto, as obras de Gustavo Barroso contém informações valiosas e fantásticas mas, segundo ele:

“esbarra no anti-semitismo. E eu sou absolutamente, radicalmente contrário, entendeu, pela lógica. Não é por motivo religioso, não é por motivo... A minha formação, que dizer, a minha bagagem, de tudo que eu li, de tudo que eu refleti, na minha vida e de tudo que eu vivenciei. Eu não consigo admitir separação de classe social, Eu não consigo admitir separação religiosa. Eu não admito separação racial. E isso incontestavelmente conforme eu declarei num primeiro encontro de estudos integralistas aqui em Rio Claro, que você estava presente. Não sei se você se recorda. Houve sim anti-semitismo dentro do movimento, claro que houve. Entendeu, pode ser justificado que não era racial, que era um anti-semitismo, tipo assim de conspiração entre aspas Judaico, sionista e Maçonica. Mas no fundo, no fundo se veio no embalo de uma idéia, digamos assim, que já existe no mundo há muito tempo que é o anti-semitismo e suas várias tonalidades, digamos assim.

Então eu não posso compactuar com idéias que segregam, que excluem. Porque eu não me consideraria integralista, que para mim integralismo é soma, não é jamais divisão, muito menos exclusão. Então esse é o ponto, mas sim o Gustavo Barroso eu reconheço como um grande líder, dentro do nosso movimento e muitas obras dele estão pautadas por fatos reais. Mas eu só não aceito a... de você estigmatizar determinado povo, classe, como o mal do mundo. Eu acho que é ilógico, totalmente ilógico isso, em termos racionalistas mesmo.”

Para Jenyberto, o Chefe também não é inquestionável.

“Plínio Salgado realmente, sem dúvida nenhuma é o grande mestre. Obras, por exemplo, como o que eu li e reli, por exemplo, “Psicologia da revolução”. São obras monumentais então praticamente tudo que ele escreveu que ele... coisas fantásticas. E o Plínio então tinha um lado ligado a Igreja Católica, na formação dele. O que motivou uma visão do mundo, assim que refletiu nas próprias ações dele, algumas contraditórias, no meu ponto de vista, mas que veio dessa formação.”

E define sua posição diante dos ideólogos

“E o Miguel Reale, também sem dúvida um grande teórico que já se fixou mais na parte do estudo jurídico do Estado. Como se faria essa transformação e com certeza uma tendência fascista, claro. Que ele estudou, junto com Plínio.

Então eu diria para você que eu estaria muito próximo entre Plínio Salgado e Miguel Reale. Algumas idéias de ambos assim e um pouco também do Gustavo Barroso, mas mais desses dois líderes.”

Para Jenyberto, toda a sua formação com leituras e encontros com a velha militância, seja da década de 1930, como do período do PRP, significou a sua preparação para a liderança do movimento.:” em 88 o Jader e outros companheiros começaram a entrar em contato comigo tipo assim, “tem um jovem”, que hoje eu já não sou mais jovem... mas assim “tem um jovem em Rio Claro que é um líder, é um líder nato. E está preparado para participar do movimento quem sabe até assumir o movimento”.

Jenyberto analisa a história do integralismo para demonstrar que a sua trajetória representaria o retorno à essência do integralismo que, em seu entender, fora abandonada em 1935 quando a AIB tornou-se partido político:

“ (...) em 75 Plínio Salgado falece, e daí se criou uma espécie de um vazio em termos de liderança. Essa liderança de 1937, e essa é uma questão delicada que depois se você quiser nós entramos nela. Mas na minha opinião de 1937 até 1975, que foi a morte do Plínio, o integralismo foi fisiológico. Fisiológico na minha opinião. Quando eu digo integralismo não é doutrina integralista, agora estou me referindo ao movimento integralista enquanto organização. Então eu acho que foi uma coisa fisiológica em termos assim o Plínio foi eleito várias vezes deputado, se criou o PRP... tudo bem tinha uma doutrina mais ou menos baseada na doutrina que foi pregada pelos líderes. Mas na realidade muitos... tinham políticos no meio que não tinham nenhuma identificação com o movimento, eu estou dizendo do PRP. Depois se criou grupos tipos Jackson Figueiredo e os Águias Brancas. E tudo isso que foi extraordinário, um trabalho maravilhoso. Mas se prendia a uma visão tipo assim de participação política no contexto que existia na época. Eu acho que... é como eu sempre digo, nós vamos depois, se você quiser, entrar nessa área, aliás eu sou o único pesquisador do Brasil que acho que notou isso e agora estão despertando para isso, na minha opinião eu falo isso para todos os meus companheiros, eu digo assim: que até 1935, o integralismo foi uma idéia revolucionária. A partir de 35 com a idéia do Plínio de se transformar em partido político, para se ganhar poder, foi transformado numa máquina política. E como máquina política inserida no sistema. Em 37 o Getúlio numa canetada esfacelou o movimento. Essa é a minha idéia. Se foi uma estratégia do Plínio, como estratégia é muito mais fácil para nós historiadores, porque eu me considero um pesquisador, um historiador também, é muito mais fácil para nós analisarmos agora, depois do fato acontecido do que na época. O Plínio não tinha bola de cristal ele não sabia o que poderia... estrategicamente na minha opinião ele errou. Porque uma idéia revolucionária jamais é destruída. Mas um partido político, um movimento sim.”

E sua atuação passa a ser presente e, cada vez mais importante, a partir de 1977. Porém é em 1988 que é chamado atuar diretamente na organização do movimento, segundo ele para resolver algumas situações problemáticas:

“Bom, de 1975 até 1985, eu diria para você que quem esteve mais ativo dentro do movimento foi o Jader³²⁶, com o jornal da Renovação Nacional, que manteve viva a chama da idéia e tal.

Em 85, um pouco antes o Dr. Anésio Campos Lara Junior, de São Paulo, um grande companheiro, a quem eu gosto demais, eu amo Dr Anésio, eu respeito muito o Dr Anésio. Mas esse companheiro, isso ele me contou, ele cansado talvez de tentar re-organizar a Ação Integralista Brasileira, de re-funda-lá, de tal, ele simplesmente faz o seguinte, ela se apropria ilegalmente, na minha opinião, da sigla AIB - Ação Integralista Brasileira.

Diz ele que consultou a minha querida dona Carmela, o pessoal de São Paulo, os parentes de Plínio, e ninguém se manifestava. Ninguém tinha interesse de reorganizar o movimento. Então ele numa ação totalmente individualista, registrou em São Paulo, um estatuto, que feito por ele assim sem nenhuma consulta. Eu tenho certeza disso aos antigos estatutos do congresso de Vitória e de Petrópolis. Sem nenhuma consulta e esses documentos e a outros documentos. Ele simplesmente criou um estatuto e com mais duas pessoas, o Sérgio Vasconcelos³²⁷ do Rio e a mãe do Sérgio. Eles registram então esse estatuto, e se apropriam indevidamente uma apropriação indébita desse documento. (...) Como presidente da Ação Integralista Brasileira, isso em 85. aliás antes disso ele também registrou o chamado Movimento Integralista Brasileiro – MIB, do qual eu disse para os meninos, agora para o pessoal mais jovem por ocasião de 2004, dezembro, que foi feita a reunião em São Paulo³²⁸. Eu não chamo de congresso, foi uma reunião para mim na realidade, congresso é outra coisa, onde eles queriam criar o MIB. E daí se saiu a FIB, depois porque o MIB já estava criado há muito tempo pelo Anésio, registrado.”

Retornado ao período de tentativa de reorganização da AIB. Diante da “precipitação” do Dr. Anésio, aqueles que se consideravam também herdeiros de Salgado se reúnem e decidem tomar uma decisão diante da “usurpação” de Anésio da sigla AIB.

³²⁶ Jader Medeiros, como ele mesmo se apresenta em seu livro *A Força de um Pensamento*, era advogado e jornalista. Na década de 1970

³²⁷ Sérgio Vasconcellos, atualmente participa da Frente Integralista Brasileira – é um dos seus principais líderes e protagoniza discussões acaloradas entre os membros da FIB e da MIL-B.

³²⁸ Esse Congresso, ou reunião, como se refere Jenyberto foi o evento que fundou o MIB em dezembro de 2004. Nesta ocasião, havia uma discussão se haveria a substituição do Chefe Salgado por outro. Jenyberto considerou-se a pessoa capaz de substituir o Chefe. Os demais integrantes do movimento não concordaram. Assim sendo, Jenyberto não compareceu ao evento.

Jenyberto nos disse que Anésio já teria registrado outras associações integralistas anteriormente. Em 1983 ou 1985, não se recorda, bem teria fundado a ANB – a Ação Nacionalista Brasileira e ou o MIB, o Movimento Integralista Brasileiro que por já ter sido registrado não poderia ter novo registro. O interessante é que, na ocasião de criação do novo MIB, em 2004, o Dr. Anésio estava presente e não falou sobre o registro anterior do MIB. Esse fato causou problemas quando a nova direção escolhida em 2004 foi registrar a nova associação. Embora esta situação não tenha sido causadora da ruptura posterior, que aconteceu, principalmente por conta da interpretação da doutrina, de certa forma, causou constrangimento e atritos entre os participantes do movimento: fizeram um congresso nacional, escolheram em votação um nome que visava reorganizar o novo integralismo e essa escolha foi frustrada. Após este desgaste, o MIB de 2004 é descartado, surgindo outras duas associações integralistas: a FIB e o MIL-B.

Voltando a 1988, os “novos” integralistas organizam um Congresso da AIB no Sindicato dos Jornalistas Fluminenses, em Niterói, Rio de Janeiro para formalizar uma nova diretoria para a associação. Dois dos presentes se candidatam à presidência> Anésio e o médico Sebastião Cavalcante. Vencendo o médico, Anésio se torna vice-presidente da nova AIB. Algum tempo depois, Cavalcante renuncia e abre novo conflito entre os “novos” integralistas:

“Então, o que acontece, em 89, em março? Nós na reunião aqui, o Dr. Sebastião já tinha comunicado que não poderia estar presente. Nós recebemos um aviso de que ele havia renunciado, assim uma coisa extemporânea, uma coisa sem motivo, que nós ficamos sem entender o que se passava na época, em 89. Ele renuncia, assume, logicamente o Dr. Anésio como presidente, isso foi em março. Quando chega em abril, o mês seguinte aí começa um drama no nosso movimento, porque dia 21 de abril é o aniversário de Hitler, e o Anésio se intitulando presidente da AIB, me apresenta, quer dizer se deixa ser fotografado em São Paulo, com alguns ‘Carecas’, digamos assim, inclusive quero dizer pra você que nós temos muito contato com esses movimentos e muitos militantes são idealistas, são maravilhosos, não têm nenhuma ligação com coisa de racismo. Têm a idéia deles e tal, mas assim nada de anti-sionismo, anti-racista, nada. A gente quando fala em careca, por exemplo, essas coisas, a gente obrigatoriamente, se a gente quiser fazer um trabalho sério, a gente tem que pesquisar para fazer uma distinção de grupos que tem essas idéias, raciais, e tal e outros que não que são idealistas mesmo.”

Diante da necessidade de resolver os conflitos, Jenyberto considera que sua atuação foi brilhante, como ele mesmo relata:

“Então eu fui enviado para o Rio de Janeiro e tive uma participação brilhante no congresso que houve lá em 89. Brilhante mesmo! Entende eu digo isso aí para você com toda humildade. Mas eu sei o que eu estou falando.”

Além dos problemas com os registros, o Dr. Anésio traria para o movimento, segundo Jenyberto, outros problemas:

“Então eu quero dizer o seguinte, que o Anésio se associa com alguns garotos assim e se deixa fotografar com bandeira nazista e bandeira integralista junto. Fez uma salada e não precisou mais nada pra mídia da época. Então os jornais tipo: O Estado de São Paulo, jornais como a Folha, como o Jornal da Tarde, jornais assim, simplesmente detonaram o integralismo. Eles começam um processo... porque normalmente nessas redações, pelo menos na época é inegável que a maior parte dos jornalistas era de formação marxista. Radicalmente contrários ao integralismo. (...) Na paralela, acontece uma explosão, uma bomba num monumento que não me recordo muito bem, acho que foi no Rio de Janeiro, ou foi em São Paulo, num monumento... é uma explosão a bomba que ocorre. E o Anésio, é... como acho que não tinha o que falar dá um palpite referente a este fato (...).Mencionando inclusive, almirantes, generais, ele fez uma salada completa. Então, quer dizer, houve um problema seríssimo, envolvendo a imagem do Plínio, envolvendo a imagem do integralismo. Não diria culpa, mas por um ato insano do Dr. Anésio, a partir da comemoração do aniversário de Hitler em São Paulo.”

Foram estes problemas provocados pelo envolvimento de Anésio com grupos neonazistas que teriam levado Dona Carmela a pedir-lhe que intercedesse para conter essas atitudes do “companheiro” Anésio. Nesta ocasião, a viúva de Salgado teria lhe dado uma medalha das milícias que fora do próprio Chefe. Relata esse seu envolvimento que o fez deixar a Faculdade de Física da UNESP de Rio Claro:

“ a partir daí ela me ofereceu, eu guardo até hoje, uma medalha que era do Plínio das milícias, guardo com muito carinho, essa medalha. Então o que é que eu faço? Então daí eu entro em contato imediatamente com Dr. Sebastião e com outros companheiros do Rio de Janeiro. Parto eu para o Rio de Janeiro, aí você perguntou no início da nossa conversa “mas esse negócio da faculdade” essa foi uma das vezes em que eu praticamente passei o ano de 89 todo faltando de aulas que eu cursava já assim, não era assim como estou hoje com 54 anos, mas também não era um juvenzinho de 18 eu estava mais ou menos com uma certa idade,

voltei para concluir o curso e tal. Mas eu tive que realmente devido a esse motivo, de 89 foi um ano terrível, eu não consegui acompanhar o meu curso tive que bloquear a faculdade (...) mas não foi culpa do integralismo, foi uma opção minha devido a necessidade de se tentar resolver isso. E acredito eu que resolvi da melhor forma possível.”

O processo de recuperação da Presidência para o Dr. Sebastião Cavalcante de Almeida demandou abertura de processos, além de criação de conselho de ética para avaliar as atitudes d Anésio.

“ nós pesquisamos realmente cada fato, cada palavra que foi colocada na mídia, fizemos um ... checamos como aqueles fatos verídicos refletiram na mídia e na massa por tabela, é claro em relação ao nosso movimento, e na paralela como você mesmo falou. Nós começamos um processo de escrever pros jornais pra tirar aquela... para esclarecer os fatos com idéias totalmente contrárias daquilo que foi publicado, e eu acho que foi um trabalho muito bem feito porque a própria mídia começou a ver que realmente houve uma coisa, como você citou, uma coisa isolada, um fato isolado de um, de um elemento ligado ao movimento (...) que a partir daí causou esse problema todo. Com o tempo, passado acredito uns três meses a situação se não reverteu pelo menos se esclareceu em alguns pontos eu diria , não todos e o Dr. Anésio embora ele teve todo o direito foi convidado a comparecer na reunião que foi analisado esse dossiê, esse documento ele foi amplamente notificado via correio, via telefone, enfim de várias formas para que comparecesse, para que se explicasse, para que se defendesse, e na realidade, ele desmereceu os companheiros ele simplesmente desconheceu continuou dizendo que era o presidente da AIB e chegou até a ser expulso e não se deu em nada porque os próprios companheiros do Rio de Janeiro embora muitos com formação jurídica, né, ele não se prontificaram em fazer um novo registro em colocar em prática aquilo que havia sido estabelecido, mas o trabalho que nós fizemos pela comissão de ética foi brilhante, foi muito legal foi profundo, e foi muito bom.”

Jenyberto contou-nos que, a partir desses acontecimentos, o movimento perdeu a força que ensaiou ter em fins dos anos 1980, com a re-criação da AIB. Para ele a “*década de 90 foi praticamente uma década perdida em termos assim de fatos que produzissem algum resultado prático, alguns encontros, algumas reuniões aí começam o falecimento de alguns grandes companheiros, como o Dr. Jader, como o Dr. Sebastião Cavalcante e outros mais, o sr Barreto de Rio Claro, nós perdemos muitos companheiros na década de 90 e início da década do ano 2000.*”

Algumas iniciativas esparsas ainda forma tentadas, como a criação do Centro Cultural Plínio Salgado. Para Jenyberto, foram algumas iniciativas isoladas que *“não produziram resultados quantitativos, muito expressivos, mas que mantiveram o movimento algumas idéias assim.”* Para ele, *“mas nada parecido com 88 e 89. (...) Que ocorreu uma reorganização efetiva do movimento integralismo, integralista no nosso país não, não mesmo, quem disser pra você que o movimento integralista hoje está organizado, está atuando, não isso é irreal, o que existe são grupos isolados que fazem algumas ações, algumas ações de muito idealismo, mas desconectadas de outros grupos”*

Para Jenyberto

“na década de 90, como você mesmo está colocando, é que realmente houve alguns movimentos, digamos assim e, na década de 90 mais precisamente 1995 se inicia no Brasil a internet isso em 1995, mas só por volta do ano 2000 é que partindo também do Rio de Janeiro com Marcelo que é falecido, você sabe se cria o CEDI, é o centro de estudos e debates integralistas, com Dr. Arcy dando o total apoio e orientando, foi um grande mestre um grande baluarte eu adoro o Dr. Arcy está no meu coração, uma pessoa maravilhosa. (...) tinha o CEDI, e nós também atuando é o que te falei, assim fazendo algumas coisas, bom o que acontece é o seguinte o Fernando [Batista] (...) um grande idealista também, um moço fantástico ele também com o Marcelo já havia criado um site, o Fernando também cria um site e então se começa se dar os primeiros passos para a divulgação do integralismo através da internet. (...) aí nós chegamos então no ano 2000 aí nós tivemos aquele encontro aqui em Rio Claro (foi o Primeiro encontro de pesquisadores integralistas – um encontro de pesquisadores, o qual os integralistas participaram apenas como convidados). (...) Primeiro encontro de pesquisadores integralistas, é foi muito interessante você sabe não preciso dizer aqui você conhece a história foi muito interessante vieram pesquisadores de várias universidades e começaram realmente a pesquisar as fontes não só o que foi escrito pelo DIP pós Golpe Getulista de 37. (...) aí nós vamos pular um pouquinho mais para o ano de 2004. Em 2004, no final do ano, tipo outubro eu recebo um contato do Cássio, o Cássio havia atuado um pouco em Minas, segundo ele me contou e após isso ele estava em Campinas e fazia uma ponte aérea com São Paulo com o pessoal de São Paulo, com o Marcelo [Silveira], o Lucas...”

Nesta ocasião, Jenyberto é convidado para o Congresso mas discorda de sua organização:

“Cássio então me passa via fone, acho que ele ouviu falar de mim, mas não tinha nenhum conhecimento da minha participação dentro do

movimento certo, alguém citou o meu nome pra ele e ele gentilmente entra em contato então me passando um convite para ir nesse que eles chamam, todos eles chamam de congresso mas na verdade foi uma reunião.

Congresso pra mim é quando se tem algo já formado estabelecido e vêm representantes de vários núcleos, não foi isso que ocorreu, foi uma reunião em São Paulo e ele me passa eu pedi para ele então a pauta dessa reunião. Achei fantástico dei total apoio, mas pedi a pauta da reunião que seria tratado lá. Qual foi a minha surpresa quando vejo o que haveria um envolvimento político, com membros do PRONA, políticos do PRONA e o que me arrepiou, a palavra exata, foi o seguinte de que seria estudado a parte de doutrina, de estatuto, de mais não sei o que diretrizes e se ia mexer nisso e também nas diretrizes integralistas. E eu falei, em quantos dias vocês vão fazer, em dois dias, vocês pretendem fazer tudo isso? Ah, inclusive uma idéia de ser feito nessa reunião um juramento. Então eu refleti e de forma mais gentil possível na época passei pro Cássio que não podia ser feito isso daí. Primeiro pelo tempo que não haveria tempo hábil pra se entrar nessas questões, segundo porque teria que ter participação de muito mais militantes e pessoas que estudavam e estavam no movimento a muitos anos e que era uma coisa precipitada. Terceiro não deveria ter nenhum contato com a imprensa e muito menos contato com políticos, envolvimento da ação integralista do movimento com político. E quarto, que em hipótese nenhuma deveria haver juramento, essas coisas. Se ele conhecia os protocolos e rituais do nosso movimento, que existe todo um livro escrito pela organização são os protocolos e rituais.”

Os contatos com Cássio continuaram e Jenyberto continuou discordando com a montagem da pauta. Contou-nos que, a princípio, Cássio teria sido prepotente com ele, não aceitando a sua discordância. Porém, para Jenyberto, os rumos que tomariam o movimento integralista posteriormente, dariam a ele a razão. Considera que o acontecido contribuiu para o amadurecimento do Cássio. Para o depoente, pelo menos, não acontecera o juramento que, nos rituais integralistas corresponde ao compromisso de obediência inquestionável da chefia. Depois do MIB aprovado, como dito anteriormente, foi descoberto que já existia seu registro. Continuar com o MIB significaria aceitar a submissão a Anésio. O grupo não concorda com essa situação e se abre um conflito quanto às formas de organização do novo movimento, que esbarra nas interpretações doutrinárias. Jenyberto considera que esse conflito só poderia ser resolvido pela união de forças e definição de estratégias e de interpretações doutrinárias. Considera-se, portanto, o único capaz de unir as forças em conflito:

“Mas a partir de janeiro, eles continuam as reuniões e aí eles entram em conflito esses dois grupos. Eles entram em conflito entre eles. Mas logo após essa reunião o que eu percebo? O que eu percebo é que o integralismo poderia estar tomando um rumo diferente do que era pra ser. Como essa AIB estava e está na mão do Dr Anésio, eu não poderia atuar com ela de forma nenhuma porque qualquer coisa que eu fizesse nesse sentido o Anésio poderia se apresentar como presidente jurídico da AIB, falar alguma bobagem na mídia e me inviabilizaria qualquer tipo de ação. Em nome da AIB. E como eu vi que eles talvez partissem para alguma coisa eu resolvi criar um dia 25, dia de natal, Ação Integralista Revolucionária, AIR.”

Jenyberto, portanto, isoladamente, funda a Ação Integralista Revolucionária no dia 25 de dezembro de 2004, vinte um dias após a fundação do MIB. A idéia era criar uma força alternativa à organização do integralismo atual, mas também mostrar sua força e sua capacidade de lideranças e mais, se colocar como o portador da “verdadeira” memória. Em seus argumentos de autoridade, utiliza a sua história de liderança no movimento, a capacidade de resolver conflitos internos e de unir facções diferentes. A sua ligação com Dona Carmela que lhe deu a medalha de miliciano que fora do próprio Chefe. Toda essa história lhe daria autoridade para ser o novo Chefe Nacional. Como a idéia não é aceita pelos demais grupos, Jenyberto torna-se Presidente Nacional da AIR.

“ E daí então existe esse... para concluir existe esse conflito, surge esse conflito. E a partir desse conflito, como eu atuo através da AIR e como líder do movimento e como companheiro, mais velho, mais experiente? Eu tento desesperadamente, uni-los, explicar para eles o que é integralismo na realidade, que é união não é exclusão.

Então o que é que eu faço? Eu tento uni-los, eu tento apagar as arestas, eu tento mostrar que seria mais interessante nos unirmos todos sob uma sigla, seja ela fosse qualquer AIB, ou outras que eles criassem mas que nos uníssemos. Inclusive com Sergio lá do Rio de Janeiro, o pessoal todo. Eu tentei essa união. Aí se forma uma radicalização de idéias, inclusive via internet, via ia fóruns, com ofensas até pessoais entre Rio de Janeiro, Sergio.”

No “currículo” apresentado no site da AIR, Jenyberto é descrito como aquele capaz de unir as forças porque tem e, sempre teria tido apoio de figuras importantes dentro do movimento. Assim abre sua apresentação: “O companheiro Jenyberto Pizzotti assumiu, em dezembro de 2004, a Chefia Nacional da AIR - Ação Integralista Revolucionária. A autoridade moral do companheiro Jenyberto Pizzotti na liderança do

Movimento e das Forças Integralistas pode ser verificada através do pensamento de diversos importantes líderes Integralistas” E , assim, são apresentados trechos de cartas, ou “textos dos companheiro” integralistas que escrevem sobre o presidente nacional da AIR, de 1977 a 2002.

A nova associação então fundada pretendia resgatar as raízes do integralismo como movimento, mas não como partido político. Para Jenyberto a escolha da Chefia Nacional pela organização partidária em 1935, foi um erro estratégico. A idéia revolucionária, segundo ele, deveria prevalecer:

“25 de Dezembro, de 2004, foi logo após essa reunião. Essa AIR, ela surgiu em princípio com os seguintes objetivos: em princípio o primeiro objetivo seria oferecer uma alternativa para que outros integralistas pudessem se organizar sob alguma sigla. Que pretendesse assim fazer um trabalho sério em termos do nosso movimento. Então eu escolhi esse nome. Por que revolucionária? Devido ao fato de que eu não aceito a estratégia adotada após 35, após 1935. eu me prendo nas raízes do integralismo, enquanto o integralismo foi uma idéia revolucionária e não um partido político.”

Pretendendo demonstrar sua autoridade como pesquisador e militante do integralismo com uma história respeitável, pois de ligações com intelectuais e coma própria viúva. Como dedicado defensor de um integralismo de raízes, Jenyberto se julga o único capaz de questionar algumas atitudes do Chefe:

“O Plínio Salgado, na minha opinião, ele cometeu o erro estratégico, eu não vou questionar se ele estava certo ou estava errado ou as razões. (...) Se o Plínio em vez de ele aceitar pacificamente o golpe do Getúlio, naquela ocasião realmente o movimento estava hiper organizado. Nós tínhamos 2322 núcleos estabelecidos e organizados. Se ele desse uma ordem esses núcleos fariam uma revolução. Nós teríamos uma revolução, talvez civil e com certeza, Plínio Salgado derrubaria, na minha opinião, o Getúlio. Mas aí nós partiríamos então para uma outra geopolítica. Porque se formaria na América Latina, na minha opinião, (...) formaríamos então outro quadro geopolítico, onde provavelmente seria estabelecido uma espécie de fascismo na América Latina. Poderíamos chamar de integralismo, mas na época tinha todo uma conotação em termos de, senão ideológicos e de doutrina, mas em termos de operação, de forma, de militância fascista, sem dúvida. E então nós teríamos países como Argentina, o Uruguai se radicalizando junto com o nosso país, e os Estados Unidos, talvez teriam que desviar todo o trabalho que eles fizeram de forma muito cômoda mandando matéria-prima e equipamentos pros países da Europa e se enriquecendo com isso, que eles se enriqueceram com isso na primeira e segunda

guerra mundial e, eles realmente teriam que desviar isso aí. E desviando a história do mundo e da guerra seria totalmente diferente, eu acredito nisso. Ah, mas uma atitude do Plínio poderia mudar tudo? Às vezes sim, eu não poderia... e ninguém levantou essa questão até hoje, eu acho que geopoliticamente poderia acontecer isso sim, mas o Plínio não fez isso. O Plínio... isso, a reação do Plínio não foi em 37. 37 foi consequência, na minha opinião a opção dele, porque 33, Hitler consegue atingir o poder via eleição, então ele como exemplo disso eu acho que ele pensou: nós podemos fazer a mesma coisa aqui. Mas eu acho que foi um erro, porque no momento que o integralismo como idéia revolucionária deixa de ser uma idéia revolucionária e a partir do congresso de Petrópolis, em 35 ele é transformado numa canetada em partido político, numa máquina política, na minha opinião crítica se esquece a idéia revolucionária aí Plínio, na minha opinião deixa de ser um revolucionário teórico que ele era, nunca foi um revolucionário prático, ele foi um revolucionário teórico e um grande líder de massa sim. Ele não só escrevia, ele dava discursos, ele ia pra massa, como sempre fez isso a vida inteira, mas assim ele não chegou num ponto de autorizar uma revolução armada, devido à formação dele espiritual, ele não admitia que os brasileiros,... e é muito difícil questionar isso, porque é uma idéia, é um sentimento, melhor dizendo, do Plínio. Ele não admitia que brasileiros matassem brasileiros e, uma revolução ela não se faz só com idéias essa é a realidade, na minha opinião, então o que acontece é o seguinte: o Plínio opta então, ele fez uma... ele faz uma escolha, (...) de participar de um sistema que ele combatia, então isso pra mim foi uma contradição, foi um certo pragmatismo eu chamaria, mas é uma contradição com o que vinha sendo pregado até então. Eu tive contato com militantes que vestiram a camisa verde, que foi uma das milícias integralistas, porque minha formação veio de militantes que participaram das milícias integralistas em Rio Claro. Então eles diziam o seguinte: eu jamais encontrei alguém assim como eu que fez essas críticas.”

Jenyberto sabe que suas críticas ao Chefe não são bem vistas entre os demais interessados em defender a doutrina integralista, mas se coloca como autorizado, justamente, por entender que a conhece profundamente:

“não que eu não tenha esse respeito, só que eu tenho liberdade de pensamento, coisa que eu acho que eles não tinham, baseado nesse, entre aspas, respeito. Então eles assim, embora eles não faziam diretamente nenhuma crítica como eu as faço, mas eles e... eles não... eu sentia que eles não... aceitaram mas não compreenderam essa virada que houve de até 35 você ensinar para os militantes que não deveria existir partido político, que deveria ser combatidos partidos políticos e etc, etc, etc. de repente numa reunião, digamos assim se muda

radicalmente, radicalmente toda a ideologia, a estratégia, e se adota então a participação política, através de partidos políticos, então foi isso que eu acho que foi o erro estratégico de Plínio.”

Desta forma, Jenyberto entende que é ele o único capaz de unir e mais, que, ao demonstrar os erros, pode planejar as estratégias para o futuro. Por isso, achou justo e importante lançar a idéia de um contra-manifesto ao elaborado pelo Congresso do MIB. Embora a fundação da AIR tenha sido em dezembro de 2004, o Manifesto da [Ação Integralista](#) ao Povo Brasileiro só foi lançado, pela internet, no dia 9 de julho de 2005. Data simbólica para o povo paulista, pois comemora o aniversário da Revolução Constitucionalista de São Paulo, sendo feriado estadual. É interessante notar um certo regionalismo nesta escolha, contrariando os princípios integralistas de nacionalidade defendido pelo integralismo e por integralistas como os irmãos Pedro e José, também nossos entrevistados que fizeram questão de mostrarem-se brasileiros e não só paulistas.

No manifesto, Jenyberto conclama o povo brasileira à reação diante da vitória de Lula nas eleições presidenciais, iniciando assim: “Irmãos Brasileiros ! O Povo Brasileiro vem sendo, durante muitos anos, enganado, explorado roubado e esmagado por forças estrangeiras e por maus brasileiros, imediatistas e materialistas, fantoches dessas mesmas forças, que estão destruindo todos os nossos valores e cometendo o maior de todos os crimes:

destruindo o futuro das próximas gerações.” E está disponível no site da AIR (<http://br.geocities.com/airevolucionaria>). Seguindo o Manifesto, estão algumas manifestações dos visitantes da página que comentam sobre o teor do documento e expressão opiniões pró e anti-integralistas, anti-fascistas. No preâmbulo do estatuto da nova organização, Jenyberto expõe o modelo de organização da AIR, pautando-o na experiência e conhecimento que, segundo ele, foram construídos ao longo de sua já longa história com o integralismo: “Os presentes Estatutos da AIR foram elaborados, após exaustivos anos de estudo dos Estatutos da Ação Integralista Brasileira (AIB) de 1934 e 1935, e da Doutrina, das Estruturas, da Organização, da História, e do funcionamento da AIB. Tem como objetivo principal reconduzir os Integralistas de volta às origens, quando a AIB era um Movimento Revolucionário (antes do Congresso de Petrópolis/RJ-1935), antes de a AIB, por um equívoco estratégico de nossos líderes, ser transformada numa máquina política burquesa (após o Congresso de Petrópolis/RJ-1935), onde deixou de ser

uma Idéia Revolucionária, um sentimento idealista do espírito humano, portanto, indestrutível, e passou a ser um Partido Político, onde foi esfacelado e destruído.”

Segundo ele, a eleição de Lula deixou muito preocupado diversos setores da sociedade que teriam ficado em estado de atenção contra a possibilidade de um “chavismo” no Brasil. Esse foi um dos pontos que, segundo ele, o levaram a criar a AIR. Assim nos falou sobre as expectativas desses grupos:

“(...)eu vi como naquele momento político que o Brasil estava tendo eu vi que o Brasil poderia caminhar para uma espécie de Chavismo, no nosso país. Então eu pensei que a gente mais do que hora de nos aglutinarmos e pensar em uma reação, até revolucionária, até armada mesmo! Em caso de necessidade. (...) por nós termos alguns elementos nas Forças Armadas, inclusive como militares, tanto da reserva quanto o pessoal mais jovem que está dentro das Forças Armadas. Claro que existe essa possibilidade, é claro. Porque revolução não se faz só com idéias, com palavras. A realidade é essa daí, numa eventual tentativa de ditadura, digamos assim, claro que nós chegamos a conclusão que dificilmente aconteceria isso. Mas digamos que houvesse uma radicalização. Então é nossa idéia central, desde o princípio, desde o dia 25 de dezembro de 2004 é se estar mais ou menos preparado para se haver uma resistência. Enquanto as idéias estiverem livres, o nosso povo estiver livre pra pensar pra criticar tudo bem. Se houver alguma tentativa...isso eu não... eu quero frisar para a Sra. mais uma vez, que nós não acreditamos nisso. Que não convém a quem está no poder, hoje. Hoje o interesse é de roubar, de saquear o nosso país, a nossa nação, do nosso povo.

I. Então não há interesse nenhum de se pensar de se fazer nada. Mas se houver uma tentativa de, além desse saque que está sendo feito na nossa nação, de se transformar ou de dominar o pensamento do nosso povo, com certeza esse pessoal vai ter uma grande surpresa.”

Elaborando estratégias de união dos grupos do integralismo atual, Jenyberto analisa a rede de debatedores das idéias doutrinárias e seu embates:

“Então se (...) pudesse fazer um diagrama, assim um esquema, é o seguinte Rio de Janeiro - Sergio. (...) Mas o Sergio como orientador e como um opinador via fórum, via esses fóruns que existem. Orkut também, mas principalmente fóruns. Então existe um conflito via... no virtual digamos assim, principalmente nos fóruns do Yahoo.

Então nesse fórum, o que acontece é o seguinte, um festival de horrores e de ofensas. Se polarizou assim, se formou assim: o Sergio, no Rio de Janeiro, mais Marcelo Silveira e Lucas, em São Paulo, em conflito direto, principalmente com o Cássio. E de forma mais tênue com

Marcelo Franchi³²⁹; os dois de Campinas. Uma radicalização mesmo, uma coisa impossível de ser contornada, porque eu tentei. E eu no meio tentando uni-los, explicando um monte de coisas.

Até que chegou num ponto que realmente eu percebi que não há a mínima chance, a mínima possibilidade de união entre esses grupos aí. E aí nós continuamos, então, a mantermos um certo contato com os dois grupos e desenvolver um trabalho assim mais de estudo, mais de organização com companheiros do Brasil, que a gente vem mantendo contato.

E o grupo de Campinas realmente através do Cássio do Marcelo Silveira³³⁰, Marcelo Franchi tem atuado tem feito um trabalho bonito, muito idealista. Mas eles estão desconectados do que eu chamo de movimento mesmo. É uma coisa quase que isolada.”

Para Jenyberto, a questão doutrinária também deveria ser revista e muito estudada:

“Enquanto doutrina eles se fixam, na minha opinião, em idéias anti-sionistas que eu acho que não é fugir desse assunto, mas eu acho que em termos de estratégia de reorganização do movimento existe esta questão dentro do movimento, sim. Mas não é, eu acho que não deveria assim, ser assim utilizar isso como estratégia de apresentação do integralismo às massas. Eu acho que é um erro estratégico mesmo erro, é um outro erro estratégico, da mesma forma que o Plínio Salgado cometeu um erro.”

Na proposta de reorganização do movimento, através da AIR, Jenyberto tem seus planos que, segundo ele, avança, lenta, mais solidamente para a união nacional entre os integralistas, sob sua direção:

“Ela se organiza como os comunistas se organizavam através de células, então nós achamos assim que a realidade nossa hoje, dentro do movimento é que se verificou que não há possibilidade, uma chance, pelo menos no momento de se realizar uma centralização, então houve uma pulverização em termos assim de núcleos e ... tudo isso, então nós optamos pra formação de células, então como são essas células? São de 3 a 5 pessoas aproximadamente que se reúnem pelo menos uma vez por semana e se discute e se conversa sobre o movimento sobre a situação do País e sobre a doutrina.”

³²⁹ Presidente da SENE, Marcelo Franchi

³³⁰ O Marcelo Silveira, ao contrário do que Jenyberto nos falou, não participa do grupo de Campinas, o MIL-B. O Marcelo Silveira pertence à FIB e teve alguns atritos com Cássio, conforme nos contaram alguns depoentes e pelas notícias que são passadas através da internet.

O projeto de Jenyberto de reorganização do movimento, segundo ele, já ultrapassou os limites de Rio Claro e está ganhando o Brasil através da internet. Segundo o depoente já existem, aproximadamente umas 360 células em todo o Brasil. De cada célula, participariam 3 a 5 pessoas, o que contabilizaria umas 900 pessoas atuando na AIR via virtual ou se reunindo fisicamente em diversos lugares: *“Pessoalmente se reúnem tipo em..., desde... algum lugar, tipo forças armadas, como em cidades. As pessoas às vezes pertencem a uma comunidade, às vezes até uma comunidade religiosa. Então naquela comunidade religiosa ele vê ou um, ou dois, ou três amigos, ali que têm mais ou menos a mesma idéia e pelo menos essa é a idéia...”* A idéia é que, em reuniões semanais as pessoas possam discutir questões doutrinárias e sobre a atualidade brasileira. Como disse o entrevistado: *“Nós mandamos então material pra eles periodicamente. Eles discutem assim a doutrina. Seria quase uma preparação de uma elite integralista pronta a atuar de forma independente. Não centralizada, independente.”* Segundo o depoente, a idéia é, diante da organização por células, é modificar o estatuto, trocando o cargo de presidente pelo de coordenador. São planos do grupo para 2007: *“Agora virou o ano, não deu tempo ainda, mas vamos fazer essa modificação. Nós vamos descentralizar totalmente. Não vamos ter mais assim um estatuto formal ou um tipo de presidente. Não, são coordenadores. São líderes que coordenam. Achamos que isso no momento, dentro do movimento integralismo é o que nós temos que fazer. Deixar uma coisa bem livre e cada grupo independente.”*

Jenyberto ainda procura trazer alguns nomes importantes dentro do integralismo, como nosso depoente Fernando Batista Rodrigues. Apesar de muito jovem, Fernando é considerado um pensador muito competente da doutrina. Fernando não se liga oficialmente a nenhum dos três grupos mais atuantes nacionalmente do integralismo atual.

Para o depoente, o que é preciso fazer é defender os princípios básicos da doutrina que foram desenvolvidos na década fundadora, a de 1930. A idéia é mantê-la intacta, com seu viés revolucionário, como acredita. No entanto, algumas questões, segundo Jenyberto, precisam ser revistas na atualidade, quanto à organização da sociedade via “democracia orgânica”

“Nós propomos uma outra idéia do que seria a democracia orgânica. Não bem como Plínio propôs. Eu acho que nós estudamos e avançamos nessa idéia. Porque o Plínio sempre dizia para não se

prender na personalidade dele, pra desenvolver as idéias dele. E foi o que nós estamos tentando fazer. Então eu acho que nós estamos chegando num ponto de democracia orgânica que seria muito interessante para o nosso país. (...) Então o Plínio ele faz duas apresentações da democracia orgânica em dois períodos. Ele faz inicialmente uma idéia, junto com o Reale, de uma democracia orgânica, nos seguintes moldes: que seriam as corporações, isso de 1932 a 1937, nesse período, que o país então seria dirigido pelas corporações. Mas desde o princípio ele não esclarece exatamente como seria, como se daria esse processo. (...) até aonde ele foi é que haveria uma espécie de representantes profissionais ou o que ele chamava de corporações, ou que nós poderíamos dar o nome de sindicatos hoje. E esses representantes iriam formar uma câmara corporativa só na parte econômica. Em princípio a idéia foi essa. Então os problemas econômicos do nosso país seriam resolvidos por essa câmara, a câmara econômica. E para por aí. Agora em 1966, ele apresenta um projeto. Como deputado ele apresenta um projeto da câmara orgânica. (...) Seria criado uma espécie de congresso paralelo, uma câmara orgânica paralela. Essa câmara orgânica, na idéia de Plínio, ela seria deliberativa... ela seria consultiva, perdão. Ela não seria deliberativa, ela seria consultiva, seria um órgão consultivo.(...) tudo controlado pelo Estado.”

A idéia da AIR seria Democracia Orgânica revolucionária, uma mudança radical:

“A profissão de político profissional, fisiologista, seria extinta. Essa raça de..., eu não estou falando em termos de raça, raça, mas essa raça que se formou no nosso país que explora nosso povo, de políticos ladrões, corruptos, seria extinta, seria esfacelada. O processo não se daria assim mais. Como se daria? (...) Como se daria em nível municipal? Como seria a escolha? Na idéia inicial do Plínio, os sindicatos escolheriam os representantes e esses representantes escolheriam o presidente da Câmara e o prefeito. Como é que é em nossa concepção revolucionária em nível municipal? (..) Nós teríamos, digamos, os sindicatos, e associações de classes e de bairro, escolhendo os representantes. Nós não teríamos maiôs que nos fixar em 19 vereadores, como é aqui em Rio Claro, por exemplo (...) o número poderia ser referente a tantas associações quanto existissem. Por quê? Por que eles não são remunerados, são líderes comunitários, são voluntários, são pessoas idealistas que vão trabalhar assim. Essas pessoas é que vão escolher o presidente da Câmara Municipal. Eles seriam tipos de vereadores, mas vindos dessas associações, de forma voluntária, como líderes comunitários e de profissões, também, associações e tal. (...) Como é que escolhido o prefeito hoje? Ele é eleito porque vem de um partido. (...) Na nossa idéia, haveria um concurso público, seriam concursados vindos de faculdades de administração pública, são executivos, contratados pela CLT. (...) São idéias

revolucionárias que rompem com tudo. (...) Não segue o molde que se seguiu até aqui.(...) Se ele roubar, se ele fizer qualquer desvio de coisa, a promotoria pública apresenta uma denúncia e aí ele é dispensado por justa causa. Ele é simplesmente um funcionário público (...) é um executivo (...)Em nível estadual, mesma coisa. Em nível nacional, os representantes das confederações de trabalhadores (...) representantes da sociedade, através das associações de classe (...) a remuneração desse pessoal seria feita através da própria organização deles (...) O senado, nós teríamos duas opções, ou ele seria extinto (...) Nós achamos que o senado é uma excrescência, é algo a mais desnecessário. Agora se quisesse criar um senado com pessoas ilustres do nosso povo, pessoas sérias (...) que fosse um órgão deliberativo. (...) vai virar uma ditadura? Não. A escolha do presidente é votação direta do povo, eleição direta. Mas de onde viriam? Os partidos serão extintos? Não. Nós poderíamos ter partidos ideológicos, de como que será conduzido, vamos dizer, a política econômica (...) Mas aí, os partidos deixariam de ser fisiológicos, voltaria a ser ideológicos. É mais ou menos essa a idéia do que seria, para nós, a democracia orgânica.”

Para Jenyberto, a AIR não aceita idéias que escravizem o povo. Não aceitam tanto ditaduras de direita, quanto de esquerda, nem comunista, nem liberal. Segundo o depoente estes sistemas representam a prática de dominação materialista

“No fundo são as mesmas coisas porque são idéias materialistas, que colocam o materialismo, o utilitarismo em primeiro lugar. Nós não pensamos assim. Nós pensamos que a primeira coisa é o ser humano. Claro que nós também não somos só espiritualistas. Por isso nós somos integralistas. Porque o ser humano ele precisa da parte material e da parte espiritual, dessas duas partes, mas tem que ter um equilíbrio entre isso. (...) Eu acredito hoje, que a idéia que nós propomos, através da Ação Integralista Revolucionária, eu acredito que esta seria uma terceira via que alguns pesquisadores não chegaram, até nós ainda para descobrir isso. (...) Nós ficaríamos mais com Keynes (...) uma intervenção do Estado, mantendo a liberdade de iniciativa privada. Como Keynes, amplo emprego. Intervenção para produção e não para especulação financeira. Voltado para a produção mais para o mercado interno, não que fosse desprezar o mercado externo, mesmo porque nós somos um país exportador, em essência.”

Jenyberto acha que hoje, mais que nunca, vivemos numa Matrix³³¹, onde as massas, independente da classe social, por necessidades materiais e pelo modelo que vivemos, vivem uma realidade pré-formatada. As pessoas procuram lazeres na televisão

³³¹ Matrix: filme onde os personagens se dividem entre o mundo real e o mundo virtual.

para fugir da realidade do dia-a-dia e um mundo virtual seria apresentado pela mídia para fazer chegar a elas um mundo inexistente na realidade. O nível de informação popular, também, segundo Jenyberto, é baixo. Por isso, a revolução não poderia ser iniciada pelas massas, embora estas massas devam fazer parte dela. A revolução seria iniciada por uma elite política consciente de uma outra realidade que seria apresentada às massas. Uma vanguarda revolucionária consciente que faria chegar às massas a própria revolução.

Atualmente, para o depoente, o país está sendo governado por elite de esquerda. E os militares, como nos disse, não estariam fazendo nada porque se criou uma síndrome de revolução:

“Nós fizemos uma revolução, saímos como uns cachorros, como criminosos, e agora o povo está se ferrando (...) que se dane! Não foi isso que vocês queriam? E nisso, existem crianças abandonadas nas esquinas de nosso país, existem pessoas que não conseguem empregos, e se mantém isso. Não há modificação nenhuma. Então, estamos ou não numa espécie de Matrix? Até os companheiros nossos que estão atuando de uma outra forma, no fundo, no fundo, no fundo, eles fazem parte do sistema. Não há alteração nenhuma, vai substituir esse sistema pelo quê? Eles não esclarecem? Os meus próprios companheiros que estão atuando, eles não têm nenhuma proposta clara. Nós temos.”

Jenyberto nos disse que, por enquanto, a ação da AIR se restringe à criação de células de discussão. Estão sendo criados 21 fóruns para análise dos problemas brasileiros. Não há preocupação de exteriorização dos simbolismos do integralismo. Não há exigência de uso do uniforme, embora possam fazer uso do cumprimento “Anauê”, possam cantar o Hino Avante, e utilizarem o Sigma como símbolo. O exercício de consolidação do grupo se daria pelas idéias e pelas trocas destas através, principalmente da *internet*. Por enquanto, a revolução pode esperar.

5º Capítulo

Nas gerações, continuidades e rupturas na re-produção doutrinária

I. Memória sob poeira – onde, por que e o que lembrar

“ ‘Camisas-verdes’! Quando quiserdes ver o vosso Chefe, olhai para os vossos companheiros. Quando quiserdes ouvir a voz do Chefe, rufai vossos tambores, soprai vossos clarins. Quando quiserdes sentir o espírito do Chefe, marchai porque ele estará no rumor dos vossos passos: os pensamentos andam como as pernas (...) O Chefe não é uma pessoa: é uma idéia”³³²

O texto acima é parte de um discurso de Salgado em 10 de dezembro de 1934, dedicado aos bacharelados da cidade de Jaboticabal que se formaram na Faculdade de Direito em São Paulo neste ano. O Chefe estava ausente no dia em que os formandos comemoraram a sua formatura. O discurso foi lido como forma de se desculpar pela ausência e para agradecer o comparecimento de 4 legiões de camisas-verdes, segundo seu relato. Seriam, aproximadamente, 1.300 milicianos que o teriam esperado para a comemoração na cidade de Jaboticabal, um dos municípios brasileiros considerados “cidades integralistas”.

Este trecho, emblematicamente, torna-se referência para o papel do Chefe e da doutrina na constituição da memória do movimento. No filme de Sérgio Sanz, “Soldado de Deus”, sobre o movimento, o trecho, decorado, é exclamado pelo afilhado de Salgado, filho de seu secretário, o Padre Crispim. Nele se confirma, como Hannah Arendt percebeu na sua interpretação de totalitarismo, a importância do líder e do que significa o que escreve ou fala. Além da autoridade hierárquica está a capacidade do líder tornar seu desejo a expressão da vontade de um grupo. Segundo Arendt, o exercício do poder, já que

³³² SALGADO, Plínio. “Elogio da ausência” – de Carta aos camisas-verdes. In *Obras Completas*. São Paulo: Editora das Américas, 1955, pp. 257-258.

não haveria níveis intermediários definidos no totalitarismo, se daria pela relação do líder com seus liderados. Uma relação direta que deveria ser mantida “em qualquer lugar e a qualquer momento”³³³. Assim, o desejo do líder, transmutado em vontade de seus liderados, representaria a permanência do corpo vivo do próprio líder através da idéia, já que o desejo do líder pode encarnar-se.

No integralismo, também o desejo e a obediência ao Chefe, no que se escreveu e no que se preservou como memória, durante sete décadas, atesta a sua presença. Por isso o que se rememora torna-se verdade e mantém-se na continuidade do movimento. Conhecer e interpretar, segundo a perspectiva filosófico-doutrinária do Chefe, significa torna-se seu herdeiro, um verdadeiro integralista.

A preservação da memória se dá pelo respeito à continuidade de uma coerente linha de pensamento produzida pelos ideólogos da Ação Integralista Brasileira. Esta direção pode ser constatada, desde a década de 1930, tanto na literatura produzida pelo integralismo³³⁴, quanto pela existência de inúmeros grupos que defendem suas idéias e que se propagam por vários locais do Brasil, ou através da *internet*, nos que podem ser considerados núcleos virtuais. No entanto, isto não significa a uma leitura única da doutrina originariamente construída entre 1932 e 1937.

Esse caminho, marcado por revezes e reformulações, passou por épocas traumáticas. Além dos enfrentamentos nas praças e ruas com os comunistas, o que provocava entre os dois grupos um ambiente de guerra civil, os integralistas foram atingidos pela cassação, primeiro como Partido, em 1937, depois como Centro Cultural em 1938. A idéia de transformar a AIB em Centro Cultural, segundo consta do relato de Gerardo Mourão e da obra de Hélio Silva, ocorreu logo após o anúncio de implantação do Estado Novo em fins de 1937. Teria sido uma tentativa de Salgado de responder a Vargas com a permanência do integralismo na vida pública, agora não mais dedicado a ações políticas explícitas, como na vida partidária e, assim, manter vivo o integralismo. Manter

³³³ ARENDT, Hannah. *Totalitarismo, o paroxismo do poder – uma análise dialética*. Rio de Janeiro: documentário, 1979, p. 154.

³³⁴ Entre outras obras, estas referem-se à essa continuidade, muito presente e próxima, daqueles que estudam o integralismo atualmente: BERTONHA, Fábio. *Fascismo, nazismo, integralismo*. São Paulo: Ática, 2002. *idem* Integralistas e pesquisadores do integralismo: o embate entre Memória e História. In DOTTA et alii. (orgs.) *Integralismo: Novos estudos e reinterpretações*. Rio Claro: Arquivo Público, 2004. VICTOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete – História, Memória e Esquecimento*. Goiânia, UCG, 2005.

viva a idéia representava manter a esperança da revolução integralista³³⁵, a de chegar à sociedade política com o apoio dos que acreditavam na salvação social pelo primado do espírito. Durante toda a sua vida, Salgado procurou manter vivo o integralismo até sua morte, como atesta seu acervo pessoal à disposição para pesquisa no Arquivo Municipal de Rio Claro.

Com importante repercussão nacional durante os seis anos em que se organizou o integralismo na década de 1930, o movimento político e social contava com eficientes meios de propaganda. Esta, feita através de livros, periódicos, revistas fotográficas, panfletos, comícios, marchas, organização de concursos e uma pequena produção cinematográfica que conseguiram chamar à adesão milhares de pessoas. Também como forma de propagar seus ideais, a AIB mantinha núcleos integralistas que assistiam familiares e comunidades, oferecendo-lhes atendimento médico e escolar. Assim, o arcabouço teórico popularizado era exposto, em forma de discursos nas reuniões semanais dos núcleos. Estas reuniões semanais, cuja organização é reproduzida atualmente nas pequenas reuniões nucleares e nos grandes encontros, obedecem aos mesmos rituais da década de 1930.

A arrumação do ambiente para as reuniões de hoje, segue as regras do período fundador: a mesa principal, onde ficam os que fazem os discursos; na parede atrás da mesa, ao centro, fica o retrato do Chefe Plínio Salgado. A bandeira azul com o sigma pode ladear o retrato do Chefe. A bandeira do Brasil também deve estar presente. Senta-se ao centro, o principal membro do grupo, ou o organizador do evento. Ao seu lado, em reuniões periódicas, o secretário. Em reuniões festivas, os convidados.

Na década de 1930, as reuniões eram abertas com a entoação do hino nacional, cantado apenas a primeira parte. A segunda parte do hino, iniciada por “Deitado eternamente em berço esplêndido” não era aceita pelos integralistas, pois não admitiam uma suposta alusão à incapacidade do povo brasileiro de reagir às suas mazelas. Atualmente, somente alguns núcleos, principalmente os que têm na direção um velho militante da AIB respeitam essa regra. Mas não se nota atualmente esta preocupação em

³³⁵ A “revolução do espírito” significaria a capacidade dos homens em absorver o ideal integralista, superando o materialismo e absorvendo a visão espiritualista proposta pelos ideólogos do movimento. Seria uma revolução interior, o que também incluiria mudanças nas posturas sócias do militante.

cantar ou não a segunda parte do hino, ou por não a considerarem nociva à honra nacional, ou, principalmente por desinformação dos novos integralistas.

A sessão era e é aberta pelo dirigente principal com um discurso para expor os motivos da reunião. Na década de 1930, estes eram os chefes municipais e tinham como objetivo maior a doutrinação. Nos períodos posteriores, a doutrinação continua importante, mas, de certa forma, o esvaziamento do movimento, desde a decretação do fim da AIB, tornou mais necessária a discussão das formas de enfrentamentos das questões políticas e a manutenção do próprio integralismo. As reuniões doutrinárias se dão com apresentação de palestras nas quais, os integrantes do movimento apresentam discussões atualizadas à luz da perspectiva da doutrina produzida pelos principais ideólogos do período da AIB. Não se pode fugir à esta regra. Expressar-se de outra forma demonstraria desconhecimento dessa perspectiva fundamental para o integralismo.

A base doutrinária segue o *Manifesto de Outubro*, no qual a idéia de síntese filosófico-espiritualista é essencial (termo muito utilizado pelos militantes da década de 1930). Nesta síntese está contida toda a visão específica do integralismo das condições da família; da concepção integralista do trabalho; da interpretação do significado integralista para democracia; dos conceitos de liberdade; do comunismo e do que significa o imperialismo como fator de destruição da humanidade do homem e vitória do materialismo. Neste sentido, o que denominam “capitalismo judeu”, “o capitalismo sem pátria”, seguindo a ótica de Gustavo Barroso, também é apontado como fator importante a ser combatido. Outro ponto privilegiado na construção da memória integralista reproduzida em todos os contextos é a sua especificidade em relação ao fascismo. Este tema ganhou maior importância, como já foi dito antes, conforme a derrota do modelo europeu foi sendo tratada diante da vitória aliada na Segunda Guerra Mundial. E, atualmente, diante da ascensão dos neo-fascismos, principalmente na Europa, a mídia atualiza constantemente o discurso da memória do holocausto e da intolerância.

Assim, estas questões são discutidas nas reuniões integralistas, desde a fundação do movimento. Agregando significados conjunturais, retorna-se sempre aos temas acima citados, importantes para a manutenção do foco e razão de ser da AIB, a construção da nova humanidade, o Estado Integral.

Ainda que sejam modificadas as maneiras de chegar aos destinatários os discursos ideológicos integralistas, como hoje, através da mídia eletrônica, o referencial moral e ético ainda se preserva nos jovens integralistas de hoje. E, segundo os relatos desses novos militantes, é o que os encanta: a idéia de que algumas pessoas no passado tinham propostas e mesmo algumas respostas para os anseios ainda presentes do povo brasileiro. Diante de uma percepção de um mundo caótico, os novos integralistas procuram a via da ordenação nacional-autoritária.

A produção do material a ser considerado referência na produção da memória é datado: a década de 1930. E isto não quer dizer que não possa ser re-interpretado. A origem é considerada, mas não significa que não possa ser lida através de significados atualizados pelo contexto. Assim fizeram os perrepistas e assim fazem os novos integralistas que conservam como ícones, como *lugares de memória*, o material produzido na década de 1930 pelos ideólogos da AIB.

O integralismo, desde sua fundação, prima pelo interesse pela divulgação de seus propósitos e em levar à discussão seus pontos de vista, suas visões de mundo, procurando expandir o público leitor, visando o convencimento e a adesão ao ideal do movimento. A produção intelectual, doutrinária ou organizacional, que dá suporte à construção de uma memória do movimento, interliga e dá coerência à montagem dos argumentos que as três gerações estudadas neste trabalho utilizam para manterem a identidade integralista. Por essas gerações perpassam conjunturas, contextos em que as questões sócio-políticas e culturais tornam-se e afetam as escolhas de épocas e temas a serem lembrados. Porém, há eixos que suportam a referência ao movimento iniciado em 1932. Há, da mesma forma, reconstituições e reinterpretações que permitem a negação ou esquecimento de certos vínculos ou acontecimentos.

A ascensão dos governos fascistas e outros tipos de movimentos de cunho totalitário, que tomavam impulso na Europa, e mesmo na América, no início do século XX era usada para demonstrar a força e a semelhança dessa forma de governo autoritário com o integralismo. Alguns artigos de revistas e jornais da época não procuravam esconder a admiração pelo fascismo. E o anti-semitismo³³⁶ é colocado sob a ótica da necessidade de

³³⁶ A tônica anti-semita, tão escondida posteriormente, aparece claramente nos textos dos periódicos integralistas, como as revistas *Panorama* (editada em São Paulo sob a direção de Miguel Reale e que teve 14 edições, de janeiro de 1936 a outubro de 1937) e a *Anauê* (que tinha como redator-chefe Eurípedes Cardoso

se combater o materialismo. Que é relacionado, por aproximação, na visão integralista, ao comunismo e ao capitalismo. O que estaria submerso nesta interpretação seria a sua impregnação pelo ideário cristão que carrega em si a insatisfação com a não submissão judaica ao catolicismo medieval. Como demonstra um trecho do jornal *A Offensiva*:

“(...) é só ouvir falar em Idade Média que o judeu sente arrepios. A era medieval representa espiritualismo unidade e disciplina. Isso não convém ao judeu que é materialista, dissolvendo o arcaico por índole (...) é necessário, portanto, que os judeus se enfileirem contra a criação moralizadora dos camisas verdes. Porque o território Biro Bujan é muito bonito nos cartazes de propaganda facciosa, mas vejam se há algum judeu que queira ir para lá...”³³⁷

Antônio Cândido chama atenção no prefácio escrito para o livro de José Chasin da existência “praticamente em todos [integralistas], pelo menos um incremento do vago anti-semitismo latente no católico médio.”³³⁸

O integralismo procurou incorporar à doutrina, na busca de adesões, visões e versões de mundo já existentes no substrato cultural do povo brasileiro, principalmente no que se refere à ligação do povo brasileiro com o catolicismo. Nesse sentido, procurava absorver do senso comum, concepções de mundo que seriam facilmente digeridas pelas massas. O próprio lema “Deus, Pátria e Família” reproduz o apelo da Encíclica Papal *Rerum Novarum* de ordenação do mundo, pelo controle moral, tendo a família cristã como suporte primeiro, sustentando toda a sociedade.

A questão cultural brasileira, assim como observou Gramsci no caso italiano, foi primordial na incorporação popular à idéia de submeter-se a um Estado absorvente. A construção de um arcabouço teórico que explicasse a eficiência de uma forma de governo necessitava de elementos organizadores e dirigentes na composição de seus contornos econômicos políticos e sociais. Estes intelectuais orgânicos, defensores de suas posições de classe e da hegemonia de uma forma de pensar que acreditam ter sido produzida para manter intacto seus estratos sociais e, por extensão o *status quo*, seriam os responsáveis por, além de organizar e dirigir, moldar o Partido. Como mostra o filósofo italiano:

de Menezes, editada no Rio de Janeiro, de janeiro de 1935 a novembro de 1937. O jornal *A Offensiva*, editado no Rio de Janeiro. com direção Plínio Salgado e, tendo como secretário Madeira de Freitas, circulou entre maio de 1934 e março de 1938, mês da primeira tentativa de tomada de poder pelos integralistas.

³³⁷ *A Offensiva* de 18 de outubro de 1934, p.3.

³³⁸ CHASIN, *op. cit.* p.12.

“Quando na história se elabora um grupo social homogêneo, elabora-se também, contra o senso comum uma filosofia homogênea, isto é, coerente e sistemática.”³³⁹

Os intelectuais do movimento, de origens sociais diversas, reproduziam os interesses de frações de classe da pequena burguesia urbana, principalmente. Formulavam, ao comporem a doutrina, uma mescla entre concepções de mundo de uma instável classe média e de controle do mundo do trabalho, características do conjunto heterogêneo das frações dominantes, urbanas e rurais. A rigor, imbuem-se da mesma racionalidade do “Estado” burguês.

É preciso, para efeito de embasamento desta análise, no meu entender, relacionar as redes de intelectuais que, se não diretamente, pelo menos, de certa forma mantinham contatos com o integralismo. Na primeira fase, o movimento integralista se organiza nacionalmente contando com, além da liderança de Salgado, o “Chefe Nacional”, com intelectuais importantes, como Miguel Reale, Chefe do Departamento de Doutrina; Gustavo Barroso, Chefe da Milícia; Madeira de Freitas, do Departamento de Propaganda; Olbiano de Mello, Chefe da Província³⁴⁰ de Minas Gerais; Luiz da Câmara Cascudo, o folclorista, Chefe da Província do Rio Grande do Norte; o professor e intelectual mineiro, elemento do “estado maior” integralista, Francisco San Tiago Dantas, Roland Corbisier, Goffredo Silva Telles, Marcos Sousa Dantas, do padre Helder Câmara, entre outros. Estes intelectuais transitaram pelas três gerações estudadas, uns permaneceram fiéis às idéias e ao Chefe Salgado. Outros mantinham a afinidade, mas escolheram outras formas de participação política fora do integralismo. Ainda alguns se distanciaram voltando-se para alternativas antagônicas à direção ideológica instituída pela AIB. Entre os maiores formuladores e intérpretes da doutrina dos primeiros tempos do integralismo assinalados acima, todos mantiveram-se ativos quanto à participação na vida pública brasileira, ainda, que para alguns, isso significasse esconder o passado.

Durante a segunda fase, alguns importantes membros da AIB permaneceram fiéis ao integralismo, como, Goffredo Telles Jr., Raymundo Padilha e Loureiro Junior. Como dito acima, Plínio Salgado, em 1952, organizou os Centros Culturais da Juventude, onde os jovens “Águias Brancas” tinham aula de Filosofia, Sociologia, Economia, Política

³³⁹ *idem, ibidem*, vol.1, p.114.

³⁴⁰ Os integralistas preferiam “província” ao termo “estado” – certa referência aos tempos do Império, ainda que não afirmadas.

Internacional, Geografia Econômica do Brasil, Interpretação da História etc. Segundo Salgado, a iniciativa de educar os jovens no integralismo representava uma ação contra a organização da juventude comunista através do *Kommunisti Internationali Molodoi*, a versão do Comintern para a Juventude Comunista Internacional com sede na URSS. Foram fundados quinhentos e quatro Centros Culturais e neles, além das aulas e conferências eram dados cursos de antimarxismo. O antigo Chefe da AIB considerava seu empenho em educar os jovens uma atitude redentora, a qual acrescentou a de lançar livros anticomunistas para fazer frente às publicações do partido comunista. Salgado considerava-se o principal organizador da oposição ao modelo soviético, considerando o semanário “A Marcha”, fundada por ele em 1953, o principal órgão divulgador da luta anticomunista. Assim, na perspectiva de se tornar porta voz de grande parte da população brasileira que comungava a mesma antipatia pela União Soviética, candidatou-se a presidente para as eleições de 1955, concorrendo com Juarez Távora, Adhemar de Barros e Juscelino Kubitschek.

Atualmente, alguns novos intelectuais reconhecidos apenas entre os integrantes do movimento. fazem leituras e /ou reinterpretem as idéias produzidas na primeira e segunda fase. O parâmetro para a aceitação dessas produções é o entendimento da essência doutrinária que, constantemente é julgada e avaliada entre os leitores desses trabalhos.

No plano da relação entre sociedade política e a AIB, a proximidade entre alguns importantes intelectuais que participavam das confecções de projetos governamentais, como Francisco Campos, Azevedo Amaral e Oliveira Vianna, era, senão de adesão, de manutenção de trocas cordiais de opiniões. Vez por outra, algum artigo desses intelectuais era publicado nas revistas integralistas destinadas a um público mais intelectualizado, a *Revista Panorama*, por exemplo. Outras revistas, como a *Anauê*, repleta de fotos e reportagens destinadas a mostrar à militância o crescimento do movimento e as maneiras como o integralista, homem e mulher deveriam se comportar. Pela exemplificação, procurando compor “personalidades” integralistas, as revistas e jornais procuravam focar em suas reportagens e crônicas, a especificidade do integralismo em relação a outros movimentos, tanto o fascismo italiano e alemão, quanto ao comunismo. A espiritualidade seria a tônica da diferença. No entanto, apesar de marcarem diferenças entre esses movimentos e o integralismo, a simpatia pelo fascismo e o ódio ao comunismo

estavam, na maioria das publicações do movimento, entre 1932 e 1938, claramente demonstrados.

A proposta da ideologia que se construía, tanto no fascismo, como no integralismo, seria suplantando sistemas tradicionais e substituí-los por outros com as mesmas características que visassem influir sobre as massas populares, estabelecendo-se enquanto força política externa e elemento de força coesiva das classes dirigentes. Para Gramsci, estas ideologias serviriam como elemento de subordinação a uma hegemonia externa que conteria as visões de mundo originais das massas populares de forma negativa, sem inculcar de maneira positiva sobre elas, a necessidade de transformação interior. O pensamento popular, deste modo permaneceria caótico e fragmentado.

Como instrumentos de divulgação dos ideais integralistas, os jornais (como o *A Offensiva*, *O Integralista* e *A Acção*) tratavam, principalmente, da vida política e cotidiana do país e do crescimento do movimento. O cotidiano era analisado sob a ótica moral do integralismo, avaliado e reinterpretado segundo as perspectivas doutrinárias e estratégicas na *guerra de posição*. As matérias eram compostas, em sua grande maioria pelos editores e intelectuais integralistas, demonstrando o cuidado e o controle com que mantinham as idéias costuradas à doutrina.

Pensando a composição do grupo dirigente integralista como defensores de interesses de frações da classe média e pequena burguesia, estes *intelectuais orgânicos* propugnavam organizar e dirigir as massas na disputa na sociedade civil por espaços que os permitisse fazer o movimento alcançar a hegemonia na sociedade política. Por isso, as estratégias que organizavam fazem parte da *guerra de posição* para a qual contavam com forte apoio clerical, de padres de paróquias a bispos, dos chamados *intelectuais tradicionais*, aqueles que tradicionalmente fazem a ponte entre as massas e o poder constituído.

Os integralistas visavam duas táticas com o objetivo de chegar à hegemonia do Estado: a *guerra de posição*, como indicada acima e *guerra de movimento*, como organização que dispunha de aparato para-militar e que se organizou institucionalmente como partido político.

Voltando à análise de Gramsci, na Itália, os intelectuais orgânicos da burguesia, em acordo com os intelectuais tradicionais, para a consolidação dos interesses das classes

proprietárias, tiveram grande importância nos desdobramentos da história italiana desde o *Risorgimento*. No caso do Brasil, estas forças não se compuseram de forma representativa nem no âmbito da sociedade política e muito menos no integralismo. Os interesses em disputa, em plena crise de hegemonia, no período entre 1930 e 1937 não produziram consenso mínimo, em termos de forças econômicas e políticas, para que se forjasse um esboço conjunto de governo pelas classes proprietárias.

Para se entender a posição e o papel dos integralistas na disputa pelas posições políticas na sociedade brasileira e de que forma os seus discursos pretendiam representar os anseios da sociedade é preciso conhecer os mecanismos de elaboração destes discursos. A constante troca dialógica entre intelectuais e militância de base, estimulava o refazer do que se produzia em termos de propaganda e doutrinação. Como mostra Bakhtin, a absorção de novas idéias se dá pela imposição de outras formas de pensar, ou visões de mundo, que, ao se constituírem no processo de luta de classes, substituem as antigas certezas ou culturas para a afirmação da hegemonia da classe que detém o controle da sociedade política. Desta forma, também, ao longo dos três períodos analisados neste trabalho, a absorção de idéias para a composição das memórias, ou de uma única memória integralista, se dá no processo de disputa pela hegemonia também de visões de mundo. Os integralistas absorvem ou rejeitam, conforme a necessidade de se integrar a novos contextos, ao mesmo tempo que rejeitam, certas ligações ideológicas do passado.

O movimento integralismo participa neste espaço de disputa no Estado ampliado elaborando táticas e ações afirmativas no sentido de negociar, pela resistência ou submissão, as formas de coerção e consenso que integram a relação entre os governos e o resto da sociedade. Torna-se necessário, portanto, fazer a crítica das produções endógenas do movimento e procurar perceber seus interlocutores externos, sejam eles representantes do poder instituído, ou seus antagonistas e como foram anexadas as contribuições dos ideólogos principais à articulação e reprodução do discurso integralista, reconhecendo a sua construção e reconstrução no processo histórico e o constante conflito comunicativo que permeia a doutrinação partidária: a recepção pela militância da produção dos intelectuais doutrinários.

Para fazer chegar as suas idéias a sociedade e, desta forma agregar apoios aos seus projetos de conquista de hegemonia, o integralismo utilizava-se intensamente dos

meios de comunicação, como rádio, revistas e jornais. Ao procurar persuadir pela propaganda, os jornais integralistas utilizavam técnicas de persuasão, como apontou Ana Carolina Batista³⁴¹. Utilizando-se da análise de James A. C. Brown, a autora relaciona estas técnicas, principalmente as que estão presentes no jornal *Offensiva*, de grande circulação nacional e que alcançou os nossos depoentes do primeiro período e que, atualmente, torna-se trunfo e inspiração para os novos militantes na reconstrução da memória integralista. Segundo Batista, a primeira destas técnicas seria a da criação de estereótipos, como os dos judeus e comunistas, que representariam a contraposição ao integralista. De um lado, o materialismo dos primeiros, de outro a espiritualidade do segundo. Outra técnica utilizada seria a de substituição de nomes. Neste caso se substitui uma palavra por algum termo que possua uma conotação emocional que o grupo reconheça como identificação à causa ou ao movimento, por exemplo, a substituição dos nomes próprios dos militantes por “camisas-verdes”. Ou mesmo quando algum militante morre que se diz ele foi para a “milícia do além”.

Ainda há a seleção de informações. As notícias selecionadas servem aos propósitos do movimento, passam da função meramente informativa para a de propaganda do movimento. O meio de informação assume o papel de direcionar as escolhas, de demonstrar somente a interpretação do grupo. Desde as primeiras páginas até os espaços escolhidos para a colocação de notícias nos jornais obedecem a essa lógica de indicação ideológica da linha editorial.

A técnica da repetição foi também utilizada pelos meios de comunicação do movimento. O fato de se afirmar algo várias vezes levaria a aceitação da afirmação como verdadeira. A idéia também pode ser interpretada pela máxima que é atribuída a Hitler de que “uma mentira repetida muitas vezes torna-se verdade.” O uso de *slogans*, palavras-chave e palavras de ordem também são utilizados nesta técnica, como apontou Batista. E, como constatou a autora, algumas manchetes e matérias eram reproduzidas em outros jornais e em outros meios de divulgação integralista. Esta repetição era concomitante em vários periódicos, mas pode-se observar que a técnica de repetição ultrapassa os limites da

³⁴¹ BATISTA, Ana Carolina Mota da Costa. Integralismo: Propaganda Ideológica, Imprensa Escrita e o Rio de Janeiro. Rio de Janeiro Universidade Gama Filho. Trabalho de Final de Curso, 2006. Ana Carolina apoiou-se em: BROWN, James A.C., *Técnicas de Persuasão: da propaganda a lavagem cerebral*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

produção do texto e aparece no decorrer do movimento como estatuto de verdade, pois permanente no tempo e porque eterniza a idéia.

Há o caso da *Enciclopédia Integralista*, publicada em 1958, que reproduz os textos da década de 1930, alguns revisados, mas com intenção de demonstrar a permanência de posições do movimento frente a certas questões. Na atualidade esta repetição é uma constante. Os textos dos ideólogos tornam-se referência às formas de pensar do integralismo e são replicados em *sites* da *internet* e periódicos.

Quanto à técnica de afirmação esta é utilizada com o objetivo de fazer uma posição tida como verdadeira. Constrói-se a verdade com a supressão de sua negação. Ou, não se permite a dialética. Não há oposição, porque existe só uma verdade.

A construção ideológica de um inimigo também é um recurso utilizado, como mostra Batista. Ao apontar um inimigo, se forja a oposição a este e se fortalece a identidade do grupo em relação ao que lhe é estranho, ao que é diferente.

Outro recurso, como técnica de persuasão na propaganda seria o apelo à autoridade. Este tipo de apelo pode ser religioso ou a figuras políticas. Quanto ao integralismo, o próprio Chefe Nacional Plínio Salgado representa a autoridade inquestionável, absoluta e insubstituível. Ninguém acima do Chefe, que representa o *símbolo personificado* do integralismo, como escreveu Batista.

Reconhecendo a continuidade do processo histórico, do desenvolvimento do integralismo brasileiro, desde 1932 até 2007 e inter-relacionando a características do presente às do passado, coloco-me diante de algumas perguntas: como a construção documental da memória é selecionada pelo movimento? O que interessa guardar? Nos arquivos, o que se guarda? Em cada fase, o que se escreveu sobre o integralismo? Quem produz o texto? Quem é considerado portador da verdade? O que os núcleos defendem e como se organizam? O que disputam entre si?

O que é importante, nesse processo, é constatar que a produção intelectual da geração fundadora da AIB ainda continua sendo o suporte básico para as reconstruções que o movimento integralista teve que elaborar de si mesmo para sobreviver às mudanças contextuais.

No período 1932-1937, um dos principais meios utilizados pela AIB para atrair para a militância eram os romances escritos por Salgado, principalmente à época em que

participou, através do grupo *Verdeamarelo*, do movimento modernista brasileiro. Pode-se dizer que o integralismo continua existindo, com diversos grupos que se organizam em todo o território brasileiro e que ainda buscam nas obras de Salgado, de toda a sua vida, os parâmetros ideológicos e políticos com vistas à tentativa de implantação do chamado “Estado Integral”. Considerando um dos impasses da modernidade a universalização de aspectos culturais hegemônicos e a aparente destruição das diferenças nacionais, parte da juventude brasileira resgata memórias da história do integralismo e a re-visita buscando nas bases filosóficas, elementos para a construção de uma utopia que, ao invés de assentada no processo do devir, assume a posição contrária a de fazer revolver a marcha da história. A idéia de revolução, neste sentido, tem significado de eterno retorno ao tempo de antes, o que teria sido o melhor. A busca pela utopia³⁴² estaria no passado, ainda que ele seja idealizado. Momentos de mudanças no mundo do trabalho e das relações sociais ainda é visto pelos novos integralistas como norteadores de suas posições, ainda que as exigências de respostas, neste início do século XXI requeiram decisões múltiplas diante da diversidade de respostas que as transformações tecnológicas impuseram à sociedade pós-industrial.

Deste modo, tanto os integralistas de 1930 quanto os de hoje mantêm certas posturas e buscam preservar tradições que consideram as do povo brasileiro: o comportamento moral conservador, uma nacionalidade extremada, um anti-semitismo arraigado à uma ótica cristã discriminadora e autoritária, um intolerância com qualquer movimento ou pensamento que esteja considerem à parte dos princípios cristãos. Tal como versava, na atualidade, o Estatuto aprovado no Encontro integralista de dezembro de 2004 que criou o Movimento Brasileiro Integralista e que durou pouquíssimo tempo: “O MIB se intitula de cunho cristão, porém aberto a todas as pessoas de todas as denominações religiosas, desde que respeitem os costumes, a moral, as tradições e os princípios cristãos e brasileiros.”

Conforme o escrito acima, a produção do que merece ser lembrado se dá na década de 1930. Nesta época foram escritos o que denominaremos documentos fundadores. Estes documentos descendem da base doutrinária defendida no *Manifesto de Outubro*. Dele são retiradas as discussões, análises contextuais e filosóficas que aparecem

³⁴² MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. op. cit.

nos textos produzidos desde então. A redação do *Manifesto* é do Chefe Salgado. Principal mentor do integralismo, às suas obras e ao próprio Salgado, todos se dirigem. Os pontos de referência principais partem dele: cidade de nascimento; estado em que nasceu e viveu; família; obras; acervo – sua própria vida. Para os integralistas, este material produzido por Salgado e as obras dos principais ideólogos movimento são seus *lugares de memória*. Podem encontrá-las nas livrarias que vendem livros usados, os sebos. Em algumas cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro e Niterói, desde 1996, quando iniciei a pesquisa, sempre que perguntava aos vendedores sobre obras e autores integralistas eles respondiam que havia procura pelas obras, principalmente por parte de jovens. Os livros e artigos mais importantes do movimento estão reproduzidos nos vinte volumes das *Obras Completas* de Plínio Salgado e na *Enciclopédia Integralista* que não são reeditadas desde a década de 1950.

As obras de Salgado são fonte especial para os integralistas posto que são a matriz do pensamento integralista em todas as suas fases e estão presentes nas suas *Obras Completas*: Podemos dividi-la em três partes: a da década de 1920/1931 que é o período inicial da produção de Salgado e que marca a sua “descoberta” do nacional através dos romances e de sua inserção no Movimento Modernista de 1922, anterior à AIB; a da década de 1930 que se relacionam diretamente ao integralismo e compõem a sua doutrina e da década de 1940 e 1950 que contém textos de Salgado no exílio (1939 a 1946) e na montagem do partido de Representação Popular. A maioria das obras religiosas de Salgado é deste período. Mas não perdem o teor doutrinário. Outros textos integralistas de Salgado da década de 1930 são amplamente revisitados para a manutenção da memória, principalmente o Estado Totalitário e Estado Integral, distribuído em forma de panfleto, como o que está guardado no Arquivo Público do Rio de Janeiro.

Das mais importantes fontes primárias relacionadas pelos pesquisadores do integralismo, a *Enciclopédia Integralista*, editada pela Livraria Clássica Brasileira, é fundamental para o acompanhamento da história produzida no e pelo movimento. A *Enciclopédia Integralista*, foi publicada em comemoração aos 25 anos do integralismo e contém treze volumes e que reúne obras e artigos, do período de 1930 ao de 1960. A *Enciclopédia* reúne obras de Plínio Salgado, desde o *Manifesto de Outubro* até seus discursos Parlamentares como membro do PRP. Ainda contém artigos sobre educação escritos por: Everardo Backeuser;

Pe. Helder Câmara; Belisário Penna; Margarida C. Albuquerque Corbesier; Leopoldo Aires; Carmen Pinheiro Dias e do próprio Salgado. Integram a *Enciclopédia* as legislações internas do movimento; estudos e depoimentos de Tasso da Silveira; Augusto de Lima Júnior; Felix Contreiras Rodrigues; Rocha Vaz; João Carlos Fairbanks e Jayme Regalo Pereira; Loureiro Júnior; Miguel Reale; Hélio Vianna; Luiz Compagnoni; José Garrido Torres; Antônio Galotti; Leopoldo Ayres; Ernani Lomba Ferraz; Ângelo Simões de Arruda; Rômulo Almeida e Lauro Escorel. A obra apresenta ainda uma coletânea de poetas integralistas. Pode-se acompanhar pelas produções publicadas na obra, além do pensamento, as trajetórias de importantes intelectuais brasileiros

Das obras integralistas de Miguel Reale, existe uma publicação do seu conjunto dos anos de 1931 a 1937 em 1983 pela editora da Universidade de Brasília com apoio da Fundação Roberto Marinho. Quanto a Gustavo Barroso, as suas publicações à época da AIB só são encontradas em edições da década de 1930 e tornam-se caras pois são muito disputadas.

As *Obras Completas* contém todas as produções literárias e integralistas do Chefe e, juntamente com as publicações esparsas de outros ideólogos, como Miguel Reale e Gustavo Barroso são referências para se chegar ao que se lia na década de 1930.

Analisando o acervo de documentos escritos, de imagens e periódicos do movimento integralista que se acumula desde tempos anteriores à fundação da AIB, constatamos que, embora a memória cedesse a ostracismos regulares, conjunturais, a idéia, ou o desejo de vê-lo vivo não esmoreceu nestes setenta anos de sua história. Durante este tempo, o enfoque apelativo da década de 1930 transmutou-se, servindo ao discurso ocasionalmente mais eficiente e adequado. Para ilustrar essa caminhada tomo como ponto de apoio os acervos dos arquivos públicos e privados, além de bibliotecas, que se tornam *lugares de memória* (Como escreveu Le Goff: “onde se pode por associação dispor os objetos da memória”)³⁴³ para os que fazem parte do movimento. São *lugares de memória* porque mantêm as lembranças e porque recuperam “um tempo de antes”. Porque neles se encontram uma história que o movimento produziu e por isso se tornam referência e lugar de encontro dos integralistas. A partir desde acervo pode-se relacionar época e material arquivado aos contextos históricos, às produções intelectuais e às redes mantidas e

³⁴³ LE GOFF, *História e Memória. op. cit.*

rompidas entre o integralismo e seus seguidores. Cabe analisar as motivações que levaram alguns a continuarem e outros se afastarem do movimento e também como o pensamento integralista mantém-se, ou se adapta, diante das rupturas, consolidando, com mudanças e permanências a sua continuidade.

Um dos “lugares de memória” mais visitados pelos integralistas, desde inícios da década de 1980 é o Arquivo Municipal de Rio Claro. Sua primeira localização, em uma residência no centro da cidade paulista, mantinha exposto o acervo integralista, composto de objetos, uniformes, livros, numa disposição que envolvia o visitante numa aura de inícios do século passado, na época da AIB. Atualmente, o arquivo está localizado longe do centro da cidade em um galpão da Prefeitura e perdeu o “encanto” do vivenciar o tempo. Este Arquivo torna-se referência do movimento porque guarda documentos pessoais, as memórias recolhidas pelo Chefe Nacional de todo o período em que viveu e representou com a própria figura o integralismo. Este acervo foi doado pela viúva para a cidade porque a cidade de Rio Claro contribuiu com muitos militantes para a AIB, tornando-se “Cidade Integralista”, como algumas outras do Brasil.

O Fundo Plínio Salgado contém 40.970 unidades, cerca de dois terços desse acervo total do Arquivo. Este Fundo é composto de livros, jornais, material de propaganda da Ação Integralista Brasileira (AIB) e mais de três mil fotografias. Neste Arquivo se guarda uma documentação que se inicia em 1932 e vai até a morte de Plínio Salgado em 1975.

O que se percebe ao se conhecer o material guardado é que, mesmo sob um aparente ostracismo, após a tentativa de golpe contra o governo Vargas em 1938, o termo e as comemorações integralistas não deixaram de ser preservadas e rememoradas. Anualmente as datas que foram importantes durante a vigência da AIB eram lembradas em manifestações públicas, principalmente após a volta de Salgado do exílio em 1946. Constata-se, portanto que com a preservação da memória, que se expunha ao público, a doutrina e as idéias também se tornavam permanentes, eternizadas.

E importante ressaltar a importância deste arquivo para pesquisadores e militantes. Também nele se encontram jornais do movimento da década de 1930, como *A Offensiva* (nacional, editado no Rio de Janeiro); *Aço Verde* (editado em São Paulo); *A Província* (Bahia); *Acção* (São Paulo) e o *Monitor Integralista*, do Rio de Janeiro, uma

espécie de Diário Oficial do período da AIB. Também faz parte do acervo o jornal editado entre 1953 e 1965, *A Marcha*, do Rio de Janeiro.

Neste arquivo pessoal de Plínio Salgado ainda pode-se encontrar a revista *Catolicismo* da TFP, produzida em Campos, Rio de Janeiro.

Os novos militantes transformaram o Arquivo e a Praça Plínio Salgado em Rio Claro um local de peregrinação. Fazem caravanas “cívicas”, e buscam nesses lugares referências para comporem suas memórias.

Outro importante “lugar de memória” para o novo integralismo é a Casa de Plínio Salgado. Esta serve de “quartel general” da FIB paulista e recebe outros militantes de outros Estados ligados à Frente. O Presidente da Casa é nosso depoente Pedro Baptista de Carvalho e luta incessantemente para manter o espaço que, neste começo de ano, já sofreu uma baixa. A princípio, ocupando duas salas em um antigo prédio no centro da capital paulista, a Casa teve que se desfazer de uma delas, a sala de reuniões. Na outra sala, estão acumulados, sem catalogação, todo o material acumulado desde 1981, época de fundação da casa. Há um acervo importante, como exemplares das revistas *Panorama* e *Anauê*, assim como jornais de diversas épocas. A ajuda para a tentativa de organização do espaço tem vindo de pesquisadores do Grupo de Estudos sobre o Integralismo.

Além de espaço de reuniões, a Casa desenvolve atividades de rememoração, lembrando datas como a “Noite dos Tambores Silenciosos” que comemora o aniversário de lançamento do *Manifesto Integralista de 1932*, entre outras.

Se mantendo com contribuições de velhos integralistas, a Casa vem perdendo recursos à medida em que vão falecendo os velhos militantes. Também livros são vendidos, oferecidos pelo site da Casa, mas são poucos os que são comprados.

O Mausoléu Integralista no Cemitério do Caju é outro lugar de peregrinação integralista. Todo dia 11 de maio, integralistas, principalmente da FIB do Rio e os “Carecas” que ela se filiam, organizam uma cerimônia de homenagem aos “mártires do levante” de 1938. Na lápide do Mausoléu tombou o suicida Marcelo Mendez em fevereiro de 2001.

São estes três “lugares de memória” que são referências nacionais. Em alguns Estados, como no Rio Grande do Sul, o Centro de Documentação da AIB e do PRP, também representa um espaço de memória viva, pois, além de guardar importante acervo,

mantém os lugares de trabalhos dos antigos perrepistas que construíram o espaço para lembrar.

Os novos integralistas buscam referências concretas da existência de um passado que não viveram. Os velhos ocupam os espaços, dividindo-os com as lembranças dos companheiros mortos que partiram para a “milícia do além”.

Para mim, estes lugares representam um pedaço de história saudosista, de apego a um passado, que vai sucumbindo sob a poeira do descaso com a memória nacional, seja de que lado ela venha.

II. O trabalho da rememoração: as lembranças

Como Bakhtin, ao estudar o contexto de Rabelais, percebeu a resistência popular à inovações que eram impostas pela classe ascendente, a burguesia. Podemos entender as persistências como resistências de certos grupos à mudanças. A resistência pode aparecer como luta contra as mudanças impostas pela ação violenta da transformação, por coerção, ou pode representar conservação. No caso do integralismo, a resistência se dá para a conservação. Para pequena parcela da sociedade brasileira, o pensamento integralista direcionadora as suas utopias.

Sobre a construção documental da memória, esta é selecionada pelo movimento pela importância doutrinária, ou pela fidelidade à doutrina. Portanto, as obras dos três principais ideólogos são primordiais. Como disseram nossos depoentes, cada grupo tem uma base de leitura: Todos lêem Salgado, principalmente *Psicologia da Revolução* (1934); *Palavra nova aos tempos novos* (1936); *A 4ª. Humanidade – temas filosóficos* (1935); *O que é o Integralismo* (1933); *Despertemos a Nação, A Doutrina do Sigma* (1935); *Páginas de Combate* (1937).

Aqueles que o entrevistado Murilo César chama de “barrosistas” e estão entre os “Carecas” e os integralistas do MIL-B, preferem Gustavo Barroso. Entre suas obras mais lidas, estão: *O integralismo em marcha* (1933); *Brasil, colônia de banqueiros* (1934); *O Quarto Império* (1935); *A Sinagoga Paulista* (1937); *O que o integralista deve saber* (1937); *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo* (1937)

Das obras de Reale, os novos integralistas buscam: *O Estado Moderno* (1934.)
Formação da Política Burguesa (1934).

Estas obras dão à direção para se pensar os seguintes pontos cruciais da doutrina norteadora da memória: o conceito de revolução; a síntese integralista; o espiritualismo, o que definem como anti-sionismo e as críticas à Revolução Francesa, ao iluminismo e ao materialismo dele resultante.

Para os integralistas, todas as mazelas do mundo teriam advindo da ruptura dos homens com Deus. Esta ruptura teria acontecido no momento em que os homens vêem a possibilidade de caminharem sozinhos, em que a ciência e o iluminismo romperam as amarras que os prendiam, ou, como pensam os integralistas, que os mantinha próximos à consciência divina pela interpretação do mundo via escolástica. Mas o mundo aristotélico da segurança imutável sucumbira desde a Revolução copernicana. Com as esferas celestes de Aristóteles rompidas, o céu tornou-se mais longínquo e a Revolução Francesa tratou de romper definitivamente o que sustentava de divino na humanidade quanto tornou humana a santidade da Igreja Católica. Então, toda a sustentação social medieval que parecia ter o sentido da direção indicada por Deus vai se esvaindo com as substituições que vão sendo impostas pelas transformações das relações que trazia a classe em ascensão, a burguesa. Esta apresenta a destruição dos valores do coletivismo ao cria a individuação do homem. A humanidade teria perdido, então, a referência. Daí a necessidade de revolução, entendida como retorno. Como busca do equilíbrio, da volta, de um regresso a um tempo de antes.³⁴⁴ Os responsáveis pelo desequilíbrio seriam os que não aceitaram a submissão à ordem controlada pela Igreja, os judeus. Os que estavam fora da proteção do Deus apresentado por Jesus Cristo. Por isso, a desordem que iria se estender à humanidade pela vitória do materialismo que teria trazido em seu bojo o capitalismo e o comunismo, faces da mesma moeda, porque toda moeda tem duas faces. No entender dos integralistas, essas são as duas forças que são geradas na intenção de domínio de um grupo que detém a riqueza mundial

³⁴⁴ Plínio Salgado define revolução em discurso de “Defesa da emenda constitucional que cria a Câmara Orgânica” em 13 de janeiro de 1966: “Srs. Deputados, Srs. Senadores, e que é uma Revolução? Diz o próprio prefixo ‘re’ que é uma volta. Muitos acreditam que seja um avanço mas, na realidade, é um regresso. Em vez de evoluir, de involuir, ela revolui, volta para trás. Volta que já era? Não. Volta à procura de um equilíbrio perdido.” *In Perfis Parlamentares de Plínio Salgado*, p. 144. Salgado, nesta época, era Deputado Federal pelo Estado de São Paulo, pela ARENA (Aliança Renovadora Nacional).

e, com posse dela determina todos os atos dos comandos políticos, econômicos e sociais do planeta.

Para o integralismo, na economia, o domínio dos grandes banqueiros sionistas ditaria as vontades consumistas, exigindo a expansão dos impérios, o que se faria pela violência das guerras que também serviriam para o acúmulo do capital judeu. Estes que ocuparam a Europa e não se tornaram parte do mundo cristão, seriam os responsáveis pela deteriorização de todos os valores morais e espirituais que ainda estavam presentes na Idade Média. O erro dos judeus teria sido a insubmissão. Por isso, a necessidade da Revolução, de se voltar ao mundo do espírito, onde o materialismo sucumbisse pela aniquilação dos seus mentores, os judeus. Ainda que se procure diferenciar o anti-semitismo (como ódio ao povo judeu) do anti-sionismo (como luta contra o capitalismo internacional) os novos integralistas regulam, ou limitam a aprovação da adesão à militância, somente aceitando os que comungam da crença cristã. Como foi decidido no manifesto fundador de 1932 e se reproduz em cada manifesto de cada grupo que é organizado.

Para que se funde a nova sociedade humana, a Quarta Humanidade, ou o Quarto Império, seria preciso, entretanto, formar o novo homem, aquele capaz de apreender esse caminho, que também significa retornar da própria humanidade. Para que se faça a volta ao tempo de antes, é preciso ter em conta o que foi acumulado em toda a história dos homens. Esta, então, seria síntese integralista, sem dialética, só acumulação. O resultado seria, pela limpeza das arestas materialistas a supremacia do espírito, a superação de todas as diferenças, não pela equalização, mas pela inclusão de todos na totalidade. Isto também significa a exclusão dos que não se amoldam ao movimento.

Esta forma de pensar está presente nos que se filiam ao integralismo em todos os períodos. Com a morte do Chefe, a necessidade da função salvífica da direção do movimento, leva alguns a acreditarem na possibilidade de recuperar para o Brasil o poder monárquico através do qual, a superioridade do poder dirigente independeria do seu carisma, seria natural, pois legitimado pelo nascimento. Assim, o Chefe poderia ter um substituto à altura. E o país teria uma ordem, sob um único e superior governante.

Sobre os encaminhamentos de organização do Estado Integral, definidos pelo Chefe em suas obras fundadoras, a Democracia Orgânica é revista sob a análise da

multiplicidade de formas de relação de trabalho no mundo contemporâneo. A maioria dos novos integralistas não vê mais a possibilidade de instituírem esta forma de controle dos trabalhadores via corporações de ofício com a representatividade determinada pela profissão. No entanto, a nomenclatura ganha novas interpretações, pois não se pode fugir ao que determinaram os intelectuais criadores da doutrina.

Também como parte do exercício de rememorar, o uso do uniforme continua a ser um indicador de pertencimento e uma referência à memória integralista. Muitos, nas reuniões, independentemente dos grupos, usam os uniformes e caminham com eles pelas ruas com orgulho. Mas não se coloca mais a exigência de usá-los. Outro símbolo da permanência, a saudação Anauê é preservado, com obediência aos rituais de saudação: à militância comum, um Anauê! Ao Chefe, ainda que morto, três Anauês!

Ainda que as referências de memória sejam as mesmas, os depoentes, os grupos aos quais pertencem, se dividem nas interpretações. Como colocado pelos depoentes, cada um, ou cada grupo possui maneira própria de defender seu entendimento da doutrina:

Os velhos militantes da década de 1930, distanciados pelo tempo e pelos limites físicos rememoram, saboreando o passado integralista. Relembra a militância com o uso do uniforme, as marchas a galhardia e o orgulho de pertencer a um movimento que parecia fazê-los pertencer à uma força de mudança, pela ordenação, que traria segurança pela força e pela ligação com Deus. As boas memórias são as da luta, as do envolvimento, as da entrega à causa integralista. As ruins, chamam de traição: a traição de Vargas ao não incorporar o integralismo no projeto do Estado Novo e a traição dos liberais ao não assumirem a participação do “levante” fracassado. O fracasso passou, então a fazer parte da memória. A saída foi considerar precipitação de alguns integralistas e traição dos liberais de São Paulo. Isenta-se o Chefe do fracasso. Ele sai ileso, vai para o exílio em Portugal e deixa o rastro das perseguições aos seus companheiros que, apesar de vidas destruídas ainda confiavam no chefe até o fim de suas vidas.

Salgado, em 1946 voltaria do exílio para reunir o que sobrou física e ideologicamente do integralismo, participando da fundação dos águias-brancas rememora-se a convivência com o Chefe de forma festiva. Deploram, negando, a pecha de fascista e se defendem ao demonstrar que se lançaram ao jogo democrático, fazendo sucumbir a ânsia pelo autoritarismo de um sistema sem necessidades de partidos políticos. Participam dos

movimentos que levam à implantação da ditadura militar e lamentam que os militares abandonaram seus postos de poder para fazer retornar a democracia. Os depoentes do período perrepista também lamentam o abandono dos seus sonhos pelos seus próprios filhos. Não teriam conseguido, em suas próprias casas, fazerem herdeiros.

Também a mesma memória da traição permanece e a culpa de novo recai em Vargas e nos liberais. O integralismo e o Chefe saem imaculados.

Os novos integralistas absorvem as memórias das obras e do contato com os integralistas de gerações anteriores e apresentam o novo trunfo: a internet. O meio mais importante de propagação dos ideais integralistas. O que se rememora? Também o Chefe, que a maioria não conheceu. Por isso, apesar das demonstrações públicas de respeito, alguns ousam contestar os escritos. Embora digam estar dando continuidade, interpretam a doutrina sob novas condições, numa conjuntura tão dinâmica que o pensamento vai tornando apenas referência.

No caso da Frente Integralista Brasileira (FIB), a obediência aos princípios básicos são respeitados na obediência à interpretação católica da doutrina. Seguem a *Rerum Novarum* e os caminhos de explicação da fé indicados por Tomás de Aquino. A FIB tem como seu setor de estudos da doutrina o apoio do CEDI, o Centro de Estudos e Debates Integralistas, com núcleos espalhados por diversas partes do Brasil e que se comunicam por meio da *internet*, mas mantém independência em termos de produção e organização interna. A FIB utiliza a Casa de Plínio Salgado para reuniões e tem o apoio e a benção dos irmãos Carvalho, importantes guardiões da memória do período da AIB, na infância e mais ainda dos tempos do PRP.

O Movimento Integralista Linearista Brasileiro (MIL-B) interpreta a doutrina, como dizem, com os olhares do século XXI. Incorporam a leitura científica, da ordenação newtoniana, da negação dos dogmas e do relativismo mas submetendo todo conhecimento produzido pelos homens à inspiração divina. Seguem Santo Agostinho ao quererem demonstrar a existência do divino apenas pela fé. Pois Deus apenas existe e move o Universo. Este é visto através da coerência da ordem da natureza concebida por Deus que defendia Leibniz. Seguem, principalmente Gustavo Barroso. Consideram o sionismo o mal da humanidade posto que as principais casas bancárias pertencem a judeus que, segundo os linearistas não têm compromisso com as pátrias que habitam. Por isso o seu capital é

internacional e só enriquece aos próprios donos do capital e não são revertidos para o resto da população.

Os linearistas chamam a atenção para a distinção que fazem entre sionismo, que definem como poder econômico e semitismo que trás a referência ao povo judeu. Deste modo, defendem que não há discriminação racial, mas constatação que certos grupos formados por judeus controlam o mundo através do poder econômico. Aham que há uma conspiração sionista para dominação do planeta³⁴⁵ e que urge a reação dos homens espiritualizados, guiados por uma elite superior, para defender o mundo que está sendo governado pelo próprio demônio. Pois, se existe Deus como força absoluta e motor de toda a natureza, há o outro lado espiritual que habita as trevas, que governa os interesses de destruição da moral, da família e da Pátria. Para Cássio, o objetivo central do linearismo seria alinhar a visão cientificista de mundo com a visão espiritualista e congregar os dois paradigmas num só.

Segundo o presidente do MIL-B, não se pode analisar a espiritualidade sem analisarmos as condições científicas e racionais de nossa realidade. No entanto, tem que se tomar cuidado em não se cair numa visão dogmática e relativista da realidade humana, na sua concepção, a oposição ao materialismo não significa apenas negá-lo. É necessário estudá-lo e compreendê-lo. Para Cássio, é preciso interpretar o “fundamento santificado da essência racional do Homem” que estariam nas obras de Santo Agostinho, Imanuel Kant e Bertrand Russell.

O MIL-B, Movimento Integralista e Linearista Brasileiro, como associação, ainda conta com o apoio da SENE, a Sociedade de Estudos Nacionalistas e Espiritualistas que seria uma instituição de estudos acadêmicos e filosóficos. Segundo o presidente do MIL-B este congrega integralistas e linearistas e a SENE é uma instituição mais ampla que congrega também monarquistas, maçons, membros religiosos, nacionalistas de vários matizes. Não há diferença entre Integralismo e Linearismo, segundo seu presidente Cássio Guilherme. O início do movimento linearista foi em 1992, quando um grupo de Juiz de Fora, fundou a Doutrina Linear Brasileira, que consideravam uma nova filosofia baseada nos princípios Integralistas. O diferencial estaria em adotarem uma postura mais cientificista e racionalista, além de espiritualista.

³⁴⁵ Protocolo dos Sábios de Sião. E Gustavo Barroso.

Para os linearistas, o Integralismo da década de 30 teve forte tendência nacionalista e colaboração da Igreja Católica. Mas segundo eles, uma das grandes preocupações de Plínio Salgado teria sido discutir a base científicista dos Séc.XIX e XX do ponto de vista espiritualista. Assim sendo, Chefe Nacional teria iniciado um novo paradigma que pretendia fundir Ciência e Fé numa mesma visão Integral do Homem. Ainda, como coloca Cássio, a questão científica não teria sido bem explorada na época, pois faltava ao Chefe Nacional os conhecimentos em Física ou Matemática, embora conhecesse os trabalhos de Newton e Einstein, a Filosofia Analítica, a Mecânica Quântica, a Biologia Molecular, a Teoria Quântica da Matéria etc.

A Ação Integralista Revolucionária se propõe a questionar certas assertivas do Chefe e defendem a submissão à doutrina, mas com independência de interpretação. Seu presidente Jenyberto Pizzotti entende que é o mais capaz dos novos líderes integralistas pois seu tempo de participação no movimento é maior que das outras lideranças. Além disso, defende a posição de que já teria demonstrado a sua força em unir os grupos integralistas porque teria passado pela experiência de fazê-lo em fins da década de 1980, a pedido da própria viúva de Salgado, Dona Carmela.

Na reconstrução das memórias ainda a mesma permanência da traição de Vargas e liberais. E esta é a versão oficial, divulgada para as gerações que se sucederam á primeira geração que viveu os acontecimentos e que a ela foi endereçada a tarefa de replicar.

Todos são contra as mudanças instituídas pelo Concílio Vaticano II. Todos consideram os movimentos de luta de origem popular, principalmente o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) uma excrescência da sociedade brasileira, sob uma democracia que não reconhecem como sistema capaz de manter o controle sobre o povo que governa. Todos são nacionalistas extremados e defendem a intervenção militar pela força para conter os problemas que acreditam serem trazidos pelas liberdades democráticas.

A divulgação das idéias de cada grupo podem ser encontradas principalmente na *internet*, que vai substituindo gradativamente a imprensa de papel do movimento. Os principais informativos deste tipo, no novo integralismo são os jornais: *Alerta*, do Centro Cultural Plínio Salgado (RJ), publicado desde 1995 até 2002; o *Idade Nova* (RJ), de fins da década de 1990, o *Informativo CEDI* (RJ) com a primeira edição em outubro de 1999; o

Avante de Niterói, (RJ); o *Quarta Humanidade* e o *Ofensiva* ambos do Paraná, editados por Fernando Batista Rodrigues. Ainda há o *Ação Nacional*. Os três últimos periódicos são de inícios dos anos 2000. Também a Casa Plínio Salgado edita seu informativo. Todos estes produzidos pelos integrantes da atual FIB.

O MIL-B tem como órgão de divulgação de suas idéias *O Integralista Linear*, que tem o Galo Tupã estampado na primeira página.

Interessa a todos guardar a doutrina, mas isso não significa não tocá-la. A memória, desta forma, não se compromete mais com a produção das fontes das quais extrai a própria essência de suas existência. A memória passa a ser controlável e adaptável às certezas de cada qual que queira se chamar integralista.

Conclusão

A História que gerou esta pesquisa e que comigo atravessou onze anos, não finda nestas últimas páginas. Enquanto as escrevo, as pessoas que entrevistei, as que ainda vivem, sonham, planejam e acreditam que suas idéias podem libertar o mundo que consideram nocivo às suas vidas. As suas vontades, os seus anseios servem de parâmetro ao mundo que querem construir. Nele, não poderia haver os antagonismos de suas vontades, porque são elas que devem mover a ordem. Nada que perturbe esta ordem estipulada, elaborada, a partir de uma vontade superior. O que fora dado, está dado. E, segundo esse pensamento, a ordem é divina e fora desta ordem, o caos: o materialismo, o marxismo, o comunismo, o liberalismo e o domínio do capital sem pátria. A doutrina serve como base de diferenciação. E, acima de uma racionalidade gerada pela Igreja lida por Tomás de Aquino, o sentimento de amor e confiança no integralismo – nada fora do integralismo – fora dele não há esperança.

Assim, os depoentes, todos, responderam as perguntas que eu fazia, ou o caminho que eu indicava. Deixei-os falar. Aprendi muito, aprendi a perceber em mim o que neles me surpreendia e tornei-me mais libertária. No exercício da negação dialética marxista, a partir do encontro com o outro tão diferente, percebi que as idéias que absorviam eram as mesmas das minhas fontes, porém lidas ao meu revés. Ao revés de um progresso que, usando o termo do novo integralista Fernando, os *corifeus* do pensamento hegemônico também querem apontar como única direção.

O trabalho de recolher relatos me ensinou o exercício da troca dialógica com o diferente. Que a produção intelectual humana é apreendida histórica e culturalmente na imbricação da lutas cotidianas que se travam a partir da estrutura. Que as pessoas respondem ideologicamente na medida em que a absorvem em seus contextos o pensamento que é encaminhado para a maioria absorver. E a absorção das idéias são, antes de pessoais, culturais.

Sendo tese principal deste trabalho a percepção da continuidade do pensamento integralista, da sua origem no *Manifesto de Outubro de 1932* até a atualidade é preciso entender essa permanência em sua inserção dialética dos contextos históricos. Não há

rigidez, há a constante adaptação e criatividade da militância na constante luta para responder com a doutrina as constantes mudanças conjunturais.

Pode-se constatar que o motor da continuidade do movimento está na perpetuação de uma memória, escrita e oral, produzida e resguardada pela militância, em que as bases filosóficas permanecem, se alimentam e se reproduzem tendo como fundamento o pensamento católico conservador, moralista e intrinsecamente submetido aos ditames papais, em resposta às questões sociais que julgam ser conseqüências das Revoluções Francesa e Industrial, que julgam ter levado aos povos a substituírem a espiritualidade cristã pelo materialismo ateu. O princípio norteador passa pela obediência inquestionável aos dogmas do Primado do Soberano Pontífice e da Infallibilidade dos Papas, definidos por Pio IX, no Concílio Vaticano I, em 1870. Desta forma, as resoluções dos problemas sociais (das lutas de classe), definidas pela Igreja desde então, são suportes que sustentam o sonho do Estado Integral que também incorporam estratégias de organização, doutrinação e propaganda do modelo fascista italiano e interpretações sobre a composição de um caráter peculiar do povo brasileiro.

Mesmo os integralistas linearistas que julgam a Igreja católica “judia” demais e dizem estar acima das religiões, só entendendo Deus como motor da história dos homens e da natureza, vão até ela em sua origem patrística, buscando a fonte em Santo Agostinho.

A continuidade do movimento se deve à persistência de visões de mundo que lhe são caras e que são percebidas como coerentes por aqueles que aderiram ao integralismo. Por isso é importante buscar nas suas interpretações filosóficas esses referenciais que sustentam o imaginário integralista. Desta forma, é sempre importante ter em conta que os militantes são leitores das obras, tanto de autores que concorreram para a divulgação de visões de mundo ótica ultra-conservadora reacionária, quanto de pensadores que contribuíram para a crença no progresso. Mas, estes eles repugnaram, ou reinterpretaram como mal lidos pelos que os viam como colaboradores do mundo materialista e individualista.

Os preceitos filosóficos priorizado são os que obedecem a uma linha de pensamento anti-cartesiano, anti-iluminista e anti-positivista que marcam as definições sobre as questões sociais da Igreja Católica a partir da Encíclica *Quanta Cura* e *Syllabus Errorum*, do Papa Pio IX e a *Rerum Novarum* de Leão XIII. Embora divirjam quanto

algumas interpretações doutrinárias, as lideranças integralistas atuais condenam o Concílio Vaticano II e a Teologia da Libertação e reiteram os preceitos anticomunistas, antiliberais, ultranacionalistas e anti-semitas que marcaram o integralismo de inícios do século XX;

Percebe-se que, pelo caminhar pelas gerações, que cada vez mais se exige o conhecimento doutrinário. A exigência de entendimento da doutrina para adesão, cresce em proporção à ordem cronológica, ou seja, atualmente exige-se muito mais o conhecimento da ideologia integralista que em épocas anteriores;

Na luta para a construção de uma memória a partir do movimento se estabelecem diferenças entre integralismo e fascismo e estas tem por objetivo marcar mais as especificidades nacionais que a não adesão ao pensamento fascista.

A questão do uso do termo Estado Totalitário e suas interpretações no momento de organização da AIB tornam-se base para a sua distinção em relação aos regimes de Mussolini e Hitler, quanto ao que os integralistas consideram e defendem como base primordial do integralismo: a democracia orgânica. As mudanças no discurso integralista – da exaltação ao fascismo à democracia orgânica – ao longo da história do movimento, são respostas contextuais às expectativas da sociedade brasileira, que são veiculadas nos periódicos, discursos políticos e religiosos, literatura e poesia produzidos pelos líderes e militância do movimento. E também se constata pelas fontes orais e escritas que o afastamento do discurso pró-fascista tem início no pós-guerra, quando da derrota do Eixo.

Pela exclusão e/ou assimilação de filosofias, ou fórmulas políticas, o integralismo vai construindo e refazendo ao longo de sua história suas memórias. A idéia original, do simbolismo do Sigma, como síntese, explicitada por Reale, como soma e com a exclusão da dialética, dá ao movimento suas principais características: o autoritarismo e a intolerância. Assim, a construção da memória integralista também obedece a essa diretriz, do sigma ao sigma, através dos contextos históricos marcados aqui pelos períodos da anta, da águia, do leão e do galo. Mantém-se a anulação da dialética na qual à tese se soma a antítese, excluindo destas, fatores não harmônicos com o pensar integralista. Desta eliminação, não pela negação, mas pela exclusão, se constrói a síntese, ou seja, o Sigma.

O movimento vai também refazendo sua estrutura intelectual. Esta, que em seu princípio, recebia adesão importante de intelectuais de reconhecimento notório na sociedade brasileira, além de membros da pequena e média burguesia urbana e rural e

oficiais de altas patentes, tanto da Marinha, como do Exército, vê desaparecer, ao longo do tempo, a participação de representantes dessas frações de classe. As trajetórias políticas de muitos líderes integralistas, iniciada em 1932 foram tomando rumos diferentes e muitos intelectuais foram ganhando lugar de destaque nos governos que se estabelecem, ou estabelecendo vínculos com grupos econômicos importantes principalmente no pós-guerra.

Na medida em que ganhavam destaque na vida pública nacional, os antigos “Chefes” se afastavam do integralismo, renegando ou relativizando, como “arrojos” da juventude, sua ligação com o movimento.

As motivações acima, que levaram à adesão da militância em épocas diferentes, ganham contornos diferenciados de acordo com aspectos de relevância conjuntural na construção de uma memória integralista: tal como em períodos de ascensão do fascismo; da Guerra Fria e atualmente, em que o progresso tecnológico permite a possibilidade de um relacionamento via *internet* e que se intensificam os contatos mais próximos entre as direitas nacionais e internacionais.

Mais ainda se percebe na nova militância, sentimentos que ainda não são chamados de arrojos, e que são considerados por eles, compromisso com a libertação da Pátria de todos os perigos. São jovens, principalmente, esta nova militância, a maioria se caracteriza por pertencer à frações da classe trabalhadora, principalmente urbana. Constroem utopias e, talvez, esperem os corpos envelhecer para lembrar de seus sonhos.

Quanto a mim, torço para que sejam somente sonhos.

FONTES

1. Fontes primárias.

1.1 – Obras Doutrinárias e/ou inspiradoras do integralismo:

a) *Manifesto Integralista* de 1932 – da fundação da Ação Integralista Brasileira, s/e; s/d

b) **Obras de Plínio Salgado do período anterior à AIB (1920/1931)** In SALGADO, Plínio. *Obras Completas*. São Paulo: Editora das Américas, 1955:

O estrangeiro (1926) –Vol. 11.

O esperado (1931) – Vol. 12.

Oriente (1931) – Vol 18.

Literatura e Política (1927) – Vol. 19.

Discurso às estrelas (1927) – Vol. 20.

c) **Década de 1930 – estas obras relacionam-se diretamente ao integralismo e compõem a sua doutrina** *In op. cit.*:

Nosso Brasil (1937) e *Geografia Sentimental* (1932) – Vol. 4

A 4ª. Humanidade – temas filosóficos (1935) – Vol. 5

Psicologia da Revolução (1934) e *Palavra nova aos tempos novos* (1936) – Vol. 7.

O que é o Integralismo (1933) – Vol. 9.

Despertemos a Nação, [dividido em Intuição (1926-1927); O Crepúsculo Nacional (1931-1932);Alvorada (1934)]; *Páginas de Ontem* [*A Doutrina do Sigma* (1935); *Páginas de Combate* (1937)]; *Discursos* (1946-1947) – Vol. 10.

O Cavaleiro de Itararé (1933) – Vol . 13 e 14.

d) **Década de 1940 e 1950 – textos de Salgado no exílio (1939 a 1946) e na montagem do partido de Representação Popular:**

A vida de Jesus. 3 tomos. – Vols. 1, 2 e 3 .(1942)

Poema da Fortaleza de Santa Cruz (1948) e *Viagem pelo Brasil* (1954) – Vol. 4

Direitos e Deveres do Homem (1948) – Vol. 5

Aliança do Sim e do Não (1943); *O Rei dos reis* (1946) e *Primeiro Cristo!* (1946) – Vol. 6

Madrugada do espírito (1946) – Vol. 7

A mulher do século XX (1946); *Conceito Cristão de Democracia* (1946) *A imagem daquela noite* (1947) e *São Judas Tadeu e São Simão Cananita* (1950) – Vol. 8

O integralismo perante a Nação (1946) – Vol. 9.

Pio IX e seu tempo (1948) Vol. 11.

O espírito da burguesia (1954) e *Mensagem às pedras do deserto* (1947) Vol. 15

O ritmo da História (1949) e *Atualidades Brasileiras* (1954) – Vol. 16.

A Tua Luz, Senhor (1946) – Vol. 17.

Como nascem as cidades (1946) e *Roteiro e crônica de mil viagens* (1954) – Vol. 18.

Críticas e Prefácios (1954) – Vol. 19.

Contos e fantasias (1954) e *Sentimentais* (1954)– Vol. 20.

e) Outros textos integralistas de Salgado da década de 1930:

Rumos à ditadura (IX). Em *A Razão*, 16 de fevereiro de 1932.

O que o Integralista deve saber .s/e; s/d.

Estado Totalitário e Estado Integral. In *Honestidade e Coragem*. Arquivo Público do Rio de Janeiro, s/d (década de 1930).

Biografias, autobiografias, romances, livros de História, Moral e Cívica etc.

f) De Salgado, entre outros da década de 1940 a 1970:

Livro Verde de minha campanha. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1956.

Primeiro tempo modernista. Ancona, Batista e Lima. IEB, 1972.

g) Miguel Reale (década de 1930):

O Estado Moderno. Rio de Janeiro: José Olympio, 2^a. ed., 1934.

Formação da Política Burguesa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

O integralismo revisitado. Texto enviado por e-mail a autora (28/08/2004) por Reale.

Obras Políticas (1^a fase 1931/1937) 3 vol. Brasília: UnB, 1983.

h) Gustavo Barroso:

O integralismo em marcha. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

Brasil, colônia de banqueiros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

O Quarto Império. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

A palavra e o pensamento integralista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

O integralismo e o mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

A Sinagoga Paulista. Rio de Janeiro: ABC, 1937.

O que o integralista deve saber. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

Judaísmo, Maçonaria e Comunismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

Integralismo e Catolicismo. Rio de Janeiro: ABC, 1937.

Comunismo, Cristianismo e Corporativismo. Rio de Janeiro:ABC, 1938.

i) ***Enciclopédia Integralista***. Rio de Janeiro: Livraria Clássica, 1955.

Vol. I:

SALGADO, Plínio. O Integralismo na vida brasileira

Vol. II:

PENNA, Belisário. Carta a M. Paula Filho

SANTOS, Lúcio José dos.

I. Consulta sobre o Integralismo

II. A candidatura de Plínio Salgado (1937)

DELAMARE, Alcebíades. Aos moços universitários.

JOSETTI, Rodolpho.

I. O sentido estético do Integralismo.

II. Sentido cultural e artístico do Integralismo

PUJOL, Victor. O Estado Integralista

FREITAS, Madeira de.

I. O movimento do Sigma e o seu sentido de afirmação

II. A excelência moral do Integralismo

III. O sentido patriótico do Sigma

IV. O sentido vocacional do Sigma

V. A respeitabilidade do Sigma

VI. Escola de civismo, de brasilidade e de fé

VII. A mística do Sigma

VIII. O Sigma e a reação nacionalista

IX. Integralismo e Brasilidade

Vol.III:

SILVEIRA, Tasso da.

I. Limiar

II. O movimento do sigma

III. O pensamento integralista

LIMA JÚNIOR Augusto de. O espírito integralista da Inconfidência Mineira

RODRIGUES, Felix Contreiras.

I. A economia e a organização integral

II. Formas de estado, Regimes e Governo. Sistemas constitucionais

III. O problema do latifúndio

IV. A propriedade e o ensinamento integralista

VAZ, Rocha. Estado integral e bio-psicologia individual

FAIRBANKS, João Carlos.

I. Porque ingressei no Integralismo

II. Que é Integralismo

III. A estatística e o Integralismo

IV. A impossibilidade matemática do sufrágio universal direto

V. O chefe local

PEREIRA, Jaime R. Liberalismo, Socialismo e Integralismo

Vol. IV:

O Manifesto do Recife

COTRIN NETO A. B. Bases do pensamento político integralista

DANTAS, San Tiago. O Integralismo e as classes armadas

VENCESLAU JUNIOR, J. O que significa “revolução integralista”

CÂMARA, Pe. Helder. O Integralismo em face do Catolicismo

BRUNO, Ernani Silva. A crise brasileira de autoridade.

GRAÇA, Arnóbio. Governo forte

MOREIRA, Martins. Realizando a Democracia

GALOTTI, Antonio. O Renascimento do Estado

LAFAYETTE, Pedro. A luta dos fariseus

Vol. V

REALE, Miguel.

O que é o Integralismo:

I. A Nação

II. O Estado

III. A democracia liberal

IV. Inutilidade dos partidos

V. Elementos da democracia Integralista

VI. A família

VII. O sindicato

VIII. Corporativismo

IX. O Estado e a economia

X. O direito novo

XI. A questão social, o liberalismo e o comunismo

XII. Centralização política e descentralização administrativa

XIII. O problema da cultura

XIV. O problema da raça

XV. O Estado e a religião

XVI. Conclusão

CORBISIER, Margarida C. Albuquerque. Conceito de vida heróica

VIANNA, Hélio. Bases históricas da unidade nacional

COMPAGNINI, Luiz. Porque me tornei e continuo Integralista

TORRES, José Garrido. Concepção integral da economia

GALLOTTI, Antônio. Economia dirigida

AYRES, Leopoldo. Carta Aberta aos sacerdotes de minha pátria

FERRAZ, Ernani Lomba. Democracia e sufrágio.

ARRUDA, Ângelo Simões. O que é o movimento Integralista e o que pretende.

ALMEIDA, Rômulo. Reflorestamento

ESCOREL, Lauro. O conteúdo humano do Integralismo & A intervenção do Estado.

Vol. VI

O Integralismo e a Justiça Brasileira

Vol.VII

Coletânea de Poetas Integralistas

Vol. VIII

PEREIRA FILHO, Genésio.

Ser ou não ser Integralista

PERGHER, Humberto.

Como estudar Plínio Salgado

CARDOSO, Abelardo.

Ato de Fé Integralista

ARRUDA, José Soares.

O conceito de Cultura.

LUZ, Ivan.

Teleologia Integralista

ROCHA, Hélio.

O Integralismo não é totalitarismo

DÓREA, Gumercindo Rocha.

Plínio Salgado e a Estirpe de Aretino

Vol. IX

Vários autores: O Integralismo e a Educação

Vols. X e XI:

A Orgânica da “Ação Integralista Brasileira” (Conjunto de documentos e estatutos da AOB)

Vol. XII:

SALGADO, Plínio. Discursos na Câmara dos Deputados

Vol. XIII:

Os Quatro Pontos Cardeais do Integralismo

CASTRO, Francisco Galvão de: Partes I e II

SALGADO, Plínio: Parte III.

j) Jornais da década de 1930:

A Offensiva, que circulou de 1932 a 1937. Além de tratar das notícias cotidianas também servia como veículo doutrinador.

k) Revistas:

Anauê – editada entre janeiro de 1935 a dezembro de 1937. Voltada para todos os integralistas. Continha muitas fotos e propaganda do movimento.

Panorama – dirigida por Miguel Reale, reunia coletânea de textos sobre os mais diversos temas e era direcionada para um público mais intelectualizado. Sua tiragem vai de janeiro de 1936 a outubro de 1937. teve 14 edições.

l) Periódicos jornais publicados pelos simpatizantes do integralismo nas décadas de 1940 a 1950:

Idade Nova – Rio de Janeiro – 04/05/1946 a 07/10/1951.

A Marcha – Rio de Janeiro – 20/02/1953 a agosto de 1965

m) Periódicos após a re-fundação da AIB:

A Marcha, desde 1995, como o “Alerta” (de 1995 a 2003 – São Gonçalo/RJ); “Ofensiva” (2001 – Foz do Iguaçu/PR; o Informativo CEDI (Rio de Janeiro – de 1999 a 2001; “Idade Nova” (Rio de Janeiro – editado por Marcus Ferreira – de 1999); “Ação Nacional” (São Paulo/SP – 2000); o “Quarta Humanidade” – de 2002 a 2003).

n) Sobre a TFP:

CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio; SOLIMEO, Gustavo Antônio & SOLIMEO, Luiz Sérgio. *As CEBs... das quais muito se fal, pouco se conhece – a TFP descreve como são*. São Paulo: Vera Cruz, 1983.

MACHADO, Antônio Augusto Borelli (coord.). *Meio século de epopéia anticomunista*. São Paulo: Vera Cruz, 1980.

1.2 - Das fontes orais, trabalho com depoimentos dos seguintes militantes integralistas que estão arquivadas no Laboratório de História Oral e Imagem da UFF. Todas com a minha participação:

Da década de 1930:

Maria Brito da Silva; Alphiete Araújo; Arcy Lopes Estrella; Rubens Barcellos, Alcebíades Marins e Gerardo Mello Mourão.

Do PRP – década de 1940 a 1960:

Gumerindo Rocha Dórea; José Batista de Carvalho; Anésio Campos Lara Jr. e Pedro Baptista de Carvalho.

Do “novo integralismo”:

Fernando Batista Rodrigues; Arnóbio Bezerra; Murilo César Luís Alves; Cássio Guilherme Reis Silveira e Jenyberto Pizzotti

1.3 - Os principais sites integralistas que me servem como fonte e os grupos aos quais estão relacionados:

Doutrina	http://www.doutrina.linear.nom.br	Grupos MIL-B
Linear		
Sigma	http://www.leomatos.hpg.ig.com.br	
Integralista - Deus Pátria Família		FIB
Grupo	http://grupointegralistario.blig.ig.com.br	
Integralista do RJ		FIB
Grupo	http://www.integralista.clic3.net	Sem definição
Integralista São Luís - MA		
Centro de Estudos e	http://www.anauefoz.hpg.ig.com.br	Sem definição

Debates

Integralistas -

PR

F.I.B. www.integralismo.org.br FIB

Boletim <http://geocities.yahoo.com.br/bolavante/Paginas/materias.htm> FIB

Avante

Sociedade de www.sene.org.br

Estudos do MIL-B

Nacionalismo

Espiritualista

AIR Ação airevolucionarial@yahoo.com.br

Integralista AIR

Revolucionária

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Obras Filosóficas

a) Da Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural:

Agostinho (2000)

Tomás de Aquino (2000)

b) As Encíclicas Papais:

Quanta Cura e Syllabus Errorum – do Papa Pio IX. São Paulo: Paulinas, 2001.

Rerum Novarum – sobre a condição dos operários - Papa Leão XIII. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

Quadragesimo Anno. Papa Pio XI. São Paulo: Paulinas, 2001.

Mater e magistra – Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa João XXIII - sobre a evolução da Questão Social à luz da Doutrina Cristã, de 15 de maio de 1961. São Paulo: Paulinas, 2001.

Papa João Paulo II. *O sentido da cultura*. In *Humanidades*, vol. I, nº I, Brasília: UNB/Fundação Roberto Marinho/Shell, Outubro/Dezembro de 1982.

c) Embora fizessem críticas a Maurras, havia proximidade entre o integrismo francês e o integralismo brasileiro, principalmente a visão católica conservadora:

MAURRAS, Charles. *De la politique naturelle au nationalisme intégral*. Paris: Librairie Philosophique J.Vrin, 1972.

d) Pensadores com os quais se antagonizam por representarem, segundo os integralistas, os mentores do materialismo, da fragmentação do homem e do ateísmo.

DESCARTES, René. *Discurso sobre o método*. São Paulo: Atena, 1957.
 Coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
 LEIBNIZ (2000)
 NEWTON, Isaac (2005)
 Karl Marx (1974)

2. Pensamento Brasileiro

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte: Francisco Alves, 1911.
 FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
 LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto – o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1949.
 ROMERO, *Realidades e Ilusões no Brasil – Parlamentarismo e Presidencialismo e outros Ensaio*. Petrópolis: Vozes, 1979.
 TORRES, Alberto. *A organização nacional*. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938.
 VIANNA, Oliveira. *Problemas de Política Objetiva*. Rio de Janeiro: Record, 1974.

3. Sobre o Integralismo:

ALMEIDA, Alexandre. *Skinheads: “os mitos ordenados” do Poder Branco paulista*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, Dissertação de Mestrado, 2004
 ALVES, Ivan. *Os nossos super-heróis: nem notívagos, nem marinheiros, são os integralistas que chegam*. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1982.
 ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e Revolução – O Integralismo de Plínio Salgado*. RJ: Jorge Zahar, 1987.
 ARENDT, Hannah. *Da revolução*. São Paulo: Ática, 1990.
 _____ *As origens do totalitarismo; Totalitarismo, Paroxismo do poder. Uma análise dialética*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979.
 BERTONHA, João Fábio. Integralismo: Um Movimento fascista? Novos elementos sobre a questão. In *XIX Encontro Nacional da ANPUH*. Belo Horizonte: Anais da ANPUH, 1997.
 _____ *Fascismo, Nazismo, Integralismo*. São Paulo: Ática, 2002.
 BRANDALISE, Carla. *O Fascismo na periferia latino-americana: o paradoxo da implantação do Integralismo no RS*. Porto Alegre: UFRGS, 1992. Diss. de Mestrado, mimeo.
 CALIL, Gilberto. *O Integralismo no Pós-Guerra – A formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
 CANABARRO, Ivo. *Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos trinta: O caso do Integralismo em Ijuí*. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.
 CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo – ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.
 CHASIN José. *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. SP: Ciências Humanas, 1978.

- CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In CHAUÍ, Marilena & FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea/Paz e Terra, 1978.
- CRUZ, Natália dos Reis.
- DOTTA, Renato. *O integralismo e os trabalhadores – as relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através do jornal Acção (1936-1938)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2003.
- MAIO, Marcos Chor. “*Nem Rotschild nem Trotsky*”- *O Pensamento Anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- SILVA, Hélio: *1938 – Terrorismo em Campo Verde*. RJ: Civilização Brasileira, 1971.
- TRINDADE, Hélió: *Integralismo – o fascismo brasileiro na década de 30*. SP/RJ: DIFEL, 1979
- TRINDADE, Hélió. *Integralismo – o fascismo brasileiro na década de 30*. SP/RJ: DIFEL, 1979.
- _____. Ação Integralista Brasileira: aspectos históricos e ideológicos. *DADOS*, ano VIII, n° 1, s/d.
- VASCONCELLOS, G. *Ideologia Curupira: Análise do discurso Integralista*. SP: Brasiliense, 1979.
- VIANA, Giovanny Noceti. *Soldadinhos da pátria: organização e ideologia dos departamentos de juventude integralistas do nordeste catarinense. 1934-1937*. Monografia de final de curso. UFSC - Departamento de História. Florianópolis, 2004.
- VITOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete – História, Memória e Esquecimento*. Goiânia; UCG, 2005.

3- Historiografia de movimentos contrários ao integralismo que com este entraram em conflito durante a história brasileira:

- CASTRO, Ricardo Figueiredo de. *Contra a guerra ou contra o fascismo: as esquerdas brasileiras e o antifascismo, 1933-1935*. Tese de Doutorado: – UFF, mimeo, 1999.
- FONSECA, Vitor Manoel da. *A ANL na legalidade*. Niterói: UFF, Dissertação de Mestrado, s/d.

4- Bibliografia de apoio teórico-metodológico:

- BLACZCO, Blonislav. Imaginário Social. IN *Enciclopedia Einaudi – vol. 5. Anthropos – homem*. Rio de Janeiro Imprensa nacional – Casa da Moeda, 1985.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade - Lembrança de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. IN FERREIRA, M. e AMADO, J.(org.) *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 167-182 .
- _____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. *La distinción – Criterio y bases sociales del gusto*. Madri: Taurus Humanidades, 1991.
- BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- Cadernos da Nossa História – Integralismo*. Publicação do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1995.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

- CARNEIRO, Márcia R. S. R. *Família Integralista: Do Lar à Nação, memórias de uma militante*. Niterói: UFF. Monografia apresentada para avaliação final de curso de Graduação em História, mimeo, 1997.
- _____. Família integralista – do lar à nação In *Primeiros Escritos*. Niterói: Laboratório de História Oral e Iconografia (LABHOI/UFF), 1998.
- _____. *Doutrina Integralista. Análise historiográfica - o enfoque de dois autores*. Niterói: UFF. Monografia apresentada para avaliação final de curso de Pós-Graduação Lato Sensu em História do Brasil, mimeo, 1999.
- CHARTIER, Roger. *La História entre representacion de la realidad y realidad de la representacion*. mimeo, s/data.
- Discurso do Sr. Antônio da Silva Mello. IN *Discursos Acadêmicos 1960 –1962- Vol. XVII*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1971, pp. 11 – 113.
- ECO, Umberto. Definições. In: *A Intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância*, UNESCO, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997 / Academia Universal das Culturas; publicação sob a direção de François Barret-Ducrocq; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- ENCONTROS DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA*, V.6., 1978.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais – Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*, São Paulo: Vértice, 1990.
- LAFER, Celso & FERRA JR., Tércio Sampaio (coord.). *Direito, Política, Filosofia, Poesia. Estudos em homenagem ao professor Miguel Reale em seu 80º aniversário*. São Paulo: Saraiva, 1992.
- NIETHAMMER, Lutz. Para qué sirve la Historia oral. IN *Historia y Fuente Oral*, N.º 2, Barcelona, 1989, p.3-25.
- Perfis Parlamentares de Plínio Salgado*, s/data.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio e Memória e identidade social. IN: *Estudos Históricos* N.º 3, 1989, p. 3-15 e No. 10, 1992, p. 200-215.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1914): mito, política, luto e senso comum. IN FERREIRA, M. e AMADO, J.(org.) *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- REALE, Miguel. Fundamentos do Direito. São Paulo: *Revista dos Tribunais*, 1940.
- _____. A crise da Liberdade, In *Obras Políticas*, Brasília, Universidade de Brasília, 1983,t.3.
- Resposta do Sr. Cândido Motta Filho. In *Discursos Acadêmicos*. 1972-1975. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1977, pp. 186 – 199.
- SHALINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- SIRINELLI, Jean-François. A geração. In FERREIRA, Marieta & AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996
- THOMPSON, Edward. La Política de la Teoría. In SAMUEL, Raphael (editor). *Historia popular y Teoría Socialista*. Barcelona: Editorial Critica, s/d, pp. 301-317.
- VELHO, Gilberto. Trajectoria individual e campo de possibilidades e Memória, Identidade e projeto. in *Projeto e Metamorfose - Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

5- Bibliografia de apoio teórico e histórico – são obras que respaldam interpretações sobre contextos e de apoio teórico. Também aqui relaciono obras que discutem a ascensão dos fascismos e suas interpretações. Como o descrito na primeira parte do relatório, minha base teórica está fundamentada na perspectiva gramsciana e de Bakhtin sobre as implicações sócio-econômicas e culturais nas produções ideológicas, vistas a partir da *filosofia da praxis*.

ANDRADE, Débora El Jaick. *Paradoxo no pensamento de Thomas Carlyle – A resistência à democracia e o culto ao Grande Homem*. Niterói: UFF, Dissertação de Mestrado, 2000.

ANTOINE, Pe Charles. *O integrismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

BOBBIO, Norberto & BOVERO, Michelangelo. *Sociedade e estado na Filosofia Política Moderna*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BUCI- GLUCKSMANN, Christinne. *Gramsci e o Estado – por uma leitura teórico-política de Gramsci*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

DREIFUSS, René. *O jogo da direita*. Petrópolis: Vozes, 1989.

FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*. Rio Grande do Sul: Globo, 1976, vol.II.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930* in MOTA, Carlos Guilherme (org). *Brasil em Perspectiva*. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1978. pp. 227-255.

GIRADET, Raoul *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das letras, 1987

GOMES, Angela Castro. *Burguesia e Trabalho – Política e legislação social no Brasil 1917-1937*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

_____. *A invenção do Trabalhismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____. *A construção de mitos e os usos do passado nacional*. mimeo, s/data.

_____. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. (coord.) *Velhos Militantes – Depoimentos*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. & MATTOS, Hebe. *Sobre apropriações e circularidades – memória do cativo e política cultural na Era Vargas*. IN *História Oral – Revista da Associação Brasileira de História Oral, n 1*. São Paulo: FFLCH-USP, junho de 1998.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *Introdução à Filosofia da Práxis*, Lisboa: Antídoto, 1978.

_____. *Cadernos do Cárcere*. 6 volumes. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2000.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes – O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOBBSAWM, Eric. *A Era do Capital (1848-1875)*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

_____. *A Era das Revoluções (1789-1848)*. Saõ Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Era dos Extremos – O breve século XXI: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Nações e nacionalismo desde 1780 – Programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. *O Novo Século – Entrevista a Antonio Polito*. São Paulo: Schwarcz, 2000.

- JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- LINZ, Juan. O estatismo orgânico. In PINHEIRO, Paulo Sérgio (coord.) *O Estado Autoritário e Movimentos Populares*. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- LLORENTE, Francisco Olmedo. *A Filosofia Crítica de Miguel Reale*. São Paulo: Convívio, 1985.
- MARX, Karl. Para a Crítica da Economia Política. In *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MATTELART, Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MENDONÇA, Sônia Regina de. Estado e Sociedade: a consolidação da república oligárquica. In. MOORE Jr., Barrington. *As origens sociais da ditadura e da democracia*. Lisboa: Cosmos/ Martins Fontes, 1977.
- MOTA, Márcia Maria Menendez & MENDONÇA, Sônia (orgs). *Nação e poder: as dimensões da História*. Niterói: EDUFF, 1998
- LINHARES, Maria Yedda. *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Lisboa: Guimarães, 1977.
- _____. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Repensando a Tradição in *Revista Ciência Hoje*. Rio de Janeiro: SBPC, vol. 7, no. 38, 1987, pp. 58 – 65
- ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-americano, 1971.
- POLANYI, Karl. *A grande transformação – as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- POULANTZAS, N. *Fascismo e Ditadura*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- PROUST, Marcel.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- RUSSEL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental*. Vol. III. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os Fascismos. In REIS FILHO, Aarão; FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste (orgs.) *O século XX – o tempo das crises, vol.2: Revoluções, fascismos e guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SILVA, Hélio. 1938 – *Terrorismo em campo verde*. Ciclo Vargas – Vol. X. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- SILVA, Sérgio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.
- SOLA, Lourdes . O Golpe de 37 e o Estado Novo. IN MOTA, Carlos Guilherme. *Brasil em perspectiva*. Rio de Janeiro/São Paulo, 1978, pp.256-282.
- TOGLIATTI, Palmiro. *Lições sobre o Fascismo*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.
- THOMPSON, E. *A Formação da Classe Operária Inglesa: I – A Árvore da Liberdade*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Bibliografia Geral

PROUST, Marcel. *À la recherche du temps perdu*. Paris: Quarto Gallimard, 1999.

PROUST, M. *No caminho de Swann*. São Paulo : Abril Cultural, 1979.